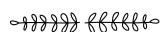
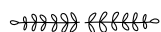


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



Entre coleções e arquivos:
Pedro de Angelis
e a produção de conjuntos documentais
(Buenos Aires, 1835-1852)



DEISE CRISTINA SCHELL

Porto Alegre
2018

DEISE CRISTINA SCHELL

Entre coleções e arquivos:
Pedro de Angelis
e a produção de conjuntos documentais
(Buenos Aires, 1835-1852)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como parte dos requisitos à obtenção do título de Doutora em História.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Santos Neumann

PORTO ALEGRE
2018

CIP - Catalogação na Publicação

Schell, Deise Cristina

Entre coleções e arquivos: Pedro de Angelis e a
produção de conjuntos documentais (Buenos Aires, 1835-
1852) / Deise Cristina Schell. -- 2018.

280 f.

Orientador: Eduardo Santos Neumann.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto
Alegre, BR-RS, 2018.

1. Pedro de Angelis. 2. Coleção. 3. Arquivo. 4.
Argentina. 5. Juan Manuel de Rosas. I. Neumann,
Eduardo Santos, orient. II. Título.

Entre coleções e arquivos:
Pedro de Angelis
e a produção de conjuntos documentais
(Buenos Aires, 1835-1852)

Deise Cristina Schell

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como parte dos requisitos à obtenção do título de Doutora em História.

Aprovada em 05 de abril de 2018, conforme Ata de Defesa n. 7/2018.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Eduardo Santos Neumann (orientador)

Prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes (UFOP)

Profa. Dra. Maria Cristina Bohn Martins (UNISINOS)

Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli (UFRGS)

Prof. Dr. Arthur Lima de Avila (UFRGS)

Porto Alegre
2018

AGRADECIMENTOS

Uma das músicas que mais gosto fala em “*amar la trama más que al desenlace*”. A trama desta tese foi tecida com um tanto de amor e carinho, mas com um punhado grande de produção solitária e ansiedade (aumentada diante do contexto político experimentado) que faziam o desenlace parecer nunca chegar. Por essa razão, meu agradecimento aos que vêm logo abaixo é, mais do que tudo, pela paciência que tiveram comigo nestes últimos anos.

Ao meu orientador, professor Eduardo Santos Neumann, pela disciplina ministrada durante a realização do curso, tão valiosa para muitas das reflexões presentes na tese, pelas leituras do texto, pelos apontamentos, pela pressão afetuosa e pela tolerância;

À professora Maria Cristina Bohn Martins, por me fazer encantar pela pesquisa e a história da América, por descobrir comigo o objeto de estudos desta tese, acompanhar-me nas explorações iniciais dos arquivos e dos sebos de Buenos Aires e me ajudar na construção do projeto, pelos livros dados e emprestados e pelo amor e o apoio que sempre me ofereceu, mesmo de longe;

À colega e amiga Camila Silva, pelas leituras e discussões compartilhadas (e os cafés, as cervejas, as músicas e os vários protestos) e pelo carinho;

Ao colega e amigo Miquéias Mugge, por alcançar os textos que estavam nas bibliotecas norte-americanas e que eu precisava para ontem (e para ontem estavam na minha caixa de entrada!) e pela queridez;

Às colegas e amigas Natália Pinto e Fernanda Giroto, pelo apoio e incentivo sempre amorosos;

Ao Roger Stein, pelos questionamentos, pelas ajudas nas buscas bibliográficas, nas traduções e na formatação (vou aprender a usar LaTeX ou algo que o valha, prometo), pela calma para lidar com os momentos “a escrita trancou, vou desistir de tudo”, por ter tido sempre abraços apertados e conselhos para dar quando foi preciso e, em meio a tudo isso, ainda aceitar ser meu parceiro para a vida;

À Ecler Schell e à Michele Schell, por nunca faltarem, por sempre me apoiarem e por me entenderem tão bem (e pelas cobranças, as risadas, as conversas, as ajudas).



Aos repositórios públicos e às bibliotecas públicas em que pesquisei, em especial ao *Archivo General de la Nación* e suas servidoras e seus servidores tão prestativos, mesmo em tempos de Macri e dias de *paro*;

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, suas professoras, seus professores, suas secretárias e seus secretários, igualmente resilientes em tempos de golpe e de cortes;

Aos avaliadores das minhas bancas de qualificação e de defesa, professores Temístocles Cezar, Cesar Augusto Barcellos Guazzelli (gracias pelos livros presenteados!), Arthur Lima de Avila (os três da Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Luiz Estevam de Oliveira Fernandes (da Universidade Federal de Ouro Preto) e Maria Cristina Bohn Martins (da Universidade do Vale do Rio dos Sinos) por aceitarem ser alguns dos primeiros leitores do trabalho, bem como pelas muito valiosas contribuições e críticas e pelo rico diálogo travado com as proposições da tese;

Às professoras Mara Cristina de Matos Rodrigues e Regina Weber e ao professor Temístocles Cezar, pelas disciplinas ministradas durante o curso que foram de grande ajuda no amadurecimento de algumas reflexões;

Ao professor Cláudio Pereira Elmir e à professora Eliane Cristina Deckmann Fleck, pelos conselhos e pela gentileza de sempre;

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos por gentilmente ter me emprestado seu equipamento digitalizador de microfimes;

À Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos concedida a mim, fundamental para a realização desta investigação. Que nos tempos vindouros, minhas colegas e meus colegas possam ter as oportunidades de acesso ao ensino e à pesquisa que a minha geração teve.

RESUMO

Esta tese analisa a trajetória de Pedro de Angelis como um erudito interessado em reunir documentos sobre o passado e o presente da região do Rio da Prata e a história da formação de suas coleções e de seus arquivos durante e por dentro do segundo governo de Juan Manuel de Rosas. De Angelis foi um italiano que chegou a Buenos Aires em 1827 e foi um dos principais escritores públicos do rosismo. Entre 1835 e 1852, ao tempo em que se aproximava do governador, tornando-se, inclusive, *archivero* do *Archivo General de la Provincia de Buenos Aires*, ele se empenhou em colecionar papeis para si e também publicá-los em edições impressas, produzindo uma série de conjuntos documentais. A “*Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata*” editada de 1835 a 1839, sua obra mais conhecida, foi um deles. Tendo sido dedicada a Rosas, a *Colección* é analisada neste trabalho como um arquivo formatado pelo erudito sobre o passado da Confederação Argentina. Através dos documentos que nela reuniu, De Angelis promoveu o discurso do regime para o qual trabalhava. O mesmo foi feito pelo italiano em outro conjunto documental que conformou entre 1843 e 1851, o “*Archivo Americano y Espiritu de la Prensa del Mundo*”. Com o *Archivo Americano*, Pedro de Angelis coletava e levava a público aquelas que considerava fontes sobre o presente. Construía, assim, um acervo sobre o tempo vivido que seria lido pelos seus coetâneos e pelos sujeitos no futuro, contrapondo-se aos escritos dos opositores de Juan Manuel de Rosas, como a Geração de 1837. Por fim, estuda-se como a personagem formou, graças ao “comércio da história” que ocorria no Prata, a sua própria coleção particular de documentos e obras, acumulada desde meados de 1830 até 1852 em sua biblioteca, e como ela se tornou um fundo da Biblioteca Nacional do Império Brasileiro a partir de 1853. Em tempos de Rosas e de dicotomia discursiva entre civilização e barbárie, De Angelis acabou, com suas coleções e seus arquivos, por construir uma dada memória para o governo bonaerense, que não tinha o investimento na guarda e na organização de documentos ou a promoção da escrita da história local como prioridades. Mais do que isso, seus conjuntos documentais acabaram por auxiliar na constituição de si como um erudito preocupado com a preservação de papeis e com a produção de conhecimento.

Palavras-chave: Pedro de Angelis; coleção; arquivo; Juan Manuel de Rosas; Argentina

ABSTRACT

This work analyzes the trajectory of Pedro de Angelis, a scholar interested in collecting documents about the past and the present of the region of Rio de la Plata, and the history of the formation of his collections and archives during and within Juan Manuel de Rosas' second governorship. De Angelis was an Italian who arrived in Buenos Aires in 1827 and was one of the leading public writers of Rosism. He endeavored to gather documents to his own collection and also to publish them in printed editions, which produced a series of documentary sets between 1835 and 1852, while he increasingly approached the governor and even became the archivist of the Archivo General de la Provincia de Buenos Aires. The "*Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata*" edited from 1835 to 1839, his best-known work, was one of these documentary sets. We analyze the "*Colección*", which he dedicated to Rosas, as an archive that the scholar formatted about the past of the Argentine Confederation. De Angelis sustained and promoted the discourse of the regime he worked for through the documents he gathered in the "*Colección*" and in another documentary set that he collected between 1843 and 1851, the "*Archivo Americano y Espiritu de la Prensa del Mundo*." With the "*Archivo Americano*," Pedro de Angelis collected and brought to the public those documents he considered sources of the present. He thus constructed an archive of his living time to counteract Juan Manuel de Rosas' opponents, such as the 1837 generation, for his contemporaries and subjects of the future to read. Finally, we study how he formed his own particular collection of documents and works, which he accumulated from mid-1830's until 1852 in his library, thanks to the "commerce of history" that occurred in the Platine region, and how it has become a National Library of the Brazilian Empire's fond in 1853. In a context of discursive dichotomy between civilization and barbarism, De Angelis used his collections and archives to construct a given memory for the Buenos Aires government, which did not consider the investment in custody and organization of documents or the promotion of local history writing as priorities. Moreover, his documentary assemblages eventually helped to establish himself as a scholar concerned with document preservation and knowledge production.

Keywords: Pedro de Angelis; collection; archive; Juan Manuel de Rosas; Argentina

SUMÁRIO

Introdução.....	13
Capítulo 1. Uma <i>Colección</i> sob os auspícios de Rosas.....	27
1. 1. Uma <i>Colección</i> dedicada a Juan Manuel de Rosas.....	31
1. 2. A <i>Colección</i> como busca e reunião de documentos históricos.....	38
1. 3. A <i>Colección</i> como arquivo do passado da Confederação.....	44
1. 4. A <i>Colección</i> como projeto particular.....	60
Capítulo 2. Um <i>archivero</i> para o rosismo.....	69
2. 1. Pedro de Angelis, <i>archivero</i> do <i>Archivo General</i>	83
2. 2. Pedro de Angelis, <i>archivero</i> do <i>Archivo Americano</i>	94
2. 3. Um <i>Archivo</i> para divulgar e guardar o presente da Confederação.....	106
2. 4. Um <i>Archivo</i> para o futuro: a crença na história.....	129
Capítulo 3. Pedro de Angelis e o comércio da história.....	137
3. 1. Uma “ <i>cronica malattia di dare la caccia a vecchi libri e documenti</i> ”: a formação de uma coleção particular.....	146
3. 2. O catálogo da <i>Colección formada por Pedro de Angelis</i>	161
3. 3. A “ <i>finada biblioteca</i> ” de Pedro de Angelis: a venda de uma coleção particular.....	166
3. 4. Coleção De Angelis, um fundo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.....	180
Considerações Finais.....	187
Referências.....	195
Fontes Manuscritas.....	195
Fontes Impressas.....	196
Fontes digitais.....	200
Bibliografia.....	200
Anexos.....	211

INTRODUÇÃO

Em 2008, a Fundação Biblioteca Nacional do Brasil convidou a Biblioteca Nacional da Argentina para estabelecer um acordo de cooperação entre as instituições. Tratava-se de uma proposta para que fossem disponibilizadas pela Internet “*las obras escritas, editadas y/o coleccionadas por el prestigioso bibliógrafo Pedro de Angelis*”¹. Para que isso ocorresse, cada uma das entidades se responsabilizaria por digitalizar os seus fundos bibliográficos e documentais referentes a De Angelis e incluí-los em uma base de dados comum para que usuários de todo o mundo pudessem fazer o *download* dos arquivos a partir de um repositório a ser criado; além disso, seriam produzidos escritos informativos sobre os materiais para levá-los ao ar com alguma referência textual². Segundo as responsáveis pela iniciativa,

*La Biblioteca Digital Pedro de Angelis prevé la creación y generación de contenidos digitales de relevancia para la cultura regional y nacional pertenecientes a los acervos de la Biblioteca Nacional de Brasil y de la Biblioteca Nacional de Argentina, participantes en el Proyecto, y su difusión en los sitios Web de ambas bibliotecas con la finalidad de dar acceso y preservar el patrimonio cultural en América Latina.*³

O compromisso de tomar as ações necessárias para que o projeto saísse do papel foi firmado em 2009; em 2011, o *website* da então intitulada “Biblioteca Digital Pedro de Angelis” estreou na rede mundial de computadores⁴. Nele, é possível buscar e acessar⁵ os jornais nos quais o italiano atuou, alguns trabalhos de sua autoria e boa parte dos documentos que colecionou em sua passagem por Buenos Aires. O erudito se tornava, então, ele mesmo, o objeto

¹ BETTENCOURT, Angela; BARBER, Elsa. Biblioteca virtual Pedro de Angelis: padrones de interoperabilidad en el acceso y preservación del patrimonio cultural de América Latina. In: *World Library and Information Congress: 75th IFLA General Conference and Council*. Milão, Itália, 2009. Disponível em: <<https://www.ifla.org/past-wlic/2009/98-monteira-es.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2016, p. 4.

² Idem, p. 5.

³ Idem, p. 1.

⁴ BIBLIOTECA DIGITAL PEDRO DE ANGELIS. Rio de Janeiro/Buenos Aires [2009]. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/projetos/angelis/index.htm>>. Acesso em: 26 set. 2017.

⁵ Ver Anexo 1. A interface da “Biblioteca Digital Pedro de Angelis” continua no ar e a parceria entre a Biblioteca Nacional brasileira e a sua congênera argentina ainda consta dentre os acordos de cooperação listados no *website* da primeira (BIBLIOTECA NACIONAL. *Acordos de cooperação e parcerias*. Rio de Janeiro [2017?]. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/sobre-bn/acordos-cooperacao-parcerias>>. Acesso em: 26 set. 2017). Somente é possível, no entanto, acessar alguns dos arquivos disponibilizados pelo projeto a partir do *website* “Biblioteca Digital Pedro de Angelis”, no link “Exposição”. Por algum motivo que desconheço – os contatos que fiz com a BN do Rio de Janeiro para elucidar a questão não solucionaram minha dúvida – o link para o Catálogo comum é instável: por vezes funciona, por vezes não (escrevo em setembro de 2017). Apesar disso, ainda é possível buscar pelos mesmos arquivos nas bases de dados digitais dos *websites* particulares de cada uma das bibliotecas. Muitos deles foram utilizados nesta pesquisa.

e o objetivo de um acervo: a referida Biblioteca Digital do século XXI girava em torno de seu nome, de sua produção e de seu legado – os conjuntos documentais que formara.

Na Buenos Aires da primeira metade do Oitocentos, era Pedro de Angelis, pois, quem se ocupava de formar conjuntos de documentos escritos, obras e mapas que lhe interessavam e encantavam ou que serviam ao governo para o qual trabalhou durante a maior parte de sua estadia americana. Os papéis que ele reuniu versavam especialmente sobre a história do Prata. É justamente sobre a trajetória de De Angelis como um erudito preocupado em formar coleções e arquivos para o passado e o presente platinos no decorrer, e por dentro, do segundo e mais longo período do regime de Juan Manuel de Rosas na Confederação Argentina (de 1835 a 1852)⁶ e sobre a história destes acervos que trata a minha tese.

Pedro de Angelis, nascido em 1784, era de Nápoles. Foi lá, durante o reinado de Joaquin Murat, que ele se aproximou do mundo das letras e dos estudos: mesmo sendo republicano, De Angelis aderiu ao monarca⁷ e se tornou preceptor de seus filhos, além de professor de História e Geografia e sub-bibliotecário da Real Escola Politécnica. Após a queda de Murat e a ascensão ao poder napolitano de um governo relacionado à Santa Aliança⁸, deixou a sua cidade natal, viveu brevemente em Genebra e acabou se estabelecendo em Paris em 1820. Apesar de haver poucas informações sobre a sua passagem pela cidade⁹, sabe-se que nela Pedro de Angelis iniciou sua produção em torno dos estudos sobre o passado. Na capital francesa, o italiano

⁶ O recorte temporal da análise é o segundo mandato de Juan Manuel de Rosas dado que, como se verá, é neste período que Pedro de Angelis forma a sua coleção pessoal de documentos, publica a sua principal obra, a *“Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata”*, torna-se *archivero* do *Archivo General de la Provincia de Buenos Aires* e atua no *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*. É possível considerar estes tempos em que a personagem esteve mais próxima ao rosismo o seu “acontecimento biográfico”, um momento marcante na trajetória do italiano. Esta categoria foi utilizada por Ângela de Castro Gomes ao tratar a importância da passagem de João Goulart pelo Ministério do Trabalho no estudo que fez sobre a construção da memória do ex-presidente do Brasil e por Ana Paula Caldeira Sampaio ao trabalhar o período de atuação do intelectual Ramiz Galvão na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro como um ponto de inflexão em sua biografia (ver: GOMES, Ângela de Castro. *Memória em disputa: Jango, ministro do Trabalho ou dos trabalhadores?* In: FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *João Goulart: entre a memória e a história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 31-55; CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. *O bibliotecário perfeito: o historiador Ramiz Galvão na Biblioteca Nacional*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa de Documentação de História Contemporânea e do Brasil (CPDOC), Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2015).

⁷ Para Eduardo Scheidt, essa atitude condiz com o pragmatismo político que De Angelis demonstrou em vários momentos de sua vida. Além disso, ainda segundo o historiador, a monarquia de Murat “significou uma reação contra o odiado regime borbônico e foi caracterizado por reformas institucionais profundas, principalmente a abolição do regime feudal na exploração da terra, o surgimento de escolas e colégios secundários em várias cidades do reino e perseguição da delinquência. As medidas progressistas do governo de Murat justificam, pois, a adesão a ele de vários liberais, incluindo republicanos como De Angelis” (SCHEIDT, *Carbonários do Rio da Prata: jornalistas italianos e a circulação de ideias na Região Platina, 1827-1860*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008, p. 55).

⁸ Idem, p. 57.

⁹ Ver: WEISS, Ignacio. *Los antecedentes europeos de Pedro de Angelis, contribución a su biografía*. Buenos Aires: El Ateneo, 1944.

trabalhou sobre a obra de Giambattista Vico, tendo compartilhado as ideias da “Ciência Nova” de seu compatriota com sujeitos como Jules Michelet¹⁰. Circulando entre letrados e letradas parisienses como o já citado Michelet, François Guizot, Victor Cousin, Madame de Staël e Destutt de Tracy¹¹, De Angelis acabou por se tornar escritor e publicou, entre 1824 e 1826, narrativas sobre vidas de personagens ilustres na *Biographie universelle ancienne et moderne*¹². Foi no período que escrevia para a *Biographie* que o erudito foi convidado para vir à América. Buenos Aires seria o seu próximo destino.

Em 1826, Pedro de Angelis foi contatado por Bernardino Rivadavia por intermédio de seu representante em Paris, Héctor F. Varaigne¹³. A ideia do presidente da Argentina era contratar europeus letrados para que trabalhassem como redatores de periódicos que seriam abertos em Buenos Aires: o período da “feliz experiência” ainda não havia terminado¹⁴. De

¹⁰ Michelet fez um agradecimento elogioso à personagem na tradução que fez da “Ciência Nova” de Vico para a sua língua materna: “*M. le chevalier de Angelis, auteur de travaux inédits sur Vico, a bien voulu nous communiquer la plupart des ouvrages italiens que nous avons extraits ou cités; exemple trop rare de cette libéralité d’esprit qui met tout en commun entre ceux qui s’occupent des mêmes matières*” (MICHELET, Jules. *Oeuvres de Michelet*. Bruxelles: Meline, Cans et Comp., 1854, p. 158. Tradução minha: “O cavaleiro Sr. de Angelis, autor de trabalhos inéditos sobre Vico, nos forneceu gentilmente a maioria das obras italianas que extraímos ou citamos; exemplo tão raro dessa liberalidade de espírito, que compartilha tudo entre aqueles que se ocupam das mesmas matérias”). Em uma nota de rodapé do “*Appendice de la Vie de Vico*”, na mesma obra, Jules Michelet ainda assinala que “*MM. de Angelis et Jannelli*” foram “*les personnes qui ont le plus étudié Vico*” (Idem, p. 108. Tradução minha: “Srs. de Angelis e [Cataldo] Jannelli” foram “as pessoas que mais estudaram Vico”). Para José I. Sazbon, no entanto, não há nenhum outro documento que indique como se deu o contato de De Angelis e Michelet, e se foi ele quem, de fato, introduziu Vico ao historiador francês (SAZBÓN, José I. De Angelis difusor de Vico: examen de un paradigma incendiário. *Cuadernos sobre Vico*, n. 3, p. 157-186, 1993). Os estudos do erudito italiano sobre a obra de Vico continuariam na década de 1830 em Buenos Aires, como indicam suas anotações pessoais depositadas no repositório *Fondo Pedro de Angelis* do *Archivo General de la Nación* (saberemos mais sobre elas no capítulo 3 e ao final deste trabalho).

¹¹ WEISS, *Los antecedentes europeos de Pedro de Angelis*, op. cit. p. 58.

¹² SABOR, Josefa Emilia. *Pedro de Angelis y los orígenes de la bibliografía argentina: ensayo bio-bibliográfico*. Buenos Aires: Solar, 1995, p. 288.

¹³ Na bibliografia sobre a vida de Pedro de Angelis comumente é citada uma carta atribuída a Destutt de Tracy e que teria sido remetida por ele a Bernardino Rivadavia em 12 de setembro de 1826. Nela, o letrado francês teria escrito ao argentino que “*jamás hubiera imaginado que [de Angelis] se determinase a ausentarse de París, en donde su talento le permite encontrar múltiples ocupaciones útiles y agradables. Habría influido sin duda en él, para determinarlo a tomar esta resolución, el talento persuasivo del señor Varaigne*” (apud WEISS, *Los antecedentes europeos de Pedro de Angelis*, op. cit., p. 60).

¹⁴ O período que ficou conhecido como o da “feliz experiência” de Buenos Aires começou durante o governo liberal de Martín Rodríguez de quem Bernardino Rivadavia era ministro (de 1821 a 1824) e continuou durante o o curto mandato presidencial do último (1826-1827). Foi marcado não só pela tentativa de centralização e de organização nacional e pelo impulso de realizar reformas para modernizar a estrutura político-administrativa herdada da colônia, mas também de criar instituições culturais e lugares de sociabilidade e de estimular a imprensa, transformando o espaço público portenho. Em um esforço de aproximar diversos setores da população de Buenos Aires ao que chamavam as “luzes do século XVIII”, diversos letrados estrangeiros chegaram à cidade incentivados ou contratados pelo governo argentino. Sobre isso, ver, por exemplo: GALLO, Klaus. A la altura de las luces del siglo: el surgimiento de un clima intelectual en la Buenos Aires posrevolucionaria. In: ALTAMIRANO, Carlos; MYERS, Jorge (orgs.). *Historia de los intelectuales en America Latina*. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires: Katz Editores, 2008, pp. 184-204; BALTAR, Rosalia. Aspectos de la cultura ilustrada en los letrados rivadavianos. Pedro de Angelis y José Joaquín de Mora. In: BARELLI, María Cecilia; STAMBOLE, Pablo Escalante; PULLEY, Romina (comp.). *Actas del Congreso Internacional: América del Sur y el movimiento ilustrado*. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 2015. E-book, pp. 36-43; MYERS, Jorge. La

Angelis chegou à cidade platina em 29 de janeiro de 1827 com sua esposa, a francesa Melanie Dayet de Angelis, e na companhia do editor e jornalista espanhol Joaquín José de Mora que também vinha para ser funcionário do projeto rivadaviano. Em março, a *Crónica Política y Literaria de Buenos Aires*, dirigida e redigida pelo napolitano e por Mora, já era impressa e publicada. Pedro de Angelis ainda editou um número do jornal *El Conciliador* antes do governo pelo qual foi contratado acabar abruptamente em junho daquele mesmo ano¹⁵.

Apesar de ter vindo ao Prata para atuar como jornalista – atividade que ele nunca antes havia desenvolvido –, é possível dizer que desde o seu desembarque em terras americanas, o italiano almejava realizar atividades mais próximas àquelas que desempenhava na Europa. No *legajo do Archivo General de la Nación*, no qual estão depositados os documentos pessoais de De Angelis, há um esboço de uma carta redigida por ele, endereçada para Bernardino Rivadavia e datada em 13 de fevereiro de 1827 (alguns dias após a sua chegada em Buenos Aires, portanto). Nesse escrito, o erudito relatava:

De toutes places que j'ai occupées, celle qui m'a laissé le plus de regrets c'est la place de bibliothécaire de l'école polytechnique, étant le plus conforme à mes goûts et à mes habitudes. C'était un délassement pour moi que de mi acquitter de mes devoirs. Enfermé dans le fond de mon cabinet, tout entouré de livres et en rapport avec des savants ou des jeunes gens qui aspiraient à le devenir, je faisais chaque jour des conquêtes, dans le domaine de l'intelligence. Si j'ai obtenu quelque succès dans ma carrière littéraire, si j'ai trouvé quelques distinctions dans mes adversités, c'est à ma place de bibliothécaire que je le dois car c'est elle qui a le plus contribué à m'attacher à l'étude. Tout le temps que j'ai vécu dans l'exil, je n'ai fait que fréquenter

cultura literaria del período rivadaviano: saber ilustrado y discurso republicano. In: ALIATA, Fernando; MUNILLA LACASA, María Lía (comp.). *Carlo Zucchi y el neoclasicismo en el Río de la Plata*. Buenos Aires: Eudeba, 1998, p. 131-148.

¹⁵ Em 1824, Buenos Aires se viu em condições de tentar consolidar sua hegemonia e promoveu uma tentativa de formar um Congresso Constituinte; em 1825, promulgou-se uma Constituição e um ano depois, após delegar-se um Executivo Nacional provisório na Província de Buenos Aires, Bernardino Rivadavia foi nomeado presidente da Argentina. Além das tensões internas entre setores unitários e federalistas, logo que assumiu, o governante enfrentou uma grave crise externa: a disputa pela Banda Oriental havia levado à declaração de guerra contra o Império Brasileiro. Em junho de 1827, depois de uma negociação de paz desastrosa na qual o enviado argentino, Manuel García, aceitava a anexação do Uruguai ao Brasil e a livre navegação dos rios, Rivadavia acabou renunciando ao cargo.

*ces immenses dépôts des connaissances humaines qui forment un des plus beaux ornements de la France.*¹⁶

Argumentando na mesma missiva que estava prestes a ser admitido como funcionário “*de la bibliothèque du Roi*”¹⁷ da França quando foi convidado para trabalhar no continente americano – e afirmando que essa informação era de conhecimento “*de Mr. Varaigne*” e que sobre isso se podia ler em “*quelques journaux français de l’année dernière*”¹⁸ –, o erudito pedia ao presidente argentino que lhe vinculasse formalmente “*au service de la bibliothèque de cette ville*”¹⁹ na qual agora se estabelecia. Para convencer Rivadavia, Pedro de Angelis escrevia que a sua nomeação “*ne devrait blesser les droits de personne, ne serait nullement à la charge du trésor*”²⁰, já que encararia “*comme un profit pour moi d’avoir à ma disposition immédiate tous les moyens qui me sont indispensables pour m’acquitter avec quelque probabilité de succès de la tâche qui m’est imposée*”²¹. Ele dizia, assim, não querer substituir nenhum servidor ativo, nem receber um salário para trabalhar na Biblioteca Pública de Buenos Aires: gostaria de ser seu funcionário para poder pesquisar nela sem ser importunado e, quem sabe, “*succéder un jour à la personne qui est maintenant à la tête de cet important établissement*”²².

Não sei se a carta rascunhada, depois de passada a limpo, chegou a ser enviada por De Angelis ao governante e jamais encontrei registros de que ele tenha conseguido obter o vínculo desejado com aquela instituição argentina. De qualquer forma, o documento parece indicar que, ao migrar para uma nação em vias de formação, o erudito nutria expectativas de trabalhar próximo aos livros e aos documentos que o espaço platino guardava e, talvez, viver de seus estudos sob patrocínio estatal. Nos anos vindouros de sua vida bonaerense, no entanto, o periodismo continuaria a ser o seu principal ofício público e a sua principal atividade econômica. Pedro de Angelis acabou por se tornar o mais importante jornalista oficial durante

¹⁶ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Fondo Pedro de Angelis*. Sala VII. Legajo 96. Carta de Pedro de Angelis a Bernardino Rivadavia, 12 février 1827. Tradução minha: “De todas as posições que ocupei, a que me deixou maior saudade é a de bibliotecário da escola politécnica, sendo a mais conforme com meus gostos e hábitos. Era um relaxamento para mim cumprir meus deveres. Encerrado no fundo de meu gabinete, todo rodeado de livros e relacionando-me com os jovens que aspiravam o devir, eu fazia todos os dias conquistas no campo da inteligência. Se eu tive algum sucesso na minha carreira literária, se eu encontrei algumas distinções nas minhas adversidades, é ao meu cargo como bibliotecário que eu devo, porque ele que mais contribuiu para eu me afeiçoar ao estudo. Todo o tempo que vivi no exílio, somente frequentava esses imensos depósitos de conhecimento humano que formam um dos ornamentos mais bonitos da França”.

¹⁷ Idem. Tradução minha: “da biblioteca do Rei”.

¹⁸ Idem. Tradução minha: “alguns jornais franceses do ano passado”.

¹⁹ Idem. Tradução minha: “a serviço da biblioteca desta cidade”.

²⁰ Idem. Tradução minha: “não deve ferir os direitos de ninguém, nem estaria, de modo algum, a cargo do tesouro”.

²¹ Idem. Tradução minha: “como um benefício ter à minha disposição imediata todos os meios que são indispensáveis para me aproximar com alguma probabilidade de sucesso da tarefa que me é colocada”.

²² Idem. Tradução minha: “suceder um dia a pessoa que hoje dirige esse importante estabelecimento”.

o período em que Juan Manuel de Rosas deteve o poder da Província de Buenos Aires (de 1829 a 1833 e de 1835 a 1852)²³, atuando como editor e articulista nos periódicos *La Gaceta Mercantil*, *El Lucero*, *Restaurador de las Leyes*, *El Monitor* e *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*. No entanto, nesses tempos de rosismo, enquanto cumpria suas tarefas nos jornais pelos quais era responsável – e exercia atividades de tipógrafo, como se verá –, o italiano começou a assumir, em segundo plano, o papel de um erudito ligado à tradição antiquária que dotava a sua prática de utilidade pragmática; satisfazia assim, talvez, parte dos anseios que carregava em relação às atividades que exerceria na cidade que o acolheu.

Aqui, passo à primeira escolha da minha investigação: diferentemente de trabalhos que estudaram a atuação de Pedro de Angelis como jornalista²⁴, como publicista polígrafo²⁵ ou como bibliófilo²⁶, centrei as análises em uma prática realizada por ele em um momento específico de sua trajetória. Pensei-o, então, como um erudito antiquário produtor de coleções e arquivos de documentos que se estabeleceu e se constituiu enquanto tal na Buenos Aires de Rosas²⁷. Na década de 1830, o italiano começou a procurar, entre livreiros e vendedores, em repositórios e bibliotecas públicas ou privadas, por vestígios do passado do sul da América. Interessavam-no manuscritos, mapas, obras, objetos – como medalhas e ossos – e tudo mais que fosse necessário (e possível) recolher para ver²⁸ e entender a história platina. Assim,

²³ MYERS, Jorge. *Orden y virtud*. El discurso republicano en el régimen rosista. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1995, p. 37.

²⁴ Em “*Orden y virtud: el discurso republicano en el régimen rosista*”, Jorge Myers analisa como o governo de Juan Manuel de Rosas construiu através da imprensa uma retórica republicana para legitimar e consolidar seu regime e a ordem estabelecida. A atuação e a produção de Pedro de Angelis como jornalista é um dos principais objetos da análise do historiador argentino (MYERS, *Orden y virtud*, op. cit.). Já em “Carbonários do Rio da Prata”, Eduardo Scheidt trabalha as concepções políticas de três italianos expressas em periódicos de Buenos Aires: Pedro de Angelis, Gian Batista Cuneo e Luigi Rosseti. O historiador brasileiro analisa os artigos de Pedro de Angelis publicados nos jornais que trabalhou, ligados ao governo de Juan Manuel de Rosas, para verificar as suas ideias políticas e a construção de certos conceitos como nação, democracia, república, modernidade e romantismo (SCHEIDT, op. cit.).

²⁵ Pensando nas várias formas de escrita produzidas por Pedro de Angelis – a dos jornais, a das coleções, a das correspondências e a das polêmicas – a teórica literária Rosalía Baltar identifica Pedro de Angelis como um “publicista polígrafo” dentre os letrados rivadavianos, rosistas e românticos que analisa em “*Letrados en tiempos de Rosas*” (BALTAR, Rosalía. *Letrados en tiempos de Rosas*. Mar del Plata: Eudem, 2012). A leitura desta obra e as reflexões que ela proporcionou foram fundamentais para a realização do meu trabalho.

²⁶ “*Pedro de Angelis y los orígenes de la bibliografía argentina*”, escrito pela bibliotecária argentina Josefa Emilia Sabor, tem um caráter bastante teleológico: sem ter como objetivo fazer uma análise aprofundada da produção do erudito, narra a sua história pessoal e a da aquisição de sua biblioteca (seu “*sueño y orgullo*”, nas palavras da autora) a partir de uma vasta pesquisa bibliográfica e de arquivo. O livro de Sabor traz um levantamento valioso da “*tarea bibliográfica*” de De Angelis, listando os jornais e as obras que De Angelis publicou no decorrer de sua vida e trazendo informações sobre cada um desses escritos (SABOR, op. cit., 1995).

²⁷ Por essa razão, referi-me até aqui e continuarei me referindo durante o trabalho a Pedro de Angelis como “erudito”; na falta de melhores sinônimos, as palavras “letrado”, “coleccionista” ou “coleccionador” também aparecerão ao longo do texto para fazer menção à personagem.

²⁸ Segundo Pomian, os materiais das coleções sofriam um processo de resignificação, mudando seu estatuto e se transformando em “semióforos”: passavam a ser percebidos como capazes de ligar o mundo visível ao invisível,

especialmente ao longo do período da gestão rosista, De Angelis foi formando a sua própria coleção pessoal, guardada em sua casa, formada pelos materiais que por ele eram comprados, trocados ou mesmo copiados e transcritos²⁹. A partir deles, em seu gabinete, o erudito estudava o pretérito, a geografia, as línguas nativas e até a pré-história do sul do continente americano.

Pode-se afirmar, como se verá ao longo deste trabalho, que dentre tantas peças coletadas, Pedro de Angelis valorizou os papéis na conformação de seu conjunto privado e em seus fazeres. Se Arnaldo Momigliano diz que há tempos os eruditos faziam “da coleta de documentos o seu negócio”³⁰, naquele início do Oitocentos o documento escrito se afirmava como base para a escrita da história³¹. Tornava-se cada vez mais necessário legitimar os estudos e o conhecimento a partir de documentação comprobatória que fosse verificada como autêntica, verdadeira – e isso a história moderna que se constituía ao longo do século XIX, aliás, ia aprendendo com a prática erudita³². Segundo Manoel Luiz Salgado Guimarães, “as práticas próprias aos procedimentos da erudição, corporificadas, entre outras, pelo saber diplomático, pareciam operar a fusão entre o saber antiquário e o saber do historiador”. Desta forma, a “escrita da história apontava na direção de um novo caminho em que a autoridade dos escritores antigos não era mais o fundamento a constituir a legitimidade para narrar o passado”³³: os documentos é que eram dotados dessa característica. Ainda conforme o estudioso brasileiro, a partir daquele mesmo período

o esforço colecionista deve, segundo os cânones de um novo interesse pelo passado, ser capaz de tornar esse passado útil aos homens do presente a partir de uma pragmática que visa à ação. Olhar o passado e interessar-se por ele

seja esse concebido espacial ou temporalmente (POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol 1. Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. pp. 51-86).

²⁹ Alguns contemporâneos de Pedro de Angelis alegaram que ele também obtinha documentos furtando acervos privados e públicos de Buenos Aires. Essa questão será retomada e discutida em diversos momentos da tese.

³⁰ MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru: EDUSC, 2004, p. 101.

³¹ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Entre amadorismo e profissionalismo: as tensões da prática histórica no século XIX. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 5, 2002, p. 186.

³² Segundo Momigliano, “O antiquário salvou a história dos cétricos, ainda que ele mesmo não a tenha escrito. Sua preferência pelos documentos originais, sua engenhosidade em desbaratar falsificações, sua destreza em coletar e classificar a evidência e, acima de tudo, seu amor ilimitado pelo estudo são as contribuições dos antiquários à “ética” do historiador. Nós acalentamos a memória de Jean Mabillon não apenas pelo *De re diplomatica*, mas também pelo *Traité des Études Monastiques*, em que ele recomendou “[...] ter o coração desprendido das paixões e, sobretudo, daquele de criticar” (op cit., p. 51). Como bem sabemos, uma das marcas da historiografia moderna seria a constante referência a outros textos, especialmente aos documentos concebidos como provas pelos historiadores. Esse aspecto daria validade ao trabalho historiográfico: passaria a ser exigido ao profissional da história explicitar as suas fontes e referências, de modo que o leitor e seus pares verificassem as informações e validassem suas conclusões, se assim o quisessem (Ver em: GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição*. Pequeno tratado sobre a nota de rodapé. São Paulo: Papirus, 1998).

³³ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. História e erudição. In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAÚJO, Valdeci Lopes de. *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. Edição Kindle, posição 803-804.

sem o sentido do presente parece significar a atividade do diletante, daquele que tem na atividade intelectual apenas o remédio para o ócio.³⁴

Por essa razão, De Angelis não apenas buscou documentos para si, para sua fruição pessoal; ele os selecionou a partir de alguns critérios de validação, reuniu-os em coleções, em arquivos, e publicou-os. Concordo, assim, com Horacio Crespo para quem o italiano foi um dos eruditos colecionadores atuantes no continente americano que incluíram em suas atividades não só “*el reconocimiento, la valorización y la preservación del patrimonio documental y bibliográfico*”: “*la dimensión erudita y coleccionista que protagonizaron no los apartó en la mayoría de los casos de la participación política y el compromiso ideológico, tan característicos de los actores intelectuales decimonónicos*”³⁵.

Chego, pois, em uma questão importante na construção da tese: a compreensão de Pedro de Angelis como um erudito dedicado a editar e tornar públicos conjuntos documentais para preservar os escritos para o futuro, mas também para que servissem ao presente, auxiliando na legitimação do governo de Juan Manuel de Rosas e da sua Confederação e na conformação de uma memória para o rosismo no segundo e mais duradouro período do regime (a primeira iniciativa de *Colección* do italiano começou a ser publicada justamente em 1835). Há que se pensar que para De Angelis e para seus contemporâneos, orientados pela cultura oitocentista, “*tarefa política e uso do passado combinam-se na reelaboração de sentido para um saber e uma prática*”³⁶. Os letrados estabelecidos nestes tempos na América e na Europa, como os franceses que o italiano havia conhecido em sua passagem por Paris, empenharam-se em elaborar

³⁴ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Vendo o passado: representação e escrita da história. *Anais do museu paulista: História e Cultura Material*, vol. 15, n. 2, 2007, p. 24.

³⁵ CRESPO, Horacio. El erudito coleccionista y los orígenes del americanismo. In: ALTAMIRANO, Carlos; MYERS, Jorge (orgs.). *Historia de los intelectuales en America Latina*. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires: Katz Editores, 2008, p. 290.

³⁶ GUIMARÃES, Entre amadorismo e profissionalismo, op. cit., p. 186.

coleções de documentos, instituições e narrativas voltadas para a construção política e simbólica das nações nascentes³⁷.

É preciso reforçar que De Angelis vivia a primeira metade do século XIX e que, naquele momento, “ainda não se operara uma nítida separação dos campos de conhecimento”³⁸. A história se encaminhava para um momento de profissionalização ao tempo que o amadorismo da tradição antiquária fazia ecos nos fazeres dos interessados no passado. Além disso, na Buenos Aires rosista não houve a criação de uma instituição que promovesse a produção da escrita da história, a sua disciplinarização e a produção de narrativas nacionais³⁹. No entanto, por mais que não se possa considerar Pedro de Angelis um historiador de ofício⁴⁰ ou um

³⁷ No Brasil, por exemplo, a escrita da história aliada à construção da nação foi uma prática instituída ainda no segundo quarto do XIX com a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Foi essa associação, que em março de 1839 passou a desfrutar da proteção perpétua de Sua Majestade, o lugar privilegiado onde se passou a organizar e a produzir o discurso historiográfico do Império, com a tarefa de delimitar “a ‘Nação brasileira’, capaz de garantir uma identidade própria no conjunto mais amplo das ‘Nações’” em um momento em que o recente Estado nacional estava implantado do ponto de vista burocrático, institucional e jurídico, mas seguia carente de unidade (GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, pp. 5-27, 1998, p. 6). São diversas as investigações realizadas nas últimas décadas sobre produção historiográfica elaborada a partir do IHGB, inclusive no Programa de Pós-Graduação do qual faço parte. Muitas foram lidas enquanto produzia esta tese, pelo que devo muitas das reflexões feitas aqui (ver, por exemplo: TURIN, Rodrigo. Narrar o passado, projetar o futuro: Sílvio Romero e a experiência historiográfica oitocentista. 2005. 203 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2005; DE OLIVEIRA, Maria da Glória. *Crítica, método e escrita da história em Capistrano de Abreu (1853-1927)*. 2006. 183 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2006).

³⁸ Idem, p. 193.

³⁹ A ausência de relatos nacionais e de instituições produtoras de conhecimento histórico na Argentina da primeira metade do século XIX é algo consolidado nas discussões acerca da história da historiografia daquele país. No entanto, e talvez por conta disso, a produção erudita de Pedro de Angelis costuma ser marginalizada ou mesmo esquecida em tais estudos. Esta foi, aliás, uma das principais motivações para que eu estudasse a personagem e sua atuação nesta tese. Ver em: BUCHBINDER, Pablo. Vínculos privados, instituciones públicas y reglas profesionales en los orígenes de la historiografía argentina. *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani*, 3ra série, núm. 13, pp. 59-63, 1996; DEVOTO, Fernando. La construcción de relatos de los orígenes en Argentina, Brasil y Uruguay: las historias nacionales de Varnhagen, Mitre y Bauzá. In: ALTAMIRANO, Carlos (dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires: KATZ Editores, 2008, p. 269-289; DEVOTO, Fernando; PAGANO, Nora. *Historia de la historiografía argentina*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2010; WASSERMAN, Fabio. *Entre Clio y la Polis: conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860)*. Buenos Aires: Editorial Teseo, 2008.

⁴⁰ Não há no trabalho de Pedro de Angelis uma crítica documental metodicamente regulada ou um grande cuidado com a organização e a classificação das fontes, tampouco ele produziu as suas obras a partir de uma associação de saber que legitimasse seu conhecimento. É importante esclarecer e informar aqui que no projeto de pesquisa que apresentei para admissão no Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS e até o momento do exame de qualificação da tese, pensava em trabalhar a “operação historiográfica” de Pedro de Angelis, conforme a proposição de Michel de Certeau para pensar o trabalho do historiador. Acabei me afastando do uso do conceito (que inclusive constava no título da minha proposta) por sugestão da banca, para não confundir a prática erudita realizada pelo italiano com o ofício dos profissionais que pensaram o passado a partir de uma disciplina já constituída. É impossível, no entanto, estudar a história da historiografia sem pensar nas ideias de Certeau; por isso, elas – o lugar social de produção, a conformação do arquivo como o início da escrita da história – continuaram a perpassar minhas reflexões durante a investigação (CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2002).

produtor de um típico relato nacional, não acredito ser possível afirmar que o que ele realizou foi uma “prática sem discurso”, como sustentou Fabio Wasserman ao estudar a coleção de documentos publicada pela personagem na década de 1830⁴¹. Procurei analisar os conjuntos de documentos produzidos pelo erudito italiano a partir das reflexões realizadas pelos recentes estudos sobre os arquivos, pensando-os em sua historicidade e reconhecendo-os enquanto artefatos conformadores de sentidos, configuradores de formas e possibilidades de escrita da história que produzem e promovem memórias⁴². Assim, as coleções e os arquivos de Pedro de Angelis não foram analisados por mim como acervos inertes, acumulados de maneira “naturalizada”: eles são frutos de escolhas e seleções de seu autor que transformou determinados escritos em fontes fidedignas para o entendimento do passado e do presente (que viraria, um dia, história), orientando, de alguma maneira, esquecimentos e lembranças; sendo partes da produção de discursos, portanto.

A partir do estudo da história e do itinerário da reunião de manuscritos em uma coleção privada e da publicação de conjuntos documentais realizadas pelo erudito italiano, foi possível abordar e pensar qual era a situação dos acervos públicos de fontes e da prática historiográfica na Buenos Aires da primeira metade do século XIX. Mais do que isso, discuto na tese como o governo de Juan Manuel de Rosas se relacionou com iniciativas como as coleções e os arquivos de seu funcionário Pedro de Angelis, bem como com as instituições que guardavam documentos históricos já existentes na Província. Havia alguma preocupação de Rosas com relação à guarda de materiais e a produção de representações sobre o passado e o presente da Confederação Argentina? Como os repositórios públicos já existentes naquele período geriam a documentação neles depositada? Qual era o papel que De Angelis cumpria naquele governo e naquele espaço como um erudito interessado no passado e nos documentos como sua evidência,

⁴¹ WASSERMAN, *Entre Clio y la Polis*, op. cit., p. 63. Em “*Entre Clio y la Polis*”, sua tese de doutorado, o historiador argentino Fabio Wasserman estuda a construção do conhecimento histórico, seus gêneros discursivos e instituições de saber, as representações do passado e a recepção do romantismo e das concepções historicistas na Buenos Aires da primeira metade do século XIX.

⁴² Partindo muitas vezes dos estudos de Michel Foucault em “Arqueologia do Saber” (1969) e de Jacques Derrida em “Mal de Arquivo” (1994), historiadores e arquivistas, mas especialmente os primeiros, começaram a pensar nas últimas décadas nos arquivos deslocando-os da abordagem tradicional, quando eram “vistos como depósitos das ‘provas’ sobre o passado, para outra, em que são considerados parte do processo de construção de discursos sobre o passado” (HEYMANN, Luciana Quillet. *O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: Contra Capa; FAPERJ, 2012, p. 23), tornando-se não só repositórios de fontes, mas objetos de pesquisa. A leitura de “O Sabor do Arquivo”, de Arlette Farge (1989), de “*Archive Stories: Facts, Fictions and the Writing of History*”, organizado por Antoinette Burton (2005), do artigo “*Fabrique des Archives, Fabrique de l’Histoire*”, de Étienne Anheim e Olivier Poncet (2004) e de “O Lugar do Arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro”, de Luciana Quillet Heymann (2012) – além de outros textos da estudiosa brasileira – foram fundamentais para pensar a historicidade e a produção dos conjuntos documentais de Pedro de Angelis nesta tese. Há que se mencionar, também, o já citado “A Escrita da História”, de Michel de Certeau (1975) e “A Memória, a História, o Esquecimento”, de Paul Ricoeur (2000).

em um momento em que, como já mencionei, em várias partes surgia a necessidade de salvar, narrar o passado e construir a memória das coletividades que se formavam? Como documentos históricos sobre o Prata foram parar nas mãos de particulares como Pedro de Angelis?

Nesse sentido, a primeira parte da tese é dedicada a analisar a história da conformação da “*Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata*” editada por Pedro de Angelis entre 1835 e 1839. Como será exposto – e o próprio título do capítulo um revela –, ela foi publicada sob os auspícios de Juan Manuel de Rosas: mesmo sendo uma iniciativa pessoal do erudito, a obra foi impressa na *Imprenta del Estado* e dedicada ao governador da Província de Buenos Aires. Durante a minha pesquisa com a *Colección de obras y documentos* me perguntei: porque De Angelis a dedicou a Rosas? Como se deu a busca pelos documentos que nela seriam publicados? Como eles foram organizados? Quais eram os critérios que definiam os documentos que serviam para fazer parte de uma *Colección* como aquela? A escolha da documentação reunida naquele arquivo que De Angelis produzia sobre o passado tinha relação com a dedicatória e com o vínculo que o erudito estabelecia com o governo rosista? O que a obra significou para o italiano enquanto um projeto pessoal e, por sua associação com o governo, para Rosas e sua Confederação naquele momento? Essas são as questões que procurei responder inicialmente; depois, dei-me conta de que *Colección* demorou um certo tempo para ser finalizada. Por que aquilo havia acontecido?

O segundo capítulo, assim, inicia com a tentativa de encontrar explicações para essa última pergunta. A estadia de Pedro de Angelis em Buenos Aires, como se verá, havia se tornado complicada pelo contexto em que vivia o governo de Rosas em fins de 1830. No entanto, por mais que desejasse deixar a América naquele momento, o erudito se tornava cada vez mais importante para a sustentação do regime. Durante toda a década de 1840 e até Caseros, acabou sendo segundo arquivista do *Archivo General de la Provincia de Buenos Aires* e, ao mesmo tempo, editor do “*Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*”: um *archivero* para Rosas. Mas o que havia acontecido com seu ímpeto por publicar conjuntos documentais? Como foi a sua atuação dentro de um repositório público que guardava fontes sobre o passado platino? Em um período em que o regime sofria forte oposição, especialmente dos letrados da Geração de 1837, qual foi o papel que De Angelis atribuiu aos documentos escritos no jornal que editava para o rosismo – que não se preocupava com o passado, mas com o tempo que

então era vivido – e que pensei, também, como um arquivo por ele conformado, agora sobre o presente, o *Archivo Americano*?

Durante o último período do governo de Juan Manuel de Rosas, Pedro de Angelis não abandonou nem seu o desejo por publicar conjuntos de documentos, nem a paixão que nutria pelo colecionismo, pelos manuscritos e pelos livros. A sua coleção e biblioteca particular, aliás, foram ganhando forma e um catálogo: a “*Colección de obras impresas y manuscritas que tratan principalmente del Río de la Plata*” impressa em 1852. No capítulo final da tese, analisei a produção do derradeiro trabalho realizado pelo italiano para o governo de Juan Manuel de Rosas, a “*Memoria histórica sobre los derechos de soberanía y dominio de la Confederación Argentina a la parte austral del continente americano, comprendida entre las costas del océano Atlántico y la gran cordillera de los Andes, desde la boca del Río de la Plata hasta el cabo de Hornos, incluso la isla de los Estados, la Tierra del Fuego, y el estrecho de Magallanes en toda su extensión*”. Também verifiquei como se dava a prática erudita de Pedro de Angelis em seu gabinete e fora dele, nas relações que tecia com um verdadeiro "comércio da história" no Prata, e como ele formou – e *fabricou* – a sua coleção pessoal. Por que ela era valorosa – em termos financeiros, simbólicos e políticos – e como, pouco tempo depois da queda de Rosas, ela foi parar na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro?

Minha intenção foi, ao concluir o trabalho, percorrer o caminho final da documentação de De Angelis e a integração dela ao arquivo e aos interesses de outra comunidade nacional que não a Confederação Argentina. Mais do que isso, busquei pensar como o italiano produziu a si como um erudito colecionador durante a sua trajetória e, especialmente, a partir do momento em que o seu conjunto privado de documentos se tornou um dos mais importantes fundos da nossa Biblioteca Nacional, a “Coleção Pedro de Angelis” (para hoje virar acervo digital também com seu nome, via acordo bilateral entre Brasil e Argentina, como vimos no início desta introdução).



A escrita desta tese iniciou com a formatação do meu próprio arquivo sobre Pedro de Angelis. Os documentos encontrados e selecionados para que eu estabelecesse como fontes foram variados; durante a investigação, realizei a leitura, os recortes, as anotações e os procedimentos de análise da minha operação historiográfica a partir de cartas e anotações pessoais do erudito guardadas em forma manuscrita e impressa no *Archivo General de la*

Nación, no Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani e na Academia Nacional de la Historia de la República Argentina, em Buenos Aires, na Biblioteca Nacional do Brasil e no Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, no Rio de Janeiro.

Foram fundamentais na pesquisa o estudo das obras produzidas e dos periódicos editados por Pedro de Angelis durante o segundo mandato de Juan Manuel de Rosas, especialmente aqueles nos quais ele reuniu documentos. Manuseei a *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata* a partir de uma edição depositada na Biblioteca Central Prof. Augusto Raúl Cortazar da *Facultad de Filosofía y Letras* da *Universidad de Buenos Aires*. No entanto, outras duas edições foram por mim utilizadas: elas foram baixadas em formato eletrônico do Portal de Periódicos Capes⁴³ e do Google Livros⁴⁴, onde se pode encontrar todos os seus tomos. Também do Google Livros, descarreguei a *Memoria histórica sobre los derechos de soberanía y dominio de la Confederación Argentina*. O *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*, bem como outros jornais em que De Angelis atuou, foram acessados em sua forma digitalizada a partir dos *websites* da Biblioteca Digital Pedro de Angelis e da Biblioteca Nacional Argentina. O *Archivo Americano* ainda foi estudado a partir de uma reedição impressa publicada em Buenos Aires na década de 1940. Por fim, analisei também o catálogo da sua coleção pessoal, a *Colección de obras impresas y manuscritas que tratan principalmente del Río de la Plata*, que pôde ser obtido em sua versão digital na página da Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes⁴⁵.



Sempre que aparecer neste trabalho uma citação em língua francesa, inglesa ou italiana, haverá uma tradução dela feita por mim no rodapé da página. Pela familiaridade que temos com o espanhol na América Latina, optei por não traduzir as citações que estão nesse idioma.

⁴³ O Portal de Periódicos Capes é um repositório online criado e mantido pelo Ministério da Educação do Governo Federal e que oferece aos estudantes brasileiros o acesso a diversas publicações periódicas científicas, teses, dissertações, ebooks e outros materiais digitais nacionais e internacionais. Está disponível na Internet pela URL <http://www.periodicos.capes.gov.br/>.

⁴⁴ Google Livros é um serviço da empresa norte-americana Google que oferece acesso a uma base de dados composta por milhões de livros de domínio público e outros materiais escritos sem direitos autorais, disponível na Internet pela URL <https://books.google.com.br/>.

⁴⁵ A Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes é um projeto de uma Fundação de mesmo nome sediada na Espanha que reúne cerca de 200 mil obras de língua hispânica. Ela mantém convênios com diversas bibliotecas ao redor do mundo e pode ser acessada na Internet pela URL <http://www.cervantesvirtual.com/>. A *Colección de obras impresas y manuscritas que tratan principalmente del Río de la Plata* nela disponível foi digitalizada a partir de um exemplar depositado na *Academia Argentina de las Letras*.

CAPÍTULO 1. UMA COLECCIÓN SOB OS AUSPÍCIOS DE ROSAS

As páginas do periódico bonaerense *La Gaceta Mercantil* traziam impresso, em sua edição de 23 de outubro de 1835, um prospecto elaborado por Pedro de Angelis. Nele, o erudito anunciava o lançamento de uma coleção de documentos históricos relacionados ao Prata que então editava (ver Anexo 2)⁴⁶. Ciente de que a maior parte dos manuscritos e das obras que abordavam o passado da região estavam guardadas em bibliotecas privadas como aquelas que costumava visitar e a que construía para si⁴⁷, alertava ao público que os documentos corriam risco de desaparecer daqueles domínios e ressaltava o papel que ele e sua coleção tinham para a conservação da “*nuestra historia*” contida naqueles papeis. Nos dizeres estampados na propaganda, De Angelis afirmava:

*Muy raras son las bibliotecas y los museos que sobreviven a sus fundadores; y más raros los documentos que se perpetúan en el país a que pertenecen y a quién más interesa conservarlos. Estas consideraciones nos han impulsado a emprender una colección de obras y papeles relativos a nuestra historia y en su mayor parte inéditos, empezando por la ARGENTINA de Rui Díaz de Guzmán, cuya obra, según el señor Azara, juez competente en la materia, nadie ha eclipsado hasta ahora, a pesar de haber servido de tema y de modelo a todos nuestros historiadores.*⁴⁸

Logo depois, o italiano convidava aqueles que desejassem a subscrever o recebimento da publicação, já que “*una obra como la que emprendemos, necesita proteccion y auxilios; y no dudamos que encuentre una generosa acogida en el Gobierno y el público*”⁴⁹. A coleção estava sendo pensada e preparada por Pedro de Angelis há alguns anos – provavelmente desde o início da década de 1830⁵⁰ –, mas era um projeto pessoal do autor, que o preparava paralelamente aos trabalhos que realizava para o governo de Juan Manuel de Rosas. Apesar de a obra ser editada e impressa na *Imprenta del Estado*, na qual De Angelis era o responsável

⁴⁶ Além da divulgação no jornal, Pedro de Angelis enviou o prospecto da *Colección* para particulares, o qual juntava à uma carta-convite impressa.

⁴⁷ A situação dos documentos históricos no Prata, bem como a formação de bibliotecas e coleções particulares naquele espaço, é um tema que será trabalhado em diversos momentos da tese.

⁴⁸ DE ANGELIS, Pedro. Prospecto de una colección de obras y documentos inéditos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Tomo Primero. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, p. II.

⁴⁹ DE ANGELIS. Prospecto de una colección, op. cit., p. III

⁵⁰ SABOR, op. cit., p. 47.

pelas tarefas tipográficas oficiais⁵¹, não se pode dizer que era uma publicação institucional rosista. Por esta razão, o sucesso e a continuidade da empreitada que o italiano iniciava dependia inteiramente do número de assinantes conquistados e de algum auxílio financeiro por parte do governador da Província de Buenos Aires; apoio sobre o qual, como observarei adiante, Pedro de Angelis mantinha expectativa.

Os leitores que assinassem a coleção a receberiam em fascículos separados, que deveriam ser encadernados posteriormente segundo as orientações do autor⁵². Cada documento, acompanhado de estudos elaborados pelo erudito – como prefácios, proêmios, notícias biográficas, notas de rodapé e índices –, comporia um destes fascículos. Publicados de tempos em tempos, após alguns anos eles formaram os seis tomos da obra⁵³ e somaram o total de setenta documentos, dos quais cinquenta e sete eram, até aquele momento, inéditos. No prospecto de 1835, no entanto, De Angelis não prometia aos seus leitores a regularidade das publicações, tampouco quantos seriam os volumes que comporiam a coletânea. Ao divulgá-la, Pedro de Angelis não esclarecia nem mesmo quais (ou quantos) seriam os documentos nela editados, com exceção dos dois primeiros: o escrito do conquistador espanhol Ruy Díaz de Guzmán – que o editor chama somente de “ARGENTINA”, grafado assim, em letras maiúsculas, em seu material de divulgação –, e a “*Viage a su costa, del Alcalde provincial del muy ilustre Cabildo de Concepcion de Chile, D. Luis de la Cruz, desde el Fuerte de Ballenar, frontera de dicha Concepcion, por tierras desconocidas y habitadas de índios Barbaros, hasta la ciudad de Buenos Aires [...]*”. Pelo fato de não anunciar com antecipação qual seria a extensão da obra e quais materiais fariam parte dela, bem como pela falta de um ordenamento, fosse cronológico ou temático, do lançamento dos documentos, imagino, como voltarei a explorar ainda neste

⁵¹ Em 1834, Pedro de Angelis firmou contrato direto com o governo da Província de Buenos Aires para seguir à frente da *Imprenta del Estado*, a qual já administrava informalmente através de um acordo com a família a quem, em realidade, até então correspondia a exploração do estabelecimento (SABOR, op. cit., p. 44). O italiano acabou responsável pela casa tipográfica estatal até o fim do governo de Juan Manuel de Rosas.

⁵² Como indicarei adiante, a ordem exata do conteúdo foi divulgada aos leitores no sexto tomo, o último da coleção, quando aparece o “*Índice General de la Colección*”. Desde o início da publicação, De Angelis sugeria um encadernador para que “*se coloquen los pliegos*” nos fascículos dos leitores que o quisessem fazer: “*Pueden, se lo prefieren, enviar con confianza sus ejemplares al encuadernador D. Silvestre de Marchi, en la calle Florida núm. 62 que está también al cabo del modo en que deben ordenarse las varias partes de este volumen*” (BECÚ, Teodoro; TORRE REVELLO, José. *La Colección de Documentos de Pedro de Angelis y el Diario de Diego de Alvear*. Buenos Aires: Talleres S.A. Casa Jacobo Peuser Ltda., 1941, p. 11). Por ter sido lançada em fascículos a ser encadernada pelos próprios assinantes, é possível encontrar diferentes versões da coleção publicada por Pedro de Angelis através da *Imprenta del Estado*. Em bibliotecas públicas de Buenos Aires me deparei com materiais que não continham todos os fascículos, por exemplo. Já em sebos da mesma cidade, encontrei fascículos avulsos para venda. Para esta pesquisa utilizei duas versões da obra: uma que está depositada na Biblioteca Pública de Lyon e que foi digitalizada pelo Google Livros, estando disponível online. A outra, também disponibilizada gratuitamente na internet, pertence à *Library of Congress* do *Smithsonian Institution* e é possível acessá-la através do Portal Periódicos Capes.

⁵³ Como veremos no próximo capítulo, os últimos fascículos foram lançados por Pedro de Angelis em 1839.

capítulo, que Pedro de Angelis não soubesse se teria em mãos, no momento da divulgação do prospecto e mesmo durante o período de quatro anos que passou editando a obra, a documentação que formaria parte do conjunto que levava a público. Por essa razão, ele assegurava

*á los Señores que se dignen proteger nuestra empresa que no perdonaremos gasto ni trabajos para que corresponda al objeto que nos demos propuesto, y á los sufragios à que aspiramos. Y para que merezcan más crédito nuestras promesas, nos cabe la satisfacción de anunciar desde luego, que hemos solicitado y conseguido de la liberalidad del Sr. Canónigo Dr. D. Saturnino Segurola, tan docto como generoso, que nos franquee algunos manuscritos que tiene acopiados en su selecta biblioteca.*⁵⁴

A “*Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las Provincias del Rio de la Plata*”⁵⁵ começou a ser distribuída ao público ainda em 1835, quando os seus quatro fascículos iniciais foram editados. A lista de subscritores figurava no primeiro deles, e não era curta: totalizava 488 nomes, entre pessoas das Províncias de Buenos Aires e de Córdoba e do Estado Oriental, além dos governos de Buenos Aires e da França⁵⁶ (ver Anexo 3). Nos meses finais daquele ano, De Angelis demonstrava satisfação com o retorno recebido de seus leitores, especialmente dos residentes em Montevidéu, que eram numerosos. Em uma carta enviada ao seu amigo uruguaio Florentino Castellanos, dizia que, apesar do tempo que os trabalhos de edição e impressão da obra lhe tomavam, ia adiante, animado que estava “*con la protección del público, que esta vez ha se mostrado generoso conmigo*”⁵⁷. Entre tantos assinantes, é possível encontrar personagens como Juan María Gutiérrez, Esteban Echeverría e Florencio Varela que em breve fariam parte do Salão Literário de Marcos Sastre (que também era assinante da *Colección*) e da *Asociación de Mayo* e ficariam conhecidos como membros da Geração de 1837, ativo grupo de escritores românticos e opositores do Governo de Rosas⁵⁸.

⁵⁴ DE ANGELIS. Prospecto de una colección, op. cit., p. III.

⁵⁵ Ao longo do texto, nos referiremos a essa obra, também, como *Colección de obras y documentos* ou somente *Colección*.

⁵⁶ DE ANGELIS, Pedro. Lista de los señores suscriptores a la Colección de obras y documentos sobre la historia de las Provincias del Río de la Plata. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, p. I-VIII.

⁵⁷ Carta de don Pedro de Angelis, a Don Floro Castellanos, sobre sus tareas editoriales, la publicación de documentos históricos y envío de algunos impresos. In: BECÚ; TORRE REVELLO, op. cit., p. XLIV.

⁵⁸ Por suas posições políticas, Pedro de Angelis travou uma série de querelas com os intelectuais da Geração de 1837, um grupo de escritores e pensadores argentinos alinhados com ideias liberais e opositores de Rosas. De Angelis nunca chegou a compartilhar das mesmas ideias políticas e do prestígio que acabaram recebendo, posteriormente, os homens deste círculo letrado, como Sarmiento, Echeverría, Rivera Indarte e Alberdi. Nos próximos capítulos, os embates entre De Angelis e os intelectuais que se opunham a Rosas serão retomados. Sobre a Geração de 37, ver, por exemplo: MYERS, Jorge. La revolución en las ideas: la generación romántica de 1837 en la cultura y en la política argentinas. In: GOLDMAN, Noemi (coord). *Nueva Historia Argentina*. Tomo III:

Em uma carta escrita em 31 de outubro de 1835, Varela contava a Gutiérrez que o prospecto da coleção de Pedro de Angelis havia chegado em suas mãos. Dizia:

*Ese de Ángelis, dotado de tanta capacidad cuanta es la perversidad de su carácter, ha hecho llegar a mis manos no sé por mano de quién el Prospecto de la Colección de obras y documentos inéditos relativos à la Historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata. El Editor puede, en mi sentir, hacer una publicación importantísima porque tiene abundantes materiales, de los que algunos debe a mi necia condescendencia y a mi fácil credulidad. Quiero, pues, que tenga V. la bondad de subscribirme con mi nombre a esa publicación, corriendo V. con recoger los cuadernos y enviármelos mensualmente, es decir, cuando haya dos reunidos, y así sucesivamente. Si se imprimen algunos ejemplares en papel mejor y la diferencia de precio es corta, no repare V. en ello para procurarme lo mejor.*⁵⁹

Florencio Varela, como vimos na correspondência, mesmo reconhecendo a potencialidade e a importância da *Colección*, não via com bons olhos o seu editor e lançava desconfianças sobre a forma como ele havia alcançado os documentos que publicaria, afirmando que alguns teriam sido conseguidos, inclusive, graças à sua própria ingenuidade e condescendência⁶⁰. O mesmo ocorria com Esteban Echeverría: ele apoiava e adquiria a coleção, mas seria um dos principais antagonistas de Pedro de Angelis, especialmente em razão de sua atuação como defensor e publicista dos atos e das ideias de Juan Manuel de Rosas. Na já famosa e discutida polêmica protagonizada entre os dois, que teve como estopim uma crítica de De Angelis à obra “*Dogma Socialista*” publicada por Echeverría em 1846⁶¹, o intelectual argentino fez duros julgamentos sobre a *Colección*. Em uma série de textos produzidos em 1847 e intitulados “*Cartas a don Pedro de Angelis editor del Archivo Americano*”, Esteban Echeverría dizia, dirigindo-se ao italiano, que, quando aquela obra foi anunciada, todos “*los que habian visto con dolor malgastar desde el año 26 [sic] su inmenso talento en las efímeras ojas de la*

Revolución, República, Confederación (1808-1852). Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1999; AMANTE, Adriana. *Poéticas y políticas del destierro*. Argentinos en Brasil en la época de Rosas. Buenos Aires: FCE, 2010; WASSERMAN, Fabio. La Generación de 1837 y el proceso de construcción de la identidad argentina. *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani*. Tercera serie, núm. 15, 1997, pp. 7-34.

⁵⁹ De Florencio Varela, Montevideo, a Juan María Gutiérrez, 31-X-1835. In: MOGLIA, Raúl; GARCÍA, Miguel (ed.). *Archivo Del Doctor Juan María Gutiérrez*. Epistolario. Tomo I, Buenos Aires: Biblioteca del Congreso de la Nación, 1979, p. 190.

⁶⁰ Apesar de não saber do que se trata esta queixa de Florencio Varela, veremos nos próximos capítulos que a partir da década de 1840 Pedro de Angelis foi acusado por sujeitos do mesmo grupo intelectual de ter roubado as obras e o conjunto de documentos que possuía dos arquivos e bibliotecas públicas de Buenos Aires.

⁶¹ O debate entre De Angelis e Echeverría é bastante citado na historiografia. Em janeiro de 1847, alguns meses após a publicação do “*Dogma Socialista*” por Esteban Echeverría, Pedro de Angelis escreveu para o *Archivo Americano* o artigo “*Dogma Socialista: juicios sobre este libelo*”. Nele, o italiano classifica a obra como escrita por “traidores”, ‘submetidos a influências estrangeiras’, ‘inimigos dos defensores da lei’ e dos ‘protetores dos direitos do povo’” (SCHEIDT, op. cit., p. 100). Echeverría respondeu utilizando o mesmo tom, “acusando De Angelis de ser o principal representante da ‘*imprensa mazorqueira*’, além de ser ‘estrangeiro mercenário’ e ‘difamador’” (Idem).

*prensa periódica, exclamaron: ya lo verán lo que es ese napolitano, ya tiene cancha para su ingenio; nada menos que historiador [...]*⁶². No entanto, apesar da expectativa dos leitores sobre a *Colección*, prosseguia o argentino, “*¡cual fué el asombro, al ojear con avidez los Documentos!... No había allí luz alguna, sino fájrago, fájrago en infólios*”⁶³. Para Echeverría, teria sido “*más útil al país*” que De Angelis “*guardase archivados todos esos Documentos*” até que outro estudioso “*los clasifícase y ecsaminase á luz de alta y filosófica critica, los ilustrase con anotaciones concienzudas y mejor escritas que las suyas, y los regalase impresos á su pátria y á la ciencia histórica*”⁶⁴.

Segundo Adriana Amante, as queixas de Florencio Varela e de Esteban Echeverría têm maior relevância quando se imagina que os dois amigos compartilhavam com De Angelis o afã colecionista⁶⁵, o interesse pelo passado do Prata e, como ele, possuíam grandes bibliotecas, mas, no entanto, se encontravam em campos ideológicos distintos. Os dois românticos opositores de Rosas postulavam-se “*como custodios de su patrimonio*” e estavam “*abocados en la tarea de darle forma y sustancia a la memoria de la pátria*”⁶⁶, mas assistiam ao italiano “*lacayo del Restaurador*”⁶⁷ promover e concluir uma “*Colección de obras y documentos*” sobre a história platina que iniciava com uma dedicatória endereçada ao governador da Província de Buenos Aires.

1. 1. Uma *Colección* dedicada a Juan Manuel de Rosas

Junto à lista de subscritores da *Colección*, um deles se destacava: encabeçando a nominata e em letras garrafais estava não só o governo da Província de Buenos Aires, acompanhado do governo francês, mas também o “*Exmo. Señor BRIGADIER GENERAL D. JUAN MANUEL DE ROSAS, RESTAURADOR DE LAS LEYES, GOBERNADOR Y CAPITAN GENERAL*”⁶⁸ (ver Anexo 3). Este não era o único lugar ocupado por Rosas na obra de Pedro de Angelis: era ao governador que o erudito dedicava a sua coletânea de documentos. A

⁶² ECHEVERRÍA, Esteban. *Cartas a don Pedro de Angelis editor del Archivo Americano*. In: _____. Dogma Socialista y otras páginas políticas. Buenos Aires: Ediciones Estrada, 1948, p. 199.

⁶³ Idem.

⁶⁴ Idem, p. 201. Pela crítica de Esteban Echeverría se pode verificar que mesmo no Rio da Prata da primeira metade do século XIX já apareciam as emergentes tensões entre o trabalho dos antiquários e as novas demandas exigidas pela prática de pesquisa sobre o passado que previam uma organização mais sistemática das fontes documentais e “por isso mesmo mais apta para o trabalho daqueles que se dispunham ao exercício da crítica histórica” (GUIMARÃES, Entre amadorismo e profissionalismo, op. cit., p. 187).

⁶⁵ AMANTE, op. cit, 231.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ ECHEVERRÍA, op. cit., p. 13.

⁶⁸ DE ANGELIS, Lista de los señores suscriptores a la *Colección*, op. cit., p. I.

dedicatória estava expressa e impressa na forma de um texto, através do qual o editor laureava o governante (ver Anexo 4), e de um retrato seu, encomendado especialmente para a ocasião⁶⁹ (ver Anexo 5). Ambas homenagens deveriam integrar as primeiras laudas do volume inaugural, conforme as recomendações que De Angelis dava aos seus leitores quanto à disposição dos fascículos no conjunto final da obra⁷⁰.

Dedicar a *Colección* a Juan Manuel de Rosas e colocá-la “*bajo sus poderosos auspicios*”⁷¹ significava, para Pedro de Angelis, que a obra merecia o auxílio do governo para manter-se através do tempo e dos tomos pretendidos; apoio que poderia ir além do uso da *Imprenta del Estado* para sua publicação e da aquisição dos seus números. Editar e imprimir uma coleção de documentos históricos do porte daquela imaginada por De Angelis demandaria não só um longo tempo de trabalho de seu autor, entre buscas e cópias de documentos — para cuja tarefa, muitas vezes, contratava copistas — estudos, investigações, traduções e escrita⁷², mas despenderia recursos em materiais chave para a tarefa editorial, como papéis e outros insumos para impressão. Em troca da proteção recebida, De Angelis projetava fazer de sua obra um instrumento de defesa de Rosas e das suas ideias federalistas, construindo uma imagem positiva do governante e de seu projeto. Não é por acaso que na dedicatória ele escrevia ao general que: “*Si la obra que tengo el honor de presentarle logra merecer sus sufragios, y hacerse digna de su ilustrada protección, habré conseguido en gran parte el objeto que me propuse al emprenderla*”⁷³. É preciso considerar ainda, conforme veremos em outros momentos da tese, que desde 1835 o governo controlava firmemente a imprensa e a opinião pública em sua busca por produzir um consenso em torno de Rosas, censurando manifestações escritas contrárias, “*por lo que dicha opinión debió mostrarse monolíticamente federal y rosista*”⁷⁴. O

⁶⁹ BECÚ; TORRE REVELLO, op. cit., p. 15.

⁷⁰ Segundo Becú e Torre Revello, diferentemente dos textos da coletânea, o retrato de Juan Manuel de Rosas era vendido avulso e deveria ser adquirido diretamente na *Imprenta del Estado* para aqueles que quisessem “adornar” o primeiro tomo, como sugeria Pedro de Angelis (BECÚ; TORRE REVELLO, op. cit., p. 15). Imagino que somente os apoiadores do governo rosista seguiram essa instrução e adicionaram às suas coletâneas a imagem do general. Nenhum exemplar da *Colección* que consultei para esta investigação continha tal figura.

⁷¹ DE ANGELIS, Pedro. Al Excelentísimo Sr. Brigadier General D. Juan Manuel de Rosas. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, s/n.

⁷² Na primeira parte de capítulo, citei uma carta escrita por Pedro de Angelis ao seu amigo Florentino Castellanos. Na mesma epístola, o italiano comentava o seu trabalho na *Colección* dizendo que “*La obra que he emprendido, me tiene ocupado incesantemente, porque, a más de mi intervención como editor, o impresor, tengo que decir algo de mi cuenta, y hacer mis recherches, para acertar lo que tengo que decir. Agregue Ud. la escasez de obra para consultar, de hombres versados en esta clase de disquisiciones; y por fin la brega que tengo con los amanuenses, los impresores, los lenguaraces, los vocabularios imperfectísimos de idiomas indios, y decida Ud. si sobran motivos para enloquecer a un viviente*” (Carta de don Pedro de Angelis, a Don Floro Castellano, op. cit., p. XLIV).

⁷³ DE ANGELIS, Pedro. Al Excelentísimo Sr. Brigadier General D. Juan Manuel de Rosas, op. cit., s/n.

⁷⁴ PAGANI, Rosana; SOUTO, Nora; WASSERMAN, Fabio. El ascenso de Rosas al poder y el surgimiento de la Confederación, 1827-1835. In: GOLDMAN, Noemi (coord). *Nueva Historia Argentina*. Tomo III: Revolución,

próprio uso que o governo fazia da imagem do Restaurador, expressado em retratos como o que Pedro de Angelis juntava à *Colección*, “*evidenciaba una conciencia particularmente sensible al manejo de esos resortes para la producción y expresión del consenso*”⁷⁵. Desta forma, relacionar de forma explícita a obra a Juan Manuel de Rosas, naquele momento, talvez significasse também a garantia da sua impressão e da sua circulação na Província de Buenos Aires, algo como a obtenção de um “*salvoconducto para publicar*” como sugere Rosalía Baltar⁷⁶.

Por essas razões, apesar de, como disse inicialmente, a *Colección* não ter sido encomendada por Juan Manuel de Rosas a Pedro de Angelis, de não haver sido publicada de forma oficial ou como uma iniciativa governamental e, menos ainda, ter tido o amparo de uma instituição de saber estatal como poderia ser comum naqueles tempos, não há como não pensar no governo rosista como o lugar de produção a partir do qual o autor selecionou, reuniu, editou e criticou os seus documentos históricos⁷⁷. De Angelis foi o mais importante jornalista oficial dos dois períodos em que Rosas esteve no poder, entre 1829 e 1852⁷⁸. Sua atuação como editor e articulista nos periódicos *El Lucero* (1829-1833), *Restaurador de las Leyes* (1833) e *El Monitor* (1833) durante os primeiros governos do Partido Federalista na Província de Buenos Aires, em que se sucederam Juan José Viamonte, Juan Manuel de Rosas, Juan Ramon Balcarce e novamente Viamonte⁷⁹, e no *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo* (1843-

República, Confederación (1808-1852). Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1999, p. 286.

⁷⁵ ROMÁN, Cláudia A. Caricatura y política en El Grito Argentino (1839) e ¡Muera Rosas! (1841-1842). In: BATTICUORE, Graciela; GALLO, Klaus; MYERS, Jorge (comp.). *Resonancias románticas*. Ensayos sobre historia de la cultura argentina (1820-1890). Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 2005, p. 52.

⁷⁶ BALTAR, op. cit., p. 119.

⁷⁷ Penso no “lugar de produção” da *Colección* inspirada nas reflexões de Michel de Certeau sobre a escrita da história. Apesar de a obra de De Angelis não ser uma investigação histórica feita a partir dos pressupostos de um saber já disciplinado e de uma instituição de saber, é possível afirmar que a produção da obra “se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural” (CERTEAU, op. cit., p. 66): o governo de Juan Manuel de Rosas, a quem a obra estava dedicada e ao qual Pedro de Angelis estava de alguma forma vinculado. Observei em minha análise, conforme orienta Certeau, que é “em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineiam uma topografia de interesses, que os documentos e as questões que lhe serão propostas, se organizam” (CERTEAU, op. cit., p. 67).

⁷⁸ MYERS, *Orden y virtud*, op. cit., p. 37.

⁷⁹ O fim dos governos unitários em Buenos Aires ocorre com o afastamento de Lavalle e sua substituição por Viamonte no cargo de governador, em agosto de 1829. O governo de Viamonte duraria poucos meses: quem realmente detinha simpatia de parte da população era Juan Manuel de Rosas. Em dezembro do mesmo ano, Rosas foi eleito pela primeira vez governador da província na Sala de Representantes, com poderes especiais como havia condicionado para assumir o cargo. Três anos depois, Rosas foi reeleito, mas renunciou ao novo mandato porque os legisladores não quiseram lhe outorgar, novamente, os poderes extraordinários. Com a renúncia, Juan Ramón Balcarce, identificado à ala dos federalistas contrária às políticas de Rosas, foi designado novo governador. As divisões políticas do Partido Federalista se aprofundam e nas eleições de 1833, com as duas facções federalistas apresentando candidatos distintos, é eleito o grupo que se opõe ao de Rosas, acirrando os ânimos na província. O governo de Balcarce seria breve e teria fim tumultuado: a propaganda em favor do ex-governador e as críticas à administração em curso através da Imprensa (especialmente pelas mãos de Pedro de Angelis e seu *Restaurador de las Leyes*) fizeram o governador instaurar um inquérito sob a acusação de “abuso de liberdade de imprensa”. Neste

1851), publicado no decorrer da segunda gestão de Rosas como governador, foram fundamentais para o comprometimento do erudito com o federalismo rosista. Eduardo Scheidt, em sua tese de doutorado em que analisa a trajetória de três italianos no Rio da Prata e sua importância para a circulação de ideias naquele território⁸⁰, entre os quais Pedro de Angelis, demonstra como os textos do periodista foram explicitando, progressivamente, não só a sua adesão pessoal ao projeto dos federalistas partidários de Rosas, mas a tarefa que assumia na sustentação política do governo do general. De Angelis acabou por ser tornar, nas palavras de Jorge Myers, “*el propagandista culto más eficaz con que podía contar el régimen*”⁸¹.

O ano em que o italiano publicava os primeiros fascículos da *Colección* coincide com o início da segunda e mais duradoura gestão do rosismo. Em 1835, Juan Manuel de Rosas voltava ao comando da Província de Buenos Aires após dois anos afastado, tempo durante o qual havia realizado, como comandante general, a Campanha do Deserto – uma expedição contra os indígenas que habitavam o território ao norte do rio Negro, com o intuito de avançar a fronteira e incorporar aquele espaço à esfera produtiva, sobre a qual tratarei mais adiante. Ele havia sido eleito novamente pela Sala de Representantes no dia 7 de março, agora investido da “*suma del poder público*” da Província durante “*todo el tiempo que a juicio del gobernador electo fuese necesario*”⁸², com o propósito de “*defender y sostener la causa nacional de la Federación que han proclamado todos los pueblos de la República*”⁸³. Àquele momento, fazia pouco menos de um ano que Pedro de Angelis havia firmado contrato para arrendar a *Imprenta del Estado*, tornando-se o tipógrafo do governo. De outro lado, as suas tarefas como periodista eram quase nulas e estavam reduzidas à escrita esporádica de artigos para o jornal *La Gaceta Mercantil*, que tomava, então, uma posição abertamente rosista⁸⁴. O cenário se mostrava ideal para que De Angelis se dedicasse a publicar a sua *Colección*: como não estava comprometido com a edição de nenhum periódico, tinha tempo disponível para buscar os documentos e escrever os textos que fariam parte da obra. Além disso, a imprensa pública estava à sua disposição e a conjuntura política permitia que ele vinculasse seu acalentado projeto pessoal ao

momento, passou a circular o boato de que era Juan Manuel de Rosas quem estava sendo processado e setores da população organizaram-se em protesto; o movimento ganhou fôlego e eclodiu a “Revolução dos Restauradores”. Ainda em 1833, Balcarce abandonou o cargo e a legislatura designou Viamonte como novo governador (HALPERIN DONGHI, Tulio. *De la revolución de independencia a la Confederación Rosista*. Buenos Aires: Paidós, 2010, p. 269; SABOR, op. cit., p. 41-42).

⁸⁰ SCHEIDT, op. cit.

⁸¹ MYERS, *Orden y virtud*, op. cit., p. 38.

⁸² SÁBATO, Hilda; LETIERRI, Alberto Rodolfo. *La vida política en la Argentina del siglo XIX: armas, votos y voces*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003, p. 335.

⁸³ TERVANASIO, Marcela. *Historia de Argentina. 1806-1852*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2009, p. 199.

⁸⁴ SABOR, op. cit., p. 47.

de Juan Manuel de Rosas, que, como vimos, regressava ao poder com faculdades extraordinárias e que garantia ao napolitano, desde 1829, trabalho, certa estabilidade financeira e a possibilidade de ser lido (e, portanto, de circular) na sociedade letrada bonaerense. A *Colección*, publicada com a proteção rosista, garantiria a Pedro de Angelis um ofício além do trabalho na tipografia; melhor do que a última, o trabalho na *Colección* era uma ocupação intelectual que lhe permitiria manter, e até mesmo reforçar, o seu prestígio de sábio, ser reconhecido no círculo letrado e aumentar o seu vínculo com homens de letras e sociedades científicas para além do território americano.

Pedro de Angelis explicitava, logo no início da dedicatória da *Colección* a Rosas, a sua adesão positiva ao governo, imprimindo no alto da página os dizeres “¡VIVA LA FEDERACIÓN!”, marca de identificação rosista que, bem como “Viva la Confederación, Mueran los Salvajes Unitários!”, seria utilizada em periódicos, documentos, textos e correspondências de partidários de Rosas até o final do regime⁸⁵. O uso destas divisas se tornou frequente desde 1835, quando o governo rosista iniciou, gradualmente, a construção de uma nova ordem, marcada pela elaboração de representações simbólicas e de um discurso que se dava em torno da construção de um apoio incondicional à Federação como causa nacional, de um pertencimento a uma comunidade – a Confederação Argentina – e, mais do que tudo, de uma unanimidade política personificada e centralizada na figura de Juan Manuel de Rosas⁸⁶. De Angelis será um dos maiores artífices deste discurso especialmente a partir de 1843, através da escrita de artigos e da reunião de documentos no *Archivo Americano*, periódico oficialista da gestão de Rosas do qual o italiano será editor e que será discutido no próximo capítulo. No entanto, como veremos, na escrita da *Colección* alguns elementos do discurso que forjam a ordem rosista já apareciam em diversos momentos.

Segundo Eduardo Scheidt, em seus artigos publicados em *El Monitor* no período em que Rosas esteve afastado do poder, em 1833 e 1834, o erudito italiano reivindicava o retorno do general ao governo da província de Buenos Aires, apontando-o como o único sujeito capaz

⁸⁵ MYERS, *Orden y virtud*, op. cit., p. 32.

⁸⁶ MYERS, *Orden y virtud*, op. cit., p. 32; SCHEIDT, op. cit., p. 94; BERNALDO DE QUIRÓS, op. cit., p. 233. O longo segundo governo de Juan Manuel de Rosas foi caracterizado pelo acirramento dos traços autoritários do regime e o aumento da ingerência nas outras províncias, buscando, na prática, uma unidade política sem a constituição de um governo nacional. O regime procurava legitimação substituindo a disputa de facções pela construção de uma unanimidade política em torno de Juan Manuel de Rosas. Segundo Marcela Ternavásio, a ordem rosista paulatinamente assentou-se sobre a marca da “unanimidade” quando as eleições passaram a ter caráter plebiscitário. Ocorre que as práticas eleitorais continuaram sendo importantes e foram consideradas como forma de legitimar o novo regime, que procurava se justificar na “vontade geral”. Para Ternavásio, essa era uma das maiores ambiguidades do regime rosista: combinar antigas concepções de unanimidade com modernas formas de participação política (TERNAVÁSIO, Marcela. *La Revolución del voto*. Política y elecciones en Buenos Aires, 1810-1852. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2002, pp. 175-245).

de “salvar a pátria” das persistentes ameaças à ordem e às instituições de que eram responsáveis tanto pelas facções federalistas rivais ao grupo rosista quanto pelos governos das províncias do interior⁸⁷. Na Dedicatória da *Colección*, há um parágrafo em tom laudatório no qual De Angelis se dirigia ao general justamente para afirmar que:

*Los importantes servicios que V.E. ha prestado á la Patria, le han colocado justamente en el número de los Génios Tutelares, que aparecen de tiempo en tiempo para reparar los males que agobian á los pueblos y cimentar en leyes benéficas su futura prosperidad y engrandecimiento.*⁸⁸

Juan Manuel de Rosas era, pois, segundo a concepção formulada por ele mesmo e seu grupo, o *Restaurador de las Leyes*: o governador surgia como um “gênio tutelar” capaz de “reparar os males” e de garantir a ordem e a estabilidade do “pueblo” argentino. As “leis benéficas” que garantiriam a “futura prosperidade e engrandecimento” da Argentina não eram somente alusões ao corpo de disposições jurídicas promulgado naquele espaço desde a Revolução e que as alterações efetuadas nos dois governos rosistas em uma porção importante da legislação rivadaviana pretendiam reparar⁸⁹. Jorge Myers assinala que, na retórica do regime, as “leis” eram também a expressão de uma “orden moral transcendente, que el rosismo consideraba había sido contestado y violado por los rivadavianos”⁹⁰ e que, encarnada em Rosas, era recuperada para combater a instabilidade e a anarquia. O “espírito de ordem” do general era exaltado por Pedro de Angelis logo no quarto fascículo publicado para a *Colección*. No “discurso preliminar” produzido para a “*Descripción de Patagonia y las partes adyacentes de la América Meridional*” do padre jesuíta Tomas Falkner, o erudito napolitano tentava convencer o seu público da importância e do crédito que tinha aquela fonte, já que havia servido

⁸⁷ SCHEIDT, op. cit., p. 94.

⁸⁸ DE ANGELIS, Pedro. Al Excelentísimo Sr. Brigadier General D. Juan Manuel de Rosas, op. cit., s/n.

⁸⁹ Um exemplo é a questão da imprensa. Enquanto o projeto reformista de Bernadino Rivadavia tinha a pretensão de promover uma nova cultura literária “a partir de la introducción de la Ley de Prensa sancionada por el gobierno, que permitiría la emergencia de un mayor número de diarios considerados indispensables a la[...] difusión de las nuevas ideas ligadas a corrientes europeas [...]” (GALLO, op. cit., p. 185), em seu primeiro mandato como governador, Juan Manuel de Rosas utilizou suas faculdades extraordinárias para realizar medidas que foram restringindo a liberdade de imprensa. Segundo Wasserman, “entre éstas se destaca el Decreto sancionado en febrero de 1832 que sometía a la prensa a un mayor control del gobierno, el cual se incrementó durante su segundo gobierno (1835-1852) al contar también con la suma del poder público” (WASSERMAN, Fabio. Libertad de imprenta y sus límites: prensa y poder político en el Estado de Buenos Aires durante la década de 1850. Almanack Braziliense. São Paulo, n°10, p. 130-146, nov. 2009, p. 134).

⁹⁰ MYERS, *Orden y virtud*, op. cit., pp. 75-76. Um componente importante do imaginário construído pelos rosistas foi a imagem de uma república ameaçada por um grupo conspirador, os unitários: eles seriam um “grupo irreformable de alienados mentales, perversos morales y e herejes, siempre dispuesto a subvertir el orden institucional. Ellos constituían la principal amenaza a la continuidad de la república” (SALVATORE, Ricardo. Consolidación del Régimen Rosista, 1835-1852. In: GOLDMAN, Noemí (dir.). *Nueva Historia Argentina*. Tomo III. Revolución República, Confederación (1808-1852). Buenos Aires: Editorial Sudamérica, 1998, p. 335).

para a produção do “*gran mapa de América Meridional, del que se ha valido el Sr. Arrowsmith, y que publicó en Madrid en 1775, D. Juan de la Cruz Cano y Omedilla*”⁹¹. Logo em seguida, no entanto, De Angelis afirmava que o diário da expedição ao Colorado e ao Rio Negro realizada “*al mando del Ilustrado General ROSAS*” estava destinado a “eclipsar” aqueles documentos anteriores, inclusive o próprio relato de Falkner⁹². Isso porque

*El espíritu de orden, que no es la menor prenda de este benemérito Magistrado, ha presidido á todas las operaciones de su memorable campaña, y no dudamos que cuando las demás atenciones que le rodean le dejen el tiempo necesario para coordinar los materiales preciosos que tiene acopiados, se derramará una gran luz sobre el territorio y las tribus que ha conquistado. Lo que se ha impreso ya, aunque en trozos asilados, da una idea sumamente ventajosa de estos trabajos, que, á más de las operaciones militares, abrazan la topografía, los cálculos astronómicos y los reconocimientos hidrográficos. Solo entonces podrán rectificarse las imperfecciones de los demás viages existentes; porque esta nueva descripción de un país poco conocido, la hace el que lo ha examinado, y hecho examinar bajo los auspicios de la victoria.*⁹³

De Angelis utilizava a sua narrativa sobre a “*Descripción*” de Thomas Falkner para demonstrar aos leitores que Juan Manuel de Rosas havia sido bem-sucedido em sua “memorável” Campanha do Deserto justamente pela sua capacidade de impor a ordem nos espaços de fronteira indígena ao sul de Buenos Aires. Mais do que isso: graças ao comando do general naquela expedição, também havia sido possível elaborar uma série de trabalhos topográficos, astronômicos e hidrográficos que, no futuro, derramariam “uma grande luz sobre o território e as tribos” conquistadas. A nova descrição “de um país pouco conhecido” elaborada por Rosas ajudaria, segundo o erudito, a retificar as imperfeições de outros relatos de viagens já produzidos, como aqueles que estavam sendo publicados na *Colección*. Enquanto o general argentino não publicava os seus “materiais preciosos” que abordavam a Pampa e a Patagônia, Pedro de Angelis buscava, selecionava e criticava outros documentos sobre aquela e outras regiões do Prata para reuni-las na *Colección* e possibilitar que, através delas, se pensasse o passado e o presente da Confederação Argentina.

⁹¹ DE ANGELIS. Discurso preliminar a la traducción castellana de la Descripción de Patagonia por Falkner. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, s/n, p. VII)

⁹² DE ANGELIS. Discurso preliminar a la traducción castellana de la Descripción de Patagonia por Falkner, op. cit., pp. VII.

⁹³ DE ANGELIS. Discurso preliminar a la traducción castellana de la Descripción de Patagonia por Falkner, op. cit., pp. VII-VIII.

1. 2. A *Colección* como busca e reunião de documentos históricos

Movida pelo “gosto do arquivo”⁹⁴ e pelo ânimo de publicar sua *Colección*, a busca que De Angelis fez por documentos na década de 1830 foi exaustiva, especialmente em coleções privadas, mas também nos poucos (e caóticos) arquivos públicos existentes em Buenos Aires naquele período⁹⁵. A maior parte das fontes históricas editadas em sua obra eram consultadas, tomadas de empréstimo ou mesmo compradas de acervos e bibliotecas pessoais de outros letrados colecionadores, como os que o italiano agradecia e rendia homenagens em diversos momentos da *Colección*, como o padre Saturnino Segurola, José Joaquín de Araújo, Tomás Manuel de Anchorena, Baldomero García e Luiz de la Cruz⁹⁶. Outros documentos provinham de papéis guardados pelas famílias de Pedro Cerviño, José Maria Cabrer y Pablo Zizur, exploradores e demarcadores dos limites hispânicos com os domínios portugueses nos últimos anos do domínio espanhol, ou de documentos que De Angelis encontrava em fundos públicos, como a Biblioteca Pública, os arquivos do *Fuerte de Buenos Aires* e o *Archivo General de la Provincia de Buenos Aires*⁹⁷.

⁹⁴ Ao narrar o trabalho de Leopold Van Ranke nos arquivos e nas bibliotecas da Europa, Anthony Grafton, tomando emprestado o termo de Arlette Farge, comenta que o “*goût de l’archive*” foi uma das maiores descobertas do início do Oitocentos (GRAFTON, Anthony. The Footnote from De Thou to Ranke. *History and Theory*, 33(4), 1994, p. 53).

⁹⁵ Teresa Zweifel afirma que “*es cierto que tanto la Biblioteca Nacional como el Archivo General de la Nación y el Archivo del Departamento Topográfico eran, en este período de formación, una suerte de gabinetes de curiosidades sin criterios de ordenamiento y catalogación*” (ZWEIFEL, Teresa. La Colección de Pedro de Angelis y la circulación de la cartografía en el Río de la Plata (1827-1853). *Estudios de Teoría Literaria-Revista digital: artes, letras y humanidades*, v. 3, n. 5, 2014, p. 180). Saberemos mais sobre a relação de Pedro de Angelis (e do governo rosista) com o *Archivo General*, a Biblioteca Pública e o Departamento Topográfico da Província de Buenos Aires nos próximos capítulos.

⁹⁶ Voltarei a trabalhar sobre a compra, a consulta, a cópia e o empréstimo de documentos por Pedro de Angelis em Buenos Aires no capítulo final desta tese. De qualquer forma, um exemplo da rede privada estabelecida por Pedro de Angelis para encontrar documentos para a *Colección*, do conhecimento que ele tinha sobre a localização das diferentes cópias manuscritas e dos agradecimentos que dispensava a quem lhe permitia acessar suas coleções pessoais está no “*Discurso Preliminar a la Historia del Padre Guevara*”. Ao fim do texto que pertencia ao segundo tomo da *Colección*, De Angelis escrevia: “*El manuscrito de que nos hemos valido, pertenece à la selecta biblioteca del Señor Canónigo, Dr. Saturnino Segurola, á quien volvemos à tributar públicamente nuestra gratitud, por el vivo empeño que toma en el buen éxito de nuestra empresa. A más de esta copia, tenemos noticia de otras dos que existen en Buenos Aires: la una en la biblioteca pública, y la otra en poder de la familia del finado D. José Joaquín de Araújo. En el convento de los PP. Dominicos de los Lules, en la provincia de Tucumán, debería conservarse el ejemplar que les ofreció el autor, por la cariñosa hospitalidad que le dispensaron; y no sería improbable que fuese este el más completo de todos los que hemos mencionado*” (DE ANGELIS, Pedro. *Discurso Preliminar a la Historia del Padre Guevara*. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, p. VII). Na lista de assinantes da *Colección* publicada nos primeiros fascículos da obra, Pedro de Angelis havia feito a seguinte observação em uma nota colocada no nome do Dr. Saturnino Segurola (ver em Anexo 2): “*Si no nos hubiese retraído el temor de ofender la modestia de este benemérito y doctor Argentino, le hubiéramos dado un lugar privilegiado en esta lista; por ser realmente, no un simple suscriptor de nuestra obra, sino el que la fomenta y protege*” (DE ANGELIS, Pedro. Lista de los señores suscriptores, op. cit., p. VI)

⁹⁷ CRESPO, op. cit., p. 301.

Já que recolhia manuscritos e papéis que encontrava espalhados em tão diversas mãos e em tão distintos depósitos, Pedro de Angelis tinha pleno conhecimento do estado em que se encontrava a documentação que tratava o passado da região do rio da Prata e que ainda estava naquele território. Não é por acaso que, em mais de uma ocasião no decorrer de sua obra, ele criticava o descaso da administração colonial hispânica em relação à guarda dos documentos americanos, especialmente os oficiais, que, para ele, “*contenian la historia más auténtica del virreinato*”⁹⁸. De Angelis afirmava que enquanto “*en todas partes se franquean con generosidad*”⁹⁹ os arquivos, o vice-reinado do Rio da Prata os “*ocultava indistintamente á toda clase de personas, renunciando de este modo al fruto de las investigaciones de los hombres ilustrados*”, e concluía que

*Si se hubiese puesto la misma vigilancia en conservar que en esconder, no tendríamos que lamentar la dispersión de tantos materiales, que interrumpen la serie de las tradiciones más interesantes. Los mismos informes de los Virreyes, que merecían un particular cuidado, han sido envueltos en estas pérdidas, que talvez deban tenerse por irreparables.*¹⁰⁰

A crítica e o incômodo de Pedro de Angelis são compreensíveis: boa parte dos documentos relacionados à história colonial da América Hispânica passaram a ser concentrados e armazenados no *Archivo de Índias* em Sevilha a partir da segunda metade do Setecentos, especialmente por conta dos esforços de Juan Bautista de Muñoz¹⁰¹. Do outro lado do Atlântico, no entanto, não havia uma instituição da Coroa própria para a guarda dos papéis administrativos e oficiais: eles eram armazenados nas diferentes sedes dos governos locais e, muitas vezes, ficavam em posse dos funcionários reais¹⁰². Além disso, com a expulsão da Companhia de Jesus do território americano, muitos dos escritos provenientes das missões e produzidos pelos religiosos da Ordem se perderam, foram levados à Europa pelos exilados ou foram conservados na América, guardados nas bibliotecas de padres ou das igrejas. Aquela documentação que permaneceu no continente, fosse civil ou religiosa, acabou se dispersando pelo espaço

⁹⁸ DE ANGELIS, Pedro. Discurso sobre el Informe del Virey Arredondo. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, p. III.

⁹⁹ ANGELIS, Discurso sobre el Informe del Virey Arredondo, op. cit., p. I.

¹⁰⁰ ANGELIS, Discurso sobre el Informe del Virey Arredondo, op. cit., p. II.

¹⁰¹ THOMAS, Jack Ray. The Role of Private Libraries and Public Archives in Nineteenth-Century Spanish American Historiography. *The Journal of Library History*, vol. 9, n. 4, 1974, p. 334; CAÑIZARRES ESGUERRA, Jorge. *Cómo escribir la historia del Nuevo Mundo: Historiografías, epistemologías e identidades en el mundo del Atlántico del siglo XVIII*. México: FCE, 2007, p. 297.

¹⁰² PODGORNÝ, Irina. Mercaderes del pasado: Teodoro Vilardebó, Pedro de Ángeles y el comercio de huesos y documentos en el Río de la Plata, 1830-1850. *Circumscribere: International Journal for the History of Science*, v. 9, 2011, p. 33.

americano após a dissolução do Império espanhol¹⁰³ em mãos dos “*llamados curas ilustrados, los pilotos, los ingenieros geógrafos del Real Cuerpo de Ingenieros o, simplemente, los empleados, es decir, aquellas personas que como trabajo producían papeles y legajos*”¹⁰⁴. No que tange à Argentina especificamente, a Independência veio acompanhada de instabilidade política, insurreições e desordem administrativa, o que impossibilitou, em um primeiro momento, o estabelecimento e o ordenamento de arquivos e repositórios públicos de documentos históricos ou de instituições de saber que estimulassem a catalogação e a reunião de fontes do passado ou que incentivassem e disciplinarizassem a escrita da história¹⁰⁵. Os manuscritos passaram a circular quase exclusivamente em redes privadas e a ser armazenados em coleções particulares, ficando sujeitos às regras do comércio e aos interesses de conservação de seus donos e herdeiros.

No proêmio escrito ao “*Reconocimiento del Rio Pepiri-Guazú*” de José Maria Cabrer, comissário e geógrafo responsável por uma partida demarcadora de limites no Vice-Reinado do Rio da Prata durante o período colonial, Pedro de Angelis demonstrava sua preocupação com o futuro dos documentos em posse da viúva daquele ex-funcionário da Coroa. O italiano publicava o “*Reconocimiento*”, um extrato de um Diário de Cabrer e afirmava:

*Ocupado en coordinar los infinitos materiales que había juntado para la historia de la demarcación de límites, cifraba su ambición de dejar este monumento de su aplicación, y del mérito de sus colegas. Consta de cuatro tomos, de más de 2,000 páginas, ilustradas con muchos planes y mapas, contruidos y dibujados por su autor. Esta obra, fruto de ímprobos trabajos y de preciosos documentos auténticos, está inédita en poder de la viuda del Coronel Cabrer, de cuyas manos es probable que no tarde en salir para sepultarse en algún archivo secreto. Si así fuera, lo único que quedará para el público de este laborioso oficial, serán estas pocas páginas de su reconocimiento del rio Pepirí.*¹⁰⁶

Segundo De Angelis, “preciosos documentos autênticos” como aqueles de José Maria Cabrer corriam o risco de “sepultar-se em algum arquivo secreto” sem nunca ter sido conhecidos ou estudados¹⁰⁷. Desta maneira, o desaparecimento e a dispersão da documentação

¹⁰³ CAÑIZARRES ESGUERRA, op. cit.

¹⁰⁴ PODGNORNY, op. cit., p. 33.

¹⁰⁵ BUCHBINDER, op. cit., p. 59-61; THOMAS, op. cit., p. 334-335. A criação em 1821 do *Archivo General de la Provincia de Buenos Aires*, hoje *Archivo General de la Nación*, foi uma exceção, como veremos no próximo capítulo.

¹⁰⁶ DE ANGELIS, Pedro. Proemio al Reconocimiento del Pepiri. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Tomo cuarto. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, p. IV.

¹⁰⁷ Se não acabaram “sepultados em algum arquivo secreto”, alguns dos documentos de José Maria Cabrer herdados por sua esposa tiveram como destino outras coleções pessoais, como a do próprio Pedro de Angelis, como se verá no capítulo 3.

seria um problema a resolver: sem buscar, reunir e tornar públicos os documentos, não havia como escrever a história de “*un país donde los estudios están aún en su infancia*”¹⁰⁸. Tal qual Augustin Thierry, De Angelis pretendia “remover a poeira das crônicas e publicar os documentos”¹⁰⁹. É com essa justificativa que ele leva a público na *Colección*, por exemplo, o escrito “*Expedición al Chaco por el Río Bermejo*”, produzido por D. Adrian Fernandez Cornejo em 1790 após uma expedição para demonstrar a navegabilidade daquele rio. Segundo o erudito italiano, depois de “*correr los trámites de un expediente ordinario*”, aquele documento administrativo “*fué entregado al polvo de los archivos*” e era por isso que sua impressão “*no debe mirarse como superflua*”: sem ela, “*talvez se hubiera perdido hasta el recuerdo de este viage*”¹¹⁰. No mesmo sentido, De Angelis afirmava que lhe havia “*cabido la suerte de sacar del olvido*”¹¹¹ a “*Historia del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán*”, do missionário jesuíta Padre José Guevara que, então, recebia sua primeira edição impressa.

Na já citada correspondência remetida em fins de 1835 por Pedro de Angelis ao uruguaio Florentino Castellanos, o letrado esclarecia em definitivo a principal intenção que tinha ao reunir e configurar a sua *Colección* documental. O italiano escrevia que com aquela publicação, levaria ao público “uma porção de documentos importantes que jaziam sepultados”, os quais objetivava “tirar do esquecimento, e preservar da destruição”, derramando, assim, “uma grande luz sobre a história do país”:

*Es verdad que, sin atribuirme otro merito, puedo creerme con el sacar del olvido, y preservar de la destrucción á una porción de documentos importantes que yacían sepultados, hace siglos, en los rincones más retirados del mundo. Su publicación derramará una gran luz sobre la historia del país, y los que quieran ocuparse de ella no sentirán la falta de materiales y noticias, como ha sucedido hasta ahora*¹¹².

A frase que encerra a citação acima afiança a ideia defendida por Fábio Wasserman, para quem homens como Pedro de Angelis contentavam-se em “*recopilar materiales para que éstos pudieran ser examinados en el futuro*”¹¹³. Para o historiador argentino, a coleção de

¹⁰⁸ DE ANGELIS, Pedro. Proemio al Itinerário de Buenos Aires á Córdoba. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1838, p. II.

¹⁰⁹ HARTOG, François. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 151.

¹¹⁰ DE ANGELIS, Pedro. Discurso Preliminar a la Expedición de Cornejo al Chaco. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, p. V.

¹¹¹ DE ANGELIS, Discurso Preliminar a la Historia del Padre Guevara, op. cit., p. V.

¹¹² Carta de don Pedro de Angelis, a Don Floro Castellanos, op. cit., p. XLIV-XLV.

¹¹³ WASSERMAN, *Entre Clío y la Polis*, op. cit., p. 80.

documentos do italiano era “*una práctica erudita pero desligada de un discurso capaz de dotar de sentido al pasado*”¹¹⁴, pois não existiriam condições favoráveis, na Buenos Aires da primeira metade do século XIX, para construir “*una narrativa en cuya trama cobren sentido los hechos del pasado*”¹¹⁵. Apesar de concordar com o autor de que não há como pensar na *Colección de obras y documentos* como um relato típico de uma história nacional Oitocentista, não percebo a obra de De Angelis como uma “*práctica sin discurso*”¹¹⁶. Entendo que o trabalho de Pedro de Angelis na coletânea indica uma transição da erudição e do antiquariato a uma história crítica e pragmática, movimento característico da primeira metade do XIX, quando a História iniciava seu caminho em direção à metodização e à profissionalização¹¹⁷; passava-se, naquele momento, como afirma Manoel Luiz Salgado Guimarães, a “conferir ao interesse erudito pelas coisas passadas um sentido presente no esforço de reflexão do passado”¹¹⁸. Naqueles primeiros anos do Oitocentos, os documentos iam se tornando relevantes e revelavam os projetos políticos dos grupos que se responsabilizaram por forjar uma identidade nacional a partir da seleção, reunião e interpretação daqueles materiais. Ainda segundo Salgado Guimarães, “antigas competências relativas aos manuscritos do passado são ressignificadas a partir de novas exigências da escrita de uma história nacional”¹¹⁹.

Ressalto que não era só na Europa da “*Monumenta Germaniae Historica*” (1826), da “*Collections de Documents Inédits sur l’Histoire de France*” (1835)¹²⁰ e de Thierry, Guizot e Michelet que esse movimento ocorria: na América de meados do século XIX, diversos sujeitos passaram a dedicar-se à edição de documentos do passado vislumbrando a conformação dos Estados Nacionais, todos sendo gestados após as Independências, e orientando as possibilidades futuras de escrita das suas histórias¹²¹. No México, Joaquín García Icazbalceta se esforçou, já na década de 1840, para garimpar, imprimir e tornar públicos manuscritos do século XVI com objetivo de “*allanar el camino para que marche con más rapidez y con menos estorbos el ingenio a quien esté reservada la gloria de escribir la historia de nuestro país*”¹²². No Brasil,

¹¹⁴ Idem, p. 69.

¹¹⁵ Idem, p. 81.

¹¹⁶ Idem, p. 69.

¹¹⁷ GUIMARÃES, Entre amadorismo e profissionalismo, op. cit., p. 185.

¹¹⁸ GUIMARÃES, Vendo o passado, op. cit., p. 29.

¹¹⁹ GUIMARÃES, Entre amadorismo e profissionalismo, op. cit., pp. 185-186.

¹²⁰ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013, p. 528.

¹²¹ Conforme Horacio Crespo, “la mayor parte de los historiadores latinoamericanos del siglo XIX fueron eruditos que reconocieron, en consonancia con las corrientes historiográficas europeas más novedosas, la importancia de la documentación y la crítica de fuentes para construir obras” (op. cit., p. 308).

¹²² apud FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. Las crónicas coloniales como fuentes históricas: el trabajo de la erudición ochocentista en la edición e interpretación de textos coloniales (México, EEUU, Argentina y Brasil). In: HURTADO, Liliana Regalado (org.). *Las crónicas coloniales: fuentes para historias comparadas*. Lima: PUCP; Museo Nacional de Arqueología, Antropología e Historia del Perú, 2013, p. 155. Em 1858, García

os letrados do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob a proteção e o patrocínio de Dom Pedro II, preocupavam-se em publicar em sua *Revista*, desde 1839, os escritos que estabeleciam como documentos da nacionalidade que se queria narrar e construir. Na Argentina rosista, era Pedro de Angelis que intentava cumprir esse papel.

A partir de 1835, ainda que sem a elaboração de uma constituição escrita ou a existência de um governo típico de um Estado nacional moderno¹²³, Juan Manuel de Rosas revestia o seu poder de uma “legitimidade nacional”¹²⁴ ao exercer o controle sobre os governos provinciais, mesmo que, no discurso político, ressaltasse a autonomia das províncias¹²⁵ acordada no Pacto Federal de 1831¹²⁶. O governador de Buenos Aires intervinha na organização política das províncias quando julgasse necessário, prática que se tornou frequente em seu segundo governo; também era Juan Manuel de Rosas o representante do conjunto das províncias no exterior, por delegação daquelas. Em um de seus escritos que integram a *Colección de obras y documentos*, Pedro de Angelis descreveu a Confederação rosista como um “*gran cuerpo político, cuya cabeza es Buenos Aires*”¹²⁷. Assim, Buenos Aires – e Rosas por antonomásia – ia sendo constituído como o centro, ou a “cabeça” como preferia De Angelis, daquele “grande corpo político” que era a Confederação Argentina. Segundo Eduardo Scheidt, era sob essa denominação que os defensores do regime, tendo Pedro de Angelis como principal articulador, propagavam e defendiam a existência “de fato” de uma nação durante a segunda administração rosista. Para os apoiadores de Rosas, ela era “claramente estendida ao território das demais províncias, passando a ser a principal comunidade de pertencimento, sobrepondo-se às identidades provinciais”¹²⁸; era necessário, afinal, expressar, no campo das ideias, o fortalecimento do poder de Buenos Aires, personificado em Rosas¹²⁹. Neste sentido, penso que na *Colección De Angelis* não reunia documentos de forma neutra: compilando-os, ele construía um discurso para o rosismo, dando passos na tentativa de conferir alguma historicidade à

Icazbalceta publicou, em tomos, a “*Colección de documentos para la historia de México*”.

¹²³ GONZÁLEZ BERNALDO DE QUIRÓS, op. cit.; CHIARAMONTE, Jose Carlos. *Cidades, províncias, Estados*. Origens da nação argentina (1800-1846). São Paulo: Editora HUCITEC, 2009.

¹²⁴ GONZÁLEZ BERNALDO DE QUIRÓS, op. cit., p. 46.

¹²⁵ TERNAVASIO, *Historia de la Argentina*, op. cit., p. 211.

¹²⁶ Segundo o Pacto Federal firmado em 1831, as províncias tinham caráter soberano em “*en una laxa confederación que, sin perder su carácter provisorio, se prolongó en el tiempo hasta la caída de Rosas y la sanción de la Constitución de 1853*” (PAGANI; SOUTO; WASSERMAN, op. cit., p. 304).

¹²⁷ DE ANGELIS, Pedro. Proemio al Diario de Hernandez. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, p. II.

¹²⁸ SCHEIDT, op. cit., p. 94.

¹²⁹ Idem, p. 95.

Confederação Argentina, ainda que sem estabelecer uma cronologia precisa ou uma narrativa complexa que a explicasse.

Pedro de Angelis não só buscava e reunia documentos pretéritos: ele produzia fontes históricas no momento em que selecionava, criticava e publicizava manuscritos e acompanhava-os de anotações e textos – entre notícias biográficas, proêmios, prólogos, índices geográficos e notas de rodapé. Na própria escolha e recompilação dos papéis, bem como na produção de seus escritos explicativos, portanto, o erudito acabava por produzir representações sobre o pretérito da província de Buenos Aires e, em consequência, da Confederação Argentina. Através do conjunto, do arquivo, que formava, ele não só exaltava os projetos de Rosas e divulgava suas ideias, tracejava os acontecimentos importantes da história bonaerense e quais eram os seus domínios territoriais, mas também orientava as ações futuras do governador, dotando a *Colección* de um sentido político e utilitário¹³⁰. Conforme o próprio De Angelis afirmou, naquele momento “*lo que más importa es reunir hechos para rectificar conjeturas, sacar el país de la oscuridad en que yace, y delinear su fisionomía actual*”¹³¹.

1. 3. A *Colección* como arquivo do passado da Confederação

Pedro de Angelis compartilhava com seus coetâneos do século XIX não só a paixão pelos arquivos, mas também pela leitura de documentos, pelo cotejo de manuscritos e pelos estudos realizados sobre eles. Somente a partir deste primeiro trabalho de arquivo é que se poderia “invocar autoridade para uma ciência em vias de afirmação”¹³². Os documentos, afinal, deveriam ser “*submetidos a uma crítica capaz de livrá-los da suspeição e da dúvida, tornando possível inscrever definitivamente a história como disciplina do conhecimento e não apenas uma propedêutica para outros estudos*”¹³³. Selecionar, transcrever, instituir os documentos, estabelecê-los como prova documental e transformá-los em um conjunto – “coleção”, para De Certeau¹³⁴, “arquivo”, segundo Ricoeur¹³⁵ – é o passo primordial para escrever a história até nossos dias, como bem sabemos. Diante disso, como Pedro de Angelis formatou o seu próprio arquivo de escritos a serem, por ele, confrontados no processo editorial da *Colección de obras y documentos*? Quais critérios balizaram a escolha de algumas fontes históricas em detrimento

¹³⁰ BALTAR, op. cit., p. 132.

¹³¹ ANGELIS, Proêmio al Itinerário de Buenos Aires á Córdoba, op. cit., p. II.

¹³² GUIMARÃES, História e erudição, op. cit., posição 744.

¹³³ Idem, posição 812.

¹³⁴ CERTEAU, op. cit., p. 81.

¹³⁵ RICOEUR, Paul. *A memória, o esquecimento, o silêncio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007, p. 146.

de outras? Aliás, como essas fontes foram criticadas até serem estabelecidas, pelo erudito, como provas documentárias do passado argentino?

Dentre os documentos encontrados e escolhidos por De Angelis muitos eram fontes coloniais. Parte significativa da *Colección* acabou sendo dedicada às crônicas de conquistadores sobre os primeiros anos da ocupação espanhola no sul da América, aos relatos e às cartas dos padres jesuítas que missionaram nas partes mais austrais do continente e no Chaco, bem como aos diários, relatórios e às anotações de funcionários da administração colonial que tratavam do interior e dos espaços de fronteira argentinos. Isso denota, primeiramente, que a noção de documento vinha se alargando. Segundo Jorge Cañizares Esguerra, na Espanha, quando da criação e formação do *Archivo General de Indias*, havia um consenso sobre a “*necesidad de eliminar crónicas anticuadas y los relatos pocos fidedignos*”¹³⁶ sobre o Novo Mundo, em detrimento de fontes que chamavam “públicas”, ou seja, os documentos que continham dados produzidos pela burocracia da administração da Coroa nas colônias¹³⁷. Ainda conforme Cañizares Esguerra, as crônicas coloniais da América serão recuperadas como fontes confiáveis de estudo pelo naturalista Alexander Von Humboldt na virada do século XVIII para o XIX. Humboldt afirmava que o seu conhecimento acerca dos lugares descritos pelos conquistadores, religiosos e funcionários reais, tornavam-no capaz de julgar a verdadeira valia e fiabilidade de seus relatos; assim, afirmava que estas fontes “*contenían mucha información útil que había escapado a la atención de los geógrafos e historiadores modernos del Nuevo Mundo*”¹³⁸.

A partir de então e “*a lo largo del siglo XIX se produjo el ‘rescate de la crónica’*”, conforme Luiz Estevam de Oliveira Fernandes: elas se tornavam o desejo de letrados como Pedro de Angelis “*que ansiaban ‘desvelar’ los orígenes históricos de los procesos que estaban viviendo*”¹³⁹. Os documentos coloniais passaram a ser considerados relatos objetivos, o que

¹³⁶ CAÑIZARES ESGUERRA, op. cit., p. 23.

¹³⁷ Idem, p. 30.

¹³⁸ Idem, p. 113. Fábio Wasserman afirma neste sentido que a “*toma de distancia crítica frente a los cronistas puede considerarse como el inicio de una nueva tradición que concebía a la historia como proveedora de conocimientos empíricos útiles para la sociedad. Este carácter pragmático, alentado por los escritores ilustrados, constituyó de ahí más uno de los rasgos distintivos del concepto de historia al considerársela como una indagación que, más allá de las cualidades de su escritura, debía estar al servicio de un fin superior, ya sea cívico, moral, político o económico. En ese marco la historia fue ampliando sus posibles usos: si durante siglos había sido considerada como un género literario y como un repertorio de ejemplos destinado a orientar la toma de decisiones, desde fines del setecientos también comenzó a sostenerse que, para contribuir a la ilustración y mejora de la sociedad, debía asumir nuevos criterios de verdad ligados a la experiencia y el uso de la razón en alianza con la filosofía y otros saberes prácticos como la economía y la geografía. De ese modo, y sin que dejara de ser considerada como *magistra vitae*, también comenzaron a valorarse sus funciones crítica y pragmática*” (WASSERMAN, Fabio. La historia como concepto y practica: conocimiento histórico en el Rio de la Plata (1780-1840). *História da Historiografia*, número 4, março de 2010, p. 19).

¹³⁹ FERNANDES, Las crónicas coloniales como fuentes históricas..., op. cit, p. 149. Em seu artigo, Fernandes cita, além de De Angelis, Carlos María Bustamante, Joaquín García Icazbalceta, José Fernando Ramírez, Luis García

permitia hierarquizá-los a partir de critérios de legitimação, preferindo uns aos outros¹⁴⁰. Assim, De Angelis somente publicava fontes produzidas por autores que considerava “confiáveis”. No texto que introduzia a “*Viaje al Río de la Plata*”, crônica sobre a viagem do conquistador bávaro Ulrico Schmidl ao Sul da América realizada entre 1536 e 1553, o italiano desqualificou todos os outros relatos coetâneos e afirmou que o texto de Schmidl era “*la única fuente en que deben beber lo que se proponen seguir los primeros pasos de los europeos en estas remotas regiones*”¹⁴¹. De Angelis exaltava a qualidade da escrita do bávaro e, por se mostrar tão “*cuerto en sus demás detalles*”¹⁴², questionava os seus leitores: “*¿Quien no preferirá la ingenua relación del que concurrió á la fundación de Buenos Aires y la Asumpcion, á las páginas más elocuentes de los modernos historiadores?*”¹⁴³. Para não deixar dúvidas quanto à veracidade do escrito de Ulrico Schmidl, Pedro de Angelis ainda inseriu uma grande quantidade de notas de rodapé em sua edição da crônica, apontando passagens de outras obras – principalmente “*La Argentina*” de Martín del Barco Centenera e os “*Comentários*” de Cabeza de Vaca – que coincidiriam e, dessa forma, confirmariam o conteúdo da “*Viaje al Río de la Plata*”¹⁴⁴.

Cuidado com o estilo e a qualidade da escrita, o fato de a narração ter sido produzida por uma pessoa que testemunhou ou viveu os acontecimentos descritos, a riqueza de detalhes e a precisão das informações fornecidas¹⁴⁵ eram critérios que, para De Angelis, tornavam um documento mais verdadeiro, fiável e, portanto, válido para a escrita da história. Assim, por exemplo, os “*Anales del descubrimiento, población y conquista de las provincias del Río de la Plata*”¹⁴⁶ produzidos em 1612 pelo conquistador espanhol Ruy Díaz de Guzmán, o “*primer*

Pimentel, Capistrano de Abreu e Adolfo Varnhagen.

¹⁴⁰ FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira; KALIL, Luis Guilherme Assis. A historiografia sobre as crônicas americanas: a criação de um gênero documental. In: KARNAL; Leandro; DOMÍNGUEZ, Lourdes S.; FERNANDES, Luiz Estevam de O.; KALIL, Luis Guilherme A. (orgs.). *Cronistas do Caribe*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2012, p. 51.

¹⁴¹ KALIL, Luis Guilherme Assis. *A conquista do Prata: análise da crônica de Ulrico Schmidl*. 2008. 194 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2008, p. 158; DE ANGELIS, Pedro. Noticias biográficas de Ulderico Schmidel. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, p. IV.

¹⁴² Idem, p. III.

¹⁴³ Idem.

¹⁴⁴ Anthony Grafton afirma que a utilização das notas de rodapé como elemento de prova tornaria o texto histórico um produto passível de verificação e, assim, ele alcançaria o estatuto de cientificidade. Para o pesquisador norte-americano, a utilização das notas foi um dos passos mais decisivos para a emergência de uma concepção moderna de historiografia. Ver em: GRAFTON, *As origens clássicas da erudição*, op. cit., pp. 30-31.

¹⁴⁵ FERNANDES; KALIL, op. cit., p. 52.

¹⁴⁶ Publicada por De Angelis com o título de “*Historia Argentina del Descubrimiento, Población y Conquista de las Provincias del Río de la Plata*”, talvez para dar a impressão aos seus leitores de que a narrativa de Guzmán revelaria a “história argentina”. No prospecto, como disse, o editor intitulava esse documento somente como “ARGENTINA”.

*historiador de estas provincias*¹⁴⁷ vão entrar para o rol dos materiais insuspeitos por terem sido escritos por um “*un testigo, y actor á veces de estas hazañas*”, que descreveu “*los principales detalles*”¹⁴⁸ da conquista espanhola no sul da América.

Era a primeira vez que o relato de Díaz de Guzmán era publicado, o que causava surpresa ao letrado italiano, que afirmava: “*quando se compilen los anales literarios de esta parte del globo, no dejará de extrañarse el olvido en que ha quedado por más de dos siglos una obra importante, destinada a perpetuar el recuerdo de los hechos que señalaron el descubrimiento y la conquista del Rio de la Plata*”¹⁴⁹. Para De Angelis, o conquistador espanhol não era só confiável por ser testemunha, por ter visto e vivido aquilo que relatava, mas porque, além disso, sua pena teria sido guiada por um “*espírito de imparcialidade*”¹⁵⁰. Já D. Martín de Barco Centenera, em “*La Argentina*”, “*describió los acontecimientos que presenciaba, si no con toda la escrupulosidad de un historiador, al menos con un fondo de candor que le grangea crédito y confianza*”¹⁵¹. Por isso, apesar de se tratar de um poema histórico, pode ser lido pelo leitor que o “*consulta como monumento histórico de la época à que pertenece*”¹⁵². Afinal, afirma De Angelis, citando um trecho da obra de Centenera,

*Quando se considera los acontecimientos de un período, que comprende toda la administración de Garay y de la de su sucesor Mendieta, que no tienen más historiador que un poeta, se siente la necesidad de acreditar que “....., aunque su musa en verso canta, / Escribe la verdad de lo que ha oído / Y visto por sus ojos y servido”.*¹⁵³

Pedro de Angelis ainda criticava o funcionário ilustrado da Coroa Espanhola Félix Azara que, em sua obra “*Viajes por la América del Sur*”, afirmou que o autor de “*La Argentina*” não havia “*puesto el menor cuidado en averiguar la verdad de los hechos*”¹⁵⁴. O juízo de Azara, para o erudito italiano, era não só severo, mas injusto e infundado, pois “*ciertamente, no son*

¹⁴⁷ DE ANGELIS, Pedro. Discurso preliminar del editor. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1835, p. II.

¹⁴⁸ Idem.

¹⁴⁹ Idem.

¹⁵⁰ Pedro de Angelis conclui isso ao comentar o relato de Ruy Díaz de Guzmán sobre episódio em que seu pai, Alonso Riquelme de Guzmán, havia sido aprisionado: “[...] y tal es el espíritu de imparcialidad que ha guiado la pluma del que los refiere, que ni una sola reconvenccion dirige á sus autores” (Idem).

¹⁵¹ DE ANGELIS, Pedro. Discurso preliminar a la Argentina de Barco Centenera. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, p. I

¹⁵² Idem.

¹⁵³ Idem, p. IV.

¹⁵⁴ Idem, p. VII.

exactos todo lo que alega”¹⁵⁵ Martin de Centenera, “*pero este defecto, parcial y excusable, por ser común à todos los escritores de aquel siglo, no le quitan el mérito de habernos transmitido con fidelidad muchas noticias que ignoraríamos sin él*”¹⁵⁶. De Angelis volta a desaprovar uma apreciação de Félix Azara no “*Discurso Preliminar a la Historia del P. Guevara*”. Na mesma “*Viajes por la América del Sur*”, o ilustrado espanhol dizia que a crônica do Padre Pedro Lozano era superior àquela que Angelis, então, publicava, produzida pelo Padre José Guevara. Lozano e Guevara haviam sido cronistas oficiais da Companhia de Jesus: o primeiro escreveu na década de 1740 “*La Historia de la conquista de las provincias del Paraguay, Río de la Plata y Tucumán*”, como introdução à uma “*Historia de la Compañía de Jesús en el Paraguay*”. Já o segundo, sendo sucessor de Lozano, produziu a “*Historia del Paraguay, Río de la Plata y Tucumán*” alguns anos antes da expulsão da Ordem dos territórios americanos. Pedro de Angelis, defendendo o documento que editava em relação à *Historia* de Lozano, que não fazia parte de sua *Colección*, dizia:

*En el cotejo que él [Félix Azara] hace entre Lozano y Guevara, solo un espíritu preocupado, ó un juez inexperto, pueden hallar superioridad en el primero. Prolijo en las narraciones, lánguido y descolorido en el estilo, el P. Lozano ha comprometido la dignidad de la historia por la facilidad con que ha acogido las tradiciones vulgares, por más estrañas y absurdas que fuesen. Guevara no es absolutamente libre de este reproche: pero su candor tiene sus límites, y cuando los salva no es por exceso de credulidad, sino porque no se atreve à dudar de lo que aseveran testigos presenciales. Sin embargo, en la cuestión de los Césares, después de haber discutido con independencia todas las opiniones, declara imposible su existencia, acreditando buen sentido y cordura en sus argumentos. Tal vez su carácter religioso le impidió de expresarse con la misma libertad en materias más graves”.*¹⁵⁷

Pedro de Angelis publicava textos de conquistadores ou religiosos cujas narrativas, além de informações tidas como úteis para compreender o passado e o território, poderiam apresentar manifestações do imaginário e do sistema de crenças dos homens que os produziram. As descrições de milagres operados por missionários ou de seres e lugares míticos como as Amazonas e a Cidade dos Césares serão desacreditadas por De Angelis; não é por isso, no entanto, que a totalidade da crônica que contivesse tais relatos deveria ser descartadas. Diante disso, o italiano não se furtava de alertar para o cuidado crítico com que se deveria ler estes documentos, historicizando a sua produção e lembrando que, por mais fantasiosos ou absurdos que os trechos de alguns relatos parecessem a um ilustrado oitocentista, era uma maneira de ler

¹⁵⁵ Idem.

¹⁵⁶ Idem.

¹⁵⁷ DE ANGELIS, Discurso Preliminar a la Historia del Padre Guevara, op. cit., p. VI.

a realidade típica daqueles que viveram os primeiros anos da conquista e da colonização da América:

Entre las cosas extraordinarias que pretendieron los españoles haber visto en el Nuevo Mundo, debe citarse à ese pueblo de guerreras en las orillas del Marañón, y cuya aparición le mereció el nombre de Rio de las Amazonas. Muchos autores han tachado de mentiroso el autor de esta especie. Seremos más generosos con él, declarándole iluso, y procurando indagar el origen de su engaño. [...] Cuando se lee la historia de los viages y descubrimientos que iniciaron los Europeos al salir de la XV centuria, no debe olvidarse que era la época de las ideas romanescas, que aún no habían sido ridiculizadas por el génio inimitable de Cervantes. La poca ò ninguna ilustración de los que se arrojaban á la conquista del Nuevo Mundo; cierta disposición casi general, en los hombres de aquel tiempo, á las novedades y las aventuras; y el influjo poderoso, aunque indirecto, de los estudios clásicos de que ocupaba con fervor la parte ilustrada de la sociedad europea, predisponían esas inteligencias subalternas á lo extraordinario y lo maravilloso. Ninguno de ellos arribaba á las playas del Nuevo Mundo con el sosiego necesario para observar los objetos que le rodeaban. Alterándolos más ò menos, según el grado de exaltación en que se hallaban, vieron muebles de oro, templos de plata, gigantes, pigmeos, monstruos de toda clase; y hasta hicieron revivir en las márgenes del Marañón el imperio fabuloso de las Amazonas del Termodonte. Todos los matices que la imaginación de los griegos inventó para representar á esa antigua tribu de heroínas, los empleó Orellana para pintar á las que engendró su fantasía destemplada. Estas también gobernaban a sus estados, y los defendían con sus brazos, sin auxilio de los hombres con quienes vivían en estado de aislamiento. Y para que nada se echase menos en la copia, se les representó con la mitad de su seno quemado, para dejarlas más expeditas en el manejo del arco.¹⁵⁸

Relatos de viajantes e de religiosos sobre espaços não muito explorados e conhecidos, como o sul do continente americano, no entanto, poderiam ser úteis para compreender a sua geografia, as suas paisagens, as suas riquezas naturais e as suas populações¹⁵⁹. Neste sentido, ao publicar uma “*Colección de viages y expediciones a los campos de Buenos-Aires y las costas de la Patagónica*” com escritos como os do Padre José Cardiel, de Juan Antonio Hernandez, Pedro Pablo Pavón e José Francisco Amigorena, Pedro de Angelis afirmava:

Son tan escasas las noticias que tenemos de le región austral del Río de la Plata, que no debe mirarse con desprecio la serie de documentos oficiales que

¹⁵⁸ DE ANGELIS, Pedro. Índice Geográfico e Historico. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1835, p. IV.

¹⁵⁹ É importante ressaltar que a relação entre a história e a geografia faz parte da tradição antiquária. Para essa tradição erudita, o estudo do passado deveria comportar não apenas o conhecimento acerca de eventos e episódios, mas dos lugares e dos espaços onde eles ocorriam. No século XIX, as fronteiras entre as duas disciplinas ainda estavam pouco definidas e a descrição de regiões, territórios, a topografia, todavia dizia respeito ao ofício dos historiadores, ainda mais no que se refere aos projetos de afirmação dos Estados nacionais (Ver em: CEZAR, Temístocles. *A geografia servia, antes de tudo, para unificar o império*. Escrita da história e saber geográfico no Brasil oitocentista. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v.11. n. 1, pp. 79-99, 2005).

presentamos al público. No debe esperar el lector de hallar en ellos datos, y observaciones científicas. Los más de estos diarios han sido llevados por oficiales que no tenían más conocimientos que los de su profesión; pero, sin pretensión y sin orgullo, relataban sencillamente lo que veían, y describían con fidelidad apreciable los parages que exploraban. [...] A pesar de los grandes progresos que ha hecho la geografía, ¿cuál es el hombre, versado em estos estudios, que deje de explorar las relaciones de los primeros viajeros, para comparar, y rectificar á veces las especies de los que marcharon después en sus huellas, con más instrucción y auxilios? ¿Cuánta luz arroja sobre el Asia su primer historiador Heródoto, y su más antiguo viajero Marco Polo? ¿Y que otra cosa son los geógrafos menores que recogió è ilustró con tanto afán Hudson, sino nuestros Cardiel, Hernandez, Pavon y Amigorena?¹⁶⁰

Por outro lado, os relatórios e as anotações de funcionários e ilustrados a serviço da monarquia borbônica em fins do século XVIII serão tidos por Pedro de Angelis como mais verdadeiros e mais ricos em dados e informações sobre o Prata, porque também mais objetivos e científicos. J. Sourryère de Souillac, matemático francês que participou de expedições demarcatórias no interior argentino e autor do “*Itinerario de Buenos Aires a Córdoba*” (1784) publicado na *Colección*, produziu escritos que “*no deslumbran por trozos esquisitos de erudición ó elocuencia: no es un rector ni un filólogo el que habla; ni espere tampoco hallar en ellos lo que la moderna escuela romántica llama cuadros é impresiones*”¹⁶¹. De Angelis ainda complementa: “*la sencillez es su carácter definitivo, y para nosotros esa sencillez es un mérito [...]. Al menos el de Souillac contiene algunos datos científicos [...]*”¹⁶². Da mesma forma, as “*Tablas de latitudes y longitudes de los principales puntos del Río de la Plata*”, realizadas por Alessandro Malaspina durante sua famosa viagem de exploração ao continente americano eram um “*prolijo reconocimiento*”, já que suas

*pocas páginas que nos cabe la satisfacción de publicar, son una muestra del método que había adoptado en sus observaciones. Así, los más pequeños accidentes del terreno son sometidos á cálculos astronómicos, y determinados con una precisión, que, si no es posible igualar, no nos parece probable que se sobrepuje.*¹⁶³

A *Colección*, como já afirmei, foi publicada em diversos fascículos que os leitores que a assinaram receberam entre os anos de 1835 e 1839. O “*Índice General de las Materias*

¹⁶⁰ DE ANGELIS, Pedro. Discurso Preliminar a las Expediciones a los Campos del Sud. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, pp. II-III.

¹⁶¹ DE ANGELIS, Proemio al Itinerário de Buenos Aires á Córdoba, op. cit., p. II.

¹⁶² Idem.

¹⁶³ DE ANGELIS, Pedro. Proemio a las Tablas de Longitud de Malaspina. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, p. IV.

Contenidas en los Seis Tomos de la Presente Colección” (ver Anexo 6) foi um dos últimos materiais lançados pelo erudito e onde, pela primeira vez, Pedro de Angelis divulgou ao público a ordem exata que os fascículos deveriam receber para formar a obra completa, a ser organizada em seis tomos. Logo após o índice, ele publicava um aviso aos encadernadores: “*en la colocación de los varios documentos de que se componen la presente Colección, se tomará por guía el índice general que antecede*”¹⁶⁴ (ver Anexo 7). A ordem sugerida pelo napolitano acabou obedecendo a da publicação dos fascículos, talvez para evitar confusão entre seus assinantes que poderiam já haver encadernado alguns de seus exemplares. Assim, como pode ser verificado no “*Índice General*” e conforme afirma Fabio Wasserman, a coletânea documental de De Angelis acabou por não obedecer “*un criterio ordenador ya sea cronológico o temático*”¹⁶⁵.

Como sugeri no início do capítulo, os fascículos eram publicados conforme os documentos iam sendo encontrados, selecionados e trabalhados pelo autor. São três os indícios que me levam a associar a ausência de uma organização sistemática do material da *Colección* ao fato de Pedro de Angelis ainda estar coletando os manuscritos ao tempo em que os levava impressos ao público. O primeiro deles é que, como já disse, De Angelis nunca divulgou previamente qual seria o conteúdo de sua obra, seja na propaganda que a antecedeu ou na própria coletânea. O segundo, é que, durante a produção mesma da *Colección*, ele ainda buscava por documentos para publicar, como demonstrarei no último capítulo da tese. Por fim, outro indício que considero é o prospecto de uma segunda edição da compilação que, como será visto no próximo capítulo, o napolitano planejou produzir na década de 1840. Naquela oportunidade, aparentemente, Pedro de Angelis já tinha os papéis que desejava editar em mãos e, em consequência, maior clareza quanto ao seu ordenamento. No material de divulgação que então preparou para o seu novo trabalho, ele afirmava aos seus leitores que “*en esta segunda serie [da Colección] hemos procurado dar una colocación más adecuada á los documentos*”¹⁶⁶. Em seguida, demonstrava quais seriam os temas da documentação publicada em cada um dos tomos e quantos eles seriam: “*Tomo 1º - Misiones de Chiquitos; 2º y 3º - Demarcación de límites de las antiguas posesiones españolas y portuguesas en América; 4º y 5º - Misiones del*

¹⁶⁴ DE ANGELIS, 1837, s/n.

¹⁶⁵ WASSERMAN, op. cit., 2008, p. 65.

¹⁶⁶ INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO (Rio de Janeiro, Brasil). *Coleção Instituto Histórico*. Lata 180. Doc. 75. Circular de Pedro de Angelis pedindo a assinatura para uma obra que pretende publicar sobre as Províncias do Rio da Prata. Buenos Aires, março de 1841.

*Paraguay; 6° - topografía e historia de la región Magallánica; 7° y 8° - Documentos oficiales y de gobierno*¹⁶⁷.

Apesar da ausência de uma ordem cronológica e temática na *Colección de obras y documentos* publicada em fins de 1830, é possível observar que entre as fontes históricas escolhidas e reunidas pelo erudito italiano estavam incluídas aquelas que referiam-se aos fatos históricos cujo conhecimento poderia constituir um aporte na construção de um passado relevante e glorioso¹⁶⁸; elas abordavam desde as primeiras expedições de conquista protagonizadas por espanhóis na região platina e o encontro com os nativos, a fundação de Buenos Aires, até chegar às atas capitulares de 1810. Para Pedro de Angelis, “*los pueblos modernos no tienen que buscar su origen en los poetas y mitólogos: los historiadores son sus genealogistas, y del primer día de su existencia puede hablarse con tanto acierto como de un acontecimiento contemporáneo*”¹⁶⁹. As experiências passadas poderiam ser resgatadas e a biografia da Confederação Argentina poderia ser perfeitamente narrada, portanto, a partir da documentação por ele estabelecida, tendo como ponto de partida as populações indígenas estabelecidas no sul do continente americano antes da chegada dos conquistadores hispânicos.

Assim, nos textos que introduziam os relatos da conquista e da colonização hispânica do espaço platino na *Colección*, os povos nativos que estavam no passado, primeiros moradores de Buenos Aires, eram representados de maneira positiva. Ao comentar o encontro relatado no diário de Ulrico Schmidl, “*el primer monumento de nuestra historia*”¹⁷⁰, dos conquistadores com os indígenas que viviam no território onde seria a Província, De Angelis construiu uma imagem que valorizava a resistência daqueles povos diante dos também valorosos invasores (e utilizou letras garrafais para referir-se à Buenos Aires):

*¡Cuan distinta fué la acogida que les hicieron los Querandís morados y dueños de los fértiles campos en donde se fundó BUENOS AIRES! Sin mas recursos que sus bolas y dardos, que arrojaban con un acierto admirable, defendieron sus hogares contra los que habían triunfado de los ejércitos más aguerridos de Europa, y que los atacaban con toda la superioridad de su disciplina militar y de sus armas. En uno de estos ataques, de que habla Schmidel como testigo ocular, perecieron varios gefes, y el mismo Almirante de la escuadra, D. Diego de Mendoza, hermano del Adelantado.*¹⁷¹

¹⁶⁷ Idem.

¹⁶⁸ WASSERMAN, *Entre Clio y la Polis*, op. cit., p. 67.

¹⁶⁹ DE ANGELIS, Pedro. Discurso preliminar a la Fundación de Buenos Aires. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, p. I.

¹⁷⁰ DE ANGELIS. Noticias biográficas de Ulderico Schmidel, op. cit., p. IV.

¹⁷¹ Idem, p. II.

Pedro de Angelis exaltava a experiência do contato ocorrido no sul da América como, à época, costumava-se fazer em relação à conquista e à colonização dos territórios dos Impérios Asteca e Inca. Assim, se os estudiosos não deram a devida atenção para a história do Prata, “*cuya admiración se concentró en los conquistadores del Perú y Méjico*”¹⁷², para o erudito napolitano,

*la historia general de América, la del Rio de la Plata ocupa un puesto eminente. Si aquí no hubo que avasallar Incas, ni destronar Montezumas, no fué por esto menos larga y encarnizada la lucha. En el Perú y en Méjico la oposición se encontró con los gobiernos: -aquí fué obra de los pueblos, que se levantaron en masa contra los invasores, desde las costas del Océano hasta las regiones más encumbradas de los Andes. Sin más armas que su arco, sin más objeto que la conservación de su independencía, defendieron con valentía las soledades en que vagaban, contra el poder colosal de los Reyes Católicos, y las tropas más aguerridas de Europa.*¹⁷³

No mesmo sentido, dentre a série de documentos sobre a “*Fundación de la ciudad de Buenos Aires*” publicada por De Angelis, que incluía a ata de eleição de *Alcalde* e *Regidores* e o “*repartimiento de los indios*” realizado por D. Juan de Garay em 1580, este último documento era considerado pelo editor como “*el más antiguo monumento histórico que se conozca de estas provincias*”¹⁷⁴. Era “*monumento importante*”

*porque nos da la tradición de sus habitantes primitivos, que desaparecieron en la lucha que sostuvieron contra los españoles. De la nación Querandís, á la que pertenecían, se ha borrado hasta el nombre, y los pocos que sobrevivieron al exterminio de su raza, transitaron al Rio Negro, y se confundieron con otra tribu, ó más bien la fundaron, con el nombre de Teguelchos.*¹⁷⁵

Enquanto os documentos que apresentavam os moradores primitivos de Buenos Aires e sua luta sustentada contra os espanhóis e que relatavam a chegada e a instalação dos colonizadores europeus àquele espaço eram considerados como “primeiro monumento de nossa história” ou “o mais antigo monumento destas províncias”, as “*Actas Capitulares desde el 21 hasta el 25 de Mayo de 1810, en Buenos Aires*” eram “*el primer monumento histórico de la República Argentina*”¹⁷⁶. Estes documentos evidenciavam, segundo De Angelis, a “*noble e*

¹⁷² Idem, p. V.

¹⁷³ DE ANGELIS, Discurso preliminar del editor, op. cit., pp. I-II.

¹⁷⁴ DE ANGELIS, Discurso preliminar a la Fundación de Buenos Aires, op. cit., p. III.

¹⁷⁵ Idem.

¹⁷⁶ DE ANGELIS, Pedro. Prólogo a las Actas Capitulares del Mes de Mayo de 1810. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, p. I.

juiciosa comportacion” do “pueblo” argentino que, naquelas assembleias que levaram à Independência, “*tomó por primera vez la actitud de un soberano*” sem ficar marcado “*con carácter de sangre*” como ocorrera a todas as outras “*naciones, sin excluir las más ilustradas*”¹⁷⁷. “*¡Cuán pocos monumentos de esta clase nos ofrece la historia!*”¹⁷⁸, exclamava o italiano no seu prólogo que questionava o fato de que aqueles que “*se apoderaron después de los destinos del país*”¹⁷⁹ tivessem omitido a publicação daquele documento “*cuando más importaba divulgarlo*”¹⁸⁰, ou seja, no momento em que se pensava a construção da nação. Segundo Pedro de Angelis, se o tivessem realizado, “*el aniversario del gran día de la Patria se hubiera celebrado siempre con igual entusiasmo*”¹⁸¹, como fazia agora o governador Juan Manuel de Rosas: “*la rapidez con que se suceden los acontecimientos había hecho perder de vista este documento, cuando el Señor Gobernador actual de la Provincia ponderó su mérito en el último aniversario del día 25 de Mayo*”¹⁸².

Realmente, a partir de 1835, o 25 de maio passou a ser data comemorativa em todo o território da Confederação. A festa pátria realizada por Juan Manuel de Rosas em 1836, citada por Pedro de Angelis no “*Prólogo a las Actas Capitulares del Mes de Mayo de 1810*”, teve grande proporção: foi realizada no *Fuerte de Buenos Aires* com a presença de autoridades e da sociedade portenha. No seu discurso, o “*restaurador de las leyes*” havia dito:

*¿Qué grande, señores, y que plausible debe ser para todo argentino este día, consagrado por la Nación para festejar el primer acto de soberanía popular que ejerció este gran pueblo en mayo del célebre año mil ochocientos diez! ¡Y cuán glorioso es para los hijos de Buenos Aires haber sido los primeros en levantar la voz con un orden y una dignidad sin ejemplo!*¹⁸³

O discurso de Rosas, praticamente repetido por De Angelis na *Colección*, terminava com o governador “*renovando aquellos nobles sentimientos de orden, lealtad y felicidad que hacen nuestra gloria, para ejercerlos con valor heroico e sostén y defensa de la Causa Nacional de la Federación, que ha proclamado la República*”¹⁸⁴. Haveria uma continuidade entre os “sentimentos de ordem, lealdade e felicidade” que uma vez tinham alcançado a independência e aqueles que, agora, com o mesmo “valor heróico”, deveriam ser exercidos para

¹⁷⁷ Idem, p. II.

¹⁷⁸ Idem.

¹⁷⁹ Idem, p. IV.

¹⁸⁰ Idem, p. I.

¹⁸¹ Idem, p. IV.

¹⁸² Idem.

¹⁸³ LA GACETA MERCANTIL. Buenos Aires, n. 3.893, 27 de mayo de 1836, pp. 2-3.

¹⁸⁴ Idem.

sustentar e defender a “Causa Nacional da Federação”. Segundo a narrativa elaborada por Pedro de Angelis e Juan Manuel de Rosas, os revolucionários não haviam rompido com a ordem pública, mas haviam conquistado a soberania de maneira pacífica e graças ao seu “nobre e ajuizado comportamento”: a Revolução de Maio passava a ser um acontecimento que deveria ser lembrado por “todo argentino” por ser parte de um passado condizente com a ordem rosista então vigente e, por isso, não poderia deixar de ser incluído no corpus documental reunido sobre o pretérito daquela comunidade.

Neste *corpus* não poderiam ser esquecidos, ainda, os documentos que servissem de evidência para que se reivindicassem e defendessem os direitos da Confederação Argentina em possíveis disputas territoriais, afinal, o regime de Juan Manuel de Rosas tinha “*la pretensión de unificar políticamente el territorio rioplatense tomando como modelo la traza del antiguo virreinato*”¹⁸⁵. Assim, Pedro de Angelis editou os tratados de limites entre as Coroas Espanhola e Portuguesa, além de relatos de expedições demarcatórias do período colonial relativos ao interior do Vice-Reinado do Rio da Prata, sob o argumento de que “*los nuevos gobiernos, que han heredados los derechos de sus respectivas metrópolis, tendrán que emprender grandes trabajos para fijarlos*”¹⁸⁶. Desta feita, “*se sentirá la utilidad de estas publicaciones, que aunque incompletas, ministran datos importantes para hacer cumplir los tratados*”¹⁸⁷.

Há também um interesse de De Angelis por incorporar à sua *Colección* aquela documentação que tratasse das áreas da Argentina que, à época da publicação, ainda eram pouco conhecidas ou exploradas: não somente os escritos históricos sobre as províncias do interior, mas também aqueles que descreviam a Pampa, a Patagônia, o Chaco e o norte da Argentina foram privilegiados, pois eram importantes na delimitação do espaço governado por Juan Manuel de Rosas e úteis para conduzir e efetivar a exploração econômica e a ocupação dos lugares com potencial econômico e/ou considerados “vazios” e que poderiam ser disputados com outras nações.

Verifica-se, pois, que na *Colección* de Pedro de Angelis os limites do poder de Rosas avançavam desde Buenos Aires às províncias do interior e às zonas de fronteira. A Campanha do Deserto é citada sempre que possível na obra para, além de lembrar dos feitos do “*restaurador de las leyes*”, afirmar que em 1833, “*el Señor General ROSAS*” já havia levado “*las fronteras de Buenos Aires hasta la línea del Rio Negro*”, modificando as “*vanguardias de*

¹⁸⁵ WASSERMAN, *Entre Clio y la Polis*, op. cit., p. 139.

¹⁸⁶ DE ANGELIS, Pedro. Proêmio al Diario de Pasos. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, p. II.

¹⁸⁷ Idem.

nuestro territorio” que antes eram as “Sierras del Volcán, del Tandil y del Tapaquen” e que “solo por el lado de la costa se extendía hasta el establecimiento de los Patagones en las barras del Rio Negro”¹⁸⁸. Se De Angelis escrevia no “Discurso Preliminar a la Memoria de Viedma sobre Patagonia” que naquele documento dirigido à administração colonial Francisco Viedma ponderava sobre “la utilidad de ocupar la isla de Choelechel”, era para logo a seguir afirmar que estes “sabios pensamientos fueron desatendidos” pela Coroa Espanhola, mas que “al cabo de un medio siglo, el Señor General ROSAS ha tenido la gloria de realizarlos”¹⁸⁹. O mesmo ocorre na curta “Advertencia del editor” na qual o letrado italiano apresentava o “Proyecto de las fronteras de Buenos Aires al Rio Negro y Colorado”, produzido por Sebastian Undiano y Gastelú após uma inspeção nas guardas e nos fortins realizada em 1796 e que versava “sobre la extensión de que es susceptible nuestra frontera”¹⁹⁰. Ali, De Angelis escrevia que:

*La idea de ocupar la isla de Choelechel es la que domina este proyecto; y todas las ventajas que pueden sacarse de esta ocupación están tan claramente indicadas, que el que prescindiese de la fecha, creería que esta memoria fuese un comentario apologético de la última campaña del Señor General ROSAS.*¹⁹¹

Pedro de Angelis argumentava que, apesar de a Coroa Espanhola ter realizado viagens de exploração em diversas regiões do interior e da fronteira argentina, como ficaria claro nos documentos publicados, muitas vezes não dava ouvidos às recomendações feitas pelos seus funcionários para que se ocupasse, desenvolvesse e estudasse com profundidade os espaços de “vasto deserto”¹⁹². O italiano afirmava que “antes de los últimos acontecimientos practicados por orden del Sr. General Rosas, poco o nada se sabía del Rio Colorado y del Negro, sin embargo de haber sido explorados repetidas veces en tiempos del gobierno peninsular”¹⁹³. A parte mais austral do continente americano, segundo De Angelis, estivera “sometida

¹⁸⁸ DE ANGELIS, Pedro. Discurso preliminar al viaje de Cruz a las Pampas. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1835, p. I

¹⁸⁹ DE ANGELIS, Pedro. Discurso Preliminar a la Memoria de Viedma sobre Patagonia. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, p. III.

¹⁹⁰ DE ANGELIS, Pedro. Advertencia del editor. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, p. s/n).

¹⁹¹ Idem.

¹⁹² DE ANGELIS, Discurso preliminar a la traducción castellana de la Descripción de Patagonia por Falkner, op. cit., p. V.

¹⁹³ DE ANGELIS, Pedro. Discurso preliminar al Diario de Viedma. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, p. XIII.

nominalmente á la dominación española”, mas “se había mantenido en un estado absoluto de separación y independencia”¹⁹⁴:

*Sea que se le mirase con indiferencia; o más bien que se le considerase como una conquista ardua y superior á los exigíos recursos de que podían disponer, cierto es que muy pocas fueron las tentativas que se hicieron, en el curso de más de dos siglos, para estender hacia el sud los límites del virreinato de Buenos Aires.*¹⁹⁵

É possível observar que na *Colección* a valorização do passado colonial ficava restrita somente aos primeiros tempos de conquista do Prata. Na leitura que De Angelis fez dos documentos que tratam dos anos subsequentes da colonização do espaço sul da América, sobravam motivos para criticar a administração hispânica e os rumos que a monarquia de além-mar destinara aos territórios e povos aqui submetidos. O desinteresse em relação às informações coletadas pelos funcionários reais sobre os lugares inexplorados e o esquecimento relegado aos documentos que continham esses dados eram, para nossa personagem, sintomas do descaso da Coroa em relação ao desenvolvimento da região platina e do seu interior¹⁹⁶. Este descaso – ou indolência, apatia – dificultavam o progresso e a manutenção da ordem no território da Confederação ou, nas palavras de Pedro de Angelis, “*han contribuido principalmente á este atraso, que ha trabado los progresos de la ciencia y el desarrollo de la población en estas partes del globo*”¹⁹⁷. Assim, por exemplo, para o italiano, “*la indolencia del gobierno español en hacer explorar los pasos de los Andes*” dificultava “*la única comunicación que las provincias Argentinas mantenían con las Chilenas, por uno de los puntos más escabrosos de la gran Cordillera*”¹⁹⁸.

A relação estabelecida pelo Vice-Reinado com os indígenas, especialmente os do sul, também era um aspecto negativo do passado colonial verificado por De Angelis. Para ele, “*un gobierno que hubiese sido menos apático que el de España, hubiera empleado una parte de los caudales que sacaba de América en examinar un país que le pertenecía, y en arrancar de la barbarie á las tribus que ocupaban*”¹⁹⁹. Em seu juízo, a Coroa Espanhola “*mantuvo el país en*

¹⁹⁴ DE ANGELIS, Discurso preliminar a la traducción castellana de la Descripción de Patagonia por Falkner, op. cit., p. I

¹⁹⁵ Idem.

¹⁹⁶ WASSERMAN, La historia como concepto y como práctica, op. cit, p. 29.

¹⁹⁷ DE ANGELIS, Discurso preliminar al viaje de la Cruz a las Pampas, op. cit, p. I.

¹⁹⁸ DE ANGELIS, Pedro. Discurso preliminar al Diario de Sourryère de Souillac. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia y antigua de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, p. I. Grifo meu.

¹⁹⁹ DE ANGELIS, Discurso preliminary al viaje de Cruz a las Pampas, op. cit., p. I. Grifo meu.

*la vergonzosa dependencia de los indios, cuando pudo haberlos anonadado*²⁰⁰. Desta maneira, enquanto o levante dos nativos – aqueles que estavam no passado e não mais existiam – diante dos primeiros colonizadores europeus era um sinal de sua valentia e era valorizado, os indígenas do presente e que ainda viviam no espaço da Confederação eram bárbaros e ferozes que precisavam ser combatidos e enfrentados.

Por essa razão, a campanha militar comandada por Juan Manuel de Rosas àquela região, entre 1833 e 1834, merecia tantas referências na *Colección*. Contrastando à representação que De Angelis fazia da Coroa Espanhola, o “*Sr. General Rosas*” tinha um “*genio emprendedor y perseverante*” e, por isso, “*desplegó el estandarte de la Patria en los desiertos del sud*” e “*en una sola campaña anonadó para siempre el poder selvage de los bárbaros*”²⁰¹:

*¡Cuán distinta es su suerte actual! – Rechazados por todas partes, tienen que dispersarse en el desierto, ò buscar un abrigo en las fragosidades de la Cordillera, abandonando para siempre esos campos que no podían transitarse sin peligro, y donde las poblaciones se establecen ahora à la sombra del pavellón argentino que flamea triunfante en las márgenes del Rio Negro y del Colorado.*²⁰²

A partir daquele momento, o governo de Buenos Aires passou a ter os indígenas da Pampa e da Patagônia sob controle e a fronteira mostrou sinais de estabilidade durante vários anos mais; no entanto aqueles grupos ainda seriam motivo de preocupação para o governo argentino nos tempos vindouros²⁰³. Naquela campanha, apesar de não ter havido um avanço da fronteira tradicional, conseguiu-se alcançar a ilha Choele-Choel, no Rio Negro, e o Rio Colorado passou a ser explorado, incrementando as comunicações com Bahía Blanca e

²⁰⁰ DE ANGELIS, Pedro. Discurso Preliminar al Viage a Salinas. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia y antigua de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, p. III.

²⁰¹ DE ANGELIS, Pedro. Discurso Preliminar al Diario de la expedicion a la Sierra de la Ventana. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia y antigua de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, p. VI.

²⁰² DE ANGELIS, Discurso Preliminar al Viage a Salinas, op. cit., p. III.

²⁰³ Juan Manuel de Rosas estabeleceu com os indígenas daquela região um acordo baseado em uma política de paz, que ficou popularizada como “*Negocio Pacifico de Indios*”. Segundo María Laura Cutrera, “*era una elaborada y compleja manera de hacer política, que buscaba establecer y sostener una conveniente relación de amistad con algunas parcialidades indígenas y que se basaba en la negociación permanente. Este sistema tuvo expresiones materiales que variaron según la especificidad de las coyunturas atravesadas — prolongados parlamentos e intercambios verbales de amistad; regalos para los caciques; envíos mensuales de ganado, bienes de consumo y ‘vicios’ (raciones), por ejemplo —, pero no debe ser confundido con ellas. También poseyó variantes menos tangibles, que le dieron unidad y los sostuvieron como alternativa viable. Fueron sobre todo los vínculos que ligaron a las partes*” (CUTRERA, María Laura. *Subordinarlos, someterlos y sujetarlos al orden: Rosas y los indios amigos entre 1829 y 1852*. Buenos Aires: Teseu, 2003, p. 20). Os vínculos relativamente harmônicos que sustentavam a relação entre os indígenas “amigos” e o governo de Buenos Aires se romperam logo após a queda de Juan Manuel de Rosas e o avanço indígena se converteu em uma verdadeira ameaça, que culminaria na célebre Campanha do Deserto de Julio A. Roca em fins do século XIX.

Patagones²⁰⁴. Mas, para Pedro de Angelis, os “ensayos de colonización en Patagonia”²⁰⁵ deberiam continuar. Por isso, ele afirmava que “la República Argentina debe empeñarse en repetirlos, porque solo en aquellas costas hallará puertos y astilleros para desplegar su poder marítimo”²⁰⁶. Mais do que isso, conforme o italiano também faltava povoar e estabelecer a ordem em todo o âmbito da Confederação, além de modernizar os longos caminhos que interligavam as diferentes regiões e províncias, incentivando o comércio e garantindo a unificação do território.

No “Índice Geográfico e Histórico” que fez para o relato produzido por Ruy Díaz de Guzmán, De Angelis assinalava a necessidade de navegar o rio Bermejo para ocupar e desenvolver a região do Chaco:

*Bermejo – Rio caudaloso del Chaco, y destinado por la naturaleza a ser una de las aortas principales de la navegación interior de esta parte del globo. El que primero lo miró bajo este aspecto fue el coronel Don Francisco Arias [...]. Arias, Cornejo y Soria son los únicos que han intentado demostrar la posibilidad de la navegación de este rio [...]. La realización de este plan depende de la importancia que le den los que deben patrocinarlo.*²⁰⁷

Essa sugestão vai ser sustentada pelo letrado durante vários momentos da *Colección*, nos quais o editor publicou as descrições das viagens citadas – de Arias, Cornejo e Soria –, explicitando os motivos pelos quais o governo deveria investir naquele caminho. No “Proemio al Diario de la Primera Expedición de Cornejo al Chaco”, texto no qual introduzia o relato de D. Adrian Fernandez Cornejo sobre sua expedição ao Chaco realizada em 1780, Pedro de Angelis afirmava que “colocado en el centro de un vasto territorio”²⁰⁸, con un caudal de aguas suficientes, el Bermejo se presenta como el más indicado para sacar de su nulidad el Chaco, y

²⁰⁴ TERNAVASIO, *Historia de la Argentina*, op. cit., p. 192.

²⁰⁵ DE ANGELIS, Discurso preliminar al Diario de Viedma, op. cit., p. XII.

²⁰⁶ Idem.

²⁰⁷ DE ANGELIS, Pedro. Índice Geográfico e Histórico, op. cit., p. VIII.

²⁰⁸ Vasto território cuidadosamente descrito por Pedro de Angelis: “Dos grandes caminos cruzan el territorio argentino: el uno sirve á las comunicaciones mercantiles de Buenos Aires con las provincias de San Luis, Mendoza, y la república de Chile; el otro, para las que la misma ciudad mantiene con Córdoba, Santiago, Tucumán, Salta y Jujuy, cuya prolongación conduce a las provincias del Alto Perú, ó Bolivia. El primero cuenta 3194 leguas de extensión hasta Mendoza, además de otras 104 para pasar de esta ciudad á la de Santiago de Chile por el desastroso paso de Uspallata en la Cordillera: y el segundo, abraza una extensión de 528 leguas, hasta Laquiaca, que en esta dirección marca el punto de contacto de la República Argentina con la Boliviana. [...] Veintinueve leguas antes de llegar á Laquiaca, saliendo de Jujuy para el Perú, se halla Humahuaca, que según Cornejo, dista 22 leguas de las juntas del rio de Jujuy con el de Tarija, donde ambos ríos, con el nombre de Bermejo, empiezan á ser navegables” (DE ANGELIS, Pedro. Proemio al Diario del P. Montillo. In: DE ANGELIS, Pedro. Colección de obras y documentos relativos a la historia y antigua de las Provincias del Rio de la Plata. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, p. VI).

de su asilamiento á las provincias interiores del Río de la Plata”, cujos “ricos productos reclaman imperiosamente comunicaciones más fáciles con los demás estados”²⁰⁹.

Os documentos da *Colección* serviam também, portanto, para aconselhar e orientar as ações do governo²¹⁰. Fernando Bouza assinala que à medida que avançamos na Idade Moderna, os escritos vão sendo relacionados à elaboração da memória, pois sua durabilidade e fixação era considerada apropriada para garantir a informação necessária aos governantes e, ainda, a verdade, em princípio, ansiada pelos historiadores. Assim, o arquivo seria, segundo o historiador espanhol, “donde precisamente se cruzan las perspectivas del gobierno, el historiador y el particular”²¹¹. A *Colección* de Pedro de Angelis não seria diferente.

1. 4. A *Colección* como projeto particular

Londres e Edimburgo, 1837. Dois anos após a edição dos primeiros fascículos da *Colección de obras y documentos* por Pedro de Angelis, eram publicadas as primeiras resenhas sobre a obra em revistas científicas da Europa. Tratava-se do *Journal of the Royal Geographical Society of London* e do *The Edinburgh Review or Critical Journal*. Os dois textos exaltavam a iniciativa de De Angelis e saudavam o governo de Juan Manuel de Rosas e os leitores-assinantes²¹² por patrocinar e apoiar a obra. Woodbine Parish era quem escrevia as apreciações sobre a *Colección* impressas na revista da sociedade geográfica londrina. Conhecedor da situação dos documentos históricos na região do Prata, já que enquanto esteve em Buenos Aires como primeiro cônsul britânico entre 1825 e 1832 visitava frequentemente a coleção privada de Segurola, onde, como Pedro de Angelis, realizou cópias de manuscritos²¹³, Parish escrevia que o “valoroso trabalho” do “*Señor de Angelis*” era

the first attempt, we believe, as yet made, under any of the new governments of South America, to collect and bring before the world some of the many original records existing in their public archives, illustrative of the history

²⁰⁹ DE ANGELIS, Proemio al Diario de la Primera Expedicion de Cornejo al Chaco, op. cit., p. XI.

²¹⁰ BALTAR, op. cit., p. 132.

²¹¹ BOUZA, Fernando. *Imagen y propaganda*. Capítulos de historia cultural del reinado de Felipe II. Madrid: Akal, 1998, p. 44.

²¹² Sobre a grande lista de subscritores, a resenha do *The Edinburgh Review* chegava a dizer que “*the encouragement bestowed on the work of Señor de Angelis by his fellow-citizens, is a proof that he had consulted the general sense before he undertook it; and manifests, more-over, a sentiment of enlightened patriotism which the study of domestic history is reciprocally calculated to promote*” (THE EDINBURGH REVIEW OR CRITICAL JOURNAL. Edinburgh, vol. 65, n° 131, 1837, pp. 87-88. Tradução minha: “O incentivo concedido à obra do Senhor de Angelis por seus concidadãos é uma prova de que ele havia consultado o senso geral antes de executá-la; e manifesta, sobretudo, um sentimento de patriotismo esclarecido, que calcula-se, o estudo da história local promove reciprocamente).

²¹³ PODGORNÝ, op. cit., p. 36.

*and geography of the Spanish possessions in those parts, which it was the policy of the mother country so carefully to hide from public view.*²¹⁴

Devemos lembrar que até aquele momento não existiam nas novas nações americanas nenhum Instituto Histórico e Geográfico dedicado à coleta e à organização de documentos ou à escrita de histórias nacionais, nem outra coleção documental que se equiparasse àquela realizada por De Angelis com a proteção de Rosas. Podemos supor que o erudito italiano, atento aos movimentos que aconteciam na Europa de criação de instituições de saber destinadas à produção do passado das comunidades nacionais como parte de políticas de Estado²¹⁵, tinha essa leitura quando iniciou o seu projeto pessoal e quando, especialmente para sustentá-lo financeiramente e para garantir a sua circulação, relacionou-o ao governo rosista. Juan Manuel de Rosas e seu grupo político de apoio, provavelmente, não tinham pretensão de institucionalizar, pensar e elaborar o passado da Confederação Argentina: tinha-se, e isto se pode afirmar, a ideia de produzir um discurso no qual a ordem vigente era o único caminho para a realização plena do bem comum e projetá-la a todo o território das províncias²¹⁶; discurso que acabou auxiliando os partidários do regime de Rosas a construírem a concepção de uma comunidade de pertencimento existente em torno da Confederação, como afirma Eduardo Scheidt²¹⁷. A *Colección*, no entanto, ajudaria não só a construir o discurso da ordem rosista e a divulgar o governo de Rosas entre os letrados portenhos, do interior argentino e do exterior. Com ela, o governador de Buenos Aires ainda ficaria conhecido como apoiador de um projeto que, publicando pela primeira vez uma série de documentos, delimitava e imaginava a geografia e o história da comunidade sob sua jurisdição, tal qual faziam as nações europeias. Afinal, como afirma Fabio Wasserman, “*este tipo de empresas eran consideradas hitos en el desarrollo cultural de la región que, por eso mismo, permitía colocarla a la altura de los centros más adelantados y prestigiosos*”²¹⁸.

Woodbyne Parish ressaltava esse feito em sua resenha. A *Colección* de De Angelis, conduzida e incentivada pelos resultados e pelas informações advindas da expedição ao Deserto de Juan Manuel de Rosas, era valorosa por levar a público documentos que abordavam a

²¹⁴ THE JOURNAL OF THE ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY OF LONDON. London, vol.7, 1837, p. 351. Tradução minha: “a primeira tentativa, acreditamos, já feita sob qualquer um dos novos governos da América do Sul, de coletar e trazer diante do mundo alguns dos muitos registros originais existentes nos seus arquivos públicos, ilustrativos da história e da geografia das possessões espanholas naquelas partes, o que a política da pátria-mãe tão cuidadosamente escondera do conhecimento público”.

²¹⁵ GUIMARÃES, *Vendo o passado*, op. cit., p. 25; GUIMARÃES, *Entre amadorismo e profissionalismo*, op. cit., p. 190.

²¹⁶ MYERS, *Orden y virtud*, op. cit., p. 22.

²¹⁷ SCHEIDT, op. cit., p. 105.

²¹⁸ WASSERMAN, *La historia como concepto y como practica*, op. cit., p. 31.

história do espaço que ia desde a Patagônia até o Peru, regiões que, certa feita, estiveram sob o governo do Vice-Reinado de Buenos Aires. Tudo realizado com o patrocínio do presente governo da Província:

*The project of extending the southern frontier of the province of Buenos Ayres, and the expeditions undertaken with the object of driving the Indians beyond the Rio Negro, appear to have led to a search for such information as in former periods was collected; and not only were many valuable papers thus brought to light relative to the Pampas, and those parts of the coast of Patagonia explored and partially settled by the Spaniards in the last century, but a mass of others of the highest interest, connected with the history of the original discovery and subsequent exploration of a great portion of those widely-spread regions formerly comprised under the government of the Viceroy of Buenos Ayres, and reaching from Patagonia to Peru. Señor de Angelis was fortunately able to appreciate the value of these materials; and under the patronage of the present government of Buenos Ayres undertook to publish them.*²¹⁹

Alguns anos depois, o próprio Pedro de Angelis exaltaria o papel do governo de Juan Manuel de Rosas para o lançamento da *Colección*. Ao contestar um artigo saído na publicação francesa *Revue Des Deux Mondes* que criticava o governo da Província de Buenos Aires, De Angelis, então editor do periódico rosista *Archivo Americano y Espiritu de la Prensa del Mundo*, relacionava os feitos atribuídos à gestão de Rosas em tom propagandístico. Entre estas realizações estariam, segundo o italiano, a dedicação do “*Restaurador de las Leyes*” em “*fomentar la ciencia y otras mejoras*”, sendo a coletânea de documentos históricos uma das iniciativas feitas neste sentido:

La Expedición de 1833 y 1834 á los Desiertos del Sud dió ocasión al General Rosas de dirigir y organizar una serie de observaciones y datos importantes para la descripción geográfica y geológica del país, para su historia natural y antigüedades. Una parte de estos importantes documentos ha sido encomendada á la publicidad. Esperamos que, terminada la guerra, pueda dedicarse el General Rosas á complementar su obra gloriosa en la parte que mas directamente interesa á las ciencias exactas y naturales. [...] En su Gobierno ha tenido lugar la rica Colección de Documentos Históricos del Río de la Plata, publicada por el ilustrado literato D. Pedro de Angelis, con observaciones importantes. Se han publicado documentos interesantes sobre

²¹⁹ THE JOURNAL OF THE ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY OF LONDON, op. cit., p. 351. Tradução minha: “O projeto de estender a fronteira sul da província de Buenos Aires e as expedições realizadas com o objetivo de conduzir os Índios para além do Rio Negro parecem ter levado a uma busca pelas informações que foram coletadas em períodos anteriores; e não apenas diversos papéis valiosos relativos ao Pampa e àquelas partes da costa da Patagônia exploradas e parcialmente colonizadas pelos espanhóis no último século foram assim trazidos à luz, mas uma massa de outros do maior interesse, ligados à história da descoberta original e da subsequente exploração de uma grande porção dessas amplas regiões anteriormente constituídas baixo o governo do Vice-Rei de Buenos Aires, e alcançando desde a Patagônia até o Peru. Felizmente, o Senhor de Angelis foi capaz de compreender o valor destes materiais; e sob os auspícios do atual governo de Buenos Aires se encarregou de publicá-los”.

*Antigüedades Americanas. [...] En su Administración, distinguidos ciudadanos, por sus laboriosas investigaciones y por sus trabajos recomendables, han merecido un recuerdo honroso y diplomas de las Sociedades literarias y científicas de la Europa.*²²⁰

Mas mais do que o governo de Juan Manuel de Rosas, quem foi beneficiário da publicação da *Colección* foi o seu autor, Pedro de Angelis. Para Wasserman, obras como a do italiano eram valorizadas positivamente já que “*a través de ellas podían crearse vínculos con personalidades o sociedades científicas y literarias de Europa y América*”. Além disso, ainda segundo o historiador argentino, uma coleção documental “*también oficiaba como un mecanismo legitimador de literatos y científicos ante la ausencia de instituciones locales capaces de ejercer esa función*”²²¹. Sem uma instituição de saber a partir da qual pudesse fazê-lo, por intermédio daquela obra publicada sob sua autoria, Pedro de Angelis pôde acessar novos espaços, criar novos vínculos e estabelecer novas relações no mundo letrado; acredito que esse fosse o seu maior objetivo pessoal ao publicar a *Colección*.

Em 1837, o erudito participou, legitimado não só pela obra em si, mas pela recepção que ela recebera no círculo letrado e nas associações científicas do exterior, das primeiras célebres reuniões do Salão Literário organizado pelo livreiro Marcos Sastre em Buenos Aires. No dia da inauguração do Salão, Sastre mencionou em seu discurso “*la importante obra que está publicando el Señor do Angelis, y que ya ha sido recibida con aplauso en varias sociedades científicas de Europa*”²²². Através do contato com o cavaleiro Henri Jules de Wallenstein, diplomata russo que atuava no Brasil, travado também a partir de dezembro de 1837, De Angelis conseguiu que os membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o aceitassem como seu sócio correspondente um ano depois de sua criação, ocorrida em 1838. Já que “realizar doações de materiais e trabalhos acadêmicos foi condição para exercer a sociabilidade”²²³ entre os institutos e as sociedades e os seus integrantes, em 23 de setembro de 1840 chegou ao IHGB, doado pelo seu editor, um exemplar da *Colección*²²⁴. O mesmo expediente foi utilizado por Pedro de Angelis em relação ao *Royal Geographical Society of*

²²⁰ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Primera reimpression del texto español conforme la edición original. Volume 2: 1844-45. Buenos Aires: Editorial Americana, 1947, p. 86.

²²¹ WASSERMAN, La historia como concepto y como practica, op. cit., p. 31.

²²² SASTRE, Marcos. Discursos pronunciados el dia de la apertura del salon literario, fundado por D. Marcos Sastre. *Liberalism in the Americas Digital Archive*. Disponível em: <<http://liberalism-in-americas.org/182>>. Acesso em: 3 de mar. 2015.

²²³ OLIVEIRA, Suellen Mayara Péres de. *A querela de clio na região do Prata e do Brasil: tensões e diálogos da escrita da história nos Institutos Históricos e Geográficos (1838-1852)*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010, p. 6.

²²⁴ Idem, p. 99.

London²²⁵ e à *Société de Géographie* de Paris²²⁶, instituições das quais era membro e para as quais enviara cópias de sua obra. Pedro de Angelis também enviou a *Colección* para as sociedades e publicações científicas das quais não tinha ainda vínculo societário, tentando, como podemos imaginar, estabelecer algum tipo de relação institucional ou com seus integrantes²²⁷.

Se durante os anos em que Rosas esteve no poder letrados relacionados à Geração de 1837 e à Associação de Maio criticaram a *Colección de Obras y Documentos*, tal qual se viu na postura de Esteban Echeverría logo no início do capítulo, após o final do governo rosista a obra passou a ser valorizada mesmo por sujeitos que circularam naquele grupo. Em 1854, Bartolomé Mitre impulsionou a criação de um *Instituto Histórico y Geográfico del Río de la Plata* em Buenos Aires. Provavelmente por reconhecer o trabalho realizado pelo erudito italiano ao buscar, reunir e publicizar documentos históricos na *Colección* duas décadas antes de sua iniciativa, Mitre o convidou a assinar a ata de fundação da instituição e a participar de suas sessões. Em sua biografia sobre De Angelis, Josefa Sabor se refere a uma carta escrita pelo napolitano ao seu amigo Tomás Guido, ministro de Guerra e Relações Exteriores do governo Rosas, na qual ele comenta o convite feito por Mitre e a sua ida a uma das reuniões da instituição. Àquela época, o erudito estava retirado e já não mais participava da vida pública ou produzia algum escrito:

*Yo vivo en mi quinta, como un patriarca, ni me quejo de mi suerte. Mucho me ha costado salir de mi retiro, para asistir a una sesión del Instituto histórico y geográfico que acaba de instalarse en esta ciudad. Pero me era imposible evitarlo. El Sr. Mitre vino en persona, con otros individuos a pedirme de figurar entre los fundadores de esta institución, y a pesar de mi repugnancia de salir de la oscuridad en que vivo, tuve que ceder a sus instancias.*²²⁸

O objetivo principal do *Instituto* de Bartolomé Mitre não era, afinal, tão distinto do que Pedro de Angelis aspirava em 1835 ao projetar sua *Colección*, apesar de o italiano não a ter produzido a partir de uma instituição de saber. Além de difundir os trabalhos históricos, editar

²²⁵ A resenha de Woodbyne Parish começava com a seguinte frase: “*The Geographical Society has received, through the kindness of Señor de Angelis, the first four volumes of this valuable work*” (THE JOURNAL OF THE ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY OF LONDON, op. cit., p. 351. Tradução minha: A *Geographical Society* recebeu, por gentileza do Senhor de Angelis, os primeiros quatro volumes deste valioso trabalho”).

²²⁶ Em 1839, saía no Bulletin de la Société de Géographie a lista de “*ouvrages offerts a la société*”, entre os quais estava a *Colección* de De Angelis (BULLETIN DE LA SOCIÉTÉ DE GÉOGRAPHIE. Paris, 2ème serie, tome 11ème, 1839, p. 363).

²²⁷ Assim, por exemplo, mais de uma década após a sua publicação, a *Colección* figurava entre as doações chegadas à Academia Real de Ciencias de Lisboa (ACTAS DAS SESSÕES DA ACADEMIA REAL DAS CIENCIAS. Lisboa, n. 1, Tomo II, 1850, p. 121).

²²⁸ apud SABOR, op. cit., p. 148.

uma revista mensal e vincular-se com as associações científicas do exterior²²⁹ – como o IHGB, no qual as ações da associação bonaerense se inspiravam assumidamente²³⁰ – Mitre pretendia especialmente reunir e recompilar os documentos históricos que estavam dispersos, organizando uma biblioteca, um arquivo e uma coleção de mapas. Isto fica bastante claro em um trecho do discurso que proferiu na sessão fundadora da instituição, realizada naquele mesmo ano na Biblioteca Pública de Buenos Aires:

*Pasando ahora a los objetos de la asociación, creo que a nada más hermoso ni más útil pueda ella contraerse que al estudio de la historia, de la geografía y la estadística en todas sus relaciones y aplicaciones circunscribiéndose a los países del Río de la Plata, donde pueden explotarse con novedad y ventaja los ricos materiales que todavía ni aún han sido clasificados. Tal vez en el vasto programa de nuestros trabajos, no nos sea posible examinar esos materiales a la luz de un sano criterio, y tengamos que contentarnos con poner algún orden en el caos de documentos que constituye nuestra herencia historial.*²³¹

Em 1865, alguns anos depois do falecimento do italiano, portanto, a *Colección de obras y documentos* foi rememorada como “monumento” por Domingo Faustino Sarmiento: “*La colección de Angelis es [...] el monumento nacional más glorioso que pueda honrar a un Estado americano, y a De Angelis, que emprendió la publicación, le debe la República lo bastante como para perdonarle sus flaquezas*”²³². Para Fabio Wasserman, a obra de De Angelis passou a importar, então, por “*su propia existencia y su carácter secuencial que evidenciaban tanto el pasado valioso y digno de recuerdo que tenían los pueblos del Plata como los avances producidos en el presente para lograr su conocimiento*”²³³.

Nesse sentido, por ter sido o “*autor de la primera colección documental publicada en el Río de la Plata*”²³⁴, Pedro de Angelis foi homenageado pela *Junta de Historia y Numismática Americana*²³⁵ em 1936. Então presidida pelo historiador Ricardo Levene, a *Junta* imprimiu uma

²²⁹ BUCHBINDER, op. cit., p. 67.

²³⁰ DEVOTO, La construcción de relatos de los orígenes en Argentina, Brasil y Uruguay, op. cit., p. 274.

²³¹ MITRE, Bartolomé. Instituto Histórico y Geográfico. Discurso pronunciado en la Biblioteca Pública con el objeto de promover a la asociación. In: MITRE, Bartolomé. *Obras completas*. Buenos Aires, 1959, p. 100.

²³² SARMIENTO, Domingo Faustino. *Obras selectas*. Edición ordenada, revisada y precedida por un estudio preliminar por Enrique de Gandía. Buenos Aires: Editorial La Facultad, 1944, p. 384.

²³³ WASSERMAN, La historia como concepto y como practica, op. cit., p. 31.

²³⁴ DE GANDÍA, Enrique. La Academia Nacional de Historia. Breve Noticia Histórica. In: LEVENE, Ricardo (dir.). *Historia de la Nación Argentina* (Desde los orígenes hasta la organización definitiva en 1862). Vol. I: Tiempos Prehistóricos y Protohistóricos. Buenos Aires: Librería El Ateneo Editorial, 1961, p. LXXIV.

²³⁵ A *Junta de Historia y Numismática Americana*, foi fundada em 1893 e era, em seu princípio, algo como uma reunião de notáveis que semanalmente se reuniam na casa de Alejandro Rosas, sob a presidência de Bartolomé Mitre, para trocar moedas e medalhas. A partir da década de 1920, sua direção foi ocupada por membros da “*Nueva Escuela Histórica*” argentina, formada em sua maioria docentes da *Universidad de Buenos Aires* como Rómulo Carbia, Diego L. Molinari, Ricardo Levene e Luis M. Torres. Poucos anos depois da concessão da medalha a

medalha em comemoração ao centenário da *Colección de obras y documentos* com a efígie do erudito italiano para ser distribuída entre os “*académicos numerarios y correspondientes e instituciones históricas*”²³⁶ (ver Anexo 8). Naquele século XX, a coletânea de De Angelis foi reeditada na Argentina em três oportunidades. A primeira foi lançada em 1900 pela *Imprenta y Editora de V. Colegma* de Santa Fé; já a segunda foi publicada em 1910 pela *Librería Nacional de J. Lajouane & Cía* de Buenos Aires. No “*Proemio*” desta edição, o responsável Carlos R. Gallardo escrevia, em tom laudatório e utilizando ideia semelhante à de Sarmiento algumas décadas antes, que “*la obra del distinguido hombre [...] se consierva siempre en pie, como un monumento histórico y geográfico*”²³⁷. Dizia ainda, para justificar a reimpressão, que “*la obra de De Angelis fué y es una de las fuentes de donde el historiador y el geógrafo van á buscar la cita, como el dato ilustrativo ó la descripción completa del punto que les interesa*”²³⁸. A outra reedição foi publicada entre 1969 e 1972 pela editora bonaerense Plus Ultra, com organização, prólogos e notas de Andrés M. Carretero. Em sua “*Nota del editor*”, Carretero comemorava que “*a partir la presente reedición, tenemos la seguridad que muchos estudiosos o entusiastas del tema histórico, han de solazarse en la posesión y lectura de ella*”²³⁹.

Recentemente, a *Ediciones Continente*, também de Buenos Aires, publicou fontes históricas editadas por Pedro de Angelis na *Colección de Obras y Documentos* em uma coleção chamada “*Exploradores y Viajeros*”. Elas foram lançadas em dois diferentes livros sob a autoria do italiano: em 2005, “*La Ciudad Encantada de la Patagonia: La Leyenda de los Césares*”²⁴⁰ e em 2007, “*Viajes por las costas de la Patagonia y los campos de Buenos Aires: Informes, diarios e cartas de viajeros (s. XVIII)*”²⁴¹. Cada um deles continha os documentos tal como foram publicados por De Angelis e os textos introdutórios por ele produzidos. No “*Estudio Preliminar*” do primeiro livro, Alberto Pérez afirmou que, ao editar a *Colección*, o

Pedro de Angelis, a *Junta de Historia* foi transformada em *Academia Nacional de Historia* (Ver em: BUCHBINDER, Pablo. *Historia de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1997).

²³⁶ DE GANDÍA, op. cit.

²³⁷ GALLARDO, Carlo R. Proemio á la segunda edición. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos á la historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata*. Tomo I. Buenos Aires: Librería Nacional de J. Lajouane & Cía. Editores, 1910, p. I.

²³⁸ Idem, p. II.

²³⁹ CARRETERO, Andrés M. Nota del Editor. In: De ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos á la historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata*. Tomo Primero. Con prólogos y notas de Andrés M. Carretero. Buenos Aires: Plus Ultra, 1969, p. 10.

²⁴⁰ Na *Colección* se trata de um conjunto de documentos reunidos por De Angelis sob o título “*Derroteros y viajes a la Ciudad Encantada, ó de los Césares, que se creía existiese en la cordillera, al sud de Valdivia*” e que inclui escritos produzidos no século XVIII por padres jesuítas como José Cardiel, Pedro Lozano, Tomas Falkner, dentre outros papéis sobre a parte mais meridional da América.

²⁴¹ Os documentos publicados nesta obra estão dispersos nos tomos V e VI da *Colección*, tendo sido publicados em diferentes fascículos da obra.

italiano havia tido “*una actitud pionera y militante de rescate y preservación de la memoria*”²⁴². Já no artigo que abria as “*Viajes por la costas de la Patagonia*”, Pedro Pesatti asseverava que o autor da compilação editada “*es considerado uno de los historiadores clave de nuestro país, aunque su producción fue centro de grandes polémicas. Corrió riesgos propios de todo aquel que se aventura por primera vez a incursionar en un campo levemente transitado al proponerse el estudio de nuestro pasado*”²⁴³.

O trabalho de busca, reunião e publicação de documentos históricos realizado por Pedro de Angelis é, portanto, saudado e reconhecido por estudiosos, mesmo que muitos apontem para os problemas metodológicos existentes na *Colección*, como a já abordada falta de ordenação temática ou cronológica, ou os erros na tradução e na transcrição e as interferências na edição de sua documentação²⁴⁴. Esta foi a posição adotada, por exemplo, por Rómulo D. Carbia em sua *Historia Crítica de la Historiografía Argentina* publicada em 1839. Para o historiador argentino, à obra de De Angelis “*pueden hacerse reparos [...] considerando que el rigor metodológico de De Angelis no era adecuado*”, mas “*de eso a desconocer la importancia cierta de su iniciativa, parece media sensible distancia. Como se ve, reconozco a la Colección, que nos ocupa, un significado singular*”²⁴⁵. Há que se considerar que, por seu valor documental, o conjunto de fontes produzido pelo italiano acabou auxiliando e orientando muitos estudos que, após a sua publicação e especialmente o fim do governo de Rosas, foram realizados sobre passado argentino: até hoje, a sua coletânea é referência para os investigadores que pesquisam e escrevem a história daquele país²⁴⁶.

Quando realizou sua obra, De Angelis acreditava que em suas mãos estavam a memória e o esquecimento da história platina e foi por isso que ele não poupou esforços para reunir documentos e divulgá-los em uma edição impressa. No entanto, é preciso atentar, como vimos, que os documentos da *Colección* formavam um arquivo da Confederação rosista, servindo, também, para produzir representações do seu passado, exaltar e divulgar o projeto de Juan

²⁴² PÉREZ, Alberto. Estudio preliminar. La leyenda de la Ciudad Encantada de la Patagonia. In: DE ANGELIS, Pedro. *La ciudad encantada de la Patagonia*. La leyenda de los Césares. Buenos Aires: Continente, 2005, p. 12.

²⁴³ PESATTI, Pedro. Estudio preliminar. Pedro de Angelis y la soberanía de los territorios australes. In: DE ANGELIS, Pedro. *Viajes por las costas de la Patagonia y los campos de Buenos Aires*. Informes, diarios y cartas de viajeros (s. XVIII). Buenos Aires: Continente-Pax, 2007, p. 9.

²⁴⁴ Dentre as acusações mais graves está a que fez José Manuel Estrada em 1863 quando assinalou supressões e alterações na ordem da segunda parte da publicação na *Colección* da “*Historia del Paraguay, Río de la Plata y Tucumán*”, do Padre Guevara. Sobre isso ver: BECÚ; TORRE REVELLO, op. cit., pp. 27-31.

²⁴⁵ CARBIA, Rómulo D. *Historia Crítica de la Historiografía Argentina*. Desde sus orígenes en el siglo XVI. La Plata: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad de la Plata, 1939, p. 94.

²⁴⁶ Basta olhar a bibliografia de trabalhos sobre, por exemplo, a história das populações indígenas que ocupavam o território que hoje corresponde à Argentina, ao Paraguai, ao Uruguai ou ao Chile, ou sobre as missões jesuíticas estabelecidas no mesmo espaço nos séculos XVII e XVIII.

Manuel de Rosas, além de traçar os seus domínios e aconselhar as ações do governo. É impossível, pois, não tomar o conjunto de fontes históricas reunido por De Angelis justamente como “monumento”²⁴⁷ como quiseram Sarmiento e Gallardo, mas na acepção de Jacques Le Goff: ele é resultado de escolhas – e, portanto, de seleção e exclusão – impostas pelo momento histórico em que foi conformado e pelos interesses e critérios do próprio sujeito que o produziu. Penso, assim, que a *Colección*, mais do que uma mera recompilação de documentos, deve ser vista como parte do próprio processo de construção de um dado discurso sobre o passado.

Antes que a *Colección* chegasse até nós, Pedro de Angelis sofreria alguns percalços para conseguir terminar a sua obra iniciada sob os auspícios de Rosas, apesar da boa repercussão obtida do momento do seu lançamento – que acabava por atingir positivamente a imagem do erudito e a de Rosas – e das relações que o italiano conseguiu tecer com outros letrados por conta da circulação dos primeiros fascículos de seu trabalho. Mesmo após um período de incertezas, aflições e tentativas de ir embora da Argentina, no entanto, De Angelis seguiria prestando serviços àquele governo no *Archivo General de la Provincia de Buenos Aires*, sendo seu segundo arquivista de 1840 a 1852, e no *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*, publicado entre 1843 e 1851. Como se verá no próximo capítulo, durante a década de 1840, então *archivero* de Rosas e cada vez mais próximo ao governador, ele continuaria reunindo e publicando documentos, mas dando especial atenção àqueles que abordavam o presente da Confederação Argentina.

²⁴⁷ LE GOFF, op. cit.

CAPÍTULO 2. UM ARCHIVERO PARA O ROSISMO

A publicação da “*Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las Provincias del Rio de la Plata*” foi encerrada em 1839 de forma abrupta, antes do que desejava e planejava Pedro de Angelis²⁴⁸. No derradeiro fascículo lançado ao público em outubro daquele ano, no qual publicava os últimos proêmios, discursos preliminares e índices que deveriam acompanhar os documentos históricos que editara para o sexto tomo da obra²⁴⁹, De Angelis dava explicações sobre a suspensão da *Colección* aos seus leitores em um texto intitulado “*Protesta del editor*”:

Entre las varias dificultades que hemos tenido que vencer para llevar al cabo nuestra empresa, no habíamos calculado que debía estrellarse en el bloqueo, tan injustamente declarado contra la Confederación Argentina, á la que nos preciamos de pertenecer; y sin la protección de un ilustre personaje, que sentimos no estar autorizados a nombrar, nos hubiéramos visto en la imposibilidad de completar estos trabajos. Los suspendemos por ahora, prometiéndonos emprender una segunda serie de documentos inéditos, y de igual naturaleza á los publicados, luego que desaparezcan de las aguas del

²⁴⁸ Apesar de, como vimos no capítulo anterior, nunca ter prometido aos seus leitores quantos volumes teria a *Colección*, em uma carta enviada a um amigo residente na França, Nicolas Basti, quando começava a publicação, Pedro de Angelis contava que começava um “*entreprise considérable*” e que planejava que a obra formaria “*pas moins de 12 à 15 volumes*” (apud CROCCE, Benedetto. “Voici di Esulli”: Andrea e Pietro de Angelis. In: _____. *Una famiglia di patrioti ed altri saggi storici e critici*. Bari: Gius. Laterza & Figli, 1919, p. 108. Traduções minhas: “empreendimento importante”; “nada menos que de 12 a 15 volumes”).

²⁴⁹ É importante esclarecer que a *Colección* teria mais volumes e não somente seis, como acabou ocorrendo por conta da interrupção precoce da publicação. Em carta a Wallenstein enviada em março de 1838, De Angelis dizia: “*Tout ce que je pourrais faire, ce serait de compléter le 7ème volume et même péniblement; ce qui laisserait ignorer un fond de matériaux importants que j’ai détérré dernièrement*” (BIBLIOTECA NACIONAL (Rio de Janeiro, Brasil). *Seção de Manuscritos*. I-28.16.15 n. 5. Carta de Pedro de Angelis para Wallenstein, 16 de março de 1838. Tradução minha: “Tudo o que eu poderia fazer seria completar o 7º volume, e mesmo penosamente; o que deixaria ignorado um fundo de materiais importantes que eu descobri recentemente”). Em seus estudos sobre a obra, Becú e Torre Revello afirmam que um fascículo contendo a capa para o sétimo tomo chegou a ser lançado. No entanto, este caderno, que continha 70 páginas nas quais foram impressos os documentos “*El Diario de Villarino, de su navegación del Rio Negro de Patagones*”, “*El reconocimiento de una parte del Rio Negro, y de la Bahía de San José, por el Sr. Cramer*” e alguns discursos preliminares, acabou por ser incluído no sexto tomo da *Colección*, já que Pedro de Angelis não pôde dar continuidade ao projeto (BECÚ; TORRE REVELLO, op. cit., p. 72). Isso pode ser verificado tanto no Índice General da *Colección* sugerido pelo autor (ver Anexo 6) quanto na maior parte das edições da obra que circulam – dentre as quais as que consultamos –, que acabam no volume 6 e não contêm o frontispício do volume 7. Becú e Torre Revello afirmam, ainda, que para o sétimo tomo foi impresso ainda um fascículo contendo o “*Diario de la Segunda División de Limites al mando de D. Diego de Alvear, teniente de navío de la Real Armada; con la descripción de su viaje desde Buenos Aires, para reconocer los terrenos neutrales entre el Chuy y Tahin, el Rio Grande de San Pedro, y la Laguna Merin con todos sus vertientes*”. Os estudiosos afirmam ter encontrado 7 exemplares deste fascículo em sua pesquisa, alguns avulsos, outros encadernados no sexto tomo da *Colección* (BECÚ; TORRE REVELLO, op. cit., p. 83-84). Este documento, no entanto, não consta listado no índice geral, como se pode verificar. O *Diário de Alvear* não fazia parte de nenhum tomo que consultei.

*Plata los que han venido á ostentar su poder, para turbar el sosiego de un pueblo inocente. Al despedirnos de nuestros suscriptores, les damos las gracias por la protección que nos han dispensado, y esperamos que no nos reusarán su cooperación cuando volveremos á solicitarla.*²⁵⁰

Em carta remetida naquele mesmo mês de 1839 ao cavaleiro de Wallenstein, o cônsul russo com quem se correspondia à época, Pedro de Angelis escrevia: “*J’ai été obligé de mettre fin à ma collection. Ces Messieurs, qui sont venus ici pour ne rien faire, depuis une année et demie qu’ils nous bloquent, sont tombés rudement sur un pauvre étranger, qui ne prend aucune part dans leurs querelles, et qui ne songeait qu’à sa besogne*”²⁵¹. A situação relatada pelo erudito na “*Protesta*” e na correspondência já se prolongava há algum tempo. Apesar de o último volume da *Colección* ter começado a ser publicado em 1837, sendo esse o ano impresso na capa como o de sua edição (ver Anexo 9), o lançamento dos fascículos contendo a transcrição dos documentos, os textos introdutórios escritos por De Angelis e os seus índices se arrastou ao longo daquele e dos dois anos seguintes²⁵². Desde fins de 1836, Pedro de Angelis penava para publicar e vender a sua coletânea de documentos. Mas a situação piorou a partir de março de 1838, quando a França iniciou um bloqueio ao porto de Buenos Aires em retaliação à decisão de Rosas – firmemente mantida desde o começo de seu governo – de revogar uma resolução feita por Lavalle em 1829 e obrigar os residentes franceses da Província a prestar serviços militares²⁵³. O bloqueio que durou até 1840 prejudicava a publicação de De Angelis não

²⁵⁰ *Facsímile reducido de la contratapa del último cuaderno que el editor repartió, entregando los restantes proemios e índice general de la obra, anunciando que se veía obligado a interrumpirla.* In: BECÚ; TORRE REVELLO, op. cit., lámina IX.

²⁵¹ BIBLIOTECA NACIONAL (Rio de Janeiro, Brasil). *Seção de Manuscritos*. I-28.16.15 n. 18. Carta de Pedro de Angelis para Wallenstein, 23 de outubro de 1839. Tradução minha: “Eu fui obrigado a pôr fim à minha coleção. Esses Senhores, que vieram aqui para nada fazer, depois de um ano e meio que nos bloqueiam trombaram rudemente com um pobre estrangeiro que não toma parte alguma em suas querelas, e que apenas pensa em suas tarefas”.

²⁵² É possível observar, neste sentido, que neste tomo há escritos de autoria de De Angelis com datas de 1837, 1838 e 1839 (Ver Anexo 10). Como já afirmamos no primeiro capítulo, os leitores iam comprando os fascículos à medida em que eles eram lançados para que os juntassem em um só volume e o encadernassem posteriormente. Nenhum outro tomo da *Colección* demorou tanto tempo para que todos os seus fascículos fossem a público.

²⁵³ Desde a década de 1820 a França pretendia receber da Província de Buenos Aires o mesmo tratamento que a Grã-Bretanha havia obtido para seus nacionais em 1825, que implicava em gozar de vantagens comerciais e de isenção de qualquer tipo de serviço militar para os franceses ali radicados (TERNAVASIO, *Historia de la Argentina*, op. cit., p. 222). Em 1838, os franceses utilizaram um episódio para fortalecer a sua posição: a morte de César Bacle, um compatriota que havia instalado um atelier de litografia e pintura em Buenos Aires em fins da década de 1820, chamado Bacle y Cía. Ele havia conseguido de Rosas a direção da *Litografía del Estado*, mas decidiu retirar-se da cidade e mudar-se para o Chile auxiliado por conhecidos seus que se opunham ao governo rosista. Rosas e seus partidários acusaram Bacle de portar documentação valiosa para os “inimigos da ordem” e mandou prendê-lo. No cárcere, a saúde do francês se deteriorou rapidamente e ele morreu nos primeiros dias de janeiro de 1838. O vice-cônsul da França, Aimé Roger, apresentou uma reclamação ao governo da Província, que acabou desprezada. A partir daí, as tensões diplomáticas foram aumentando até culminar no bloqueio das costas portenhas (DI MEGLIO, Gabriel. *¡Mueran los salvajes unitarios! La Mazorca y la política en tiempos de Rosas*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2012. Edição Kindle, posição 1139).

somente pela escassez e pelo preço dos papéis necessários para a sua impressão, já que eles eram importados, mas também pelos graves problemas econômicos que a Confederação passou a enfrentar com a diminuição de ingressos da aduana, acarretando, entre outras coisas, em um aumento da pressão fiscal interna, na redução dos gastos públicos e na emissão sucessiva de moeda, o que gerou uma inflação galopante²⁵⁴.

Graças às intrincadas questões econômicas e políticas platinas e também à irregularidade da publicação de sua obra, Pedro de Angelis foi perdendo subscritores tanto em Buenos Aires quanto em Montevideú, onde a *Colección* tinha um bom público²⁵⁵. O amparo financeiro do governo de Rosas que, como demonstrado no primeiro capítulo, inferiu-se que De Angelis esperava receber para editar seus fascículos, se algum dia existiu, provavelmente agora deixava de acontecer. Em uma série de cartas escritas ao seu amigo Carlos Zucchi, arquiteto italiano que, naquele momento, vivia na cidade uruguaia²⁵⁶, é possível verificar a angústia de De Angelis para imprimir a obra, manter os seus assinantes e obter algum retorno financeiro a partir dela. Já em fins de 1836, o erudito demonstrava preocupação com o possível abandono de seus leitores e a necessidade da manutenção dos mesmos para que a compilação fosse mantida²⁵⁷. Em março de 1838, o erudito pedia a Zucchi que tentasse, através de

²⁵⁴ SALVATORE, op. cit., p. 373; BERNALDO DE QUIRÓS, op. cit. p. 197.

²⁵⁵ É razoável imaginar que os assinantes de Montevideú tenham gradativamente abandonado a assinatura da *Colección* em razão do apoio que, como analisamos no capítulo anterior, a obra sustentava a Juan Manuel de Rosas. Além de a cidade uruguaia ter sido um espaço para onde muitos opositores do rosismo se exilaram, a partir de 1838 ela sofreu, como logo será visto, uma dura intervenção de Buenos Aires.

²⁵⁶ Carlos Zucchi nasceu em Régio da Emília. Passou parte de sua vida no Rio da Prata e foi o responsável pelo projeto de alegorias importantes do governo de Rosas, como o mausoléu de Dorrego e a cenografia das *Fiestas Mayas*. Sendo compatriotas e servindo ao mesmo governo, Zucchi e Pedro de Angelis se tornaram bastante próximos. Em 1836, Carlos Zucchi foi viver em Montevideú e passou a trabalhar no Departamento Topográfico daquela cidade. Antes de retornar para a Itália, passou pelo Rio de Janeiro entre 1843 e 1844. As numerosas correspondências enviadas por De Angelis ao seu amigo fazem parte do arquivo pessoal do arquiteto que está guardado no *Archivio di Stato di Reggio Emilia* (repositório *Archivio Zucchi*) e foram publicadas em 1999 por Gino Badini em uma antologia intitulada "*Lettere Dai Due Mondi. Pietro de Angelis ed altri corrispondenti di Carlo Zucchi*". As cartas consultadas para essa investigação integram a obra de Badini.

²⁵⁷ "*Io soffro più degli altri di questo sconvolgimento perché i miei sottoscrittori hanno ben altro da pensare che non pagare la loro quota*" (Al sig. don Carlos Zucchi, 10 settembre 1836. In: BADINI, Gino. *Lettere Dai Due Mondi. Pietro di Angelis e altri corrispondenti di Carlo Zucchi*. Reggio Emilia: Archivio di Stato di Reggio Emilia, 1999, p. 64. Tradução minha: "Eu sofro mais do que outros com esta agitação porque meus subscritores têm muito mais a pensar do que não pagar a sua quota"); "[...] *questa sfortunata raccolta che ho iniziato ha finito per lasciarmi senza un soldo, a causa della velleità della gente di qui, che crede di avere acquisito il diritto, con 8 piastre di carta al mese, di cavillare continuamente su ciò che faccio e di insegnarmi in che modo devo portare avanti mia opera. Una parte dei miei sottoscrittori mi ha abbandonato e per conservare gli altri ho dovuto dire loro che avrei finito presto. Sono soprattutto i sottoscrittori di Montevideo che giocano simili tiri mancini, e se fosse vero ciò che Hernandez mi ha fatto dire, sarei obbligato a chiudere la mia attività, perché il ricavato della sottoscrizione non coprirebbe più le spese e, per di più, resterebbero inutilizzate più di cento copie dell'opera*" (A Carlo Zucchi, 15 novembre 1836. In: BADINI, op. cit., p. 66. Tradução minha: "[...] essa desafortunada coleção que comecei acabou por me deixar sem dinheiro, por causa da veleidade das pessoas daqui que pensam ter adquirido o direito, com 8 piastre de carta por mês, de especular continuamente sobre o que faço e ensinar-me de que modo devo continuar minha obra. Uma parte dos meus assinantes me abandonou e para conservar os outros tive de dizer-lhes que terminaria logo. São sobretudo os subscritores de Montevideú que usam tais subterfúgios, e

Hernández, livreiro que distribuía a *Colección* em Montevideu, vender sua obra, já que governo daquela cidade não pagava pela sua subscrição²⁵⁸; em dezembro do mesmo ano, De Angelis relatava as relações que tinha que travar para burlar o bloqueio do porto, conseguir com que papeis chegassem até ele e, assim, poder prosseguir o seu trabalho, bem como para enviar os seus exemplares para fora de Buenos Aires²⁵⁹. No início de 1840 queixava-se por não haver conseguido que Hernández vendesse os últimos fascículos de sua obra em Montevideu²⁶⁰. Outros documentos demonstram o esforço que Pedro de Angelis fazia neste período para vender a sua coleção para estrangeiros e conseguir algum dinheiro através dela, como, por exemplo,

se fosse verdade aquilo que Hernandez me fez dizer, eu seria forçado a acabar o meu negócio, porque o rendimento da assinatura não cobriria mais as despesas e, além disso, ficariam inutilizadas mais de cem cópias da obra).

²⁵⁸ “*Sperò di ricavare un po' di denaro con la mia sottoscrizione dal Governo di Montevideo, e invece mi ritrovo a mani vuote e Dio solo sa per quanto tempo. Vi prego di parlare con Hernandez, affinché lo venda, in un modo o nell'altro. Sono agli sgoccioli, poiché il Governo mi ha svaligiato nel vero senso della parola. Ad oggi mi deve 47.000, piastre: a me che non possiedo nemmeno due reali*” (Al sig. don Carlos Zucchi, 27 marzo 1838. In: BADINI, op. cit., p. 92. Tradução: “Esperava obter algum dinheiro com a minha assinatura do Governo de Montevideu, e, em vez disso, estou de mãos vazias e só Deus sabe por quanto tempo. Por favor, fale com Hernandez, para que o venda, de uma forma ou de outra. Estou esgotado, porque o governo me roubou no verdadeiro sentido da palavra. Até o momento, deve-me 47.000 piastre: para mim que não tenho sequer *due reali*”).

²⁵⁹ “*Il sig. Mandeville mi ha autorizzato a chiedere al sig. Hood, console inglese a Montevideo, di prendere in consegna la carta che il sig. Constantin mi deve inviare, affinché io possa proseguire la stampa della mia opera, e di metterla a bordo del prossimo piroscafo, mettendo l'indirizzo del sig. Mandeville, e con i sigilli del consolato*” (Al sig. don Carlos Zucchi, 6 dicembre 1838. In: BADINI, op. cit., p. 114. Tradução minha: “O Sr. Mandeville me autorizou a solicitar ao Sr. Hood, cônsul inglês em Montevideu, para receber o papel que o Sr. Constantin deve me enviar, para que eu possa continuar a impressão da minha obra e colocá-la a bordo do próximo navio a vapor, colocando o endereço do Sr. Mandeville, e com os selos do consulado”). Em uma carta enviada para o diplomata Wallenstein, a mesma situação é narrada: “*J'aurai bientôt le plaisir de vous faire passer la suite de mon ouvrage sur de Rio de la Plata. Je m'étais vu obligé de le suspendre, faute de papier, que je tire de France. Grace à la protection de Mr. de Mandeville, ministre de S.M.B., j'ai pu le faire venir de Montevideo, au travers de mille tracasseries de los bloqueadores. Ils ont fait tout ce qu'ils ont pu pour m'en priver, et ne pouvant pas tomber sur mon papier [...].*” (BIBLIOTECA NACIONAL (Rio de Janeiro, Brasil). *Seção de Manuscritos*. I-28.16.15 n. 14. Carta de Pedro de Angelis para Wallenstein, 26 de março de 1839. Tradução minha: “Em breve terei a satisfação de vos fazer chegar minha obra sobre o Rio da Prata. Eu me vi obrigado a suspendê-la por falta de papel, que obtenho da França. Graças à proteção do Sr. de Mandeville, Ministro da S.M.B., eu pude fazê-lo vir de Montevideu, em meio a mil complicações *de los bloqueadores*. Eles fizeram tudo o que puderam para me privar deles, e não podem encontrar meu papel”. Depois de tanto tempo vivendo em Buenos Aires, Pedro de Angelis utilizava algumas expressões em espanhol mesmo nas cartas que escrevia em outras línguas, como aparece aqui em “*de los bloqueadores*”. De Angelis sublinhou o trecho em castelhano, tal como transcrevi).

²⁶⁰ “*Che cosa devo fare con questo Hernandez! Comincio veramente a rivalutare i miei poveri lazzaroni: sono sporchi e straccioni, ma almeno non tormentano nessuno. Vuole che io gli dica vendete i miei libri! E di questo si tratta; non li ho certo fatti per poi tenerli per me. Voglio soltanto che non li distribuisca se non glieli pagano. Che metta dunque un avviso sui giornali dicendo che l'ultimo quaderno della Raccolta, ecc. è in mano sua, e che i sottoscrittori che desiderano completare la loro opera possono richiederlo pagando il relativo importo. Egli agirà quindi in base a detto avviso, consegnando quindi il quaderno a chi gli darà il danaro*” (Al sig. don Carlos Zucchi Montevideo, 21 marzo 1840. In: BADINI, op. cit., p. 158. Tradução minha: “O que devo fazer com este Hernandez! Começo realmente a reavaliar os meus pobres *lazzaroni*: eles são sujos e maltrapilhos, mas pelo menos não atormentam ninguém. Ele quer que eu lhe diga: venda os meus livros! E disso que se trata; eu certamente não o fiz para mantê-lo comigo. Apenas quero que não os distribua se não os estão pagando. Que coloque, então, um aviso nos jornais dizendo que o último caderno da Coleção, etc., está em suas mãos, e que os subscritores que desejam completar a sua obra podem solicitá-la pagando o valor relativo. Ele agirá, assim, nos termos deste aviso, entregando então o caderno a quem lhe dará o dinheiro”. A palavra “*lazzaroni*” está grifada em itálico no original e, em Nápoles, significa uma pessoa que pertence às classes populares),

algumas cartas que enviou durante 1838 ao cavaleiro de Wallenstein. Nelas, o italiano pedia ao diplomata russo que intermediasse a venda de assinaturas da *Colección* ao Império e a membros do governo do Brasil, sem obter sucesso²⁶¹. Há uma afirmação feita por Antonio Zinny que aparece em quase todas as obras que tratam de De Angelis e da publicação de sua compilação e que diz: “*El bloqueo francés de 1838, encareciendo el papel hizo que se suspendiese esta obra, la mayor parte de cuya edición fue vendida al peso, ¡para envolver!*”²⁶². Não saberia afirmar se, de fato, a *Colección* foi vendida a peso, por fim; o que pude verificar é que, apesar da diligência de De Angelis para angariar compradores para a sua obra, foi bastante difícil comercializá-la.

Os tempos eram difíceis para o italiano. Apesar da boa repercussão da *Colección* nos círculos letrados, ela se tornara financeiramente insustentável, bem como começava a se tornar a sua estadia em Buenos Aires. Desde que Rosas assumiu seu segundo mandato com poderes excepcionais em 1835, ao tempo em que se formatava um discurso que expressava a unanimidade e a adesão em torno do projeto federalista e da figura do governador, como assinalei no primeiro capítulo, também crescia o controle dos espaços públicos e políticos pela nova ordem rosista. Especialmente a partir de 1838 e 1839, a defesa do sistema federal passava

²⁶¹ A primeira carta enviada por De Angelis ao cônsul russo ao final de dezembro de 1837 é justamente para, através de Wallenstein, tentar uma aproximação com o Império para que o governo brasileiro assinasse a *Colección*. A carta é curta e objetiva nesse sentido: “*Je vous ai écrit par Mr. Hamilton pour profiter d’une occasion sûre qui s’est présentée, et je vous écris encore pour vous prévenir que par la goélette nationale ‘Providencia’, qui doit mettre à la voile demain, ou après demain, vous recevrez une petite caisse, avec un exemplaire de mon ouvrage pour Mr. le Ministre du Gouvernement du Brésil. Dans la lettre, que vous donnera Mr. Hamilton, vous trouverez celle que j’adresse au même individu, pour tâcher d’obtenir la protection du gouvernement brésilien à mon entreprise*” (BIBLIOTECA NACIONAL (Rio de Janeiro, Brasil). *Seção de Manuscritos. Seção de Manuscritos*. I-28.16.15 n. 1. Carta de Pedro de Angelis para Wallenstein, 4 de dezembro de 1837. Tradução minha: “Eu vos escrevi através do Sr. Hamilton para aproveitar uma oportunidade segura que surgiu, e eu vos escrevo novamente para vos avisar que pela escuna nacional ‘Providencia’, que deve zarpar amanhã, ou depois de amanhã, vós receberéis uma pequena caixa com um exemplar da minha obra para o Sr. Ministro do Governo do Brasil. Na carta, que o Sr. Hamilton vos dará, vós encontrareis aquela que eu dirijo à mesma pessoa, para tentar obter a proteção do governo brasileiro para o meu empreendimento”). Mesmo após algumas cartas nas quais De Angelis expunha a necessidade do apoio dos governantes brasileiros para a realização da sua obra – “*car il me serait impossible de le terminer sans cela*” (BIBLIOTECA NACIONAL (Rio de Janeiro, Brasil). *Seção de Manuscritos*. I-28.16.15 n. 5. Carta de Pedro de Angelis para Wallenstein, 16 de março de 1838. Tradução minha: “porque me seria impossível terminá-la sem isso”) –, a transação não foi realizada. Pedro de Angelis se demonstrava, então, decepcionado e desanimado com a negativa imperial: “*Je regrette beaucoup le peu d’intérêt qu’inspire mon ouvrage sur les Provinces du Rio de la Plata, ceux qui pourraient le protéger. Je ne doute nullement de vos efforts pour que mes espérances se réalisent, mais je suis tellement accoutumé à les voir se frustrer que je ne serais pas surpris de ne rien obtenir. Il ne faut pas venir en Amérique pour faire la littérature: je suis mal placé pour mes goûts [...]*” (BIBLIOTECA NACIONAL (Rio de Janeiro, Brasil). *Seção de Manuscritos*. I-28.16.15 n. 7. Carta de Pedro de Angelis para Wallenstein, 13 de junho de 1838. Tradução minha: “Eu lamento muito a falta de interesse que inspira a minha obra sobre as Províncias do Rio da Prata àqueles que poderiam protegê-la. Não tenho dúvida nenhuma sobre os vossos esforços para que minhas esperanças se realizem, mas estou tão acostumado a vê-las frustradas que não me surpreenderia não obter nada. Não se deve vir à América fazer literatura: eu estou mal situado para meus gostos”).

²⁶² ZINNY, Anthonio. *Estudios biográficos*. Buenos Aires: Librería Hachette, 1958, p. 167.

também pela intimidação, perseguição e eliminação de seus “inimigos” críticos e opositores, tachados, todos, sob a alcunha de “*salvajes unitarios*”²⁶³. O dissenso era combatido pelo regime que controlava, de maneira cada vez mais importante, a imprensa, o direito à reunião, as associações²⁶⁴. Enquanto tentava-se consolidar esta ordem federal unânime, aumentavam a resistência dos movimentos opositores e os conflitos políticos dentro e fora da Província de Buenos Aires, bem como a faceta autoritária do regime²⁶⁵. Não é por acaso que o período entre os anos de 1838 e 1843 ficou conhecido como o da “grande crise do sistema federal”, durante

²⁶³ Esse período será marcado pela intolerância política e pela violência de Estado: “*la restauración de la orden federal exigía una guerra sin cuartel a los unitarios, así como un aumento de la represión a quienes violaban las leyes y ofendían a la religión católica*” (SALVATORE, op. cit., p. 327). Em princípio, “*aquellos cuyas libertades serían coartadas constituían una minoría: eran ciudadanos de los sectores acomodados que el propio régimen había definido como ‘subversivos’, ‘anarquistas’, y ‘traidores’ de la Patria. Parte del mandato que Rosas había recibido consistía precisamente en llevar la guerra ‘a muerte’ de los unitarios*” (Idem, p. 328). A partir de então, um componente importante do imaginário construído pelos rosistas foi a imagem de uma república ameaçada por um grupo conspirador, os unitários: eles seriam um “*grupo irreformable de alienados mentales, perversos morales y herejes, siempre dispuesto a subvertir el orden institucional. Ellos constituían la principal amenaza a la continuidad de la república*” (Idem, p. 335).

²⁶⁴ Nesse momento, Rosas passava a impor a autorização prévia a qualquer reunião, “*con lo que frena de manera considerable el impulso asociativista*” que durante os primeiros anos de seu governo era modesto, porém significativo (BERNALDO DE QUIRÓS, op. cit., p. 198). Basta lembrar-se, por exemplo, das reuniões do Salão Literário ocorridas na livraria de Marcus Sastre em 1837, logo dissolvidas em 1838 diante da crescente dificuldade em realizar encontros públicos e da denúncia da cumplicidade de seus jovens participantes com os inimigos da Confederação. Segundo Pilar Bernaldo de Quirós, nos anos finais da década de 1830, a juventude bonaerense “*abandona los cafés y olvida el furor asociativo, mientras que la ‘gente decente’ tiende, en general, a volver a las antiguas formas de sociabilidad: las tradicionales tertulias en las salas de familia, los encuentros en el barrio, a la salida de la iglesia, durante los paseos por las alamedas, etcétera*” (Idem). Entre 1839 e 1842, o controle das manifestações públicas e da vida coletiva alcançou seu ápice: lugares de encontro, como *pulperías* e cafés seriam vigiados e reuniões noturnas como tertúlias familiares eram vistas com suspeição. Além disso, práticas associativas foram proibidas de fato. A relação feita pelo rosismo entre sociabilidade e unitários era tão estreita que até mesmo a *Sociedad de Beneficencia*, criada durante o governo de Rivadavia e da qual participavam as mulheres mais proeminentes da sociedade portenha, sofreu com a desconfiança governista, tendo fechados seu *Hospicio de Niños Expósitos* e seu *Colegio de Huérfanos* em 1839 (Idem, p. 215).

²⁶⁵ Desde 1835, as prisões e os fuzilamentos de opositores ocorriam em Buenos Aires, mas eram limitados a princípio. Para alcançar a desejada unanimidade federal e afiançar uma autoridade incontestável, a vigilância e o controle de possíveis dissidentes ficaram nas mãos da polícia, dos juízes de paz, dos *alcaldes* de bairro e seus tenentes *alcaldes*. Mas a partir de 1838, enquanto crescia o número de dissidentes dos federalistas, a prática do terror contra oponentes políticos virou regra (SALVATORE, op. cit., p. 332). Dois meses especialmente violentos em Buenos Aires, outubro de 1840 e abril de 1842, são frequentemente retomados pela historiografia para ilustrar esses tempos. Em ambos, a protagonista foi a *Sociedad Popular Restauradora*, cujo braço parapolicial, conhecido como *Mazorca*, passava a também vigiar e reprimir – com assassinatos, torturas e decapitações – possíveis expressões (ou mesmo simples rumores) de contrariedade ao governador. A *Mazorca* era formada por sujeitos pertencentes às classes populares bonaerenses e, muitas vezes, agia por conta própria, sem necessariamente receber ordens do governo, ainda que Rosas se beneficiasse de forma importante do terror que o grupo impunha às elites opositoras e da legitimidade que a plebe rosista ganhava com aquelas ações. Segundo Gabriel Di Meglio, “*si la plebe rosista se consideraba en algún punto representada por las acciones de los mazorqueros, entonces Rosas también avanzaba en su principal objetivo: la construcción de un orden. Esto puede contribuir a explicar el porqué de una acción ‘parapolicial’ contra los opositores que devino en el terror. Mientras que a la plebe porteña se la vigiaba y disciplinaba con las pocas herramientas estatales existentes, fundamentalmente la Policía, a la elite disidente se la perseguía – y así también disciplinaba – apelando a grupos que de alguna manera se arrogaban una representatividad popular*” (DI MEGLIO, op. cit., posição 1919). Sobre a formação da *Sociedad Popular Restauradora*, da *Mazorca* e seus integrantes, ver a obra de Gabriel Di Meglio aqui citada.

o qual o poder de Rosas foi seriamente ameaçado²⁶⁶. Em 1838, a situação do bloqueio francês do porto de Buenos Aires, sobre a qual já me referi, era agravada pela intervenção de Juan Manuel de Rosas na política da Banda Oriental e o apoio que passou a dar a Manuel Oribe, presidente deposto da república uruguaia, em oposição a Fructuoso Rivera que havia retomado o poder naquele ano. Ocorre que diversos dissidentes do rosismo, como federais cismáticos²⁶⁷, unitários e intelectuais românticos ligados à Geração de 1837, passaram a viver a partir daquele momento em exílio na cidade de Montevideú. Ao apoiar Oribe, Rosas objetivava justamente debilitar a presença e o poder de propaganda oposicionista daqueles emigrados que, por sua vez, estavam ao lado de Rivera. Sobre a atuação de oposição dos exilados do rosismo retornarei adiante. O que é importante, aqui, é precisar que o conflito na outra margem do Prata tornava ainda mais dura e longa a intervenção francesa nos portos e nos rumos políticos bonaerenses, já que a França apoiaria Rivera em sua declaração de guerra contra Rosas, em 1839. Além da ação dos emigrados, do embate com a República Oriental e da intervenção externa francesa – e em decorrência desses fatores – a Confederação ainda passou neste período por problemas internos: também em 1839, iniciou-se ao sul da campanha de Buenos Aires um levantamento de proprietários que sentiam-se economicamente prejudicados pelo bloqueio do porto e pelas ações de Rosas naquele contexto de crise²⁶⁸; pouco tempo depois, em meados de 1840, o general Juan Lavalle, apoiado pelos unitários, enfrentou o governador e tentou invadir Buenos Aires desde as províncias do litoral²⁶⁹. Todas estas questões aumentavam as tensões políticas e sociais, e deixavam o governo rosista sob risco de não resistir.

²⁶⁶ HALPERIN DONGHI, op. cit., p. 339.

²⁶⁷ “Federais cismáticos” é a denominação dada aos federais liberais, grupo que enfrentava a supremacia de Rosas desde seu primeiro mandato, pelos federais que aderiram ao rosismo e que se auto intitulavam *apostólicos* ou *federales netos*.

²⁶⁸ O bloqueio francês dos portos bonaerenses atingiu em cheio os interesses dos estancieros, já que a exportação de produtos pecuários ficou impedida. No entanto, a atitude de Rosas diante da crise econômica também desagradou aquele grupo. Como os ingressos fiscais nas aduanas caíram abruptamente, o governo procurou fundos alternativos; entre as iniciativas empregadas, estavam a alteração do sistema de enfiteuses – a partir de 1838, passou-se a cobrar o dobro daquilo que deviam pagar os que arrendavam terras do Estado e limitou-se a duração dos contratos, ordenando-se a venda de uma parte importante das terras do sistema – e um maior rigor na cobrança de um imposto sobre capitais chamado *Contribución Directa*. Essas medidas fiscais acabaram desestabilizando uma das bases de sustentação de poder de Rosas: o sul da campanha de Buenos Aires. O levantamento dos “*Libres del Sur*”, tal como foi chamada por seus protagonistas e como passou à historiografia após Caseros, foi a expressão mais dramática dessa conjuntura. A maior parte de seus dirigentes e participantes não foram antigos inimigos do governador, mas sim “*miembros de los sectores considerados ‘buenos federales’*” que personificavam “*en sus niveles de mayor responsabilidad a buena parte de los sectores más ricos de los propietarios rurales, a quienes también se visualizaba como los beneficiarios y sostenes principales del régimen de Rosas*” (GELMAN, Jorge. *Rosas bajo fuego: Los franceses, Lavalle y la rebelión de los estancieros*. Buenos Aires: Penguin Random House Grupo Editorial Argentina, 2012. Edição Kindle, posição 666).

²⁶⁹ Simultaneamente ao levantamento dos “*Libres del Sur*”, Juan Lavalle iniciou uma campanha militar no litoral, em Entre Ríos. Nos primeiros dias de agosto de 1840, o general, com um exército de pouco mais de mil pessoas, iniciou uma tentativa de invasão de Buenos Aires que pretendia derrubar pela força Juan Manuel de Rosas. Contando com a ajuda francesa e de Rivera desde Montevideú, Lavalle e o grupo que o secundava – unitários e

Em meio a esse cenário de instabilidade política e econômica, Pedro de Angelis se mostrava um sujeito temeroso e pessimista em relação à situação vivida em Buenos Aires. No início de 1838, ele confidenciava para Carlos Zucchi:

Il futuro di questo paese è assai tetro e per quanto mi riguarda, non ci tengo più. Sto già pensando di fare le valigie, ma per sapere se posso rientrare a casa mia, senza chiedere l'aiuto di miei parenti, farò il sacrificio di restare un altro anno, durante il quale vedrò se posso guadagnare qualcosa con un'opera che mi ripropongo di pubblicare e che riguarderà gli ultimi 30 anni della dominazione spagnola su queste colonie²⁷⁰. Intanto, completerò la mia raccolta, che una volta terminata, mi procurerà qualche vantaggio per quanto riguarda le sottoscrizioni straniere.²⁷¹

Deixar a Província argentina – “Buenos Aires è stata per me come il Santo Sepolcro”²⁷²

– passava a ser um desejo reiteradamente expresso nas cartas enviadas aos seus correspondentes Zucchi e Wallenstein, residentes em Montevideu e no Rio de Janeiro, durante aquele ano em

opositores ao governo, entre os quais participantes dos levantamentos do sul – supunham sair vitoriosos: acreditavam que boa parte da população de Buenos Aires só esperava “*la señal de que alguna fuerza importante entraba en combate contra el dictador, para levantarse también y sumarse a esa fuerza en la lucha por la libertad*” (Idem, posição 1930), o que nunca ocorreu.

²⁷⁰ Não sei ao certo a que Pedro de Angelis se refere quando fala de “uma obra que me proponho novamente a publicar e que abrangerá os últimos 30 anos da dominação espanhola sobre essa colônia”. Suponho que seja a “*Colección de documentos relativos al Chaco y à la Provincia de Tarija, publicados por Dn. Pedro de Angelis. Buenos Aires, 1839*” que consta na *Bibliografía del Río de la Plata* que o próprio italiano preparou a próprio punho e que está guardada no legajo 97 do *Fondo Pedro de Angelis* no *Archivo General de la Nación*. Não há notícias de exemplares desta obra, mas Becú e Torre Revello afirmam que é possível que De Angelis tenha pegado os cadernos da “*Colección de obras y documentos relativos a la historia moderna y antigua del Río de la Plata*” que continham os documentos que tratavam do Chaco e da Província de Tarija (que já estavam impressos) e os tenha juntado em uma encadernação sob um novo título: “*No se puede, pues, dudar que ha un volumen con estas materias, circulando como cuerpo documental separado. Lo probable es que Angelis conservó algunos ejemplares de dichas monografías, y dió una separata, para uniformizar piezas que se encontraban dispersas en su Colección*” (BECÚ; TORRE REVELLO, op. cit., p. 65).

²⁷¹ Al sig. don Carlos Zucchi, 13 febbraio 1838. In: BADINI, op. cit., p. 87. Tradução minha: “O futuro deste país é bastante sombrio e, da minha parte, não me importa mais. Já estou pensando em fazer a mala, mas para saber se posso regressar para minha casa sem pedir ajuda aos meus familiares, farei o sacrifício de ficar mais um ano, durante o qual verei se posso ganhar algo com uma obra que me proponho novamente a publicar e que abrangerá os últimos 30 anos da dominação espanhola sobre essa colônia. Enquanto isso, completarei a minha coleção, que, uma vez terminada, me garantirá alguma vantagem no que se refere às assinaturas estrangeiras”. Em várias outras correspondências de De Angelis a desesperança e o medo em relação ao presente e ao futuro em Buenos Aires aparecem: “*Non c'è una persona dotata di un po' di buon senso che non guardi con inquietudine al futuro di questo paese: non è più possibile nascondere il male, e più a lungo si riuscirà a scongiurare la tempesta, più terribile sarà il suo scoppio*” (A Carlo Zucchi, 5 marzo 1838. In: BADINI, op. cit., p. 90. Tradução minha: “Não há uma pessoa dotada de um pouco de bom senso que não olhe com preocupação para o futuro deste país: não é mais possível esconder o mal, e quanto mais tempo se consiga afastar a tempestade, mais terrível será o seu irrompimento”); “[...] *siamo tutti minacciati di naufragare. Gente più agiata di me teme, a ragione, di finire sul lastrico: e non è necessario che il blocco duri molto a lungo per arrivare a tal punto. Fra tre o quattro mesi nessuno di noi avrà più scampo*” (Al sig. don Carlos Zucchi, 12 giugno 1838. In: BADINI, op. cit., p. 99. Tradução minha: “estamos todos ameaçados de naufragar. Gente com mais recursos do que eu teme, com razão, acabar na miséria: e não é necessário que o bloqueio dure muito mais tempo para chegar a tal ponto. Em três ou quatro meses, nenhum de nós terá mais escapatória”).

²⁷² Al sig. don Carlos Zucchi, 13 febbraio 1838. In: BADINI, op. cit., p. 88. Tradução minha: “Buenos Aires tem sido para mim como o Santo Sepulcro”.

que terminava sua “raccolta”. Ao cônsul russo, confessava seu incômodo com mais ênfase: “*Il me tarde quitter ce malheureux pays, où j’ai végété onze années; je n’en emporterai que des souvenirs, et une leçon tardive pour moi: qu’il ne faut jamais mettre beaucoup d’inconnues dans ce long calcul de probabilités qu’on appelle la vie*”²⁷³. De Angelis parecia não enxergar mais possibilidades de viver das letras, obter cargos ou ser protegido pelo governo de Rosas para realizar qualquer trabalho que lhe interessasse no Prata²⁷⁴. Seu objetivo era retornar à Europa – *ce que je désire le plus c’est de retourner en Europe*²⁷⁵ –, pois, “*en ces pays nouveau [...], la vie intellectuelle qui rend supportables les maux de l’existence, y est méconnue*”²⁷⁶. Por isso mesmo a preferência era ir para uma cidade como Paris, de onde saíra havia onze anos para vir à América, “*per fare qualcosa che potrebbe regalarmi qualche istante di soddisfazione del mio amor proprio*”²⁷⁷. Ainda em 1838, no dia 20 de junho, o erudito insinuava ao cavaleiro de

²⁷³ BIBLIOTECA NACIONAL (Rio de Janeiro, Brasil). *Seção de Manuscritos*. I-28.16.15 n. 5. Carta de Pedro de Angelis para Wallenstein, 16 de março de 1838. Tradução minha: “Mal posso esperar para deixar esse país infeliz, onde vegetei por onze anos; eu apenas levarei as memórias, e uma lição tardia para mim: nunca devemos colocar muitas incógnitas nesse longo cálculo de probabilidades que chamamos de vida”. A intenção de reforçar o incômodo talvez fosse diretamente proporcional à vontade de De Angelis de causar alguma comoção no cônsul para obter, dele, os favores que pretendia.

²⁷⁴ Na carta para Zucchi citada anteriormente, escrita no dia 13 de fevereiro de 1838, De Angelis dizia: [...] *dopo tutto, uno straniero è sempre una pecora nera. Se si aspira ad occupare un posto, non sarà certo un uomo venuto da fuori a trovare dei protettori. Se ci si affida ai propri mezzi, ci si ritrova a dipendere dal caso e per come stanno le cose ci sono mille contrattempi*” (Al sig. don Carlos Zucchi, 13 febbraio 1838. In: BADINI, op. cit., p. 87. Tradução minha: “[...] além de tudo, um estrangeiro é sempre uma ovelha negra. Se aspira ocupar um posto, certamente não será um homem de fora a encontrar protetores. Se confia em seus próprios meios, encontra-se dependendo do acaso e assim como estão as coisas há milhares de contratemplos”).

²⁷⁵ BIBLIOTECA NACIONAL (Rio de Janeiro, Brasil). *Seção de Manuscritos*. I-28.16.15 n. 9. Carta de Pedro de Angelis para Wallenstein, 26 de agosto de 1838. Tradução minha: “o que mais desejo é retornar para a Europa”.

²⁷⁶ Idem. Tradução minha: “nesses novos países [...], a vida intelectual, que torna suportáveis os males da existência, é desprezada”.

²⁷⁷ Al sig. don Carlos Zucchi, 13 febbraio 1838. In: BADINI, op. cit., p. 88. Tradução minha: “para fazer algo que pudesse me dar algum instante de satisfação do meu amor próprio”. Retornar para a sua cidade natal na Itália também chegou a ser uma hipótese aventada por De Angelis, mas mesmo nessa situação a ideia de passar por Paris continuava no horizonte: “*Non sono in grado di dirvi con certezza quale sarà il percorso del mio ritorno a casa. Senza dubbio, preferirei andare a Parigi, e restarsi anche per un po’ di tempo*” (Al sig. don Carlos Zucchi, 12 giugno 1838. In: BADINI, op. cit., p. 99; Tradução minha: “Não estou em condições de dizer-lhe com certeza qual será o percurso do meu retorno para casa. Sem dúvida, preferiria ir a Paris e ficar por algum tempo”). Uma carta escrita em 10 de janeiro de 1840 por seu irmão, Andrea de Angelis, para Nicolas Basti, então residente em Paris, revelava a tentativa de encontrar um ofício para que o italiano radicado em Buenos Aires pudesse “viver das letras” na cidade-luz, se conseguisse deixar o “país semibárbaro” em que vivia e retornar à Europa: “*A questo proposito vorrei che mi diceste schiettamente, e senza reticenza di sorta, se, ritornando mio fratello in codesta moderna Babilonia, troverebbe occupazioni che potessero procacciargli un modo onesto di sussistenza. Dopo aver consumato i suoi migliori anni lavorando come uno schiavo in un paese semibarbaro, egli ne uscirà forse in meno felice condizione che quando sventuratamente vi pose il piede, comunque avesse pubblicato una voluminosa collezione storica delle Provincie del Rio de la Plata, che ha molto solleticato l’orgoglio nazionale e gli ha meritato elogi sperticati non solo al di là, ma ben anche al di qua dell’Atlantico, ed in specie in Inghilterra. Ma né le molte lodi né parecchi diplomi accademici, che gli sono stati inviati, gli han fatto entrare un obolo nella scarsella, e sono i quattrini, non le pergamene, che fanno mangiare. Aggiungete il vandalico blocco francese, che ha distrutto affatto il commercio di Buenos-Ayres, unica sorgente della prosperità nazionale, e concepirete come sia divenuto indispensabile per lui il mutar cielo. Io gli ho offerto il mio tetto, e di tutto cuore... Pare però che il soggiorno di Napoli non gli vada a sangue, e per mille ragioni non ha torto. Quando egli stava in Parigi, non gli mancava il bisognevole, lavorando nella Biografia universale e degli illustri viventi. Credo che non dovrebbe*

Wallenstein que poderia, antes de rumar ao velho continente, apresentar-se ao Império brasileiro e prestar seus serviços àquele governo, provavelmente em uma tentativa de conseguir, com a mediação do cônsul, algum cargo ou trabalho:

*Comme je me propose visiter le Brésil avant de retourner en Europe, je me mets dès à présent aux ordres de ce gouvernement, pour lui en témoigner ma reconnaissance. Douze années de séjour dans ce pays, m'ont mis en état de faire l'application des idées que j'ai apportées d'Europe aux circonstances locales des nouvelles sociétés américaines.*²⁷⁸

Enquanto fazia esses planos, entre 1838 e 1839, Pedro de Angelis dizia preferir observar à distância o que ocorria na cidade. Diante das prisões e dos assassinatos cometidos pelo governo de Rosas contra aqueles que ousavam opor-se ou minimamente criticar a situação da

essere meno fortunato ora che si stampa tanto e che molti suoi antichi amici sono in alto, come Villemain, Cousin, Guizot, ecc. Veggo che Pellegrino Rossi, anche suo intimo amico, Sismondi, Libri, Mamiani, possono vivere con le lettere: perché non potrebbe vivere del pari il frate mio?" (apud CROCCE, op. cit., p. 109-110. Tradução minha: "A esse respeito, gostaria que me dissesse francamente e sem qualquer reticência, se, retornando meu irmão a essa moderna Babilônia, ele encontraria ocupações que pudessem lhe prover uma forma honesta de subsistência. Depois de ter passado os seus melhores anos trabalhando como um escravo em um país semibárbaro, ele sairá, talvez, em condições menos felizes do que quando, infelizmente, colocou seus pés, embora tenha publicado uma volumosa coleção histórica das Províncias do Rio da Prata, que estimulou muito o orgulho nacional e que mereceu elogios por isso, não só além, mas também neste lado do Atlântico, e especialmente na Inglaterra. Mas nem muitos elogios, nem diversos diplomas acadêmicos que lhe foram enviados, fizeram-lhe entrar uma esmola no bolso, e é o dinheiro, não o pergaminho, que faz comer. Adicione o vandálico bloqueio francês, que destruiu todo o comércio de Buenos Aires, única fonte de prosperidade nacional, e imagine como se tornou indispensável para ele mudar de céu. Eu lhe ofereci o meu teto, e de todo coração. Parece, contudo, que a permanência em Nápoles não lhe comove, e por mil razões ele não está errado. Quando ele estava em Paris, não lhe faltava o que lhe era necessário, trabalhando na *Biografia universale e degli illustri viventi*. Acredito que não seria menos afortunado agora que se imprime tanto e que muitos de seus velhos amigos estão no topo, como Villemain, Cousin, Guizot, etc. Vejo que Pellegrino Rossi, também seu amigo íntimo, Sismondi, Libri, Mamiani, podem viver com as letras: por que meu irmão não pode viver da mesma maneira?").

²⁷⁸ BIBLIOTECA NACIONAL (Rio de Janeiro, Brasil). Seção de Manuscritos I-28.16.15 n. 7. Carta de Pedro de Angelis para Wallenstein, 13 de junho de 1838. Tradução minha: "Como me proponho a visitar o Brasil antes de retornar à Europa, me coloco desde já sob as ordens deste governo para lhe demonstrar meu apreço. Doze anos de permanência neste país me colocaram em posição de aplicar as ideias que trouxe da Europa para as circunstâncias locais das novas sociedades americanas".

Confederação²⁷⁹, do bloqueio francês, dos problemas financeiros e da falta de trabalho²⁸⁰, o erudito relatava para Carlos Zucchi que recolhia-se em sua casa²⁸¹ – como muitos membros da sociedade bonaerense faziam naquele momento²⁸² – e ocupava-se daquilo que ele tanto apreciava: os livros e os documentos históricos que, mesmo em um momento adverso, não

²⁷⁹ Nas cartas a Zucchi, De Angelis comenta algumas prisões e assassinatos, demonstrando, em alguns casos, perplexidade ao verificar injustiças e ao reportar serem conhecidos os perseguidos, julgando, por isso, não estar ninguém a salvo de tais acontecimentos; em outra situação, o italiano afirma que determinados atos repressivos, mesmo que severos, seriam importantes para a manutenção da paz e das liberdades públicas. Resta saber se a defesa que por vezes fazia dessas ações do governo era legítima ou se era uma forma de proteger-se ele mesmo das perseguições, caso suas cartas fossem interceptadas pelo regime: “*La prigionia di [Gregorio García de] Tagle sembra essere un malinteso e quella di [Emilio A.] Agrelo è finora inspiegabile. Si comincia già a dire che non c'è nulla contro di loro, e che verranno presto liberati. Dio voglia che sia così. L'altra persona, di cui mi avete fatto il nome, è stata anch'essa minacciata da voci che correvano sul suo conto, ma spero che se la caverà soltanto con uno spavento. In realtà non si immischia di niente e il perseguitarlo sarebbe un'ingiustizia atroce. Ma nessuno è al riparo da un eventuale attacco.*” (Al sig. don Carlos Zucchi, 22 agosto 1838. In: BADINI, op. cit., p. 106, grifo meu. Tradução minha: “A prisão de [Gregorio García de] Tagle parece ser um mal-entendido e a de [Emilio A.] Agrelo é até agora inexplicável. Já se começa a dizer que não há nada contra eles e que serão logo soltos. Deus queira que seja assim. A outra pessoa, de quem ocultarei o nome, também foi ameaçada por rumores que correm a seu respeito, mas espero que ele se livre apenas com um susto. **Em realidade, ele não se envolveu em nada e persegui-lo seria uma injustiça atroz. Contudo, ninguém está a salvo de um eventual ataque**”); “*Verrete sapere dai giornali dell'assassinio di don Alexandre Heredia, un avvenimento che non mancherà di produrre le sue conseguenze più nefaste [...]. Hanno iniziato ad eseguire degli arresti: sono persone di vario colore e tutte conosciute: si tratta di don Gregorio Gomez, il fratello di don Valentin, Tagle, Miguel Azcuenaga, il fratello di don Angel del Molino Torres [...]. Hanno preso anche Castanon, Jbarbaz, Arriola il rematador, i preti Ascola, e don Eusebio Aguero, suo fratello, don Vicente Atanacio Echevarria, e qualcun altro, che non ricordo ora*” (Al sig. don Carlos Zucchi, dicembre 1838. In: BADINI, op. cit., p. 114, grifo meu. Tradução minha: “Você virá a saber pelos jornais do assassinato de don Alexandre Heredia, um evento que não deixará de produzir as suas consequências mais nefastas. [...]. **Começaram a realizar prisões: são pessoas de várias cores e todas conhecidas:** se trata de Dom Gregorio Gomez, o irmão de Don Valentin, Tagle, Miguel Azcuenaga, o irmão de don Angel del Molino Torres [...]. Também levaram Castanon, Jbarbaz, Arriola o *rematador*, os padres Ascola e Dom Eusebio Aguero, seu irmão, Dom Vicente Atanacio Echevarria e mais alguém, de quem não lembro agora”); “*Nei giorni passati, hanno portato da Bahia Blanca la testa di [Juan] Zelarayan, che è rimasta dapprima esposta presso la casa del Governo e che verrà poi nuovamente esposta domani nella piazza del Retiro, tra i corpi di [Manuel Germán] Céspedes e della sua ordinanza che devono essere fucilate alle dieci del mattino. Questa severità del governo è stata accosta con favore da tutti, perché è così che bisogna trattare i nemici della pace, e delle libertà pubbliche!*” (A Carlos Zucchi, 11 settembre 1838. In: BADINI, op. cit., p. 108, grifo meu. Tradução minha: “Nos últimos dias, trouxeram de Bahia Blanca a cabeça de [Juan] Zalarayan, que foi deixada primeiramente exposta na Casa do Governo e que será novamente exibida amanhã na praça del Retiro, entre os corpos de [Manuel Germán] Céspedes e da ordem de seu fuzilamento. **Esta severidade do governo foi acolhida favoravelmente por todos, porque é assim que se deve tratar os inimigos da paz e das liberdades públicas!**”).

²⁸⁰ “*Poiché non ha niente da fare in questo momento, né per i privati, né per il governo, dato che tutto è morto*” (Al sig. don Carlos Zucchi, 27 giugno 1839. In: BADINI, op. cit., p. 101. Tradução minha: “Porque não há nada a fazer neste momento nem para particulares, nem para o governo, dado que tudo está morto”).

²⁸¹ “*Ci si aspettava qualche altra carcerazione, ma finora si sono limitati alle persone che ho detto. Ma penso che non sia finita qui. Queste misure, e le inevitabili conseguenze del blocco ci fanno stare tutti in allarme. Io ho scelto isolarmi completamente [...]*” (Al Sig. don. Carlos Zucchi, 6 dicembre 1838. In: BADINI, op. cit., p. 114. Tradução minha: “Se esperava mais alguma prisão, mas até agora se limitaram às pessoas que eu disse. Mas penso que não acabe aqui. Essas medidas e as inevitáveis consequências do bloqueio nos fazem ficar todos alarmados. Eu escolhi isolar-me completamente”); “*Ho deciso de isolarmi completamente: nessuno viene da me ed io non vado a trovare nessuno e non parlo con nessuno [...]*” (Al sig. don Carlos Zucchi, 15 dicembre 1838. In: BADINI, op. cit., p. 115. Tradução minha: Decidi me isolar completamente. Ninguém vem até mim, não vou encontrar ninguém e não falo com ninguém”).

²⁸² Segundo Gabriel Di Meglio, “*el temor de muchos se percibía; buena parte de la elite en particular, tendió a encerrarse*” (DI MEGLIO, op cit. posição 1674).

deixavam de ser negociados e adquiridos, como voltarei a observar no próximo capítulo. Nesse sentido, ele escrevia:

*Passo la mia vita immerso nei miei libri, e se potessi far sì che nessuno venisse a disturbarmi, non mi lamenterei, dato che passo comunque il mio tempo in modo piacevole. L'acquisto di un nuovo libro o di qualche vecchio documento mi riempie di gioia, e a poco a poco mi abituato a fare a meno di qualsiasi cosa, perfino di pensare.*²⁸³

As coisas, no entanto, parecem começar a mudar a partir de 1840. Em 25 de fevereiro daquele ano, De Angelis enviava ao seu amigo um texto que havia produzido, segundo ele, “*sugli avvenimenti quotidiani*”²⁸⁴. Tratava-se de um artigo que ele publicaria sob o pseudônimo “*Un Observador Imparcial*” na *Gaceta Mercantil* e como um panfleto impresso em duas edições, uma em espanhol e outra em francês, intitulado “*De la conducta de los agentes de la Francia durante el bloqueo del Río de la Plata*” (ou “*De la conduite des agents de la France pendant le blocus du Rio de la Plata*”). Nele, o italiano analisava as causas do conflito entre a Confederação e a França, defendendo as posições de Juan Manuel de Rosas e acusando a nação europeia de incitar uma guerra civil entre as duas margens do Prata, intrometendo-se, assim, em questões internas a Buenos Aires e Montevideú²⁸⁵. Para Zucchi, Pedro de Angelis dava justificativas para a publicização de sua tomada de posição no conflito. Ele afirmava que estava sendo levado a “*prendere la penna in mano*”²⁸⁶, pois, dado que “*un giorno potrei anche andarmene da questo paese, non voglio che la gente abbia motivo di dire che sono rimasto indifferente in questa lotta tra la gente di fuori e la gente locale*”²⁸⁷. Escrevia, ainda, ser seu dever “*come straniero e come ospite, schierarmi dalla parte del paese che mi ha accolto*”²⁸⁸.

²⁸³ Al sig. don Carlos Zucchi, 13 giugno 1839. In: BADINI, op. cit., p. 141. Tradução minha: “Passo minha vida imerso em meus livros, e se pudesse fazer com que ninguém viesse me perturbar, não me queixaria, já que de todo modo passo o meu tempo de forma prazerosa. A compra de um novo livro ou algum documento antigo me enchem de alegria, e pouco a pouco me acostumei a prescindir de qualquer coisa, menos de pensar.”

²⁸⁴ A Carlo Zucchi, 25 febbraio 1840. In: BADINI, op. cit., p. 154. Tradução minha: “sobre os acontecimentos cotidianos”.

²⁸⁵ SABOR, op. cit., p. 78.

²⁸⁶ A Carlo Zucchi, 25 febbraio 1840. In: BADINI, op. cit., p. 154. Tradução minha: “*prendere la penna in mano*” é, literalmente, “tomar a pena na mão” e uma expressão em italiano que significa “começar a escrever”.

²⁸⁷ Idem. Tradução minha: “um dia eu poderei mesmo sair deste país, não quero que as pessoas tenham motivos para dizer que eu fiquei indiferente nessa luta entre a gente do exterior e a gente local”.

²⁸⁸ Idem. Tradução minha: “como estrangeiro e como hóspede, tomar partido do país que me acolheu”. Nas suas correspondências pessoais, o erudito já se posicionava de maneira crítica sobre a intervenção francesa nas questões platinas: “*De la défense de quelques lois municipales nous passâmes à celle de notre indépendance, et nous songeons déjà à exciter l'esprit américain, pour l'opposer comme une barrière aux projets de conquête de la France*” (BIBLIOTECA NACIONAL (Rio de Janeiro, Brasil). *Seção de Manuscritos*. I-28.16.15 n. 12. Carta de Pedro de Angelis para Wallenstein, 25 de novembro de 1838. Tradução minha: “Da defesa de algumas leis locais, passamos à da nossa independência, e já pensamos em excitar o espírito americano para se opor como uma barreira aos projetos de conquista da França”). Nas cartas escritas para Zucchi, a posição de De Angelis sobre os a ação dos franceses no Prata era mais dura e pessoal, especialmente a partir do momento em que o bloqueio começou a

Fica evidente que, com a redação e a circulação desse artigo, De Angelis acabava demonstrando, mais uma vez, sua proximidade de Rosas e dos federais. É revelador observar nas cartas que o letrado enviou para Carlos Zucchi à época dessa publicação e nos meses que se seguiram que ele passava a referir-se às ações rosistas na primeira pessoa do plural, como a incluir-se diretamente nas questões relativas ao governador e seu projeto: “*Stiamo per iniziare i lavori per la rielezione del governatore*”²⁸⁹; “*In questo momento siamo ancora più occupati dalla questione di La Madrid*”²⁹⁰. Afirmava, ainda, com todas as letras, que era “*amico del Governo e buon federale, come ci chiamiamo qui tra noi*”²⁹¹.

No mesmo grupo de missivas é possível também verificar que De Angelis começava a resignar-se por permanecer por mais um tempo em Buenos Aires: “[...] *mi debbo rassegnare a vivere in questo paese ancora per qualche tempo, e devo resistere alle esortazioni di mio fratello e ai desideri dei miei parenti e dei miei amici che mi rimproverano severamente questa lunga assenza dal mio paese natale*”²⁹². Sua intenção de mudar-se para outro território não

afetar o recebimento de mercadorias – especialmente livros – que ele havia encomendado da Europa: “[...] *Del resto preferisco questo, e di molto, piuttosto che vedermi sotto le grinfie di questi maledetti francesi*” (Al sig. don Carlos Zucchi, 20 marzo 1839. In: BADINI, op. cit., p. 128. Tradução minha: “[...] De resto, prefiro isso, e muito, do que me ver sob as garras desses malditos franceses”); “*Detesto i francesi con tutte le mie forze e non credo che questo mio odio sia dovuto alla perdita dei miei libri, perché ciò vorrebbe dire considerarmi meno di quello che credo di essere*” (Al sig. don Carlos Zucchi, 26 marzo 1839. In: BADINI, op. cit., p. 131. Tradução minha: “Detesto os franceses com todas as minhas forças e não creio que esse meu ódio seja devido à perda de meus livros, porque isso significaria me considerar menos do que acredito ser”); “*Ah! Che gentaglia! ...La sola cosa che ci ho guadagnato con il Blocco di Buenos Aires è che sono completamente guarito dal mio filo-gallismo. Se fossi stato un poeta, scriverei addirittura il mio Miso-Gallo*” (A Carlo Zucchi, 30 ottobre 1840. In: BADINI, op. cit., p. 170. Tradução minha: “Ah! Que gentalha! ... A única coisa que ganhei com o bloqueio de Buenos Aires é que eu estou completamente curado do meu pró-galicismo. Se eu fosse um poeta, escreveria inclusive o meu Miso-Gallo”. “*Il Misogallo*” é uma obra satírica de 1799 do dramaturgo e poeta italiano Vittorio Alfieri que criticava os rumos da Revolução Francesa).

²⁸⁹ A Carlo Zucchi, 25 febbraio 1840. In: BADINI, op. cit., p. 155. Tradução minha: “Estamos por iniciar os trabalhos pela reeleição do governador”.

²⁹⁰ A Carlo Zucchi, 15 maggio 1840. In: BADINI, op. cit., 160. Tradução minha: “Neste momento estamos ainda muito ocupados da questão de La Madrid”.

²⁹¹ A Carlo Zucchi, 30 ottobre 1840. In: BADINI, op. cit., p. 170. Tradução minha: “amigo do Governo e bom federal, como chamamos aqui entre nós”. É importante assinalar algumas questões que durante o meu trabalho com as fontes advindas de arquivos pessoais, neste caso as correspondências, me aflingiram um tanto. A primeira delas é a sedução que elas exercem pela “ilusão de verdade” que causa a possibilidade da leitura da comunicação espontânea, íntima e fraterna entre dois sujeitos do passado. Relacionado a isso está o fato de que nem sempre o produtor do escrito está interessado em revelar suas verdades; mais do que isso, talvez ele esteja mesmo externando uma mentira, deliberada ou não, ou tentando criar uma “imagem de si”, especialmente caso a carta se torne pública ou seja lida por outrem que não o destinatário. Neste caso, De Angelis poderia estar tentando reforçar para Zucchi a sua reaproximação com o governo de Rosas e seu vínculo como escritor público, mas há que se pensar que, talvez, ele pretendesse que isso ficasse claro para o próprio grupo rosista, caso a carta fosse interceptada e/ou caísse em mãos erradas (Ver em: PROCHASSON, Christophe. “Atenção: verdade!” Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. *Estudos Históricas*, v.11, n. 22, pp. 205-119, 2005; GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e o encanto dos arquivos privados. *Estudos Históricas*, v. 11, n. 21, pp. 121-127, 1998).

²⁹² A Carlo Zucchi, 14 giugno 1842. In: BADINI, op. cit., p. 208. Tradução minha: “Devo resignar-me a viver neste país ainda por algum tempo, e devo resistir às exortações do meu irmão e aos desejos dos meus familiares e amigos que me repreendem severamente por esta longa ausência do meu país natal”.

havia saído do papel por diversas razões: ele não tinha dinheiro para realizá-la²⁹³, nem a certeza de um ofício em outro lugar; sua esposa, Melanie, encontrava-se bastante adoentada e, ao que parece, sua relação de dependência e fidelidade com o rosismo não permitia que ele fosse embora naquele momento. Nesse sentido, escrevia para seu amigo Zucchi que “[...] *se la via d'uscita fosse stata libera, avrei già preso la mia decisione, costretto anche dalla salute di mia moglie. Avrete sicuramente visto, leggendo i giornali di qui, che mi hanno fatto l'onore di richiamarmi*”²⁹⁴.

Depois de um tempo afastado da vida pública e chamado novamente a trabalhar para o governo da Província de Buenos Aires, Pedro de Angelis seria, durante toda a década de 1840, peça fundamental para a sustentação e defesa do regime rosista e da Confederação Argentina no espaço platino e acabaria ficando bastante próximo a Juan Manuel de Rosas²⁹⁵. Ele acumularia, então, duas funções dentro do governo até o seu final: segundo *archivero* do *Archivo General de la Provincia de Buenos Aires* e editor responsável pelo *Archivo Americano* o *Espíritu de la Prensa del Mundo*. Ao assumir os dois cargos, De Angelis acabou por se tornar “*el archivero*” de Rosas, como algumas vezes assinou documentos e foi chamado por opositores do governo como Esteban Echeverría²⁹⁶.

²⁹³ Mais do que isso, ao que parece De Angelis tinha contas a saldar em Buenos Aires. Ainda que não revele com quem (talvez com o próprio governo e este fosse um dos fatores pelos quais ele reforçava seu vínculo com o rosismo) e como ele as havia adquirido (com a impressão da *Colección* ou com a compra de documentos e livros, quem sabe), essa é uma questão que é retomada diversas vezes em suas correspondências com Zucchi – De Angelis pedia dinheiro emprestado ao amigo para saldá-las recorrentemente –, inclusive sendo um dos impeditivos para sua saída da cidade: “*Tutte queste cose mi fanno passare la voglia di rimanere in questo paese, e tuttavia non posso sloggiare prima di avere trovato il modo di saldare i miei conti; ed è questo che più mi preoccupa al momento*” (A Carlo Zucchi, 11 dicembre 1842. In: BADINI, op. cit., p. 230. Tradução minha: “Todas essas coisas me fazem deixar de ter vontade de ficar neste país e, no entanto, não posso ir antes de ter encontrado uma maneira de saldar as minhas contas, e é isso que mais me preocupa no momento”).

²⁹⁴ A Carlo Zucchi, 25 febbraio 1840. In: BADINI, op. cit., p. 156. Tradução minha: “Se a via de saída estivesse liberada, já tinha tomado minha decisão, forçada também pela saúde da minha esposa. Você certamente viu, lendo os jornais daqui, que eles me deram a honra de chamar-me de volta”.

²⁹⁵ Se por um lado a aproximação de Pedro de Angelis com Juan Manuel de Rosas pode ser lida como uma estratégia para sobreviver àqueles tempos, já que sair de Buenos Aires deixava de ser uma possibilidade – há que se pensar no italiano como um sujeito capaz de analisar o campo de forças em que se encontrava e decidir sobre o que era melhor para si dentro das possibilidades apresentadas –, por outro, deve-se considerar que haveria também convicção política por parte do erudito na defesa do rosismo. Segundo Scheidt, “é pertinente supor que o italiano via em Rosas um político autoritário e com grande apoio popular, a melhor opção para pôr fim aos conflitos locais e instaurar um governo mais estável, que finalmente promovesse um funcionamento mais duradouro das instituições republicanas. É em nome do pragmatismo que De Angelis aderiu e ‘ajustou-se’ ao regime rosista” (SCHEIDT, op. cit., p. 108). Para o historiador brasileiro, por mais que Pedro de Angelis houvesse sido um carbonário na Europa, ele era um liberal conservador que abominava revoluções, o que o teria mantido do lado oposto ao dos jovens da Geração de 1837 e próximo da ordem defendida por Rosas (Idem, pp. 108-109). Além disso, como vimos, a questão da intervenção estrangeira e da defesa da soberania era algo que notadamente o tocava.

²⁹⁶ No capítulo anterior, mencionei uma polêmica protagonizada por Esteban Echeverría e Pedro de Angelis em torno do “*Dogma Socialista*”, obra publicada em 1846 pelo exilado argentino duramente criticada pelo italiano nas páginas do *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*. Nos documentos desta discussão pública é possível verificar que o romântico argentino em exílio no Uruguai se referia a De Angelis como “*el Archivero*”,

2. 1. Pedro de Angelis, *archivero* do *Archivo General*

Desde 1884 chamado *Archivo General de la Nación*, o *Archivo General de la Provincia de Buenos Aires* foi fundado por decreto em 28 de agosto de 1821 durante o governo de Martín Rodrigues por iniciativa de Bernardino Rivadavia, então Ministro de Relações Exteriores²⁹⁷. O repositório argentino era mais uma instituição criada pelas “reformas rivadavianas” para modernizar a estrutura política e administrativa herdada da colônia, mais acorde com os tempos que se viviam do que com as velhas tradições do Antigo Regime²⁹⁸. Já havia afirmado no primeiro capítulo que após a independência os fundos documentais que haviam pertencido à administração espanhola na América ficaram espalhados em mãos de colecionadores privados, como acabou sendo o caso do próprio Pedro de Angelis, ou nos diversos órgãos e departamentos da administração da Província. O decreto de criação do *Archivo General* bonaerense deixava claro que ele foi pensado como um instrumento para o bom governo e que o seu objetivo era permitir “*el arreglo y la clasificación*” da documentação dispersa e a sua centralização²⁹⁹. Seus

parecendo desta forma ironizar os ofícios exercidos pelo erudito rosista no *Archivo General de la Provincia de Buenos Aires* e no *Archivo Americano*. Em uma carta escrita para José María Gutiérrez, Echeverría comentava o texto “*Dogma Socialista: juicio sobre un libelo*”, produzido por Pedro de Angelis, pontuando: “***El Archivero me trata en él con un comedimiento extraño y como no acostumbra hacerlo con ninguno de los escritores antagonistas. [...] Y como para enemigos de esa clase toda arma es buena, me ha parecido bien hacer con el Archivero (salvo lo absurdo del cotejo) lo que Mirabeau con sus antagonistas [...]*” (Carta de Esteban Echeverría a Juan María Gutiérrez del 24 de junio de 1847. In: GUTIÉRREZ, Fermín Estrella; GRONDONA, Adela; DE OBIETA, Adolfo (comp.). *Epistolario del siglo XIX*. Buenos Aires: Sociedad Argentina de Escritores, 1967, p. 110, grifo meu). Já nas réplicas produzidas pelo intelectual da Geração de 1837 à crítica do italiano, ele afirmava: “[...] y al oír y ver todo esto, creeríais estar **viendo un archivero delirante lanzar, como un energúmeno, vociferaciones huecas envueltas en manojos de papel desde lo alto de la torre donde los tiene archivados.**” (ECHEVERRÍA, op. cit., p. 207, grifo meu); “Y todo esto, lectores, lo veríais en tres idiomas: primero, en castellano soporífico; segundo, en francés que horripila a los franceses; y tercero, en inglés que da spleen a los ingleses; porque **la cabeza del archivero mayor de Buenos Aires es una nueva Babel donde el Restaurador ha soplado la confusión de las lenguas [...]**” (Idem, p. 208, grifo meu).**

²⁹⁷ TORRE REVELLO, José. El Archivo General de la Nación Argentina. *Revista de Historia de América*, n. 1, 1938, p. 41.

²⁹⁸ TERNAVÁSIO, Marcela. Las reformas rivadavianas en Buenos Aires y el Congreso General Constituyente, 1820-1827. In: GOLDMAN, Noemí (dir.). *Nueva Historia Argentina*. Tomo III. Revolución, República, Confederación (1808-1852). Buenos Aires: Editorial Sudamérica, 1998, p. 159-198. Sob a mesma inspiração e com o mesmo objetivo, a Universidad de Buenos Aires foi fundada no mesmo ano que o *Archivo General*. Esse período ficou conhecido como a “feliz experiência” e, lembrando algo que já afirmei na introdução, foi nesse clima de transformação do Estado provincial que Pedro de Angelis, entre outros estrangeiros ilustrados, foi trazido da Europa pelo governo unitário de Rivadavia em 1827. No entanto, retomo, a experiência rivadaviana foi curta: logo da chegada de De Angelis a Buenos Aires, o presidente das Províncias Unidas do Rio da Prata renunciou ao cargo, após o desgaste e a instabilidade gerados pela guerra com o Brasil pela Banda Oriental e que acabou na independência daquele território.

²⁹⁹ “*La conservación de los archivos de un país, asegura, sin duda, a su historia, la materia y los documentos más exactos sobre ella. Mas el arreglo y la clasificación por ramos y por épocas de los antecedentes de las diferentes oficinas que hacen al servicio de una administración, contribuye a un tiempo a la prontitud y al acierto del despacho. El gobierno no puede desentenderse de las reclamaciones que se elevan diariamente contra el estado actual de casi todos los archivos y casos de gravedad y frecuentes penas ponen de manifiesto la justicia de ese reclamo. Por otra parte, la multiplicación de archivos, lejos de facilitar el servicio que ellos deben prestar, contribuye sólo a aumentar los costos y a alejar de la vigilancia de la autoridad las omisiones que se cometen.*” (REGISTRO OFICIAL DEL GOBIERNO DE BUENOS AIRES. Libro 1. Buenos Aires: s.n., 1821, p. 16)

princípios perseguiram, assim, aqueles idealizados na França trinta anos antes, quando foi fundado o Arquivo Nacional daquela nação, primeiro repositório público do mundo³⁰⁰.

Ainda segundo o decreto de fundação do *Archivo General de la Provincia de Buenos Aires*, uma comissão foi encarregada pelo estabelecimento e pela organização da instituição nos seus primeiros anos. Inicialmente composta por D. Francisco Saubidet e D. Jerónimo Lasala³⁰¹, a comissão logo foi reforçada por D. Mariano de Vega, que trabalhava como arquivista do *Tribunal de Cuentas*³⁰². Sob a direção do primeiro, segundo Graciela Swiderski, o grupo se dedicou a solicitar aos distintos órgãos públicos da Província a entrega dos documentos que possuíam ao *Archivo General* e a elaborar o seu primeiro índice geral³⁰³. A partir da chegada de Juan Manuel de Rosas ao poder, a comissão inaugural começou a se desmantelar: já em 1829, com a saída de Saubidet, Lasala passou a ser o diretor do repositório continuando a contar com a colaboração de Vega; em 1835, D. Mariano Vega foi afastado de sua função. O desligamento foi oficializado em 17 de abril de 1835, somente alguns dias após Rosas ter assumido o seu segundo mandato com faculdades extraordinárias. O Decreto de número 76, publicado no Registro Oficial do Governo de Buenos Aires, demonstra que já naquele ano o regime rosista começava a afastar das atividades públicas as pessoas que não atuassem no campo federalista ou demonstrassem fidelidade ao partido³⁰⁴:

³⁰⁰ O Arquivo Nacional da França foi criado em 1790 e acabou por servir como modelo para os arquivos nacionais que foram fundados no decorrer do século XIX nas várias nações que se formavam. Ele foi regulamentado por um decreto de 1794 a partir do qual o seu espírito centralizador e o seu objetivo administrativo ficavam bastante claros: “[...] ‘les archives établies auprès de la représentation nationale sont un dépôt central pour toute la République’. [...] L’article II définit le contenu du ‘dépôt central’; compose des travaux des États généraux de 1789 et des Assemblées nationales avec leurs comités, des procès-verbaux des corps électoraux ainsi que des sceaux de la République, des types des monnaies, des étalons des poids et mesures, il doit accueillir les documents ayant trait à la fortune et à la dette publique, aux relations internationales, au recensement de la population, et les états sommaires des titres de propriété qui existent dans divers autres dépôts de la République ainsi que ‘tout ce que le corps législatif ordonnera d’y déposer’” (POMIAN, Krzystof. *Les Archives: Du Trésor des Chartes au Caran*. In: NORA, Pierre (dir.). *Les Lieux de Mémoire*. Quarto 3: Les France. Paris: Éditions Gallimard, 1997, p. 4019. Tradução minha: “[...] ‘os arquivos estabelecidos junto à representação nacional são um repositório central para toda a República’ [...] O artigo II define o conteúdo do ‘repositório central’; composto pelos trabalhos dos Estados Gerais de 1789 e das Assembleias Nacionais com seus comitês, pelas atas dos órgãos eleitorais, bem como pelos selos da República, pelos tipos das moedas, pelas normas dos pesos e medidas, deverá acomodar os documentos relativos à riqueza e à dívida públicas, às relações internacionais, ao recenseamento da população e aos balanços resumidos dos títulos de propriedade que existem em vários outros depósitos da República, bem como ‘tudo o que o órgão legislativo ordenará lá depositar’”).

³⁰¹ REGISTRO OFICIAL DEL GOBIERNO DE BUENOS AIRES. Libro 1. Buenos Aires: s.n., 1821, p. 17.

³⁰² Idem, p. 18.

³⁰³ A pesquisadora ressalta, citando um informe produzido pelo diretor Francisco Saubidet, que, apesar de ter havido uma demora na organização do *Archivo General* em seus primeiros anos de funcionamento por conta da grande demanda de trabalho, a comissão havia conseguido elaborar “*índices provisionales con bastante claridad y método hasta la formación del general, que ha de componer el libro maestro de la oficina*” (SWIDERSKI, Graciela. *La construcción del patrimonio documental en la Argentina. Actas de las Jornadas de reflexión sobre la construcción del archivo*. Archivos, cultura y patrimonio, Buenos Aires, CeDInCI, 2016, pp. 12-13).

³⁰⁴ O mesmo ocorreria com outros funcionários administrativos, chefes e oficiais do exército, juízes, padres de paróquias e professores da Universidad de Buenos Aires, como Cosme Argerich, Juan Antonio Fernández e Juan

*Decidido el Gobierno á no mantener en todos los Departamentos de la Administración pública personas que no hayan dado pruebas positivas de su constante adhesión á la causa federal, ó que la hayan traicionado; ha acordado separar para siempre al segundo archivero D. Mariano Vega, del empleo que sirve, debiéndose publicar este acuerdo, y comunicarse á quienes corresponda.*³⁰⁵

Em 4 de janeiro de 1836, quando começava a publicar a “*Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las Provincias del Rio de la Plata*”, Pedro de Angelis dirigiu uma carta ao governo de Juan Manuel de Rosas. Nela, o erudito dizia ter conhecimento de que o cargo deixado por Mariano Vega no *Archivo General* ainda não havia sido ocupado por ninguém e, por isso, oferecia-se para ser *segundo archivero*, sugerindo ser uma pessoa apropriada e confiável para assumir o posto:

*Cuando la suprema dirección de los negocios públicos cae en manos de ciudadanos eminentes y generosos, que hacen el sacrificio de su propio bienestar al deseo de ver á la Patria libre de los males que la agobian, ahogando en su seno los Gérmenes de anarquía que los han producido, es un deber de todos los miembros de la sociedad el ofrecer á ese poder regenerador sus cortos servicios, y una franca y decidida cooperación.*³⁰⁶

Na mesma carta, De Angelis afirmava estar disposto a servir ao governo como *archivero* “*sin ninguna retribución, ni emolumento*”³⁰⁷, o que parece indicar que ele realmente almejava trabalhar no *Archivo*. É difícil afirmar que esse desejo fosse estimulado simplesmente pela possibilidade de acessar a documentação guardada naquele repositório com mais facilidade, como argumentam alguns estudiosos da personagem³⁰⁸. Talvez houvesse por parte do erudito italiano o interesse de vincular-se de forma oficial a Rosas não somente como jornalista como

José Montes de Oca (WEINBERG, Félix. Estudio preliminar. In: SASTRE, Marcos; ALBERDI, Juan Bautista; GUTIRÉRREZ, Juan María; ECHEVERRÍA, Esteban. *El Salón Literário*. Buenos Aires: Librería Hachete, 1958, p. 13). Os três docentes citados pertenciam ao departamento de medicina e o decreto de seu afastamento expressava que “*los preceptores de nuestra juventud deben resaltar a más de la virtud, la moralidad y suficiencia una fidelidad y decidida adhesión á la causa de la Federación, à fin de que impriman en sus discípulos estos religiosos sentimientos y el amor respetuoso al sistema que han jurado sostener todos los pueblos de la República; y que después de las funestas experiencias que nos han dado los sucesos, no hay otro arbitrio para salvar al país de los males que le amenazan, sino el de depurar todo lo que no sea en consonancia con la opinión general del país, alejando para siempre de los destinos públicos á aquellos que abiertamente la han contrariado*” (REGISTRO OFICIAL DEL GOBIERNO DE BUENOS AIRES. Libro 14°. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1835, p. 83).

³⁰⁵ REGISTRO OFICIAL DEL GOBIERNO DE BUENOS AIRES. Libro 14°. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1835, p. 76.

³⁰⁶ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Hacienda*. Sala X. Legajo 16-08-1.

³⁰⁷ Idem.

³⁰⁸ Pillado Ford, por exemplo, em seu estudo sobre a atuação do napolitano no repositório argentino, afirma que De Angelis tinha o propósito de “*utilizar sin fiscalización las piezas existentes en el Archivo General para su ‘Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata’*” (PILLADO FORD, Cesar. *Archivo General: Pedro de Angelis – su actuación*. Continuación. *Estudios de la Academia Literária del Plata*, tomo 48, n. 447, Enero-Marzo 1951, p. 48).

havia sido até então, mas também como um funcionário responsável pela guarda e reunião de documentos, como já fazia de forma quase independente a partir de sua coleção particular³⁰⁹. Apesar disto, uma correspondência interna do governo datada em 11 de janeiro de 1836, aparentemente escrita pelo próprio Juan Manuel de Rosas, demonstra que naquele momento a resposta à oferta de De Angelis não foi positiva. Dizia: “*Al ciudadano D. Pedro de Angelis, contestársele que habiendo ya acordado el Gobierno quien deba ser el segundo archivero, se le dan las gracias por su generosa oferta*”³¹⁰. No mesmo documento há um rascunho da redação do decreto que foi impresso no Registro Oficial da Província de Buenos Aires em 23 de janeiro de 1836 e através do qual é possível saber quem foi nomeado para este cargo em lugar de De Angelis:

*Hallándose vacante la plaza de segundo archivero por remoción del que la serbia, el Gobierno ha acordado y decreta: Art. 1. Queda nombrado Archivero segundo, el empleado jubilado D. Lorenzo Fuentes, el que gozará á más de su jubilación, la mitad del sueldo afecto à la plaza que se le destina. 2. Comuníquese à quienes corresponde, publíquese é insértese en el Registro Oficial.*³¹¹

Lorenzo Fuentes havia sido o primeiro arquivista da Secretaria do Vice-Reinado do Rio do Prata por designação da Coroa Espanhola, em 1795³¹². Não sei o que fez Juan Manuel de Rosas nomear, naquele momento, o já aposentado ex-funcionário colonial em detrimento de De Angelis. É fato conhecido, entretanto, que em agosto de 1840 Pedro de Angelis alcançou o ofício que há quatro anos havia reclamado, assumindo o lugar do próprio Fuentes. Ele se tornava, enfim, *segundo archivero* do *Archivo General de la Provincia de Buenos Aires*. O *primero archivero* era Jerónimo de Lasala que, como disse anteriormente, participara da comissão fundadora da instituição e a dirigia desde 1829, o que continuou ocorrendo durante todo o governo de Juan Manuel de Rosas. Apesar da distinção dos cargos, os dois funcionários recebiam o mesmo valor como salário pelo desempenho de seus serviços, pelo que se pode apreender a partir do orçamento do *Archivo General* previsto para 1841: 108 pesos por mês e mais uma ajuda de custos no mesmo valor³¹³ (ver Anexo 11).

³⁰⁹ É importante lembrar, como vimos na introdução deste trabalho, que, quando de sua chegada em Buenos Aires, Pedro de Angelis havia feito o mesmo tipo oferta de seus serviços, mas para Rivadavia e para trabalhar na Biblioteca Pública.

³¹⁰ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Hacienda*. Sala X. Legajo 16-08-1.

³¹¹ REGISTRO OFICIAL DEL GOBIERNO DE BUENOS AIRES. Libro 15°. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, p. 3-4.

³¹² ZABALA, Juan Pablo (coord.). *Fondos documentales escritos*. Período Colonial. Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 2011, p. 33.

³¹³ PRESUPUESTO GENERAL DE SUELDOS Y GASTOS ORDINARIOS Y EXTRAORDINARIOS DE LA PROVINCIA DE BUENOS AIRES. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1841, p. 15-16.

Como já vimos, De Angelis havia terminado de publicar a sua *Colección* em outubro de 1839, mas desde 1837 passava por dificuldades financeiras e planejava ir embora de Buenos Aires. Embalado pela edição de sua obra e pela boa recepção que ela obteve nos círculos eruditos, mas decepcionado com a situação experimentada na cidade platina, o italiano parecia desejar transferir-se para uma cidade como Paris ou Rio de Janeiro, onde pudesse oferecer seus serviços em troca da proteção de seus governantes. Não conseguindo deixar o Prata, Pedro de Angelis se reaproximou de Rosas e seu grupo: suponho que ofertar ao colecionador o cargo no *Archivo General* almejado por ele há algum tempo pode ter sido um passo dado pelo governador – ou uma condição imposta pelo erudito – para reafirmar a parceria. Assim, De Angelis finalmente trabalharia em uma instituição de saber – mesmo que não fosse uma associação científica ou literária como aquelas nas quais ele se associava na Europa e na América – e Juan Manuel de Rosas continuaria contando em suas fileiras com um letrado europeu que, com vinculações externas, certo reconhecimento e aparentemente fiel aos federalistas, poderia a qualquer tempo ser útil para defender e melhorar a imagem do governante quando o sistema federal enfrentava uma de suas piores crises, com uma dura oposição e uma forte propaganda contrária dentro e fora dos limites da Confederação Argentina.

Quando iniciei essa investigação, tinha a intenção de entender como se deu a atuação de Pedro de Angelis no *Archivo General de la Provincia de Buenos Aires* e a história do próprio repositório no período em que ele foi seu *segundo archivero*: se houve investimentos em relação à organização dos acervos, à catalogação e à ordenação dos documentos históricos, à conformação de conjuntos documentais, como isso havia se dado e qual havia sido a participação do erudito. A bibliografia indica que, apesar dos esforços da comissão formada por Rivadavia na década de 1820, no período em que Juan Manuel de Rosas esteve no poder não houve grande preocupação em organizar e sistematizar o acervo do *Archivo General*. Mais do que isso, aponta que naqueles tempos, De Angelis havia sido seu “*verdadero director*”³¹⁴, ficando o “*riquísimo venero documental que Saubidet luchara tanto por reunir*” à sua disposição “*en forma absoluta y sin fiscalización alguna*”³¹⁵. Graciela Swiderski, estudiosa que nos últimos anos tem historiado a trajetória da instituição, sugere que o conflituoso período rosista acabou por refletir-se no “*olvido en el que cayeron los archivos*”³¹⁶. Josefa Sabor, principal biógrafa de Pedro de Angelis, chega a afirmar que “*todas las constancias que se*

³¹⁴ TORRE REVELLO, op. cit., p. 43; ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN. *Memoria correspondiente al año 1924*: antecedentes acerca de su fundación, reglamento, organización y estado actual. Buenos Aires: [s.n.], 1925, p. 65.

³¹⁵ PILLADO FORD, op. cit., p. 47.

³¹⁶ SWIDERSKI, op. cit., p. 12.

*conservan indican que durante el desempeño de sus funciones nada hizo de Angelis por el mejoramiento del Archivo*³¹⁷. É preciso assinalar que não há muitas fontes que esclareçam quais e como eram as atividades da personagem no *Archivo General* ou mesmo sob quais prerrogativas o órgão foi gerido durante o governo de Rosas. Acabei trabalhando, por isso, com os poucos registros que encontrei, apesar da busca realizada no acervo da administração do próprio arquivo, nos fundos da secretaria de Rosas, nas correspondências do italiano e em seus papéis pessoais.

Somente um documento encontrado apresenta uma situação em que Pedro de Angelis interveio na gestão do *Archivo General de la Provincia de Buenos Aires* de forma mais direta e importante. Em um ofício enviado ao Ministério de Governo logo que assumiu o cargo de *segundo archivero*, ainda em agosto de 1840, ele apresentava o mal estado em que se encontrava o prédio que abrigava o órgão e solicitava reformas: “*La primera necesidad del archivo es que se precave de las aguas que penetran por todas partes en los días lluviosos, y la falta de muchos vidrios en las claraboyas y ventanas, lo que exige pronta recuperación*”³¹⁸. O governo prontamente atendeu à solicitação, enviando um arquiteto para avaliar a situação e destinando os recursos necessários para a realização do conserto³¹⁹. O mesmo ofício redigido por De Angelis, no entanto, não diz nada a respeito da condição em que estavam os documentos depositados no repositório, sobre o tratamento que seria dado a eles a partir de então ou qual seria sua sistemática de coleta e guarda³²⁰. Não há qualquer registro de que De Angelis tenha tentado realizar a indexação ou a catalogação das fontes históricas do arquivo público, algo que ele fez com sua própria coleção pessoal, como veremos no próximo capítulo.

Algumas considerações feitas por Pedro de Angelis a Carlos Zucchi nos primeiros meses em que atuou no arquivo sugerem que Jerónimo Lasala, *primero archivero* e diretor do *Archivo General* desde 1829, tinha mais ingerência sobre o acervo público de documentos do que o napolitano. Ou seja: apesar de, como vimos anteriormente, o primeiro e o segundo arquivistas receberem o mesmo soldo por seus trabalhos, a hierarquia estabelecida parecia funcionar dentro da instituição. Em 15 de janeiro de 1841, De Angelis escrevia uma carta ao

³¹⁷ SABOR, 1994, p. 88.

³¹⁸ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Hacienda*. Sala X. Legajo 16-08-1.

³¹⁹ *Idem*.

³²⁰ Pillado Ford afirma que quando Pedro de Angelis solicitou a Juan Manuel de Rosas o posto de *archivero* em 1836, havia anexado à sua carta “*un proyecto de reglamento para el Archivo, que se tomaría en consideración si fuera aceptada su propuesta, en el que se estatuye, como medida preliminar de clasificación, el de sellar en parte visible con tinta colorada todos los documentos y libros que atesora*” (PILLADO FORD, op. cit., p. 45). Durante minha investigação, no entanto, não encontrei tal documento em nenhum acervo ou referência a ele em nenhuma outra parte.

seu amigo prestando contas sobre uma série de panfletos que o arquiteto havia lhe pedido; o erudito dizia, então, que não tinha toda a coleção de papéis solicitada, que alguns deles já estavam esgotados, mas que consultaria os faltantes no *Archivo General* e logo remeteria todo o material para Montevideu³²¹. No mês seguinte, Pedro de Angelis escreveu novamente para Zucchi explicando que ainda não havia conseguido acessar a documentação desejada pelo seu compatriota, pois Jerónimo Lasala ia muito pouco à instituição e ele era o único que poderia alcançar-lhe o que queria³²². Somente em fins de maio o *segundo archivero* daria novamente algum retorno sobre o material que deveria enviar ao seu correspondente. Essa, aliás, é a última vez que esse assunto aparece nas correspondências. De Angelis parecia, então, incomodado com a falta de independência que tinha em relação a Lasala, ao arquivo e ao seu acervo, fazendo queixas dele ao seu compatriota:

*Aspettate ancora un po' per gli opuscoli che vi mancano. Don Geronimo si reca molto raramente in archivio. Non potete immaginare quante difficoltà ci sono per sbrigare queste piccole faccende: preferirei avere a che fare con l'imperatore della Russia, piuttosto che dover combattere con questi uomini oziosi.*³²³

É preciso, aqui, lembrar de algo que aparece nas obras que tratam a trajetória de Pedro de Angelis com alguma frequência: a suposição de que ele teria aproveitado os doze anos em que esteve empregado no *Archivo General* para roubar documentos³²⁴. Essa acusação foi feita já na década de 1840 por Florencio Varela, José Rivera Indarte e Esteban Echeverría, letrados que viviam em Montevideu e que se opunham a Juan Manuel de Rosas. A partir das denúncias realizadas por eles em publicações uruguaias, em cujas páginas De Angelis passou a ser associado a epítetos como “*bribón*”, “*mal italiano*” e “*ladrón*”³²⁵, a formação da coleção

³²¹ “*Non vi posso inviare la raccolta dei pamphlet che mi avete chiesto. Ce se sono alcuni che sono esauriti e che devo andare a prendere negli archivi, cosa che posso fare soltanto andandoci di persona. Li avrete quindi con il prossimo piroscafo.*” (Al. sig. don Carlos Zucchi, 15 gennaio 1841. In: BADINI, op. cit., p. 174. Tradução minha: “Não posso lhe enviar a coleção de panfletos que você me pediu. Há alguns que estão esgotados e que tenho que ir buscar no arquivo, coisa que posso fazer somente indo lá pessoalmente. Você os terá, então, com o próximo navio a vapor”).

³²² “*Non ho dimenticato la vostra commissione dei pamphlet aventi per oggetto il blocco, ma Lasala si reca molto di rado in archivio, ed è l'unico che possa darmi quello che mi manca*” (A Carlo Zucchi, 13 febbraio 1841. In: BADINI, op. cit., p. 175-176. Tradução minha: “Não esqueci a sua encomenda de panfletos sobre o bloqueio, mas Lasala raramente vai ao arquivo e é o único que pode me dar o que me falta”).

³²³ Al sig. don Carlos Zucchi Montevideu, 30 maggio 1841. In: BADINI, op. cit., p. 180. Tradução minha: “Aguarde um pouco mais pelos folhetos que lhes faltam. Don Geronimo vai muito raramente ao arquivo. Você não pode imaginar quantas dificuldades existem para tratar destes pequenos assuntos: eu prefiria ter que lidar com o imperador da Rússia, do que ter de lutar com esses homens indolentes”.

³²⁴ TORRE REVELLO, op. cit., p. 44; ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN, op. cit., p. 65.

³²⁵ DÍAZ MOLANO, op. cit., p. 85. Em uma carta de Florencio Varela a Juan María de Gutiérrez de 22 de setembro de 1842, ele escrevia, referindo-se à tentativa de Pedro de Angelis de vender sua coleção de documentos ao uruguaio Teodoro Viladerbó, sobre a qual tratarei no próximo capítulo: “*Me revuelve la máquina lo que V. me*

pessoal de manuscritos e obras do erudito passou a ser vista com desconfiança. Falarei mais sobre as questões envolvendo a formação do arquivo e da biblioteca pessoais do erudito no capítulo seguinte. Por ora, interessa-me, a partir das correspondências entre De Angelis e Zucchi citadas anteriormente, refletir sobre a relação do colecionador italiano com o acervo do arquivo público da Província: se houve, pelo que ele relata, certa dificuldade de acesso aos documentos imposta pela autoridade de Jerónimo Lasala sob o repositório, também se pode inferir que ocorreu a iniciativa por parte de Pedro de Angelis de tomá-los para si e enviá-los para o amigo em Montevideu. É possível, pois, que ele tenha se apropriado de papéis durante o período em que trabalhou no órgão, mas não há fontes suficientes para confirmar ou refutar de forma enfática tal hipótese. De qualquer forma, podemos imaginar que ser arquivista do *Archivo General de la Provincia de Buenos Aires*, assim como ser autor da *Colección de obras y documentos*, era empoderador para De Angelis, especialmente em uma esfera cultural pouco institucionalizada como era a da Confederação rosista. Mesmo se a sua atuação ou sua autonomia no repositório público tenha sido limitada, De Angelis detinha o cargo, assinava como *archivero general* (ver Anexo 12), tinha seu nome vinculado a uma instituição de guarda de documentos e, de certo modo, credenciais para circular nela. É possível que isso causasse incômodo entre os intelectuais que atuavam na outra margem do Prata em exílio e em oposição ao governo de Rosas, já que, como ainda veremos, muitos deles também eram colecionadores de manuscritos e obras e interessados na escrita da história da região: há que se considerar também, portanto, que eles possam ter criado a trama sobre os saques feitos por De Angelis ao *Archivo General* simplesmente para difamá-lo.

Em uma comunicação interna entre Pedro de Angelis e Juan Manuel de Rosas ocorrida no início de abril de 1848, localizei mais uma referência sobre as atividades do *segundo archivero* e alguma pista sobre como o governador manejava os documentos do *Archivo General* e como se relacionava com seu acervo. Nos escritos, Rosas dizia que enviava ao italiano uma *carpeta* contendo a sua coleção do Registro Oficial da Província de Buenos Aires, com os tomos publicados entre os anos de 1821 e 1845; solicitava que De Angelis agregasse a ela os livros referentes a 1846 e 1847, bem como outros que verificasse que estivessem

dice de las rapiñas de de Angelis. Esos documentos que vende son propiedad nacional de nuestra desventurada patria. El mal italiano cumple el texto de su alto compatriota “degli stolti la spoglia divide” (De Florencio Varela a Juan María Gutiérrez, 22-IX-1842. In: MOGLIA; GARCÍA. *Archivo del Doctor Juan María Gutiérrez: Epistolario*. Tomo I, op. cit., p. 250). Alguns días depois, em 27 de setembro, Varela voltava a escrever para Gutiérrez retomando o tema: “*Supongo que no me dejará V. ignorar el resultado de la negociación sobre los manuscritos ofrecidos por esse bribón de Angelis a nuestro amigo Viladerbó*” (De Florencio Varela a Juan María Gutiérrez, 27-X-1842. In: MOGLIA; GARCÍA. *Archivo del Doctor Juan María Gutiérrez: Epistolario*. Tomo I, op. cit., p. 251).

ausentes; que substituísse nela os volumes que estivessem “*sucios*” por “*otros limpios, y aparentes*”; que organizasse-a, retirando do conjunto os decretos “*que se consideren innecesarios*” e não estivessem mais vigentes; que encadernasse-a em “*una pasta punzó con dorado*” e, enfim, enviasse-a de volta ao seu gabinete. Mais do que isso, o governador dizia que De Angelis tinha autorização para, em seu nome, pedir que Jerónimo Lasala sacasse do *Archivo General* os tomos do Registro Oficial faltantes em sua coleção, ou até mesmo um conjunto inteiro se assim julgasse mais efetivo, para completá-la³²⁶. O *segundo archivero*, então, respondia:

*Entre los dos arbitrios – el uno de darme una orden para que el Sr. Lasala me entregue lo que dejo apuntado que falta à la colección; y el otro, para que me dé una colección nueva y completa para V. E., creo que el segundo sería preferible al primero. En este cambio, nada se pierde, porque yo haría poner un forro nuevo que nada cuesta á la colección vieja, y la dejaría en el Archivo, y haría empastar en tafilete rosado y dorado la colección nueva, y sin defectos. [...] A la colección del Registro Oficial suele agregarse el Registro Estadístico. Si V. E. no lo tiene en la biblioteca, lo pediré al Archivo, por orden de V. E. Entre la encuadernación de pasta entera, y la encuadernación de media pasta, aun agregándole las hojas doradas, y según el modelo que remito à V. E. hay la diferencia del doble en el precio; porque el tafilete colorado es muy caro.*³²⁷

A partir desse registro, pode-se perceber que mesmo após quase oito anos de haver sido nomeado no *Archivo General*, Pedro de Angelis não tinha as mesmas atribuições na instituição que Jerónimo Lasala: a movimentação do acervo ainda passava pelo *primero archivero* e a ele que foi remetida a ordem para a extração dos documentos necessários ao uso do governador da Província. Além disso, observa-se que Juan Manuel de Rosas se preocupava em ter na biblioteca de seu gabinete uma coleção do Registro Oficial “sem defeitos” e com a marca de seu governo, evidente tanto na seleção dos decretos que ainda vigoravam sob seu regime quanto na encadernação especial com o “tafilete colorado” – cor dos federalistas –, que, aliás, era “muito caro”. O mesmo tipo de cuidado, no entanto, não ocorreria em relação ao conjunto que ficaria no *Archivo General*. Segundo o escrito de De Angelis, o repositório público cederia para utilização particular de Rosas uma coleção “nova e completa” do Registro Oficial e, em troca, receberia a “coleção velha” do governador; o *segundo archivero* “a deixaria no Arquivo” após colocar nela um simples “forro novo que nada custa”. O acervo da instituição pública parece ser percebido pelo governador e seu funcionário como patrimônio privado: de Lasala, a quem

³²⁶ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Archivo Juan A. Farini. Sala VII. Legajo 195.

³²⁷ Idem.

se deveria recorrer diretamente para acessar os documentos, ou do próprio Juan Manuel de Rosas que poderia dar ordens aos *archiveros* e movimentar os fundos como bem entendesse.

É instigante dar-se conta de que os documentos do fundo “*Secretaría de Rosas*” existente hoje no *Archivo General de la Nación* foram lá guardados e organizados somente em fins do século XIX, após a federalização do repositório, sendo procedentes do *Archivo del Fuerte* e do *Archivo de la Secretaría de Gobierno de la Provincia de Buenos Aires*³²⁸. O fundo contém a documentação relacionada à atuação do governo de Juan Manuel de Rosas, entre cartas, comunicações, decretos, tratados, informes, livros de gastos, solicitações, instruções e recibos produzidos de 1829 a 1852. Acessamos muitos outros papéis relativos à administração rosista no “*Fondo y Colección Adolfo Saldías y Juan Ángel Farini*”, um acervo privado que chegou ao AGN por doação mais de cem anos depois do fim do governo rosista, em 1958. Essa documentação viajou com Rosas quando do seu exílio após a derrota de Caseros³²⁹ e estava sob posse de sua filha, Manuela Rosas, em Southampton quando foi cedida por ela ao historiador Adolfo Saldías em 1890. Ele utilizou os documentos na escrita da obra revisionista “*Historia de la Confederación Argentina: Rosas y su época*”, publicada dois anos depois, e acabou permanecendo com os mesmos em seu arquivo pessoal³³⁰. Outros documentos que pertenceram a Juan Manuel de Rosas teriam sido cedidos por Máximo Terrero, marido de Manuela, ao colecionador particular Carlos Casavalle³³¹ e também foram depositados no AGN somente no século XX, em 1961, após terem sido comprados pelo governo argentino da *Casa de Remates Ungaro y Barbará*³³². Hoje, eles podem ser encontrados no fundo “*Colección Carlos Casavalle*” do repositório público.

Há um documento mencionado em vários trabalhos que abordam a história do *Archivo General* que descreveria a situação que o repositório estava após o fim do governo de Juan

³²⁸ ZABALA, Juan Pablo (coord.). *Fondos documentales del Departamento de Documentos Escritos*. División Nacional. Programa de Descripción Normalizada: secciones gobierno, Sala X y contaduría, Sala III, tribunales y protocolos de escribanos: volumen 2. Buenos Aires: Archivo General de la Nación; Ministerio del Interior, 2012, p. 352.

³²⁹ Segundo Marcela Ternavasio, a “*rápida y contundente derrota del ejército de Rosas en Caseros [...] condujo al Restaurador de las Leyes a embarcarse inmediatamente hacia Inglaterra, no sin antes embalar y llevar consigo su copiosa documentación. Los documentos oficiales de los años del gobierno (que incluían cartas y notas recibidas, y copia de las que él había escrito o dictado) llenaron diecinueve cajones*” (TERNAVASIO, *Historia de la Argentina*, op. cit., p. 242).

³³⁰ Idem, p. 358; ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN. *Manuelita Rosas y Antonino Reyes*. El olvidado epistolario (1889-1897). Buenos Aires: AGN, 1998, p. 50.

³³¹ BUCHBINDER, Vínculos privados, instituciones públicas y reglas profesionales en los orígenes de la historiografía argentina, op. cit., p. 65.

³³² Antes de ser adquirido ao *Archivo General de la Nación* em 1961, o acervo de documentos juntado pelo colecionador Carlos Casavalle ao longo do século XIX passou por sucessivas vendas e desmembramentos (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN. *Colección Carlos Casavalle (1544-1904)*. Catálogos e Índices. Tomo I. Buenos Aires: AGN, 1996, p. 6).

Manuel de Rosas: tratar-se-ia de um informe produzido por D. Mariano de Vega pouco tempo depois de reassumir o cargo de *segundo archivero* no lugar de Pedro de Angelis em 1852. Os estudiosos que citam e transcrevem partes do registro afirmam com poucas variações que, nele, Vega teria relatado que encontrou “*la oficina el en mayor desquicio, ‘hasta el extremo, decía, de carecer de los útiles necesarios de escritorio’*. *Los documentos habían sido removidos de sus estantes y puestos sobre las mesas sin orden ni regularidad, y habíase reducido el local, destinándolo a otros servicios*”³³³. Nenhum deles, no entanto, referencia a localização do documento e, depois de muito buscar, não conseguiu encontrar o informe em si. Localizei, por fim, um jornal bonaerense chamado “*La Avispa. Publicación a Vapor. Palo de ciego al que no ande derecho*” que publicou em sua segunda edição, saída em 9 de março de 1852, a seguinte observação que não só comprova a existência do escrito de Mariano de Vega, como ainda divulga a posição de De Angelis sobre o relato do novo arquivista pós-Caseros:

VINDIDACIONES

*El Archivero Señor Vega dice en su nota al Gobierno que el Archivo estaba hecho una miseria, tirado sobre las mesas y en el mayor desorden. El anterior archivero D. Pedro Angelis, contesta en el Agente de ayer que es falso cuanto dice el Sr. Vega – ó el Sr. Angelis?*³³⁴

Se o relato realizado por Vega é verdadeiro ou se o italiano é que tem razão ao contestá-lo é difícil confirmar com exatidão. Em 1867, no entanto, quando Manuel Trelles assumiu a direção do *Archivo General*, ele dava informes, assim como fizera Mariano de Vega sobre a situação deixada por seu antecessor, que “*en el archivo existía un desorden generalizado y que muchos papeles se encontraban en pésimo estado*”³³⁵.

Todas estas informações tornam possível conjecturar, em acordo com os dizeres de Graciela Swiderski, que durante a gestão rosista e o tempo em que De Angelis foi *segundo archivero* “*lejos había quedado el rol del Archivo como garante de la publicidad de los actos*

³³³ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN ARGENTINA. *Memoria Correspondiente al año 1924*. Antecedentes acerca de su fundación, reglamento, organización y estado actual. Buenos Aires: G. Kraft Impresor, 1925 p. 65-66. A mesma citação, com pouquíssimas variações, aparece ainda em: ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN ARGENTINA. *Papeles del Archivo*: publicación del Archivo General de la Nación, Volume 1. Buenos Aires: G. Kraft Ltda., 1942, p. 321; ESTUDIOS INVESTIGACIONES Y ENSAYOS. Buenos Aires: Academia Nacional de la Historia, edição 12, 1972, p. 96; ESTUDIOS. Buenos Aires: Academia Literaria del Plata, edições 436-442, 1949, p. 610.

³³⁴ *La Avispa. Publicación a Vapor. Palo de ciego al que no ande derecho*, núm. 2, 09/03/1852, p. 3.

³³⁵ BUCHBINDER, Vínculos privados, instituciones públicas y reglas profesionales en los orígenes de la historiografía argentina, op. cit., p. 71. Manuel Trelles iniciou, então, a restauração de parte do material conservado no repositório, elaborou um índice de documentos de governo e editou uma revista para publicar a documentação do Archivo entre 1869 e 1872 (Idem).

de gobierno”³³⁶; mais do que isso, é bastante provável que não houvera naquele período qualquer tentativa de aumentar e valorizar o acervo do arquivo público ou organizar e sistematizar aquele que já estava lá acondicionado. Em lugar disto, Juan Manuel de Rosas preferia dar atenção a outro arquivo. Nos nove anos em que existiu, entre 1843 e 1851, foi o *Archivo Americano y Espiritu de la Prensa del Mundo* que afiançou a publicidade dos atos do governo através dos documentos ali publicados. Seu editor principal, Pedro de Angelis, ficaria, a partir de então, bastante atarefado: na prática, mesmo mantendo seu cargo no *Archivo General*, o ofício de *segundo archivero* acabaria em segundo plano. Por outro lado, como veremos nas próximas páginas, com a produção do *Archivo Americano*, De Angelis e o governador estabeleceriam uma relação de trabalho bastante próxima³³⁷. “*El archivero*” de Rosas se vinculava de vez e de forma irretornável ao regime.

2. 2. Pedro de Angelis, *archivero* do *Archivo Americano*

Em 1843, a crise enfrentada pelo governo de Juan Manuel de Rosas estava aplacada e a ordem começava a parecer invencível. O bloqueio francês ao porto de Buenos Aires havia encerrado, bem como haviam sido derrotados e repreendidos os levantamentos que enfrentava o governo dentro dos limites da Confederação. Os embates e as maiores ameaças se localizavam fora dela: Montevideú continuava sendo um problema para o rosismo. A capital oriental, então cercada pelas tropas de Manoel Oribe com o apoio de Rosas³³⁸, chegou a ser chamada por Alexandre Dumas de *Nouvelle Troie*³³⁹ pela resistência que impunha ao governador argentino. O enfrentamento não era só armado³⁴⁰, mas ocorria também no plano das ideias. Desde a outra

³³⁶ SWIDERSKI, op. cit., p. 13.

³³⁷ A troca de correspondências entre os dois ocorrida em 1848 e citada anteriormente, na qual o governante se dirige ao italiano para resolver as questões sobre o Registro Oficial, mesmo sendo Jerónimo Lasala o responsável pelos documentos, é uma entre várias evidências desta aproximação.

³³⁸ Como vimos na primeira parte deste capítulo, os conflitos com a Banda Oriental iniciaram-se em 1838, quando o presidente Oribe foi deposto por Fructoso Rivera e seus aliados. Desde então, Rosas suportava Oribe em sua luta pela retomada de Montevideú, que culminou na instalação de suas tropas e de um governo de resistência em Cerrito e em um sítio da capital uruguaia que deixou a região em guerra durante nove anos.

³³⁹ Na obra “*Montevideo ou Une Nouvelle Troie*” de 1850, Alexandre Dumas apresenta a história de Montevideú desde a fundação da cidade até os confrontos do sítio imposto por Oribe e Rosas, privilegiando justamente este último período. Segundo Suellen Péres de Oliveira, na narrativa do autor de “*Os três mosqueteiros*” “a história de uma cidade fortificada resistindo a uma invasão bélica é o primeiro elemento que aproxima a cidade de Montevideú e Troia. O segundo são os habitantes de uma e outra que resistem por muitos anos para salvar a sua cidade pátria” (OLIVEIRA, Suellen Mayara Péres de. Montevideú, a nova Troia? Gêneros em disputa nos projetos de escrita da história da região do Prata (1839-1850). In: FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira (org.). *História da América: Historiografia e interpretações*. Ouro Preto: Editora UFOP, 2012, p. 188). Enquanto os participantes da defesa de Montevideú são equiparados a heróis, Rosas e seus aliados são convertidos em anti-heróis; assim, ainda segundo a historiadora, o tom épico de Dumas revela o seu comprometimento “com a propaganda antirosista”, já que ele procurava “convencer o leitor a tomar o partido dos defensores e não dos invasores” (Idem, p. 190).

³⁴⁰ A defesa armada de Montevideú contou até mesmo com a participação de sua população estrangeira, como a

margem do Prata (e também do Chile, do Brasil e de outros lugares para onde se deslocaram), intelectuais argentinos exilados, auxiliados por letrados do Uruguai, produziam tanto “*virulentas diatribas contra Rosas*” como “*proyectos de país para cuando la caída del rosismo se concretara*”³⁴¹, expressos textual e imageticamente³⁴² em jornais, panfletos e livros que passaram a circular pelo mundo – inclusive dentro da própria Buenos Aires. Dentre estes intelectuais, destacaram-se os românticos da jovem geração agrupada a partir de 1837 e já citada neste trabalho outras vezes. Esteban Echeverría, Juan Bautista Alberdi, Juan María Gutiérrez, José Marmol, Florencio Varela, Domingo Faustino Sarmiento, Vicente Fidel López e Bartolomé Mitre, junto a uruguaios como Andres Lamas e Miguel Cané (pai), tiveram ativa atuação oposicionista em fins da década de 1830 e durante toda a década de 1840, sendo protagonistas da propaganda antirosista. Para pelear em favor de Juan Manuel de Rosas na “*batalla de las ideas*”³⁴³, “*guerra de los papeles*”³⁴⁴ ou “*querela de Clio*”³⁴⁵ que se desenrolava, Pedro de Angelis foi acionado.

Naquele momento, o erudito italiano havia acabado de ver completamente frustradas duas tentativas de publicar novas compilações de documentos históricos: uma delas seria a continuação da sua *Colección*. No início de 1841, ele enviava aos possíveis assinantes um prospecto anunciando o lançamento de “*una segunda serie de documentos inéditos relativos a la Historia y Geografía de las Provincias del Rio de la Plata*”, no qual convidava o público leitor a refazer a parceria:

El bloqueo del Rio de la Plata nos obligó á desistir de nuestras tareas, y la cesación de esta medida hostil de Francia os convida a proseguirlas. Honrados con el favor del público y el sufragio de tantos hombres eminentes, nos asiste la esperanza de que los hallaremos dispuestos á acoger con igual

“legião francesa”, comandada por Jean Thiebaut, e a “legião italiana”, liderada por Giuseppe Garibaldi.

³⁴¹ TERNAVASIO, *Historia de la Argentina*, op. cit., p. 236. Segundo Adriana Amante, o que os exilados argentinos “*intentan es extender políticamente el concepto de nación para que en él entren los que, desterrados, siguen pensándose parte de una patria expulsadora que hay que rediseñar. Piensan la patria civilizada desde afuera para conjurar la barbarie de adentro. Cartografían una patria que debe ser reelaborada, pero no quieren una vuelta atrás, hacia un pasado preexistente. [...] El proyecto de los románticos argentinos no es una vuelta a un origen inmutable. Es el intento de convertir un claro comienzo histórico, que ellos están elaborando e instituyendo en su lucha contra Rosas, en el origen de una nueva patria, surgida de la intelectualización de los males que la afectan para establecer los bienes que la salvarán*” (AMANTE, op. cit., p. 44).

³⁴² Sobre as representações imagéticas publicadas nos jornais que se opunham a Rosas, ver: ROMÁN, op. cit., p. 49-69.

³⁴³ TERNAVASIO, *Historia de la Argentina*, op. cit., p. 236.

³⁴⁴ ROMÁN, op. cit., p. 49.

³⁴⁵ Em sua dissertação de mestrado, Suellen Péres de Oliveira denomina “querela de clio” o conjunto de disputas pelas representações do passado da Região do Prata protagonizados pelos apoiadores e opositores do regime rosista. Ver em: OLIVEIRA, *A querela de clio na região do Prata e do Brasil*, op. cit.

*indulgencia la continuación de los Documentos inéditos sobre al antiguo virreinato de Buenos Aires.*³⁴⁶

Diferentemente do que ocorrera na divulgação da primeira edição da *Colección*, agora De Angelis não só explicitava quais seriam os temas dedicados a cada um dos tomos, como já demonstrei no primeiro capítulo, mas também deixava claro quantos eles seriam e quais as suas dimensões – “*la obra formará ocho volúmenes de cerca de quinientas páginas cada uno*”³⁴⁷. O autor parecia perceber, então, que para tentar reconquistar e manter seus subscritores, era preciso ser mais transparente em relação ao conteúdo da obra, garantir de antemão qual seria seu ordenamento e comprometer-se com o cumprimento de sua entrega. Além disso, após os prejuízos e incômodos financeiros ocasionados com a edição da primeira coletânea, dava-se conta de que não poderia lançar o material sem a certeza do recebimento do valor cobrado e da fidelização concreta de seus clientes. Por essas razões, abandonaria o confuso formato de fascículos e venderia a obra por volumes, “*cuyo valor será de tres pesos fuertes, que se pagarán en el acto de recibirse cada tomo*”, e esclarecia que “*el compromiso del editor, así como de los Sres. Suscriptores, se estiende á toda la obra, y durará hasta su conclusión*”³⁴⁸. Ao fim do prospecto, ainda afirmava: “*El primer tomo saldrá á la luz luego que el producto de la suscripción llegue a cubrir los gastos de imprenta*”³⁴⁹. Isso nunca aconteceu: De Angelis não conseguiu assinantes suficientes para que a sua *Colección* prosseguisse³⁵⁰. Aparentemente, ele tampouco tentou que o governo de Juan Manuel de Rosas acolhesse o projeto³⁵¹. Como

³⁴⁶ INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO (Rio de Janeiro, Brasil). *Coleção Instituto Histórico*. Lata 180. Doc. 75. Circular de Pedro de Angelis pedindo a assinatura para uma obra que pretende publicar sobre as Províncias do Rio da Prata. Buenos Aires, março de 1841.

³⁴⁷ Idem.

³⁴⁸ Idem. Em carta enviada para Carlos Zucchi em março de 1841, De Angelis dizia que enviava o prospecto para o livreiro Hernández divulgar a nova *Colección* em Montevidéu, afirmando preferir conseguir poucos subscritores, desde que esses estes fossem garantidos: “*Ho spedito a Hernandez alcuni prospetti della continuazione della mia opera. Mi basta che li faccia inserire nei giornali di Montevideo e che segni su un foglio i sottoscrittori che si presenteranno, senza andargli a cercare. Preferisco che siano pochi ma sicuri*” (A Carlos Zucchi, 19 marzo 1841. In: BADINI, op. cit., p. 178. Tradução minha: “Enviei para Hernandez alguns prospectos da continuação da minha obra. Basta-me que ele os faça inserir nos jornais de Montevidéu e que registre em uma folha os assinantes que vão surgindo, sem procurá-los. Eu prefiro que sejam poucos, mas garantidos”).

³⁴⁹ INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO (Rio de Janeiro, Brasil). *Coleção Instituto Histórico*. Lata 180. Doc. 75. Circular de Pedro de Angelis pedindo a assinatura para uma obra que pretende publicar sobre as Províncias do Rio da Prata. Buenos Aires, março de 1841.

³⁵⁰ Em escrito destinado para Zucchi, o italiano confessava: “*Sapete bene che non ho potuto pubblicare il seguito della mia opera perché non ho trovato abbastanza sottoscrittori: e quei pochi che sono riuscito a racimolare è come se lo avessero fatto per farmi un favore, dato che si preoccupano ben poco di vedere pubblicato o meno quello che è stato scritto sul loro paese.*” (Al sig. don Carlos Zucchi architetto Montevideo, 13 gennaio 1841. In: BADINI, op. cit., p. 173. Tradução minha: “Você sabe bem que não pude publicar a continuação da minha obra porque não encontrei assinantes suficientes; e aqueles poucos que consegui arranjar é como se o houvessem feito para me fazer um favor, já que se preocupam muito pouco de ver publicado ou não o que foi escrito sobre o seu país”).

³⁵¹ Diferentemente do prospecto da primeira edição, o material de divulgação da segunda não mencionava o

podemos verificar na primeira parte da tese e a julgar pelo cuidado dispensado ao *Archivo General de la Provincia de Buenos Aires* em sua gestão, não era prioridade ou uma política do governo rosista investir em questões relativas à organização de documentos sobre o passado da Confederação ou à produção de algum conhecimento histórico. A concepção das duas compilações documentais e a busca por manuscritos a serem editados foram iniciativas individuais de Pedro de Angelis, não fazendo parte de suas funções oficiais nem mesmo enquanto arquivista público (ainda que, vale rememorar, a *Colección* publicada na década de 1830 tenha sido impressa na *Imprenta del Estado*, que nela estivesse explícito o vínculo de De Angelis com Rosas e que ela, por fim, delineasse os limites territoriais do poder bonaerense, auxiliasse no discurso de sustentação da ordem rosista e na elaboração de sua memória).

O mesmo final teve as “*Memorias históricas de las dos expediciones, dirigidas contra los establecimientos del Río de la Plata en 1806 y 1807; ó serie completa de los documentos oficiales que les son relativos, con las actas de los Consejos de Guerra, encargados de examinar la conducta política y militar de sus principales Gefes, Sir. Home Popham, y Tenente General Whitelock*”, cujo prospecto circulou em 1843 (ver Anexo 13). Tratava-se de outra coletânea de documentos, desta vez, sob uma temática específica, como se pode apreender por seu título: as invasões inglesas ao vice-reinado do Rio da Prata que antecederam as guerras de Independência naquele espaço. A obra seria dividida, segundo o material de divulgação, em quatro tomos, novamente distribuídos mediante assinatura dos leitores (ver Anexo 14). Em uma missiva endereçada em março daquele ano ao ministro das Relações Exteriores da Confederação Argentina, Felipe Arana, Pedro de Angelis solicitava “*alguna suscripción que se dignará el Exmo. Gobierno tomar para ayudarme en esta empresa*”, argumentando que pretendia publicar aquela obra “*bajo la protección ilustrada y patriótica de S.E. el Señor Brigadier Dn. Juan Manuel de Rosas, Gobernador y Capitán General de la Provincia de Buenos Aires*” e que ela seria um “*nuevo recuerdo de mi amor á los Argentinos, y de mi gratitud al Ilustre Gefe que os preside*”. Em um momento em que, mais uma vez, representantes da Inglaterra e da França intervinham nos destinos platinos – o comodoro inglês Purvis acabava de auxiliar os uruguaios na defesa de Montevideú contra Oribe³⁵² –, De Angelis afirmava que

governo ou o governador, com exceção de um protocolar “*¡Viva la Federación!*” no topo da primeira página.

³⁵² Em 1843, o comodoro Purvis levantou o bloqueio que Guillermo Brown, em nome da Confederação Argentina, havia iniciado ao porto de Montevideú, permitindo que começassem a chegar socorros por água: durante os nove anos em que o cerco duraria, esta seria a única entrada de recursos à cidade sitiada. Purvis ainda proibiu os súditos britânicos de seguir a serviço de Buenos Aires e, “*mientras tanto, marinos franceses desembarcaban en Montevideo, invocando – en verdad con elección poco original del pretexto – la necesidad de proteger a sus connacionales*” (HALPERIN DONGHI, op. cit. p. 365). Este seria o início de uma longa intervenção anglo-francesa no embate entre Buenos Aires e Montevideú, como se verá adiante.

naquele trabalho “*meramente literário e histórico*”, ele não perderia de vista “*la oportunidad que se presenta de poner en transparencia las miras hostiles de los gobiernos europeos contra los nuevos Estados Americanos*” e que “*todo cuanto yo escriba estará arreglado a los principios que profeso de buen federal, de fiel servidor*”³⁵³. Nem a pragmática justificativa do italiano para a existência da coletânea de documentos sobre o passado argentino adiantou; suas “*Memorias históricas*” nunca foram a público.

Pouco tempo depois disso, no entanto, o governo de Buenos Aires encomendaria um projeto a Pedro de Angelis. Rosas planejava publicar um jornal que circulasse e fosse lido não só no Prata, mas na maior parte possível das nações ao sul e ao norte da América e na Europa e, assim, demarcar a posição e a versão do governo bonaerense diante do conflito platino, das intervenções de França e Inglaterra e da propaganda contrária ao regime que era difundida pelos exilados. Um erudito italiano versado em outras línguas que não só o espanhol, legitimado por sua filiação em agremiações ilustradas, com longa experiência na redação de jornais oficiais, que acumulava conhecimento e atividade em tipografia e que era fiel servidor do governo, como não cansava de se declarar, possivelmente era a melhor opção para essa tarefa³⁵⁴. Lembro, conforme escrevi no primeiro capítulo, que as notas e as resenhas publicadas sobre a *Colección* de Pedro de Angelis na Europa (no *Journal do Institute Historique de Paris*, na revista da *Royal Geographical Society* de Londres e no *The Edinburgh Review*) relacionavam o mérito do seu autor a Juan Manuel de Rosas, divulgando-o como o apoiador de um projeto que ousava publicar pela primeira vez um grupo de documentos históricos sobre a região sob sua jurisdição, tal como faziam as nações europeias naqueles tempos. Em um momento em que o regime começava a ser associado à barbárie pela pena dos intelectuais exilados³⁵⁵, contar com o

³⁵³ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 23-03-02 A.

³⁵⁴ Ressalto que, segundo Andrea Reguera, a confiança e a lealdade à causa eram elementos essenciais para Juan Manuel de Rosas escolher as pessoas que o cercavam e conservá-las em seu entorno (REGUERA, Andrea. *Los edecanes de Juan Manuel de Rosas. La confianza en la delegación y representación personal del poder. Travesía*, vol. 19, n. 1, pp. 51-76, enero-junio 2017). Mais do que isso, ainda conforme a historiadora argentina, “*así como la traición a la confianza se pagaba con el destierro, la lealtad se premiaba*” (Idem, p. 69). Nomear Pedro de Angelis como *segundo archivero* do *Archivo General* e como editor do *Archivo Americano* e mantê-lo nessas posições ao longo de seu governo são sinais de que o italiano tinha credibilidade perante o governador.

³⁵⁵ A fórmula antinômica “civilização/barbárie” relacionada pelos opositores de Rosas ao “progresso/status quo” é apresentada de forma mais elaborada em “*Civilización y Barbárie: Vida de Juan Facundo Quiroga*”, publicado por Domingo Faustino Sarmiento como folheto no jornal chileno *El Progreso* a partir de maio de 1845 (PALTÍ, Elías J. Rosas como enigma. La génesis de la fórmula “Civilización y barbárie”. In: BATTICUORE, Graciela; GALLO, Klaus; MYERS, Jorge (comp.). *Resonancias románticas. Ensayos sobre historia de la cultura argentina (1820-1890)*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 2005, p. 83). Neste texto – que acabaria sendo publicado em livro em 1851 e, após ganhar diversas edições, acabaria conhecido sob o título “*Facundo o civilización y barbárie*” –, Sarmiento narra a história de Facundo Quiroga, correligionário de Juan Manuel de Rosas assassinado em uma emboscada em 1835. A intenção, no entanto, era “ultrapassar os limites individuais da personagem e construir uma análise mais abrangente e generalizadora que alcançasse toda a sociedade argentina.

trabalho de De Angelis poderia dar a entender que, ao contrário do que divulgavam seus opositores, a Confederação não dava as costas ao desenvolvimento das letras e do conhecimento, procedimento estatal que começava a ser corrente no mundo tido como civilizado. Em um escrito de 1883, “*Conflicto y armonías de las razas en América*”, Domingo F. Sarmiento interpretou desta forma a relação estabelecida entre o rosismo e a nossa personagem: “*Rosas tomó alquilada la erudita pluma de Angelis, un italiano, para cubrir la desnudez de su literatura de apodos, epítetos y sobrenombres y aclamaciones*”³⁵⁶. Assim, mesmo que voltar ao jornalismo não fosse exatamente o que De Angelis almejava fazer como ofício (justo agora em que tinha um cargo no *Archivo General*)³⁵⁷, ele assumia o compromisso de pensar e planejar aquela que viria a ser a principal publicação periódica do rosismo. Em maio de 1843, o erudito enviava suas ideias rascunhadas ao próprio governador da Província (ver Anexo 15).

Enquanto que na Montevideu sitiada os intelectuais contrários a Rosas produziam e divulgavam para o mundo textos em que refletiam sobre o passado colonial do Prata, a sua independência da Espanha e o presente da política federalista naquele espaço³⁵⁸, fundando,

Sarmiento inaugurava neste livro uma matriz interpretativa que estabelecia a oposição do campo – lugar da barbárie, território livre dos Federalistas – da cidade – lugar da civilização, da cultura, do progresso e da riqueza. As oposições eram não só políticas, entre federalistas e unitários, mas também culturais, entre mundo letrado e tradição oral”; o primeiro tendo como principal referencial a Europa, o segundo sendo representado por Rosas e seus apoiadores (PRADO, Maria Ligia; PELLEGRINO, Gabriela. *História da América Latina*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 91).

³⁵⁶ SARMIENTO, Domingo Faustino; MONTT, Luis; SARMIENTO, Augusto Belin. *Obras de D.F. Sarmiento*. Volume 38: *Conflicto y armonías de las razas en América*. Paris: Belin Hermanos, 1900, p. 381. No mesmo sentido, em 1847 Esteban Echeverría escrevia no seu *Dogma Socialista*: “[...] Además, el Restaurador debía necesitar un abogado de tres lenguas de la talla de Fadladeen para que lo defendiese ante la barra de las naciones civilizadas” (ECHEVERRÍA, op. cit., p. 206).

³⁵⁷ Naquele momento, Pedro de Angelis estava absorvido pelo colecionismo, como veremos no próximo capítulo. Em carta para Carlos Zucchi, ele contava ao amigo – não muito satisfeito, mas já comprometido – de sua nova atribuição como editor do *Archivo Americano*: “*Io sono stato costretto a riprendere il mio vecchio e noioso mestiere di scrittore pubblico. È venuta una delegazione di notabili del paese che mi ha tirato fuori dalla mia oscurità: così come stanno le cose, sarei stato a dir poco scortese se avessi rifiutato la loro offerta. Eccomi dunque lanciato su questo mare tempestoso della stampa periodica. [...] Lo scopo del giornale è dichiarato molto chiaramente nel programma: sono d'accordo nel fare cosa - e cioè difendere i diritti del paese contro queste usurpazioni da parte degli stranieri. È un dovere sacrosanto che intendo rispettare con tutte le mie forze*” (A Carlos Zucchi, 5 giugno 1843. In: BADINI, op. cit., p. 243, grifos meus. Tradução minha: “Eu fui obrigado a retomar a minha antiga e enfadonha carreira de escritor público. Veio uma delegação de notáveis do país que me tirou da minha obscuridade: tal como estão as coisas, eu teria sido no mínimo descortês se tivesse recusado sua proposta. **Eis-me, então, lançado neste mar tempestuoso da imprensa periódica.** [...] O escopo do jornal está declarado muito claramente no programa: concordo em fazê-lo – isto é, defender os direitos do país contra essas usurpações por parte dos estrangeiros. É um dever sacrossanto que pretendo respeitar com todas as minhas forças”).

³⁵⁸ Os opositores de Rosas, membros da Geração de 1837 e outros intelectuais argentinos desterrados e uruguaios, ficaram marcados pela produção periodística e literária realizada nesta época, em diversos escritos que pensavam o passado e o presente do Prata, criticando as heranças do colonialismo espanhol e o sistema rosista. Desde Montevideu, André Lamas, Florencio Varela e José Mármol escreviam nos periódicos *El Nacional* e *El Comercio del Plata*; Mármol chegou a lançar o romance “*Amalia*” em 1844 e o poema “*Cantos del Peregrino*”, em 1847. Esteban Echeverría escreveria “*El Matadero*” entre 1838 e 1840 (publicado, no entanto, somente em 1871) e

também com esse intuito, o *Instituto Histórico e Geográfico Nacional*³⁵⁹ com apoio do governo colorado³⁶⁰, na cidade portenha De Angelis preparava seu novo empreendimento. Para o italiano, o impresso a ser lançado deveria conter não só artigos editoriais inéditos de sua autoria em defesa do sistema e do governante: nele também deveriam ser selecionados e compilados os artigos favoráveis ao rosismo e ao seu líder que saíam nos jornais editados em Buenos Aires – a *Gaceta Mercantil*, *The British Packet* e *El Diario de la Tarde*, todos governistas³⁶¹ – e em outros noticiosos do globo³⁶², bem como documentos oficiais referentes às ações e às decisões de Rosas. Assim, tanto os títulos sugeridos para o periódico em seus rascunhos – “*Archivos*

editoria a “*Ojeada Restrospectiva*” em 1846 e o “*Dogma Socialista*” em 1847. Na nota de rodapé 355, falei da atuação de Domingo Faustino Sarmiento que escrevia no jornal chileno *El Progreso*, chegando a publicar, nele, uma de suas principais obras, o “*Facundo*”. No Chile, além de atuar no *El Progreso*, no *El Mercurio* e no *El Nacional*, Sarmiento também criou com Vicente Fidél Lopez o jornal *El Heraldito Argentino* para combater Rosas. Entre 1846 e 1847, Juan María Gutiérrez organizou e publicou em Valparaíso a coletânea “*América Poética*”. Muitos destes intelectuais acabaram ganhando espaço na francocêntrica *Revue des Deux Mondes* e em outros periódicos ao redor do globo, divulgando a sua posição; grande parte deles também chegaram a exilar-se, em determinado momento, longe do Prata – no Chile, no Rio de Janeiro, na Europa -, levando consigo suas narrativas e sua luta política. Sobre estas últimas questões, ver: SOARES, Gabriela Pellegrino. *A Revue des Deux Mondes e a formação da nação argentina: projeções e apropriações culturais e políticas. XII Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Departamento de Historia, Facultad de Humanidades y Centro Regional Universitario Bariloche. Universidad Nacional del Comahue, San Carlos de Bariloche, 2009; AMANTE, op. cit.

³⁵⁹ O *Instituto Histórico e Geográfico Nacional* (IHGN) foi fundado em Montevidéu em 1843 por Teodoro Viladerbó e Andrés de Lamas. A associação uruguaia tinha o objetivo de situar-se “*a la altura de las más altas expresiones de civilización*” (WASSERMAN, *Entre Clio y la Polis*, op. cit., p. 86), para enfrentar a situação de sítio criando um sentimento de comunidade oposto à “barbárie” estabelecida por Rosas, como fica evidente no argumento de Lamas ao propor ao Ministro de Governo de Montevidéu a sua criação: “[...] *la creación del Instituto, en momentos como los actuales, será para muchos un objeto de solaz para el espíritu agitado por las duras escenas de las guerras, y para todos una prueba de las miras civilizatorias del Gobierno, que se empeña en echar fundamentos de grandes edificios sociales, cuando todo conspira a minar los elementos de la sociedad*” (André Lamas a Santiago Vázquez, Montevidéu, 23/5/1843 apud WASSERMAN, *Entre Clio y la Polis*, op. cit., p. 86). Além disso, intentava-se criar representações do passado e do presente platinos distintas das formuladas pelos rosistas. Segundo Suellen Peres de Oliveira, na “querela de clio” que se estabelecia, “a finalidade principal do Instituto era monopolizar e divulgar as identidades da região do Prata” produzidas pelos sujeitos contrários a Rosas (OLIVEIRA, *A querela de clio na região do Prata e do Brasil*, op. cit., p. 67). Para isto, utilizando como modelo principal o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Viladerbó, Lamas e também Florencio Varela estabeleceram que as funções e atividades do IHGN seriam, especialmente, o recolhimento e a reunião de documentos e objetos históricos e a constituição de um arquivo para a República Oriental (WASSERMAN, *Entre Clio y la Polis*, op. cit., p. 85; OLIVEIRA, *A querela de clio na região do Prata e do Brasil*, op. cit., p. 68). O Instituto Histórico e Geográfico Nacional, no entanto, teve vida curta: já em 1844 foi dissolvido em meio a ausências e dissensões de seus participantes.

³⁶⁰ Os colorados estavam à frente da defesa de Montevidéu, apoiavam Rivera e sustentavam que detinham o poder da República Oriental enquanto que os *blancos*, sob o comando de Oribe, mantinham um governo paralelo em Cerrito reconhecido como oficial pela Confederação Argentina.

³⁶¹ Como Rosas controlou quase integralmente a produção impressa na cidade a partir de 1838, os poucos periódicos editados e autorizados a circular em Buenos Aires nesse momento seguiam as diretrizes oficiais (BERNALDO DE QUIRÓS, op. cit., p. 224).

³⁶² O *Americano*, do Rio de Janeiro, os ingleses *The Morning Chronicle* e *Daily News*, os franceses *Le Courier du Havre* e *La Presse* e os norte-americanos *The New York Herald of Commerce* e *The New York Sun* são alguns jornais cujos textos foram utilizados por De Angelis no projeto. Estes periódicos publicavam artigos em apoio ao governo rosista, sendo que alguns eram financiados diretamente por Rosas ou mantinham alguma relação de interesse com o governador ou Buenos Aires (como o *The Morning Chronicle* associado a Lord Palmerston) e outros não detinham qualquer vínculo direto, mas condenavam a intervenção anglo-francesa no Prata (SABOR, op. cit., p. 102).

diplomáticos y políticos de la Confederación Argentina”, “*Memoria para la historia contemporánea de la Confederación Argentina*” e “*Efemérides históricas y políticas de Buenos Aires*”³⁶³ – quanto aquele que, por fim, foi definido – “*Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*” – sugerem a intenção de De Angelis de conformar um novo arquivo de documentos, agora do tempo presente, para forjar uma dada memória do experienciado na Confederação Argentina, divulgá-la em seu tempo e guardá-la para o futuro. Assim foi.

O *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*³⁶⁴ começou a ser lançado imediatamente após as primeiras trocas de impressões entre Pedro de Angelis e Juan Manuel de Rosas sobre o material³⁶⁵, em junho de 1843. Desde aquele mês até janeiro de 1847, foram lançadas 32 edições do jornal, e entre março de 1847 e dezembro de 1851, um segundo conjunto com mais 29 números veio à público. De Angelis se manteve à frente da editoria durante todo este tempo, sendo também o responsável pela redação, impressão, gestão e pelas finanças da publicação. Não se tratou de um projeto tímido: com circulação internacional, cada edição teve dois mil exemplares impressos (algumas vezes esse número era alterado com variações pouco significantes)³⁶⁶ que deveriam ser compreendidos também fora do mundo hispanofalante.

³⁶³ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 23-03-02 A.

³⁶⁴ Daqui em diante, utilizar-se-á, também, a denominação *Archivo Americano* para referir-se ao periódico. Foram consultados para este trabalho todas as edições do periódico, mas em diferentes versões: os números originais que foram digitalizados pela *Biblioteca Nacional de la República Argentina* e publicados na “Biblioteca Virtual Pedro de Angelis” (no momento da conclusão da tese os materiais estavam disponíveis somente no site da Biblioteca Nacional argentina); as edições originais da segunda série, de 1848 a 1851, depositadas na *The University of Illinois Library* e na *The Bodleian Library da University of Oxford*, digitalizadas e disponibilizadas online pelo Google; a reimpressão realizada em 1947 pela Editorial Americana de Buenos Aires, lançada em dois volumes, com estudo preliminar de Ignacio Weiss e que publicou os números de 1843 a 1844 (tomo 1) e de 1844 a 1845 (tomo 2) do *Archivo Americano*; e a compilação realizada por Paula Ruggeri, com estudo preliminar e notas da própria autora e estudo crítico de Hebe Clementi, publicada em 2007 pela Biblioteca Nacional de la República Argentina e que abrange o período da primeira série do *Archivo Americano*, de 1843 e 1847.

³⁶⁵ A troca de ideias entre Pedro de Angelis e Juan Manuel de Rosas sobre a edição do *Archivo Americano* que iniciou com o envio dos rascunhos do italiano para o governador foi feita regularmente durante todo o tempo em que o jornal foi impresso, como se verá nesta e na próxima seção do capítulo. A comunicação funcionava por um sistema de mensagens escritas em papéis inseridos em *carpetas* que circulavam desde o escritório de um até o do outro pelas mãos de funcionários do governo; cada mensagem produzida por De Angelis ou Rosas era respondida pelo destinatário no corpo da própria página recebida – quase sempre em seu fim, mas às vezes também nas margens – para que retornasse ao remetente inicial. O uso das *carpetas* que iam e vinham entre os gabinetes contendo a comunicação interna do *Archivo Americano* foi estabelecido logo nas primeiras tratativas entre o erudito e o governador da Província: em maio de 1843, por exemplo, Rosas esclarecia De Angelis que “*á veces comprenderá una carpeta, como ahora la de V., varios asuntos, cuando á unos podrá responder de pronto, y á otros no*” (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 23-03-02 A). Os “vários assuntos” de que trataram os dois interlocutores em tal correspondência iam desde resoluções sobre temática, formato, diagramação, tradução, circulação, orçamento, finanças e impressão até correções de artigos editoriais e elaboração dos índices de conteúdo do jornal. Utilizo na tese mensagens trocadas em 1843, 1846, 1847, 1848 e 1849 entre Pedro de Angelis e Juan Manuel de Rosas que estão guardadas no *Archivo General de la Nación* em dois diferentes fundos: *Secretaria de Rosas*, localizado na Sala X do repositório e no *Archivo Juan A. Farini*, depositado na Sala VII.

³⁶⁶ A quantidade de exemplares que deveriam ser impressos era confirmada por Pedro de Angelis com Juan Manuel de Rosas toda a vez que uma edição era submetida à gráfica (ver Anexo 16).

Assim, enquanto o italiano aconselhava, em seu esboço inicial, que o periódico fosse escrito em espanhol e em francês, “*por ser la lengua diplomática de todos los estados europeos, y de todas las clases ilustradas*”³⁶⁷, o governador expandia a proposta e determinava que trouxesse também seus textos em inglês, sendo necessária a contratação de tradutores³⁶⁸. Por esta razão, o impresso foi, desde sua primeira tiragem, trilingue. As listas de leitores preparadas por Pedro de Angelis e aprovadas por Rosas (ver Anexo 17) demonstram para quem o *Archivo Americano* deveria ser especialmente enviado, indicando o seu público-alvo: eram governantes, congressistas e parlamentares, ministros de relações exteriores, embaixadores, jornalistas, editorias de periódicos, membros das elites, letrados e sociedades científicas, especialmente na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Tomás Guido, representante diplomático do governo rosista no Rio de Janeiro, era o responsável por indicar os possíveis destinatários do jornal no Império brasileiro³⁶⁹.

³⁶⁷ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 23-03-02 A.

³⁶⁸ Nas trocas de cartas entre De Angelis e Rosas, o italiano afirmava: “*Yo puedo hacer las traducciones francesas, pero me sería imposible hacer otro tanto con las inglesas, porque me faltaría materialmente el tiempo; y además no estoy tan versado en este idioma como en el otro*”. Dizia, ainda, que as traduções seriam uma “*dificultad casi insuperable, porque no hay en Buenos Aires quien pueda encargarse de esta tarea, ó si lo hay, tendrá pretensiones tan excesivas que su solo trabajo duplicaría los gastos de la edición*” (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 23-03-02 A). Isso não pareceu um problema para Juan Manuel de Rosas: os recibos dos pagamentos realizados aos tradutores do *Archivo Americano* confirmam a sua contratação e demonstram que os profissionais eram pagos a cada encerramento de edição. Realizaram esse serviço, segundo os mesmos documentos, Mariano Larsen, tradutor do idioma francês que fazia o mesmo trabalho na *Gaceta Mercantil*, e Idelfonso Ilsa, José Antonio Wilde e Gilberto Ramsay (redator do *The British Packet*), tradutores de inglês (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 23-03-02 A; ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Archivo Juan A. Farini*. Sala VII. Legajo 195).

³⁶⁹ Sobre as listas de leitores, em mensagem para Rosas enviada em 10 de junho de 1843, pouco antes do lançamento do primeiro número do *Archivo Americano*, De Angelis apontava que “[...] *para el Brasil, me parece más conveniente pedir las al General Guido*” (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 23-03-02 A). Segundo a pesquisadora Josefa Sabor, há uma lista de leitores brasileiros do *Archivo Americano* produzida pelo ministro das Relações Exteriores do governo Rosas no Rio de Janeiro depositada no “*Fondo Tomás Guido*” do Archivo General de la Nación (SABOR, op. cit., p. 104); não encontrei, no entanto, a referida documentação em minhas buscas no repositório. Em 31 de maio de 1847, Pedro de Angelis escrevia nova mensagem para Juan Manuel de Rosas, dizendo que havia pedido para Guido uma revisão da lista “*de las personas distinguidas de Rio Janeiro, à quienes podía dirigirse el Archivo*”, tendo recebido do cônsul três: “*la primera de los Senadores; la segunda de los Diputados, la tercera del Cuerpo diplomático y consular*”. O ministro estabelecido na capital do Império Brasileiro indicava, ainda, que se deveria enviar o periódico aos jornais cariocas. Naquele momento, conforme a mesma mensagem, eram encaminhados diretamente para destinatários do Brasil 190 exemplares do *Archivo Americano*; à França, 88; à Inglaterra, 60, mesmo número remetido aos Estados Unidos, à Bolívia e ao Chile (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 26-05-05). Esses números provavelmente se alteravam, já que o rol de leitores parecia ser revisado periodicamente pelo editor: em 12 de junho de 1848, De Angelis informava Rosas que estava “*reformando la lista de las personas à quienes se mandaba el Archivo en Francia*” (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Archivo Juan A. Farini*. Sala VII. Legajo 195). Não eram todos os exemplares impressos que eram enviados pelo italiano aos destinatários das listas; muitos deles eram remetidos para o próprio Juan Manuel de Rosas que, provavelmente, redistribuía-os a quem lhe interessasse. Uma mensagem de 22 de setembro de 1843 escrita pelo governador para Pedro de Angelis orientava: “[...] *del número 7, tirar dos mil, de los que se quedará cuatrocientos para el reparto, y a mí me mandará los mil*

Como os textos em espanhol eram sempre acompanhados de suas respectivas traduções em outros dois idiomas, os números do *Archivo Americano* acabavam bastante extensos³⁷⁰, o que demandava um árduo trabalho tipográfico e gráfico da parte de Pedro de Angelis³⁷¹. Não bastasse isto, a produção do erudito para o periódico foi constantemente examinada por Juan Manuel de Rosas. Quase tudo passava pelo crivo do “*restaurador de las leyes*”, em um vai e vem de *carpetas* entre escritórios e gabinetes que durou os oito anos e meio de vida do jornal³⁷². Assim, todos os meses, De Angelis enviava para Rosas uma lista feita a punho dos materiais que, a seu juízo, deveriam ser publicados em edições vindouras – entre textos que haviam sido publicados em jornais, documentos oficiais, correspondências e artigos autorais. Após recebê-la e verificá-la, o governador enviava a mesma listagem de volta ao editor com seus apontamentos ao lado, nos quais aprovava ou não determinados itens relacionados (ver Anexo 18). Muitas vezes as indicações do italiano vinham acompanhadas de justificativas que acabam por indicar quais eram os critérios de escolha dos documentos que fariam parte do *Archivo*³⁷³. O mesmo ocorria com os escritos que De Angelis produzia para o periódico, que eram remetidos ao líder político sempre antes da impressão do jornal para que fossem avaliados e corrigidos. Outras questões que surgiam no decorrer do processo de edição também eram elucidadas por um ou outro através das trocas de mensagens inseridas nas *carpetas*. Nos primeiros anos do *Archivo Americano*, a comunicação entre os dois era frequente, assim como os apontamentos e críticas que o governador fazia sobre o que o erudito produzia³⁷⁴.

seiscientos” (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 23-03-02 A).

³⁷⁰ A quantidade de páginas do periódico foi aumentando conforme novos números iam sendo editados. Grande parte dos exemplares têm mais de 200 páginas; alguns, como o número 18 da segunda série, excedem as 300. Segundo Josefa Sabor, “*el periódico resultaba en conjunto muy pesado*” e, por isso, “*su lectura no debió ser fácil para sus contemporáneos*” (op. cit., p. 104).

³⁷¹ Logo depois do lançamento do primeiro número, em julho de 1843, De Angelis relatava para Rosas o desafio de “*poner los párrafos correspondientes*” dos textos em espanhol, inglês e francês na mesma página, já que eles não tinham o mesmo número de palavras. Segundo De Angelis, “*sin esto se originaria una gran confusión*” ao leitor (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 23-03-02 A). Para dispor os escritos conforme a diagramação que lhe agradava, o editor acabava tendo que deixar alguns espaços em branco e algumas margens no material, o que incomodava Juan Manuel de Rosas (Idem). Além do leiaute, a grande quantidade de in-fólios necessária para acomodar todos os textos de cada edição do *Archivo Americano* foi uma preocupação constante de De Angelis dividida com o governador em sua correspondência interna.

³⁷² Sobre isso, ver nota de rodapé 365 deste trabalho.

³⁷³ Sobre isso, ver nota de rodapé 468 deste trabalho.

³⁷⁴ Logo após o lançamento do terceiro número do *Archivo Americano* em fins de junho de 1843, por exemplo, Pedro de Angelis se justificava sobre a impressão de um soneto que não deveria ter aparecido no periódico, dizendo a Juan Manuel de Rosas: “*Vd. no borró el soneto que estaba tras la Oda y era natural que yo creyese que debía también imprimirse*” (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 23-03-02 A). No dia 11 de julho, o governador respondia, criticando a decisão do erudito: “*Si yo no borré el soneto, esto no quiere decir que debió V. naturalmente creer que debía también imprimirse, cuando ni V. me lo propuso, ni yo le había escrito una sola palabra sobre él*” (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN

Pelas intervenções feitas por Juan Manuel de Rosas no trabalho de edição do *Archivo Americano*, alguns estudiosos, como Félix Weinberg e Adriana Amante, chegaram a afirmar que era ele, na verdade, o principal responsável pela publicação³⁷⁵. A partir da leitura das mensagens contidas nas *carpetas*, no entanto, verifica-se que quem sugeria a pauta, recolhia e selecionava os materiais que iam ao prelo, bem como escrevia os editoriais e outros artigos inéditos para o *Archivo Americano* era Pedro de Angelis. Rosas era um avalista, um corretor e um censor, poucas vezes recomendando ou encomendando conteúdo a De Angelis³⁷⁶. No exame destes documentos se pode observar ainda que o método de trabalho instaurado por De Angelis e Rosas foi sendo aprimorado ao longo do tempo. As mensagens de 1846, 1847, 1848 e 1849 demonstram que a troca de mensagens foi sendo sistematizada: De Angelis enviava as listas dos materiais a serem publicados, perguntava quantos exemplares deveriam ser impressos e remetia as contas e os recibos dos gastos das edições para Rosas. O último respondia de maneira cada vez mais pragmática, com respostas sintéticas e quase automáticas, deixando, ao que parece, De Angelis ter mais autonomia em sua produção³⁷⁷. É possível perceber, pois, que a afinidade de trabalho, a confiança e a proximidade profissional foram se estreitando conforme os anos passavam. Por essas razões, afirmo, como já fizeram Ignacio Weiss, Josefa Sabor e Rosalía Baltar, que o *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo* foi fruto de um trabalho de colaboração entre Pedro de Angelis e Juan Manuel de Rosas³⁷⁸, ainda que o erudito

(Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 23-03-02 A).

³⁷⁵ Weinberg, no artigo “*El periodismo en la época de Rosas*”, defende que a posição De Angelis era de simples obediência e humilhação diante das demandas e ordens de Rosas para o *Archivo Americano* (WEINBERG, Félix. *El periodismo en la época de Rosas*. *Revista de Historia*, Buenos Aires, n. 2, p. 81-100, 1957). Já na obra “*Poéticas y políticas del destierro: argentinos en Brasil en la época de Rosas*”, Amante afirma que o governador da Província de Buenos Aires era “*su verdadero director – y hasta, podríamos decir, su autor*” (op. cit., p. 58).

³⁷⁶ Isso ocorria especialmente nos primeiros anos do processo editorial, como no dia 23 de junho de 1843 quando Rosas escreveu ao italiano que “*para no dejar en el aire el título de ‘espíritu de la prensa del mundo’, debe ocuparse naturalmente en publicarse todo lo que convenga e pueda tener lugar el dado número de los sucesos de Europa y América. A este objeto hará V. sus diligencias [...]*” (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 23-03-02 A). Alguns dias depois, o governador ainda indicou um material que viria a ser publicado no quarto número do periódico: “*La carta [...] en que se hace mérito de una conversación muy animada entre el Señor Hamilton y el Capitán Frankland, mándamela V. copiada y corregida en el modo que V. crea que pueda publicarse*” (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 23-03-02 A).

³⁷⁷ Juan Manuel de Rosas utilizava na comunicação com cada vez mais frequência simples “*Vuelve aprobado*”, “*Lo devuelvo aprobado*” ou “*Aprobado*”, enquanto De Angelis respondia seu curto e habitual “*Quedo enterado*” (ver Anexo 19). O número de materiais sugeridos reprovados pelo governador diminuiu consideravelmente a partir de 1848.

³⁷⁸ No estudo preliminar realizado para a reimpressão do *Archivo Americano* editada em 1946, Ignacio Weiss argumentou que a publicação foi “*redactada em colaboración entre Pedro de Angelis e Juan Manuel de Rosas*” (WEISS, Ignacio. Juan Manuel de Rosas, Pedro de Angelis y el *Archivo Americano*. In: ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Primera reimpresión del texto español conforme la edición original. Volume 1: 1843-44. Buenos Aires: Editorial Americana, 1946, p. XXII). Em “*Letrados en tiempos de Rosas*”, Rosalía Baltar afirmou, em acordo com Weiss, que as correções de Rosas evidenciam “*una práctica que parece haber sido habitual en De Angelis: la colaboración permanente que existía entre las distintas*

fosse o principal responsável pelo projeto e pelo processo de elaboração de periódico como um todo. Há que se ressaltar que De Angelis ficou especialmente marcado pela autoria dos artigos editoriais que escreveu para o *Archivo Americano* em defesa do governo, como “*El General Rosas y los salvajes unitarios*”, “*Dogma Socialista de la Asociación de Mayo: Juicio a este libelo*” e “*De la navegación de los ríos*”, impressos em partes que se distribuíram em diferentes edições do jornal.

É inegável que houve um grande esforço para que a participação de Rosas e do governo na produção do *Archivo Americano* fosse invisibilizada e que só sabemos dela pelo acesso aos papéis que contêm a comunicação interna efetuada por ele e seu funcionário. Pedro de Angelis assinava o jornal como o “*Editor Responsable*” e essa informação constava logo abaixo do índice geral de todas as edições (ver Anexo 20), sem haver menção a nenhum outro colaborador, nem mesmo os tradutores. Além disso, por uma proposição de De Angelis convenientemente aprovada por Juan Manuel de Rosas³⁷⁹, todos os números do *Archivo* traziam estampados o nome e o endereço da *Imprenta de la Independencia*, de propriedade do italiano (ver Anexo 20). Como é possível verificar nas contas e nos recibos de pagamento do governo ao editor, o periódico era, na verdade, rodado na *Imprenta del Estado* (ver Anexo 21) que, como afirmei no capítulo anterior, pertencia ao governo e era arrendada pelo erudito. Desta maneira, e também textualmente como veremos adiante, fazia-se parecer que o *Archivo Americano* era uma publicação independente, sem relação oficial com a gestão rosista e, menos ainda, com Rosas em si³⁸⁰.

Apesar de o *Archivo Americano* nunca ter tido uma periodicidade de publicação fixa e determinada³⁸¹, as atividades como editor responsável demandaram uma dedicação

personas con el fin de ejecutar una obra” (BALTAR, op. cit., p. 99-100). Já Josefa Sabor defendeu em “*Pedro de Angelis y los orígenes de la bibliografía argentina*” que Rosas “*ejerció una codirección*” do *Archivo Americano* (SABOR, op. cit., p. 105), mas que o tempo fez com que o papel do governador fosse mais o de um colaborador (Idem, p. 108).

³⁷⁹ No esboço no qual expressou a Juan Manuel de Rosas suas ideias para o *Archivo Americano*, enviado ao governador em maio de 1843, De Angelis escreveu: “*Alguna imprenta debe nombrarse? Si no conviene tomar el nombre de la Imprenta del Estado, podría hacerse uso del de mi imprenta, que es la Imprenta de la Independencia*”. Ao que Juan Manuel de Rosas respondeu: “*No debe somarse la Imprenta del Estado – Puede serlo la de la Independencia*” (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 23-03-02 A).

³⁸⁰ Essa era uma estratégia exatamente contrária à construída quando da publicação da *Colección de obras y documentos*, a qual De Angelis fez questão de relacionar a Juan Manuel de Rosas ao dedicá-la ao governador e ao editá-la a partir da imprensa estatal, como já vimos.

³⁸¹ Rosas orientou De Angelis que “[...] *este periódico no debe tener día fijo para su publicación. Debe ver la luz cada número luego que esté yo conforme con los materiales de que deba componerse, y concluida su composición*” (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 23-03-02 A). O prospecto do jornal alertava aos leitores que “*su aparición no será diaria, sino según la mayor ó menor abundancia de materiales útiles*” (PROSPECTO apud WEISS, op. cit., p. XXIV). De fato, o *Archivo Americano* era lançado, em média, de dois em dois meses, tendo alguns números demorado mais do que outros

praticamente integral de Pedro de Angelis. No dia 12 de janeiro de 1847, o italiano escrevia para Rosas falando sobre o tempo que empregava no jornal e seu atarefamento, talvez exagerando para justificar o atraso de uma das edições: “*Suplico à V.E. de creer que aquí no se pierde tiempo. Yo nunca salgo à la calle, para estar encima de los materiales, y hago trabajar de día y de noche, hasta una hora avanzada*”³⁸². É bastante provável que o esforço dedicado a cumprir todos os afazeres assumidos na publicação tenham afastado De Angelis de suas atividades no *Archivo General de la Provincia de Buenos Aires*. Ele seria, agora, muito mais *archivero do Archivo Americano* do que do repositório público, ainda que continuasse a ser oficialmente seu funcionário. Mais do que isso, a partir de então o erudito pareceu dissuadido de suas tentativas de publicar em seu nome novas coletâneas documentais sobre o passado: de 1843 a 1851, seu ofício principal foi produzir, para o governo, um arquivo para guardar e divulgar os documentos do presente da Confederação rosista.

2. 3. Um *Archivo* para divulgar e guardar o presente da Confederação

Assim como os outros projetos iniciados por Pedro de Angelis, o novo impresso foi divulgado antes de seu lançamento através de uma propaganda inserida nos jornais portenhos e enviada por correspondência ao seu pretendido público assinante. Abaixo do corrente cabeçalho “*¡Viva la Confederación Argentina! ¡Mueran los Salvajes Unitarios!*”, o “*prospecto de un nuevo periódico intitulado Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*” anunciava:

para serem lançados por conta do volume de materiais editados e das traduções textuais necessárias.

³⁸² ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Secretaria de Rosas. Sala X. Legajo 26-05-05. Algumas cartas que Pedro de Angelis enviou para Carlos Zucchi a partir de 1843 também continham queixas do italiano a respeito do tempo que dedicava ao *Archivo Americano* e dos poucos períodos que lhe restavam para outras atividades – como escrever correspondências, por exemplo. Era tanto tempo de trabalho no jornal, segundo De Angelis, que ele acabava, sem nem perceber, escrevendo em espanhol ao amigo italiano: “*Non ho nemmeno il tempo di respirare* (A Carlo Zucchi, 19 marzo 1844. In: BADINI, op. cit., p. 250. Tradução minha: “Não tenho sequer o tempo de respirar”); “*Sono oberatissimo di lavoro e più faccio più ritrovo indietro*” (Al signor don Carlo Zucchi Rio Janeiro, 19 marzo 1844. In: BADINI, op. cit., p. 253. Tradução minha: “Estou sobrecarregadíssimo de trabalho e quanto mais faço, mais me encontro atrasado”); “*Sono sommerso dal lavoro, e tutto deve essere fatto di fretta, e con molta urgenza*” (A Carlo Zucchi, 22 ottobre 1844. In: BADINI, op. cit., p. 257. Tradução minha “Estou submerso pelo trabalho, e tudo deve ser feito depressa e com muita urgência”); “*No le digo más por ahora, porque estoy ahogado de trabajos; y V. se apercibirá de lo que me preocupan, al recibir mi carta en el idioma en que pienso y escribo desde que me levanto, hasta que vuelvo à tenderme en la cama. Solo al concluir me apercibo que le he escrito en español*” (A Carlo Zucchi, 16 aprile 1845. In: BADINI, op. cit., p. 260).

*La multiplicidad de los acontecimientos que presenciamos, la prontitud con que se desenvuelven en Europa y América, y la dificultad de conservar su recuerdo, nos han decidido á emprender la publicación de una obra, cuyo principal objeto es perpetuarlo. [...] Perseverantes en el fiel desempeño de nuestros deberes, lo seremos también en **fomentar**, en cuanto penda de nosotros, **el espíritu nacional Americano**. Las columnas de nuestro diario no admitirán sino lo que sea digno del noble y patriótico objeto que nos hemos propuesto*³⁸³

Ao apresentar o jornal aos seus leitores, De Angelis demonstrava duas ideias que, como se verá nas próximas páginas, justificavam e legitimavam a existência do empreendimento. A primeira delas era a necessidade de perpetuar um determinado “*recuerdo*” dos múltiplos acontecimentos contemporâneos, dada a rapidez com que eles se desenrolavam no Prata e, em conexão, no restante da América e na Europa. A percepção da aceleração do tempo vivido, mesmo que resultasse na dificuldade de conservação do presente, demandava o registro e a guarda daquilo que ocorria³⁸⁴ – ou pelo menos, daquilo que se escolhia registrar e guardar. A segunda ideia era o dever de, naquele momento, fomentar o chamado “espírito nacional Americano”, divulgando e cimentando uma parte essencial do discurso rosista: o americanismo³⁸⁵.

É preciso retomar qual era o contexto experienciado e entender qual a razão para conservar, guardar, perpetuar, divulgar acontecimentos correntes e produzir um discurso americanista em um impresso que, não ao acaso, tinha *Archivo Americano* como “primeiro nome”. Durante todo o período em que o jornal foi publicado, de 1843 a 1851, a Confederação Argentina esteve implicada em diversos conflitos e embates que se desenvolveram predominantemente fora de seu território. Se a ordem e a hegemonia internas haviam sido alcançadas³⁸⁶ e não voltariam a oferecer problemas graves a Juan Manuel de Rosas até o levante de Justo José Urquiza em Entre Ríos no início de 1851³⁸⁷, as questões externas estariam sempre

³⁸³ PROSPECTO apud WEISS, op. cit., p. XXIV. Grifos meus.

³⁸⁴ Para François Hartog, o tempo parecia acelerar-se na percepção dos sujeitos da primeira metade do Oitocentos: Chateaubriand, por exemplo, afirmava que os acontecimentos corriam mais rápido do que sua pena podia registrar, o que tornava o presente praticamente inapreensível (HARTOG, François. *Regímenes de historicidad: presentismo y experiencias del tiempo*. Ciudad de México: Universidad Iberoamericana, 2007, p. 105). É justamente este sentido do “*rápido movimiento de la historia*” (Idem, p. 106) o que Pedro de Angelis descreveu ao falar da “*multiplicidad de los acontecimientos que presenciamos, la prontitud con que se desenvuelven en Europa y América*”, e é o que, suponho, motiva-o a tentar apreender o vivido.

³⁸⁵ MYERS, op. cit, p. 60.

³⁸⁶ Segundo Tulio Halperin Donghi, “*todo el país es ahora unánimemente federal, y se une en forma disciplinada al culto de Rosas (que en Buenos Aires ha llegado en 1840 al frenesí, y luego permanece más apaciblemente en las costumbres: hacia 1850 aun la toilette matinal de la porteña, en el lindísimo cuadro de Descalzi, aparece presidida por la imagen adusta del Restaurador); en La Rioja la efigie del gobernador porteño es reproducida en las monedas; en Mendoza su aniversario paraliza toda la actividad ciudadana, mientras la pequeña ciudad se engalana de banderas y gallardetes*” (HALPERIN DONGHI, op. cit., p. 374).

³⁸⁷ José Justo Urquiza governava Entre Ríos desde 1841 e se manteve leal a Juan Manuel Rosas durante toda

presentes e envolvendo a sua atenção. Tratava-se não só da prolongada guerra com Montevideu e das interferências políticas e armadas de Inglaterra e França no Prata – incluindo um novo bloqueio do porto de Buenos Aires perpetuado pelas duas potências em 1845 –, mas ainda de tensões territoriais que ocorreriam com o Paraguai e o Chile³⁸⁸, das crescentes hostilidades vindas desde o Império Brasileiro³⁸⁹ e das discussões entabuladas com várias nações estrangeiras sobre a soberania portenha da navegação dos rios interiores do espaço platino. Além dos limites do mando de Rosas também estavam os seus opositores. Desde o exílio, como já se viu, federais dissidentes, unitários e, com maior protagonismo, intelectuais românticos produziam e faziam circular as suas narrativas sobre o presente e o passado argentinos, refletindo por que, naquele momento posterior à revolução de independência, não havia na Argentina estabilidade, organização constitucional, instituições de educação e cultura

aquela década. Ocorre que com o conflito com a Banda Oriental e o bloqueio anglo-francês do porto de Buenos Aires, os estancieros entrerrianos, como era o próprio Urquiza, tornaram-se os principais abastecedores da Montevideu sitiada e a economia da província litorânea acabou estimulada. Enquanto a economia de Entre Ríos ganhava força, a velha disputa entre Buenos Aires e o litoral era atualizada: o monopólio do comércio ultramarino, da Aduana e da navegação dos rios interiores pela província comandada por Rosas e a centralização da representação externa da Confederação Argentina em torno da sua figura voltavam a ser questionados. Em maio de 1851, Urquiza fez um pronunciamento aceitando a renúncia que usualmente Juan Manuel de Rosas fazia de seu papel de representante das relações exteriores (as renúncias eram uma encenação da ideia de unanimidade, com as províncias sempre as recusando e mantendo o governador de Buenos Aires como seu interlocutor internacional), reassumindo tais faculdades e expressando sua aspiração de ver a nação constituída. Entre Ríos, assim, rompia relações e entrava em confronto direto com o regime rosista, ganhando adesão de Corrientes, de Montevideu e do Brasil. Como veremos, a conformação desta aliança acabou culminando na derrota de Rosas na Batalha de Caseros e no fim de seu longo governo. Ver em: TERNAVASIO, *Historia de la Argentina*, op. cit., pp. 239-244; HALPERIN DONGHI, op. cit., pp. 379-385.

³⁸⁸ Os embates com o Paraguai e o Chile diziam respeito aos limites da Confederação Argentina. Juan Manuel de Rosas considerava o Paraguai uma “provincia errante” e, após a morte em 1840 do seu governante Dr. José Gaspar Rodríguez de Francia – o *Doctor Francia*, que intentava defender (com poderes supremos, tendo sido aclamado em 1816 Ditador Perpétuo) a autonomia e a independência de seu país –, restringiu-lhe o uso do sistema fluvial da região (LYNCH, John. *As repúblicas do Prata da independência à guerra do Paraguai*. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. Volume III: Da independência até 1870. São Paulo/Brasília: Editora da Universidade de São Paulo/Imprensa Oficial do Estado, 2001, p 684). A partir de 1849, e de modo cada vez mais insistente, a política rosista se fixou em incorporar o Paraguai à Confederação. Para Halperín Donghi, o “*interés de anexación era evidente no solo desde una perspectiva de política internacional sino también por consideraciones de equilibrio interprovincial que eran para Rosas decisivas: un Paraguay adicto consolidaría ese flanco nororiental de la Confederación cuya vocación disidente no había sido siempre fácil de contrarrestar; por otra parte Rosas parece hacer compartido con muchos contemporáneos la imagen algo magnificada del tesoro fiscal acumulado en la Asunción durante los largos años de la administración de Francia; en él eran muchos los que veían el más codiciable botín de guerra que ofrecía la entera comarca rioplatense*” (HALPERIN DONGHI, op. cit., p. 382). Já em relação ao Chile o que estava em jogo era a parte mais austral do continente que se estendia até o Estreito de Magalhães. Em 1843, os chilenos tomaram posse de *Puerto Hambre*, rebatizado *Puerto Bulnes*, o que gerou uma série de reclamações por parte da Confederação Argentina. O próximo capítulo retomará essa última questão.

³⁸⁹ Segunda Marcela Ternavasio, desde tempos “*Rosas mantenía con Brasil una situación conflictiva. Luego de la firma de los tratados que culminaron con el bloqueo anglofrancés, Buenos Aires y el imperio brasileño quedaron libres para enfrentarse en el escenario siempre disputado: la Banda Oriental. Brasil apoyaba Montevideo; Rosas, a Oribe. La pretensión de Brasil en su enfrentamiento con Rosas era mantener asegurada su provincia más meridional, Rio Grande do Sul, y lograr la libre navegación del río Paraná. Rosas evaluaba esta pretensión como una muestra más de las apetencias del imperio brasileño y de su ancestral deseo expansionista*” (TERNAVASIO, *Historia de la Argentina*, op. cit., pp. 240-241). Esta situação conflituosa culminou na aliança do Brasil com as províncias do litoral e Montevideu contra Rosas selada em 1851.

consolidadas e, especialmente, abertura para o dissenso. Eles passaram a imaginar uma nação “civilizada”, qual seja, sem Juan Manuel de Rosas e, para que ela existisse era necessário derrotá-lo³⁹⁰; assim, em seus escritos e em sua atuação política, estavam empenhados em combater o governo rosista. A violência e a censura empreendidas pelo governador da Província de Buenos Aires eram denunciadas e o que saía das penas dos seus opositores era lido e repercutido em jornais, revistas, instituições científicas e parlamentos do mundo ocidental.

Enquanto tudo isso ocorria, Pedro de Angelis intervinha no *Archivo Americano* para produzir e tentar consolidar eventos³⁹¹ e verdades a partir do ponto de vista e dos interesses do rosismo e de seu líder, em contraposição às imagens narradas e com antecipação às que ainda viriam a ser contadas pelos “inimigos” da Confederação, fossem as nações que a ameaçavam e inquietavam, fossem os articulados proscritos românticos. O periódico de De Angelis seria um instrumento de registro e legitimação das ideias, intervenções e dos atos de Rosas e seu grupo e, também, de apagamento e manipulação das interpretações e ações dos seus oponentes. Se o presente e a orientação da sua lembrança e/ou do seu esquecimento eram objetos de disputa, conformar um *archivo*³⁹² e lançá-lo ao mundo parecia apropriado. Artigos jornalísticos e textos editoriais escritos pelo erudito ou por outros jornalistas (o “*espíritu de la prensa del mundo*”, “sobrenome” do periódico) não bastariam para representar o presente, projetá-lo ao público coetâneo e vindouro e guardar a memória do governo de Rosas sobre o vivido. Era preciso também “capturar” os acontecimentos daqueles anos e “refletir” o funcionamento e as atividades do sistema rosista nos documentos escritos – em sua maioria oficiais – que Pedro de

³⁹⁰ Como historicistas românticos que eram, concebiam a história “*como un curso evolutivo racional por el que se desenvuelve progresivamente una finalidad que le es inmanente*” (PALTI, op. cit., p. 73). Por isso, todos os escritos da Geração de 1837 produzidos no chamado “período montevidiano” estão atravessados pela convicção na iminente derrubada do poder rosista e da “barbárie”: era a expectativa tida como inevitável no credo evolucionista-historicista que os orientava (Idem, pp. 74-75).

³⁹¹ Pensando “evento” como compreendeu Marshall Sahlins: “um evento não é somente um acontecimento no mundo; é a relação entre um acontecimento e um dado sistema simbólico [...]. O evento é a interpretação do acontecimento, e interpretações variam” (SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 191).

³⁹² Pensei o *Archivo Americano*, portanto, como muitos estudiosos, inspirados por Michael Foucault em *Arqueologia do Saber* (1969) e por Jacques Derrida em *Mal de Arquivo* (1994), têm refletido os repositórios de documentos constituídos por Estados, grupos (políticos, identitários...) ou indivíduos: como dispositivos de memória e de exercício de poder. Essas análises buscam repensar o papel do arquivo, localizando-o como lugar de produção de narrativas e de conhecimento e deixando de lado as reflexões que tendem a “naturalizar” os processos de construção e conservação de conjuntos documentais. Neste sentido, segundo Luciana Quillet Heymann, Derrida afirmou em uma fala proferida em 1999 em colóquio organizado pelo *Institut Mémoire de L’Édition Contemporaine* que “não há arquivo que não implique um poder de destruição, de seleção ou de exclusão; é um poder eminentemente político que se exerce como poder de legitimação [...]. A partir do momento em que há arquivamento, está em jogo não somente o passado, mas também o futuro. O ato de arquivamento que deve conservar é também um ato de amnésia. A amnésia está em curso na memória guardada, no ato que deposita. Na guarda arquivística, há tanto de esquecimento (ativo ou não) como de memória” (2002, p. 47 apud HEYMANN, *O lugar do arquivo*, op. cit., p. 25-26).

Angelis selecionaria e publicaria a partir de então, produzindo um acervo do qual a Confederação Argentina “*podrá preciarse en todo tiempo*”³⁹³.

Já que o presente era o tempo abordado no jornal, invocar a ideia de um arquivo que reunia documentos remetia a uma imparcialidade e a uma autenticidade que o texto de um cronista, de uma testemunha a descrever os sucessos correntes, por si só, não forneceriam³⁹⁴. Assim, por mais que o *Archivo Americano* trouxesse artigos e editoriais escritos por Pedro de Angelis – um rosista a narrar os acontecimentos que via e vivenciava, portanto – seria a documentação publicada o mecanismo que garantiria a objetividade e a verdade do impresso. Na edição de número 32 publicada em 28 de janeiro de 1847, De Angelis lançava mão, em meio a um texto seu chamado *El Doctor Francia*, de documentos relativos ao líder paraguaio falecido em 1840³⁹⁵ e afirmava: “*La referencia de los dichos y hechos del doctor Francia no es una declaración nuestra, y menos del Gobierno Argentino, porque nuestro diario no es oficial: es el relato de sucesos que están en el dominio de la publicidad y de la historia*”³⁹⁶. O italiano, então, tentava afirmar a autoridade de quem reproduzia o que estava já nos “domínios da publicidade e da história”³⁹⁷ e, mais do que isso, buscava forjar a neutralidade de seu lugar de escrita ao afirmar que o *Archivo Americano* não era um impresso oficial (o que já sabemos não ser verdade, visto que era editado na *Imprenta del Estado*, contava com o financiamento estatal e tinha o próprio governador da Província de Buenos Aires como colaborador).

Não é por acaso que, ao contestar textos de jornalistas que criticavam o governo e as ações de Juan Manuel de Rosas, o erudito italiano tentava invalidá-los justamente ressaltando que na produção daqueles trabalhos havia falta de parcialidade e distanciamento ao observar o que ocorria no Prata e ausência de rigor e de provas documentais ao analisar os fatos coetâneos. Não poucas vezes, dizeres como os seguintes aparecem nas páginas do *Archivo*: “*El que se*

³⁹³ *Archivo Americano y Espiritu de la Prensa del Mundo*, n. 1, 12/06/1843, p. 1.

³⁹⁴ Como sugere François Hartog ao falar sobre a crescente prevalência do documento diante do papel da testemunha ao longo do Oitocentos: “As ‘vozes’ tinham se transformado em ‘fontes’ e, ao final dessa transformação, as ‘testemunhas’ chegaram mesmo a acreditar que deviam assemelhar-se a historiadores” (HARTOG, François. A testemunha e o historiador. In: PESAVENTO, Sandra (org.). *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001, p. 12).

³⁹⁵ Sobre o *Doctor Francia*, ver nota de rodapé 388 deste trabalho.

³⁹⁶ *Archivo Americano y Espiritu de la Prensa del Mundo*, n. 32, 28/01/1847, p. 43.

³⁹⁷ “Ao ‘eu vi’ que fundamentara a escrita histórica em suas formas clássicas, corresponde agora o ‘eu li’ da consulta dos arquivos e acervos”, informa Manoel Salgado Guimarães (GUIMARÃES, *História e erudição*, op. cit., posição 857). A documentação do *Archivo Americano* era selecionada por um conhecedor da bibliografia e dos manuscritos sobre a região do Rio da Prata e *segundo archivero* do *Archivo General de la Provincia de Buenos Aires*, o que conferia certa autoridade a De Angelis. Ele não só via e vivia acontecimentos, mas estudava em livros e fontes: era “autoridade livresca, erudita” (BONALDO, Rodrigo Bragio. *Presentismo e presentificação do passado: a narrativa jornalística da história na Coleção Terra Brasilis de Eduardo Bueno*. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Dissertação (Mestrado em História) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010, p. 55).

*propone escribir con parcialidad no adopta ciegamente las opiniones de ningún partido, no repite lo que otros han imaginado. Examina, compara, discute y pone esmero particular en averiguar los hechos para presentarlos*³⁹⁸. Na edição de número 13 da primeira série, por exemplo, De Angelis comentava um relato escrito pelo editor do *La Presse* sobre “*Montevideo, la cuestión del bloqueo del Plata, el estado presente de esta cuestión, y el General Rosas*”³⁹⁹, intitulado “*Cartas sobre la América del Sud*” e publicado no próprio periódico francês. Ao tempo que reconhecia o “*estilo ameno y elegante*” e “*todo el mérito del ilustrado autor*”, o italiano afirmava que havia faltado a ele “*penetrar hasta el fondo de la situación*” platina e da gestão de Rosas e que, por isso, “*ha impelido al exceso ciertas costumbres, ó imaginado otras ya en la guerra, ya en la política*”⁴⁰⁰. Para combater o alegado excesso e a suposta imaginação do editor do *La Presse* ao construir seu relato, Pedro de Angelis transcrevia documentos – neste caso, *proclamas* de Juan Manuel de Rosas dirigidas aos soldados que liderou na Campanha do Deserto entre 1833 e 1834:

*El escritor de las Cartas piensa que el General Rosas delegó su poder á fin de 1832 para emprender la expedición a los indios, que terminó con tanta gloria. No ocurrió esa delegación. La legislatura de Buenos Aires, que en vano había exigido del General Rosas la continuación en el mando Supremo, al devolver este las facultades extraordinarias, eligió Gobernador al General Balcarce por el término ordinario de un trienio. **Este hecho es notorio; y así lo comprueba un importante documento que recordamos ahora, y no podemos dejar de publicar por su interés.** Con él inició el General Rosas la expedición; y su lectura rectificará algunas equivocaciones del ilustrado Editor de las Cartas.*⁴⁰¹

No mesmo sentido, no *Archivo* de número 15 publicado em outubro de 1844, De Angelis criticava um artigo saído na *Revue des Deux Mondes* por basear-se na “*irreflexiva acquiescencia á los hechos apócrifos, é inculpaciones falsas que los emigrados arrastran por todas partes lejos del teatro en que se desvanecieron sus sueños*”⁴⁰². Ao contrário de acreditar naquilo que diziam os opositores de Juan Manuel de Rosas, segundo o napolitano, dever-se-ia “*discernir la verdad, rechazando las sugerencias personales del odio, no menos que los exagerados encomios del entusiasmo, para adoptar solo hechos evidentes y comprobados, y*

³⁹⁸ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Buenos Aires, n. 13 [segunda serie], 15/05/1849, p. 192.

³⁹⁹ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Primera reimpressão del texto español conforme la edición original. Volume 1: 1843-44. Buenos Aires: Editorial Americana, 1946, p. 363.

⁴⁰⁰ Idem.

⁴⁰¹ Idem, p. 383. Grifo meu.

⁴⁰² ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Primera reimpressão del texto español conforme la edición original. Volume 1: 1843-44. Buenos Aires: Editorial Americana, 1946, p. 521.

correlacionar el juicio de estos con el cuadro general de los acontecimientos”⁴⁰³. Para Pedro de Angelis, o autor do texto da *Revue*, um viajante que havia passado pela América, era prejudicado pela “*falta absoluta de documentos conocidos para la historia de los antiguos tiempos y de los modernos de esta República*”, com os quais estaria “*poco familiarizado*” e que “*habrían alumbrado sus exámenes con una luz menos enganosa*”⁴⁰⁴.

Para remediar situações como essa, a edição de 31 de julho de 1845 do *Archivo Americano*, o vigésimo da primeira série, trazia alguns “*documentos para mayor esclarecimiento de la cuestión del Río de la Plata*”⁴⁰⁵. De Angelis argumentava, ao tornar públicos os papéis, que

*Todo lo que contribuye á fortificar las convicciones rectas, á demostrar juicios exactos, y á prevenir, en ciertas personas de responsabilidad, errores ó pasiones que pueden ser funestísimas, es ciertamente digno de que todos lo sepan, mediten y decidan. Hasta cierto punto es **un estricto deber no ocultar, ahora, aquellos documentos de importancia y autenticidad que dan una idea precisa é intachable, de las cosas, situaciones y personas, así como de los móviles de esta guerra.***⁴⁰⁶

Os “documentos de importância e autenticidade” sobre os quais De Angelis se referia aqui eram cartas trocadas dois anos antes, entre março e junho de 1843, por Fructuoso Rivera, Santiago Vasquez e John Brett Purvis – os dois primeiros, líderes colorados que no momento da escrita das missivas começavam a ser sitiados por Manuel Oribe em Montevideú; o último, o oficial da marinha inglesa que, então, os auxiliaria a enfraquecer o cerco, levantando o bloqueio ao porto da cidade uruguaia imposto por Rosas⁴⁰⁷. As correspondências pessoais serviriam para dar uma “ideia precisa” de quem eram e como agiam os opositores de Rosas, pois nelas, conforme Pedro de Angelis, eles “*no podían, ni les convenía fingir ó disimular*”: era “*donde francamente se comunican entre sí. Ahí es precisamente donde se encuentra, en todos los negocios políticos, el verdadero tipo ó carácter de los principios, personas, hechos y pretensiones respectivas*”⁴⁰⁸. Era preciso, pois, confiar nessas cartas enquanto

⁴⁰³ Idem.

⁴⁰⁴ Idem, p. 523.

⁴⁰⁵ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Primera reimpression del texto español conforme la edición original. Volume 2: 1844-45. Buenos Aires: Editorial Americana, 1947, p. 330.

⁴⁰⁶ Idem. Grifo meu.

⁴⁰⁷ Sobre isso, ver nota de rodapé 352 deste trabalho.

⁴⁰⁸ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Primera reimpression del texto español conforme la edición original. Volume 2: 1844-45. Buenos Aires: Editorial Americana, 1947, p. 331. É preciso considerar que naquele momento ainda estavam distantes as reflexões sobre a “escrita de si” e os procedimentos de crítica documental às cartas – e também diários e memórias – que hoje realizamos, ao considerarmos os “efeitos de verdade” que elas causam nos leitores e as possibilidades de estes registros conterem enganos, falseamentos, ilusões, adestramentos de si (GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História:

“comprobantes”⁴⁰⁹, como “documentos conducentes á fijar invariablemente hechos capitales”⁴¹⁰, já que “la fábula, en sus caracteres más atroces é infames, ha tomado los diarios”⁴¹¹. Outras cartas de “inimigos” do regime seriam publicadas no *Archivo Americano*, sempre com a mesma intenção: demonstrar que eles confabulavam com os estrangeiros e colaboravam com as nações europeias que ameaçavam a soberania e a independência não só da Confederação Argentina, mas de todo o continente americano. Uma carta de Domingo Faustino Sarmiento para um certo tenente coronel D. José S. Ramirez datada em 26 de maio de 1848, enviada pelo próprio destinatário a Juan Manuel de Rosas alguns meses depois, por exemplo, é publicada no periódico para que se verificasse que o romântico estava “siguiendo sus alucinados y criminales planes contra nuestra independencia”⁴¹². O “traidor Domingo F. Sarmiento”, continuava De Angelis após a transcrição da missiva, “que tantos males ha causado á la América, sigue conspirando del modo más alevoso é inicuo, desde Chile donde se halla refugiado, contra el orden y Gobierno establecido de la Confederación Argentina”⁴¹³.

Esse argumento fazia parte do discurso americanista que, como já mencionei, foi fundamental na construção do *Archivo*. Segundo Jorge Myers, o rosismo manipulava como parte de sua estratégia retórica “un conjunto de enunciados y tópicos que pertenecían al universo de representaciones ‘americanistas’, que desde la Revolución de Independencia habían adquirido en todos los países de la región una filosa dimensión política de la que antes habían carecido”⁴¹⁴. O americanismo de Rosas, no entanto, estaria baseado em premissas originais, mais a propósito da defesa de seu governo: a primeira delas, de que a luta entre o estado argentino e as potências europeias representavam uma luta pela conservação da independência nacional; mais do que isso, de que a causa argentina em sua luta com as grandes potências expressava a causa da América; e, por fim, de que nesse conflito os sujeitos que faziam oposição ao rosismo eram inimigos da independência americana e favoráveis à “recolonização” do continente, enquanto que os que apoiavam o governo de Buenos Aires eram entusiastas da soberania da América⁴¹⁵. Myers e Eduardo Scheidt demonstraram em seus

a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, pp. 13-15).

⁴⁰⁹ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Primera reimpression del texto español conforme la edición original. Volume 2: 1844-45. Buenos Aires: Editorial Americana, 1947, p. 331.

⁴¹⁰ Idem, p. 330.

⁴¹¹ Idem, p. 331.

⁴¹² ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Buenos Aires, n. 14 [segunda serie], 27/06/1849, p. 167.

⁴¹³ Idem, p. 171.

⁴¹⁴ MYERS, op. cit., 1995, p. 58.

⁴¹⁵ Idem, p. 60; SCHEIDT, op. cit., p. 98.

trabalhos que Pedro de Angelis foi um dos principais articuladores desse discurso através dos editoriais que produzia para o *Archivo Americano*. Defendo que, para além dos artigos de editor, os documentos escolhidos pelo italiano para publicação são parte essencial da sustentação do americanismo rosista expresso no jornal, posto que validavam as informações e ideias que De Angelis redigia.

Há uma outra série de cartas no *Archivo* que servem para referendar o discurso americanista, mas que não é oriunda de opositores do governo como aquelas que mencionamos antes: são missivas escritas por José de San Martín, o argentino que “*había llevado su ejército más allá de las fronteras nacionales*”⁴¹⁶ como líder das lutas de independência na América do Sul. Desde a Europa onde há muito vivia, o general mantinha correspondência com seu amigo Tomás Guido, funcionário de Juan Manuel de Rosas, e com outros quadros importantes da política platina, entre os quais o próprio governador da Província de Buenos Aires. Mais do que isso, San Martín vinha expressando publicamente sua aprovação ao regime rosista e, especialmente, à postura de Rosas diante dos bloqueios e das interferências armadas de potências europeias na nova república americana⁴¹⁷. Assim, nas cartas divulgadas no *Archivo Americano* o “*distinguido Oficial que consiguió libertar a Buenos Aires, Chile y Perú del yugo Español*” saudava a defesa que então se fazia da “*intervención hostil de la Inglaterra y la Francia en los negocios del Río de la Plata*”⁴¹⁸.

No *Archivo Americano* número 27, de 13 de junho de 1846, Pedro de Angelis publicava duas missivas de San Martín. Em uma delas, escrita em dezembro de 1845, ele se dirigia ao cônsul argentino estabelecido em Londres, Jorge Federico Dickson, para relatar suas impressões sobre o bloqueio anglo-francês. Nela, afirmava:

La firmeza de carácter del Jefe que está actualmente a la cabeza de la República Argentina es conocida de todos, como igualmente el ascendiente que posee en las vastas llanuras de Buenos Aires y en las otras provincias, y

⁴¹⁶ LYNCH, John. *San Martín: soldado argentino, héroe americano*. Buenos Aires: Crítica, 2009, p. 12.

⁴¹⁷ Desde o início do segundo mandato de Rosas e antes das (novas) interferências estrangeiras no Prata, San Martín expressava sua concordância com a conduta do governo ao impôr a ordem e a segurança na Província às custas de um regime fechado e de um executivo com poderes extraordinários (Idem, pp. 308-317). Em dezembro de 1835, afirmava em carta endereçada a Tomás Guido: “*Yo estoy convencido que cuando los hombres no quieren obedecer la ley, no hay otro arbitrio que el de la fuerza. Veintinueve años de busca de una libertad que no solo no ha existido sino que en este largo período, la opresión, la inseguridad individual, destrucción de fortunas, desenfreno, venalidad, corrupción y guerra civil ha sido el fruto que la Patria ha recogido después de tantos sacrificios. Ya era tiempo de poner término a males de tal tamaño y para conseguir tan loable objeto yo miré como bueno y legal todo gobierno que establezca el orden de un modo sólido y estable y no dudo que su opinión y la de todos los hombres que aman a su país pensarán como yo*” (PASQUALI, Patricia (org.). *San Martín, confidencial: correspondencia personal del Libertador con su amigo Tomás Guido (1816-1849)*. Buenos Aires: Planeta, 2000, p. 311).

⁴¹⁸ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Buenos Aires, n. 27, 13/06/1846, p. 97.

*aunque no dudo que en capital podrá haber un número de enemigos personales de él, estoy persuadido de que, ya sea por orgullo nacional, o por temor, por la prevención heredada de los Españoles contra el extranjero, cierto es que todos se unirán y tomarán una parte activa en la lucha.*⁴¹⁹

Em outra carta, dirigida a Juan Manuel de Rosas em janeiro de 1846, o general dizia que se não fosse a sua “*arruinada salud*”, ofereceria seus serviços a “*nuestra Patria*”, “*servicios que, aunque conozco serían bien inútiles, sin embargo demostrarían que en la injusta agresión y abuso de la fuerza de la Inglaterra y la Francia contra nuestro país, este tenía aún un viejo defensor de su honor e independencia*”⁴²⁰. Já no *Archivo Americano* número 32, de 28 de janeiro de 1847, eram publicados “*varios párrafos de una importante carta del esclarecido General San Martín*”⁴²¹ para Tomás Guido. Datada em maio de 1846, a correspondência mostra que o argentino vibrava de longe pela resistência que as forças de Juan Manuel de Rosas impunham aos estrangeiros, como ocorrera na batalha da Vuelta de Obligado⁴²² sobre a qual havia recebido notícias:

*N.N. me entregó a mi llegada a ésta su muy apreciable del 12 de enero: a su recibo, ya sabía la acción de Obligado... De todos modos los interventores habían visto por este échatillon que los Argentinos no son empanadas que se comen sin más trabajo que el de abrir la boca. A un tal proceder no nos queda otro partido que el de no mirar el porvenir, y cumplir el deber de los hombres libres, sea cual fuere la suerte que nos prepare el destino, que por mi íntima convicción no sería un momento dudoso en nuestro favor, si todos los Argentinos se persuaden del deshonor que recaerá sobre nuestra patria, si las naciones Europeas triunfan en esta contienda, que, en mi opinion, es de tanta transcendencia como la de nuestra emancipación de la España.*⁴²³

San Martín estabelecia uma relação entre a resistência rosista à intervenção da Inglaterra e da França nas questões do Prata e as lutas pela emancipação da Argentina e de outras nações americanas do jugo espanhol das quais ele mesmo havia sido protagonista. Por isso, segundo o editor do *Archivo*, “*los Argentinos, los Americanos lo leerán bendiciendo al Libertador [...], así como tienen una nueva prueba de su honor y americanismo*”⁴²⁴. Como se pode notar, sempre que podia Pedro de Angelis frisava a importância histórica do interlocutor das cartas que então publicava – “*este documento, tan digno de su ilustre autor, debe consignarse para su gloriosa*

⁴¹⁹ Idem, pp. 97-98.

⁴²⁰ Idem, p. 98.

⁴²¹ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Buenos Aires, n. 32, 28/01/1847, p. 40.

⁴²² A batalha da Vuelta de Obligado será abordada na seção 2.4 deste capítulo.

⁴²³ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Buenos Aires, n. 32, 28/01/1847, p. 41.

⁴²⁴ Idem.

historia”⁴²⁵; ele era um dos “libertadores” da América, o que lhe conferia autoridade para sustentar o discurso americanista de Rosas. Tão relevante quanto ter sido um personagem que ajudou a livrar o continente da situação de colônia de um império estrangeiro - e por isso ser um afiançador de peso do americanismo rosista - era o distanciamento de San Martín das novas contendas platinas. O periódico ressaltava, assim, que ele poderia “*considerarse del todo imparcial*”, pois como “*hace tiempo se ha retirado de la vida pública, y ha residido en Europa, adonde sabemos, piensa pasar el resto de sus días, no tiene interés en la cuestión*” atual⁴²⁶. Nesta lógica, já que as reflexões e avaliações de San Martín sobre o presente seriam desinteressadas, elas poderiam ser consideradas confiáveis e inquestionáveis.

No *Archivo Americano*, entretanto, mais confiáveis do que correspondências de sujeitos que viviam o tempo dos acontecimentos sobre os quais escreviam – mesmo que fossem considerados “imparciais” como San Martín – eram os documentos oficiais, aqueles gerados pelos governos, seus representantes e funcionários nos exercícios de suas funções. Esses escritos eram valorizados por Pedro de Angelis e apareciam no periódico em profusão, sendo alguns reunidos em edições especiais, como se verá. O editor assumia que para abordar eventos próximos e correntes tal como fazia então, os documentos oriundos da burocracia, além de incontestavelmente autênticos, seriam mais objetivos, produzidos sem subjetividades, despidos de paixões, exageros e falseamentos, já que seus autores não expressariam neles outras intenções além da execução de suas funções administrativas. Assim, a transcrição deste tipo de documentação no *Archivo* auxiliava De Angelis a produzir algum sentido de credibilidade ao periódico, já que somente o uso de testemunhos, relatos e opiniões poderiam fazer transparecer a sua parcialidade – e o fato de o periódico ser oficial, o que se tentava ocultar. A contumaz publicação de papéis oficiais servia como critério de validação dos pontos de vista do editor – e do governo, por extensão; eles confirmavam e comprovavam ideias apresentadas, bem como instruía e esclareciam sobre as questões em que Rosas estava envolvido:

*Por los boletines que tenemos la satisfacción de publicar, se confirma, que por la excursión pirática que hicieron los salvajes Unitarios el 31 de Octubre hasta la Receptoría del Buceo, han dado nuevos comprobantes de su vergonzosa cobardía y de su bárbaro furor contra las personas y propiedades de nacionales y extranjeros [...].*⁴²⁷

⁴²⁵ *Idem.*

⁴²⁶ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Buenos Aires, n. 27, 13/06/1846, p. 97.

⁴²⁷ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Primera reimpressão del texto español conforme la edición original. Volume 1: 1843-44. Buenos Aires: Editorial Americana, 1946, p. 133.

*El decreto que examinamos, es una nueva prueba de la liberalidad del Gobierno que lo ha expedido [...].*⁴²⁸

*Llamamos la atención á los siguientes documentos oficiales que presentan una nueva prueba de la grave y escandalosa infracción de la neutralidad, por las autoridades Brasileras en Rio Grande, que toleran y protegen la reunión y armamento de una horda de salvajes Unitarios [...].*⁴²⁹

*La serie de importantes documentos oficiales que publicamos á continuación, instruyen de las justas y sabias medidas que ha adoptado nuestro Gobierno para la conveniente digna defensa de la independencia y honor nacional [...].*⁴³⁰

*Los documentos oficiales que acabamos de publicar, instruyen del principio, objeto y término de a misión Gore-Gross.*⁴³¹

*Los siguientes documentos oficiales instruyen de la reclamación dirigida por el Ministro Argentino en Rio Janeiro al de las Relaciones Exteriores del Imperio, respecto de la invasión y crímenes execrables, que una partida de tropas Imperiales perpetró en el Paso de las Piedras, en la República Oriental.*⁴³²

*Los siguientes documentos oficiales ofrecen nuevos esclarecimientos sobre el atentado cometido en el Paso de las Piedras del Yaguaron.*⁴³³

Estão reunidos nas edições do *Archivo Americano* materiais que vão desde decretos, notas, circulares, comunicações e correspondências oficiais da província de Buenos Aires e de outras províncias da Confederação Argentina, proclamações de Juan Manuel de Rosas e boletins emitidos por seu exército, até atas das sessões da Sala de Representantes bonaerense. Também aparecem no jornal registros de sessões realizadas e de discursos proferidos nos parlamentos francês, inglês e brasileiro que abordavam a situação do Prata, bem como cartas, notas, negociações, acordos e tratados produzidos por órgãos e funcionários de relações exteriores da Confederação e de nações estrangeiras. Alguns destes documentos relativos à diplomacia rosista chegaram a ser compilados em edições temáticas: tratam-se de papeis que continham as mediações e negociações entre os governos de Buenos Aires – responsável por representar os interesses do conjunto das províncias argentinas no exterior desde 1835, como

⁴²⁸ Idem, pp. 515-516.

⁴²⁹ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Buenos Aires, n. 13 [segunda serie], 15/05/1849, p. 1.

⁴³⁰ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Buenos Aires, n. 6 [segunda serie], 04/04/1848, p. 166.

⁴³¹ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Buenos Aires, n. 10 [segunda serie], 17/11/1848, p. 10.

⁴³² ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Buenos Aires, n. 14 [segunda serie], 27/06/1849, p. 38.

⁴³³ Idem, p. 47.

já se viu no primeiro capítulo do trabalho –, da Inglaterra e da França para resolver os conflitos platinos que os envolviam.

Após o início do sítio a Montevideu efetuado por Manuel Oribe com apoio de Rosas, orientais e opositores do governador da Província de Buenos Aires exilados na cidade uruguaia tomaram uma série de iniciativas para solicitar a intervenção do Império Brasileiro e de potências europeias no Prata: eles enxergavam essa possibilidade como “*el medio para lograr un cambio decisivo en el curso de la lucha*”⁴³⁴. O desterrado argentino Florencio Varela chegou a viajar para Londres em 1843 como agente do Estado Oriental para propor às autoridades de Inglaterra e França uma aliança para derrotar Oribe e Rosas. Naquela oportunidade, Varela não obteve grandes resultados; no entanto, em 1845 aquelas duas nações iniciaram um bloqueio naval ao porto de bonaerense⁴³⁵. O objetivo primordial do bloqueio anglo-francês era pressionar o governo rosista e seu grupo de influência a deixar de intrometer-se na governação de Montevideu e no território uruguaio – a crise prolongada afetava a estabilidade econômica e o comércio da região, afinal de contas⁴³⁶. Mas Inglaterra e França pretendiam também forçar Rosas a estabelecer a livre navegação dos rios interiores da Argentina até o Paraguai, o que a Confederação mantinha sob seu controle. Desde então até 1849, ano em que foram firmados tratados para que os navios estrangeiros desobstruíssem o porto bonaerense, diversas missões diplomáticas foram criadas trazendo ministros ingleses e franceses à América para estabelecer algum acordo com Juan Manuel de Rosas. A documentação oriunda destas missões foi selecionada e reunida por Pedro de Angelis no *Archivo Americano* em números dedicados especialmente a cada uma delas. Estas edições recebiam um tratamento mais cuidadoso do que as ordinárias: cada uma ganhava capa e título à parte, organização particular, bem como textos introdutórios produzidos pelo editor italiano. Nelas, é possível encontrar muito do trabalho de compilador efetuado por De Angelis nas suas coleções de documentos anteriores; o erudito, de

⁴³⁴ HALPERIN DONGHI, op. cit., p. 366.

⁴³⁵ O contexto do conflito, então, havia mudado. Em março de 1845, Justo José Urquiza havia vencido a *Batalla de India Muerta* contra as forças de Fructuoso Rivera, e Manuel Oribe estava prestes a tomar Montevideu. Diante dessa situação, uruguaio e argentinos em exílio na cidade solicitaram mais uma vez uma intervenção armada de Inglaterra e França. Ao mesmo tempo, comerciantes de Liverpool pressionavam o governo inglês pela abertura dos rios interiores da Confederação para a navegação de embarcações estrangeiras. O ministro de relações exteriores da Inglaterra, Lord Aberdeen, decidiu, então, forçar a resolução do conflito ordenando suas frotas a impedir o ataque final a Montevideu e exigindo o fim do sítio à cidade e a retirada das forças de Oribe e Rosas. François Guizot, por parte da França, decidiu-se por juntar-se aos ingleses, mesmo vacilante e insistindo na necessidade de limitar os objetivos do ataque à defesa da independência oriental frente à intervenção argentina. No dia 29 de setembro daquele ano, ante a negativa rosista de acordo, a frota anglo-francesa declarou o bloqueio a Buenos Aires (SALVATORE, op. cit., p. 375; HALPERIN DONGHI, op. cit., p. 366).

⁴³⁶ Além disso, argumentava-se que os cidadãos ingleses e franceses que viviam no Prata sofriam perdas econômicas e que eram coagidos a juntar-se aos exércitos rosistas, tendo sua segurança pessoal ameaçada (SALVATORE, op. cit., p. 375).

certa forma, continuava seu desejado ofício mesmo dentro do jornal, mesmo se ocupando de papeis do tempo presente.

A primeira edição do *Archivo* dedicada a uma missão diplomática é a número 22, de 5 de novembro de 1845. Trata-se da “*Colección de documentos oficiales sobre la Misión de los Ministros de S. M. Británica, y S. M. el Rey de los Franceses cerca del Gobierno de Buenos Aires, encargado de las relaciones exteriores de la Confederación Argentina*”. A capa segue os mesmos moldes dos frontispícios dos volumes da “*Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las Provincias del Rio de la Plata*” de De Angelis que estudei no primeiro capítulo, trazendo o título em destaque, seguido da cidade e a imprensa onde ela foi produzida, além do ano da edição; a diferença é que ela inclui, ainda, o escudo de armas da Confederação Argentina (ver Anexo 22). Se se buscava uma aparência de neutralidade nos textos do *Archivo Americano* e no uso da *Imprenta de Independencia* de De Angelis como marca de enunciação, o uso do brasão na capa acabava evidenciando o oficialismo da publicação. Logo após o frontispício especial, a edição 22 seguia com a mesma diagramação dos outros números do jornal, inclusive tendo o cabeçalho corrente do *Archivo* (ver Anexo 23). Apesar disso, é preciso deixar claro que não há nenhum outro material nesta edição além dos documentos oficiais das tratativas entre o governo da Província de Buenos Aires, representado pelo seu ministro das relações exteriores Felipe Arana, e os representantes da primeira missão anglo-francesa realizada após o bloqueio, os diplomatas William Gore Ouseley e Antoine-Louis Deffaudis. Os papeis assim “arquivados” por Pedro de Angelis, sendo inclusive organizados em ordem cronológica e tendo índice numérico, ganhavam outro caráter e valor do que tinham ao serem produzidos com fins de negociação política. Eles serviriam, afinal, para divulgar no presente e guardar para o futuro o passo-a-passo das tratativas e, por conseguinte, a elaboração rosista de que os representantes das nações interventoras não vieram ao Prata dispostos a fazer prevalecer “os direitos e prerrogativas” dos povos argentinos, mas atacá-los. O discurso americanista era mais uma vez retomado para demonstrar que o governo de Rosas era o defensor da independência da América, não diante dos antigos vice-reis e das velhas Audiências hispânicas, mas “dos Comodoros como Purvis, dos Almirantes como Lainé, e de mediadores como Deffaudis y Ouseley”, como escreveu De Angelis ao apresentar os documentos:

[...] *Basta recorrer sus oficios [do Sr. Ouseley], y los del Sr. Deffaudis, para reconocer el verdadero objeto de su misión, no de paz y amistad, como lo habían pregonado, sino del ataque más brusco á los derechos y prerrogativas de estos pueblos, sin excluir su independencia.*⁴³⁷

⁴³⁷ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Primera reimpression del texto

*Los instrumentos de la opresión no son los Virreyes y las Audiencias como al tiempo de los Españoles, sino los Comodoros como Purvis, los Almirantes como Lainé, los mediadores como Deffaudis y Ouseley, que disponen de la suerte de estos pueblos como si fuesen los más oscuros y abyectos vasallos de sus coronas. La América tiene que volver á conquistar su independencia, ó volver á cargar sus cadenas. Libres ó esclavos, tal es el dilema; y en este lance de patriotismo y honor ¿quién no imitará el magnánimo ejemplo de los Argentinos, que han jurado sepultarse bajo los escombros de su patria, antes que entregarla á los tiranos y á los traidores?*⁴³⁸

Lembro que a leitura do *Archivo Americano* era destinada primordialmente para jornalistas, letrados, políticos e diplomatas – formadores de opinião e tomadores de decisão, portanto – estabelecidos na América e na Europa. No entanto, é interessante verificar que, assim como fizera com a sua “*Colección de obras y documentos*” lançada na década de 1830, Pedro de Angelis enviou exemplares da nova “*Colección de documentos oficiales sobre la Misión*” também para instituições científicas⁴³⁹. Em correspondências remetidas pelo erudito ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro é possível ler que o erudito italiano ofereceu o impresso à entidade “em seu nome”:

*J’ai l’honneur de vous adresser, pour l’offrir à l’Institut Historique Brésilien, en mon nom, un exemplaire des documents de la dernière négociation, que MM. Les Ministres Plénipotentiaires d’Angleterre et de France ont suivi avec le Gouvernement Argentine [...].*⁴⁴⁰

*On vient de publier ici une suite aux documents officiels relatifs à la mission de MM. Ouseley et Deffaudis. Je m’empresse de vous en envoyer un exemplaire pour compléter ceux que j’ai déjà en l’honneur de vous adresser pour l’offrir à l’Institut.*⁴⁴¹

Suponho que com esta ação De Angelis pretendia, além de divulgar a interpretação rosista sobre o andamento das negociações, continuar construindo laços com associações e

español conforme la edición original. Volume 2: 1844-45. Buenos Aires: Editorial Americana, 1947, p. 591.

⁴³⁸ Idem, p. 592.

⁴³⁹ Em um catálogo da biblioteca da *Massachusetts Historical Society* publicado em 1859, por exemplo, encontrei a “*Colección de documentos oficiales sobre la Misión*” e outras duas coleções de documentos relativas às missões diplomáticas estrangeiras no Prata publicadas no *Archivo Americano* dentre as obras pertencentes à instituição. Na listagem, a autoria dos impressos aparece como “*Argentine Confederation*”, mas se vincula a elas, também, o nome de Pedro de Angelis (“see Angelis, Pedro de.”) (ver Anexo 24).

⁴⁴⁰ INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO (Rio de Janeiro, Brasil). *Coleção Instituto Histórico*. Lata 138. Pasta 53. Carta de Pedro de Angelis enviando documentos sobre a negociação com Inglaterra e França. Buenos Aires, 22 de novembro de 1845. Tradução minha: “Tenho a honra de vos enviar, para oferecer ao Instituto Histórico Brasileiro, em meu nome, um exemplar dos documentos da última negociação que os Srs. Ministros Plenipotenciários da Inglaterra e da França levaram adiante com o Governo Argentino [...]”.

⁴⁴¹ INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO (Rio de Janeiro, Brasil). *Coleção Instituto Histórico*. Lata 142. Pasta 62. Carta de Pedro de Angelis enviando documentos sobre a missão de M. M. Ouseley e Deffaudis. Buenos Aires, 20 de fevereiro de 1846. Tradução minha: “Acabamos de publicar aqui um conjunto dos documentos oficiais relativos à missão dos Srs. Ouseley e Deffaudis. Apresso-me a vos enviar um exemplar para completar os que já tive a honra de vos encaminhar para oferecer ao Instituto”.

grupos de letrados e investigadores de seu tempo. Ele sinalizava, assim, que seguia produzindo compilações de documentos pertinentes aos estudiosos de temas relativos à região platina e que era justificada a manutenção de seu nome no quadro de associados das instituições, bem como a sua circulação em uma rede de sociabilidades que se estabelecia em torno de compras, trocas e doações de obras e manuscritos e da construção do conhecimento histórico.

Em dezembro de 1846, saía do prelo mais uma edição do *Archivo Americano* dedicada exclusivamente aos papéis oficiais oriundos de uma nova investida diplomática ocorrida naquele mesmo ano para a resolução da intervenção estrangeira no conflito entre os governos de Buenos Aires e Montevidéu. O número 31, que tinha como título “*Documentos Relativos a la Misión del Honorable Sr. D. Tomas Samuel Hood, agente especial del gobierno de S. M. B. cerca del gobierno de Buenos Aires, encargado de las relaciones exteriores de la Confederación Argentina*”, também foi encaminhado por Pedro de Angelis ao IHGB logo após o seu lançamento. Na carta correspondente a tal envio, o editor do *Archivo Americano* se referia ao impresso como uma continuação da “*Colección de documentos oficiales sobre la Misión*” enviada anteriormente:

*J'ai l'honneur de vous envoyer un exemplaire des documents qu'on vient de publier ici sur la mission de M. Hood. C'est une suite des deux collections, qui ont para déjà sur l'intervention de l'Angleterre et de la France dans le Rio de la Plata, et que je vous ai envoyées aussi. Je joins à cette dernière le message adressé par le Gouvernement de Buenos Ayres à la Salle des Représentants, dans lequel vous trouverez un résumé des événements qui ont eu lieu dans ces pays, pendant l'année 1846.*⁴⁴²

Nas mensagens internas que Pedro de Angelis e Juan Manuel de Rosas trocaram durante o processo de composição e de editoração de cada um dos volumes do *Archivo Americano*, pode-se verificar que houve um esforço de De Angelis para que os documentos da missão de Hood fossem publicados nas mesmas condições e com o mesmo cuidado dispensado aos manuscritos das tratativas de 1845. No dia 23 de setembro de 1846, o italiano solicitou ao governador todos os papéis “*originales en inglés y en francés, existentes en el Ministerio de Relaciones Exteriores, como V.E. lo dispuso para la publicación de la misión de M. M. Ouseley y Deffaudis*”, para que se pudesse trabalhar nas traduções de maneira que fosse “*más acertada*”

⁴⁴² INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO (Rio de Janeiro, Brasil). *Coleção Instituto Histórico*. Lata 177. Doc. 64. Carta de Pedro de Angelis enviando documentos sobre a missão de Mr. Hood. Buenos Aires, 14 de janeiro de 1847. Tradução minha: “Tenho a honra de vos enviar um exemplar dos documentos que acabamos de publicar aqui sobre a missão do Sr. Hood. É uma continuação das duas coleções que já apareceram sobre a intervenção da Inglaterra e da França no Rio da Prata, e que eu vos envie também. Junto a esta última a mensagem dirigida pelo Governo de Buenos Aires à Sala de Representantes, na qual vós encontrareis um resumo dos eventos que ocorreram nesses países durante o ano de 1846”.

la publicación de los documentos oficiales”⁴⁴³. Dois dias depois, Rosas remeteu ao editor do *Archivo Americano* “las adjuntas carpetas relativas a la misión del Señor Hood en las que se registran los originales en inglés y en francés”⁴⁴⁴. Após trabalhar nos papeis, em 19 de outubro, De Angelis sugeriu que eles deveriam ser publicados “en un número del Archivo, por separado, quiero decir, sin otros documentos que los que se han mandado à la Sala, con los discursos de los Representantes, y un artículo editorial del Archivo”, e que “podría agregárseles una carátula, como se hizo con los de la misión de Ouseley y Deffaudis”⁴⁴⁵. Abaixo da recomendação do erudito, há uma nota com a letra do governador da Província concordando com as ideias: “Deben publicarse solos como los del n. 22 del Archivo, del 5 noviembre 1845; y con una carátula igual Mutatis Mutandis, con sus proemios del trofeo militar”⁴⁴⁶. Assim, os “Documentos Relativos a la Misión del Honorable Sr. D. Tomas Samuel Hood, agente especial del Gobierno de S.M.B cerca del Gobierno de Buenos Aires, encargado de las Relaciones Exteriores de la Confederación Argentina” também acabaram reunidos no periódico rosista em edição especial, com capa (ver Anexo 25), ordem cronológica, índice numerado e editorial escrito por De Angelis.

Ainda nas mensagens escritas pelo italiano e por Rosas sobre a edição 31 do *Archivo Americano*, lê-se que houve uma seleção prévia daquilo que poderia ser parte da coletânea. O governador advertia De Angelis que, dentre os materiais escolhidos pelo editor, somente poderiam ser impressos os documentos “que se manden á la H. Junta de Representantes”⁴⁴⁷, ou seja, aqueles que o governo havia decidido que se tornariam públicos e que, por isso, também fariam parte da construção do discurso anual que Juan Manuel de Rosas proferia aos representantes eleitos da Província⁴⁴⁸. Não fica evidente quais são os papeis previamente “apagados” e os motivos; há apenas a indicação de que esta é uma ordem vinda do Ministro das Relações Exteriores, Felipe Arana:

⁴⁴³ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 26-05-05.

⁴⁴⁴ *Idem*.

⁴⁴⁵ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 26-05-05.

⁴⁴⁶ *Idem*.

⁴⁴⁷ *Idem*.

⁴⁴⁸ Juan Manuel de Rosas continuou celebrando anualmente as eleições para renovar os deputados da Sala de Representantes, em conformidade com a lei eleitoral de 1821. Ainda que tenha existido e atuado durante todo o tempo em que Rosas governou, a Sala perdeu centralidade e suas atribuições foram desvalorizadas diante do poder do executivo. Tanto a realização do sufrágio quanto os discursos anuais de Rosas aos representantes eleitos da Província de Buenos Aires faziam parte da busca do governo por uma legitimidade formada a partir de uma ordem legal, como já afirmei na nota de rodapé 86 contida no capítulo anterior.

Hago á V. esta advertencia para que no pierda tiempo en imprimir lo que no debe publicarse, y para que sepa que si van en la colección notas que ni se han de publicar ni se han de mandar a la H. Junta, es por la razón que expresa el Ministro en dha. carpeta del 18, y porque así deben correr en la colección.⁴⁴⁹

A missão de Tomas Samuel Hood marca um período em que Inglaterra e França estavam dispostas a modificar sua postura diante do bloqueio⁴⁵⁰. Justamente por isso que esse inglês havia sido escolhido, naquele momento, para ser o negociador a tratar com Buenos Aires; ele era conhecido no Prata por já haver sido côsul britânico de Montevideú e mantinha boas relações com Juan Manuel de Rosas e Manuel Oribe. O título mesmo da coletânea deixa entrever uma posição respeitosa do governo rosista em relação ao mediador da Inglaterra: inscreve-se que se tratava da missão “*del Honorable Sr. D. Tomas Samuel Hood*”, qualificativo pessoal que não aparece nos enunciados que dão nome às outras coletâneas de documentos diplomáticos saídas no *Archivo Americano*. Além disso, Pedro de Angelis fazia questão de ressaltar em seu editorial que Hood havia estabelecido uma relação diferente daquela que havia sido travada anteriormente por Ouseley e Deffaudis:

Bastaron pocos días de una discusión amistosa para remover todas las trabas y alcanzar lo que nunca hubieron conseguido los Sres. Ouseley y Deffaudis con sus intimidaciones. El honorable Sr. Hood, á quien cupo la honra de manifestar al General Rosas las intenciones y los deseos de los Gobiernos de Inglaterra y de Francia, no echó mano de insultos, no empleó amenazas, no vió en nuestro virtuoso ejército las figuradas expoliaciones y crueldades, en nuestros dignos Representantes, un supuesto lenguaje violento, y en toda población hechos tales que apenas se reproducen ahora ente algunas tribus salvages.⁴⁵¹

Ao tempo em que se elogiava a postura do agente, não se deixava de exaltar a condução de Rosas e Oribe nas negociações, deixando claro que os dois estavam abertos às propostas anglo-francesas e dispostos a estabelecer a paz na região: “*El General Rosas aceptó con dignidad, y moderación las proposiciones de paz de los gobiernos de la Gran Bretaña y de la Francia que le presentó el Sr. Hood, y de la misma manera honrosa procedió el General Oribe*”⁴⁵². Os documentos reunidos no *Archivo* evidenciarão isso e, talvez, para não prejudicar

⁴⁴⁹ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 26-05-05.

⁴⁵⁰ Segundo Halperin Donghi, ao longo de 1846, “*en medio de una compleja crisis politica (que desembocará en la escisión del partido conservador) el interés de Gran Bretaña por la empresa decrece rápidamente. Ya a mediados de 1846 comienzan las tentativas de paz [...]*” (op. cit., p. 369).

⁴⁵¹ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Buenos Aires, n. 31, 07/12/1846, p. 49.

⁴⁵² Idem.

as tratativas que haviam sido bem-sucedidas até ali, ou mesmo para não comprometer a imagem da missão de Hood, é que Arana acabou por “censurar” alguns manuscritos antes que eles fossem a público. Uma outra série de mensagens trocadas entre De Angelis e Rosas aponta para essa compreensão. Em agosto de 1846, quando ainda era preparado o número 28 do *Archivo Americano* – alguns meses antes de ser produzida a edição 31 que trazia os “*Documentos Relativos a la Misión del Honorable Sr. D. Tomas Samuel Hood*” –, o italiano enviava para o governador o que seria o índice de artigos jornalísticos que fariam parte da publicação e alertava: “*V. E. verá por dicho índice que yo he dado la preferencia á los artículos que podían publicarse, aún después de un cambio en el estado de los negocios*”⁴⁵³. Pedro de Angelis, portanto, havia selecionado aqueles textos que, mesmo se as negociações com Hood se alterassem entre o processo editorial e a impressão, não afetariam os propósitos de sua publicização ou mesmo os rumos dos acordos em andamento. Da mesma forma, após encaminhar para Rosas a lista de materiais que havia reunido para compor o *Archivo* de número 29, o erudito recebia a seguinte resposta de seu interlocutor: “*He señalado en la lista adjunta los artículos que no deben ahora publicarse estando negociándose la paz, ni tampoco si esta se hace – Pero que sí deben publicarse en el Archivo si la paz no se realiza*”⁴⁵⁴. Certo é que mesmo com tantos esforços aparentes não foi selado nenhum acordo em 1846⁴⁵⁵. O sítio de Montevideu e o bloqueio de Buenos Aires continuavam e, por isso, também seguiram ocorrendo as viagens diplomáticas de agentes estrangeiros ao Prata.

Assim, na segunda série do *Archivo Americano* publicada a partir de março de 1847, haveria outros dois números extraordinariamente dedicados à reunião de documentos das negociações entabuladas entre Buenos Aires, Inglaterra e França. A quinta edição, publicada em 17 de fevereiro de 1848, foi chamada em sua capa de “*Serie de documentos oficiales y artículos correlativos a la misión de Lord Howden, y del Conde Walewski, ministros plenipotenciarios de los Gobiernos de Inglaterra y de Francia cerca del Gobierno de Buenos Aires, encargado de las relaciones exteriores de la Confederación Argentina*” (Ver Anexo 26). Nela, era compilada, conforme anunciava o título do artigo editorial, a documentação “*de la*

⁴⁵³ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 26-05-05

⁴⁵⁴ *Idem*.

⁴⁵⁵ A missão teria fracassado porque Hood não havia esclarecido em suas instruções quem seria reconhecido pelas potências europeias como governante de Montevideu. Ao levar os termos do acordo para os ministros ingleses, eles o teriam recusado. Ver em: FRABOSCHI, Roberto O. Rosas y las relaciones exteriores con Francia y Inglaterra. In: LEVENE, Ricardo. (ed.). *Historia de la Nación Argentina* (desde los orígenes hasta la organización definitiva en 1862). Vol. 7: Rosas y su época (segunda sección). Buenos Aires: El Ateneo, 1951, p. 194-196.

*última misión anglo-francesa al Río de la Plata*⁴⁵⁶ e o que ela procurava provar (“y lo que prueba”), segundo De Angelis, era que “*hasta la llegada de los últimos Plenipotenciarios nunca ha variado la conducta de los Agentes Franceses e Ingleses en la cuestión del Rio de la Plata*”⁴⁵⁷; não se chegava a um acordo de paz pois os diplomatas anglo-franceses não se dobravam às exigências do governo de Buenos Aires baseadas na defesa da soberania americana⁴⁵⁸. Se se acreditava, escrevia o editor do *Archivo*, “*como parece que lo han creído los Sres. Howden y Walewski, que el General Rosas pueda sobreponerse á las exigencias de su país, y hacer concesiones contrarias á su dignidad y decoro*”⁴⁵⁹, isto era um engano:

*Lo que pretende el General Rosas es que se respeten estos derechos, y lo que parece que quieren los interventores es invadirlos; y esto explica la dificultad de llegar á un avenimiento, porque, como decía un hombre de ingenio, nada se saca con discutir con los que no son de la misma opinión que nosotros. La intención de Inglaterra y de la Francia no es de tratar à los Estados Americanos como á naciones independientes, porque los suponen débiles, inexpertos [...].*⁴⁶⁰

Ainda em 1848, a *Imprenta de la Independencia* publicou um impresso chamado “*Misión confiada a los Sres. Dn. Robert Gore, y Baron Gros por los Gobiernos de Inglaterra y Francia para arreglar la cuestión del Río de la Plata*”. A reunião de manuscritos da missão Gore-Gros foi a última “*Colección de documentos oficiales*” a configurar uma edição temática do *Archivo Americano* e aparecia no seu número 11 (ver Anexo 27). Esta foi a derradeira vinda de representantes da Inglaterra e da França para negociar com Juan Manuel de Rosas e mais uma missão que acabou sem qualquer acordo entre as partes envolvidas. A coletânea servia, novamente, para demonstrar que eram os agentes estrangeiros os que se indispunham a consensuar, e não o governo de Buenos Aires:

[Gore e Gros] *Declaraban “que ambos Gobiernos de Francia é Inglaterra no han cesado de estar animados del deseo de restablecer por una acción común*

⁴⁵⁶ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Buenos Aires, n. 5 [segunda serie], 17/02/1848, p. 422.

⁴⁵⁷ Idem, p. 428.

⁴⁵⁸ Nesse momento, as negociações envolviam os seguintes pontos: a suspensão das hostilidades de todas as partes envolvidas no conflito, o desarme dos estrangeiros organizados na defesa de Montevideú e a retirada das tropas argentinas do território oriental. O governo bonaerense concordava com estas condições, desde que tudo fosse praticado com a anuência e o reconhecimento do presidente do Estado Oriental que Rosas considerava legítimo, Manuel Oribe. Howden e Waleswki pretendiam, ainda, deixar um caminho aberto para a navegação dos rios interiores, apesar de que a missão anterior de Tomas Samuel Hood havia acordado com a Confederação Argentina que somente ela teria esses direitos. Rosas não estava disposto a retroceder nesta questão. Ver em: FRABOSCHI, op. cit., pp. 196-200.

⁴⁵⁹ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Buenos Aires, n. 5 [segunda serie], 17/02/1848, p. 438.

⁴⁶⁰ Idem, p. 439.

*el orden y la paz sobre la costa Oriental del Plata”; después que esos mismos Gobiernos han impedido, é impiden a viva fuerza, con infracción manifiesta del derecho de gentes y de tratados públicos, el restablecimiento de la paz. Prescindían también de todos los antecedentes y acuerdos previos sobre las cuestiones de sus Gobiernos con los dos legales de las Repúblicas del Plata, de las bases Hood y modificaciones que admitieron estos Gobiernos.*⁴⁶¹

*[...] Exigirlo todo sin derecho, con manifiesta sinrazón, y no adoptar paso, ni acto alguno de justicia; humillar á estas Repúblicas y á sus Gobiernos legales: tal es en resumen la marcha y objeto de la misión Gore-Gros.*⁴⁶²

Pouco depois desta missão, Inglaterra e França acabaram por levantar o bloqueio unilateralmente, e em 1849 o tratado Arana-Southern – bem como o Tratado Le Prédour – pôs um fim definitivo à intervenção anglo-francesa no Rio da Prata, sendo “*netamente favorable a la Confederación Argentina*”⁴⁶³. Segundo Ricardo Salvatore, a “*figura de Rosas, ya acreditada con el título de ‘Restaurador de las Leyes’, se engrandecía con el mérito de ser el único jefe americano que había resistido las presiones de las dos naciones más poderosas de la tierra*”⁴⁶⁴. É possível que a documentação do tempo presente publicada por Pedro de Angelis no *Archivo Americano*, em especial as coleções relacionadas aos manuscritos das missões diplomáticas, tenham ajudado na consolidação desta imagem vinculada a Juan Manuel de Rosas e ao seu governo durante o correr dos acontecimentos, atendendo, portanto, às questões e demandas políticas contemporâneas.

Talvez seja por isso que quando Buenos Aires voltou a enfrentar uma crise política no início de 1851 – o conflito com a aliança formada por Entre Ríos, Corrientes, Uruguai e Brasil para combater Rosas que acabou culminando com a derrocada de seu governo em 1852⁴⁶⁵ –, mais uma vez se recorreu à produção de uma compilação documental a ser publicada no *Archivo*. Em setembro daquele ano foi lançada uma edição suplementar ao número 26 do jornal,

⁴⁶¹ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Buenos Aires, n. 11 [segunda serie], 09/02/1849, p. 232.

⁴⁶² Idem, p. 234.

⁴⁶³ Apesar de que Rosas devesse retirar suas forças sitiadoras da Banda Oriental, o acordo previu o comprometimento de Inglaterra e França da retirada de seus auxílios ao governo de Montevideú e de que os estrangeiros que lutavam ao lado dos colorados fossem desarmados. Além disso, os navios argentinos tomados pelos exércitos anglo-franceses acabaram sendo devolvidos e, mais importante, as potências europeias terminaram por reconhecer o controle da navegação dos afluentes do Rio da Prata como um direito exclusivo da Confederação (SALVATORE, op. cit., p. 375; HALPERÍN DONGUI, op. cit., p. 369).

⁴⁶⁴ SALVATORE, op. cit., p. 375.

⁴⁶⁵ O início da história da formação das forças aliadas de Entre Ríos, Corrientes, Uruguai e Brasil, liderada por Justo José Urquiza contra Juan Manuel de Rosas em 1851, já foi contada em notas de rodapé anteriores; basta agora informar ao leitor que depois de uma campanha militar iniciada em Montevideú, os exércitos de ambos os lados do conflito se enfrentaram próximo a Buenos Aires. Em 3 de fevereiro de 1852, as tropas rosistas não resistiram ao ataque do exército de Urquiza na Batalha de Caseros. Rosas foi, então, destituído de seu cargo de governador da Província e de encarregado das relações exteriores da Confederação Argentina e acabou se exilando na Inglaterra (TERNAVASIO, op. cit., pp. 239-242).

contendo capa especial e sendo dedicada exclusivamente aos manuscritos de um único tema, como haviam sido feitas as coletâneas editadas durante o bloqueio anglo-francês. O “*Apéndice al núm. 26 del Archivo Americano que contiene la correspondencia entre el Exmo. Señor General D. Juan Manuel de Rosas, Gefe Supremos de la Confederación Argentina Encargado de sus Relaciones Exteriores, General en Gefe de sus Ejércitos, y el Exmo. Señor Ministro Plenipotenciario de su Majestad Británica Honorable Caballero D. Henrique Southern con motivo de las inauditas agresiones del Gobierno Brasileró*” foi publicado nos idiomas em que regularmente se publicava o periódico (espanhol, inglês e francês) e também em português (dado o confronto envolvendo o Império vizinho), com frontispício em cada uma das línguas (ver Anexo 28). As notas trocadas entre Rosas e o ministro plenipotenciário britânico estabelecido em Buenos Aires eram ali impressas para evidenciar a crescente intromissão do Brasil nos assuntos do Prata, utilizando-se do mesmo expediente e articulando o mesmo discurso de quando o interventor era europeu. Assim, Pedro de Angelis apresentava a nova coleção de documentos denunciando os “*profundos é incesantes ataques del Gabinete Brasileró contra la tranquilidad, el honor, la independencia de las Repúblicas del Río de la Plata*” e ressaltando que

*En las dos contestaciones del Gobierno Argentino á las notas del Sr. Ministro Plenipotenciario de S.M. Británica, está repilogada de un modo luminoso la historia de esta conducta criminal del Gabinete del Brasil; de estas infraccioes injustificables de sus deberes; de esas contradicciones flagrantes de sus actos con sus palabras.*⁴⁶⁶

As mensagens de Rosas e Southern foram escritas e postas a circular entre os missivistas no intervalo dos dias 18 e 23 de agosto de 1851; demorou menos de um mês após a data da última carta para que elas fossem reunidas no *Archivo Americano*. De Angelis afirma que decidiu por publicá-las “*en un apéndice por separado*” da edição de número 26, que estava já impressa e pronta para ser lançada sem aquele anexo, “*para no defraudar á nuestros lectores del pronto conocimiento de las muy importantes notas que forman el asunto de esta correspondencia oficial*”⁴⁶⁷. Em um momento em que se presenciava uma “multiplicidade de acontecimentos” que se desenvolviam com “prontidão”, para retomar as palavras de De Angelis

⁴⁶⁶ APÉNDICE AL NÚM. 26 DEL ARCHIVO AMERICANO que contiene la correspondencia entre el Exmo. Señor General D. Juan Manuel de Rosas, Gefe Supremos de la Confederación Argentina Encargado de sus Relaciones Exteriores, General en Gefe de sus Ejércitos, y el Exmo. Señor Ministro Plenipotenciario de su Majestad Británica Honorable Caballero D. Henrique Southern con motivo de las inauditas agresiones del Gobierno Brasileró. Buenos Aires, 20/09/1851, p. 30.

⁴⁶⁷ Idem.

escritas em 1843 no material de divulgação do *Archivo Americano* com as quais iniciei esta seção do capítulo, os documentos do *Archivo* serviam, pois, para firmar posição, de forma imediata, sobre os assuntos que envolviam o governo de Juan Manuel de Rosas⁴⁶⁸. No entanto, a “*Correspondencia entre el Exmo. Señor General D. Juan Manuel de Rosas, Gefe Supremos de la Confederación Argentina Encargado de sus Relaciones Exteriores, General en Gefe de sus Ejércitos, y el Exmo. Señor Ministro Plenipotenciario de su Majestad Británica Honorable Caballero D. Henrique Southern*” voltou a ser publicada um mês depois, no interior da edição 27 do *Archivo Americano*. De Angelis, então, anunciava e explicava a reedição dos manuscritos reproduzindo *ipsis litteris* seu argumento utilizado no apêndice do número 26 que citamos acima, mas adicionando uma outra justificativa ao final de seus dizeres:

*Para no defraudar á nuestros lectores del pronto conocimiento de las muy importantes notas que forman el asunto de esta correspondencia oficial, nos hemos decidido á publicarlas en apéndice por separado; y el deseo de conservarlas en el Archivo, nos induce á insertarlas integralmente en el presente número de nuestro diario.*⁴⁶⁹

O desejo e a necessidade de conservação que também aparecem no texto do prospecto do jornal que citei na abertura da seção são retomados, como se pode ler acima. Pedro de Angelis, afinal, não criava um *Archivo* de documentos somente para que eles fossem lidos por seus coetâneos e para que orientassem a interpretação dos acontecimentos no tempo em que ocorriam; havia também a pretensão de conservar o presente para que se tornasse história no futuro. Acreditava-se que, quando o tempo avançasse e o corrente fosse já passado, a história

⁴⁶⁸ É importante ressaltar que De Angelis expressou mais de uma vez em suas mensagens ao governador a preocupação que tinha de que determinados documentos devessem ser publicados no *Archivo Americano* imediatamente, em sintonia com os acontecimentos correntes. Em 14 de janeiro de 1847, por exemplo, De Angelis escrevia para Rosas que “[...] *para dar alguna actualidad al núm. pendiente del Archivo, me atrevo à proponer à V.E. de agregar la declaración importante del alférez Alcina sobre el ataque de Paisandú. Estos detalles es muy conveniente que circulen con la mayor prontitud*” (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 26-05-05). Nesse sentido, no *Archivo Americano* número 19 de 21 de junho de 1845, De Angelis esclarecia os seus leitores de que “[...] *entre la masa de documentos que tenemos en nuestro poder, preferimos publicar los que ofrecen una relación más íntima con la cuestión actual [...]*” (*Archivo Americano y Espíritu de la Prensa en el Mundo*, n. 19, 21/06/1845, p. 330). Também poderia acontecer de documentos coletados que demoraram para ir a público serem excluídos da impressão final por já terem perdido a importância ou a utilidade no presente. Em 10 de janeiro de 1847, o erudito dizia que alguns materiais que ele havia selecionado para o *Archivo* não deveriam mais ser publicados por haver já passado o seu “*momento, y la demora les quitaría todo el mérito que puedan tener*” (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 26-05-05). O mesmo ocorria em 19 de julho daquele ano, quando De Angelis escrevia que acreditava ser “*prudente borrar del índice, y excluir del núm. pendiente del Archivo, los dos partes del General Mancilla, que son los únicos documentos de dicho número que harían contraste con el estado actual de los negocios*” (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 26-05-05).

⁴⁶⁹ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Buenos Aires, n. 27 [segunda serie], 31/10/1851, p. 71. Grifo meu.

cumpriria o seu papel emitindo um veredito sobre as ações do governo de Juan Manuel de Rosas e resolvendo em definitivo os embates daqueles anos.

2. 4. Um *Archivo* para o futuro: a crença na história

Por mais que, ao formatar o *Archivo Americano* e ao escrever seus textos editoriais que conduziam a leitura dos documentos publicados, Pedro de Angelis estivesse já produzindo e conformando sentidos e arbítrios sobre o presente – mesmo que negasse a sua parcialidade –, o erudito compreendia que a documentação oficial ali guardada – confiável, crível, verídica – se tornaria fonte para que, futuramente, a história visitasse os acontecimentos vividos – preservados que estavam – e promovesse sobre eles um julgamento distanciado. Para o erudito, se os contemporâneos falhavam em não valorizar determinadas ações e conquistas do governo de Juan Manuel de Rosas, os historiadores do futuro, então sem quaisquer interesses nas questões políticas correntes, acessariam o *Archivo*, recuperá-las-iam e fariam justiça à memória daquele período. Ao contestar um artigo saído na *Revue des Deux Mondes* que criticava o rosismo (cujo autor, um “*viagero*”, era acusado por De Angelis de ser imparcial em sua análise e por desconhecer os documentos que tratavam a história antiga e moderna do Prata, como mostrei na seção anterior), o erudito dizia:

*La historia dirá si los triunfos de nuestra escuadra, y las victorias de nuestro Ejército, merecen la justicia escasa del Viagero. Creemos que los hombres libres y imparciales serán más justos; y que en los anales de la libertad no nos negarán una página noble y prominente.*⁴⁷⁰

“A história dirá”, pois “*la historia es muy elocuente*”⁴⁷¹, acrescentava o italiano. Segundo François Hartog, naquele século XIX a simples enunciação do termo história servia como valor de explicação: “*la historia quiere, juzga, condena...*”⁴⁷². Ela se tornava singular coletivo, como propõe Reinhart Koselleck, sujeita de si mesma e nela se acreditava enquanto realizadora da justiça e emanadora da sabedoria⁴⁷³. Jules Michelet fazia uma analogia do papel do historiador com alguém encarregado de administrar o legado dos mortos, como uma espécie

⁴⁷⁰ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Primera reimpression del texto español conforme la edición original. Volume 2: 1844-45. Buenos Aires: Editorial Americana, 1947, p. 217.

⁴⁷¹ Idem, p. 92.

⁴⁷² HARTOG, François. *Crear en la historia*. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Finis Terrae, 2014, p. 20.

⁴⁷³ Idem, p. 61.

de intermediário e intérprete de suas vozes junto à posteridade⁴⁷⁴. A história, por isso, acabaria por recordar com admiração os feitos memoráveis da Confederação Argentina, conforme Pedro de Angelis afirmava no *Archivo Americano* número 19, de junho de 1845: “*Entre los hechos memorables de la Confederación Argentina, y todos en sus resultados, la historia recordará con admiración la gloriosa batalla de INDIA MUERTA, que ha anonadado para siempre el poder ominoso del usurpador del Estado Oriental*”⁴⁷⁵.

Esse discurso aparecia sempre que eram publicados os manuscritos produzidos pelo exército rosista e por seus componentes sobre as vitórias conquistadas em batalhas armadas contra as forças das nações europeias interventoras ou orientais, unitários e aliados opositoristas, como são os casos dos dois trechos retirados do *Archivo Americano* citados acima. Tanto os “*boletines del ejército*” quanto os informes trocados por comandantes em campo e entre esses com Rosas e outros integrantes do governo foram reunidos por Pedro de Angelis no periódico para que fossem guardados para a posteridade. Tais papeis, afinal, registravam os grandes feitos, as brilhantes ações e os gloriosos acontecimentos do presente:

*Nos es muy grato dedicar este número de nuestro diario, considerablemente aumentado, á la publicación del glorioso parte oficial que dirigió el Exmo. Sr. Gobernador y Capitán General de la Provincia de Entre Ríos, General en Jefe del Ejército de la Confederación contra los salvages Unitarios, ilustre Brigadier D. Justo José Urquiza, el Exmo. Sr. Gobernador y Capitán General de la Provincia de Buenos Aires, Encargado de las Relaciones Exteriores y Negocios de Paz y Guerra de la República, Brigadier D. Juan Manuel de Rosas, sobre la espléndida é inmortal jornada, batalla y victoria de Vences, y de los demás documentos relativos á este suceso feliz, altamente glorioso en los anales de la Confederación, y á sus importantísimos resultados.*⁴⁷⁶

*Según ofrecimos, llenamos el muy grato deber de dar publicidad á estos documentos, tan honrosos y dignos de perpetua celebridad. Ellos ofrecen un cuadro brillante para la República, y acrecientan sus inmarcables glorias, en la valiente y justa defensa de su honor, de su dignidad e de sus derechos, contra los salvages Unitarios é interventores extranjeros.*⁴⁷⁷

Con grande satisfacción publicamos el siguiente boletín del ejército de Orientales y Argentinos, que instruye de la gloriosa victoria y toma de la Colonia por las armas Americanas, el día 18 del corriente. [...] Por este triunfo tan glorioso y tan inmortal felicitamos íntimamente al Exmo. Sr. Presidente del Estado Oriental, ilustre Brigadier D. Manuel Oribe, á los Exmos. Gobernadores de la Confederación Argentina, y á todos los valientes

⁴⁷⁴ HARTOG, *Evidência da história*, op. cit., p. 170.

⁴⁷⁵ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Primera reimpressão del texto español conforme la edición original. Volume 2: 1844-45. Buenos Aires: Editorial Americana, 1947, p. 283.

⁴⁷⁶ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Buenos Aires, n. 7 [segunda serie], 28/06/1848, p. 83. Grifo meu.

⁴⁷⁷ Idem, p. 84. Grifo meu.

*virtuosos Generales, gefes, oficiales y soldados del heroico ejército de Orientales y Argentinos.*⁴⁷⁸

*No es muy grato publicar en seguida **importantísimos documentos oficiales, y el interesante parte detallado de la gloriosa victoria y toma de la Colonia, que da una idea completa de la importancia de tan espléndido é inmortal triunfo**, por el que reiteramos con grande complacencia nuestras íntimas felicitaciones al Exmo. Sr. Presidente legal de la República Oriental del Uruguay, ilustre Brigadier D. Manuel Oribe, á los Gobiernos de la Confederación Argentina, y á los virtuosos valientes Generales, Gefes, Oficiales, y soldados del heroico Ejército de Orientales y Argentinos.*⁴⁷⁹

Os documentos oficiais sobre as vitórias do exército rosista eram “dignos de perpétua celebridade” e, por isso, eram tornados públicos e “arquivados”. As batalhas relatadas neles de forma “detalhada” e “completa”, incluindo a participação dos “virtuosos valentes Generais, Chefes, Oficiais e soldados do heroico Ejército de Orientales e Argentinos”, acabariam por figurar nos “anais da Confederação”, e os seus triunfos se imortalizariam. Estes fatos contemporâneos eram selecionados para que vivessem para sempre nas páginas do *Archivo*, ecoassem às futuras gerações e para que fossem trabalhados pelo historiador do porvir.

Mesmo um confronto que não foi vencido pelo exército rosista, a batalha da Vuelta de Obligado, foi documentado no periódico. Apesar da derrota – a frota estrangeira que tentava abrir a navegação dos rios interiores para o livre comércio internacional conseguiu ultrapassar o ponto de resistência rosista em Obligado e seguir o fluxo do rio Paraná –, a participação das tropas de Rosas na batalha era saudada no *Archivo Americano*. Foram dedicadas várias páginas de seu número 23 para publicar as relações “*de los cañones y calibres*”⁴⁸⁰, “*de balas y metrallas de artillería*”⁴⁸¹, “*de las ballas y cartuchos*”⁴⁸² que foram utilizadas pelos argentinos, bem como as mensagens do comandante Lucio Mansilla e de outros oficiais da operação que relatavam o cuidadoso planejamento para o confronto e o forte enfrentamento dado aos “*buques enemigos Anglo-Franceses*”⁴⁸³ em novembro de 1845. Publicou-se, ainda, proclamações que teriam sido feitas por Mansilla e por outros líderes rosistas aos seus soldados na véspera da batalha e que conferiam um tom heroico ao acontecimento:

¡VIVA LA CONFEDERACIÓN ARGENTINA!

⁴⁷⁸ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Buenos Aires, n. 9 [segunda serie], 30/09/1848, p. 190. Grifo meu.

⁴⁷⁹ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Buenos Aires, n. 13 [segunda serie], 15/05/1849, p. 74. Grifo meu.

⁴⁸⁰ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Buenos Aires, n. 23, 30/11/1845, p. 57.

⁴⁸¹ Idem.

⁴⁸² Idem, p. 58.

⁴⁸³ Idem.

¡Mueran los salvajes unitarios!

Noviembre 18 de 1845.

PROCLAMA

Milicianos – Valientes federales, defensores denodados de la independencia de la República y de la América. –

Los insignificantes restos de salvajes unitarios que han podido salvar de la persecución de los victoriosos ejércitos de la Confederación y Orientales libres, en la memorables batallas del Arroyo Grande, de India Muerta y otras, que pudieron asilarse en los muros de la desgraciada ciudad de Montevideo, han promovido infame y brutalmente, y son el origen de la intervención armada con que los marinos de Francia é Inglaterra vienen navegando las aguas del gran Paraná, sobre cuya costa estamos para privar su navegación bajo de otra bandera que no sea la nacional. ¡Vedlos, camaradas, allí los tenéis! Considerad el tamaño del insulto que vienen haciendo á la soberanía de nuestra Patria al navegas las aguas de un río que corre por el territorio de nuestra República, sin mas títulos, sin mas justicia, que la fuerza. ¡Pero se engañan: no lo conseguirán impunemente! Vamos á resistirles con el ardiente entusiasmo heroico de la libertad. ¡Suena ya el canon! ¡Ya rompen la paz! Tremola en el río Paraná y en sus costas el pabellon azul y blanco, y nuestro primer deber es morir todos antes que verlo bajar de donde flamea.

En esta vuestra resolución á ejemplo del heróico y gran Porteño, nuestro querido Gobernador, Brigadier D. Juan Manuel de Rosas, y para llernarla honrosamente contad con ver en donde sea mayor el peligro á vuestro gefe y compatriota el General –

LUCIO MANCILLA

¡Viva la Independencia Americana!

¡Viva su heroico defensor, D. Juan Manuel de Rosas!

¡Mueran los salvajes unitarios y sus aliados sostenedores, los Anglo Franceses!⁴⁸⁴

Assim, Pedro de Angelis procurava ressaltar que

El General Mansilla, los valientes jefes, oficiales y soldados de su mando, han mostrado en esta jornada de honor inmenso, que los Argentinos están firmemente resueltos en defensa de su independencia y de su honor, a resistir el poder de la Inglaterra y la Francia. [...] Ellos son los mejores testigos de la gloria nacional en la heroica jornada del 20 de noviembre. [...] Este hecho de armas se recordará siempre entre los más gloriosos de la independencia Americana.⁴⁸⁵

Em Montevideu, opositor exilado Florencio Varela redigia em tom de comemoração no jornal *Comercio del Plata* as notícias de que “*la Escuadra aliada anda por el Paraná, en*

⁴⁸⁴ Idem, pp. 58-59.

⁴⁸⁵ Idem, p. 65.

*cuyo río ha conseguido una brillante victoria en el combate de la Vuelta del Obligado*⁴⁸⁶; em Buenos Aires, Pedro de Angelis, através da documentação que selecionava e publicava, construía a versão rosista (e americanista) para o acontecimento e transformava o fracasso em um “feito de armas” que “se recordará para sempre entre os mais gloriosos da independência americana”. O insucesso bonaerense no conflito era praticamente omitido no *Archivo*, enquanto eram exaltadas a bravura e a resiliência dos soldados de Rosas diante dos (bem armados e equipados) beligerantes das potências europeias. Esta interpretação vinha dos relatos das “melhores testemunhas da glória nacional na heroica jornada do 20 de novembro”, os combatentes argentinos, que escreviam em sua comunicação interna cartas como a seguinte:

¡VIVA LA CONFEDERACIÓN ARGENTINA!
¡Mueran los salvajes unitarios!

Señor D. Antonio Reyes.

Campamento, noviembre 22 de 1845

*Mi querido Reyes –
Ha tenido lugar un combate vigoroso y heroico.
Los enemigos sólo han penetrado en nuestras baterías cuando ya no hubo una sola bala que tirar; cuando cañones, baterías y todo estaba destruido por las bombas, granadas, balas de a 80, de a 36, de 24, y de toda clase de proyectiles que nos han arrojado 3 vapores, 2 corbetas, 5 bergantines y una goleta. A esta acción para darle su verdadero mérito es preciso haber estado en ella y ver la inmensa desventaja con que se ha hecho la defensa desde las nueve y media hasta el ponerse el sol. Los enemigos sólo se lo darán.
A Dios, Amigo. Mande inmediatamente a mi mujer esta carta, para librarla del estado de ansiedad en que debe estar por mí.
Memorias a Beascochea, y demás amigos, y mande a su afectísimo. –*

*Ramón Rodríguez*⁴⁸⁷

O combate de Obligado foi retomado recentemente na Argentina justamente sob a perspectiva que aparece nas páginas do *Archivo Americano*, sendo estabelecido em algo como uma “epopeia nacional”. Em 2010, a então presidenta Cristina Kirchner estabeleceu, pelo decreto nº 1584/2010, que o dia 20 de novembro seria um feriado nacional, o “*Día de la Soberanía*”⁴⁸⁸. O texto legislativo ressaltava que se incorporava ao calendário cívico como data

⁴⁸⁶ De Teodoro Vilardebó a Juan María Gutiérrez, 16-II-1846. In: MOGLIA, Raúl; GARCÍA, Miguel (eds.). *Archivo Del Doctor Juan María Gutiérrez*. Epistolario. Tomo II, Buenos Aires: Biblioteca del Congreso de la Nación, 1979-1981, p. 47.

⁴⁸⁷ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Buenos Aires, n. 23, 30/11/1845, p. 64.

⁴⁸⁸ O dia 20 de novembro já havia sido declarado “*Día de la Soberanía Nacional*” em homenagem à Batalha da Vuelta de Obligado em 1973, pela lei nº 20.770 promulgada pelo presidente Juan Domingo Perón, mas tinha caráter de feriado facultativo. Durante a ditadura militar argentina, a data comemorativa foi abolida do calendário

comemorativa “uno de los hitos históricos más importantes de nuestra Nación como es la batalla de Vuelta de Obligado”, pois em “20 de noviembre de 1845 [...] algo más de un millar de argentinos con profundo amor por su patria, enfrentó a la Armada más poderosa del mundo, en una gesta histórica que permitió consolidar definitivamente nuestra soberanía nacional”⁴⁸⁹. Desde então, entre publicações editoriais e produções audiovisuais sobre Obligado realizadas com tom épico⁴⁹⁰ e muito debate ideológico e historiográfico⁴⁹¹, houve quem lembrasse do

oficial.

⁴⁸⁹ ARGENTINA. Decreto n° 1584/2010, de 2 de novembro de 2010. Establécense Feriados Nacionales y días no laborables. Disponível em: <<http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/170000-174999/174389/texact.htm>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

⁴⁹⁰ Em 2012, Mario “Pacho” O’Donnell, um autor de obras de divulgação histórica com expressivas vendas no mercado editorial argentino, lançou o livro “*La Gran Epopeya: El Combate de la Vuelta del Obligado*”. O texto de O’Donnell é repleto de subjetivismos – “[...] Allí, Lucio Mansilla fue prestamente socorrido por su sobrino carnal, mi bisabuelo, Sabino O’Donnell, uno de los primeros médicos de la Argentina” (O’DONNELL, Pacho. *La Gran Epopeya: el combate de la Vuelta de Obligado*. Buenos Aires: Aguilar, 2012. Edição Kindle, posição 3132) – e de cenas romantizadas, imaginadas a partir de documentos que foram publicados no *Archivo Americano*: “*Ante la inminencia del ataque, Mansilla arenga a sus tropas: ‘¡Allá los tenéis! Considerad el insulto que hacen a la soberanía de nuestra Patria, al navegar, sin más título que la fuerza, las aguas de un río que corre por el territorio de nuestro país. ¡Pero no lo conseguirán impunemente! Tremola en el Paraná el pabellón azul y blanco, y debemos morir todos antes que verlo bajar de donde flamea*” (Idem, posição 3043). A mesma narrativa heroizante sobre o evento aparece em um programa de televisão produzido pela *Televisión Pública Argentina* chamado “*Batallas de la Libertad*”, vinculado pela primeira vez em 2010. Ver em: CANAL ENCUESTRO. *Batallas de Libertad: La Vuelta de Obligado*. Mountain View: Google, 2011. (24 min 42 seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XzzyB-xUqHU>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

⁴⁹¹ Desde 2010, historiadores como Luis Alberto Romero e José Carlos Chiaramonte criticaram publicamente os usos da história da Batalha da Vuelta de Obligado pelo governo federal argentino e pelos “neorevisionistas” ligados ao *Instituto Nacional de Revisionismo Histórico Argentino e Iberoamericano Manuel Dorrego*. A instituição presidida por Pacho O’Donnell foi criada por um decreto de Cristina Kirchner em 2011 e dissolvida em 2015 pelo atual presidente Mauricio Macri, também por decreto, sob a alegação de que “*no es función del Estado promover una visión única de la historia ni reivindicar corriente historiográfica alguna*” (ARGENTINA. Decreto n° 269/2015, de 29 de dezembro de 2015. Instituto Nacional de Revisionismo Histórico Argentino e Iberoamericano Manuel Dorrego. Disolución. Disponível em: <<http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/255000-259999/257469/norma.htm>>. Acesso em: 05 jan. 2017). Tendo sido fundado com fins de “*estudiar, investigar y difundir la vida y la obra de personalidades y circunstancias destacadas de nuestra historia que no han recibido el reconocimiento adecuado en un ámbito institucional de carácter académico, acorde con las rigurosas exigencias del saber científico*” (ARGENTINA. Decreto n° 1880/2011, de 17 de novembro de 2011. Créase el Instituto Nacional de Revisionismo Histórico Argentino e Iberoamericano Manuel Dorrego. Disponível em: <<http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/190000-194999/190107/norma.htm>>. Acesso em: 05 jan. 2017), o Instituto e seus membros revisitaram o evento em questão e produziram sobre ele uma série de publicações de divulgação histórica, como aquela que citei na nota de rodapé anterior. Sobre este movimento revisionista de Obligado, Romero publicou textos no *La Nación* e no *Clarín* nos quais pontuava que “*como de costumbre, anuncian la revelación de un episodio que la ‘historia oficial’ ha mantenido oculto. En realidad, el episodio de la Vuelta de Obligado puede ser leído en casi cualquier libro que se ocupe del período*” (ROMERO, Luis Alberto. Transformar la derrota en victoria. *La Nación*, Buenos Aires, 18 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1325771-transformar-la-derrota-en-victoria>>. Acesso em 05 jan. 2017). Além disto, afirmava que o “*relato revisionista de Obligado [...] incluye algunas verdades, otras tergiversaciones y muchas cosas inventadas*” (ROMERO, Luis Alberto. Delirio nacionalista: el mito del combate de Obligado. *Clarín*, Buenos Aires, 09 dez. 2014. Disponível em: <https://www.clarin.com/opinion/combate_de_obligado-nacionalismo-malvinas-revisionismo_historico_0_HkZ8bKPqDXg.html>. Acesso em 05 jan. 2017), dentre as quais o fato de “*transformar la derrota en victoria*” (ROMERO, Transformar la derrota en Victoria, op. cit.). Já Chiaramonte, em artigo publicado primeiro em 2012 na *Ñ Revista de Cultura* e um ano depois como capítulo do livro “*Usos políticos de la historia: lenguaje de clases y revisionismo histórico*”, criticava especialmente a conversão da Batalha de Obligado em uma “*gesta nacional*”, o que “*no se sostiene en los datos que provee la*

papel da personagem desta tese na construção da memória do evento então celebrado. À época diretor da Biblioteca Nacional da República Argentina, Horacio González evocava em um artigo publicado no jornal *Página/12*⁴⁹² os documentos publicados pelo erudito, inclusive as elogiosas cartas de San Martín que tratavam a Batalha da Vuelta de Obligado sobre as quais tratei na seção anterior deste capítulo. Na introdução de seu texto, González escrevia que “[...] en 1846 la prensa rosista, sobre todo el *Archivo Americano*, dirigido por el sagaz polígrafo napolitano Pedro De Angelis, no dejaría pasar las importantes apreciaciones que el general San Martín enviaba”⁴⁹³ sobre o confronto do exército de Rosas com as forças anglo-francesas, pontuando que a publicação daquela documentação tentava cumprir, em seu tempo, “*un papel de disuasión ante los poderes imperiales europeos*”⁴⁹⁴. Ao final do artigo, o estudioso argentino fazia ponderações aos seus contemporâneos do século XXI sobre os usos políticos do passado e sobre a leitura de fontes como as que foram reunidas no *Archivo Americano*: “*Admitamos que las extrapolaciones del pasado muchas veces son hilos internos vibrantes de los grandes trabajos de investigación histórica. Pero en especial si se procede con delicadeza en la traslación, tratando los textos sin reduccionismos ni forzamientos*”⁴⁹⁵.

Será que essas lembranças feitas em nossos tempos eram a justiça que Pedro de Angelis pretendia que a história fizesse? Será que ele imaginava que nossa leitura distanciada poderia ser tão interessada quanto a que ele e seus coetâneos faziam enquanto os acontecimentos corriam, e que os usos políticos do passado seriam tão recorrentes em nossos dias? Não há como responder, por óbvio. Fato é que, sendo não só *archivero* de Rosas, mas *archivero* do *Archivo Americano*, Pedro de Angelis engendrou, de alguma forma, um modo de ler o presente, agora passado, rosista. E eram os documentos – selecionados e reunidos em um conjunto – que, mais uma vez, conferiam autenticidade e autoridade à sua produção. Eram eles, afinal, que moviam e comoviam o erudito e que, por fim, seriam parte fundamental da imagem que De Angelis construiu de si e que acabou por perpetuar-se no tempo: a de um colecionador,

historia del período” (CHIARAMONTE, José Carlos. *Usos políticos de la historia: lenguaje de clases y revisionismo histórico*. Buenos Aires: Sudamericana, 2013. Edição Kindle, posição 4176). “*Lo más importante de estas erróneas interpretaciones*”, escreveu o historiador, “*es olvidar que fue la política de Buenos Aires, la que en 1831, bloqueando una cláusula fundamental del Pacto Federal, vetó toda iniciativa de reunir un congreso constituyente para organizar un nuevo Estado nacional. En esta coyuntura, la política de Rosas no fue una política de unidad nacional. Por el contrario, fue el principal obstáculo a esa unidad, la que comenzó a lograrse tardíamente a partir de 1851 con la rebelión de las provincias del Litoral*” (Idem, posição 4207-4208).

⁴⁹² O diário *Página/12* é tido como um dos “*medios K*”, meios de comunicação acusados de terem recebido cifras dos governos de Nestor e Cristina Kirchner para a realização de publicidade oficial.

⁴⁹³ GONZÁLEZ, Horácio. La batalla de Obligado. *Página/12*, Buenos Aires, 23 nov. 2010. Disponível em: <<https://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-157351-2010-11-23.html>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

⁴⁹⁴ Idem.

⁴⁹⁵ Idem.

de um homem interessado no saber e na história e que investia seu dinheiro em obras e manuscritos. É justamente sobre essa formulação que trata o próximo capítulo.

CAPÍTULO 3. PEDRO DE ANGELIS E O COMÉRCIO DA HISTÓRIA⁴⁹⁶

Em meio às cartas trocadas entre Pedro de Angelis e Juan Manuel de Rosas sobre o *Archivo Americano* com as quais trabalhei na construção do capítulo anterior, há uma série delas redigida em 1848 em que os interlocutores fogem do tema primordial daquelas *carpetas* de mensagens – a pauta e as questões próprias do jornal – e passam a discutir um outro assunto. O novo tópico era um trabalho que o governador havia encomendado a De Angelis e que era realizado pelo erudito ao tempo em que ele cumpria suas tarefas nos arquivos pelos quais ele era responsável. Assim, em 23 de janeiro daquele ano o italiano escrevia para Rosas, informando-lhe: “*Estando ya concluido por mi parte el núm. 5 del Archivo, me ocuparé de terminar la memoria sobre el Estrecho de Magallanes, según lo ha dispuesto V. E.*”⁴⁹⁷. Tratava-se da produção da “*Memoria histórica sobre los derechos de soberanía y dominio de la Confederación Argentina a la parte austral del continente americano, comprendida entre las costas del océano Atlántico y la gran cordillera de los Andes, desde la boca del Río de la Plata hasta el Cabo de Hornos, incluso la isla de los Estados, la Tierra del Fuego, y el Estrecho de Magallanes en toda su extensión*” (ver Anexo 29).

Naquele momento, o Chile reclamava para si as regiões mais austrais da América, tendo tomado posse em 1843 do *Puerto Hambre* no Estreito de Magalhães e o rebatizado de *Fuerte Bulnes*⁴⁹⁸. Juan Manuel de Rosas, no entanto, estava disposto a defender aquele território que considerava pertencente à Confederação Argentina. O espaço “deserto” da Patagônia ainda por “civilizar” e explorar⁴⁹⁹ começava a ser disputado entre as duas novas nações limítrofes; mais

⁴⁹⁶ Entre abril e junho de 2013, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro promoveu uma exposição chamada “Pedro de Angelis e o comércio da história”. Tendo sido inaugurada logo quando entrei no curso de Doutorado, fui visitá-la, curiosa pela abordagem que ela poderia trazer sobre o italiano como um comerciante do passado. Nela, estavam expostos os mais raros e expressivos manuscritos e mapas da Coleção De Angelis. Sobre o nome da exposição não havia grande explicação, a não ser alguns parágrafos no material de divulgação e nos banners que iniciavam a visitação. Eles diziam que aqueles documentos haviam sido adquiridos pelo Império Brasileiro do italiano Pedro de Angelis, um participante de uma rede de comércio de documentos platina, e que desde a metade do século XIX eram propriedade da nossa Biblioteca Nacional e que, hoje, estavam custodiados no seu setor de Manuscritos e Cartografia. Tomo neste capítulo emprestado o título da exposição para explicar as formas de apropriação da coleção de documentos por Pedro de Angelis e a história de sua venda ao Brasil.

⁴⁹⁷ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Archivo Juan A. Farini. Sala VII. Legajo 195.

⁴⁹⁸ Em 1848, o *Fuerte Bulnes* foi abandonado pelo Chile; no mesmo ano, aquela nação fundou uma colônia em Punta Arenas para ocupar a região patagônica.

⁴⁹⁹ Ações que, como se afirmou no primeiro capítulo desta tese, Pedro de Angelis defendeu e sugeriu ao governador da Província de Buenos Aires na *Colección de obras y documentos* produzida e publicada uma década antes.

do que isso, ele corria o risco de ser ocupado e reivindicado, também, pelas potências europeias que já intervinham no Prata⁵⁰⁰, como vimos no capítulo anterior da tese. Por essa razão, segundo as orientações de Rosas enviadas a Pedro de Angelis em mensagem de 31 de março de 1848, a memória histórica que vinha sendo realizada pelo erudito deveria “*presentar los títulos de soberanía de la Confederación Argentina sobre toda la parte austral del continente americano*”, “*defendiendo la posesión y justo título que todos los Gobiernos de América tienen a sus territorios, aun cuando no están poblados hoy, y muy principalmente el de esta República á todas las tierras de la Patagonia hasta el Cabo de Hornos*”. “*De este modo*”, completava o governador, “*el trabajo será completo y mirará la cuestión bajo todas sus faces*”⁵⁰¹.

Importava ao regime de Juan Manuel de Rosas, como já mencionei no primeiro capítulo, sustentar que a Confederação Argentina era herdeira dos territórios antes reivindicados pela Coroa de Castela e que, por isso, seus limites deveriam obedecer ao mesmo traçado que tinha o Vice-Reinado do Rio da Prata instaurado em fins do século XVIII e que estava em vigência quando iniciaram os processos de independência na América⁵⁰². Por essa razão, os “títulos de soberania” que Pedro de Angelis deveria selecionar, reunir e apresentar em seu novo trabalho eram documentos históricos insuspeitos que tratavam a região agora em litígio. Esses papéis teriam que comprovar a posse da monarquia espanhola dos territórios meridionais e o vínculo administrativo que os relacionava à jurisdição do Vice-Reinado platino e, por consequência, alegar sobre a verdade histórica “da posse e do justo título” da Confederação sobre eles.

Era, pois, mais uma oportunidade para De Angelis conformar um arquivo de documentos sobre o passado da Confederação, como havia feito em sua *Colección de obras y documentos*, mas agora contratado por Rosas para isso e estando oficialmente vinculado ao seu governo. A escolha de tal tipo de registro, uma memória histórica, não é acaso: nela, De Angelis expôs e explicou os papéis comprobatórios sobre o pretérito da formação do território argentino um a um, falando de sua importância para as questões do presente e de sua indiscutível autenticidade e autoridade, e transcrevendo aqueles que julgava mais relevantes. Era uma

⁵⁰⁰ Não havia um reconhecimento internacional aos limites defendidos por Juan Manuel de Rosas: em 1830, por exemplo, o cônsul britânico no Rio da Prata, Woodbine Parish, “*levantó una carta geográfica que fijaba el límite sur*” da Confederação Argentina “*en el Río Negro, aislando así todo el espacio que se extendía desde ese accidente fluvial hasta el Estrecho de Magallanes*” (QUIJADA, Mónica. Nación y territorio: la dimensión simbólica del espacio en la construcción nacional argentina. Siglo XIX. *Revista de Indias*, vol. LX, n. 219, 2000, p. 378).

⁵⁰¹ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Archivo Juan A. Farini. Sala VII. Legajo 195.

⁵⁰² Isso significava um amplo espaço que se estendia “*entre el Paraguay al norte; el Tucumán y el Gran Chaco al poniente; el Estrecho de Magallanes al sur; y el océano al oriente*” (QUIJADA, op. cit., p. 377). De fato, os argentinos já haviam perdido, entre 1810 e 1830, as áreas das províncias do Alto Peru, da Banda Oriental e do Paraguai (cuja independência, como já se afirmou anteriormente, não era reconhecida por Rosas).

espécie de catálogo circunstanciado⁵⁰³ da documentação existente, um repositório do passado no qual se guardaria e a partir do que se fixaria uma dada memória da Confederação Argentina – a intenção, afinal, era que ela fosse consolidada como verdadeira e, “vitoriosa”, resolvesse os conflitos territoriais correntes –, sem se tratar de um relato histórico que buscasse apresentar eventos a partir de uma narrativa coerente e organizada. Assim, na abertura da *Memoria histórica sobre los derechos de soberanía y dominio de la Confederación Argentina*, Pedro de Angelis argumentava:

*Si realmente el Gobierno de Chile ha creído que sus derechos territoriales se extendían hasta el Estrecho de Magallanes, este error lo ha arrastrado á un ataque muy brusco contra las prerrogativas eminentes de una nación amiga, y debe agradecernos el cuidado que tomamos de ilustrar su conciencia, presentándole con fidelidad, aunque en resumen, los títulos de soberanía de la Confederación Argentina sobre esa parte extrema de su territorio. Fundaremos nuestros asertos, no en hipótesis ó conjeturas, siempre vagas y disputables, aunque vestidas de formas brillantes, sino en datos auténticos, en declaraciones explícitas del poder que por más de tres siglos estuvo en posesión tranquila de estos vastos y valiosos dominios: y para no multiplicar inútilmente las pruebas, escogeremos entre las infinitas que podríamos alegar, las más irrefragables y convincentes.*⁵⁰⁴

Alguns dos documentos relacionados e apresentados pelo italiano nesta obra como provas “irrefutáveis e convincentes” já constavam na sua *Colección* publicada na década de 1830, como o relato do “*más antiguo historiador*”⁵⁰⁵ argentino, Ruy Díaz de Guzmán⁵⁰⁶. Segundo De Angelis, Guzmán afirmou, na descrição que fez do território nos tempos da “*fundación del Gobierno de Buenos Aires en los primeros años de la conquista*”, “*que el Rey le concedió 400 leguas de costa sobre el mar ‘desde la Cananea en la frontera del Brasil, hasta el Estrecho de Magallanes*”⁵⁰⁷. “*Así es que*”, asseverava o erudito,

⁵⁰³ GUIMARÃES, *História e erudição*, op. cit, posição 855. Manoel Luiz Salgado Guimarães, citando Anthony Grafton, afirmou que “quando escreveram [os antiquários] sobre problemas históricos, produziram não narrativas anotadas, mas argumentos não anotados, nos quais as fontes a serem discutidas e as teses a serem refutadas eram citadas e analisadas no próprio texto” (idem, posição 913).

⁵⁰⁴ DE ANGELIS, Pedro. *Memoria histórica sobre los derechos de soberanía y dominio de la Confederación Argentina a la parte austral del Continente Americano, comprendida entre las costas del Océano de Hornos, inclusa la Isla de los Estados, Tierra del Fuego, y el Estrecho de Magallanes en toda su extensión*. Buenos Aires: [s.n.], 1852, p. 4.

⁵⁰⁵ Idem, p. 45.

⁵⁰⁶ Além da “*Historia Argentina del Descubrimiento, Poblacion y Conquista de las Provincias del Río de la Plata*” de Ruy Díaz de Guzmán, Pedro de Angelis utilizou na *Memória histórica* os documentos 3 a 7, 39 a 52, 65, 67, 68 e 69 da *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata*. Os números correspondem à ordem dada por Pedro de Angelis à documentação no *Índice General* da obra (ver Anexo 6).

⁵⁰⁷ DE ANGELIS. *Memoria histórica*, op. cit.

*los primeros ensayos de colonización en el Estrecho se practicaron bajo la inmediata dirección de los Gobiernos de Buenos Aires; que á ellos, y á ningún otro, se comunicaban todas las órdenes, todas las cédulas, para su conservación y vigilancia; y que la única voz que se ha levantado, hasta nuestros días, contra cualquier tentativa hecha para ocuparlo, ha salido única y exclusivamente de Buenos Aires.*⁵⁰⁸

Sob esse mesmo argumento, foram mencionados por Pedro de Angelis na *Memoria histórica* diversos relatos de colonizadores, como o de Ruy Díaz Guzmán, e de religiosos, especialmente dos jesuítas que estabeleceram missões nos espaços austrais do continente. Não faltaram também referências aos relatórios dos burocratas a serviço da monarquia espanhola e do Vice-Reinado que instalaram fortes e que participaram de expedições de exploração e de demarcação do território patagônico. Mas os documentos mais importantes neste trabalho, para De Angelis, eram as cédulas, instruções e ordens reais e os ofícios do governo de Buenos Aires durante os períodos colonial e pós-independentista que tratavam da região em disputa. Esses não foram só elencados, mas aparecem transcritos na *Memória histórica* sob o título de “*Documentos Justificativos*”⁵⁰⁹: eles comprovariam o constante interesse da Coroa, de seus funcionários estabelecidos no Prata – sobretudo em Buenos Aires – e dos sujeitos que assumiram o poder da Província a partir de 1810 – incluindo Rosas – na área que ia do Estreito de Magalhães até a Terra do Fogo e o Cabo de Hornos. Pedro de Angelis procurava validar, assim, a ideia de que desde a chegada dos espanhóis na América não faltaram esforços para defender e ocupar aquele espaço, bem como para controlar as populações nativas lá estabelecida; esforços que advinham da região platina⁵¹⁰ e não do outro lado da Cordilheira dos Andes⁵¹¹.

Em janeiro de 1849, a *Memoria histórica sobre los derechos de soberanía y dominio de la Confederación Argentina* estava pronta – essa, pelo menos, é a data que consta ao final

⁵⁰⁸ Idem, p. 46.

⁵⁰⁹ Idem, pp. III-XLV.

⁵¹⁰ Por essa razão, o trabalho acabava com uma listagem de títulos de documentos em ordem cronológica, iniciando em 1619 e indo até 1834, chamada “*Noticia de los trabajos emprendidos y ejecutados, bajo la dirección y los auspicios del Gobierno de Buenos Aires en la Región Patagónica, Estrecho de Magallanes, Tierra del Fuego y de los Estados*” (Idem, pp. XLVII-LI). Ver Anexo 30.

⁵¹¹ Pedro de Angelis, inclusive, fazia questão de ressaltar, ao contextualizar alguns documentos, o descaso do Chile em relação à região e às suas populações indígenas que acabava por prejudicar Buenos Aires: “[...] *por aquel tiempo, el Cabildo de Buenos Aires organizaba á su costa una expedición á Salinas, donde existen grandes criaderos de sal que proveían á los habitantes de la que necesitaban para sus usos domésticos. Rara vez estas expediciones volvían á la ciudad sin tener algún encuentro con los Indios que venían del otro lado de la Cordillera á depredar nuestras estancias, cuyo ganado llevaban después á los mercados Chilenos. La facilidad de venderlo, y la impunidad con que contaban, eran otros tantos estímulos para perseverar el robo, á que los arrastraban su naturaleza y sus hábitos. Vanas eran las reclamaciones del Gobierno de Buenos Aires, por la ninguna disposición que hallaba en el de Chile á satisfacerlas, mostrándose, si ni propenso, al menos indiferentes á estos desórdenes*” (Idem, p. 26).

da obra. Para produzi-la, os livros e documentos que Pedro de Angelis já havia manejado até então⁵¹² não bastaram; no ano em que esteve dedicado a esse trabalho, ele acabou visitando alguns acervos públicos de Buenos Aires para procurar outros manuscritos e outras obras que precisava. A comunicação entre o italiano e Juan Manuel de Rosas ocorrida em 1848 demonstra justamente essa busca e, mais do que isso, dá indícios de como funcionava o acesso a esses repositórios durante o regime rosista. Na já citada mensagem enviada por De Angelis ao governador em 23 de janeiro, o erudito escrevia:

*Para este trabajo, necesito lo más pronto que sea posible una obra que existe en la Biblioteca Pública, y cuyo título es “Historia de Dn. Vicente Carvallo y Goyeneche”. Para no molestar à V.E. me había dirigido al Sr. Ministro de R.E. con esta solicitud; pero me ha contestado que no podía procurármela porque hay una orden que prohíbe al Director de la Biblioteca de extraer obras de aquel establecimiento. Creo que V.E. ha permitido al Sr. Mariño de pedir las que pueda necesitar para sus trabajos; y esto me anima á solicitar el mismo favor, del que no he de abusar nunca.*⁵¹³

Para acessar uma obra depositada na Biblioteca Pública, De Angelis recorria a Rosas, já que, conforme o escrito citado acima, o diretor da instituição – à época, Felipe Elortondo y Palacios⁵¹⁴ – não permitia que os livros saíssem de dentro dela. O governador da Província acabou por acolher a requisição de De Angelis e no dia 19 de fevereiro lhe respondeu: “Remito à v. la orden dada que el encargado de la Biblioteca entregue à v. la obra enunciada. Cualquiera otra obra, ó otras, que v. necesitar, diciéndome v. las que fueren, pondré iguales órdenes. – Así es como se han entregado al Mayor Mariño las que le han sido precisas”⁵¹⁵.

Quando já estava quase terminando a produção da *Memoria histórica*, em 31 de outubro de 1848, Pedro de Angelis voltava a escrever para Rosas dizendo precisar consultar outro repositório público, já que pretendia agregar ao seu escrito “una noticia de todos los trabajos que se han hecho, en varias épocas, para reconocer y explorar la región Patagónica, interiormente y en las costas”⁵¹⁶. Argumentava, assim, que

⁵¹² Além de alguns documentos que, como afirmei, já haviam sido publicados na *Colección de obras y documentos*, também constam na *Memoria histórica* papéis que pertenciam à coleção privada de Pedro de Angelis. Em uma mensagem enviada por ele a Juan Manuel de Rosas em 2 de outubro de 1848, o erudito relatava ao governador que havia contratado um amanuense para que fosse “copiar en mi casa los documentos originales de mi colección que deben acompañar la memoria” (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Archivo Juan A. Farini. Sala VII. Legajo 195).

⁵¹³ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Archivo Juan A. Farini. Sala VII. Legajo 195.

⁵¹⁴ O decano da Catedral e secretário do Obispado de Buenos Aires, Felipe Elortondo y Palacios, foi diretor da Biblioteca Pública da cidade durante o governo de Juan Manuel de Rosas.

⁵¹⁵ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Archivo Juan A. Farini. Sala VII. Legajo 195.

⁵¹⁶ Idem. A notícia sobre a qual Pedro de Angelis se refere aqui é a listagem de documentos que mencionei na nota

*Aunque no se espera hallar nuevos documentos en el Departamento Topográfico, que es el único que no he podido visitar, me importaría salir de esta duda, y suplico à V.E. me haga la gracia de ordenar á su Presidente el Sr. Coronel Arenales, de informarme si en el archivo de su oficina se conserva algún documento gráfico, ó escrito sobre cualquier punto de Patagonia, Tierra del Fuego y Estrecho de Magallanes. Mi demanda se limita á la simple noticia de lo que haya. En el caso que sintiera la necesidad de examinar algún documento, solicitaría una nueva orden de V.E., á no ser que quisiera V.E. reunir las dos cosas en una sola orden.*⁵¹⁷

Em 2 de novembro, Juan Manuel de Rosas replicava a mensagem, assentindo ao pedido de De Angelis: “Remito à V. la orden para el Presidente del Departamento Topográfico”⁵¹⁸. De fato, na mesma data o governador enviava ao coronel José Alvarez de Arenales⁵¹⁹ um ofício no qual determinava:

*El Presidente del Departamento Topográfico proporcionará a Don Pedro de Angelis las noticias que haya en el archivo, de documentos gráficos ó escritos sobre cualquier punto de la Patagonia, Tierra del Fuego, y Estrecho de Magallanes. Y si el anunciado Don Pedro de Angelis precisar algunos documentos que existiesen en el archivo, relativos á las noticias enunciadas, el dicho Presidente se los entregará bajo el correspondiente recibo al pie de esta orden, para que cuando se los devolvieren por no necesitar ya tenerlos á la vista, lo que no debe pasar de cuatro meses, á no ser que el infrascripto previamente ordene más demora al Presidente del Departamento, se ponga por éste la debida constancia de la entrega y devolución; y eleve la presente al Gobernador de la Provincia con dicha constancia, dejando entonces copia legalizada del expediente en el archivo del Departamento.*⁵²⁰

O diretor do Departamento Topográfico de Buenos Aires respondeu à ordem de Rosas somente no dia 16 janeiro de 1849, justamente para realizar o registro e prestar contas, como lhe havia sido demandado, de quais materiais do acervo da instituição Pedro de Angelis havia retirado de lá e se ele os havia devolvido. Na nota que então enviou ao governador, Arenales fez uma espécie de relatório de como o italiano havia se comportado antes e durante a sua visita ao Departamento. Contava que logo depois de recebido o ofício transcrito acima, havia escrito uma carta para De Angelis na qual dizia que fazia questão de recebê-lo no arquivo daquele escritório público “para que entre todos revolvamos lo que hay, a ver si V. halla algo útil á su propósito, y por si yo pudiere satisfacerle en alguna pregunta”⁵²¹. Prosseguia narrando que o

de rodapé 491 e que pode ser consultada no anexo 30.

⁵¹⁷ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Archivo Juan A. Farini. Sala VII. Legajo 195.

⁵¹⁸ Idem.

⁵¹⁹ O engenheiro militar José Alvarez Arenales foi diretor do Departamento Topográfico de 1834 a 1852.

⁵²⁰ DIRECCIÓN DE GEODESIA DE LA PROVINCIA DE BUENOS AIRES. *Archivo Público de Geodesia*: algunos documentos para la historia del Departamento Topográfico. La Plata: [s.n.], 1962, p. 24.

⁵²¹ Idem, p. 25.

erudito havia dito que iria visitá-lo no dia 29 de dezembro, o que ocorreu; a partir dali, descrevia de forma pormenorizada o que teria ocorrido em tal encontro:

El viernes veintinueve preindicado Don Pedro de Angelis se presentó en este Departamento; luego me hizo saber por el intermedio del Ingeniero Don Saturnino Salas la materia y objeto de su comisión; en el [?] abrí el armario del archivo de los planos; saqué el libro índice de dichos planos, formado en 1829; se lo entregué, diciéndole, que ante todo se tomase la molestia de revisar ese libro, y que por medio de él se había de hacer el reconocimiento del archivo; al expresarme de ésta manera, fuí interrumpido de parte de Don Pedro, diciéndoseme, que él quería ver todos los papeles que hubiese, aún aquellos que pareciesen insignificantes: contesté, que de eso mismo trataba yo, y que por eso le entregaba el índice, para que nada pudiese escaparse á la revisión que íbamos á practicar; que yo deseaba que él se instruyese simultaneamente de todo lo que hay, tanto en el índice como en los armarios, sin arrogarme la calificación de lo significativo ó insignificante.

Procedimos á revisar detalladamente la sección “Hidrografia-Patagones”, que él eligió por lo pronto. Después de esto mostré a Don Pedro, por haberlo deseado, otros varios planos que sucesivamente le llamaron la curiosidad en el índice, aunque no relativos a la región Patagónica, Tierra del Fuego, y Estrecho de Magallanes. Últimamente se abrió el pequeño depósito de los materiales escritos, consistente en dos expedientes sobre antigua frontera y sobre las salinas, unos extractos facultativos de viajes en la Provincia de Buenos Aires, y copias de otros papeles más o menos semejantes; todos ellos fueron vistos en sus títulos, y ojeados en su volumen por Don Pedro de Angelis. Como desde el principio de esta operación dicho Angelis inició un apunte ó anotación de tal cual cosa que más le llamase la atención, yo le invité repetidas veces á que apartase desde luego esas piezas, y que las llevase según le pareciese; pero no accedió diciéndome que se limitaba al apunte: también tomó nota de tal cual cosa entre los materiales escritos.

Concluida toda esta función, me expresó su deseo de que yo diese cuenta á V. E. de su visita al Departamento, y de no haber llevado ningún plano ni documento, sino de haberse limitado á sacar unos cuantos apuntes; que yo podía dar por concluido este encargo, y que ya no necesita más del Departamento; por fin, al despedirse, me expresó Don Pedro de Angelis en voz alta, sobre mi oreja, repetidamente y delante de los demás empleados presentes que, “se retiraba de aquí muy contento”.⁵²²

Por fim, José Arenales concluía sua nota afirmando que, estando cumprindo “*con el tenor y el espíritu*” da ordem submetida a ele por Juan Manuel de Rosas, retornava o ofício “*sin constancia ninguna por no haber ocurrido motivo*”⁵²³, já que Pedro de Angelis não havia levado consigo nenhum material do repositório. Estas mensagens entre o erudito, o governador e os responsáveis pela Biblioteca Pública e pelo Departamento Topográfico durante a feitura da *Memoria histórica* me permitem reafirmar algo que já delineei no capítulo anterior. Naqueles tempos de rosismo, havia uma percepção de que os conjuntos documentais e as obras existentes

⁵²² Idem, pp. 25-26.

⁵²³ Idem, p. 26.

nos repositórios públicos bonaerenses pertenciam a alguns sujeitos – seus diretores, o comandante da Província – que podiam manuseá-los segundo os seus interesses e a quem era preciso especialmente conhecer e recorrer para acessá-los. Se De Angelis deveria dirigir-se ao *primero archivero* do *Archivo General de la Provincia de Buenos Aires*, Jerónimo Lasala, para conseguir alcançar documentos depositados naquela instituição (da qual ele mesmo era funcionário) e se Rosas ordenava que se sacassem materiais de lá para seu próprio uso, o mesmo ocorria nos outros espaços de guarda existentes na cidade⁵²⁴. Criava-se, assim, conforme afirma Irina Podgorny, “*una serie de negociaciones y niveles de control – o descontrol – personal de las colecciones*”⁵²⁵.

Nesse sentido, é interessante constatar que Pedro de Angelis já havia tentado verificar os manuscritos e os mapas que constavam no Departamento Topográfico sob os cuidados de José Arenales em outras ocasiões, mas não havia conseguido. Algumas cartas enviadas por ele para Carlo Zucchi deixam isso evidente. Em novembro de 1836, De Angelis relatava ao seu amigo que José María Reyes, presidente do Departamento Topográfico de Montevidéu, havia sido bastante rude ao responder-lhe um questionamento sobre determinados papeis que estariam arquivados naquele repositório da Banda Oriental; o erudito, que então buscava documentos para a *Colección* que vinha publicando, escrevia com um certo tom de mágoa: “*Qualora il sig. Reyes dovesse avere dei motivi per imitare il sig. Arenales, non dovrebbe fare altro che agire come quest’ultimo, il quale non mi ha mai parlato dei miei lavori e non mi ha mai offerto nulla*”⁵²⁶. Um ano depois, De Angelis reclamava para Zucchi que desconhecia o que havia depositado no Departamento de Buenos Aires, “*dato che il sig. Arenales si vanta di non avermi mostrato niente!!!*”⁵²⁷. Em 1838, além de afirmar que aquela era “*la sola oficina con la quale sono in stato di blocco*”⁵²⁸, queixava-se:

⁵²⁴ Após Caseros, em 1852, Valentín Alsina teria remetido uma Instrução Pública a Vicente Fidel Lopez solicitando “*una copia de la relación de los libros, obras, impresos, &ª, encontrados em la casa del exgobernador D. Juan Manuel Rosas por la Comisión encargada de inventariar todos los objetos que hubiere en ella, la que comprende no solo los que pertenecían á aquel, sí no los que fueron sacados de la Biblioteca Pública, según el sello que lleva cada uno de ellos*” (apud GONZÁLEZ, Júlio César. *La Biblioteca hallada em la Casa de Gobierno después de Caseros. Anuario de la Historia Argentina (1941)*, Buenos Aires v. 3, 1942, p. 249). Em artigo publicado em 1942 no *Anuario de la Historia Argentina*, Julio César González afirmou que “*buena parte de los libros hallados en la Casa de Gobierno tenían el sello de propiedad de la Biblioteca Pública*” (Idem, p. 256).

⁵²⁵ PODGORNÝ, op. cit., p. 38.

⁵²⁶ A Carlo Zucchi, 15 novembre 1836. In: BADINI, op. cit., p. 66. Tradução minha: “Caso o sr. Reyes tivesse motivos para imitar o sr. Arenales, bastaria agir como esse último, o qual nunca me falou do meu trabalho e nunca me ofereceu nada”.

⁵²⁷ Al sig. Carlo Zucchi, 6 novembre 1837. In: BADINI, op. cit., p. 76. Tradução minha: “já que o sr. Arenales se orgulha de não ter me mostrado nada!!!”.

⁵²⁸ A Carlo Zucchi, 31 dicembre 1838. In: BADINI, op. cit., p. 118. Tradução minha: “a única *oficina* com a qual estou em estado de bloqueio” (a palavra “*oficina*” está grafada em espanhol no original).

*Sapete bene che non sono in buoni rapporti con il nostro grande geografo Arenales: i suoi impiegati mi trattano pressappoco con la stessa boria, dato che tutti, fino al portinaio del Dipartimento topografico, hanno la stessa aria di sufficienza dei loro capo: quindi posso fare ben poco da questo punto di vista.*⁵²⁹

Depois de algum tempo, quando já trabalhava no *Archivo General* e editava o *Archivo Americano*, o italiano seguia recebendo negativas em relação aos documentos existentes naquele repositório. Referindo-se a um mapa específico que procurava, ele contava ao seu compatriota que “*quel sordo di Arenales ha detto e ribadito che non c'era niente del genere nei documenti del Dipartimento degli ingeneri*”⁵³⁰. Ao escrever a *Memoria histórica* em fins da década de 1840, Pedro de Angelis havia tido a oportunidade de finalmente, acessar o arquivo guardado pelo “surdo” Arenales e por seus funcionários que tinham o mesmo “ar de suficiência” do chefe, como ele os classificava em carta. No entanto, somente depois da aprovação e da intervenção de Juan Manuel de Rosas, como vimos, que isso foi possível. O ofício redigido por José Arenales para o governador, que transcrevi há algumas páginas, demonstra que depois dos diretores dos repositórios públicos, era o general quem decidia pela possibilidade de consulta dos documentos neles depositados. Ali, o diretor do Departamento Topográfico prestava contas (quase exageradamente pormenorizadas) de que, como ordenado por Rosas, havia, enfim, revelado para De Angelis o que havia no Departamento Topográfico: “desejava que ele se intruísse simultaneamente de tudo o que há no índice e nos armários, sem arrogar-me a qualificação do que era significativo ou insignificante”.

É provável que foi pelo ineditismo daquela ocasião que o erudito tenha aproveitado para, então, consultar não só os papéis a respeito do tema da publicação que produzia, mas “outros vários mapas que lhe chamaram a curiosidade no índice” e para apontar ou anotar “tudo o que mais lhe chamava a atenção” inclusive “entre os materiais escritos”, como relatou o diretor do Departamento no seu relato. Talvez De Angelis realmente tenha se retirado de lá “muito satisfeito”, como teria dito em voz alta na saída do escritório, ainda conforme o registro de Arenales. Mesmo não tendo tomado emprestado nenhum documento, o italiano se comprazia de fazer anotações e produzir listas e índices de obras e manuscritos, como observarei nas

⁵²⁹ A Carlo Zucchi, 25 novembre 1838. In: BADINI, op. cit., p. 112. Tradução minha: “Você sabe bem que não estou nos melhores termos com o nosso grande geógrafo Arenales: seus funcionários me tratam quase com a mesma arrogância, dado que todos, até o porteiro do departamento topográfico, têm o mesmo ar de suficiência do seu chefe: assim, posso fazer muito pouco deste ponto de vista”.

⁵³⁰ A Carlo Zucchi, 15 novembre 1844. In: BADINI, op. cit., p. 257. Tradução minha: “aquele surdo do Arenales disse e reiterou que não havia nada assim nos documentos do Departamento dos engenheiros”.

próximas páginas. O simples fato de conhecer o que havia no Departamento Topográfico de Buenos Aires deveria mesmo contentar-lhe.

No entanto, como também trabalharei adiante, ter manuscritos, mapas e obras sobre o passado platino em seu próprio gabinete de estudos também satisfaziam Pedro de Angelis: durante a época em que Rosas esteve no poder, ele conseguiu conformar um importante arquivo particular, em especial de documentos e livros que tratavam o passado da região platina. Enquanto que para acessar os repositórios públicos platinos era necessário construir relações pessoais e de poder com aqueles que dispunham deles conforme suas vontades, manejados que eram como se fossem “*patrimonio de alguien*”⁵³¹, para obter papéis era preciso adentrar em uma rede privada na qual eles circulavam e ficar sujeito às regras do comércio e aos interesses financeiros e de conservação de proprietários e herdeiros. De Angelis fez parte de um verdadeiro “comércio da história” que ocorria na América, na Europa e entre os dois continentes; foi a partir do contato com outros “*mercaderes del pasado*”⁵³² que ele reuniu a maior parte da coleção que manteve. Pelo menos, até acontecer Caseros.

3. 1. Uma “*cronica malattia di dare la caccia a vecchi libri e documenti*”: a formação de uma coleção particular

Não há como saber exatamente quando Pedro de Angelis iniciou a coletar e a guardar papéis para si. Talvez esse tenha sido um interesse que o acompanhou desde o Velho Mundo; é possível mesmo que tenha trazido ao Prata alguns exemplares de obras que já detinha na Europa⁵³³. Certo é que desde que se estabeleceu neste continente, e especialmente a partir da década de 1830, quando já trabalhava nos periódicos oficiais de Rosas, Pedro de Angelis passou a interessar-se em ter para si materiais que possibilitassem o estudo do passado americano e, especialmente, da região do Rio da Prata. Importaram ao erudito napolitano até mesmo objetos como medalhas e fósseis de animais pré-históricos que viveram naquele espaço⁵³⁴, dos quais

⁵³¹ PODGORNÝ, op. cit., p. 38.

⁵³² Idem, p. 31.

⁵³³ SABOR, op. cit., p. 161.

⁵³⁴ Há uma série de trabalhos realizados pela antropóloga e historiadora da ciência Irina Podgorny sobre o comércio de ossos de animais pré-históricos, como o *Megatherium*, no Rio da Prata na primeira metade do século XIX. Envolveram-se nas transações de busca e venda desses materiais – que eram enviados especialmente para o Museu de História Natural de Londres, para o *Royal College of Surgeons* e para estudiosos ingleses como William Clift y Richard Owen – antiquários estabelecidos em Buenos Aires e em Montevideu como Pedro de Angelis e Teodoro Viladerbó. Segundo Podgorny, graças a essas relações, De Angelis “*sería uno de los primeros lectores sudamericanos de las observaciones geológicas y zoológicas de Darwin*” (op. cit., p. 37). Ver, por exemplo: PODGORNÝ, Irina. Mercaderes del pasado: Teodoro Vilardebó, Pedro de Ángeles y el comercio de huesos y documentos en el Río de la Plata, 1830-1850. *Circumscribere: International Journal for the History of Science*, v. 9, p. 29-77, 2011; PODGORNÝ, Irina. La febbre dei fossili: Pedro de Angelis y el carácter transaccional de la ciencia. *Zama: Revista Científica de Filo*, año 5, vol. 5, pp. 11-26, 2013.

ele também formou coleção enquanto viveu em Buenos Aires. Sem dúvidas, no entanto, foi a reunião de escritos – livros, jornais, panfletos, documentos impressos e manuscritos, incluindo mapas – o ponto central de seu empenho colecionista: o próprio De Angelis definia e assumia ao seu confidente Carlo Zucchi que sofria de uma “*cronica malattia di dare la caccia a vecchi libri e documenti*”⁵³⁵.

Segundo Blandine Kriegel, mais do que colecionar objetos, os eruditos antiquários davam, desde o século XVIII, uma atenção crescente aos documentos escritos⁵³⁶; estes últimos não seriam menos verdadeiros que as medalhas, as moedas e os ossos – como os que De Angelis juntava. Era, pois, possível utilizar as técnicas trazidas da diplomática de crítica documental para estabelecer a autenticidade de determinados registros deixados em papel e afastar quaisquer desconfianças a possíveis falsificações e manipulações; também através do manuseio e da leitura de manuscritos era possível ver o passado⁵³⁷. Mais do que isso, como já vimos em outros momentos da tese, naquele princípio do Oitocentos vivido por nossa personagem, os documentos se tornavam fundamentais no processo de disciplinarização pelo qual começava a passar a história – impulsionado pelo surgimento dos Estados nacionais e a necessidade de conhecer o seu passado –, no qual a evidência era cada vez mais submetida às fontes textuais⁵³⁸. Conquanto Arnaldo Momigliano afirme que durante longo tempo os antiquários consideraram os textos literários menos importantes que os vestígios materiais⁵³⁹, também os impressos e os livros motivavam coleções para as quais letrados reservavam um “*espacio privilegiado en sus salas o estanterías*”⁵⁴⁰. Já nas cortes e cidades europeias da modernidade, mesmo nos séculos XVI e XVII estudados por Fernando Bouza, o livro “não era apenas uma fonte de informação ou um repositório de conhecimento”, mas, também, “um artefato apreciado e valorizado”⁵⁴¹.

⁵³⁵ Al sig. Carlo Zucchi, 23 de ottobre 1839. In: BADINI, op. cit., p. 149. Tradução minha: “doença crônica de perseguir livros e documentos antigos”.

⁵³⁶ KRIEDEL, Blandine. *L’Histoire à l’Age Classique. La défaite de l’erudition*, v. 2. Paris: PUF, 1988, p. 165.

⁵³⁷ As coleções, como sugere Krysztof Pomian, transformam objetos (incluindo papéis) em semióforos: eles perdem a sua utilidade primordial e acabam sendo percebidos como capazes de ligar o mundo visível ao mundo invisível, qual seja no espaço ou no tempo. Eles não são mais recolhidos por seu valor de uso, mas por causa de seu significado (POMIAN. *Colecção*, op. cit., p. 71). Há que se considerar que os livros e manuscritos não serão só colecionados enquanto objetos palpáveis do pretérito, mas pelos textos e o conhecimento que suportam; os documentos escritos vão ser utilizados, século XIX adentro, cada vez mais, para ver o passado: “‘li’ torna-se ‘vejo’” (HARTOG, *Evidência da História*, op. cit., p. 160).

⁵³⁸ SALGADO, *Vendo o passado*, op. cit., p. 29.

⁵³⁹ MOMIGLIANO, Arnaldo. *História antiga e o antiquário. Anos 90*, v. 21, n. 39, jul. 2014, p. 20.

⁵⁴⁰ BOUZA, Fernando. *Corre Manuscrito. Una historia cultural del Siglo de Oro*. Madrid: Marcial Pons, 2001, p. 31.

⁵⁴¹ SILVEIRA, Pedro Telles. *Imprensa, escrita e a problemática das fontes literárias e não literárias no trabalho do antiquário lusitano André de Resende (1534-1593)*. In: CARDOZO, José Carlos da Silva; SILVA, Jonathan Fachini da; Freitas, Denize Terezinha Leal (orgs.). *História, Verdade e Ética: anais / XII Encontro Estadual de História*. Porto Alegre: ANPUH-RS, 2014, p. 5.

A apreciação e o valor não se dariam somente pela raridade de determinadas edições livrescas e de determinados manuscritos (mas também por isso, como veremos adiante) que seriam dignos de serem preservados. É importante pensar que os escritos – fossem sob a forma manuscrita ou impressa – foram, desde a Ilustração e ao longo do século XIX, considerados símbolos individuais ou coletivos de razão, civilização e progresso⁵⁴²; no entanto – e, provavelmente, por isso mesmo –, participar do mundo das letras e de tudo que o envolvia (inclusive do comércio e do acesso aos repositórios públicos de livros e documentos) denotava uma posição privilegiada⁵⁴³. Assim, segundo Graciela Batticuore, à época em que De Angelis atuou no Prata, havia um verdadeiro afã entre os protagonistas culturais da região, entre eles o próprio erudito italiano e homens como Florencio Varela, Juan María Gutiérrez e José Rivera Indarte, para que fossem “*reputados como dueños o propietarios de libros y bibliotecas bien unidas*”⁵⁴⁴, bem como manuscritos, os quais todos os citados também possuíam. Ter uma biblioteca, além de permitir ao seu dono o poder de estudar, consultar e contatar livros – e outros papéis – a seu próprio tempo e em sua privacidade⁵⁴⁵, ainda concederia prestígio e proporcionaria um certo “*exhibicionismo libresco*” ao proprietário: “*la biblioteca condensa el ideal de una subjetividad que se precia de ser ilustrada*”⁵⁴⁶. Josefa Sabor afirma que a biblioteca de Pedro de Angelis era “*sueño y orgullo*”⁵⁴⁷ de seu proprietário. Acredito que ele não só se orgulhava do patrimônio que acumulara, como tinha consciência do poder que construía em torno de si com sua coleção de escritos.

⁵⁴² BOUZA. *Corre Manuscrito*, op. cit., p. 65-66. Nesse sentido, o analfabetismo passava a ser considerado, como ainda segue sendo em nossos dias, “*un signo de menoscabo personal y su disminución programada podía acabar por entrar en los fines modernizadores que perseguía o debería perseguir el Estado Nación. Al mismo tiempo, la etiqueta ágrafa, en el fondo degradante, era colocada con ademán soberbio tanto sobre los distintos períodos del pasado como sobre aquellas culturas del presente que careciesen de aquella clave maravillosa que les hubiera permitido avanzar hacia el progreso* (Idem, p. 65).

⁵⁴³ DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 23; JACOB, Christian. Prefácio. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (dir.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006, p. 14. É importante lembrar que, antes disso, entre os séculos XVI e XVII, os príncipes, religiosos e homens proeminentes já se interessavam em formar suas próprias bibliotecas e seus gabinetes de curiosidade, saindo à caça de livros e manuscritos e colecionando materiais de toda a ordem: isso já era um sinal de prestígio, um indício de conhecimento e de pertença social (Ver em: POMIAN. *Coleção*, op. cit., p. 80). Esse afã, no entanto, será reforçado por uma especificidade do século XVIII, “tempo do florescimento das academias literárias, das bibliotecas, coleções, antiquários” (MONTEIRO, Rodrigo Bentes; CALDEIRA, Ana P. Sampaio. *A ordem do tempo: folhetos na coleção Barbosa Machado*. *Topoi*, v. 8, n. 14, jan.-jun. 2007, p. 82).

⁵⁴⁴ BATICCUORE, Graciela. *Lectores, autores y propietarios. Las bibliotecas románticas*. In: GAYOL, Sandra; MADERO, Marta (ed.). *Formas de historia cultural*. Buenos Aires: Prometeo Libros; Los Polvorines; Univ. Nacional de General Sarmiento, 2007, p. 78.

⁵⁴⁵ CHARTIER, Roger. *As práticas da escrita*. In: _____ (org.). *História da vida privada*, 3: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 137-138.

⁵⁴⁶ BATICCUORE, op. cit., p. 79.

⁵⁴⁷ SABOR, op. cit., p. 159.

O conjunto privado de obras e manuscritos que ele conformou sobre a história e a geografia da região do Rio da Prata, afinal, tinha grande valor simbólico e financeiro. É importante, aqui, lembrar algo que foi abordado no primeiro capítulo: após a independência americana, com a dissolução do Império espanhol e os anos de conflitos e instabilidades e desordens que se seguiram no espaço platino, boa parte da documentação relativa aos períodos colonial e aos tempos em que se processava a ruptura com a Espanha acabaram se dispersando por aquele território. Muitos daqueles documentos ficaram sob os cuidados de religiosos, de antigos funcionários da coroa hispânica e de membros da nova ordem vigente, tornando-se propriedade desses sujeitos, e logo passaram a circular em redes de comércio e de trocas particulares entre a América e outros continentes. Outros, foram armazenados nas poucas e, muitas vezes, mal geridas instituições de guarda que foram criados após 1810; ainda assim, como já vimos e voltaremos a ver em breve, mesmo esses papéis pareciam estar submetidos à conveniência e ao bel-prazer de governantes e dos responsáveis pelos repositórios. Ao buscar e reunir em uma coleção obras e manuscritos que se espalhavam por diversos lugares e que passavam pelas mãos de distintas pessoas, Pedro de Angelis acabou por deter em seu próprio gabinete uma parcela importante do conhecimento e da informação existentes sobre o passado do lugar onde vivia.

Ter documentos lhe possibilitou, por exemplo, selecionar, editar e publicar fontes históricas em seu nome e sob os auspícios – e a encomenda, no caso da *Memoria histórica* – do governo de Juan Manuel de Rosas. A produção da *Colección de obras y documentos relativos a la historia moderna y antigua de las Provincias del Rio de la Plata*, estudada no primeiro capítulo da tese, aliás, estimulou De Angelis a adquirir e copiar para si uma série de manuscritos; se é provável que o colecionista tenha iniciado o seu acervo pessoal logo que chegou a Buenos Aires, é do período da publicação daquela obra que encontrei a maior parte de registros sobre as suas procuras, compras e negociações de papéis sobre o pretérito platino⁵⁴⁸.

⁵⁴⁸ Pedro de Angelis já possuía documentos quando começou a divulgar a *Colección*, o que me permite imaginar que a conformação de seu conjunto privado de papéis tenha tido início pouco depois de sua chegada na América. Em uma carta de 31 de outubro de 1835, a qual já citei no início da tese, Florencio Varela comentava com Juan María Gutiérrez, ambos bibliófilos e colecionadores de manuscritos, que o italiano estava propondo uma obra e afirmava: “*El Editor puede, en mi sentir, hacer una publicación importantísima porque tiene abundantes materiales, de los que algunos debe a mi necia condescendencia y a mi fácil credulidad*” (De Florencio Varela, Montevideo, a Juan María Gutiérrez, 31-X-1835. In: MOGLIA; GARCÍA. *Archivo Del Doctor Juan María Gutiérrez*. Epistolario. Tomo I, op. cit., p. 190). Não sei a que Varela se referia quando escrevia que De Angelis havia conseguido alguns documentos graças a sua condescendência e fácil credulidade: talvez tenha dado materiais ao italiano ou trocado por algo de menor importância ou valor, emprestado-lhe obras ou manuscritos que nunca foram devolvidos ou que foram copiados, vendido-lhe papéis com preço muito baixo ou tenha lhe facilitado alguma negociação de compra, troca, empréstimo. Fato é que o letrado argentino parecia sentir-se, de alguma forma, incomodado com o fato de Pedro de Angelis estar publicando documentos platinos sob sua autoria em um tipo de trabalho que, até então, era inédito na região.

As correspondências que o italiano trocou com Carlo Zucchi são as principais fontes que tive para compreender um pouco as tramas tecidas para obter e consultar livros, manuscritos e mapas entre 1836 e 1839, e também posteriormente. O engenheiro-arquiteto compatriota de Pedro de Angelis que viveu em Montevideu e no Rio de Janeiro em sua passagem pela América, foi um dos mediadores dos contatos que o erudito estabeleceu naquelas cidades com fins de aumentar, enriquecer (e vender) a sua coleção⁵⁴⁹.

De Angelis escrevia para Zucchi sempre que imaginava que seu amigo poderia ajudar a perseguir documentos ou livros dos quais precisava e/ou sobre os quais havia tido notícia, fosse em algum repositório público montevidense ou carioca⁵⁵⁰, fosse contatando algum particular que possuísse algum escrito ou uma coleção deles, ou mesmo dialogando com livreiros e comerciantes de papéis. Assim, por exemplo, em 1836 o erudito italiano ficava sabendo por José María Reyes, o diretor do Departamento Topográfico uruguaio, que na Biblioteca Pública de Montevideu havia determinado manuscrito; na sequência, pedia para Carlo Zucchi que intermediasse a solicitação de empréstimo do documento:

*Vi prego di riferire al sig. Reyes, che mi è stato assicurato che presso la Biblioteca Pubblica di Montevideo vi è un manoscritto contenente tutti gli articoli pubblicati da don Cosme Bueno in alcuni almanacchi sulle città di questo paese. Se così fosse, mi piacerebbe avere tal manoscritto, per esaminarlo, con l'impegno di restituirlo nelle stesse condizioni in cui mi verrà consegnato. Credo che non ci dovrebbero essere difficoltà a riguardo.*⁵⁵¹

⁵⁴⁹ É possível que Zucchi tenha sido o principal contato de Pedro de Angelis no comércio da história; no entanto, a impossibilidade de estabelecer qual era exatamente a sua rede de relações – dado que tive contato com poucas cartas do erudito com outros interlocutores – me impede de afirmar com convicção tal informação.

⁵⁵⁰ Quando estava no Rio de Janeiro, cidade pela qual teve uma passagem em 1839 e onde passou a residir de forma definitiva a partir de 1843, Carlos Zucchi foi contatado por Pedro de Angelis para que buscasse documentos e livros de que precisava. Uma carta de julho de 1839 demonstra um desses pedidos: “*Vorrei sapere se è possibile ottenere un elenco delle opere manoscritte che si trovano depositate presso la biblioteca pubblica, presso il deposito di guerra, e che vengono citate nel diario pubblicato di recente dal Visconde di San Leopoldo. Sento parlare soltanto dei manoscritti relativi alla geografia e alla storia delle province del Rio Plata, del Paraguay, e soprattutto delle missioni di Moxos e di Chiquitos. Vorrei inoltre sapere se la mappa della provincia di San Pablo è stata incisa e se è possibile averne una copia, pagando, s'intende. Se però la cosa vi dovesse creare dei fastidi, lasciate perdere, dato che comunque posso farne a meno*” (Al sig. don Carlo Zucchi, 23 luglio 1839. In: BADINI, op. cit., p. 143. Tradução minha: “Gostaria de saber se é possível obter uma lista das obras manuscritas que se encontram depositadas na biblioteca pública, no depósito de guerra, e que são citadas no diário publicado recentemente pelo Visconde de São Leopoldo. Ouço falar apenas dos manuscritos relativos à geografia e à história das províncias do Rio da Prata, do Paraguai, e sobretudo das missões de Moxos e de Chiquitos. Gostaria também de saber se o mapa da província de São Paulo foi impresso e se é possível ter uma cópia, pagando, é claro. No entanto, se isso lhe venha criar transtornos, esqueça, já que, de qualquer modo, posso viver sem”).

⁵⁵¹ Al sig. don Carlo Zucchi, 10 settembre 1836. In: BADINI, op. cit., p. 64-65. Tradução minha: “Peço-lhe que transmita ao Sr. Reyes que me foi garantido que na Biblioteca Pública de Montevideu há um manuscrito contendo todos os artigos publicados por Don Cosme Bueno em alguns almanaques sobre as cidades deste país. Se assim for, eu adoraria ter tal manuscrito, para examiná-lo, com o compromisso de devolvê-lo nas mesmas condições nas quais me foi entregue. Creio que não deve haver dificuldade quanto a isso”.

Ainda que Reyes tivesse informado Pedro de Angelis sobre a existência do manuscrito, ele lhe recusava o empréstimo. Segundo o italiano, o responsável pelo Departamento Topográfico da Banda Oriental também lhe negava a existência no arquivo em que trabalhava de alguns documentos sobre a demarcação de limites da região, pois, argumentava, os portugueses os haviam levado embora durante o período da Cisplatina⁵⁵². De Angelis contava para Zucchi que estava prestes a escrever essa informação na *Colección* quando teve notícias de que tais papeis estavam, sim, naquela instituição⁵⁵³. Poucos meses depois do envio destas cartas, ao publicar em sua obra alguns manuscritos sobre o tema referido, o erudito escrevia:

*En poder de algunos existen obras completas sobre la segunda demarcación de límites: algo se conserva en el archivo del Departamento Topográfico de Montevideo: pero todo lo ignora el público, y talvez lo ignorará por mucho tiempo. Muchos pasos hemos dado para obtener estos documentos, todos ellos infructuosos, y si de los trabajos de la primera división demarcadora no podemos presentar más que estos apuntes, no debe imputarse a falta de celo ni de diligencias, sino a las dificultades que hemos encontrado en llenar este vacío.*⁵⁵⁴

Já em 1838, após algum tempo de intervenção de Carlo Zucchi, José María Reyes enviava um certo *diário* para De Angelis publicar, ao que ele agradecia em resposta: “*Vi prego anche di ringraziare da parte mia al sig. Reyes. Mi ha reso veramente un grande servizio, ed anche voi, soprattutto*”⁵⁵⁵. Depois, o erudito encaminhava um material para o diretor do Departamento Topográfico, talvez em troca do que havia recebido⁵⁵⁶; na mesma carta,

⁵⁵² É quando De Angelis compara José María Reyes a José de Arenales, diretor do Departamento Topográfico bonaerense, como mencionei na seção anterior.

⁵⁵³ “*Infatti, quando mi sono rivolto a lui, per avvalermi delle offerte di collaborazione che mi aveva fatto, costui mi ha detto, in modo alquanto prevenuto, che negli archivi del Dipartimento topografico non c’era nulla sulla demarcazione dei confini: che il Portoghese durante il loro soggiorno a Montevideo, aveva portato via tutto, ecc. Stavo per scriverlo nell’introduzione del lavoro da me pubblicato sui confini della Banda orientale, quando ecco che fortunatamente mi giungono notizie di tali documenti, che si trovano nel dipartimento del sig. Reyes; cioè: 1. Todos los planos y el diario de demarcación de límites; 2. El diario y planos hidrográficos desde Martin García hasta la barra del Chuy; 3. Memoria sobre la demarcación de límites del año 30, en tiempo del Marqués de Valdelirios, ecc.*” (A Carlo Zucchi, 15 novembre 1836. In: BADINI, op. cit., p. 66. Tradução minha: “Na verdade, quando me dirigi a ele para valer-me das propostas de colaboração que me fez, ele me disse, de forma um tanto tendenciosa, que nos arquivos do Departamento Topográfico não havia nada sobre a demarcação das fronteiras: que os portugueses, durante a sua permanência em Montevideú, haviam tomado tudo, etc. Estava prestes a escrever isso na introdução do trabalho publicado por mim sobre os limites da Banda Oriental, quando felizmente me chegaram notícias de tais documentos, que estão no departamento do Sr. Reyes; a saber: 1. *Todos los planos y el diario de demarcación de límites*; 2. *El diario y planos hidrográficos desde Martin García hasta la barra del Chuy*; 3. *Memoria sobre la demarcación de límites del año 30, en tiempo del Marqués de Valdelirios*, etc.”)

⁵⁵⁴ DE ANGELIS, Pedro. Proemio a los apuntes sobre la demarcación. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, p. II.

⁵⁵⁵ Al sig. don Carlo Zucchi, 11 dicembre 1837. In: BADINI, op. cit., p. 80. Tradução minha: “Peço-lhe também que agradeça da minha parte o sr. Reyes. Ele me fez realmente um grande serviço, e você também, sobretudo”.

⁵⁵⁶ “*Vi invio la Memoria de Hacienda per il sig. Reyes.*” (Al sig. don Carlo Zucchi, 27 marzo 1837. In: BADINI, op. cit., p. 92. Tradução minha: “Envio-lhe a *Memoria de Hacienda* para o sr. Reyes”).

perguntava para seu correspondente: “*Non potrebbe forse costui comunicarmi l'elenco dei documenti che si trovano attualmente presso il Dipartimento topografico di Montevideo?*”⁵⁵⁷

Ao mesmo tempo em que se interessava pelo que Reyes – e o arquivo de seu escritório público – poderia lhe oferecer, Pedro de Angelis solicitava que Carlo Zucchi interviesse em outras frentes na busca por obras e documentos. Pedia, por exemplo, que seu amigo requeresse um empréstimo ao presidente da Banda Oriental, Manoel Oribe, de alguns livros “*di artes, y vocabolarios, guarani, quéchua y araucanos*”⁵⁵⁸ que estavam na Biblioteca Pública de Montevideú. Afirmava que “*se il generale Oribe potesse essere talmente generoso da prestarmi tali opere, ne avrei la massima cura e gliele restituirei non appena terminata la consultazione*”⁵⁵⁹. De Angelis também pretendia ter em suas mãos os papéis que haviam pertencido ao falecido Bernardo Lecocq Onesy, comandante do Real Corpo de Engenheiros do Vice-Reinado do Rio da Prata e membro de uma das comissões demarcadoras de limites das posses de Espanha e Portugal ocorridas entre 1781 e 1790. Para isso, recomendou que Zucchi conversasse com Silvestre Blanco e com Floro Castellano, já que o primeiro poderia estar com tais documentos e ser convencido pelo segundo de entregar-lhe⁵⁶⁰. Mais tarde, o erudito acabou descobrindo que, na verdade, a documentação do ex-engenheiro real permanecia guardada por seus herdeiros. Já que um deles, Gregorio Lecocq, era Ministro da Fazenda Oribe, De Angelis passou a sugerir ao seu amigo que o presidente uruguaio seria o vínculo que o aproximaria dos manuscritos desejados:

Vi ringrazio infinitamente per tutta la cura che vi state prendendo della mia opera. Per me è molto importante sapere che a Montevideo ci sono in effetti

⁵⁵⁷ Idem. Tradução minha: “Você não poderia eventualmente me informar a lista de documentos que se encontram atualmente no Departamento topográfico de Montevideú?”.

⁵⁵⁸ Al sig. don Carlo Zucchi, 13 febbraio 1837. In: BADINI, op. cit., p. 67. Tradução minha: “de artes, e vocabulários guarani, quéchua e araucanos”.

⁵⁵⁹ Idem. Tradução minha: “Se o general Oribe pudesse ser tão generoso que me emprestasse tais obras, teria o maior cuidado e as devolveria assim que terminasse a consulta”. Lembro, aqui, de algo de que já tratei anteriormente: a percepção que havia na Buenos Aires rosista de que era necessário relacionar-se com os “verdadeiros donos” dos repositórios públicos – seus diretores, os governantes – para acessá-los. Pelo que se pode perceber, em Montevideú havia a mesma situação. É importante lembrar que no momento dessas transações de Pedro de Angelis com José María Reyes e Manuel Oribe, o Estado Oriental ainda era presidido pelo último, que mantinha boas relações com Rosas e os federalistas.

⁵⁶⁰ “*Qualora aveste delle relazioni con don Silvestre Blanco, vi prego di invitarlo a farvi vedere i manoscritti, poiché mi è stato detto che egli ne ha tra le mani alcuni del brigadiere Lecocq. Se ne dovrebbero trovare di molto importanti sui confini e sarebbe un ottimo servizio reso alla geografia, se si riuscisse a pubblicare ciò che merita di esserlo. Se vorrete parlarne, da parte mia, a don Floro, il quale è molto legato a Blanco, sono sicuro che vi aiuterà.*” (Al sig. don Carlo Zucchi, 20 ottobre 1836. In: BADINI, op. cit., p. 65, Tradução minha: “Caso você tenha alguma relação com dom Silvestre Blanco, peça-lhe que o convide para fazer-lhe ver os manuscritos, pois me disseram que ele tem em suas mãos alguns do brigadeiro Lecocq. Se poderia encontrar alguns muito importantes sobre os limites e seria um ótimo serviço prestado à geografia, se se conseguisse publicar aquilo que merece sê-lo. Se quiser falar, de minha parte, com Dom Floro, o qual está muito ligado a Blanco, tenho certeza que ele o ajudará”)

*vecchie mappe sulla topografia del paese; e conto su di voi affinché non vengano ignorate. Ho scritto al generale Oribe, e vi prego di consegnargli la lettera allegata, dopo de averla sigillata. Potreste dirgli che vi ho incaricato di esprimergli tutta la mia riconoscenza per la bontà con la quale sta difendendo il mio lavoro. Egli potrebbe farsi dare dai figli di Lecoq ciò che questi ultimi conservano, o per lo meno mettervi in contatto con loro, affinché possiate esaminare i loro manoscritti.*⁵⁶¹

A negociação com o filho de Bernardo Lecocq se tornou arrastada e, mesmo com a provável intervenção de Manuel Oribe⁵⁶², nunca se concretizou. No entanto, entre 1836 e 1837, Pedro de Angelis adquiriu os documentos que pertenceram a Pedro Antonio Cerviño, outro engenheiro que havia sido membro de uma partida demarcadora dos limites com o Brasil do Vice-Reinado platino em fins do XVIII e que também já não mais vivia. Em uma nota do editor que aparece ao final do quarto fascículo da *Colección de obras y documentos*, o erudito anunciava aos seus leitores ter obtido, através da “*Señora Bárbara Barquín, viuda del señor D. Pedro Cerviño, [...] vários papeles que conserbaba de su docto esposo*”, entre os quais “*dos viajes científicos e inéditos á la frontera de Brasil, y algunos apuntes importantes, de puño y letra del ilustre viagero español D. Félix Azara*”⁵⁶³. Ele encerrava a nota afirmando que ditos documentos estavam destinados “*á hacer parte de la presente colección*”⁵⁶⁴. De fato, alguns fascículos depois, o “*Diario de la navegación y reconocimiento del río Tebicuarí*” de Azara foi publicado, material que, segundo De Angelis apontava novamente, estava antes em posse de Bárbara Barquin Cerviño⁵⁶⁵. Naquele mesmo período, o italiano ainda logrou ter para si, segundo ele, “*un deposito di vecchie carte che nessuno conosceva e che ho avuto la fortuna, o forse la sfortuna di dissotterrare visto che il tutto mi è stato venduto a peso d'oro*”⁵⁶⁶. Ele

⁵⁶¹ Al sig. don Carlo Zucchi, 13 febbraio 1837. In: BADINI, op. cit., p. 67. Tradução minha: “Agradeço-lhe infinitamente por todo o zelo que você está tendo com minha obra. Para mim é muito importante saber que em Montevideú existem de fato mapas antigos sobre a topografia do país; e eu conto com você para que eles não acabem ignorados. Escrevi ao general Oribe, e peço-lhe que lhe entregue a carta anexada, depois de tê-la selado. Você poderia dizer-lhe que eu o encarreguei de expressar toda minha gratidão pela bondade com que ele está defendendo o meu trabalho. Ele poderia obter dos filhos de Lecoq o que esses últimos conservam, ou, pelo menos, colocá-los em contato para que você possa examinar seus manuscritos”.

⁵⁶² Ao que parece, Pedro de Angelis escreveu a Oribe mais de uma vez pedindo a sua ajuda para alcançar os documentos de Lecocq: “*Per mettere fine anche ala faccenda di Lecoq ho scritto al sig. Oribe, per invitarlo a parlargli e a convincerlo affinché invii qui I documenti nello stato in cui si trovano, in modo da vedere di che cosa se tratta*” (Al sig. don Carlo Zucchi, 20 agosto 1837. In: BADINI, op. cit., p. 74. Tradução minha: “Para pôr fim à questão de Lecoq, escrevi ao Sr. Oribe para convidá-lo a falar com ele e a convencê-lo a enviar aqui os documentos no estado em que estão, para que possa ver do que se trata”).

⁵⁶³ BECÚ; TORRE REVELLO, op. cit., p.77.

⁵⁶⁴ Idem

⁵⁶⁵ DE ANGELIS, Pedro. Discurso preliminar a la Descripción del Tebicuarí. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, p. IV.

⁵⁶⁶ Al sig. don Carlo Zucchi, 13 febbraio 1837. In: BADINI, op. cit., p. 67. Tradução minha: “um depósito de papeis antigos que ninguém conhecia e que tive a sorte, ou talvez o azar, de desenterrar, visto que tudo me foi vendido a peso de ouro”.

contava para Carlo Zucchi que, assim, “*l'esito della mia opera è assicurato, visto che completerò la serie dei viaggi a sud di Buenos Aires senza tralasciare il diario di Villamarino al Rio Negro, che il sig. Parish ha portato in Inghilterra e che costui non ha voluto fornire nemmeno in copia, su richiesta del sig. Rosas*”⁵⁶⁷.

Em 1842, Pedro de Angelis escrevia ao seu compatriota sobre alguns dos documentos que tinha em sua coleção e como os havia conseguido. Um deles era o “*Diario de la segunda Partida de demarcacion de limites entre los dominios de España y Portugal en la America Meridional por el Comisario de ella el Teniente de Navio de la Real Armada don Diego Alvear y Escalera*” que havia sido publicado, segundo Teodoro Becú e José Torre Revello, no sétimo tomo da *Colección*⁵⁶⁸. Tendo em vista que, conforme afirmei no primeiro capítulo e acredito ter evidenciado ao leitor nos parágrafos anteriores, o italiano editava as fontes históricas conforme ia tendo acesso aos papéis, pode-se supor que ele havia alcançado esse *Diario* entre 1837 e 1839, anos nos quais os últimos volumes da sua principal obra foram lançados. Na correspondência, De Angelis não deixou claro para Zucchi, no entanto, através de quem ele o tinha obtido. Apesar disso, o colecionador relatava ao seu amigo que aquele manuscrito tinha uma história intrincada.

Diego de Alvear y Escalera era chefe da segunda divisão de demarcação dos limites do Império hispânico ordenada pelo vice-rei do Prata, da qual foi membro o engenheiro coronel José María Cabrer. Conforme Pedro de Angelis, “*quando Alvear si ritirò in Spagna, Cabrer continuò ad essere il depositario di tutti i documenti*”⁵⁶⁹ da expedição, inclusive “*la brutta copia della relazione che aveva scritto sulla parte di demarcazione di cui era stato incaricato*”⁵⁷⁰. Alvear morreu em 1830 sem jamais reclamar tais documentos, mas “*Cabrer credendo che non esistessero altre copie, si impossessò dell'opera, la ricopiò su una bellissima carta con dei grandi bordi, vi aggiunse le mappe che avevano a che fare con essa e dichiarò di esserne lui l'autore*”⁵⁷¹. Ainda segundo De Angelis, José María Cabrer não teria deixado ninguém ver os manuscritos que possuía enquanto viveu – nem o rascunho do relato que a comissão havia

⁵⁶⁷ Idem. Tradução minha: “A conclusão da minha obra está assegurada, uma vez que completarei a série das viagens ao sul de Buenos Aires sem negligenciar o diário de Villamarino ao Rio Negro, que o Sr. [Woodbine] Parish levou para a Inglaterra e o qual não queria fornecer sequer em cópia, a pedido do Sr. Rosas”.

⁵⁶⁸ Sobre isso, ver nota de rodapé 249 deste trabalho.

⁵⁶⁹ Al signor don Carlo Zucchi, 7 luglio 1842. In: BADINI, op. cit., p. 210. Tradução minha: “quando Alvear se retirou para a Espanha, Cabrer continuou a ser o depositário de todos os documentos”.

⁵⁷⁰ Idem. Tradução minha: “o rascunho do relatório que havia escrito sobre a parte da demarcação da qual havia sido encarregado”.

⁵⁷¹ Idem. Tradução minha: “Cabrer, acreditando que não existessem outras cópias, se apoderou da obra, copiou-a em um belíssimo papel com grandes bordas, adicionou-lhe os mapas que tinham a ver com a mesma e declarou ser ele o autor”.

realizado, nem os mapas, nem as cópias daqueles materiais que ele mesmo fizera em “belíssimo papel com grandes bordas” se apresentando como seu autor; o que Cabrer não sabia, no entanto, é que “*sfortunamente, Alvear aveva lasciato anche una bella copia del suo diario, che poi è quella che è stata usata per fare la mia, che somiglia molto a quella di Cabrer, senza una parola di più né di meno*”⁵⁷². Existiam, portanto, afirmava o italiano, pelo menos três cópias manuscritas do mesmo *Diario*: o rascunho que ficara em mãos de José María Cabrer, a cópia que ele fez e deixou sob sua autoria e a cópia que Diego de Alvear realizou em seu nome sem que o outro soubesse.

Dois dos manuscritos acabaram na coleção privada de Pedro de Angelis. Aquele que seria o de Alvear, ou uma cópia dele, ele detinha desde a época da *Colección*, já que o publicou nela; o erudito destacava que essa versão do relato tinha todos os mapas e “*anche il merito di essere originali*”⁵⁷³, procurando conferir maior importância e valor ao documento. O outro, provavelmente foi comprado da viúva de Cabrer em uma das várias transações comerciais realizadas entre os dois. Conforme De Angelis escreveu para Carlos Zucchi, após a morte do engenheiro em 1836, Casimira Ximénez de Cabrer precisou vender os documentos que até então haviam sido bem guardados pelo seu marido. O erudito, então, teria se oferecido para comprar a cópia do *Diario*, mas “*siccome il prezzo di quel diario era troppo alto*”⁵⁷⁴, ele havia se contentado em comprar “*il resto*” dos papéis⁵⁷⁵ e dito “*alla vedova di cercare qualche altro acquirente*” para aquele manuscrito, como o inglês Woodbine Parish⁵⁷⁶. Em julho de 1842, data em que De Angelis enviava a carta sobre esse assunto para Zucchi, ele afirmava que a viúva de Cabrer ainda tinha o *Diário* consigo⁵⁷⁷. Depois disso, no entanto, o napolitano continuou fazendo negócios com ela. Em um dos *legajos* do *Fondo Pedro de Angelis* do *Archivo General de la Nación* de Buenos Aires, há um conjunto de correspondências datadas em 1843 e enviadas

⁵⁷² Idem. Tradução minha: “infelizmente, Alvear também havia deixado uma cópia passada a limpo de seu diário, que é aquela que foi usada para fazer a minha, que parece muito com a de Cabrer, sem uma palavra nem a mais ou nem a menos”.

⁵⁷³ Idem. Tradução minha: “também o mérito de ser original”.

⁵⁷⁴ Al signor don Carlo Zucchi, 7 luglio 1842. In: BADINI, op. cit., p. 210. Tradução minha: “já que o preço daquele diário era muito alto”.

⁵⁷⁵ Idem. Tradução minha: “o resto” dos papéis. O “*Reconocimiento del río Pepirí-Guazú, por D. José María Cabrer, coronel de ingenieros, segundo comisario y geógrafo de la segunda partida demarcadora*”, editado por Pedro de Angelis em um fascículo da *Colección* que foi a público em 1837 provavelmente fazia parte dos papéis que ele havia comprado nestes primeiros contatos com a viúva de Cabrer após a morte do engenheiro.

⁵⁷⁶ Idem. Tradução minha: “para a viúva procurar algum outro comprador”.

⁵⁷⁷ Há uma anotação de letra do erudito no legajo “*Archivo Pedro de Angelis*” do AGN, em folha avulsa e sem data, que diz: “*Cabrer. Diario de la última demarcación de límites, entre los estados de las Coronas de España y de Portugal en la América Meridional. en 4 vol. in fol., con muchos planos y mapas, en poder de la viuda*” (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Fondo Pedro de Angelis*. Sala VII. Legajo 98).

por Casimira de Cabrer à personagem que demonstram a existência de tais trâmites. Na missiva datada em 20 de julho, a herdeira de José María Cabrer pedia que De Angelis interviesse para que ela recebesse a parte que lhe cabia nas negociações de alguns manuscritos que pertenceram ao seu marido e que o erudito havia comprado por um intermediador, a quem a viúva se referia como “*Sr. Fischer*”⁵⁷⁸. A partir daí, De Angelis passou a negociar documentos diretamente com Casimira, que se mostrava disposta a vender seus materiais, provavelmente motivada pelas dificuldades e enfermidades pelas quais relatava estar passando. Assim, a viúva avisava em missiva de 22 de julho que enviava ao italiano mapas confeccionados por Cabrer⁵⁷⁹, e apenas quatro dias depois, remetia nova correspondência para De Angelis agradecendo-lhe o envio de 600 pesos (“*el precio que V. ha puesto es el más justo*”, enfatiza ela) referentes ao pagamento de um “*cuaderno*” pertencente ao seu esposo⁵⁸⁰.

Para Carlo Zucchi, Pedro de Angelis confidenciava que os documentos reunidos em sua coleção “*mi sono costati 15 anni di ricerche, e di spese considerevoli*”⁵⁸¹. Dizia, ainda, que além dos documentos de Cerviño, Alvear e Cabrer, havia adquirido “*la collezione del colonnello Cabrera, che aveva già ereditato quella dell’ingegner Mosquera, e quella del brigadiere don Custodio y Faria, che ha lavorato alle due demarcazioni*”⁵⁸² e que “*a tutto questo ho aggiunto poi tutto quello che mi è capitato per le mani, senza alcun risparmio né di danaro né di energie*”⁵⁸³. O argumento sobre os gastos (e a energia) dedicados à formação de seu acervo pessoal eram usados por De Angelis não só quando queria exaltar o valor monetário do conjunto, mas também quando ele precisava defender-se das acusações de que havia roubado os manuscritos e as obras que guardava em sua biblioteca. No número 5.942 do jornal *La Gaceta Mercantil*, editado em 19 de julho de 1843, o italiano se defendia de um artigo escrito por Rivera Indarte no jornal *El Nacional* de Montevideo alguns dias antes. Enquanto o romântico lhe imputava o furto de papéis de repositórios públicos e de outros colecionadores, Pedro de Angelis afirmava:

⁵⁷⁸ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Fondo Pedro de Angelis. Sala VII. Carta de Casimira Ximénez de Cabrer a Pedro de Angelis, 20 de Julio de 1843.

⁵⁷⁹ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Fondo Pedro de Angelis. Sala VII. Carta de Casimira Ximénez de Cabrer a Pedro de Angelis, 22 de Julio de 1843.

⁵⁸⁰ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Fondo Pedro de Angelis. Sala VII. Carta de Casimira Ximénez de Cabrer a Pedro de Angelis, 26 de Julio de 1843.

⁵⁸¹ A Carlo Zucchi, 15 agosto 1842. In: BADINI, op. cit., p. 216. Tradução minha: “me custaram 15 anos de pesquisa e despesas consideráveis”.

⁵⁸² Idem. Tradução minha: “a coleção do coronel Cabrera, que já a havia herdado do engenheiro Mosquera, e a do brigadeiro don Custodio y Faria, que trabalhou nas duas demarcações”.

⁵⁸³ Idem. Tradução minha: “a tudo isso acrescentei tudo o que me caiu em mãos, sem economia de dinheiro ou de energia”.

Hay muchos pocos en Buenos Aires que ignoran que yo he gastado sumas ingentes para formar mis colecciones. Tengo cuentas y recibos de mis libreros de Londres y París, que importan lo que me hubiera alcanzado a poblar una estancia. Lo que tengo he adquirido con mi dinero, sin pararme en gastos. [...] Compré y no robé los de las viudas de Cerviño, y Cnel. Cabrer, los primeros por medio de Segurola; los segundos se los vendió el Sr. Fisher.⁵⁸⁴

Já no *Archivo Americano* de número 7, publicado em 30 de setembro de 1843, o erudito, escrevendo na terceira pessoa, ironizava a denúncia de Indarte utilizando passagens de sua história de vida e, mais uma vez, defendia a legitimidade da obtenção da coleção que guardava em casa (não só de documentos e obras, mas de medalhas antigas):

El Editor del Archivo fue ayo de los hijos del Rey Murat, ergo robó las alhajas de la Reina: tiene papeles, ergo los ha robado a los Archivos públicos: ¡tiene medallas, ergo las ha sustraído del Museo! Por este estilo podría declarar mal habido todo cuanto existe en nuestra casa en que, gracias a Dios, nada ha entrado que no haya sido adquirido legítimamente. Sobre documentos hemos dicho lo suficiente para manifestar su origen.⁵⁸⁵

Como afirmei no capítulo 2 quando trabalhei a relação de Pedro de Angelis com o acervo do *Archivo General de la Provincia de Buenos Aires*, é difícil confirmar ou refutar a hipótese de que ele foi um ladrão de documentos e livros. Tem-se a sua palavra contra a de seus denunciantes. No entanto, imagino que seja possível, por exemplo, que algumas obras que ele tomou por empréstimo de bibliotecas e de acervo estatais e pessoais nunca tenham sido devolvidas. Ressalto – não para relativizar possíveis ações desleais da personagem que estudo, mas para observar uma prática que poderia ser corrente – que existem acusações sobre formas ilegítimas de apropriação de papéis antigos contra outros colecionadores no Prata do mesmo período, algumas tecidas pelo próprio De Angelis⁵⁸⁶.

⁵⁸⁴ LA GACETA MERCANTIL. Buenos Aires, n. 5.942, 19 de julio de 1843.

⁵⁸⁵ ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Primera reimpression del texto español conforme la edición original. Volume 1: 1843-44. Buenos Aires: Editorial Americana, 1946, p. 75.

⁵⁸⁶ Em uma das missivas que enviou para Carlo Zucchi, De Angelis dizia que “*il mio caro tocayo Agrelo*” – que, suponho, seja Pedro José Agrelo – havia pegado emprestado um conjunto seu de documentos relativos “*alle invasioni degli inglesi*”, mas que alguns papéis estavam faltando na devolução (Al signor don Carlo Zucchi, 20 marzo 1839. In: BADINI, op. cit., p. 129. Traduções minhas: “o meu *tocayo* Agrelo”; “à invasão dos ingleses”. “*Tocayo*” está grafado em espanhol no original). Em uma espécie de desabafo, acusava a má conduta de “*quel diavolo di A.*”, que seria um “*imbroglione*”: “*Lo conosco da tempo e non ho nessuna scusa per essermi lasciato ingannare da lui. Si è messo in testa di completare la sua raccolta a spese della mia; e non so come potrò fare per recuperare i miei documenti. Sarà ancora più difficile che recuperare i libri dalle mani degli agenti: dato che tale dottore è infinitamente più sfacciato. Ad ogni modo, cercate di vedere se riuscite a metter gli il coltello alla gola. Quello che gli propongo non presenta alcun rischio, dato che mi limiterei a prendere quello che è mio, per sua stessa ammissione, ed in presenza di suo figlio, o della persona che vorrà nominare. Che gran canaglia!*” (A Carlo Zucchi, 17 aprile 1839. In: BADINI, op. cit., p. 132. Traduções minhas: “daquele diabo do A.; “impostor”; “Conheço-o há tempo e não tenho nenhuma desculpa por ter me deixado enganar por ele. Ele pôs na cabeça completar sua coleção às custas da minha; e não sei como poderei fazer para recuperar meus documentos. Será ainda mais difícil do que recuperar os livros das mãos dos agentes, dado que este doutor é infinitamente mais

Apesar da polêmica em que a formação da sua coleção ficou envolta, é incontestável que o “comércio da história” do qual o italiano participava está documentado. Além das relações estabelecidas para troca e compra já referidas, há nas correspondências entre Pedro de Angelis e Carlo Zucchi uma série de menções a livreiros com os quais o erudito manteve contato e para quem recorrentemente fez encomendas de obras editadas na América ou na Europa. Em Montevideú, Hernández⁵⁸⁷ era solicitado para conseguir desde livros extremamente raros – “*fatemi il piacere di sollecitare Hernandez a mandarmi le grammatiche latine di Nebrija*”⁵⁸⁸ – até jornais e panfletos publicados na cidade – “*vorrei sapere con certezza se Hernandez si sta occupando della raccolta di tutti i giornali e dei pamphlet che vengono stampati a Montevideo*”⁵⁸⁹. Havia ainda o sempre citado e comemorado “*mio librario di Londra*”⁵⁹⁰ que

descarado. Em qualquer caso, tente ver se consegue colocar-lhe a faca no pescoço. O que proponho a ele não apresenta nenhum risco, já que apenas gostaria de pegar o que é meu por sua própria admissão, e na presença de seu filho ou da pessoa que ele desejar nomear. Que grande canalha!”). Em meio ao mesmo grupo de correspondências, há uma em que Pedro de Angelis relatava estar auxiliando a viúva de Pedro Cerviño a recuperar um mapa que ela havia negociado com Don Rufino Basabiluaso, mas pelo qual nunca havia recebido nenhum valor; o erudito afirmava, então, que “*tutto questa storia mi fa sospettare un imbroglio*” (A Carlo Zucchi, 6 maggio 1837. In: BADINI, op. cit., p. 69. Tradução minha: “toda essa história me faz suspeitar de uma fraude”). Segundo o erudito, quando conseguiu que a Senhora Cerviño tivesse o documento reclamado de volta, ele teria percebido que o suposto comprador o havia copiado sem a autorização da proprietária; além disso, ao fazer a cópia, segundo o italiano, o tal adquirente haveria estragado o original: “*La povera signora Cerviño è impallidita quando ha vista in che stato gli è stata restituita la sua mappa. Non solo se ne sono serviti, ma l'hanno anche ricalcata, il che è un abuso di fiducia inspiegabile da parte di un uomo tanto illuminato, quale sembra essere il sig. Anaya. Costui doveva sapere che tale oggetto doveva essere venduto; che il suo merito principale era quello di essere un'opera inedita del defunto sig. Cerviño, e che gli si sarebbe tolto questo merito, consegnandola a chi ne avrebbe potuto approfittare. Oltre a questo, la mappa è rientrata nelle mani della sua proprietaria in uno stato pietoso: è macchiata, mezza cancellata, scolorita, e chissà cos'altro...! L'hanno trattata peggio di un fazzoletto prestato ad una persona affetta da cimurro.*” (A Carlo Zucchi, 21 luglio 1837. In: BADINI, op. cit., p. 72. Tradução minha: “A pobre senhora Cerviño ficou pálida quando viu em que estado o que seu mapa lhe foi restituído. Não só eles o usaram, mas também o decalcaram, o que constitui um abuso de confiança inexplicável por parte de um homem tão esclarecido, como parece ser o Sr. Anaya. Ele deveria saber que tal objeto deveria ser vendido; que seu principal mérito era ser um trabalho inédito do falecido Sr. Cerviño, e que ele iria tirar todo esse mérito entregando-o a quem poderia tirar proveito disso. Além disso, o mapa regressou às mãos de sua proprietária em um estado lamentável: está manchado, meio apagado, desbotado e sabe-se lá o que mais...! Eles o trataram pior do que um a lenço emprestado a uma pessoa com peste”). Suellen Mayara Peres de Oliveira afirmou em sua dissertação, “A querela de Clio”, que algumas aquisições de documentos realizadas pelo Instituto Histórico e Geográfico Nacional de Montevideú – fundado em 1843 pelos opositores de Rosas e Oribe – foram “realizadas de maneira conturbada”; segundo a historiadora, o presidente da entidade, Andrés Lamas, “mandava seus agentes realizar pesquisas utilizando sua função pública para coagir as famílias mais antigas de Montevideú a disponibilizarem seus papéis para consulta e realização de cópia” e, muitas vezes, os documentos extraídos das casas eram extraviados – ou seja, não devolvidos (OLIVEIRA, *A querela de Clio*, op. cit., pp. 70-71).

⁵⁸⁷ Jaime Hernandez era um livreiro conhecido de Montevideú. Ele era o responsável por vender a *Colección de obras y documentos* naquela cidade, como se pode verificar no capítulo anterior.

⁵⁸⁸ A Carlo Zucchi, 20 dicembre 1838. In: BADINI, op. cit., p. 116. Tradução minha: “Faça-me o prazer de solicitar para Hernandez me mandar a gramática latina de Nebrija”.

⁵⁸⁹ Al sig. don Carlo Zucchi, 22 nov. 1839. In: BADINI, op. cit., p. 150. Tradução minha: “Gostaria de saber com certeza se Hernandez está se ocupando da coleta de todos os jornais e panfletos que são impressos em Montevideú”.

⁵⁹⁰ A Carlo Zucchi, 21 dicembre 1842. In: BADINI, op. cit., p. 231. Tradução minha: “meu livreiro de Londres”.

até durante os tempos de bloqueio do porto de Buenos Aires enviou para a cidade portenha obras arrematadas por De Angelis⁵⁹¹.

O colecionismo foi uma das formas que Pedro de Angelis encontrou de adentrar às redes de letrados que se constituíam na América e na Europa e de manter relações com instituições de guarda e de produção de conhecimento e sujeitos que, como ele, buscavam por documentos e se preocupavam em montar seus próprios acervos. Nesse sentido, por exemplo, o erudito escrevia para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro tanto para doar as obras que publicava quanto para solicitar as revistas que a associação editava e que ele colecionava⁵⁹². O inglês Woodbine Parish, membro da *Royal Geographical Society* de Londres que era um colecionador de manuscritos americanos desde que atuou como diplomata em Buenos Aires na década de 1820, também recebia e enviava materiais para De Angelis, como demonstram algumas cartas remetida por ele ao italiano depositadas no *Archivo General de la Nación*⁵⁹³. Saturnino Segurola, um sacerdote que havia sido diretor da Biblioteca Pública e que teve uma das principais coleções privadas que existiram no Prata durante primeira metade do século XIX, havia lhe “*franqueado*”, como o próprio Pedro de Angelis escreveu⁵⁹⁴, diversos manuscritos de

⁵⁹¹ O seu livreiro de Londres era John Russell Smith. Segundo Sabor e Crespo, o inglês era o maior fornecedor de Pedro de Angelis (SABOR, op. cit., p. 162; CRESPO, op. cit., p. 303). Como afirmei, mesmo durante o bloqueio francês, Smith enviava livros que o italiano lhe encomendava desde Buenos Aires. As correspondências nas quais De Angelis relata a Carlo Zucchi que um baú de livros remetido pela Casa Dickson está preso em uma embarcação que não pôde atracar na cidade portenha, revelam a apreensão e a impaciência do colecionador diante da possibilidade de perder uma aquisição. Os escritos incluem maledicência aos franceses – “*Al diavolo gli agenti della Francia! [...] Io detestavo gli inglesi alla fine sono proprio loro a trattarmi molto meglio dei miei vecchi amici, i Francesi! Dovrei perdere dunque i miei libri [...]!*” (A Carlo Zucchi, 2 febbraio 1839. In: BADINI, op. cit., p. 122. Tradução minha: “Ao diabo os agentes da França! [...] Eu detestava os ingleses e no fim são eles a tratar-me muito melhor do que meus velhos amigos, os franceses! Deverei perder todos os meus livros”) – e inconformidade com o ocorrido – “*Il fatto di essere francese, ammiraglio e console non cambia affatto la sostanza delle cose: si tratta di un furto a mano armata, come quelli commessi dai ladri di strada*” (A Carlo Zucchi, 16 febbraio 1839. In: BADINI, op. cit., p. 123. Tradução minha: “O fato de serem franceses, almirante e cônsul, não muda a essência das coisas: se trata de um assalto à mão armada, como aqueles cometidos por ladrões de estrada”).

⁵⁹² OLIVEIRA, *A querela de Clio na região do Prata e do Brasil*, op. cit., p. 86.

⁵⁹³ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Fondo Pedro de Angelis. Sala VII. Legajo 98. Cartas de Woodbine Parish a Pedro de Angelis.

⁵⁹⁴ Na *Colección de obras y documentos*, os textos introdutórios preparados por De Angelis para os documentos que faziam parte do acervo de Segurola sempre tinham uma homenagem ao colecionador: “*Todos estos documentos nos han sido franqueados por el Señor Canónigo, Dr. D. Saturnino Segurola, à cuya generosidad debemos también la Descripción de las Misiones de Tarija que encabeza el presente volumen*” (DE ANGELIS, Pedro. Discurso Preliminar a las Expediciones a los Campos del Sud. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, pp. II); “*Los documentos de que nos hemos valido, nos han sido franqueados, con su acostumbrada liberalidad, por el Sr. Canónigo Dr. D. Saturnino Segurola*” (DE ANGELIS, Pedro. Discurso Preliminar a la Argentina de Barco Centenera. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, pp. VII); “*Quisiéramos hallar expresiones bastantes para manifestar públicamente nuestra gratitud á este benemérito Argentino, no solo por la amistad con que nos honra, sino por la generosa condescendencia con que ha puesto á nuestra disposición las riquezas literarias que se hallan reunidas em su selecta biblioteca. No hay obra, no hay documento, por más raro y reservado que sea, que no se complazca de franquearnos para fomentar nuestra empresa*” (DE ANGELIS, Pedro. Discurso Preliminar del Editor. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de*

“*su selecta biblioteca*”⁵⁹⁵, assim como também fizeram outros donos de documentos que viviam na cidade, como José Joaquín Araújo. Muito dos papéis cedidos por esses homens foram utilizados na *Colección de obras y documentos*, mas também acabaram por fazer parte do acervo particular do editor daquela obra. Ele os teria copiado, conforme relatava.

“*Por muchos años*”, escrevia Pedro de Angelis em um dos artigos da querela com Rivera Indarte, “*he tenido dos y tres amanuenses para sacar copias de los documentos que ahora forman parte de mi Colección; y esto no lo hacen los que roban*”⁵⁹⁶. O dinheiro que empregou na reprodução de manuscritos que pertenciam a outros colecionadores também é ressaltado pelo erudito em carta para Zucchi: “*I documenti più importanti della raccolta di Segurola, di quella di Araujo, ecc, li ho fatti copiare [...]. Ho speso delle somme notevoli già solo per fare le copie*”⁵⁹⁷. Apesar de ressaltar que as cópias “*non costituiscono comunque la parte più preziosa della mia collezione*”⁵⁹⁸, elas eram mencionadas entre os materiais que ele possuía em sua biblioteca e foram incluídas em seu catálogo.

É preciso pensar que uma reprodução feita a mão, ainda mais sendo bem realizada por um copista profissional, guardava o caráter de veracidade e exclusividade comumente relacionado aos manuscritos quando comparados aos impressos⁵⁹⁹, ainda mais se ela fosse produzida a partir de um documento original que era único ou cujas (outras) cópias eram escassas. Se se imagina que alguns papéis poderiam ser difíceis (ou impossíveis) de obter e manter para si, pode-se considerar que os escritos copiados permitiam que De Angelis mantivesse a sua coleção o mais completa e, portanto, valorosa possível. E já que alguns manuscritos eram raros, também seus conteúdos eram praticamente desconhecidos: lembro que, por exemplo, os documentos publicados por Pedro de Angelis na *Colección* eram até então majoritariamente inéditos, ou seja, nunca haviam sido editados de forma impressa ou lidos por um público maior⁶⁰⁰.

obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, p. V).

⁵⁹⁵ DE ANGELIS, Pedro. Discurso Preliminar del Editor. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, p. V

⁵⁹⁶ LA GACETA MERCANTIL. Buenos Aires, n. 5.942, 19 de julio de 1843. Destaco que “*esto no lo hacen los que roban*” é uma lógica argumentativa construída por Pedro de Angelis para defender-se; o fato de contratar amanuenses para copiar documentos não o isenta da possibilidade de ter subtraído manuscritos de seus donos.

⁵⁹⁷ A Carlo Zucchi, 15 agosto 1842. In: BADINI, op. cit., p. 216. Tradução minha: “Os documentos mais importantes da coleção de Segurola, da de Araújo, etc, mandei-os copiar [...]. Já gastei somas consideráveis só para fazer cópias”.

⁵⁹⁸ Idem. Tradução minha: “não constituem, contudo, a parte mais preciosa da minha coleção”.

⁵⁹⁹ BOUZA, *Corre Manuscrito*, op. cit., p. 59.

⁶⁰⁰ Há que se pensar que boa parte dos documentos publicados na *Colección* e que integravam o acervo de De Angelis eram oriundos da administração colonial e das ordens religiosas, e que poucas cópias manuscritas eram

3. 2. O catálogo da *Colección formada por Pedro de Angelis*

Enquanto o erudito buscava por impressos e manuscritos, ele foi construindo não só uma coleção de materiais palpáveis, mas uma “biblioteca sem paredes”⁶⁰¹, uma espécie de inventário de escritos sobre a pré-história, a história, a geografia e as línguas das populações indígenas do nosso continente e, em especial, do espaço platino. Ocorre que Pedro de Angelis anotava toda a notícia que ia obtendo – fosse por conversas, correspondências, visitas em repositórios públicos e coleções privadas, leituras ou pesquisas – sobre a existência de um jornal ou um folheto impresso, de uma obra editada, de um artigo, de um capítulo de livro ou de um documento produzido sobre o sul da América⁶⁰². Provavelmente, ele fez isso regularmente durante toda a sua vida americana⁶⁰³.

Dessa forma, o italiano acabou por conformar a “*Bibliografía del Río de la Plata*”, um manuscrito com 565 fólios dividido em oito cadernos⁶⁰⁴. Tratava-se de um índice no qual De Angelis elencava os escritos que sabia que haviam sido produzidos acerca da região, mesmo que não os detivesse ou nunca os tivesse visto em sua materialidade, organizado (ou desorganizado, já que o erudito não seguiu um único critério para a listagem) ora em relação alfabética (por autor ou por título), ora por tipo de material (*Publicaciones periódicas*, por exemplo), ora por temática (como *Viajeros*, *Islas Malvinas*, *Misiones jesuítas...*). É provável que a desordem predominante da lista se deveu ao fato de o erudito manter a *Bibliografía* em constante construção e atualização, conforme os escritos a serem registrados iam sendo por ele “descobertos”; assim, o item *Viajeros* poderia aparecer mais de uma vez, bem como um relato

feitas de cada um dos papeis. Eles, afinal, não eram produzidos com a intenção de que fossem impressos e conhecidos, mas para que circulassem de maneira restrita ou para que ficassem nos gabinetes e nos repositórios para o uso e para a guarda da memória dos governantes e dos religiosos. É o desejo de não-circulação relacionado ao manuscrito de que trata Fenando Bouza (BOUZA, *Corre Manuscrito*, op. cit., pp. 18-20).

⁶⁰¹ CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial de São Paulo, 1999, p. 117.

⁶⁰² Por exemplo, como quando Pedro de Angelis anotou quais eram os documentos existentes no arquivo do Departamento Topográfico de Buenos Aires na visita que, vimos anteriormente, fez em 1848; como quando, também já mencionei, pediu as listas de papeis do Departamento Topográfico de Montevidéu em 1837 – aliás, em 1841, Zucchi foi trabalhar naquele escritório e o erudito pedia (mais uma vez): “*lavorando al Dipartimento topografico, non potreste farmi dare un elenco dei manoscritti e delle mappe in esso conservati?*” (A Carlo Zucchi, 13 febbraio 1841. In: BADINI, op. cit., p. 176. Tradução minha: Trabalhando no Departamento Topografico, não poderia dar-me a lista dos manuscritos e dos mapas nele conservados?”); e quando, depois de não ter conseguido comprar a coleção de Lecocq, implorava que “*mi bastava avere un elenco de dei manoscritti e dei progetti in suo possesso*”, era porque todas as informações recolhidas serviriam “*per la Bibliografia generale del Rio della Plata, che sto redigendo ora*” (A Carlo Zucchi, 19 marzo 1841. In: BADINI, op. cit., p. 177. Traduções minhas: “me bastava ter uma lista dos manuscritos e dos projetos em sua posse”; “para a *Bibliografía general del Río de la Plata* que estou redigindo agora”).

⁶⁰³ SABOR, op. cit., p. 236.

⁶⁰⁴ A *Bibliografía del Río de la Plata* está guardada entre alguns dos papeis pessoais do erudito depositados no *Fondo Pedro de Angelis* do *Archivo General de la Nación*. Ver Anexo 31.

de viajante estar relacionado junto a um escrito de outra temática, ou uma mesma obra aparecer duplicada. As informações bibliográficas anotadas, no entanto, eram as mais completas possíveis, aparecendo autor, título, cidade e ano da edição e número de volumes. Muitas vezes havia, ainda, notas explicativas, como as indicações onde os escritos podiam ser encontrados. Apesar do esforço de Pedro de Angelis em tentar inventariar todo o conhecimento produzido sobre a região do Rio da Prata, ele nunca chegou a publicar a sua *Bibliografía*, talvez por nunca a ter entendido como suficientemente pronta para tanto – imagino que ele a manteve sob a forma manuscrita até o final da vida justamente por não a considerar, ainda, finalizada, como ocorrera com outras produções que permaneceram exemplares realizados a mão mesmo em tempos de imprensa⁶⁰⁵. De qualquer maneira, o erudito deveria usar o escrito para orientar os seus próprios estudos e o seu trabalho de antiquário.

Diferentemente da *Bibliografía del Río de la Plata*, o catálogo produzido pelo italiano para a sua coleção pessoal ganhou um ordenamento mais claro e uma edição impressa. Intitulado “*Colección de obras impresas y manuscritas que tratan principalmente del Río de la Plata, formada por Pedro de Angelis*” (ver Anexo 32)⁶⁰⁶, ele foi impresso em 1853 e continha relacionados todos, ou quase todos, os papeis que o erudito possuía e que havia coletado ao longo de sua estadia em terras americanas. Foi dividido em duas categorias principais, *Obras Impresas* e *Manuscritos*, e ainda continha um *Apéndice* listando escritos relacionados aos estudos de línguas nativas americanas⁶⁰⁷. As referências sobre os escritos foram, ali, listadas em ordem alfabética ou cronológica; contemplam autor (quando há), título, lugar e ano de edição, número de volumes que cada uma das obras comporta, se eram encadernados (alguns estavam “*en pasta*”, o que lhes conferia maior valor) e, no caso dos manuscritos, se eram originais ou autógrafos (De Angelis não deixou manifesto quando se tratava de uma cópia, mas, implicitamente, o campo ficava em branco). A primeira categoria de papeis, *Obras Impresas*, foi separada pelo erudito em duas seções, ficando assim organizada:

▪ *Sección primera*

⁶⁰⁵ JACOB, op. cit., p. 11.

⁶⁰⁶ O catálogo pode ser visualizado na Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/coleccion-de-obras-impresas-y-manuscritas-que-tratan-principalmente-del-rio-de-la-plata--0/html/>>. Acesso em: 10 set. 2017.

⁶⁰⁷ O apêndice contendo as obras de línguas indígenas não foi incluído em todas as edições do catálogo que Pedro de Angelis imprimiu. Segundo Franz Obermeier, o italiano apenas o distribuiu a alguns amigos pessoais e possíveis compradores em Buenos Aires (OBERMEIER, Franz. El apéndice de la *Colección de obras impresas y manuscritas* [1853] de Pedro de Angelis. Una reconstrucción de la parte etnolingüística. *IHS - Antiguos Jesuítas em Iberoamérica*, vol. 5, n. 2, julio-diciembre 2017, p. 6). A edição que acessamos para a pesquisa, disponível na Biblioteca Virtual Cervantes, não possuía esse caderno: as informações que temos dele foram obtidas dos trabalhos de Josefa Sabor e de Franz Obermeier.

- *Historia y viajes*
- *Sección segunda*
 - *Capítulo primero: Obras sobre el Río de la Plata desde su descubrimiento hasta su independencia, por orden cronológico*
 - *Capítulo segundo: Obras publicadas desde la Independencia hasta el año de 1852*
 - *Capítulo tercero: Obras sobre el Estado Oriental del Uruguay, después de su separación de las Provincias Argentina*
 - *Capítulo cuarto: Obras periódicas, publicadas en las Provincias Argentinas, y en el Estado Oriental del Uruguay, por orden cronológico*
 - *Capítulo quinto: Legislación, derecho público, y economía política*
 - *Capítulo sexto: Polígrafos, filosofía y bellas letras*⁶⁰⁸

A categoria *Manuscritos* foi disposta em quatro seções distribuídas da seguinte maneira:

- *Sección primera*
 - *Documentos sobre las Provincias del Río de la Plata*
- *Sección segunda*
 - *Capítulo primero: Misiones del Paraguay*
 - *Capítulo segundo: Misiones de Moxos y Chiquitos*
 - *Capítulo tercero: Annuas de las Misiones*
- *Sección tercera*
 - *Capítulo primero: Documentos sobre el Chaco*
 - *Capítulo segundo: Costa de Patagonia*
 - *Capítulo tercero: Estrecho de Magallanes y Tierra del Fuego*
 - *Capítulo cuarto: Islas Malvinas*
- *Sección cuarta*
 - *Planos y mapas*⁶⁰⁹

Já o *Apéndice* estava distribuído em:

- *Obras en lengua guaraní*
- *Obras en lengua aimará*
- *Obras en lengua quichuá*
- *Obras en lengua quichuá y aimará*
- *Obras en lengua chilena*
- *Obras en lenguas del Chaco*
- *Obras sobre la lengua del Brasil*
- *Obras sobre la lengua mexicana*
- *Obras correlativas*⁶¹⁰

⁶⁰⁸ DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras impresas y documentos que tratan principalmente del Río de la Plata, formada por Pedro de Angelis*. Buenos Aires: [s.n.], 1853. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/coleccion-de-obras-impresas-y-manuscritas-que-tratan-principalmente-del-rio-de-la-plata--0/html/>>. Acesso em: 23 set. 2017.

⁶⁰⁹ Idem.

⁶¹⁰ SABOR, op. cit., p. 213; OBERMEIER, op. cit., pp. 7-8.

A partir do catálogo de Pedro de Angelis é possível ter a dimensão de sua paixão pelos papéis e do tamanho da coleção que ele mantinha na casa onde vivia com sua esposa, a francesa Melanie Dayet, em Buenos Aires. Estão relacionadas, ali, 1.559 obras impressas, 195 publicações periódicas, 1.241 manuscritos e grupos de manuscritos, 51 planos e mapas, em um total de 3.046 registros. Além disso, ao observar os títulos elencados, a organização dada a eles e o número de escritos que há em cada um dos capítulos, é possível conhecer quais eram os temas que mais motivavam suas buscas e seus estudos⁶¹¹. Fica claro, por exemplo, que os relatos de viagens e os livros de história, que inauguram o índice, eram-lhe caros, especialmente aqueles escritos por viajantes, conquistadores, exploradores e estudiosos de todo o tipo, de várias partes do mundo, que desembarcaram ou não na América e que a descreveram e/ou a investigaram: dentre os 498 títulos do conjunto “*Historia y viajes*”, há obras que versam sobre diversas regiões do continente americano. O catálogo demonstra também que Pedro de Angelis guardava um grande volume de documentos sobre as missões jesuíticas estabelecidas no Paraguai, em Mojos e em Chiquitos – incluindo algumas *Cartas Anuas*, manuscritos produzidos pelos religiosos da Companhia de Jesus para circulação limitada entre seus pares⁶¹². É o conjunto (alocado na segunda seção de manuscritos) com o maior número de registros: 734. Não encontrei nenhuma menção, durante a pesquisa, de como Pedro de Angelis adquiriu esses documentos, em grande parte assinalados por ele como originais ou autógrafos.

Chama a atenção, ainda, o empenho que De Angelis empregou em coletar manuscritos e impressos sobre as línguas de parcialidades indígenas. Segundo Manoel Luiz Salgado Guimarães, o estudo de idiomas, bem como de paleografia, fazia parte dos procedimentos necessários à leitura e à crítica aos documentos feita pelos eruditos antiquários⁶¹³. O italiano de fato utilizava as obras relacionadas no *Apêndice* em suas investigações etnolinguísticas – como comprovam os vários manuscritos de anotações que ele produzia sobre o tema que guarda

⁶¹¹ Para verificar o tipo de ordenação e o número de entradas de cada um dos capítulos do catálogo de Pedro de Angelis, ver tabela no Anexo 33.

⁶¹² As *Cartas Ânua*s ou *Litterae Annuae* eram constituídas por infomes que os Superiores das Províncias Jesuíticas na América remetiam periodicamente ao Geral da Companhia de Jesus em Roma. É importante salientar que, embora “recebessem a assinatura dos Provinciais, elas eram redigidas por seus secretários ou por algum Irmão de reconhecido valor para escrever” e depois “eram enviadas em várias cópias e por mais de uma via, até Roma” (FRANZEN, Beatriz Vasconcelos; FLECK, Eliane Cristina Deckmann; MARTINS, Maria Cristina Bohn. Introdução. In: _____ (org.). *Carta Ânua da Província Jesuítica do Paraguai 1659-1662*. São Leopoldo: Oikos/UNISINOS; Cuiabá: EdUFMT, 2008, pp. 9-11). Assim, além de haver mais de uma cópia de cada Ânua assinada pelo Provincial, muitas vezes também havia o seu rascunho (ou os seus rascunhos) que acabava ficando no continente americano.

⁶¹³ GUIMARÃES. História e erudição, op. cit, posição 866.

o *Archivo General de la Nación* (ver Anexo 34) –, mas há de se considerar que ele soubesse que elas eram raras e valorizadas no mercado⁶¹⁴ e que, também por isso, as detinha.

Como já assinalai diversas vezes, a coleção privada de Pedro de Angelis teve como principal objeto os impressos e os manuscritos que versavam sobre a história – e também a geografia e o tempo presente – da região do Rio da Prata. Aí cabiam aqueles que não só tratavam do território que, naquele momento, eram reivindicados pela Confederação Argentina, incluindo os lugares limítrofes com outras nações (como o Chaco, a Patagônia e o disputado Estreito de Magalhães), mas também dos espaços adjacentes que, um dia, fizeram parte do Vice-Reinado platino (como o Uruguai, a Bolívia, o Paraguai e as controvertidas Ilhas Malvinas). Esse era o centro do interesse de De Angelis e da montagem de seu acervo, o que fica bastante visível no catálogo: a soma dos títulos dos quatro capítulos iniciais da segunda seção de impressos, de todos os manuscritos listados e das obras sobre as línguas faladas pelos indígenas que viviam em terras platinas, ultrapassa a metade de todo conteúdo do catálogo.

Volto a ressaltar que a *Colección de obras impresas y manuscritas que tratan principalmente del Río de la Plata* não se tratava de uma simples relação de materiais, mas de um catálogo ordenado. Os impressos sobre a Confederação Argentina foram separados cronologicamente – do descobrimento à independência e da independência a 1852 (ano em que o índice foi produzido); aqueles sobre o Estado Oriental ganham capítulo especial depois do ano da separação de Buenos Aires; os manuscritos sobre as Províncias do Rio da Prata são separados daqueles das missões jesuíticas e dos espaços bem austrais e bem ao norte da Confederação. Há, ainda, uma seção só de planos e mapas. Lembro que não há notícias de que a produção de índices e a organização dos documentos tenha sido uma preocupação do erudito em seu trabalho no *Archivo General de la Provincia de Buenos Aires* e que, apesar de produzir bibliografias e listas de obras manuscritas, como se viu anteriormente, elas não seguiam exatamente uma sistematização. É possível afirmar, como se verá adiante, que houve uma tomada de consciência de Pedro de Angelis sobre a importância da catalogação de sua coleção

⁶¹⁴ Aquele que é tido como primeiro livro impresso na Argentina, *De la diferencia entre lo temporal y eterno*, do padre Juan Eusebio Nieremberg, S.J., é um dos escritos da coleção. Há nela, ainda, vários catecismos, confessionários, vocabulários e gramáticas, impressos e manuscritos, produzidos desde o século XVII por religiosos que missionaram na América, especialmente entre os indígenas Guarani, como os do padre Antonio Ruiz de Montoya, S.J. Deve-se considerar, aliás, que o maior número de obras relativas à língua dessa parcialidade no catálogo de Pedro de Pedro de Angelis se deve ao fato de ter havido nas reduções do Paraguai uma forte relação da prática e da instrução letrada com a catequese, o que acabou promovendo uma verdadeira “escritofilia” entre os indígenas, especialmente verificada por Eduardo dos Santos Neumann a partir do século XVIII. Ver em: NEUMANN, Eduardo Santos. *Práticas letradas Guarani: produção e usos da escrita indígena (séculos XVII e XVIII)*. Rio de Janeiro, 2005. Tese (Doutorado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

pessoal para que ela se tornasse, de fato, um conjunto de fôlego, reconhecido e valorizado – e tivesse sua venda facilitada.

Por fim, destaco que a conformação do catálogo evidenciava o conjunto que o italiano guardava em sua casa de obras e documentos que tratavam do Prata e de suas fronteiras que seguiam (e seguiriam) em disputa ao longo daquele século XIX. Desta forma, ele detinha em suas mãos grande parte do conhecimento e da informação que eram necessários aos governantes dos Estados nacionais que, então, emergiam no sul da América. Por essa razão, a sua coleção privada atrairia muitos interessados em Buenos Aires, em Montevideú e no Rio de Janeiro, cidade na qual ela iria, por fim, repousar.

3. 3. A “*finada biblioteca*” de Pedro de Angelis: a venda de uma coleção particular

No segundo capítulo da tese, afirmei que Pedro de Angelis desejava deixar Buenos Aires em fins da década de 1830 e que uma das razões que o impediam, segundo ele alegava, era a falta de recursos. Ele pensava, então, em vender a coleção pessoal que havia formado. Em 1842, uma oportunidade surgia e o intermediário era, como muitas vezes, seu amigo italiano que vivia em Montevideú. A primeira frase da carta que, em julho daquele ano, o erudito enviou para Carlo Zucchi depois de saber que o colecionador oriental Teodoro Viladerbó⁶¹⁵ se interessava por seus documentos e livros, expressava o seu sentimento em relação à possibilidade de separar-se dos materiais que guardava: “*Sebbene mi piange il cuore all’idea di dovermene separare, sarei disposto ad accettare la proposta di acquisto che vi hanno fatto, se potessi ricavarne un buon prezzo*”⁶¹⁶. Em outras mensagens, enviadas pouco tempo depois, De Angelis, dizia estar “*rimpiangendo di dovermi separare da ciò che ho raccolto con tanta fatica*”⁶¹⁷ – ou, em tom mais dramático, que “*di sicuro scoppierò in lacrime il giorno in cui mi dovrò separare della mia collezione*”⁶¹⁸ – e completava que “*se non avessi bisogno di danaro, non cederei*

⁶¹⁵ Naquele momento, Pedro de Angelis também negociava com Teodoro Viladerbó fósseis do Megatherium (ver nas cartas entre o erudito e Carlo Zucchi em: BADINI, op. cit, pp. 186-214; PODGORNY, Mercaderes del pasado, op. cit.). Quando soube que Viladerbó tentava comprar, também, a coleção de manuscritos e impressos de Pedro de Angelis, o também uruguaio e colecionador Florencio Varela escreveu para Juan María Gutiérrez torcendo para que a negociação se realizasse e os documentos fossem para o Estado Oriental, e não para outra parte: “[...] *vea V. si ese ilustrado Viladernó salva siquiera esos monumentos de nuestra historia y de nuestra geografía de caer en manos que los lleven a donde no podemos consultarlos jamás*” (De Florencio Varela a Juan María Gutiérrez, 22-IX-1842. In: MOGLIA; GARCÍA, *Archivo del Doctor Juan María Gutiérrez: Epistolario*. Tomo I, op. cit., p. 250).

⁶¹⁶ Al sig. Carlo Zucchi, 7 luglio 1842. In: BADINI, op. cit., p. 209. Tradução minha: “Embora me parta o coração a ideia de ter que me separar, estaria disposto a aceitar a proposta de compra que lhe fizeram, se pudesse conseguir um bom preço”.

⁶¹⁷ Al sig. Carlo Zucchi, 9 settembre 1842. In: BADINI, op. cit., p. 223. Tradução minha: “lamentando ter que me separar daquilo que reuni com tanta dificuldade”.

⁶¹⁸ Idem. Tradução minha: “seguramente, vou romper em lágrimas o dia em que terei de me separar da minha coleção”.

*questa collezione nemmeno per dieci volte il prezzo richiesto*⁶¹⁹. Durante todo o tempo em que manteve seu acervo pessoal, o italiano o encarou como uma paixão da qual não conseguia largar – a sua “*cronica malattia*”, ele mesmo dizia, como vimos na seção anterior –, e também como um investimento valioso com o qual poderia obter algum rendimento, especialmente reservado para os momentos que precisasse de dinheiro⁶²⁰. Assim, vendê-lo pelo menos por um “bom preço” seria condição fundamental.

Para que conseguisse receber o quanto que, mensurava, a coleção valia, Pedro de Angelis argumentava que os seus papéis tinham valor não só simbólico pelo que representavam como artefatos do passado, semióforos para o presente e como demonstração da ilustração do seu possuidor, mas também econômico pela sua preciosidade e pelo que custavam no “comércio da história”. Assim, orientava Zucchi, responsável pelas negociações, que ele deveria informar ao possível comprador, “*con assoluta certezza, che si tratta di una raccolta magnifica, dato che i pezzi sono per la maggior parte originali*”⁶²¹, que era aquela era uma “*raccolta di notevole importanza per la storia*”⁶²² e que somente “*la mia collana di opere sui vari stati dell'America del Sud, pubblicate in Inghilterra, in Francia, negli Stati Uniti, in Germania ecc., [...] ce ne sono abbastanza da riempire una stanza*”⁶²³. Mais do que isso, De Angelis dizia que seu conterrâneo poderia assegurar durante os trâmites que

la mia collezione è unica, e neanche mettendo insieme tutti i tesori del mondo se ne potrebbe mettere insieme una uguale. Come ci si potrebbe riuscire, infatti, se almeno i due terzi sono tutti documenti originali? Tra le opere stampate ve ne sono alcune molto rare, che si possono considerare introvabili. Possiedo, per esempio, le tre prime edizioni del viaggio di Schmidel al Rio della Plata, che Leon Pinelo dice di non avere mai visto nella sua Biblioteca Orientale e Occidentale. Io ho la risposta data dal Grimaldi alla corte del Portogallo in merito alla questione dei confini, della quale, secondo il libraio Salva, sono state stampate soltanto sei copie. Ho un documento autografo di don Juan Garay, il fondatore di Buenos Aires, che riguarda il reparto degli indiani che ne occupavano il suolo tra i sessanta fondatori della città. Ho poi altri due lavori autografi di Rui Diaz Guzman, il primo storiografo del Rio

⁶¹⁹ Al sig. Carlo Zucchi, 6 agosto 1842. In: BADINI, op. cit., p. 215. Tradução minha: “se eu não precisasse de dinheiro, não cederia esta coleção nem mesmo por dez vezes o preço pedido”.

⁶²⁰ Que fique claro: não entendo que De Angelis tenha acumulado a sua coleção com um fim meramente especulativo. Penso que ele tinha a intenção de guardar e fazer uso de seus documentos e deixá-los fora do circuito das atividades econômicas até quando pudesse, mas sabia que, se precisasse, ele poderia convertê-los em dinheiro.

⁶²¹ Al sig. Carlo Zucchi, 6 agosto 1842. In: BADINI, op. cit., p. 215. Tradução minha: “com certeza absoluta que se trata de uma coleção magnífica, uma vez que as peças são em sua maior parte originais”.

⁶²² Al sig. Carlo Zucchi, 18 agosto 1842. In: BADINI, op. cit., p. 217. Tradução minha: “uma coleção de notável importância para a história”.

⁶²³ Al sig. Carlo Zucchi, 18 agosto 1842. In: BADINI, op. cit., p. 218. Tradução minha: “a minha biblioteca de obras sobre diversos estados da América do Sul, publicadas na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos, na Alemanha, etc., [...] é suficiente para encher um cômodo”.

*della Plata, di cui ho pubblicato l'Argentina. Ho anche di meglio, ma ovviamente non posso raccontarvi tutto in una lettera.*⁶²⁴

Se recebia uma oferta que considerava inferior ao que pretendia receber, o italiano protestava, escrevendo para Carlo Zucchi que o proponente comprador não fazia ideia do que sua coleção representava:

*Quello che mi ha offerto è una vera e propria usura. Perché possa capire quanto miserabile sia stata la sua proposta, vi spedisco alcuni miei manoscritti; dato che nel mio catalogo, quando si legge "documenti sul l'esecuzione del trattato sui confini del 1750", si potrebbe pensare che si tratti di 4 o 5 fogli, mentre invece ce ne sono abbastanza per fare due volumi. Questa dimostrazione mi sembra molto più persuasiva di qualsiasi altra argomentazione che si potrebbe fare per ottenere un prezzo migliore.*⁶²⁵

Ocorre, no entanto, que quando Pedro de Angelis falava naquele momento do “*mio catalogo*”, referia-se a uma lista manuscrita, não organizada e pouco descritiva do conteúdo de seu acervo pessoal⁶²⁶. Ela era muito mais uma propaganda da coleção do que um índice, como, de certa forma, o próprio erudito assumia ao remetê-la para que Zucchi a mostrasse a Viladerbó: “[...] *per convincerlo dell'importanza della mia collezione, vi mando anche un campione, che*

⁶²⁴ Al sig. Carlo Zucchi, 9 settembre 1842. In: BADINI, op. cit., p. 222. Tradução minha: A minha coleção é única, e nem sequer juntando todos os tesouros do mundo se poderia reunir uma igual. Como poderia ser possível, de fato, se pelo menos dois terços são todos documentos originais? Entre as obras impressas, existem algumas muito raras, que podem ser consideradas impossíveis de encontrar. Possuo, por exemplo, as três primeiras edições da viagem de Schmidel ao Rio da Prata, que Leon Pinelo diz não ter nunca visto em sua Biblioteca Oriental e Ocidental. Tenho a resposta dada por Grimaldi à corte de Portugal sobre a questão dos limites, da qual, segundo o livreiro Salva, foram impressas somente seis cópias. Tenho um documento autógrafo de don Juan Garay, o fundador de Buenos Aires, que se refere ao reparto dos índios que ocupavam a terra entre os sessenta fundadores da cidade. Tenho assim outros dois trabalhos autógrafos de Rui Diaz Guzman, o primeiro historiador do Rio da Prata, do qual publiquei a Argentina. Tenho algo ainda melhor, mas obviamente não posso lhe contar tudo em uma carta”.

⁶²⁵ Al sig. Carlo Zucchi, 18 agosto 1842. In: BADINI, op. cit., p. 217. Tradução minha: “O que ele me ofereceu é uma verdadeira usura. Para que possa perceber quão miserável que foi sua proposta, envio-lhe alguns dos meus manuscritos; já que no meu catálogo, quando se lê "documentos sobre a execução do tratado sobre os limites de 1750", se pode pensar que se trata de 4 ou 5 folhas, enquanto na verdade há o suficiente para fazer dois volumes. Esta demonstração me parece muito mais persuasiva do que qualquer outro argumento que se possa fazer para obter um preço melhor”.

⁶²⁶ Josefa Sabor teve acesso a uma dessas listas manuscritas que Pedro de Angelis produziu na década de 1840 para descrever e vender a sua coleção. Cito tal como a pesquisadora a transcreveu: “*La biblioteca que se ofrece en venta se compone: 1° de una colección de obras sobre las Provincias del Río de la Plata, desde los primeros tiempos de su descubrimiento hasta ahora. Hay entre ellas algunas de sumo valor y muy raras. 2° de una gran colección de obras publicadas em varios idiomas, sobre las varias partes de América; que puede considerarse con un vasto repertorio de noticias históricas y geográficas sobre esta parte del mundo. 3° de muchas obras y tratados de economía política. 4° de muchas obras de derecho público. 5° de algunas de literatura. 6° de una serie de periódicos públicos em Buenos Ayres, y otras Provincias desde el principio de la revolución hasta ahora. 7° de una numerosa colección de volúmenes, folletos, y publicaciones sueltas sobre los varios sucesos de la revolución y de las guerras sostenidas por la Confederación Argentina. La mayor parte de las obras se hallan ricamente empastadas, em Francia ó en Inglaterra*” (apud SABOR, op. cit., pp. 180-181).

*gli potrete mostrare, come si fa quando mostra un pezzo di formaggio ad un topo*⁶²⁷. É provável que, em resposta, o arquiteto tenha chamado a atenção do erudito para a necessidade de produzir um catálogo de verdade para a coleção se ele realmente almejava fechar alguma transação comercial com os seus materiais, pois De Angelis lhe escreveu, como que se justificando e um pouco resignado: “*Mi sto occupando dei miei cataloghi: se non riuscirò a trovare un acquirente per tutto quello che ho in fatto di stampe e manoscritti, non potrò certo pensarmi di andarmene*” [de Buenos Aires]⁶²⁸.

O ano avançava e a negociação que estava em curso começava a se tornar improdutivo. Em novembro de 1842, Pedro de Angelis comentava com seu amigo que havia escrito para Teodoro Viladerbó para perguntar se ele realmente estava interessado em adquirir a sua coleção de obras e documentos; em caso afirmativo, dizia, “*mi sarei dato da fare per prepare il relativo catalogo*”⁶²⁹. Já em janeiro de 1843, Pedro de Angelis escrevia para Zucchi que “*per dare più importanza alla mia merce, ho deciso di far stampare il relativo catalogo*”⁶³⁰. Mais do que isso, comentava que “*ora che il generale Oribe sarà alla guida del governo Oriental, se non potrò mettermi d'accordo con V., tratterò con il governo*”⁶³¹, demonstrando certo entusiasmo com a oportunidade que o início do sítio de Montevideú poderia lhe conferir. O catálogo não foi realizado e tampouco foram efetivados os trâmites referenciados.

Outras tentativas de comercializar a coleção de escritos, então sem a mediação de Carlo Zucchi⁶³², foram realizadas por Pedro de Angelis entre 1843 e 1852, quando ele já trabalhava com Juan Manuel de Rosas no *Archivo Americano*. Segundo Josefa Sabor e Jaime Cortesão, o italiano tentou engendar negociações com o governo brasileiro em 1846 e com o governo de Entre Ríos entre 1849 e 1850⁶³³. O erudito alegava, naqueles tempos, querer vender a sua

⁶²⁷ A Carlo Zucchi, 15 agosto 1842. In: BADINI, op. cit., p. 216. Tradução minha: “para convencê-lo da importância da minha coleção, eu também lhe envio uma amostra, que você pode lhe mostrar, como se faz quando se mostra um pedaço de queijo para um rato”.

⁶²⁸ A Carlo Zucchi, 24 settembre 1842. In: BADINI, op. cit., p. 225. Tradução minha: “Estou me ocupando dos meus catálogos: se não conseguir encontrar um comprador para tudo o que tenho em matéria de impressos e manuscritos, certamente não poderei pensar em ir embora” [de Buenos Aires].

⁶²⁹ A Carlo Zucchi, 26 novembre 1842. In: BADINI, op. cit., p. 228. Tradução minha: “me ocuparia de preparar o relativo catálogo”.

⁶³⁰ A Carlo Zucchi, 9 (anche 10 e 12) gennaio 1843. In: BADINI, op. cit., p. 233. Tradução minha: “para dar mais importância ao meu produto, decidi imprimir o relativo catálogo”.

⁶³¹ Idem. Tradução minha: “agora que o general Oribe estará na liderança do governo Oriental, se não conseguir me pôr de acordo com V., tratarei com o governo”.

⁶³² Carlo Zucchi deixou a América em 1845 para retornar à Itália, onde faleceu em 1849.

⁶³³ A primeira tentativa que Pedro de Angelis fez de vender a sua biblioteca ao Brasil teria sido estabelecida com o encarregado do Consulado Geral do Império em Buenos Aires, Clemente José Moura. Segundo Jaime Cortesão, Moura havia recomendado ao governo brasileiro a compra do acervo após uma oferta do próprio italiano. Ainda segundo o historiador português, apesar de o cônsul ter comunicado ao Império sobre a importância dos materiais relacionados ao Rio Grande do Sul e a São Paulo, às missões de Chiquitos e às populações fronteiriças, os gestores do Brasil teriam recusado o negócio argumentando que, mesmo reconhecendo o valor da documentação, pensavam

biblioteca para, com o dinheiro recebido, aproveitar o pouco tempo que ele acreditava ter de vida⁶³⁴. Sem ainda ter impresso o índice das obras e dos documentos que possuía, ele não fechou acordo com nenhum dos dois interessados. De Angelis parecia achar suficiente tentar convencer os compradores com suas garantias e palavras sobre quais e quantos eram os papéis que compunham seu acervo e que o seu conjunto de livros e manuscritos era valoroso e relevante. Utilizava, pois, um argumento que, no contexto das constantes indefinições políticas e territoriais entre a Confederação Argentina, a Banda Oriental e o Brasil, ia se tornando cada vez mais essencial: “*Sono tutti documenti ufficiali che diventeranno subito molto ricercati, non appena nascerà qualche disputa tra la corte del Brasile e gli stati limitrofi*”⁶³⁵.

Em 1853, no entanto, a venda ocorreria. Naquele momento, a situação econômica de Pedro de Angelis era difícil: o governo de Rosas havia acabado e o erudito estava sem ofício e fora da vida pública após vários anos de serviços prestado ao general como periodista de seu regime e, na última década, *archivero* do *Archivo General* e do *Archivo Americano*⁶³⁶. Por isso, ele voltava a tratar da venda de sua coleção e, provavelmente decidido a realmente realizar algum negócio que lhe fosse conveniente, reconhecia, enfim, que “*colecciones sin catálogos se*

que muitos deles poderiam ser encontrados nos arquivos brasileiros (CORTESÃO, Jaime. Introdução. In: _____, *Jesuítas e bandeirantes no Guairá*. Coleção de Angelis. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951, pp. 35-38). Se assim foi, é possível que a falta de um catálogo possa ter ocasionado tal negativa, já que os negociadores não sabiam exatamente quais eram os documentos possuídos por Pedro de Angelis. Já as tratativas com Entre Ríos teriam sido realizadas com o governador José Justo de Urquiza. Segundo Josefa Sabor, utilizando-se de uma pesquisa feita por Beatriz Bosch, a coleção de De Angelis seria comprada para compor o acervo da biblioteca do *Colegio del Uruguay*. Mesmo após uma longa conversação, no entanto, a venda não foi confirmada (SABOR, op. cit., pp. 178-182).

⁶³⁴ Ao menos, isso era o que o erudito contava para Zucchi nas poucas cartas que, ao que tudo indica, ainda lhe enviava: “*Ho fatto quello che mi avete detto, e cioè incaricare qualcun altro della vendita della mia biblioteca. Non credo di vivere ancora molto a lungo, e mi farebbe molto comodo poter aumentare la mia fortuna negli ultimi anni della mia vita*” (Monsieur Charlie Zucchi, 7 marzo 1848. In: BADINI, op. cit., p. 271. Tradução minha: “Eu fiz o que me disse, isto é, encarregar outra pessoa da venda da minha biblioteca. Não acredito que vou viver muito mais tempo, e seria muito cômodo poder aumentar meu patrimônio nos últimos anos da minha vida”).

⁶³⁵ A Carlo Zucchi, 15 agosto 1842. In: BADINI, op. cit., p. 216. Tradução minha: “São todos documentos oficiais que se tornarão imediatamente muito procurados assim que nascer alguma disputa entre a corte do Brasil e seus Estados vizinhos”.

⁶³⁶ É essencial assinalar que alguns meses depois da Batalha de Caseros, em julho de 1852, Pedro de Angelis foi nomeado diretor do recém-criado Departamento Estadístico por José Justo Urquiza, a quem havia sido conferido o título de *Director Provisional* da Confederação Argentina. Segundo seu decreto de fundação, esse órgão seria responsável por reunir dados imprescindíveis para administração pública. Para realizar esse fim, deveria ser formada uma biblioteca de obras, documentos e mapas e haveria a cooperação do Departamento Topográfico. Em setembro, Jerónimo de Lasala foi jubilado e o *Archivo General de la Provincia de Buenos Aires* suprimido, sendo fundido ao Departamento Estadístico liderado por De Angelis. Não se sabe como o erudito havia conquistado tudo isso – era como se todos os obstáculos que impediam o seu acesso aos repositórios da cidade fossem removidos de uma só vez –, mas imagino que a negociação que ele havia entabulado com Urquiza sobre a sua coleção possa ter ajudado – o *Director Provisional*, afinal, sabia o que havia na biblioteca pessoal de Pedro de Angelis e o conhecimento sobre a região que ele detinha. Em novembro, no entanto, a criação do Departamento Estadístico foi anulada e o italiano ficou sem ofício. Josefa Sabor sugere que foi José de Arenales (antigo diretor do Departamento Topográfico com quem o erudito não mantinha boas relações, como vimos) quem pressionou pela extinção do órgão e do cargo de De Angelis na gestão de Urquiza (sobre o episódio, ver: SABOR, op. cit., pp. 127-131).

volvían inservibles, frágiles y poco valiosas o, más precisamente, valían como mero lote de papel”⁶³⁷. O italiano editou, então, a *Colección de obras impresas y documentos que tratan principalmente del Río de la Plata, formada por Pedro de Angelis*, sobre a qual falei na seção anterior. Impresso o catálogo, ele o enviava ao Rio de Janeiro para que fosse analisado por D. Pedro II⁶³⁸. O Império do Brasil seria o comprador.

Foi o desfecho de um período de entendimentos que durou de abril a dezembro daquele ano e que envolveu diversas personagens das relações exteriores brasileiras. Um dos que mediavam a situação era José Maria da Silva Paranhos, futuro Visconde de Rio Branco, que, assim como o italiano, vivia então em Montevideú⁶³⁹. Segundo Josefa Sabor, Silva Paranhos havia se tornado amigo de Angelis, tinha conhecimento do conteúdo de sua coleção e, por isso, tinha “*comprensión de su valor para el Brasil*”⁶⁴⁰. Foi para ele que Paulino José Soares de Souza, Ministro dos Negócios Estrangeiros do Império e posterior Visconde do Uruguai, escreveu uma carta em 10 de abril de 1853 informando que o catálogo preparado pelo erudito já “estava em poder do Imperador e que ele esperava dar-lhe brevemente uma solução quanto à compra”⁶⁴¹. Nesse sentido, alguns dias antes, em 8 de abril, o desembargador Rodrigo de Souza da Silva Pontes, encarregado de negócios do Brasil na cidade uruguaia, escrevia para Soares de Souza:

Fiz constar a Dom Pedro de Angelis, como creio já haver participado a V. Exa., quanto V. Exa. me tinha escrito relativamente ao negócio da Biblioteca; e passo a transcrever o que a tal respeito me disse êle em carta de 2 do corrente, que me foi entregue ontem. Falando daquele negócio disse pois: “...*je dois vous prier de faire tout ce qui sera en votre pouvoir, pour engager S. Ex. Mr. le Ministre Paulino de m’accorder sa protection. Je place en lui toutes mes espérances: sans cette ressource il me serait impossible de me déraciner de ce mauvais terrain, où je ne fais que m’abrutir. Je lui en aurais une reconnaissance éternelle*”.⁶⁴²

⁶³⁷ PODGORNÝ, Mercaderes del pasado, op. cit., p. 38.

⁶³⁸ SABOR, op. cit., p. 187.

⁶³⁹ SABOR, op. cit., p. 186; RODRIGUES, José Honório. Explicação. In: CORTESÃO, Jaime. Jesuítas e bandeirantes no Guairá. Coleção de Angelis. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951, p. 3. Depois de ter perdido o cargo no governo de José Justo Urquiza com a extinção do Departamento Estadístico (ver nota de rodapé 636 deste trabalho) e com as novas turbulências e disputas vividas em Buenos Aires a partir da chamada *Revolución del 11 de septiembre de 1853* (quando Urquiza e seu grupo passaram a ser questionados), De Angelis se mudou para o Uruguai levando consigo toda a sua coleção e sua biblioteca. Ele viveu em Montevideú de 1853 a 1855, quando retornou para a Argentina, onde viveu até o fim de sua vida.

⁶⁴⁰ SABOR, op. cit., p. 186.

⁶⁴¹ RODRIGUES, op. cit., p. 3.

⁶⁴² apud SOARES DE SOUSA, José Antônio. Como se adquiriu a Livraria de Pedro de Angelis. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*, vol. 192, 1946, pp. 60-61. Tradução minha: “...eu devo pedir-vos que faça tudo o que estiver em vosso poder para comprometer a S. Ex^a. Sr. Ministro Paulino a me conceder sua proteção. Deposito nele todas as minhas esperanças: sem esse recurso, seria impossível arrancar-me desse mal estado, onde

Essa carta de De Angelis citada por Pontes foi respondida ao napolitano no dia 3 de maio. Nela, o desembargador afirmava: “Tenho presentes duas cartas suas. De uma copiei eu algumas expressões que transmito ao Sr. Paulino, e a outra, que foi a última, remeti ao mesmo Senhor, no próprio original: Em ambas estas ocasiões advoguei a causa de V. Ex. com todo o interesse e amizade”⁶⁴³. Em 12 de maio, Paulino Soares de Souza escrevia novamente para Paranhos confirmando que o governo brasileiro desejava comprar a coleção de Pedro de Angelis, mas que, para isso, precisava saber qual seria o valor solicitado por ela⁶⁴⁴; um mês depois, em mais uma correspondência ao mesmo interlocutor, o ministro das Relações Exteriores afirmava:

Exmo. Amigo e Snr. Dor. Paranhos,

Recebi a confidencial de V. Exa. de 3 do corrente e a carta do Dor. Pedro Angelis a V. Exa. que a acompanhava. Offereça V. Exa. ao mesmo Dor. Pedro de Angelis oito mil pezos fortes pela sua Bibliotheca. Offereço essa quantia porque ella contem muitas obras que temos cá na Bibliotheca Publica e em outras, e que portanto não compraríamos senão em uma compra feita por junto.⁶⁴⁵

Não há registros conhecidos que revelem qual era o montante que Pedro de Angelis esperava receber naquela tratativa. O argumento de Paulino Soares de Souza de que oferecia oito mil pesos fortes por haver no conjunto do italiano peças que já existiam nas bibliotecas brasileiras e que não seriam compradas novamente em ocasião diferente sugere uma tentativa de regateio por parte do Império; pode-se considerar, assim, que o valor pedido por De Angelis era mais alto do que isso. Sabe-se, no entanto, que o preço sugerido por Soares de Souza foi o que ficou acertado⁶⁴⁶. No dia 4 de julho, o erudito escreveu para Duarte da Ponte Ribeiro, diplomata do Brasil estabelecido em Buenos Aires, em tom resignado: “Dignou-se o sr. Ministro Paulino de me oferecer a sua valiosa proteção... As perdas que sofri nêstes últimos tempos me obrigaram a desfazer-me de minha biblioteca, e o que tem mitigado um pouco a minha dor, foi poder colocá-la em mãos do ilustrado Governo Brasileiro”⁶⁴⁷.

não estou fazendo nada além de me embrutecer. Eu lhe teria uma eterna gratidão”.

⁶⁴³ Idem, p. 61.

⁶⁴⁴ RODRIGUES, op. cit., p. 3.

⁶⁴⁵ apud CORTESÃO, op. cit., p. 96.

⁶⁴⁶ Tendo em vista que o mesmo argumento já havia sido utilizado pelo governo brasileiro para negar a compra da coleção de Pedro de Angelis alguns anos antes (ver nota de rodapé 633 deste trabalho), pode-se imaginar que, desta vez, em uma situação econômica mais difícil, Pedro de Angelis não quis desperdiçar a oportunidade de venda, aceitando a oferta feita. Mais do que isso, como se verá, essa era uma oportunidade de ele estabelecer relações com o Império Brasileiro.

⁶⁴⁷ CORTESÃO, op. cit., p. 61.

Em dezembro de 1853, Pedro de Angelis veio ao Rio de Janeiro, acompanhado de José Maria da Silva Paranhos, resolvido a fechar a negociação; por isso mesmo, a coleção viajava junto deles, na mesma embarcação⁶⁴⁸. Mais do que a companhia de quem ainda seria “o mais completo estadista da época” e “reformador de confiança do imperador”⁶⁴⁹, o italiano levava consigo uma carta de recomendação do desembargador Rodrigo Souza da Silva Pontes dirigida a Paulino José Soares de Souza que dizia:

Há muito que V. Exa. conhece quanto interesse tomo eu pela pessoa do Sr. Pedro de Ángelis. É êle o portador desta carta; e conquanto esteja eu certo de que a melhor recomendação do Sr. Ángelis está no seu próprio mérito, e no devido apreço que dêsse mérito faz V. Exa. Permitir que eu pratique um ato de amizade, renovando as minhas súplicas em favor do Sr. Ángelis.⁶⁵⁰

No mês da chegada de De Angelis à capital brasileira, entretanto, Soares de Souza havia acabado de deixar o governo e a finalização da compra por parte do Império foi conduzida por seu novo ministro dos Negócios Antônio Paulino Limpo de Abreu. Assim mesmo, uma sessão na sede do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro selava os trâmites. Nela, Pedro de Angelis, que era sócio correspondente da entidade, foi lisonjeiramente recebido pelo imperador D. Pedro II, pela imperatriz D. Tereza e pelos ministros e letrados da Corte, conforme ele mesmo relatou em carta enviada ao uruguaio Florentino Castellanos:

Llegamos el día 14, y el día siguiente debía celebrarse al aniversario del Instituto histórico de que soy miembro; como el Comercio del Plata había anunciado mi llegada em términos pomposos, fui convidado a asistir a la sesión, a la que intervendría el Emperador con la esposa. [...] La reunión era bastante numerosa, y escogida. No creo que había muchos sabios, pero abundaban los caballeros. Casi no había casaca que no fuese adornada de cruces y estrellas. El emperador no tardó en ocupar su asiento, y empezó la lectura de no sé qué informes, que me fue imposible entender, por no estar acostumbrado a la pronunciación del idioma portugués. Antes y después de la lectura, fui presentado a varias personas, entre ellas el Visconde de Abrantes, el Sr. Paulino, el ministro de la guerra, a Pimienta Bueno, a algún Senador, etc. Todos ellos me recibieron con la mayor distinción, diciéndome palabras muy lisonjeras. Yo, ladrón, bandido, miserable, mazorquero, extrañaba estas demostraciones de aprecio y estaba por decir a los que me trataban de Excelencia: -Vous vous trompez, Messieurs.⁶⁵¹

⁶⁴⁸ SABOR, op. cit., p. 187.

⁶⁴⁹ CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras: 2007, p. 59.

⁶⁵⁰ apud SOARES DE SOUSA, op. cit., p. 61.

⁶⁵¹ Pedro de Angelis a Florentino Castellanos. Rio de Janeiro, 21 diciembre de 1853. In: SOCIEDAD DE HISTORIA ARGENTINA. *Anuario de Historia Argentina Año 1940*. Buenos Aires: Domingo Viau y Cia., 1941, p. 372.

Apesar da recepção ao erudito ter sido no IHGB, a coleção de Pedro de Angelis acabou sendo encaminhada à Biblioteca Nacional⁶⁵². No dia 3 de janeiro de 1854, um aviso expedido pelo Ministério da Marinha solicitava a entrega das caixas contendo os livros e os documentos do italiano que se encontravam guardadas no Arsenal daquela repartição ao bibliotecário, o frei Camilo de Monserrate; em 9 de fevereiro, elas estavam na Biblioteca⁶⁵³. Uma Comissão, nomeada para este fim, recebeu as obras e os manuscritos. Ela era composta por Monserrate, por Duarte da Ponte Ribeiro, autoridade nas questões das fronteiras platinas, por Antônio Gonçalves Dias, incumbido pelo Império desde 1851 a fazer pesquisas históricas no norte do Brasil e em arquivos europeus, e por Manuel Ferreira Lagos, sócio do IHGB, redator de sua Revista e seu ex-secretário⁶⁵⁴. Decidiu-se, então, que certos documentos do conjunto de De Angelis seriam destinados ao Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, evidenciando a importância que alguns papéis tinham para os interesses políticos e para a demarcação das fronteiras imperiais, o que, provavelmente, foi a principal motivação da compra – dado que foi conduzida justamente pelos responsáveis pela diplomacia do país⁶⁵⁵. As obras que já existiam na Biblioteca foram encaminhadas ao Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, onde o conhecimento sobre o passado da nação em construção era produzido desde 1837. Em um relatório redigido em 1854, o Secretário da associação, Joaquim Manoel de Macedo, saudava a chegada dos exemplares:

[...] assignalamos o notável favor, com que o governo de sua magestade honrou o nosso instituto mandando engrossar a sua bibliotheca com diversas obras que, provenientes de uma abundante livraria ultimamente comprada, sobravam à *biblioteca* nacional: recebemos pois, graças a essa patriótica doação, não menos de 112 volumes. Entre as obras assim obsequiosamente concedidas ao instituto figuram algumas bem raras edições dos séculos XVI e XVII, cujos exemplares não será fácil encontrar ainda em algumas bibliothecas de apaixonados bibliófilos.⁶⁵⁶

⁶⁵² Antes de 1822, a instituição tinha o nome de Real Bibliotheca às vezes *do Rio de Janeiro*, às vezes *da Corte*; depois da Independência, passou a chamar-se, “mesmo em documentos oficiais, ora Bibliotheca Publica, ora de Nacional, às vezes de Imperial, outras vezes de Imperial e Publica, ou de Imperial e Nacional; [...] em 4 de março de 1876 assumiu, oficialmente, o título de Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, até 1948, quando passou a ser simplesmente Biblioteca Nacional” (CARVALHO, Gilberto Vilar de. *Biografia da Biblioteca Nacional* (1807 a 1990). Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1994, p. 31).

⁶⁵³ RODRIGUES, op. cit., p. 4.

⁶⁵⁴ *Idem*.

⁶⁵⁵ No Relatório produzido pelo Ministério do Império, ao qual Biblioteca era subordinada, a respeito do ano de 1854 diz-se que “havendo entre estes manuscriptos diversos documentos relativos aos limites do império, vão ser remetidos á secretária de estado de negócios estrangeiros” (RELATÓRIO DO ANNO DE 1854 APRESENTADO A ASSEMBLÉA GERAL LEGISLATIVA NA 3ª SESSÃO DA 9ª LEGISLATURA PELO MINISTRO E SECRETÁRIO DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DO IMPÉRIO LUIZ PEDREIRA DO COUTTO FERRAZ. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1855, p. 78).

⁶⁵⁶ MACEDO, Joaquim Manoel de. Relatório do Primeiro Secretário o Dr. Joaquim Manoel Macedo. *Revista do*

A maior parte da coleção de Pedro de Angelis permaneceu na Biblioteca Nacional. Esse seria o novo lugar de guarda dos 4.076 itens contabilizados pela Comissão, entre 2.785 livros e 1.291 manuscritos e mapas⁶⁵⁷. Naquele momento, o acervo da instituição contava, além das obras vindas de Portugal quando da vinda da família real ao Brasil⁶⁵⁸, com os itens advindos da prática das *propinas*⁶⁵⁹ e com algumas aquisições e doações vindas de particulares⁶⁶⁰. A bibliografia aponta, no entanto, que desde 1838, quando recebeu dos herdeiros de José Bonifácio de Andrada e Silva cerca de 5.000 peças, até 1854, quando passou a acondicionar os livros e manuscritos que pertenceram a De Angelis, a Biblioteca não havia agregado aos seus espaços nenhum outro conjunto de grande monta⁶⁶¹. A compra sobre a qual aqui trato era, pois,

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, t. XVII, 1854, p. 22. No Relatório ministerial citado na nota de rodapé anterior, apontava-se que “para a biblioteca do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro mandou o governo reservar 120 obras da mesma coleção que eram duplicadas, e concernentes às matérias que fazem objecto dos trabalhos do mesmo Instituto” (RELATÓRIO DO ANNO DE 1854, op. cit., p. 78).

⁶⁵⁷ Os números estão informados no Relatório do Ministério do Império relativo ao ano de 1853 (RELATÓRIO DO ANNO DE 1853 APRESENTADO A ASSEMBLÉA GERAL LEGISLATIVA NA 2ª SESSÃO DA 9ª LEGISLATURA PELO MINISTRO E SECRETÁRIO DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DO IMPÉRIO LUIZ PEDREIRA DO COUTTO FERRAZ. Rio de Janeiro: Typ. do Diario, de A. & L. Navarro, 1854, p. 71). Vê-se que o total de itens contabilizados pela Comissão nomeada pelo governo brasileiro é maior do que o total de entradas que havia no catálogo produzido por Pedro de Angelis e encaminhado ao Rio de Janeiro um ano antes (ver Anexo 33). A principal discrepância está na contagem dos livros quando comparado com a seção “obras impressas” do índice do italiano. Suponho que Monserrate e seu grupo tenha somado em separado cada um dos volumes de uma mesma obra, enquanto De Angelis havia anotado conforme o seguinte exemplo: “ADAMS. A defence of the constitutions of Government of the United States of America. Londres, 1794, 3 vol. en 8.º, en pasta” (DE ANGELIS, *Colección de obras impresas y documentos que tratan principalmente del Río de la Plata*, op. cit.). Nos Anais da Biblioteca Nacional de 1883-1884, José Alexandre Teixeira de Melo escreveu que a coleção comprada em 1853 tinha “1.717 obras em 2.747 volumes” (MELO, José A. Teixeira de. *Esboço Histórico. Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (1883-1884)*, vol. XI, 1885, p. 24), aproximando-se do número de entradas existentes no catalogo; já José Antônio Soares e Souza, em 1946, repete os números trazidos por Melo e agrega “1.295 manuscritos, inúmeros mapas, planos e plantas” (SOARES DE SOUZA, op. cit., p. 62), o que também é próximo do que De Angelis relacionou na seção “Manuscritos” de seu índice.

⁶⁵⁸ A Real Bibliotheca não chegou a ser embarcada e deixar Lisboa em 1807: na pressa da partida da Corte portuguesa, ela acabou ficando no porto da cidade e retornando ao Palácio da Ajuda. A transferência do acervo para o Rio de Janeiro foi realizada entre 1810 e 1811, em três remessas. Acabaram, por fim, reunidos em terras brasileiras 317 caixotes de livros vindos do Velho Mundo. Em 1812, eles foram acomodados no primeiro prédio determinado um ano antes para abrigar a Real Bibliotheca no Brasil, na Ordem Terceira do Carmo (SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. Edição Kindle, posição 5531-5833). No regresso de D. João VI a Portugal em 1821, retornou à Europa somente a parte do acervo chamada “Manuscritos da Coroa”, com documentos relativos à história portuguesa (Idem, posição 7467).

⁶⁵⁹ Iniciada em 1812, a prática das *propinas* consistia no envio à Biblioteca de tudo o que fosse impresso em oficinas tipográficas de Portugal e na Imprensa Régia do Rio de Janeiro (SCHWARCZ, op. cit., posição 5947).

⁶⁶⁰ Em 1811, o superior do Convento de Santo Antônio, no Largo da Carioca, doou à Biblioteca cerca de 2.500 impressos e manuscritos que haviam sido do frei José Mariano da Conceição Veloso; em 1815, foi comprado o espólio do Dr. Manuel Ignacio da Silva Alvarenga que somava 1.576 volumes; em 1818, adquiriu-se a coleção do arquiteto José da Costa e Silva e em 1819, a de Antonio de Araújo de Azevedo, o conde da Barca; entre 1817 e 1820, 317 foram registradas como doações de sujeitos da elite do governo, como d. João, marquês de Marialva, Tomás Antônio de Vilanova Portugal e Francisco Borja Garção Stockler, o marquês de Belas; em 1824, foram comprados mais de 1.590 volumes do espólio do Dr. Francisco de Mello e Franco e em 1832, foi incorporada à instituição a coleção do marquês de Santo Amaro (SCHWARCZ, op. cit., posição 5901-7552; CARVALHO, op. cit., pp. 45-46).

⁶⁶¹ SCHWARCZ, op. cit., posição 11194-11210; CARVALHO, op. cit., p. 46.

um investimento importante que o Império realizava para uma entidade que deveria ser “uma representação e sinal de cultura intelectual da nação” segundo o bibliotecário Monserrate⁶⁶², mas naqueles tempos não costumava ganhar grandes aportes financeiros de parte da Coroa.

Creio ser relevante aqui sinalizar que no Brasil Oitocentista existia uma “rede de instituições nas quais o esforço de construir um patrimônio documental brasileiro seria comum, na medida em que compartilhavam da tarefa de coletar e organizar documentos”⁶⁶³. Constituía-na, além da Biblioteca Nacional, o já citado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Arquivo Público⁶⁶⁴. Nesse cenário e desde a sua fundação em 1837, no entanto, “o IHGB mantinha uma situação privilegiada diante dos recursos obtidos, seja por meio da Assembleia, seja por interferência do próprio Imperador”⁶⁶⁵, deixando as outras duas instituições em situação difícil⁶⁶⁶. Na década de 1850, no entanto, algumas tentativas de mudanças e ressignificações ocorreram na Biblioteca.

Ocorre que o frei Camilo de Monserrate passou a reivindicar, a partir de sua posse em abril de 1853, um maior cuidado do Império em relação à entidade que conduzia e organizava. Ainda naquele ano, por exemplo, solicitou que se providenciasse um novo prédio para a Biblioteca Nacional que “lhe ofereça as proporções que lhe são indispensáveis”⁶⁶⁷, o que efetivamente ocorreu em 1854⁶⁶⁸. A preocupação do bibliotecário era não só com a acomodação

⁶⁶² SCHWARCZ, op. cit., posição 8748.

⁶⁶³ CALDEIRA, op. cit., p. 158.

⁶⁶⁴ O IHGN e o Arquivo compartilhavam preocupações semelhantes em relação aos documentos históricos; no entanto, enquanto “o primeiro tornava-se o lugar não apenas de acúmulo de documentos e sua publicação, mas também o lugar da ação, do processo de elaboração voluntária da História e da Geografia do Brasil”, “ao segundo ficava remetida a ideia de instituição depositária” (OLIVEIRA, Josiane Roza de. *Um historiador em formação: os primeiros anos da vida intelectual de Capistrano de Abreu (1875-1882)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2011, p. 138). O Arquivo Público, aliás, era considerado muito mais como uma instituição de caráter instrumental, “voltado para dentro do Estado, guardando e fornecendo os documentos necessários à consolidação deste” (COSTA, Célia. O Arquivo Público do Império: o legado absolutista na construção da nacionalidade. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 26, 2000, p. 222); limitou-se, “ao contrário dos arquivos nacionais europeus, que subsidiaram com seus documentos a história e a geografia nacionais, [...] a recolher os documentos legislativos e administrativos que diziam respeito quase que exclusivamente à rotina administrativa do governo imperial e ao aparato legal necessário à organização da nova sociedade” (Idem, p. 226).

⁶⁶⁵ OLIVEIRA, *Um historiador em formação*, op. cit., p. 138. Segundo Josiane de Oliveira, além de o IHGB ser a “menina dos olhos” de D. Pedro II, que participava inclusive de suas reuniões, seus membros tinham “mais prestígio para solicitar recursos financeiros junto à Assembleia Constituinte do que o próprio governo” (Idem, p. 132).

⁶⁶⁶ Idem.

⁶⁶⁷ RELATÓRIO [1853], op. cit., p. 71.

⁶⁶⁸ A Biblioteca Nacional foi transferida para a nova sede, no prédio nacional do Largo da Lapa, em 1858. Para Josiane de Oliveira, a conquista do novo espaço, antes dividido com a Ordem Terceira do Carmo, “trouxe alterações na representatividade da Biblioteca” (OLIVEIRA, *Um historiador em formação*, op. cit., p. 140). Já Ana Caldeira afirma que o fato de o novo edifício se situar longe do então centro da cidade, acabou por distanciar a Biblioteca das academias, das livrarias, das instituições de ensino e conseqüentemente, de seu leitor (CALDEIRA, op. cit., p. 72).

e conservação do acervo da livraria, mas com a possibilidade de aumentar o seu público visitante e leitor⁶⁶⁹. Ele também pretendia alargar o número de obras e documentos disponíveis, alegando que

[...] é sensível a deficiência da nossa Bibliotheca não só pelo que respeita as obras modernamente publicadas, e que representam os imensos progressos das sciencias e das letras nos últimos tempos, como especialmente á parte relativa aos livros e documentos concernentes á Historia, á Ethnographia e Philologia do Brasil, e da América em geral.⁶⁷⁰

Assim, também em 1853, regulamentou-se, com fins de tornar efetivo, o decreto número 433, de 3 de julho de 1847, que obrigava os editores e impressores do país a remeter um exemplar de cada obra publicada por eles à Biblioteca⁶⁷¹; além disso, solicitou-se que fossem enviadas à instituição “todas as memórias publicadas nas províncias, relativamente á estatística e história”, bem como as “publicações diárias e periódicas, afim de se poder organizar um quadro estatístico do movimento da imprensa no Império”⁶⁷². Foi neste ritmo das aspirações dos primeiros anos da gestão de Monserrate⁶⁷³ que ocorreu a compra do acervo de Pedro de Angelis e sua integração à Biblioteca Nacional⁶⁷⁴. Em 1854, o bibliotecário comemorava a aquisição:

⁶⁶⁹ Segundo Lilia Moritz Schwarcz, “o bibliotecário sonhava com um edifício frequentado por um público interessado e por estrangeiros estudiosos; com uma construção monumental que não deveria nem estar longe da cidade nem próxima demais de algum centro comercial ou das residências para evitar o perigo de incêndio, o barulho ou insetos; com um terreno próprio para permitir aumentos e reformas; com salas grandes, altas, onde o ar e a luz circulassem livremente; com salas cômodas para o estudo; com uma certa elegância, contando com alguns objetos de arte e um gramado bem arborizado e com salas de menor proporção para receber coleções especiais e raras” (SCHWARCZ, op. cit., posição 8743).

⁶⁷⁰ RELATÓRIO DO ANNO DE 1853, op. cit., p. 70.

⁶⁷¹ RELATÓRIO DO ANNO DE 1854, op. cit., p. 78.

⁶⁷² Idem.

⁶⁷³ Ana Sampaio Caldeira assinala que, apesar das diligências iniciais e dos desejos de Camilo de Monserrate, suas solicitações de investimentos e melhorias na Biblioteca ao Império não duraram muito tempo. A historiadora afirma que “pelo que se lê nos relatórios ministeriais, a Biblioteca Nacional pouco teria mudado no período entre sua transferência para o novo edifício da rua da Lapa até 1870. Praticamente não recebia obras de qualquer tipo e seu acervo aumentava apenas por conta de alguns periódicos e documentos oficiais enviados para a instituição” (CALDEIRA, op. cit., p. 66). Ainda conforme Caldeira, nesses tempos os “conselheiros chegam a destacar a necessidade de aumento de verba para a compra de livros e para a abertura no período noturno (que trazia, por consequência, um aumento nos ordenados dos empregados). Entretanto, argumentavam que, ‘nas atuais circunstâncias financeiras do país’, que se encontrava envolvido na Guerra do Paraguai, não se animavam a pedir verba para tais despesas” (Idem). Segundo Gilberto Vilar de Carvalho, “precedida a inauguração [do novo prédio], aberta a Biblioteca novamente ao público, os velhos problemas de antes, como era de se esperar, recomeçaram: são cortadas as verbas para aquisição de livros, o grande catálogo sonhado por frei Camillo continuou a ser sonho [...]” (CARVALHO, op. cit., p. 63). Nesse sentido, ele afirma que o período posterior à compra das obras e dos documentos de De Angelis, entre 1854 – quando a Biblioteca Nacional também recebeu, além da coleção de De Angelis, a que pertenceu ao médico naturalista Antônio Corrêa de Lacerda – e 1870, “não houve aquisições de maior vulto” (Idem, p. 47).

⁶⁷⁴ RELATÓRIO DO ANNO DE 1854, op. cit., p. 71.

Foi ultimamente a Bibliotheca enriquecida com a compra, que fez Governo, da excelente livraria do Doutor Pedro de Angelis. Compõe-se ella de 2.785 volumes impressos, além de 1.291 documentos e mapas manuscritos importantes, sendo grande parte dos livros relativa á História da America.⁶⁷⁵

Festejados no Rio de Janeiro, a concretização da venda e o deslocamento da coleção de De Angelis ao território brasileiro foram acontecimentos lamentados em Buenos Aires – onde propagou-se que aquilo havia sido uma deslealdade de De Angelis à pátria que o adotara – e em Montevidéu. Afinal, tratava-se de um dos maiores conjuntos de documentos, manuscritos e obras impressas sobre a história colonial e pós-independentista do Rio da Prata sob a guarda de um colecionista naquele território. Em carta escrita a Paulino de Souza em 31 de dezembro de 1853, o historiador uruguaio e colecionador de documentos Andrés de Lamas afirmava:

Meu querido Sr. Paulino. Já sabe que me enfermava a leitura do Catálogo dos documentos que vendia o Sr. Angelis. É uma perda gravíssima para o Rio da Prata, a que faz com esta coleção, e uma prova de suas profundas desgraças. As sensações que nos faz a vista dessa coleção, aos que, como eu, passaram os seus melhores anos, buscando, inútilmente, alguns dos seus documentos ou notícias que nela se encontram, não podem ser mais amargas.⁶⁷⁶

Os documentos históricos, como o italiano e seus contemporâneos bem sabiam, eram importantes tanto para a escrita da história de cada uma das nações sul americanas que, então, se formavam, como para a delimitação dos seus territórios, tão disputados no decorrer do século XIX. É por essa razão que Jaime Cortesão afirmou no século XX que a obtenção da biblioteca de De Angelis pelo Império Brasileiro foi “um magnífico despojo da batalha de Caseros”⁶⁷⁷. Aquela coleção particular, afinal, foi constituída durante a gestão de Juan Manuel de Rosas por um funcionário seu – que, com ela guardada em sua biblioteca, havia conseguido publicar coleções, arquivos e memórias em nome do governador –, e saía da Confederação Argentina justamente após a sua queda, ocorrida graças à intervenção do próprio Brasil nas questões platinas⁶⁷⁸.

Há que se refletir ainda que enquanto na Confederação rosista os repositórios públicos não tinham orientações claras sobre a guarda dos documentos, movidos, muitas vezes, conforme interesses particulares, e tampouco havia uma preocupação estatal em promover a

⁶⁷⁵ RELATÓRIO DO ANNO DE 1853, op. cit., p. 71.

⁶⁷⁶ apud SOARES DE SOUSA, op. cit., p. 61.

⁶⁷⁷ CORTESÃO, op. cit., p. 52.

⁶⁷⁸ Os negociadores brasileiros da compra dos documentos, Paulino José Soares de Sousa e Rodrigo da Silva e Pontes, aliás, tiveram atuação determinante para os acertos da aliança que o Império fez com Entre Ríos e o Uruguai para derrotar Rosas. Ver em: TORRES, Miguel Gustavo Paiva. *O Visconde do Uruguai e a sua atuação diplomática para a consolidação da política externa do Império*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

escrita de uma história institucionalizada, no Brasil do mesmo período as questões relativas à produção memorialística e do conhecimento sobre o passado enquanto iniciativas do próprio Império já eram melhor definidas. O acontecimento da transferência da coleção de Pedro de Angelis de uma biblioteca particular em Buenos Aires para uma pública do Rio de Janeiro, assim, não deixa de ser uma representação desse cenário. Ao fim, somente uma parte muito pequena do conjunto de obras e manuscritos reunidos pelo italiano permaneceu na cidade portenha, tendo sido passada justamente às mãos de outros colecionadores privados, como Bartolomé Mitre⁶⁷⁹. Torna-se irônico perceber que, pouco menos de vinte anos antes, quando divulgava a sua *Colección de obras y documentos* e mesmo para justificá-la, o próprio Pedro de Angelis havia escrito, em uma citação de seu prospecto que abre o primeiro capítulo desta tese, que “*muy raras son las bibliotecas y los museos que sobreviven a sus fundadores; y más raros los documentos que se perpetúan en el país a que pertenecen y a quién más interesa conservarlos*”⁶⁸⁰.

Como se pode imaginar, se muitos lamentaram a mudança do acervo pessoal de De Angelis ao Brasil, também o fez o próprio erudito. Ele já afirmava antes da venda, afinal, que sentiria a separação de seus materiais. Segundo Josefa Sabor, o italiano “*nunca se consoló de la pérdida de su colección, ni del mediocre negocio que hizo con ella*”⁶⁸¹. Apesar de haver acordado o valor de oito mil pesos com os compradores brasileiros, De Angelis não teria ficado realmente satisfeito com o preço. Aliás, sua vinda ao Rio de Janeiro para trazer a biblioteca tinha, também, relação com esse tema: além de tentar construir relações para servir ao Império, já que estava sem ofício, o colecionador buscou convencer os administradores reais a pagarem um pouco mais por seus papeis. Apesar de, ao que parece, ter conseguido acordar um pequeno

⁶⁷⁹ As obras sobre as línguas nativas da América que constam no *Apéndice* do catálogo de Pedro de Angelis, por exemplo, não foram vendidas ao Brasil, tendo algumas sido vendidas para o historiador argentino. No “*Catálogo razonado de la Sección Lenguas Americanas*”, há uma afirmação de Mitre sobre dito *Apéndice* que informa: “*Algunas de estas obras forman parte de mi colección de lenguas americanas, adquiridas al precio de una onza de oro cada ejemplar*” (MUSEO MITRE. *Catálogo razonado de la Sección Lenguas Americanas*. Volume 1. Buenos Aires: Imprenta Coni Hermanos, 1909, p. 7). Há menções na bibliografia de que Juan María Gutierrez e Manuel Ricardo Trelles também realizaram negócios de documentos com Pedro de Angelis após 1854 (SABOR, op. cit., p. 191).

⁶⁸⁰ DE ANGELIS. Prospecto de una colección, op. cit., p. II.

⁶⁸¹ SABOR, op. cit., p. 193.

serviço⁶⁸² e um aumento no montante da venda⁶⁸³ com os brasileiros, a frustração com a transação realizada sempre o acompanhou. Em uma carta endereçada para Juan María Gutiérrez e escrita pouco antes de seu falecimento em 1859, Pedro de Angelis dizia, com pesar: “[...] *Le mando también un catálogo de mi ‘finada biblioteca’, que he encontrado ayer revolviendo mis papeles. Guárdelo Ud. como recuerdo de mi grandeza pasada*”⁶⁸⁴.

3. 4. Coleção De Angelis, um fundo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Assim que chegou à Biblioteca Nacional e foi recebida pela comissão liderada pelo bibliotecário Camilo de Monserrate, a coleção pessoal de obras e manuscritos de Pedro de Angelis passou a ser organizada. As obras impressas – excetuando as que se destinaram ao IHGB – foram somadas ao acervo de livros já existente na instituição e mescladas ao seu fundo geral, não ganhando nenhum tipo de tratamento especial⁶⁸⁵. Já os manuscritos foram mantidos reunidos e dispostos em um único fundo que, então, era inaugurado: foi chamado “Coleção De

⁶⁸² Lembro que Pedro de Angelis já havia oferecido seus trabalhos ao Império Brasileiro em fins de 1830 em cartas enviadas ao cavaleiro de Wallenstein, como demonstrei no capítulo anterior, e que, portanto, essa era uma possibilidade que ele considerava há algum tempo (ou, pelo menos, sempre que não esteve a serviço de Rosas). Ao retornar para Montevidéu em abril de 1854 após passar quatro meses no Rio de Janeiro, o erudito manteve por algum tempo as relações estabelecidas com os letrados brasileiros com quem negociara sua biblioteca (CORTESÃO, op. cit., pp. 40-50). Ainda em 1854, De Angelis publicou a obra “*De la navigation de l’Amazone, réponse à un mémoire de M. Maury*”, com dedicatória a D. Pedro II – tal como havia feito com Rosas e a *Colección*. Em um breve necrológico do italiano publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro quando de seu falecimento, diz-se: “O talento e a ilustração de D. Pedro de Angelis eram ao mesmo tempo uma lança e um escudo: de ambos soube prevalecer-se o célebre Rosas, e teve mesmo ocasião de experimentá-los contra o Brasil. Em compensação o nosso consócio aproveitou um ensejo feliz para sustentar direitos do império e atacar ideas ousadas de um estrangeiro que contemplara com inveja o gigante do Amazonas. A sua *memória sobre a navegação do Amazonas*, escripta em resposta á de Mr. Maury, official da marinha dos Estados-Unidos, foi um serviço real prestado á nossa pátria” (MACEDO, Joaquim José. Necrológico de Pedro de Angelis. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. XXII, 1859, p. 721).

⁶⁸³ No Relatório do Ministério do Império, Camilo de Monserrate relatou que a negociação estava fechada quando a compra da coleção foi concretizada, mas para isso foi “mister elevar a respectiva verba” e que assim procedeu (RELATÓRIO DO ANNO DE 1853, op. cit., p. 71). Bartolomé Mitre afirmou que, por fim, o acervo de Pedro de Angelis foi vendido ao Brasil por “*diez mil pesos de oro*” (MUSEO MITRE, op. cit., p. 7).

⁶⁸⁴ Carta de Pedro de Angelis a Juan María Gutiérrez. In: MORALES, Ernesto (comp.) *Epistolario de don Juan María Gutiérrez*. Buenos Aires: Instituto Cultural Joaquín V. González, 1942, p. 216.

⁶⁸⁵ SABOR, op. cit., p. 196.

Angelis” e inscrito na Seção de Manuscritos⁶⁸⁶. Mesmo sendo heterogêneo em sua cronologia, natureza, temática ou tipo de autoria, o conjunto de documentos que veio de Buenos Aires, considerado um dos mais importantes da nossa Biblioteca, se manteve assim conformado e nomeado até os nossos dias, mantendo-se, de alguma forma, relacionado ao seu antigo proprietário e ao acervo que formou para si no século XIX⁶⁸⁷.

Quando vendeu sua coleção para o governo brasileiro, Pedro de Angelis garantiu, provavelmente sem ter tido consciência disso, que o conjunto que formou continuasse preservado. É possível que se tivesse vendido seus manuscritos para outros colecionadores privados, como era sua intenção no início da década de 1840, eles teriam voltado para as tramas do comércio da história e acabariam separados em outros – e mesmo diversos – fundos documentais; ou teriam ficado à mercê da vontade de conservação dos herdeiros, como vimos que aconteceu com vários acervos⁶⁸⁸. A “Coleção De Angelis” da Biblioteca Nacional acabou por ajudar a consolidar uma imagem para o italiano, a qual ele produziu reunindo e estando em meio aos documentos escritos, fosse na *Colección*, no *Archivo Americano*, com sua biblioteca privada ou mesmo quando assumiu o cargo no *Archivo General*: a de um erudito que se preocupava em conhecer, preservar, guardar e constituir fontes para o passado (e também o

⁶⁸⁶ Quando da chegada dos materiais à Biblioteca brasileira decidiu-se, ainda, por acomodar e numerar os escritos do fundo de forma consecutiva seguindo exatamente a ordem que havia sido dada por De Angelis no capítulo “*Manuscritos*” de seu catálogo elaborado em 1853 (RODRIGUES, op. cit., p. 6; SABOR, op. cit., p. 195). Hoje aquela numeração já não mais existe, tendo sido substituída por uma assinatura topográfica. Além disso, nos nossos dias, com o acervo digitalizado e sua base informatizada, os manuscritos podem ser buscados conforme os assuntos aos quais eles se referem. Recentemente, um catálogo dos mapas da Coleção foi produzido pela Divisão de Cartografia da Biblioteca Nacional, descrevendo “pormenorizadamente 93 *planos y mapas*”; na mesma oportunidade, tais documentos foram higienizados e, quando necessário, restaurados (COELHO, Maria Cristina Leal Feitora. Catálogo da Coleção de Angelis. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, vol. 121, p. 223-256, 2001). Com o trabalho, levantou-se que Pedro de Angellis havia vendido ao Brasil 93 mapas, número diferente dos 51 listados no seu catálogo. Segundo a responsável pelo projeto de catalogação, Maria Cristina Coelho, isso se deve ao fato de que algumas referências anotadas pelo erudito se referiam a mais de um mapa ou desenho (COELHO, op. cit., p. 225).

⁶⁸⁷ Segundo os procedimentos da arquivologia, os acervos privados que são doados ou legados recebem o nome do particular que detinha a sua propriedade. Esse critério ainda é utilizado em repositórios e segue as definições de fundo documental que aparecem, variando pouco entre umas e outras, em diversos manuais da disciplina, seguindo o princípio da “ordem original”: “conjunto de documentos, quaisquer que sejam suas formas ou seu suporte materil, cujo crescimento se deu de maneira orgânica, automática, no exercício das atividades de uma pessoa física ou jurídica, privada ou pública, e cuja conservação respeita esse crescimento sem jamais desmembrá-lo” ou “um ou mais conjuntos de documentos, qualquer que seja a sua data, sua forma ou suporte material, acumulados num processo natural por uma pessoa ou instituição pública ou privada no transcurso de sua gestão, conservados, respeitando aquela ordem [...]” (FARGE, op. cit., p. 12; HEYMANN, *O lugar do arquivo*, op. cit., p. 51). Essas definições auxiliam a produção e consolidação da ideia de “‘naturalidade’ associada aos arquivos, no sentido tanto da constituição de conjutos de documentos quanto no de seu recolhimento às instituições de guarda” (HEYMANN, *O lugar do arquivo*, op. cit., p. 13).

⁶⁸⁸ Krzysztof Pomian alerta que um dos traços característicos de museu (e de um arquivo ou biblioteca pública) é a permanência: “contrariamente à coleção particular que, na maior parte dos casos, se dispersa depois da morte daquele que a tinha formado e sofre as repercussões das flutuações de sua fortuna, o museu sobrevive aos seus fundadores e tem, pelo menos em teoria, uma existência tranqüila” (POMIAN, *Coleção*, op. cit., p. 82).

presente). Hoje, qualquer pessoa que buscar pelos manuscritos que pertenceram a Pedro de Angelis no prédio ou no *website* da BN vai se defrontar com o seu nome nos registros catalográficos. Pode-se pensar que a “Coleção De Angelis” é, assim, um testemunho⁶⁸⁹ de sua “*grandeza pasada*” – para atualizar um termo que ele mesmo usou, de forma melancólica, quando sentia saudade de seus papéis.

Mesmo iniciativas de edição, microfilmagem e digitalização dos manuscritos do fundo jamais apagaram o vínculo com o colecionador a quem, um dia, aqueles papéis pertenceram, mesmo que os seus documentos formassem, nas mãos de estudiosos e pesquisadores dos séculos XX e XXI, novos conjuntos de fontes dedicados a responder aos questionamentos de seus tempos e de seus próprios caminhos investigativos. O historiador português Jaime Cortesão, por exemplo, publicou, entre 1951 e 1970, uma obra em sete volumes chamada “Manuscritos da Coleção De Angelis”. Era uma coleção documental editada pela Divisão de Obras Raras e Publicações da própria Biblioteca Nacional e que imprimiu diversos documentos do acervo pessoal do italiano que ele mesmo não havia conseguido levar à público na *Colección* e nas outras coletâneas que planejou. Apesar de indicar a origem dos manuscritos publicados no título da própria obra e nos textos introdutórios que preparou, Cortesão realizou uma seleção deles e os reorganizou em grupos de forma a atender os seus interesses de discutir a história da diplomacia e da formação dos limites territoriais do Brasil⁶⁹⁰.

A Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul guarda em seu Espaço de Documentação e Memória Cultural um depósito de 1291 documentos microfilmados chamado “Manuscritos da Coleção de Angelis”. Os rolos de microfilmes foram comprados da Biblioteca Nacional em 1997 e desde 2015 estão sendo digitalizados em um projeto chamado “Digitalização da Coleção De Angelis”. Em 2003, a investigadora Maria Cristina dos Santos da PUCRS editou um CD-ROM contendo um Banco de Dados que produziu para o estudo “Xamanismo e Cura na Coleção De Angelis”, no qual transformou alguns dos documentos que o erudito reuniu em fontes para sua pesquisa⁶⁹¹. Cópias em microfilmes dos manuscritos reunidos por Pedro de Angelis, aliás, podem ser encontrados em diferentes

⁶⁸⁹ Idem, op. cit., p. 54.

⁶⁹⁰ PEIXOTO, Renato Amado. Moldando o corpo do Brasil: Jaime Cortesão, Rodrigo Octávio, a representação de Gusmão e o metajogo na região do Prata. *História da Historiografia*, n. 22, dezembro de 2016. Na organização dos documentos feitas por Cortesão, cada um dos volumes referia-se a uma temática: 1. Jesuítas e bandeirantes no Guairá (1596-1640); 2. Jesuítas e bandeirantes no Itatim (1596-1760); 3. Jesuítas e bandeirantes no Tape (1615-1641); 4. Jesuítas e bandeirantes no Uruguai (1611-1758); 5. Tratado de Madri-Antecedentes-Colônia do Sacramento (1669-1749); Antecedentes do Tratado de Madri: Jesuítas e bandeirantes no Paraguai (1703-1751).

⁶⁹¹ SANTOS, Maria Cristina (Coord.). Xamanismo e Cura na Coleção De Angelis. Porto Alegre: CNPq/PPGH-PUCRS, 2003.

repositórios do Brasil e da Argentina e são usados para os mais diferentes estudos, especialmente aqueles sobre a atuação da Companhia de Jesus na América⁶⁹².

Diante disso, uma questão a ser considerada é a da possibilidade de acesso à coleção de Pedro de Angelis: desde a segunda metade do século XIX, ela está depositada em um repositório público. Ali, ela foi mantida definitivamente fora do circuito das atividades econômicas⁶⁹³ e, por mais que fosse posse do governo brasileiro e uma relíquia a ser guardada com muito cuidado⁶⁹⁴, poderia ser alcançada por investigadores e interessados. Os argentinos, no entanto, até hoje lamentam o fato de o acervo reunido por De Angelis ter passado à nação vizinha⁶⁹⁵.

Por essa razão, em novembro de 2011, o Ministério da Cultura do Brasil e a congênera argentina celebravam um acordo no qual se comprometiam a digitalizar e disponibilizar na web o acervo da Coleção De Angelis. Os depoimentos da ex-Ministra da Cultura do governo brasileiro, Ana de Hollanda, e do então Presidente da Fundação Biblioteca Nacional, Galeno Amorim, revelavam uma espécie de “dívida” do Brasil em relação à posse dos documentos. Para a imprensa, Hollanda afirmou que “[...] antes, se discutia muito a posse dos acervos – agora, com esta iniciativa, fica muito mais fácil o acesso a toda esta história”, e Amorim arrematou: “Se um dia este acervo saiu da Argentina, esta é a ocasião para devolvê-lo”⁶⁹⁶.

⁶⁹² No Instituto Anchieta de Pesquisas da Universidade do Vale Rio dos Sinos há rolos de microfimes reproduzidos a partir da Coleção De Angelis da Biblioteca Nacional feitos pelos Padres Arnaldo Bruxel e Balduino Rambo em 1944. Os documentos, alguns dos quais foram datilografados no IAP nos anos 1980, são aqueles que De Angelis guardava relativos à Companhia de Jesus. Também há alguns documentos da Coleção microfilmados no Archivo General de la Nación da Argentina, na Biblioteca Nacional de Buenos Aires e na Biblioteca do Colegio del Salvador, também na cidade portenha (SABOR, op. cit., p. 197).

⁶⁹³ POMIAN, Coleção, op. cit., p. 54.

⁶⁹⁴ O governo brasileiro, afinal, se dispôs a comprar e tratar a coleção, o que evidencia seu capital simbólico e financeiro. Neste caso, “há valorização que vai do fundo à instituição que o detém, na medida em que deter certos fundos privados confere prestígio à instituição” (HEYMANN, Luciana Quillet. *Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller*. Estudos Históricos, v. 10, n. 19, 1997, p. 49).

⁶⁹⁵ Josefa Sabor, bibliotecária argentina, escrevia em 1995 que o fato era “*lamentable [...] porque se trataba sin duda de la más importante colección de obras y documentos reunida hasta el momento en estas latitudes y que, con sus características particulares, jamás será repetida e porque la colección de documentos que atesoraba era – y es – fundamental para muchas investigaciones relacionadas con la historia argentina*” (SABOR, op. cit., pp. 159-160).

⁶⁹⁶ Ver em: <http://www.cultura.gov.br/site/2011/11/17/biblioteca-digital-pedro-de-angelis/>. Acesso em 01 set. 2015. A importância da Coleção De Angelis para os argentinos pode ser atestada em um outro acontecimento recente que a relacionava à diplomacia mercosulina: em fins de agosto de 2012, o Secretário da Cultura do governo de Cristina Kirchner esteve no Brasil em visita oficial. Em retribuição e como forma de simbolizar a cooperação entre os governos, o Secretário Jorge Coscia recebeu das mãos da então Ministra da Cultura do Brasil Ana de Hollanda uma cópia certificada do mapa das Malvinas retirada daquele acervo. Ver em: <http://www.cultura.gov.br/site/2012/08/31/visita-oficial-do-secretario-de-cultura-da-argentina-ao-brasil/>. Acesso em: 01 set. 2015. O mapa presenteado se encontra guardado na Biblioteca Nacional Argentina, catalogado como uma doação da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Foi então que a “Biblioteca Digital Pedro de Angelis”, sobre a qual falei nas primeiras linhas desta tese, foi ao ar pela rede mundial de computadores. Ela tinha como objetivo principal disponibilizar ao grande público os manuscritos da Coleção De Angelis em uma base de dados e de acesso compartilhada entre a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e a *Biblioteca Nacional da la República Argentina*, podendo ser acessada a partir de uma URL comum ou nos websites de cada uma das instituições. “Devolvia-se”, desta forma, o acervo à sua nação de origem, segundo queriam os gestores brasileiros. Há que se pensar que, se antes a coleção do erudito era privada e exclusiva, passando depois a ser pública, mas guardada entre paredes, agora ela poderia ser acessada livremente desde qualquer parte do globo, pensada como um patrimônio e uma herança cultural comum às nações sul-americanas que deveria ser compartilhado⁶⁹⁷. Mais do que isso, se no passado os seus documentos deveriam ser obrigatoriamente copiados (por amanuenses ou não) para circular para além de seus espaços de guarda, como o próprio italiano fizera com os manuscritos de Segurola por exemplo, no presente é possível descarregar em computadores suas versões digitalizadas⁶⁹⁸ e multiplicá-las em dispositivos físicos ou online de armazenamento⁶⁹⁹.

Chama a atenção, por fim, que, para além da Coleção De Angelis, a Biblioteca Digital Pedro de Angelis pretendia digitalizar, reunir e publicizar tudo o que dizia respeito ao erudito italiano que havia nos dois repositórios públicos envolvidos no projeto. Isso incluía, também, as suas obras e os jornais nos quais trabalhou, como, entre outros, a *Colección de Obras y*

⁶⁹⁷ BETTENCOURT; BARBER, op. cit., p. 1.

⁶⁹⁸ Na Biblioteca Digital Pedro de Angelis, todos os documentos estão disponibilizados no formato *portable document files* (.pdf). O .pdf mantém uma “aparência de impresso” independentemente de onde é aberto e, por isso, ele se localiza “o mais próximo possível para um documento digital da chancela oficial de um documento guardado sob um arquivo físico” (SILVEIRA, Pedro Telles da. As fontes digitais no universo das imagens técnicas: crítica documental, novas mídias e o estatuto das fontes históricas digitais. *Antíteses*, v. 9, n. 17, jan./jun. 2016, p. 281). É claro, no entanto, que com um documento digitalizado em .pdf haverá outra relação de leitura e de trabalho do historiador: o contato tátil e outros sentidos e ações relacionadas ao manuseio do papel, por exemplo, são inviabilizados. Segundo Telles, “esta constatação não significa que o arquivo em .pdf oferece uma experiência mais pobre que aquela de manusear um documento físico. Existem outras operações – como a de busca [...] – que não são passíveis de serem realizadas no papel. O importante é compreender que o documento digital e o digitalizado não podem ser compreendidos como a mera transposição da documentação material a um meio digital. A diferença entre as fontes tradicionais e as fontes digitais é a conversão de um conteúdo em imagem efetuada por uma linguagem de programação que (re)constrói o documento a partir da organização de dados numéricos para sua apresentação ao usuário mediante uma determinada interface” (Idem, p. 283).

⁶⁹⁹ Ressalto que, se por um lado o processo de digitalização de documentos auxilia a circulação e a leitura de materiais antes “confinados” em arquivos e bibliotecas, por outro não significa necessariamente a garantia da conservação de seus originais. É claro que a disponibilização do documento digital faz com que o seu duplo material seja menos manuseado, por exemplo, protegendo-o da degradação. No entanto, no Brasil um projeto de lei em tramitação no Senado no momento da escrita deste trabalho sugere que, depois de digitalizada, a documentação original pode ser descartada (ver em: SUGIMOTO, Luiz. Arquivistas reagem a projeto de lei que prevê eliminação de originais. *Jornal da UNICAMP*, Campinas, 11 agosto 2017. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2017/08/15/arquivistas-reagem-projeto-de-lei-que-preve-eliminacao-de-originais>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

Documentos e o Archivo Americano. A justificativa era, nas palavras das suas responsáveis, que o italiano havia “*representado al gobierno de su país a través de su designación en distintos cargos, pero sobre todo, a través de su pluma y de su tarea como bibliógrafo. Ese fue su mayor legado*”⁷⁰⁰. Assim, todos os conjuntos documentais reunidos por De Angelis em tempos de Rosas – entre *colecciones* e *archivos* – acabavam sendo retomados e passavam a ser pensados como os legados produzidos e deixados por ele não só para que se realizasse a escrita da história do governo rosista, do Prata e da América, mas para que a sua própria trajetória e produção fossem ressignificadas e investigadas, como fez esta tese.

⁷⁰⁰ BETTENCOURT; BARBER, op. cit., p. 4.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando trabalhamos com documentos guardados em arquivos, nós, historiadores, costumeiramente nos emocionamos com o contato feito com os papéis do passado e com o que eles podem – ou o que esperamos que eles possam – revelar. Arlette Farge diz que, para os estudiosos em história, “a descoberta do arquivo é um maná que se oferece, justificando plenamente seu nome: fonte”⁷⁰¹. Tendemos a esquecer, no entanto, os caminhos que aqueles materiais percorreram e as manipulações que eles sofreram até se tornarem fontes de pesquisa incluídas em acervos. Apenas eventualmente pensamos nos repositórios, e mesmo nas compilações documentais impressas cujos escritos usamos como fontes em nossos trabalhos, como construtos sociais, como produtos de uma prática realizada por um ou mais sujeitos em determinado momento histórico⁷⁰². Ao longo deste trabalho, demonstrei como alguns conjuntos de documentos que acessamos até os dias de hoje para pensar a história da América foram produzidos na Buenos Aires da primeira metade do XIX por um erudito antiquário que perscrutava e recolhia manuscritos e obras, colecionava-os em sua biblioteca pessoal, catalogava-os e editava-os em impressos que eram levados a público; produzia, pois, coleções e arquivos de fontes.

As coleções e os arquivos produzidos pelo italiano Pedro de Angelis foram parte fundamental não só de sua paixão colecionista, mas sobretudo de sua prática letrada e de sua atuação política. Assim como tantos eruditos que atuaram no continente americano ao longo do Oitocentos, ele preocupava-se com a recuperação e a salvaguarda de papéis e em conferi-los algum sentido. Como afirma Salgado Guimarães, “da coleção ao catálogo, o que estava em marcha era um projeto de submeter a documentação [...] a um novo olhar, a uma nova economia do saber acerca do passado. Localizar, identificar, reunir e catalogar, mas igualmente deliberar acerca da ‘autenticidade dos exemplares achados’”⁷⁰³. Para De Angelis e muitos de seus

⁷⁰¹ FARGE, op. cit., p. 15.

⁷⁰² Em “*Fabrique des archives, fabrique de l’histoire*”, Étienne Anheim e Oliver Poncet destacam que as fontes que os historiadores consultam, antes mesmo da operação historiográfica feita por eles, são produzidas em dois tempos: em um, como documentos, em outro, como arquivo (documentos que são conservados, classificados, inventariados). Há que se considerar, assim, o trabalho e o papel do arquivista na conformação da fonte histórica enquanto tal (Ver em: ANHEIM, Étienne; PONCET, Olivier. *Fabrique des Archives, fabrique de l’Histoire. Revue de Synthèse*, tome 125, 5^e série, pp. 1-14, 2014).

⁷⁰³ GUIMARÃES, *História e erudição*, op. cit., posição 858.

contemporâneos, importava selecionar, agrupar os documentos que consideravam – após a realização de alguma crítica e a instituição de alguns critérios – fidedignos e instituí-los como as provas que serviriam para a escrita das histórias nacionais que deveriam ser elaboradas a partir de então. Na compreensão deles, escrever a verdadeira história das nações em construção demandava este conjunto de procedimentos iniciais e imprescindíveis.

É importante ressaltar que Pedro de Angelis não escreveu nenhuma narrativa histórica de acordo com os cânones modernos, nem parece ter tido nenhuma pretensão nesse sentido. Um dos principais intuitos desta tese foi demonstrar que, apesar disso, em sua principal obra, a *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua e moderna de las Provincias del Río de la Plata*, publicada entre 1835 e 1839, o italiano elaborou um discurso sobre o passado da Confederação Argentina, estabelecendo a partir de quais fontes e de quais eventos aquele pretérito deveria ser lido por seus coetâneos e pelos sujeitos do futuro. Tendo sido dedicada a Juan Manuel de Rosas, a *Colección* era um arquivo do passado de sua Confederação, acabando, através dos documentos ali reunidos, por delimitar o território de domínio e orientar as ações do governador, bem como construir uma dada memória para o rosismo.

Já que “controle do arquivo é controle da memória”, conforme afirma Aleida Assmann⁷⁰⁴, no *Archivo Americano y Espiritu de la Prensa del Mundo*, que editou de 1843 a 1851, Pedro de Angelis conformou um outro conjunto de documentos, então do tempo presente, para forjar uma memória do experienciado na Confederação Argentina, divulgá-la em seu tempo e guardá-la para o futuro. O erudito trabalhava neste jornal para produzir e tentar consolidar eventos e verdades a partir do ponto de vista e dos interesses do rosismo e de seu líder, em contraposição às imagens narradas e com antecipação às que ainda viriam a ser contadas pelos “inimigos” da Confederação, fossem as nações que a ameaçavam e inquietavam, fossem os românticos da Geração de 1837. Através dos documentos que publicava, De Angelis registrava e legitimava as ideias e os atos de Juan Manuel de Rosas e seu grupo e, também, apagava e manipulava as interpretações e ações dos seus oponentes.

A imagem do governo de Rosas – que não tinha como prioridade o investimento na guarda e organização de documentos nos repositórios públicos de Buenos Aires ou a institucionalização da escrita da história – acabou, de certa maneira, sendo positivada por esses conjuntos documentais que Pedro de Angelis realizou em seu nome, em um contexto em que essas tarefas faziam parte da consolidação dos Estados nacionais tidos como ilustrados – ou

⁷⁰⁴ ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011, p. 368.

“civilizados” como queriam os adversários do regime – na América e na Europa. Mesmo que a atuação do italiano como *segundo archivero* do *Archivo General de la Provincia de Buenos Aires* não tenha resultado, ao que tudo indica, na organização do acervo da instituição, a documentação reunida por De Angelis nas coleções e arquivos que publicou acabou por auxiliar na sua constituição como um erudito preocupado com a produção de conhecimento e com a preservação de papéis. Isso permitiu, inclusive, a sua introdução em círculos letrados, em associações de saber e mesmo a sua manutenção como funcionário do governo bonaerense.

Os manuscritos e impressos que juntava em sua coleção particular, aliás, se por um lado estimularam desconfianças e denúncias quanto às suas formas de apropriação, por outro possibilitaram que Pedro de Angelis se entremeasse no “comércio da história” que acontecia no continente americano (especialmente na região platina, onde muitos documentos corriam em mãos privadas) e no Velho Mundo, mantendo vínculos com homens de letras e construindo novos. Ao vendê-los ao Império Brasileiro em 1853, o erudito antiquário os retirava para sempre de Buenos Aires, mas continuava a construção de si como um letrado importante de sua época: sua biblioteca pessoal, mantida e reunida com seu nome em um fundo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, seria, assim como suas coletâneas e produções autorais, considerada seu legado às gerações vindouras.



Logo quando comecei a pensar em Pedro de Angelis e sua relação com documentos históricos como objeto de pesquisa, fui para Buenos Aires investigar no *Archivo General de la Nación*. Lá, tomei conhecimento de um fundo chamado “*Papeles de Pedro de Angelis*”, atualmente renomeado “*Fondo Pedro de Angelis*”. A expectativa sobre o que eu iria encontrar nele tomou conta de mim: um sujeito para quem a documentação escrita era cara e que colecionava e reunia papéis, afinal, deveria ter guardado uma série bem completa e, de alguma forma, organizada dos que versavam sobre si, imaginei. O que eu ingenuamente idealizei em um primeiro momento era que os documentos lá depositados pudessem, por um lado, elucidar boa parte das questões que eu fazia sobre a personagem. Mais do que isso, pensei que eles pudessem explicar, além da trajetória de De Angelis, como o erudito queria que ela fosse compreendida e contada; como se ele tivesse acumulado documentos a respeito de sua vida privada e de sua atuação pública para que fossem lidos no futuro, para que formassem um conjunto coerente sobre si guardado em um repositório, esperando pela visita de investigadores.

Teria ele conformado uma imagem de si com aquele acervo, como fizeram tantos outros homens públicos (e também comuns) com seus arquivos privados ao longo dos tempos⁷⁰⁵? Aliás, eu podia mesmo pensar naquele fundo como mais conjunto documental produzido pelo erudito?

Após abrir e manusear os três *legajos* (96, 97 e 98) que formavam o fundo, percebi que eles continham os mais diversos papéis que um dia pertenceram ao italiano. Um recibo da venda de um monetário; anotações pessoais variadas – desde estudos sobre a obra de Vico, as línguas indígenas ou a história platina, até lembretes feitos para si que, imagino, somente o próprio autor entenderia (ver Anexo 35) –, soltas, realizadas em folhas de alçaço ou minúsculos pedaços rasgados de papel (ver Anexo 36); índices e listas bibliográficas manuscritas; alguns rascunhos feitos a mão de seus artigos autorais que foram publicados em jornais e impressos ou de brindes que realizou em jantares formais; alguns documentos relacionados ao seu trabalho no *Archivo Americano*, entre recortes e transcrições de textos sobre Juan Manuel de Rosas saídos em jornais europeus e norte-americanos e cartas trocadas com o governador; poucos mapas e manuscritos históricos, a maioria sobre a Ilha Pepys; pouquíssimas correspondências privadas (entre originais, rascunhos ou cópias) das quais o erudito era remetente ou destinatário. Os materiais se relacionavam a diversos momentos da vida de De Angelis em Buenos Aires, desde sua chegada até a sua morte, com várias lacunas temporais, e estavam misturados, não obedecendo a qualquer critério organizador.

Os catálogos do repositório público argentino não determinam a origem do *Fondo Pedro de Angelis*; dizem somente que a sua “*documentación fue adquirida por el Archivo General de la Nación, aunque no existen datos precisos sobre la fecha de ingreso*”⁷⁰⁶. Eles indicam, no entanto, que o *Fondo* é composto, além dos três *legajos* que levam o nome do erudito, de outras duas “*unidades de conservación*” que “*pertenecen a la colección Juan Ángel Farini e incluyen, sobre todo, la producción literaria de Pedro de Angelis*”⁷⁰⁷. No *legajo* 36 do *Archivo Juan A. Farini* existem manuscritos com estudos de línguas indígenas realizados pelo napolitano semelhantes àqueles que estão no *Fondo Pedro de Angelis*. Já no *legajo* 195, há uma missiva de Esteban Echeverría dirigida para José Rivera Indarte datada em junho de 1844, na

⁷⁰⁵ “Arquivar a própria vida”, afinal, afirma Philippe Artières, “é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudios Históricos*, v. 11, n. 21, 1998, p. 11).

⁷⁰⁶ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN. *Archivos y colecciones de procedencia privada*. Comisiones especiales y de homenajes. Sección Documentación Donada y Adquirida (Sala VII). Tomo I. Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 2016, p. 50.

⁷⁰⁷ Idem, p. 51.

qual, entre diversas outras manifestações de contrariedade a Rosas, o autor afirma que De Angelis é um “*verdadero mazorquero*”⁷⁰⁸; há, nela, uma anotação com a letra do italiano⁷⁰⁹, o que indica que o papel passou pelas suas mãos. As correspondências trocadas entre Pedro de Angelis e Juan Manuel de Rosas em 1848 para a produção do *Archivo Americano* também estão ali, bem como algumas cartas enviadas em 1850 por Tomas Guido ao erudito. Tais documentos eram parte da coleção bibliográfica e documental que o intelectual Juan Ángel Farini havia acumulado ao longo de sua vida e foram comprados de seus herdeiros pelo AGN em 1958⁷¹⁰.

Nas primeiras décadas do século XX, Farini foi membro da Junta de História e Numismática Americana⁷¹¹ e trabalhou no *Museo Mitre*, tendo sido seu escrevente, auxiliar de biblioteca e contador⁷¹². Nesse *Museo* estão guardados outros papéis que pertenceram a Pedro de Angelis, como documentos sobre a Ilha Pepys e as línguas nativas americanas. Sobre esse último tema, aliás, existem mais manuscritos produzidos por De Angelis nos *legajos* 22 e 23 do *Fondo y Colección Andrés Lamas* do *Archivo General de la Nación*. Eles pertenceram a Lamas, colecionador de documentos coetâneo do erudito, e foram remetidos ao AGN justamente pelo Museo Mitre, onde até então estavam armazenados, em 1959⁷¹³.

As informações acima indicam que os documentos pessoais de Pedro de Angelis acabaram distribuídos em várias mãos. Ainda que se suponha que o erudito os tenha conservado reunido e organizado por algum tempo – fato sobre o qual não encontrei vestígios –, eles não tiveram a mesma sorte de sua coleção de obras e manuscritos que saíram de suas mãos à Biblioteca Nacional brasileira, onde foram mantidas em um único conjunto, como vimos no capítulo 3. Mesmo os papéis que fazem parte do *Fondo Pedro de Angelis* podem ter sido originários de um ou de diversos acervos pelos quais passaram antes de serem reunidos no *Archivo General*, talvez por um trabalho dos próprios arquivistas daquele repositório público.

Em seu trabalho sobre a construção do legado memorialístico do intelectual brasileiro Darcy Ribeiro, Luciana Quillet Heymann assinala que “deve ser problematizada a imagem do

⁷⁰⁸ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Archivo Juan A. Farini. Sala VII. Legajo 195.

⁷⁰⁹ Na anotação feita no canto superior esquerdo da primeira página da correspondência, De Angelis escreveu: “*Las palabras subrayadas son textuales de Indarte; las subrayadas y entre comillas son del autor de esta carta*” (Idem).

⁷¹⁰ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN. *Archivos y colecciones de procedencia privada*. Comisiones especiales y de homenajes. Sección Documentación Donada y Adquirida (Sala VII). Tomo II. Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 2016, p. 196.

⁷¹¹ Sobre a Junta, ver nota de rodapé 235 deste trabalho.

⁷¹² BLASCO, Marla Elida. Producción, circulación y divulgación de conocimiento histórico en el Museo Mitre de la ciudad de Buenos Aires (1906-1946). *História da Historiografia*, número 20, 2016, pp. 37-38.

⁷¹³ ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN. *Archivos y colecciones de procedencia privada*. Tomo I, op. cit., p. 342.

arquivo [pessoal] como ‘retrato’ do titular, como meio de acesso seguro ao pessoal e ao íntimo”⁷¹⁴; ela afirma, pois, que “o perfil dos documentos que o integram depende dos designios e das características do titular, e talvez de terceiros que atuem na acumulação dos registros”⁷¹⁵. Esses terceiros podem ser cônjugues, familiares, secretários, e mesmo colecionadores e arquivistas que os manipularam, reorganizaram. Talvez De Angelis nunca tenha “controlado” o acúmulo e o destino de seus documentos privados por não pensar neles como possíveis fontes históricas, ou mesmo por mero acaso. Seria, portanto, um equívoco meu imaginar aquele

arquivo [pessoal] como ‘a memória’ em estado bruto do titular, como resultado de uma seleção estabelecida definitivamente por ele quanto ao que preservar e de que maneira fazê-lo. Essa perspectiva é alterada quando se percebe que tais conjuntos documentais estão sujeitos a múltiplos processos de seleção e reordenamento interno.⁷¹⁶

Por essa razão – e também pela impossibilidade de investigar a história de sua constituição e custódia com mais fôlego⁷¹⁷ – optei por não incluir o *Fondo Pedro de Angelis* no rol dos conjuntos de documentos estabelecidos por Pedro de Angelis estudados neste trabalho. Alguns de seus papéis, por outro lado, acabaram por fazer parte do arquivo de fontes que estabeleci para a minha pesquisa.

⁷¹⁴ HEYMANN, *O lugar do arquivo*, op. cit., p. 66.

⁷¹⁵ Idem, p. 76. Em outro estudo, então sobre o arquivo pessoal de Filinto Müller, Heymann alerta para o erro de se pensar o “arquivo pessoal como espelho da trajetória do seu titular, a partir do qual se poderia bucar reconstituir todas as atividades desenvolvidas por ele”. De fato, lembra, “nem sempre existe uma equivalência entre história de vida e arquivo pessoal. Este muitas vezes não corresponde quanto ao período coberto pela documentação e riqueza dos registros acumulados, à duração e magnitude da atuação do acumulador” (HEYMANN, *Indivíduo, memória e resíduo histórico*, op. cit., p. 44).

⁷¹⁶ HEYMANN, *O lugar do arquivo*, op. cit., p. 76.

⁷¹⁷ Ainda conforme Heymann, mesmo “as lacunas e os silêncios do arquivo, mas também as concentrações documentais que produzem ‘eloquências’ com relação a determinados aspectos ou períodos, devem ser, em vez de motivo para decepção, objeto de investimento” (Idem, p. 75). Nesse sentido, acredito que o estudo da biografia do arquivo pessoal de Pedro de Angelis renderá um trabalho futuro. Interessa-me saber, sobretudo, qual foi o papel de Melanie Dayet de Angelis no destino do espólio do italiano. Um documento guardado no *Archivo General de la Nación* indica, por exemplo, que a esposa do erudito – que permaneceu viva por vinte anos após a morte de seu marido, tendo ficado para sempre estabelecida em Buenos Aires – ainda distribuía suas obras, e talvez até mesmo as vendia, bem como recebia propostas sobre documentos, na década de 1870. Trata-se de uma carta de Félix Frías que, nomeado em 1869 pelo então presidente Sarmiento como diplomata em Santiago, tentava defender os interesses de soberania da Argentina no território patagônico e se correspondia com diversos interlocutores em busca de documentos a respeito da história dos limites austrais com o Chile. Em 7 de abril de 1873, Frías escrevia para Luis Elías Vernet dizendo: “*Con la apreciable carta de V. del 12 del pasado he recibido los dos ejemplares de la Memoria de Dn. Pedro de Angelis, que vuestra amiga Sra. Da. Melania ha tenido la bondad de enviarme. Ruego a V. tenga la bondad de presentarle mi agradecimiento muy sincero; y de decirle que considero el mayor respeto por la memoria de su esposo, a quien debí tantas atenciones en mis primeros años. Desearía saber si tiene ella muchos ejemplares de la publicación que me ha remitido, y el precio a que quiere venderlas, pues convendría hacerla conocer en este país. [...] Ruego a V. me diga si la misma Señora conserva algunos ejemplares completos del Archivo Americano y de la Colección de Documentos, y si por acaso tiene también algunos documentos inéditos, que tengan intereses para la cuestión de límites, que sostenemos con Chile*” (ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Fondo Félix Frías*. Sala VII. Legajo 167. Carta de Félix Frías a Luis Elías Vernet, 7 de abril de 1973).

Considero importante, para encerrar, reafirmar uma ideia que espero ter conseguido desenvolver ao longo da tese: as compilações impressas, as coleções pessoais e os arquivos públicos e privados (e até os nossos, dos historiadores, selecionados ao realizar uma pesquisa) têm historicidade, produzem sentidos e acabam por portar discursos (sobre o passado e o presente, para o presente e o futuro). À sua maneira e conforme as suas possibilidades, foi reunindo documentos que De Angelis assegurou que certa memória sobre os tempos de Rosas e sobre si mesmo, de alguma forma, ecoasse entre seus contemporâneos e chegasse até os nossos dias.

REFERÊNCIAS

Fontes Manuscritas

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Fondo Félix Frías*. Sala VII. Legajo 167. Carta de Félix Frías a Luis Elías Vernet, 7 de abril de 1973.

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Archivo Juan A. Farini*. Sala VII. Legajo 195.

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Fondo Pedro de Angelis*. Sala VII. Legajo 96. Carta de Pedro de Angelis a Bernardino Rivadavia, 12 février 1827.

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Fondo Pedro de Angelis*. Sala VII. Legajo 97. Anotações de Pedro de Angelis.

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Fondo Pedro de Angelis*. Sala VII. Legajo 97. Manuscritos da Bibliografía del Río de la Plata.

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Fondo Pedro de Angelis*. Sala VII. Legajo 98. Carta de Casimira Ximénez de Cabrer a Pedro de Angelis, 20 de Julio de 1842.

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Fondo Pedro de Angelis*. Sala VII. Legajo 98. Carta de Casimira Ximénez de Cabrer a Pedro de Angelis, 22 de Julio de 1842.

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Fondo Pedro de Angelis*. Sala VII. Legajo 98. Carta de Casimira Ximénez de Cabrer a Pedro de Angelis, 26 de Julio de 1842.

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Fondo Pedro de Angelis*. Sala VII. Legajo 98. Cartas de Woodbine Parish a Pedro de Angelis.

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 23-03-02 A.

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 25-02-03.

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Hacienda*. Sala X. Legajo 16-08-1.

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 26-05-05.

- BIBLIOTECA NACIONAL (Rio de Janeiro, Brasil). *Seção de Manuscritos. Seção de Manuscritos*. I-28.16.15 n. 1. Carta de Pedro de Angelis para Wallenstein, 4 de dezembro de 1837.
- BIBLIOTECA NACIONAL (Rio de Janeiro, Brasil). *Seção de Manuscritos*. I-28.16.15 n. 5. Carta de Pedro de Angelis para Wallenstein, 16 de março de 1838.
- BIBLIOTECA NACIONAL (Rio de Janeiro, Brasil). *Seção de Manuscritos* I-28.16.15 n. 7. Carta de Pedro de Angelis para Wallenstein, 13 de junho de 1838.
- BIBLIOTECA NACIONAL (Rio de Janeiro, Brasil). *Seção de Manuscritos*. I-28.16.15 n. 9. Carta de Pedro de Angelis para Wallenstein, 26 de agosto de 1838.
- BIBLIOTECA NACIONAL (Rio de Janeiro, Brasil). *Seção de Manuscritos*. I-28.16.15 n. 12. Carta de Pedro de Angelis para Wallenstein, 25 de novembro de 1838.
- BIBLIOTECA NACIONAL (Rio de Janeiro, Brasil). *Seção de Manuscritos*. I-28.16.15 n. 14. Carta de Pedro de Angelis para Wallenstein, 26 de março de 1839.
- BIBLIOTECA NACIONAL (Rio de Janeiro, Brasil). *Seção de Manuscritos*. I-28.16.15 n. 18. Carta de Pedro de Angelis para Wallenstein, 23 de outubro de 1839.
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO (Rio de Janeiro, Brasil). *Coleção Instituto Histórico*. Lata 180. Doc. 75. Circular de Pedro de Angelis pedindo a assinatura para uma obra que pretende publicar sobre as Províncias do Rio da Prata. Buenos Aires, março de 1841.
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO (Rio de Janeiro, Brasil). *Coleção Instituto Histórico*. Lata 138. Pasta 53. Carta de Pedro de Angelis enviando documentos sobre a negociação com Inglaterra e França. Buenos Aires, 22 de novembro de 1845.
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO (Rio de Janeiro, Brasil). *Coleção Instituto Histórico*. Lata 142. Pasta 62. Carta de Pedro de Angelis enviando documentos sobre a missão de M. M. Ouseley e Deffaudis. Buenos Aires, 20 de fevereiro de 1846.
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO (Rio de Janeiro, Brasil). *Coleção Instituto Histórico*. Lata 177. Doc. 64. Carta de Pedro de Angelis enviando documentos sobre a missão de Mr. Hood. Buenos Aires, 14 de janeiro de 1847.

Fontes Impressas

- ACTAS DAS SESSÕES DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS. Lisboa, n. 1, Tomo II, 1850
- ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Primera reimpresión del texto español conforme la edición original. Tomo 1: 1843-44. Buenos Aires: Editorial Americana, 1946.

- ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Primera reimpresión del texto español conforme la edición original. Tomo 2: 1844-45. Buenos Aires: Editorial Americana, 1947.
- BULLETIN DE LA SOCIÉTÉ DE GÉOGRAPHIE. Paris, 2ème serie, tome 11ème, 1839.
- BADINI, Gino. *Lettere Dai Due Mondi*. Pietro di Angelis e altri corrispondenti di Carlo Zucchi. Reggio Emilia: Archivio di Satato di Reggio Emilia, 1999.
- Carta de don Pedro de Angelis, a Don Floro Castellanos, sobre sus tareas editoriales, la publicación de documentos históricos y envío de algunos impresos. In: BECÚ, Teodoro; TORRE REVELLO, José. *La Colección de Documentos de Pedro de Angelis y el Diario de Diego de Alvear*. Buenos Aires: Talleres S.A. Casa Jacobo Peuser Ltda., 1941, p. XLIV.
- Carta de Esteban Echeverría a Juan María Gutierrez del 24 de junio de 1847. In: GUTIÉRREZ, Fermín Estrella; GRONDONA, Adela; DE OBIETA, Adolfo (comp.). *Epistolario del siglo XIX*. Buenos Aires: Sociedad Argentina de Escritores, 1967, p. 110
- Carta de Pedro de Angelis a Florentino Castellanos. Rio de Janeiro, 21 diciembre de 1853. In: SOCIEDADE DE HISTORIA ARGENTINA. Anuario de Historia Argentina Año 1940. Buenos Aires: Domingo Viau y Cia., 1941, p. 372.
- Carta de Pedro de Angelis a Juan María Gutiérrez. In: MORALES, Ernesto (comp.). *Epistolario de don Juan María Gutiérrez*. Buenos Aires: Instituto Cultural Joaquín V. González, 1942, p. 216.
- DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia moderna y antigua de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1835-1839. 6 tomos.
- DE ANGELIS, Pedro. *Memoria Historica sobre los derechos de soberanía y dominio de la Confederación Argentina a la parte austral del Continente Americano, comprendida entre las costas del Oceano de Hornos, inclusa la Isla de los Estados, Tierra del Fuego, y el Estrecho de Magallanes en toda su extensión*. Buenos Aires: [s.n.], 1852.
- De Florencio Varela a Juan María Gutiérrez, 31-X-1835. In: MOGLIA, Raúl; GARCÍA, Miguel (ed.). *Archivo Del Doctor Juan María Gutiérrez*. Epistolario. Tomo I. Buenos Aires: Biblioteca del Congreso de la Nación, 1979, p. 190.
- De Florencio Varela a Juan María Gutiérrez, 22-IX-1842. In: MOGLIA, Raúl; GARCÍA, Miguel O (ed.). *Archivo del Doctor Juan María Gutiérrez*: Epistolario. Tomo I. Buenos Aires: Biblioteca del Congreso de la Nación, 1979, p. 250.
- De Florencio Varela a Juan María Gutiérrez, 27-X-1842. In: MOGLIA, Raúl; GARCÍA, Miguel O. *Archivo del Doctor Juan María Gutiérrez*: Epistolario. Tomo I. Buenos Aires: Biblioteca del Congreso de la Nación, 1979, p. 251.
- De Teodoro Vilardebó a Juan María Gutiérrez, 16-II-1846. In: MOGLIA, Raúl; GARCÍA, Miguel O (ed.). *Archivo Del Doctor Juan María Gutiérrez*: Epistolario. Tomo II, Buenos Aires: Biblioteca del Congreso de la Nación, 1981, p. 47.

- DIRECCIÓN DE GEODESIA DE LA PROVINCIA DE BUENOS AIRES. *Archivo Público de Geodesia*: algunos documentos para la historia del Departamento Topográfico. La Plata: [s.n.], 1962.
- ECHEVERRÍA, Esteban. *Cartas a don Pedro de Ángelis editor del Archivo Americano*. In: _____. *Dogma Socialista y otras páginas políticas*. Buenos Aires: Ediciones Estrada, 1948
- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. *Coleção Instituto Histórico*. Lata 180. Doc. 75. Circular de Pedro de Angelis pedindo a assinatura para uma obra que pretende publicar sôbre as Províncias do Rio da Prata. Buenos Aires, março de 1841.
- LA GACETA MERCANTIL. Buenos Aires, n. 3.893, 27 de mayo de 1836.
- LA GACETA MERCANTIL. Buenos Aires, n. 5.942, 19 de julio de 1843.
- MACEDO, Joaquim José. Necrológico de Pedro de Angelis. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. XXII, pp. 719-722, 1859.
- MACEDO, Joaquim Manoel de. Relatório do Primeiro Secretário o Dr. Joaquim Manoel Macedo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. XVII, pp. 3-50, 1854.
- MITRE, Bartolomé. Instituto Histórico y Geográfico. Discurso pronunciado en la Biblioteca Pública con el objeto de promover a la asociación. In: MITRE, Bartolomé. *Obras completas*. Buenos Aires, 1959.
- MUSEO MITRE. *Catálogo razonado de la Sección Lenguas Americanas*. Volume 1. Buenos Aires: Imprenta Coni Hermanos, 1909.
- Pedro de Angelis a Florentino Castellanos. Rio de Janeiro, 21 diciembre de 1853. In: SOCIEDAD DE HISTORIA ARGENTINA. *Anuario de Historia Argentina Año 1940*. Buenos Aires: Domingo Viau y Cia., 1941, p. 372.
- PRESUPUESTO GENERAL DE SUELDOS Y GASTOS ORDINARIOS Y EXTRAORDINARIOS DE LA PROVINCIA DE BUENOS AIRES. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1841.
- REGISTRO OFICIAL DEL GOBIERNO DE BUENOS AIRES. Libro 1. Buenos Aires: s.n., 1821.
- REGISTRO OFICIAL DEL GOBIERNO DE BUENOS AIRES. Libro 14°. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1835.
- REGISTRO OFICIAL DEL GOBIERNO DE BUENOS AIRES. Libro 15°. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836.
- RELATÓRIO DO ANNO DE 1853 APRESENTADO A ASSEMBLÉA GERAL LEGISLATIVA NA 2ª SESSÃO DA 9ª LEGISLATURA PELO MINISTRO E SECRETÁRIO DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DO IMPÉRIO LUIZ PEDREIRA DO COUTTO FERAZ. Rio de Janeiro: Typ. do Diario, de A. & L. Navarro, 1854.

RELATÓRIO DO ANNO DE 1854 APRESENTADO A ASSEMBLÉA GERAL LEGISLATIVA NA 3ª SESSÃO DA 9ª LEGISLATURA PELO MINISTRO E SECRETÁRIO DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DO IMPÉRIO LUIZ PEDREIRA DO COUTTO FERAZ. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1855.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Obras selectas*. Edición ordenada, revisada y precedida por un estudio preliminar por Enrique de Gandía. Buenos Aires: Editorial La Facultad, 1944.

THE EDINBURGH REVIEW OR CRITICAL JOURNAL. Edinburgh, vol. 65, nº 131, 1837.

THE JOURNAL OF THE ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY OF LONDON. London, vol. 7, 1837.

Fontes Online

APÉNDICE AL NÚM. 26 DEL ARCHIVO AMERICANO que contiene la correspondencia entre el Exmo. Señor General D. Juan Manuel de Rosas, Gefe Supremos de la Confederación Argentina Encargado de sus Relaciones Exteriores, General en Gefe de sus Ejércitos, y el Exmo. Señor Ministro Plenipotenciário de su Majestad Británica Honorable Caballero D. Henrique Southern con motivo de las inauditas agresiones del Gobierno Brasilerio. Buenos Aires, 20/09/1851. Disponível em: <<http://catalogo.bn.gov.ar/>>. Acesso em: 10 set. 2017.

ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Buenos Aires, números 1-32, 1844-1847. Disponível em: <<http://catalogo.bn.gov.ar/>>. Acesso em: 10 set. 2017.

ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Buenos Aires, números 1-28 [segunda serie], 1847-1851. Disponível em: <<http://catalogo.bn.gov.ar/>>. Acesso em: 10 set. 2017.

ARGENTINA. *Decreto nº 1584/2010, de 2 de novembro de 2010*. Establécense Feriados Nacionales y días no laborables. Disponível em: <<http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/170000-174999/174389/texact.htm>>. Acesso em: 05 jan 2017.

ARGENTINA. *Decreto nº 1880/2011, de 17 de novembro de 2011*. Créase el Instituto Nacional de Revisionismo Histórico Argentino e Iberoamericano Manuel Dorrego. Disponível em: <<http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/190000-194999/190107/norma.htm>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

ARGENTINA. *Decreto nº 269/2015, de 29 de dezembro de 2015*. Instituto Nacional de Revisionismo Histórico Argentino e Iberoamericano Manuel Dorrego. Disolución. Disponível em: <<http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/255000-259999/257469/norma.htm>>. Acesso em: 05 jan. 2017

CANAL ENCUESTRO. Batallas de Libertad: La Vuelta de Obligado. Mountain View: Google, 2011. (24 min 42 seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XzzyB-xUqHU>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

DE ANGELIS, Pedro. Colección de obras impresas y documentos que tratan principalmente del Río de la Plata, formada por Pedro de Angelis. Buenos Aires: [s.n.], 1853. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/coleccion-de-obras-impresas-y-manuscritas-que-tratan-principalmente-del-rio-de-la-plata--0/html/>>. Acesso em: 23 set. 2017.

SASTRE, Marcos. Discursos pronunciados el día de la apertura del salón literario, fundado por D. Marcos Sastre. *Liberalism in the Americas Digital Archive*. Disponível em: <http://liberalism-in-americas.org/182>>. Acesso em: 3 de mar. 2015.

Fontes digitais

SANTOS, Maria Cristina (Coord.). Xamanismo e Cura na Coleção De Angelis. Porto Alegre: CNPq/PPGH-PUCRS, 2003 [CD-ROM].

Bibliografia

AMANTE, Adriana. *Poéticas y políticas del destierro*. Argentinos en Brasil en la época de Rosas. Buenos Aires: FCE, 2010.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANHEIM, Étienne; PONCET, Olivier. Fabrique des Archives, fabrique de l'Histoire. *Revue de Synthèse*, tome 125, 5^e série, pp. 1-14, 2014.

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN. *Archivos y colecciones de procedencia privada*. Comisiones especiales y de homenajes. Sección Documentación Donada y Adquirida (Sala VII). Tomo I. Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 2016.

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN. *Archivos y colecciones de procedencia privada*. Comisiones especiales y de homenajes. Sección Documentación Donada y Adquirida (Sala VII). Tomo II. Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 2016.

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN. *Manuelita Rosas y Antonino Reyes*. El olvidado epistolário (1889-1897). Buenos Aires: AGN, 1998.

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN. *Memoria correspondiente al año 1924: antecedentes acerca de su fundación, reglamento, organización y estado actual*. Buenos Aires: [s.n.], 1925.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricas*, v. 11, n. 21, pp. 9-34, 1998.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011.

BALTAR, Rosalia. Aspectos de la cultura ilustrada en los letrados rivadavianos. Pedro de Angelis y José Joaquín de Mora. In: BARELLI, María Cecilia; STAMBOLE, Pablo Escalante; PULLEY, Romina (comp.). *Actas del Congreso Internacional: América del Sur y el movimiento ilustrado*. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 2015. E-book, pp. 36-43.

- BALTAR, Rosalía. *Letrados en tiempos de Rosas*. Mar del Plata: Eudem, 2012.
- BATICCUORE, Graciela. Lectores, autores y propietarios. Las bibliotecas románticas. In: GAYOL, Sandra; MADERO, Marta (ed.). *Formas de historia cultural*. Buenos Aires: Prometeo Libros; Los Polvorines; Univ. Nacional de General Sarmiento, 2007, p. 71-80.
- BECÚ, Teodoro; TORRE REVELLO, José. *La Colección de Documentos de Pedro de Angelis y el Diario de Diego de Alvear*. Buenos Aires: Talleres S.A. Casa Jacobo Peuser Ltda., 1941.
- BERNALDO DE QUIRÓS, Pilar González. *Civilidad y política en los orígenes de la nación argentina*. Las sociabilidades en Buenos Aires, 1829-1862. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.
- BETTENCOURT, Angela; BARBER, Elsa. Biblioteca virtual Pedro de Angelis: padrones de interoperabilidad en el acceso y preservación del patrimonio cultural de América Latina. In: *World Library and Information Congress: 75th IFLA General Conference and Council*. Milão, Itália, 2009. Disponible em: <<https://www.ifla.org/past-wlic/2009/98-monteira-es.pdf>>. Acceso em: 13 jun. 2016.
- BLASCO, Marla Elida. Producción, circulación y divulgación de conocimiento histórico en el Museo Mitre de la ciudad de Buenos Aires (1906-1946). *História da Historiografia*, número 20, pp. 31-47, 2016.
- BONALDO, Rodrigo Bragio. *Presentismo e presentificação do passado: a narrativa jornalística da história na Coleção Terra Brasilis de Eduardo Bueno*. Dissertação (Mestrado em História) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- BOUZA, Fernando. *Del escribano a la biblioteca*. La civilización escrita europea en la Alta Edad Moderna (siglos XV-XVII). Madrid: Editorial; Síntesis, 1992.
- BOUZA, Fernando. *Imagen y propaganda*. Capítulos de historia cultural del reinado de Felipe II. Madrid: Akal, 1998.
- BOUZA, Fernando. *Corre Manuscrito*. Una historia cultural del Siglo de Oro. Madrid: Marcial Pons, 2001.
- BUCHBINDER, Pablo. Vínculos privados, instituciones públicas y reglas profesionales en los orígenes de la historiografía argentina. *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani*, núm. 13, 1^o semestre, pp. 59-82, 1996.
- BUCHBINDER, Pablo. *Historia de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1997.
- BURTON, Antoinette (ed.). *Archive Stories: Facts, Fictions and the Writing of History*. Durham; London: Duke University Press, 2005.
- CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. *O bibliotecário perfeito: o historiador Ramiz Galvão na Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, 2015. Tese (Doutorado em História) — Programa de Pós-Graduação em Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa de Documentação de

História Contemporânea e do Brasil (CPDOC), Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2015.

CARBIA, Rómulo D. *Historia Crítica de la Historiografía Argentina*. Desde sus orígenes en el siglo XVI. La Plata: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad de la Plata, 1939.

CARVALHO, Gilberto Vilar de. *Biografia da Biblioteca Nacional (1807 a 1990)*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1994.

CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARRETERO, Andrés M. Nota del Editor. In: De ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos á la historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata*. Tomo Primero. Con prólogos y notas de Andrés M. Carretero. Buenos Aires: Plus Ultra, 1969, p. 10.

CAÑIZARRES ESGUERRA, Jorge. *Cómo escribir la historia del Nuevo Mundo: Historiografías, epistemologías e identidades en el mundo del Atlántico del siglo XVIII*. México: FCE, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: CHARTIER, Roger (org.). *História da vida privada*, 3: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 113-162.

CHIARAMONTE, José Carlos. *Cidades, províncias, Estados*. Origens da nação argentina (1800-1846). São Paulo: Editora HUCITEC, 2009.

CHIARAMONTE, José Carlos. *Usos políticos de la historia: lenguaje de clases y revisionismo histórico*. Buenos Aires: Sudamericana, 2013. Edição Kindle.

CEZAR, Temístocles. A geografia servia, antes de tudo, para unificar o império. Escrita da história e saber geográfico no Brasil oitocentista. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v.11. n. 1, pp. 79-99, 2005.

COELHO, Maria Cristina Leal Feitora. Catálogo da Coleção de Angelis. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, vol. 121, pp. 223-256, 2001.

COSTA, Célia. O Arquivo Público do Império: o legado absolutista na construção da nacionalidade. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 26, pp. 217-231, 2000.

CORTESÃO, Jaime. Introdução. In: CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e bandeirantes no Guairá*. Coleção de Angelis. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951, pp. 10-110.

CRESPO, Horacio. El erudito coleccionista y los orígenes del americanismo. In: ALTAMIRANO, Carlos; MYERS, Jorge (orgs.). *Historia de los intelectuales en América*

- Latina*. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires: Katz Editores, 2008, p. 290-311.
- CROCCE, Benedetto. “Voici di Esulli”: Andrea e Pietro de Angelis. In: CROCCE, Benedetto. *Una famiglia di patrioti ed altri saggi storici e critici*. Bari: Gius. Laterza & Figli, 1919.
- CUTRERA, Maria Laura. *Subordinarlos, someterlos y sujetarlos al orden: Rosas y los indios amigos entre 1829 y 1852*. Buenos Aires: Teseu, 2003.
- DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DE GANDÍA, Enrique. La Academia Nacional de Historia. Breve Noticia Histórica. In: LEVENE, Ricardo (dir.). *Historia de la Nación Argentina* (Desde los orígenes hasta la organización definitiva en 1862). Vol. I: Tiempos Prehistóricos y Protohistóricos. Buenos Aires: Librería El Ateneo Editorial, 1961
- DEVOTO, Fernando. La construcción del relato de los orígenes en Argentina, Brasil y Uruguay: las historias nacionales de Varnhagen, Mitre y Bauzá. In: ALTAMIRANO, Carlos (dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires: KATZ Editores, 2008, pp. 269-289.
- DEVOTO, Fernando; PAGANO, Nora. *Historia de la historiografía argentina*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2010.
- DEVOTO, Fernando; FAUSTO, Boris. *Brasil e Argentina: Um ensaio de história comparada (1850-2002)*. São Paulo: Editora 34, 2004.
- DI MEGLIO, Gabriel. *¡Mueran los salvajes unitários! La Mazorca y la política en tiempos de Rosas*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2012. Edição Kindle.
- DÍAZ MOLANO, Elías. *Vida y obra de Pedro de Angelis*. Buenos Aires: Librería y Editorial Colmegna, 1968.
- FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira; KALIL, Luis Guilherme Assis. A historiografia sobre as crônicas americanas: a criação de um gênero documental. In: KARNAL; Leandro; DOMÍNGUEZ, Lourdes S.; FERNANDES, Luiz Estevam de O.; KALIL, Luis Guilherme A. (orgs.). *Cronistas do Caribe*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2012, pp. 47-70.
- FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. Las crónicas coloniales como fuentes históricas: el trabajo de la erudición ochocentista en la edición e interpretación de textos coloniales (México, EEUU, Argentina y Brasil). In: HURTADO, Liliana Regalado (org.). *Las crónicas coloniales: fuentes para historias comparadas*. Lima: PUCP; Museo Nacional de Arqueología, Antropología e Historia del Perú, 2013, pp. 145-164.
- FRABOSCHI, Roberto O. Rosas y las relaciones exteriores con Francia y Inglaterra. In: LEVENE, Ricardo. (ed.). *Historia de la Nación Argentina* (desde los orígenes hasta la organización definitiva en 1862). Vol. 7: Rosas y su época (segunda sección). Buenos Aires: El Ateneo, 1951, pp. 194-196.

- FRANZEN, Beatriz Vasconcelos; FLECK, Eliane Cristina Deckmann; MARTINS, Maria Cristina Bohn. Introdução. In: FRANZEN, Beatriz Vasconcelos; FLECK, Eliane Cristina Deckmann; MARTINS, Maria Cristina Bohn (org.). *Carta Anua da Província Jesuítica do Paraguai 1659-1662*. São Leopoldo: Oikos/UNISINOS; Cuiabá: EdUFMT, 2008, pp. 7-27.
- GALLARDO, Carlo R. Proemio á la segunda edición. In: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos á la historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata*. Tomo I. Buenos Aires: Libería Nacional de J. Lajouane & Cía. Editores, 1910.
- GALLO, Klaus. A la altura de las luces del siglo: el surgimiento de un clima intelectual en la Buenos Aires posrevolucionária. In: ALTAMIRANO, Carlos; MYERS, Jorge (orgs.). *Historia de los intelectuales en America Latina*. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires: Katz Editores, 2008, pp. 184-203.
- GELMAN, Jorge. *Rosas bajo fuego: Los franceses, Lavalle y la rebelión de los estancieros*. Buenos Aires: Penguin Random House Grupo Editorial Argentina, 2012. Edição Kindle.
- GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e o encanto dos arquivos privados. *Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, pp. 121-127, 1998.
- GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, pp. 7-24.
- GOMES, Ângela de Castro. Memória em disputa: Jango, ministro do Trabalho ou dos trabalhadores? In: FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *João Goulart: entre a memória e a história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 31-55.
- GONZÁLEZ, Horácio. La batalla de Obligado. *Página/12*, Buenos Aires, 23 nov. 2010. Disponível em: <<https://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-157351-2010-11-23.html>>. Acesso em: 05 jan. 2017.
- GONZÁLEZ, Júlio César. La Biblioteca hallada em la Casa de Gobierno después de Caseros. *Anuario de la História Argentina (1941)*, Buenos Aires, v. 3, p. 249-259, 1942.
- GRAFTON, Anthony. *As origens clássicas da erudição: pequeno tratado sobre as notas de rodapé*. São Paulo: Papirus, 1998.
- GRAFTON, Anthony. The Footnote from De Thou to Ranke. *History and Theory*, 33(4), pp. 53-76, 1994.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Entre amadorismo e profissionalismo: as tensões da prática histórica no século XIX. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 5, pp. 185-200, 2002.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. História e erudição. In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAÚJO, Valdei Lopes de. *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. Edição Kindle, posição 710-1008.

- GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, pp. 5-27, 1998.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Vendo o passado: representação e escrita da história. *Anais do museu paulista: História e Cultura Material*, v. 15, n. 2, pp. 11-30, 2007.
- HALPERIN DONGHI, Tulio. *De la revolución de independencia a la Confederación Rosista*. Buenos Aires: Paidós, 2010.
- HARTOG, François. A testemunha e o historiador. In: PESAVENTO, Sandra (org.). *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001, pp. 11-41.
- HARTOG, François. *Creer en la historia*. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Finis Terrae, 2014.
- HARTOG, François. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- HARTOG, François. *Regímenes de historicidad: presentismo y experiencias del tiempo*. Ciudad de México: Universidad Iberoamericana, 2007.
- HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. *Estudos Históricos*, v. 10, n. 19, pp. 41-66, 1997.
- HEYMANN, Luciana Quillet. *O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro*. Rio de Janeiro: Contra Capa; FAPERJ, 2012.
- JACOB, Christian. Prefácio. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (dir.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: UFRH, 2006, pp. 9-17.
- KALIL, Luis Guilherme Assis. *A conquista do Prata: análise da crônica de Ulrico Schmidl*. 2008. 194 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2008.
- KRIEGEL, Blandine. *L'Histoire à l'Age Classique*. La défaite de l'erudition, v. 2. Paris: PUF, 1988.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.
- LYNCH, John. As repúblicas do Prata da independência à guerra do Paraguai. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. Volume III: Da independência até 1870. São Paulo/Brasília: Editora da Universidade de São Paulo/Imprensa Oficial do Estado, 2001, pp. 695-770.
- LYNCH, John. *San Martín: soldado argentino, héroe americano*. Buenos Aires: Crítica, 2009.
- MACEDO, Joaquim José. Necrológico de Pedro de Angelis. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. 22, pp. 719-722, 1859.

- MELO, José A. Teixeira de. *Esboço Histórico. Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (1883-1884)*, vol. XI, pp. 15-35, 1885.
- MICHELET, Jules. *Oeuvres de Michelet*. Bruxelles: Meline, Cans et Comp., 1854.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. História antiga e o antiquário. *Anos 90*, v. 21, n. 39, pp. 19-76, jul. 2014.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru: EDUSC, 2004.
- MONTEIRO, Rodrigo Bentes; CALDEIRA, Ana P. Sampaio. A ordem do tempo: folhetos na coleção Barbosa Machado. *Topoi*, v. 8, n. 14, pp. 77-113, jan.-jun. 2007.
- MYERS, Jorge. La cultura literaria del período rivadaviano: saber ilustrado y discurso republicano. In: ALIATA, Fernando; MUNILLA LACASA, Maía Lía (comp.). *Carlo Zucchi y el neoclasicismo en el Río de la Plata*. Buenos Aires: Eudeba, 1998, pp. 131-148.
- MYERS, Jorge. La revolución en las ideas: la generación romántica de 1837 en la cultura y en la política argentines. In: GOLDMAN, Noemi (coord). *Nueva Historia Argentina*. Tomo III. Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1999, pp. 381-445.
- MYERS, Jorge. *Orden y virtud*. El discurso republicano en el regimen rosista. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1995.
- NEUMANN, Eduardo Santos. Práticas letradas Guarani: produção e usos da escrita indígena (séculos XVII e XVIII). Rio de Janeiro, 2005. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- NOVELLA MARANI, Alma. *Cinco amigos de Rivadavia*. La Plata: Universidad Nacional de La Plata, 1987.
- OBERMEIER, Franz. El apêndice de la *Colección de obras impresas y manuscritas* [1853] de Pedro de Angelis. Una reconstrucción de la parte etnolingüística. *IHS - Antiguos Jesuítas em Iberoamérica*, vol. 5, n. 2, pp. 3-27, julio-diciembre 2017.
- O'DONNELL, Pacho. *La Gran Epopeya: el combate de la Vuelta de Obligado*. Buenos Aires: Aguilar, 2012. Edição Kindle.
- OLIVEIRA, Josiane Roza de. *Um historiador em formação: os primeiros anos da vida intelectual de Capistrano de Abreu (1875-1882)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2011.
- OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Crítica, método e escrita da história em Capistrano de Abreu (1853-1927)*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- OLIVEIRA, Suellen Mayara Péres de. *A querela de clio na região do Prata e do Brasil: tensões e diálogos da escrita da história nos Institutos Históricos e Geográficos (1838-1852)*.

Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

- OLIVEIRA, Suellen Mayara Péres de. Montevideú, a nova Troia? Gêneros em disputa nos projetos de escrita da história da região do Prata (1839-1850). In: FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira (org.). *História da América: Historiografia e interpretações*. Ouro Preto: Editora UFOP, 2012, pp. 188-251.
- PAGANI, Rosana; SOUTO, Nora; WASSERMAN, Fabio. El ascenso de Rosas al poder y el surgimiento de la Confederación, 1827-1835. In: GOLDMAN, Noemi (coord). *Nueva Historia Argentina*. Tomo III: Revolución, República, Confederación (1808-1852). Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1999, pp. 283-322.
- PALTI, Elías J. Rosas como enigma. La génesis de la fórmula “Civilización y barbárie”. In: BATTICUORE, Graciela; GALLO, Klaus; MYERS, Jorge (comp.). *Resonancias románticas*. Ensayos sobre historia de la cultura argentina (1820-1890). Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 2005, pp. 71-84.
- PASQUALI, Patricia (org.). *San Martín, confidencial: correspondencia personal del Libertador con su amigo Tomás Guido (1816-1849)*. Buenos Aires: Planeta, 2000.
- PESATTI, Pedro. Estudio preliminar. Pedro de Angelis y la soberanía de los territorios australes. In: DE ANGELIS, Pedro. *Viajes por las costas de la Patagonia y los campos de Buenos Aires*. Informes, diarios y cartas de viajeros (s. XVIII). Buenos Aires: Continente-Pax, 2007.
- PEIXOTO, Renato Amado. Moldando o corpo do Brasil: Jaime Cortesão, Rodrigo Octávio, a representação de Gusmão e o metajogo na região do Prata. *História da Historiografia*, n. 22, pp. 59-78, dezembro de 2016.
- PÉREZ, Alberto. Estudio preliminar. La leyenda de la Ciudad Encantada de la Patagonia. In: DE ANGELIS, Pedro. *La ciudad encantada de la Patagonia*. La leyenda de los Césares. Buenos Aires: Continente, 2005.
- PILLADO FORD, Cesar. Archivo General: Pedro de Angelis – su actuación (Continuación). *Estudios de la Academia Literaria del Plata*. Tomo 48, n. 447, pp. 44-52, Enero-Marzo 1951.
- PODGORNY, Irina. La febbre dei fossili: Pedro de Angelis y el carácter transaccional de la ciência. *Zama: Revista Científica de Filo*, año 5, vol. 5, pp. 11-26, 2013.
- PODGORNY, Irina. Mercaderes del pasado: Teodoro Vilardebó, Pedro de Ángeles y el comercio de huesos y documentos en el Río de la Plata, 1830-1850. *Circumscribere: International Journal for the History of Science*, v. 9, pp. 29-77, 2011.
- POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol 1. Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, pp. 51-86.
- POMIAN, Krzysztof. Les Archives: Du Trésor des Chartes au Caran. In: NORA, Pierre (dir.). *Les Lieux de Mémoire*. Quarto 3: Les France. Paris: Éditions Gallimard, 1997.

- PRADO, Maria Ligia; PELLEGRINO, Gabriela. *História da América Latina*. São Paulo: Contexto, 2014.
- PROCHASSON, Christophe. “Atenção: verdade!” Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. *Estudos Históricos*, v. 11, n. 22, pp. 205-119, 2005;
- QUIJADA, Mónica. Nación y territorio: la dimensión simbólica del espacio en la construcción nacional argentina. Siglo XIX. *Revista de Índias*, vol. LX, n. 219, pp. 375-394, 2000.
- REGUERA, Andrea. Los edecanes de Juan Manuel de Rosas. La confianza en la delegación y representación personal del poder. *Travesía*, vol. 19, n. 1, pp. 51-76, enero-junio 2017.
- RICOEUR, Paul. *A memória, o esquecimento, o silêncio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- RODRIGUES, José Honório. Explicação. In: CORTESÃO, Jaime. *Jesuítas e bandeirantes no Guairá*. Coleção de Angelis. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1951, pp. 3-9.
- ROMÁN, Cláudia A. Caricatura y política en El Grito Argentino (1839) e ¡Muera Rosas! (1841-1842). In: BATTICUORE, Graciela; GALLO, Klaus; MYERS, Jorge (comp.). *Resonancias románticas*. Ensayos sobre historia de la cultura argentina (1820-1890). Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 2005, pp. 49-69.
- ROMERO, Luis Alberto. Delirio nacionalista: el mito del combate de Obligado. *Clarín*, Buenos Aires, 09 dez. 2014. Disponível em: <https://www.clarin.com/opinion/combate_de_obligado-nacionalismo-malvinas-revisionismo_historico_0_HkZ8bKPqDXg.html>. Acesso em 05 jan. 2017.
- ROMERO, Luis Alberto. Transformar la derrota en victoria. *La Nación*, Buenos Aires, 18 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/1325771-transformar-la-derrota-en-victoria>>. Acesso em 05 jan. 2017.
- SÁBATO, Hilda; LETIERRI, Alberto Rodolfo. *La vida política en la Argentina del siglo XIX: armas, votos y voces*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- SABOR, Josefa Emilia. *Pedro de Angelis y los orígenes de la bibliografía argentina: ensayo bio-bibliográfico*. Buenos Aires: Solar, 1995.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- SALVATORE, Ricardo. Consolidación del Régimen Rosista (1835-1852). In: GOLDMAN, Noemí (dir.). *Nueva Historia Argentina*. Tomo III: Revolución, República, Confederación (1808-1852). Buenos Aires: Editorial Sudamérica, 1998, pp. 323-380.
- SARMIENTO, Domingo Faustino; MONTT, Luis; SARMIENTO, Augusto Belin. *Obras de D.F. Sarmiento*. Volume 38: Conflicto y armonías de las razas en América. Paris: Belin Hermanos, 1900.
- SAZBÓN, José I. De Angelis difusor de Vico: examen de un paradigma incendiário. *Cuadernos sobre Vico*, n. 3, pp. 157-186, 1993.

- SOARES, Gabriela Pellegrino. A *Revue des Deux Mondes* e a formação da nação argentina: projeções e apropriações culturais e políticas. *XII Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Departamento de Historia, Facultad de Humanidades y Centro Regional Universitario Bariloche. Universidad Nacional del Comahue, San Carlos de Bariloche, 2009.
- SOARES DE SOUSA, José Antônio. Como se adquiriu a Livraria de Pedro de Angelis. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, vol. 192, pp. 60-64, 1946.
- SWIDERSKI, Graciela. La construcción del patrimonio documental en la Argentina. *Actas de las Jornadas de reflexión sobre la construcción del archivo*. Archivos, cultura y patrimonio, Buenos Aires, CeDInCI, 2016, pp. 7-26.
- SCHEIDT, Eduardo. *Carbonários do Rio da Prata: jornalistas italianos e a circulação de ideias na Região Platina, 1827-1860*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. Edição Kindle.
- SILVEIRA, Pedro Telles da. As fontes digitais no universo das imagens técnicas: crítica documental, novas mídias e o estatuto das fontes históricas digitais. *Antíteses*, v. 9, n. 17, p. 270-296, jan./jun. 2016.
- SILVEIRA, Pedro Telles da. Imprensa, escrita e a problemática das fontes literárias e não literárias no trabalho do antiquário lusitano André de Resende (1534-1593). In: CARDOZO, José Carlos da Silva; SILVA, Jonathan Fachini da; Freitas, Denize Terezinha Leal (orgs.). *História, Verdade e Ética: anais / XII Encontro Estadual de História*. Porto Alegre: ANPUH-RS, 2014, pp. 1-16.
- SUGIMOTO, Luiz. Arquivistas reagem a projeto de lei que prevê eliminação de originais. *Jornal da UNICAMP*, Campinas, 11 agosto 2017. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2017/08/15/arquivistas-reagem-projeto-de-lei-que-preve-eliminacao-de-originais>>. Acesso em: 20 dez. 2017.
- TERNAVASIO, Marcela. *Historia de Argentina*. 1806-1852. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2009.
- TERNAVASIO, Marcela. *La Revolución del voto*. Política y elecciones en Buenos Aires, 1810-1852. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2002.
- TERNAVASIO, Marcela. Las reformas rivadavianas en Buenos Aires y el Congreso General Constituyente, 1820-1827. In: GOLDMAN, Noemí (dir.). *Nueva Historia Argentina*. Tomo III: Revolución, República, Confederación (1808-1852). Buenos Aires: Editorial Sudamérica, 1998, pp. 159-198.
- THOMAS, Jack Ray. The Role of Private Libraries and Public Archives in Nineteenth-Century Spanish American Historiography. *The Journal of Library History*, vol. 9, n. 4, pp. 334-351, 1974.
- TORRE REVELLO, José. El Archivo General de la Nación Argentina. *Revista de Historia de América*, n. 1, pp. 41-52, 1938.

- TORRES, Miguel Gustavo Paiva. *O Visconde do Uruguai e a sua atuação diplomática para a consolidação da política externa do Império*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.
- TURIN, Rodrigo. *Narrar o passado, projetar o futuro: Sílvio Romero e a experiência historiográfica oitocentista*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2005.
- WASSERMAN, Fabio. *Entre Clio y la Polis: conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860)*. Buenos Aires: Editorial Teseo, 2008.
- WASSERMAN, Fabio. La Generación de 1837 y el proceso de construcción de la identidad argentina. *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani*, 3ra serie, núm. 15, pp. 7-34, 1997.
- WASSERMAN, Fabio. La historia como concepto y practica: conocimiento histórico en el Río de la Plata (1780-1840). *Historia da Historiografia*, número 4, pp. 15-36, 2010.
- WASSERMAN, Fabio. Libertad de imprenta y sus limites: prensa y poder político en el Estado de Buenos Aires durante la década de 1850. *Almanack Braziliense*. São Paulo, n. 10, pp. 130-146, nov. 2009.
- WEINBERG, Félix. El periodismo en la época de Rosas. *Revista de Historia*, Buenos Aires, n. 2, pp. 81-100, 1957.
- WEINBERG, Félix. Estudio preliminar. In: SASTRE, Marcos; ALBERDI, Juan Bautista; GUTIRÉRREZ, Juan María; ECHEVERRÍA, Esteban. *El Salón Literario*. Buenos Aires: Librería Hachete, 1958, pp. 9-101.
- WEISS, Ignacio. Juan Manuel de Rosas, Pedro de Angelis y el Archivo Americano. In: ARCHIVO AMERICANO Y ESPÍRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO. Primera reimpresión del texto español conforme la edición original. Volume 1: 1843-44. Buenos Aires: Editorial Americana, 1946, pp. VII-LX.
- WEISS, Ignacio. *Los antecedentes europeos de Pedro de Angelis, contribución a su biografía*. Buenos Aires: El Ateneo, 1944.
- ZABALA, Juan Pablo (coord.). *Fondos documentales escritos*. Período Colonial. Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 2011.
- ZABALA, Juan Pablo (coord.). *Fondos documentales del Departamento de Documentos Escritos*. División Nacional. Programa de Descripción Normalizada: secciones gobierno, Sala X y contaduría, Sala III, tribunales y protocolos de escribanos: volumen 2. Buenos Aires: Archivo General de la Nación; Ministerio del Interior, 2012.
- ZINNY, Anthonio. Bibliografía periodística de Buenos Aires, hasta la caída del gobierno de Rosas. *La Revista de Buenos Aires*, t. XII, año IV, n. 45, pp. 590-606, enero de 1867.
- ZWEIFEL, Teresa. La colección de Pedro De Angelis y la circulación de la cartografía en el Río de la Plata (1827-1853). *Estudios de Teoría Literaria*. Revista digital: artes, letras y humanidades, v. 3, n. 5, pp. 171-184, 2014.

ANEXOS

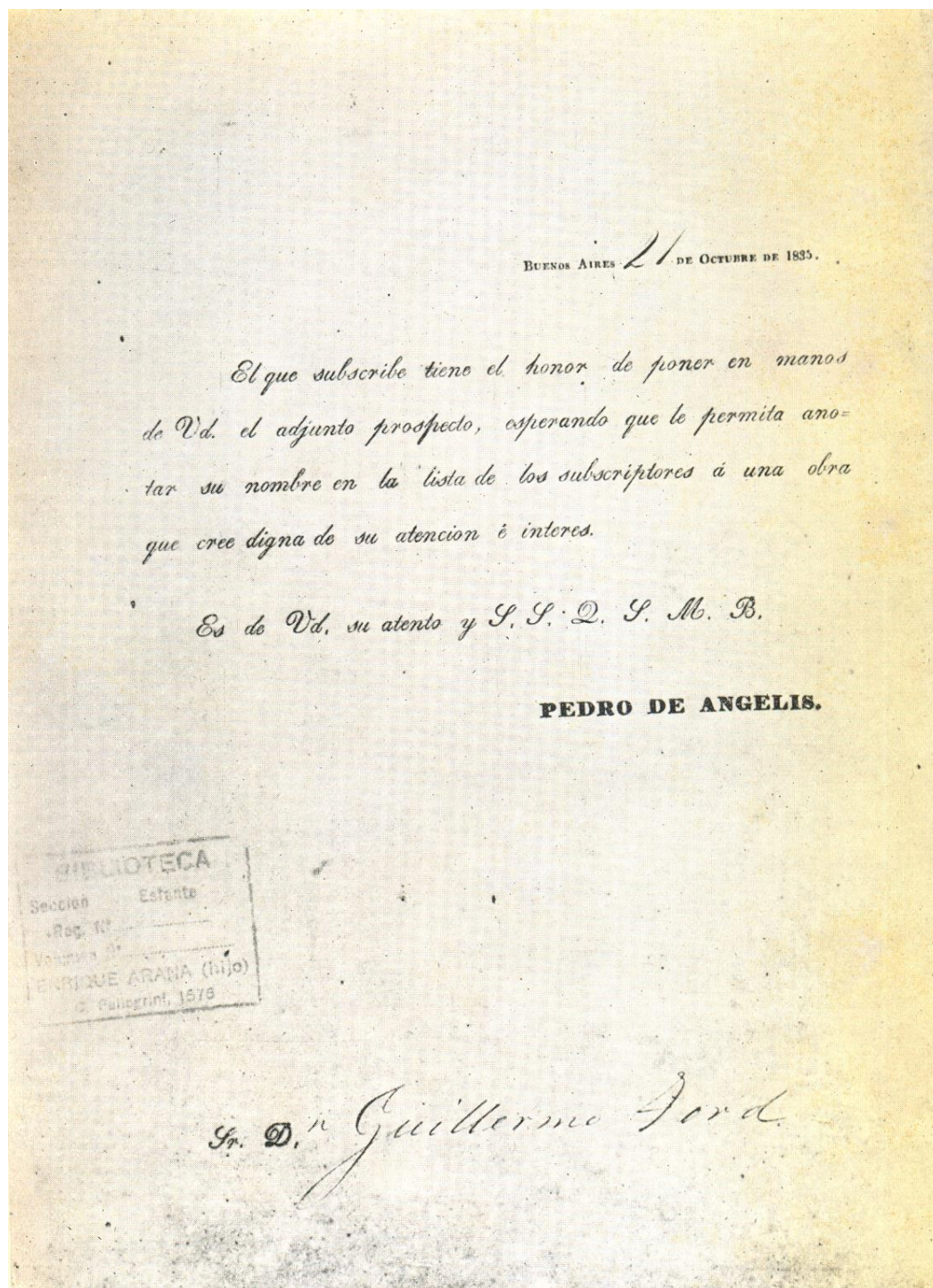
ANEXO 1



Interface do website da Biblioteca Virtual Pedro de Angelis, elaborada em acordo entre a Biblioteca Nacional do Brasil e a Biblioteca Nacional da Argentina

Fonte: BIBLIOTECA VIRTUAL PEDRO DE ANGELIS. Buenos Aires/Rio de Janeiro [2009]. Disponível em: < <http://bndigital.bn.gov.br/projetos/angelis/proyecto.html> >. Acesso em: 20 set. 2017.

ANEXO 2



Carta-convite impressa por Pedro de Angelis através da qual convidava aos que quissem assinar a Colección e à qual anexava o Prospecto da obra

Fonte: BECÚ, Teodoro; TORRE REVELLO, José. *La Colección de Documentos de Pedro de Angelis y el Diario de Diego de Alvear*. Buenos Aires: Talleres S.A. Casa Jacobo Peuser Ltda., 1941, lâmina II.

ANEXO 3



LISTA
DE LOS SEÑORES SUSCRIPTORES
 A LA
COLECCION DE OBRAS Y DOCUMENTOS
 SOBRE LA HISTORIA
 DE LAS
PROVINCIAS DEL RIO DE LA PLATA.



SUSCRIPTORES DE BUENOS AIRES.

EXMO. GOBIERNO DE LA PROVINCIA.
 EXMO. SEÑOR BRIGADIER GENERAL D. JUAN MANUEL DE ROSAS, RESTAU-
 RADOR DE LAS LEYES, GOBERNADOR Y CAPITAN GENERAL.
 ILMO. SR. OBISPO DIOCESANO.
 EL GOBIERNO FRANCÉS.

A

- | | |
|---|---|
| <p>D. Agustin Pinedo, General; Inspector Comandante General de Armas, encargado del despacho del Ministerio de Guerra y Marina, y Miembro de la Sala de RR.</p> <p>“ Agustin Francisco Wright, Miembro de la Sala de RR.</p> <p>“ Agustin Ravelo, Coronel del Batallon Restaurador.</p> <p>“ Agustin Thiessen.</p> <p>“ Agosto Favier.</p> <p>“ Alejo Nevares.</p> <p>“ Alejandro Martinez.</p> <p>“ Amado Roger, Vice-cónsul de Francia.</p> <p>“ Ambrosio del Molino.</p> | <p>D. Anacleto Ponzati.</p> <p>“ Angel del Molino.</p> <p>“ Angel Pacheco, General, y Miembro de la Sala de RR.</p> <p>“ Antonino Marcó del Pont, empleado de la Aduana.</p> <p>Dr. “ Antonio Esquerreneas, Camarista.</p> <p>“ Antonio Martin Thym.</p> <p>“ Antonio Ramirez, Coronel, y Miembro de la Sala de RR.</p> <p>“ Antonio Toll.</p> <p>“ Aron Castellanos.</p> |
|---|---|

B

- Doña Bárbara Barquin de Cerviño.
 D. Bartolo Marengo.

Lista de assinantes da *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata*

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, pp. I-VIII.

II

- D. Basilio Salas.
 " Benedicto Maciel, Oficial del Ministerio de Gobierno.
 " Benito Carrasco.
 " Benito Parker.
 " Bernardo Ocampo, Cura de San Miguel.
 " Bernardo Romero.
 " Bernardo Victoria, Gefe del Departamento de Policia.
 Black y Comp.
 " Blas Despouys.
 Blanc y Constantin.
 Fray Buenaventura Hidalgo.
- C**
- D. Camilo Giovanelli.
 Carlisle y Comp.
 " Carlos Bunge, Cónsul de Holanda.
 " Carlos Eguia.
 " Carlos Maria Huergo.
 " Carlos Tayleur.
 " Carlos Zucchi, Arquitecto.
 " Casimiro Arellano.
 " Casimiro Cochard.
 " Casto Cáceres, Coronel, y Secretario de la Inspeccion General de Armas.
 " Celestino Carreras.
 " Celestino Vidal, General, y Miembro de la Sala de RR.
 " Cesario Bacle.
 Dr. " Cosme Argerich, Profesor de medicina.
 " Cristoval Brest.
- D**
- Doña Estanislada Cossio de Gutierrez.
 D. David Flemming.
 Davison, Miller y Comp.
 Dr. " Demetrio Rodriguez Peña, Oficial del Ministerio de Relaciones Exteriores.
 Dr. " Diego Alcorta, Profesor de medicina y de la Universidad.
 " Diego Arana.
 Dr. " Diego Estanislao Zavaleta, Dean de la Santa Iglesia Catedral, y Presidente del Senado Eclesiástico.
 " Dionisio Blanco.
 Dr. " Domingo Achega.
 " Domingo Olivera.
 " Domingo Pica.
 Sr. Door, Cónsul de los Estados Unidos.
- E**
- D. Eduardo Acevedo.
 Dr. " Eduardo Labitte, Asesor de Gobierno, y Miembro de la Sala de RR.
- D. Enrique Hoker.
 " Estevan Echeverria.
 " Estevan Moreno.
 " Estevan Puddicomb.
 " Eugenio Diaz.
 " Engenio Muñoz.
 " Eulogio Zamudio, Empleado del Departamento Topográfico.
 Dr. " Eusebio Aguero.
 " Eusebio Medrano, Miembro de la Sala de RR.
 " Eustoquio Riestra.
 " Exequiel Paz.
- F**
- D. Fabian Molina.
 " Federico Desbrosses.
 " Federico Massot.
 " Feliciano Chiclana, Agrimensor.
 Dr. " Felipe Arana, Camarista, y Ministro de Relaciones Exteriores.
 " Felipe Botet.
 " Felipe Elortondo Palacio, Cura del Sagrario del Sud, y Miembro de la Sala de RR.
 " Felipe Llavallol.
 " Felipe Piñeiro.
 " Felix Castro.
 " Felix Frias.
 " Fernando Cordero, Médico de Policia.
 " Francisco Agell.
 Dr. " Francisco Almeida, Profesor de medicina.
 " Francisco Antonio Maciel, Oficial del Departamento de Policia.
 " Francisco Canedo.
 " Francisco C. Belaustegui, Miembro de la Sala de RR.
 " Francisco Chas.
 " Francisco Cravino.
 " Francisco Fernandez.
 " Francisco Mier.
 " Francisco Plot, Oficial del Departamento de Policia.
 " Francisco Ramon Udaeta.
 " Francisco Rodriguez.
 " Francisco Saenz Valiente.
 " Francisco Xavier Casal.
 Dr. " Francisco Xavier Muñoz, Profesor de medicina.
 " Fulgencio Gundin.
- G**
- Dr. D. Gabriel Ocampo, abogado.
 " Gervacio Castro.
 " Gregorio Gomez Orcajo.

Lista de assinantes da Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, pp. I-VIII.

III

- Dr. D. Gregorio Tagle.
 " Guillermo H. Ford.
 Sr. Goulu.
- H**
- Hallet y Comp.
 Sr. Hamilton Hamilton, Ministro plenipotenciario de S. M. B.
 " Hilario Lagos.
 " Hilario Sosa.
- I**
- D. Isidro Quesada, Coronel de caballería.
 " Ildefonso Ramos Mejia, Secretario contador del crédito público.
 " Ireneo Portela, Profesor de medicina, y Miembro de la Sala de RR.
- J**
- Dr. D. Jacinto Cárdenas, Juez de primera instancia.
 " Jacinto de Georgis.
 " Joaquin Belgrano.
 " Joaquin Cazon, Miembro del Tribunal de Comercio.
 " Joaquin de la Iglesia.
 " Joaquin M. Ramiro, Coronel, y Edecán de S. E.
 " Jorge Fairfield.
 " Jorge Terrada.
 " José Arenales, Teniente Coronel, y Presidente del Departamento Topográfico.
 " José Agustin Barbosa.
 " José Antonio Picazarri, Maestro de Ceremonias del Sr. Obispo.
- Dr. " José Barros de Pasos, abogado.
 " José Casanova.
 " José Dominguez.
- Licen. " José Fuentes de Argibel, Profesor de la Universidad, y Miembro de la Sala de RR.
 " José Ignacio Garmendia.
 " José Joaquin Arana.
 " José Jones.
 " José Iturriaga.
- Dr. " José Maria Fonseca, Profesor de Medicina.
 " José Maria Gaete.
 " José Maria Nadal.
 " José Maria Perez.
 " José Maria Rojas, Ministro de Hacienda.
 " José Maria Sanchez.
 " José Maria Terrero, Canónigo de la Santa Iglesia Catedral, Director de la Biblioteca pública, y Miembro de la Sala de RR.
- D. José María Zelaya.
 " José Marzano.
 " José Massia.
 " José Melchor Gil.
 " José Olaguer Feliú.
- Dr. " José Reina, Capellan del Gobierno.
 " José Reissing.
- Dr. " José Riestra.
 " José Pio Otarola.
 " José Valentin Cardoso, Alcaide de la Aduana.
- Dr. " José Valentin Gomez, Canónigo de la Santa Iglesia Catedral.
 " Juan Alsina, Miembro de la Sala de RR.
 " Juan Antonio Argerich, Cura de la Merced, y Miembro de la Sala de RR.
 " Juan Antonio Lavalleja, Brigadier General.
 " Juan Andres Chaves.
 " Juan R. Vegll.
 " Juan Barrenechea.
- Dr. " Juan Cossio.
 " Juan Correa Morales, Coronel, y Encargado de Negocios cerca del Gobierno Oriental.
 " Juan Cruz Ocampo.
- Dr. " Juan José Cernadas, Camarista.
 " Juan Genaro Chaves, Coronel.
 " Juan José Bosch.
 " Juan Harratt.
 " Juan José Larramendi.
- Dr. " Juan José Montesdeoca, Profesor de medicina.
 " Juan José Urquiza, Contador liquidador del Gobierno.
 " Juan Moreno, Oficial del Departamento de Policía.
 " Juan Maria Gutierrez, Ingeniero del Departamento topográfico.
 " Juan Manuel de Luca, Administrador general de Correos.
 " Juan Nepomuceno Terrero, Miembro de la Sala de RR.
 " Juan Nonell.
 " Juan José Viamonte, General.
 " Juan Oughan, Profesor de medicina.
 " Juan Pedro Esnaola.
 " Juan Pedro Garcia de Zúñiga.
 " Juan Rains.
 " Juan Terras.
- L**
- Dr. D. Leon Banegas, Profesor de la Universidad.
 " Leonardo Gonzalez, Tesorero del Banco.

Lista de assinantes da Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, pp. I-VIII.

IV

- D. Lorenzo Antonio Uriarte.
 Dr. " Lorenzo Torres, Abogado.
 " Lucas Gonzalez.
 Dr. " Lucas Gonzalez Peña, Agente Fiscal.
 " Lucio Mancilla, General, Inspector del Resguardo, y Miembro de la Sala de RR.
 " Luis Argerich, Coronel, Comandante del Parque de artillería, y Miembro de la Sala de RR.
 " Luis Deschoudens.
 " Luis Dominguez.
 " Luis G. Vega.
 " Luis Jacobé.
 " Luis Vernet.

M

- Doña Maria Guerra de Elia.
 " Maria del Rosario Azcuenaga.
 " Maria Sanchez de Mendeville.
 Mac-Farlane, Rennie y Comp.
 D. Manuel Adriguez.
 " Manuel Alcora.
 " Manuel Arrotea, miembro de la Sala de RR., y del Tribunal de Comercio.
 " Manuel Arroyo y Pinedo.
 Dr. " Manuel Belgrano, abogado.
 " Manuel Callejas.
 " Manuel Ceballos.
 " Manuel Chavarri, Cura de la Guardia del Monte.
 " Manuel Eguia.
 " Manuel Elia.
 Dr. " Manuel Escuti.
 " Manuel Hermenegildo Aguirre.
 " Manuel José Cobo.
 " Manuel José de Uclés.
 Dr. " Manuel José García.
 Dr. " Manuel Irigoyen, Oficial mayor del Ministerio de Relaciones Exteriores, y Miembro de la Sala de RR.
 Dr. " Manuel Insiarte, Fiscal del Estado, y Miembro de la Sala de RR.
 " Manuel Guillermo Pinto, General, y Miembro de la Sala de RR.
 Dr. " Manuel Julian Gainza.
 " Manuel Saim Maza.
 " Manuel Vicente Maza, Presidente de la Sala de RR., y de la Cámara de Justicia.
 " Manuel Pereda Saravia, Canónigo de la Santa Iglesia Catedral, y Miembro de la Sala de RR.
 " Manuel Laprida.

- D. Manuel Nuñez, Agente y Secretario del Banco.
 " Manuel Perez.
 Dr. " Marcelo Gamba, Abogado.
 " Marcos Sastre.
 " Marcos Leonardo Agrelo, Escribano de número.
 " Marcos Sarasa, Sacristan mayor de la Santa Iglesia Catedral.
 " Mariano Balcarce.
 " Mariano Baudriz.
 " Mariano Benedicto Rolon, General y Miembro de la Sala de RR.
 " Mariano Sarratea.
 " Mariano Moreno.
 Dr. " Mariano Lozano, Miembro de la Sala de RR., y del Tribunal de Comercio.
 " Mariano Miró.
 Dr. " Martin Garcia, Profesor de Medicina, y de la Universidad.
 " Martin Olascuaga.
 " Martin Padilla.
 " Mateo Montero.
 Dr. " Mateo Vidal.
 Dr. " Matias Oliden, Abogado.
 Dr. Mauricio Morrison, Profesor de medicina.
 " Miguel Ambrosio Gutierrez.
 " Miguel Azcuenaga.
 " Miguel Garcia, Provisor y Vicario General.
 " Miguel Esteves.
 " Miguel Marin.
 " Meliton Gomez.
 " Miguel Riglos, Miembro de la Sala de RR.
 Dr. " Miguel Rivera, Profesor de medicina, y de la Universidad.
 Dr. " Miguel Villegas, Camarista.

N

- D. Narciso del Valle, Coronel, y Edecán de S. E.
 Dr. " Nemesio Lopez.
 Fray Nicolas Aldasor, Presidente del convento de San Francisco.
 Dr. D. Nicolas Anchorena, Miembro de la Sala de RR.
 " Nicolas Descalzi, Ingeniero.
 " Nicolas Mariño, Oficial del Ministerio de Relaciones Exteriores.
 " Norberto Riestra.

P

- D. Pablo Alegre.

Lista de assinantes da Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, pp. I-VIII.

V

- D. Pablo Hernandez, Miembro de la Sala de RR.
 " Pablo Villarino.
 " Patricio Lynch.
 " Patricio Simony.
 Dr. " Paulino Gari, Rector de la Universidad, y Miembro de la Sala de RR.
 " Pedro Chaves.
 " Pedro Crespo.
 Dr. " Pedro José Agrelo, Abogado.
 " Pedro José Vela, Miembro de la Sala de RR.
 Dr. " Pedro Medrano, Camarista, y Miembro de la Sala de RR.
 " Pedro Pablo Ponce.
 " Pedro Nolasco Lopez.
 " Pedro Nolasco Rojas, Juez de Paz de la Guardia del Monte.
 " Pedro Plomer.
 " Pedro Romero, Comisario de Policía.
 " Pedro Trápani, Miembro de la Sala de RR.
 " Pedro Ximeno, Sargento Mayor de Marina.
 Sr. Petitjean, Canciller del Consulado de Francia.
- R**
- D. Rafael Minvielle.
 " Raimundo Prat.
 " Ramon Ansó.
 " Ramon Bustos, Sargento Mayor, y Edecán de S. E.
 " Ramon Davila.
 " Remigio Gonzalez Moreno.
 " Ricardo Osbee, Rodriguez y hermanos.
 D. Romualdo Gaete.
 Dr. " Roque Saenz Peña, Juez de primera Instancia, y Miembro de la Sala de RR.
 " Rufino Sanchez.
- D. Ruperto Luengas.
 " Ruperto Martinez.
- S**
- Sala Argentina.
 D. Salustiano Cuenca.
 " Santiago Calzadilla, Primer Vista de la Aduana.
 " Santiago Lopez.
 " Santiago Roberge.
 Dr. " Saturnino Segurola, Canónigo de la Santa Iglesia Catedral. (1)
 " Saturnino Soriano.
 " Simon Abechuco.
 " Simon Lavalle.
 " Simon Pereira, Miembro de la Sala de RR., y del Tribunal de Comercio.
- T**
- Dr. D. Tomas Aguiar.
 " Tomas García de Zúñiga.
 " Tomas Gowland.
 " Tomas Fernandez de Agüero.
 " Tomas Guido, General.
 " Tomas Love.
 Dr. " Tomas Manuel de Anchorena.
 " Tomas Manuel Llanco.
- V**
- Dr. D. Vicente Anastasio Echevarria.
 " Vicente Gonzalez, Coronel, y Comandante del Parque de la Guardia del Monte.
 Dr. " Vicente Lopez, Camarista.
 " Vicente Montero.
 " Vicente Peralta.
 " Vicente Rosa y Carim.
 " Victorio de la Peña, Oficial de la Tesorería General.
 Sr. de Vins, Marquez de Peysac, Encargado de Negocios de Francia.
- Z**
- D. Zenon Videla.
 Zumaran y Treseerra.

(1) Si no nos hubiese retraído el temor de ofender la modestia de este benemérito y docto Argentino, le hubieramos dado un lugar privilegiado en esta lista; por ser realmente, no un simple suscriptor de nuestra obra, sino el que la fomenta y protege.

Lista de assinantes da Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, pp. I-VIII.

SUSCRIPTORES DE CORDOBA.

EXMO. GOBIERNO DE LA PROVINCIA.
ILMO. SEÑOR OBISPO DE COMANEN.

D. Andres A. Aramburú.	Dr. D. José Dámaso Gigena, Asesor General del Gobierno.
Dr. " Antonio Abad, Profesor de medicina.	" José Alcain.
" Apolinario Freyre.	Dr. " Julian Gil, Abogado.
" Claudio Arredondo.	" Manuel de la Lastra.
Presb. Dr. " Domingo Ignacio Gonzalez.	" Mariano V. Gonzalez.
" " Enrique Gordon, Médico.	" Nicolas J. Posse.
Preb. Lic. " Fernando Bulnes.	Dr. " Prudencio Palacios, Abogado.
" Gaspar Barbosa.	" Rosende de la Lastra.
" Guillermo Coret.	" Santiago Bravo, Comandante del Resguardo.
Licenciado " José Bruno de la Cerda.	

SUSCRIPTORES DEL ESTADO ORIENTAL.

EXMO. GOBIERNO.
EXMO. SEÑOR BRIGADIER GENERAL D. MANUEL ORIBE, PRESIDENTE DEL ESTADO.
ILMO. SEÑOR VICARIO APOSTÓLICO.

A	B
D. Agustin Urtubey.	Sr. Baradère, Cónsul General de Francia.
" Ambrosio Velazquez.	D. Benito Baena.
" Antolin Masariegos.	" Benito Dominguez.
" Antonio Fernandez.	" Benito Esquivel.
" Antonio L. Solsona	" Bernabé Carabia.
Dr. " Antonio Domingo Costa, Camarista.	" Bernardo Susbiela.
" Antonio Diaz, Oficial Mayor del Ministerio de Hacienda.	C
" Antonio Fariña.	D. Carlos de San Vicente, Teniente Coronel.
Dr. " Antonio Luis Pereira, Abogado.	Dr. " Carlos Villademoros, Juez de primera Instancia en lo civil.
" Antonio Rios.	" Claudio Casal.
" Atanasio Tardáguila.	D
" Antonio T. Carabia.	D. Doroteo García.
" Antonio Ventura Orta, Agrimensor.	

Lista de assinantes da *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata*

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, pp. I-VIII.

VII

- E**
- Doña Eusebia Vidal.
D. Eulogio Gonzalez.
D. Eulogio Mentasti.
" Eugenio Garzon, Coronel.
" Eusebio Cabral.
- F**
- Doña Francisca Romero
Dr. D. Florencio Varela.
Dr. " Florentino Castellanos.
" Francisco Aguilar.
Dr. " Francisco Araucho, Juez de primera instancia en lo criminal.
" Francisco Juanicó.
Dr. " Francisco Lopez, Provisor.
Dr. " Francisco Llambí, Ministro de Gobierno.
" Francisco Morales.
" Francisco Muñoz, Colector.
" Francisco Nuñez.
" Francisco Oribe.
Dr. " Francisco Pico, Abogado.
" Francisco Rodriguez.
" Francisco Rodriguez Braga.
Dr. " Francisco Solano Antuña, Abogado.
" Francisco Solano de la Sierra.
- G**
- D. Gabriel Piedracueva.
" Gerónimo Cáseres, Sargento Mayor.
" Gregorio A. de la Madrid, General.
Dr. " Granvelle, Profesor de medicina.
" Gregorio Lecoq.
- I**
- D. Ilario Ascasubi.
" Ignacio Oribe, Coronel de caballería.
" Isidoro de Maria.
- J**
- D. Jacobo Varela.
" Jayme Hernandez.
" Jayme Llambi.
" Joaquin Esteves y Llac, Fiscal de la Comisaría de Guerra.
Dr. " Joaquin Campana, Camarista.
" Joaquin Pedralbes, Profesor de matemáticas.
" Joaquin Requena, Escribano.
" Joaquin Sagra y Periz, Escribano de Cámara.
" Joaquin Suarez.
" Jorge Liñan, Edecan del Gobierno.
- D. Jorge P. E. Tornquist, Cónsul de las Ciudades Anseáticas.
" José A. Iturriaga.
" José Antonio Anavitarte.
Presb. " José Benito Lamas.
" José Brito del Pino, Coronel y Oficial mayor del Ministerio de Gobierno.
" José Conti, Teniente Coronel.
" José de Bejar.
Dr. " José Ellauri, Abogado.
" José G. Requena.
" José Maria Ortega.
" José Marrimo.
" José Melendez.
" José Maria Reyes, Coronel, y Director del Departamento topográfico.
" José Maria Solsona.
" José Pedro Dovele.
Dr. " José Previtali, Profesor de medicina.
" José Rondeau, Brigadier General.
" José Toribio.
Dr. D. Juan Andres Geli, Abogado.
" Juan Arellano, Coronel.
" Juan B. P. Ramirez.
" Juan Guillermo Corta.
" Juan José de la Sierra.
Dr. " Juan José Ximenez, Presbítero.
" Juan Lasserre.
" Juan Manuel de la Sota.
" Juan Maria Pérez, Ministro de Hacienda.
" Juan Miguel Martinez.
" Juan Pineda, Procurador de número.
" Juan Ramirez.
" Juan Zufriategui, Coronel.
- L**
- D. Laureano Melendez.
" Leon Pereda.
" Luciano Lira.
" Luis Cavia, Secretario del Senado.
" Luis Deal.
" Luis Gonzalez Vallejo, Escribano.
" Luis Herrera.
" Luis La Robla, Administrador General de Correos.
" Luis de la Torre, Vista de la Aduana.
- M**
- Doña Maria Clara Zabala.
D. Manuel Baillo.
" Manuel Cavia.
" Manuel Duran.
" Manuel Fernandez Luna.
" Manuel José de Gracia.

Lista de assinantes da Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, pp. I-VIII.

VIII

- D. Manuel Mendez.
 " Manuel N. Tapia.
 " Manuel Ximenez.
 " Marcos Baeza.
 " Marcelo Pezzi, Cónsul de Cerdeña.
 Dr. " Miguel Barreiro, Senador.
 " Miguel Brid.
 " Miguel Forteza.
 " Miguel Molina.
 Dr. " Miguel Valencia, Abogado.

N

- Doña Nerea Domitila Gayoso.
 D. Nicolas Calvo.
 " Nicolas Fernandez.

P

- D. Pantaleon Perez.
 " Pedro Antonio Lombardini.
 " Pedro Gastan.
 " Pedro Gervasio Perez.
 " Pedro Lenguas, General, y Ministro de la Guerra.
 Dr. " Pedro Otamendi, Médico.
 " " Pedro Somellera, Profesor de derecho.

R

- D. Rafael Maria Camuso.

- D. Ramon Ellauri, Médico.
 " Ramon G. Bustamante.
 " Ramon Masini, Miembro de la Cámara de Diputados.
 " Ricardo B. Hughes.
 " Roman Acha, Contador.
 D. Roman Jacinto Garcia, Escribano de número.
 " Roman Uranga.

S

- D. Salvador Ximenez.
 " Santiago Estrasulas.
 " Santiago Vazquez.
 Secretaria de la Cámara de RR.
 " Silvestre Blanco.

T

- Doña Tomasa Mendéz de Quesada.
 Dr. D. Teodoro Miguel Villardebó, Médico.
 " Toribio Tuso.
 " T. P. C.
 " T. S. R.

V

- D. Vicente Vazquez.

X

- D. Xavier Argerieh.

Lista de assinantes da *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata*

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, pp. I-VIII.

ANEXO 4

26. Com. de N.
Censales
4-5-44
49921
60

¡ VIVA LA FEDERACION !

AL EXCELENTISIMO Sr. BRIGADIER GENERAL

D. JUAN MANUEL DE ROSAS,

RESTAURADOR DE NUESTRAS LEYES, GOBERNADOR Y CAPITAN GENERAL
DE LA PROVINCIA DE BUENOS-AIRES.

EXMO. SEÑOR.

Dos motivos me impulsan á encabezar esta coleccion con el respetable nombre de V. E.:—Primero, ponerla bajo sus poderosos auspicios, y segundo, darle un público testimonio de la gratitud que le profeso, por la bondad con que se ha dignado honrarme durante las dos épocas gloriosas de su mando.

Los importantes servicios que V. E. ha prestado á la Patria, le han cobrado justamente en el número de los Génius Tutelares, que aparecen de tiempo en tiempo para reparar los males que agobian á los pueblos y cimentar en leyes benéficas su futura prosperidad y engrandecimiento.

Si la obra que tengo el honor de presentar le logra merecer sus sufragios, y hacerse digna de su ilustrada coleccion, habré conseguido en gran parte el objeto que me propuse al emprenderla.

Dios guarde la importante vida de V. E. muchos años.

EXMO. SEÑOR.

Su mas obsecuente y obediente servidor

PEDRO DE ANGELIS.

Dedicatória de Pedro de Angelis à Juan Manuel de Rosas na Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata.

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata.* Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, s/n.

ANEXO 5



Retrato de Juan Manuel de Rosas na *Colección de obras y documentos relativos a la historia Antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata*

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836, s/n.

ANEXO 6

INDICE GENERAL

DE LAS

MATERIAS CONTENIDAS EN LOS SEIS TOMOS

DE LA

Presente Colección.



TOMO I.

- 1.—Historia Argentina del descubrimiento, poblacion y conquista de las Provincias del Rio de la Plata, por Rui Diaz de Guzman.
—Discurso preliminar del editor.
—Epoca de algunos acontecimientos importantes, segun los apuntes del autor de la Historia Argentina.
—Tabla de los grados de latitud de algunas ciudades y parages, segun se hallan determinados en el curso de dicha historia.
—Indice geográfico é histórico.
- 2.—Viage de D. Luis de la Cruz, desde el Fuerte del Ballenar hasta la ciudad de Buenos Aires.
—Discurso preliminar del editor.
—Tasacion de lo que puede importar un camino desde el Fuerte de Antuco hasta Buenos Aires.
—Tablas de distancias de dicho viage.
- 3.—Descripcion de la naturaleza de los terrenos, y costumbres de los Pehuenches, por D. Luis de la Cruz.
- 4.—Descripcion de Patagonia, por el P. Tomas Falkner.
—Discurso preliminar del editor.
- 5.—Derroteros y viages á la Ciudad Encantada, ó de los Césares.
—Discurso preliminar del editor.
—Derrotero por el Tandil y el Vulcan, por Rojas.
—Carta del P. Cardiel sobre el descubrimiento de los Césares.
—Carta del P. Lozano sobre los Césares.
—Derrotero desde Buenos Aires hasta los Césares, por Falkner.
—Relacion de las noticias adquiridas sobre los Césares, por Pinuer.
—Carta al Virey del Perú sobre los Césares, por Jauregui.

1

Índice geral dos seis tomos da *Colección de obras y documentos relativos a la historia Antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata*

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, pp. I-VI.

II

- Nuevo descubrimiento preparado por el Gobernador de Valdivia.
- Declaracion sobre la ciudad de los Césares por Villagra.
- Informe y dictamen del Fiscal de Chile sobre los Césares.
- 6.—Diario de un viaje á la Costa Magallánica, desde Buenos Aires hasta el Estrecho, formado sobre las observaciones de los PP. Cardiel y Quiroga, por el P. Pedro Lozano.
- Advertencia del editor.
- 7.—Representacion sobre la translacion de las fronteras de Buenos Aires al Rio Negro y al Colorado, por Undiano y Gastelu.
- Itinerario de un camino desde Buenos Aires á la Ciudad de Talca, por Cerro y Zamudio.
- Advertencia del editor.
- 8.—Memoria sobre los obstáculos que han encontrado, y las ventajas que prometen los establecimientos de la costa Patagónica, por Viedma.
- Discurso preliminar del editor.

TOMO 2.

- 9.—Descripcion de la Villa de Potosí, y de los partidos sugetos á su Intendencia, por D. Juan del Pino Manrique.
- Discurso preliminar del editor.
- 10.—Historia del Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman, por el Padre Guevara, Jesuita.
- Discurso preliminar del editor.
- Serie de los Gobernadores del Paraguay y Buenos Aires, y de los Vireyes del Rio de la Plata.
- 11.—La Argentina, ó del descubrimiento y de la conquista del Rio de la Plata, poema histórico del Arcediano D. Martin del Barco Centenera.
- Discurso preliminar del editor.
- Indices general de las materias.
- 12.—Descripcion del Rio Paraguay, desde la boca del Jaurú hasta la confluencia del Paraná, por el Padre Quiroga, Jesuita.
- Noticias biográficas del autor.
- 13.—Diario de la navegacion y reconocimiento del rio Tebicuarí, obra póstuma de D. Félix de Azara.
- Discurso preliminar del editor.

TOMO 3.

- 14.—Descripcion geográfica y estadística de la provincia de Santa Cruz de la Sierra, por D. Francisco de Viedma.
- Discurso preliminar del editor.
- 15.—Fundacion de la ciudad de Buenos Aires, por D. Juan de Garay, con otros documentos de aquella época.
- Discurso preliminar del editor.
- 16.—Actas capitulares, desde el 21 hasta el 25 de Mayo de 1810, en Buenos Aires.
- Prólogo del editor.
- 17.—Memoria sobre la navegacion del Tercero, y otros rios que confluuyen al Paraná, por D. Pedro Andres García.

Índice geral dos seis tomos da *Colección de obras y documentos relativos a la historia Antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata*

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, pp. I-VI.

III

- Introducción del editor.
- 18.—Fundación de la ciudad de Montevideo, por el Teniente General D. Bruno Mauricio Zavala, con otros documentos relativos al Estado Oriental.
—Discurso preliminar del editor.
- 19.—Memoria histórica, geográfica, política y económica sobre la Provincia de Misiones de Indios Guaranis, por D. Gonzalo de Doblas.
—Discurso preliminar del editor.
- 20.—Diario de un viaje á Salinas Grandes, en los campos del sud de Buenos Aires, por el Coronel D. Pedro Andres García.
—Informe al Gobierno.
—Discurso preliminar del editor.
- 21.—Descripción de la Provincia de Tarija, por D. Juan del Pino Manrique.
—Prólogo del editor.
- 22.—Viaje al Río de la Plata, por Ulderico Schmidel.
—Noticias biográficas del autor.
—Índice.

TOMO 4.

- 23.—Tratado firmado en Madrid á 13 de Enero de 1750, para determinar los límites de los estados pertenecientes á las coronas de España y Portugal, en Asia y América.
—Proemio del editor.
- 24.—Tratado preliminar sobre los límites de los estados pertenecientes á las coronas de España y Portugal en la América Meridional, ajustado y concluido en San Lorenzo, á 11 de Octubre de 1777.
—Proemio del editor.
- 25.—Carta de D. Manuel A. de Flores al Marques de Valdelirios, Comisario General de S. M. C. para la ejecución del tratado de límites celebrado en Madrid en 1750.
—Discurso preliminar del editor.
- 26.—Informe del Virey Arredondo á su sucesor Melo de Portugal, sobre el estado de la cuestión de límites en 1795.
—Discurso del editor.
- 27.—Correspondencia oficial sobre la demarcación de límites, por D. Felix de Azara.
—Discurso preliminar del editor.
- 28.—Apuntes históricos sobre la demarcación de límites de la Banda Oriental.
—Proemio del editor.
- 29.—Relación geográfica é histórica de la Provincia de Misiones, del Brigadier D. Diego de Alvear, Primer Comisario, y Astrónomo en jefe de la segunda división de límites por la Corte de España en América.
—Noticias biográficas del autor.
- 30.—Diario de la navegación y reconocimiento del río Paraguay, desde la Asunción hasta Albuquerque y Coímbra, por D. Ignacio Pasos.
—Proemio del editor.
- 31.—Reconocimiento del río Pepirí-Guazú, por D. José Maria Cabrer, Coronel de Ingenieros,

Índice geral dos seis tomos da *Colección de obras y documentos relativos a la historia Antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata*

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, pp. I-VI.

IV

Segundo Comisario, y Geógrafo de la segunda partida demarcadora; extractado de su diario inédito.

—Proemio del editor.

32.—Informe de D. Felix de Azara sobre varios proyectos de colonizacion del Chaco.

—Proyecto de colonizacion del Chaco, por D. Antonio Garcia de Solalinde.

—Proemio del editor.

33.—Expedicion al Chaco por el rio Bermejo, por el Coronel D. Adrian Fernandez Cornejo.

—Discurso preliminar del editor.

34.—Descubrimiento de un nuevo camino, desde el valle de Centa hasta la villa de Tarija, por el mismo.

—Proemio del editor.

35.—Diario de la expedicion de 1822 á los campos del sud de Buenos Aires, desde Moron hasta la Sierra de la Ventana, al mando del Coronel D. Pedro Andres Garcia; con las observaciones, descripciones y demas trabajos científicos, ejecutados por el Oficial de Ingenieros, D. José Maria de los Reyes.

—Discurso preliminar del editor.

TOMO 5.

36.—Diario de las Misiones al cargo del Colegio de Tarija, por Fray Antonio Camajuncosa.

—Proemio del editor.

37.—Diario histórico de la rebelion y guerra de los pueblos Guaraní, situados en la costa oriental del Rio Uruguay, del año de 1754; version castellana de la obra escrita en latin por el Padre Tadeo Javier Enia.

—Discurso preliminar del editor.

38.—Relacion histórica de la rebelion de José Gabriel Tupac-Amaru en las provincias del Perú, del año de 1780.

—Discurso preliminar del editor.

39.—Coleccion de viages y expediciones á los campos de Buenos Aires, y á la costa de Patagonia.

—Discurso preliminar del editor.

40.—Extracto, ó resumen del diario del Padre José Cardiel, de su viage desde Buenos Aires hasta el Vulcan, y de este, siguiendo la Costa Patagónica, hasta el Arroyo de la Ascension.

41.—Viage que hizo el San Martin, desde Buenos Aires hasta el puerto de San Julian en 1752; y relacion de un indio Paraguayo, que desde dicho puerto volvió por tierra hasta Buenos Aires.

42.—Observaciones extractadas de los viages que en diferentes años han ejecutado al Estrecho de Magallanes los Almirantes y Capitanes, Olivares de Noorí, Simon de Cordes, Jorge Spilberg, Francisco Drake, Juan Childey, Tomas Caudish, Juan Narborough, con otras noticias adquiridas en las expediciones ejecutadas por los Franceses desde las Islas Maluinas, en la fragata Aguila.

43.—Diario del Capitan D. Juan Antonio Hernandez, de su expedicion contra los Indios Tehuelches, el 1.º de Octubre de 1770.

—Calidades y rasgos mas característicos de los Indios Pampas y Aucaceos.

Índice geral dos seis tomos da *Colección de obras y documentos relativos a la historia Antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata*

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, pp. I-VI.

V

- 44.—Diario de D. Pedro Pablo Pavon, que contiene la explicacion exacta de los rumbos, distancias, pastos, bañados y demas particularidades que notó en el reconocimiento que hizo del campo y sierra en 1772.
- 45.—Relacion individual de los parages mas á propósito para fortificar y poblar en la campaña de Buenos Aires.
- 46.—Resumen de lo ocurrido en la expedicion para el descubrimiento de la *Bahia sin Fondo* en la costa Patagónica.
- 47.—Diario de la expedicion que en 1778 marchó al campo del enemigo, reconociéndolo hasta llegar á las Salinas, que se hallan en las campañas yermas del sud.
- 48.—Primer informe sobre el puerto de San José, por D. Custodio Sá y Farias.
—Segundo informe sobre el mismo puerto.
- 49.—Noticia individual de los caciques, ó capitanes Pehuenches y Pampas que residen al sud, circunvecinos á las fronteras de la Punta del Sauce, Tercero, Saladillo, etc.
- 50.—Diario de la expedicion de Amigorena contra los Indios Pehuenches.
- 51.—Informe del Piloto Villarino sobre los puertos de la costa Patagónica.
- 52.—Informe del Virey Vertiz, para que se abandonen los establecimientos de la costa Patagónica.

TOMO 6.

- 53.—Diario de un viaje desde el Fuerte de San Rafael del Diamante hasta el de San Lorenzo, en las puntas del Rio Quinto, por D. Estevan Hernandez.
—Descubrimiento de un nuevo camino desde Buenos Aires hasta San Agustin de Talca por la Cordillera de los Andes.
—Proemio del editor.
- 54.—Exámen crítico del diario de D. Luis de la Cruz, por una Comision del Consulado de Buenos Aires, y defensa del autor.
—Proemio del editor.
- 55.—Tablas de latitudes y longitudes de los principales puntos del Rio de la Plata, por el Brigadier Malaspina.
—Proemio del editor.
- 56.—Diario del reconocimiento de las guardias y fortines que guarnecen la línea de frontera de Buenos Aires, por D. Felix de Azara.
—Proemio del editor.
- 57.—Diario de la Comision nombrada para establecer la nueva línea de frontera al sud de Buenos Aires, bajo la direccion del Coronel D. Juan Manuel de Rosas.
—Proemio del editor.
- 58.—Diario de la expedicion á los paises del Gran Chaco en 1774, desde el Fuerte del Rio del Valle, por el Gobernador Matorras.
—Discurso preliminar del editor.
- 59.—Diario de la primera expedicion al Chaco, emprendida en 1780 por el Coronel D. Juan Adrian Fernandez Cornejo.
—Proemio del editor, con un diario inédito del viage de Azara al Pilcomayo.
- 60.—Diario del viage al Rio Bermejo, por Fray Francisco Morillo, del orden de San Francisco.
—Proemio del editor.

Índice geral dos seis tomos da Colección de obras y documentos relativos a la historia Antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, pp. I-VI.

VI

- 61.—Diario de la expedición á Salinas, por D. Pablo Zizúr, Primer Piloto de la Real Armada.
—Proemio del editor.
- 62.—Descripción geográfica de un nuevo camino de la Gran Cordillera, para facilitar las comunicaciones de Buenos Aires con Chile, por J. Sourryère de Souillac.
—Discurso preliminar del editor.
- 63.—Itinerario de Buenos Aires á Córdoba, por el mismo.
—Proemio del editor.
- 64.—Nuevo plan de fronteras de la provincia de Buenos Aires, proyectado en 1816 por el Coronel García.
—Proemio del editor.
- 65.—Diario de la navegación emprendida desde el Río Negro, en 1781, para reconocer la Bahía de Todos los Santos, las Islas del Buen Suceso, y el desagüe del Río Colorado, por el Piloto Villarino.
—Discurso preliminar del editor.
- 66.—Diario de la expedición de 1780 al Gran Chaco, á cargo del Coronel D. Francisco Gavino de Arias.
—Discurso preliminar del editor: con la bibliografía del Chaco, un cotejo de ocho idiomas indios, y la estadística de las misiones que dejaron en pie los PP. Jesuitas cuando fueron expulsados.
- 67.—Diario de un viage á la costa de Patagonia, por D. Antonio de Viedma; con la descripción de la naturaleza de los terrenos, de sus producciones y habitantes, desde el Puerto de Santa Elena hasta la boca del Estrecho de Magallanes.
—Discurso preliminar del editor; al que se añade un vocabulario de los Patagones, con varios apuntes sobre la Isla Pepys, y una lámina.

APENDICE AL TOMO VI.

- 68.—Diario del Piloto de la Real Armada, D. Basilio Villarino, del reconocimiento que hizo del Río Negro en la costa oriental de Patagonia, el año de 1782.
- Reconocimiento del Fuerte del Carmen del Río Negro, y de los puntos adyacentes de la costa Patagónica, por el Coronel D. Ambrosio Cramer.

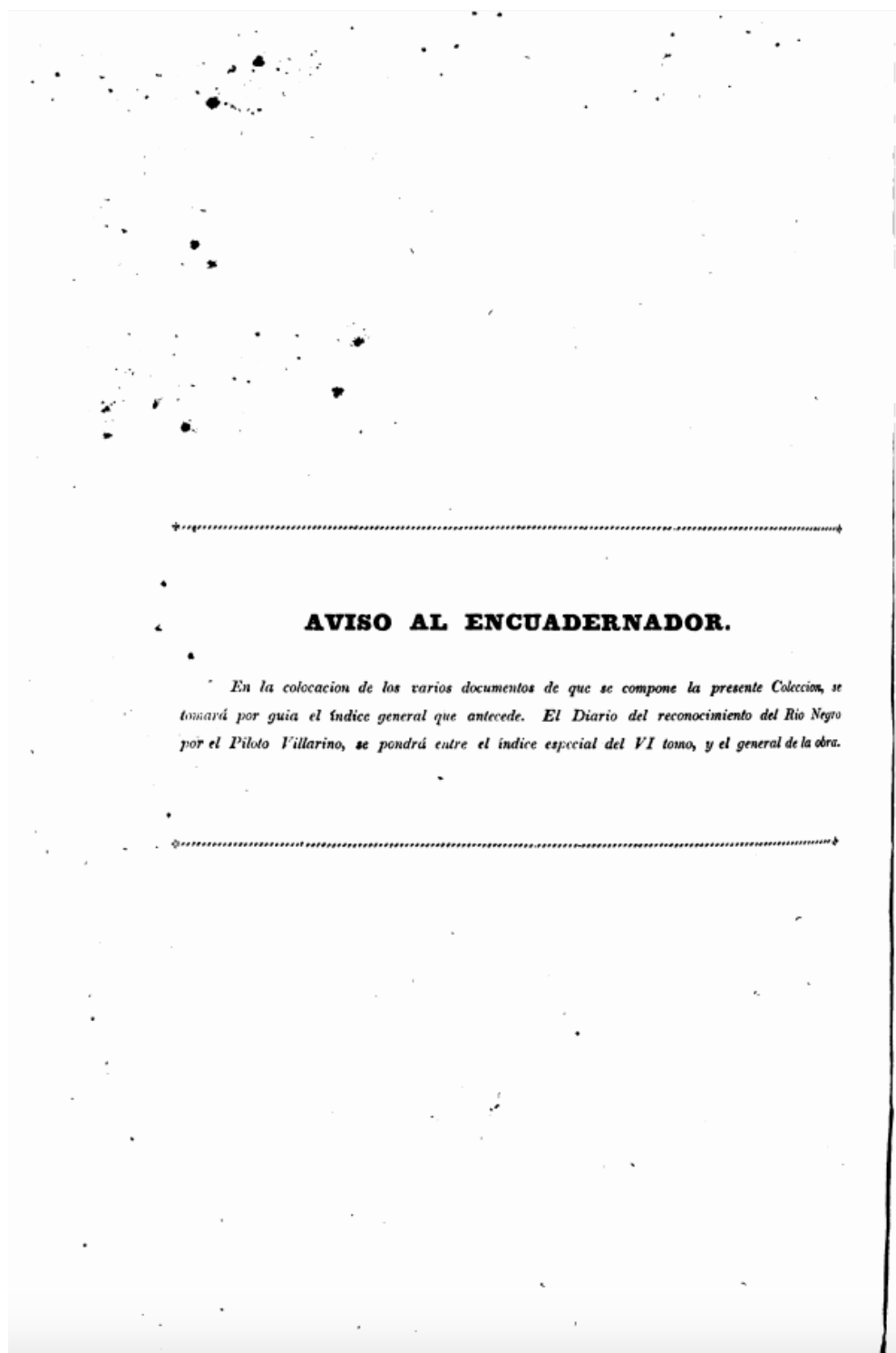
Fin del índice general de la Colección.



Índice geral dos seis tomos da Colección de obras y documentos relativos a la historia Antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, pp. I-VI.

ANEXO 7

**Aviso al Encuadernador**

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, s/n.

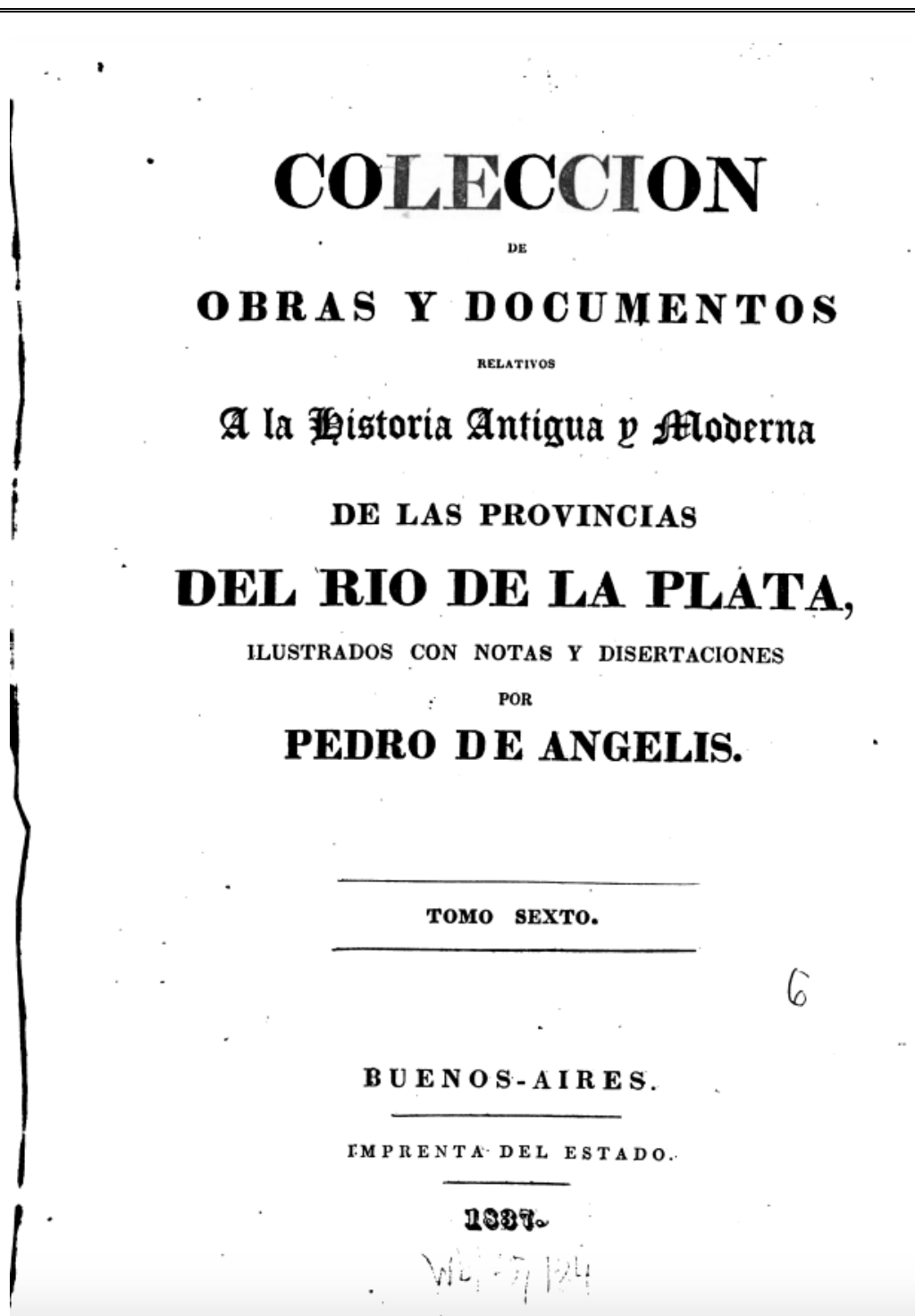
ANEXO 8



Medalha impressa pela Junta de Historia y Numismática Americana em homenagem a Pedro de Angelis na comemoração do centenário da *Colección de Obras y Documentos para la Historia Antigua y Moderna de las Provincias del Río de la Plata*

Fonte: ACADEMIA NACIONAL DE LA HISTORIA DE LA REPÚBLICA ARGENTINA. Buenos Aires, [2016?]. Disponível em: <<http://www.anh.org.ar/>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

ANEXO 9



Capa do sexto tomo da *Colección de obras y documentos*, de Pedro de Angelis, com data de 1837: este acabou sendo o ultimo volume da obra

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, s/n.

ANEXO 10

IV

la topografía de nuestras provincias; siendo así que el Diamante, después del Fuerte de San Rafael, corre hacia el este hasta encontrarse con el Salado, con el cual se sume en una gran laguna al sur de la *Isla del Barbon*, por los 36° y medio de latitud. Entre los últimos rastros del Diamante, y las costas septentrionales del Rio Negro, corre con mas ó menos extension, el Atuel, el Salado, Malalque, los rios Grande y de Barrancas que forman el Colorado, y por último el Neuquen, que Villarino, engañado por los indios, confundió con el Diamante.

Estos conocimientos han sido transmitidos al Sr. Black, respectable comerciante de esta ciudad, por D. José A. Alvarez Condarco, diligente observador de esta parte ignorada de la region andina de las pampas, y pueden servir á rectificar las infinitas equivocaciones que han padecido los que la han delineado.

Los datos recogidos por Zamudio y Souillac, sobre la posibilidad de abrir un camino carril por la Cordillera, fueron estériles, y se continuó arrastrándose afanosamente por el paso de Uspallata, perdiendo hasta el recuerdo de los esfuerzos que se habian hecho para evitarlo.

Zamudio, cuyo celo en promover esta empresa debia haberle hecho acreedor á algun premio, fué tambien olvidado, y envuelto en la mendicidad, (segun se expresa en una solicitud que dirigió al Consulado de Buenos Aires) tuvo que implorar á título de compasion un pequeño auxilio, que por su exiguidad ni sufragaba al agraciado, ni honraba al donante.

Buenos-Aires, Octubre de 1837.

PEDRO DE ANGELIS.

Última página do “*Proemio al Diario de Hernandez*”: datado em outubro de 1837, o texto de Pedro de Angelis integra o sexto tomo da *Colección de obras y documentos*

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, p. IV.

XIII

Nació en el reino de Andalucía, y vistió temprano el hábito de los Recoletos. Movidó del deseo de emplearse en la conversión de los infieles, pasó á América, donde llegó á ser prelado de su órden en la provincia de Salta. La parte que tomó en la expedición del Coronel Cornejo aparece en su diario, y por mas fundadas que sean las quejas de este gefe, no bastan á arrebatárle la gloria de un importante descubrimiento.

La enemistad de un rival poderoso le obligó á separarse de sus hermanos de Salta, y fué á buscar un asilo á Montevideo, donde acabó su vida en el claustro al rayar de la presente centuria.

Si algun pensamiento mundano se mezcló á las últimas efusiones de su corazón religioso, el recuerdo de la navegación del Bermejo debió llenarlo de esperanzas, y arrancarle el grito consolador de

Non omnis moriar.....

PEDRO DE ANGELIS.

Buenos Aires, Julio de 1838.

Última página do “*Proemio al Diario del P. Morillo*”: datado em julho de 1838, o texto de Pedro de Angelis integra o sexto tomo da *Colección de obras y documentos*

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, p. XIII.

IV

lección inédita de los informes que se practicaron en 1779 para establecer la nueva administración y factoría de tabacos en el antiguo virreinato de Buenos Aires (6). Aunque los comisionados se contragesen al objeto de su misión, reunieron muchos datos sobre la estadística, y pusieron un particular cuidado en averiguar las distancias.

Ninguna de estas obras es perfecta, y sin embargo todas merecen ser consultadas, porque en cada una se hallan indicaciones y noticias que pueden aprovecharse.

PEDRO DE ANGELIS.

Buenos Aires, 17 de Diciembre de 1838.

(6) Forma parte de nuestra biblioteca.

Última página do “*Proemio Itinerario de Buenos Aires á Córdoba*”: datado em dezembro de 1838, o texto de Pedro de Angelis integra o sexto tomo da *Colección de obras y documentos*

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, p. IV.

XIII

Después del reconocimiento de Viedma, la región magallánica ha sido visitada por hábiles y afamados marinos: los que han puesto más esmero en explorarla. han sido Córdova y Malaspina en el siglo anterior, Weddell, Morrell, King, Fitz Roy, y Foster en el presente. Con el escepticismo tan propio de nuestra época, se ha dejado de medir á los gigantes, para sondear los puertos, calcular la fuerza de los vientos, la elevación de las mareas, las variaciones del barómetro, del termómetro, y de la aguja magnética. Pero, si estas investigaciones han esparcido alguna luz sobre las costas, poco ó nada han agregado al conocimiento de la topografía interior, y los geógrafos modernos siguen hablando de *los Cesares*, que uno de los más acreditados coloca *entre las puntas del río Camarones, y las del río Gallegos!* (38) Ni es nuestro ánimo reconvenirlos por estos errores, que hasta cierto punto pueden considerarse como inevitables. Antes de los últimos reconocimientos practicados por orden del Sr. General Rosas, actual Gobernador de esta Provincia, poco ó nada se sabía del Río Colorado y del Negro, sin embargo de haber sido explorados repetidas veces en tiempo del gobierno peninsular: y ahora mismo no creemos que haya quien pueda hablar con acierto de entrambos. El río Camarones, que algunos mapas hacen desembocar cerca del Cabo Blanco en el Océano, ha sido suprimido en otros, porque se ha dudado de su existencia; así como se duda de la de la Isla *Pepys*, descubierta por Cowley en 1683, cuya latitud determinó Halley, y que un piloto español nos ha dejado descrita con tantos detalles, (39) que se necesita un gran fardo de incredulidad para declararla imaginaria.

PEDRO DE ANGELIS.

Buenos Aires, 20 de Junio de 1839.

(38) Véase el *Traité élémentaire de géographie par Malte-Brun*, tom. 2. pag. 522. (Paris 1831, 2 vol. en 8.º con un atlas.)

(39) Publicamos por primera vez este curioso documento, al que agregamos varios extractos de obras modernas en que se habla de esta isla misteriosa.

Última página do “*Discurso Preliminar al Reconocimiento del Colorado*”: datado em julho de 1839, o texto de Pedro de Angelis integra o sexto tomo da *Colección de obras y documentos*

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1837, p. XII.

ANEXO 11

(16)

¡ VIVA LA FEDERACION !

ARCHIVO GENERAL.

PRESUPUESTO DE SUELDOS PARA EL AÑO DE 1841.

	EN UN MES.	
	SUELDOS.	AYUDA DE COSTAS.
	Pesos Rls.	Pesos. Rls.
Archivero General D. Gerónimo Lasala, con ciento ocho pesos dos y dos tercios reales al mes, é igual suma de ayuda de costas.....	108 2½.....	108 2½
Archivero General D. Pedro Angelis, con ciento y ocho pesos dos y dos tercios reales al mes, é igual suma de ayuda de costas.....	108 2½.....	108 2½
Auxiliar vacante, con cincuenta pesos al mes, é igual suma de ayuda de costas.....	50	50
Auxiliar vacante, con cuarenta y un pesos cinco y tercio reales, é igual suma de ayuda de costas.....	41 5½.....	41 5½
	308 2½	308 2½
Sueldos		308 2½
Sueldos y ayuda de costas.....		616 5½
Importan las dos sumas del presente presupuesto la cantidad de seiscientos diez y seis pesos cinco y tercio reales. <i>En un mes</i>		616 5½
Cuya suma multiplicada por los doce meses hace la cantidad de siete mil cuatrocientos pesos..... <i>En un año</i>		7,400

Buenos Aires, Setiembre 29 de 1840.

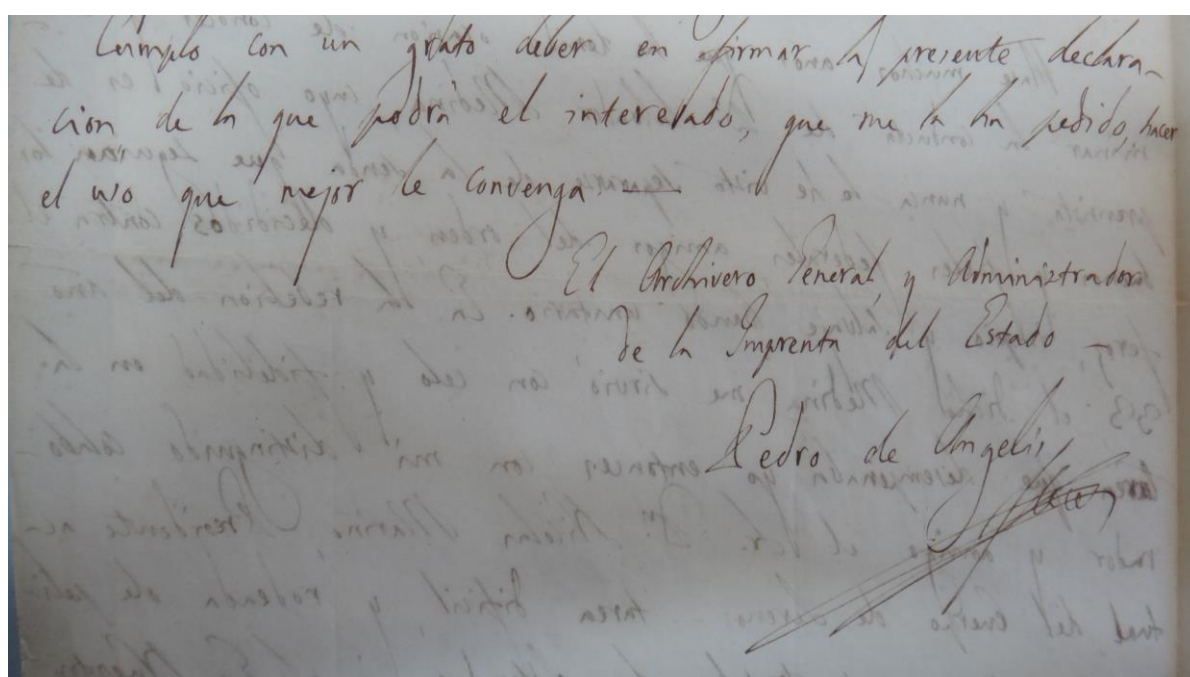
Geronimo de Lasala.

Pedro de Angelis.

Archivo General - Presupuesto de sueldos para el año de 1841

Fonte: PRESUPUESTO GENERAL DE SUELDOS Y GASTOS ORDINARIOS Y EXTRAORDINARIOS DE LA PROVINCIA DE BUENOS AIRES. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1841, p. 16.

ANEXO 12



Conjelo con un grato deber en afirmar la presente declaracion de lo que podria el interesado, que me ha sido pedido hacer el wo que mejor le convenga.

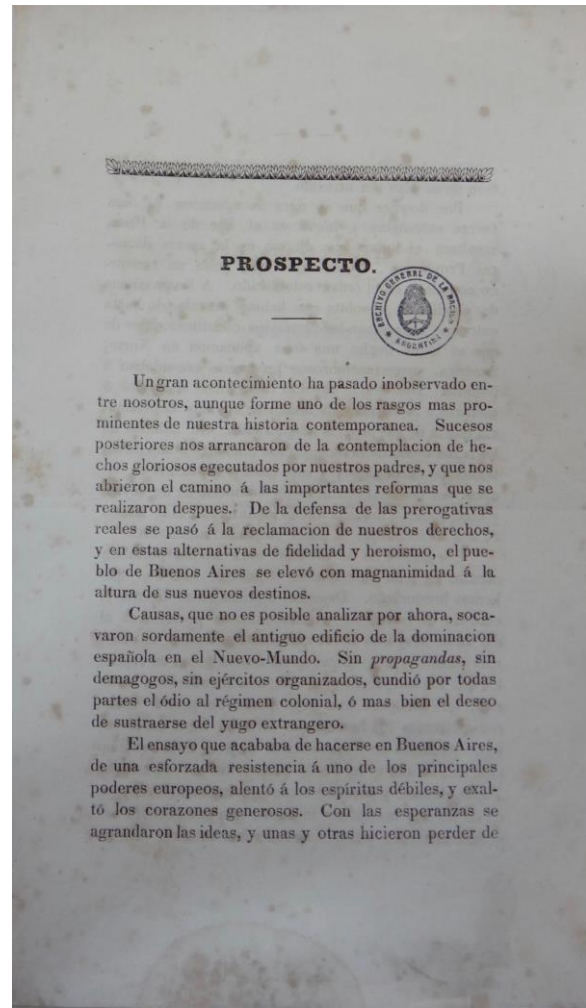
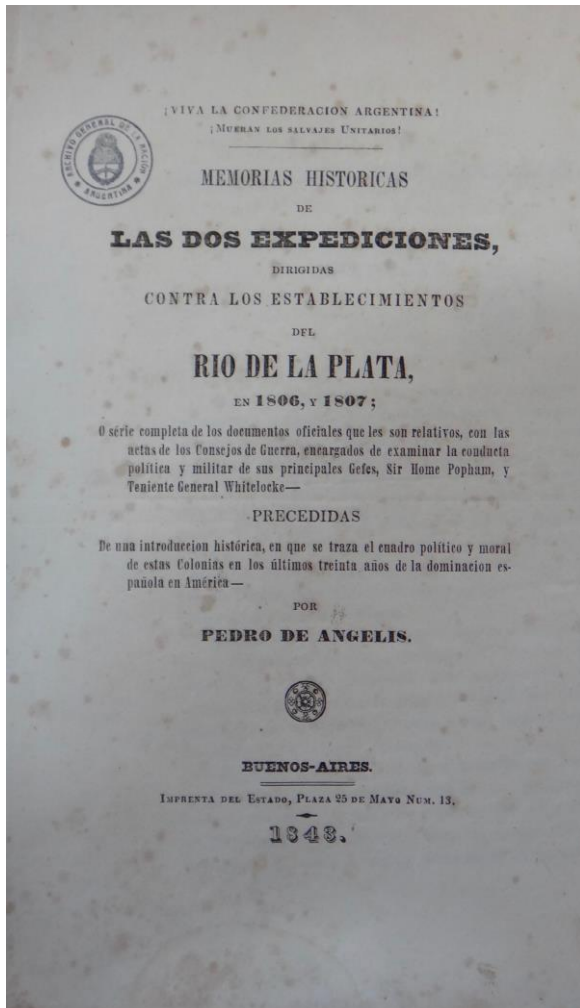
El Archivero General y Administrador de la Imprenta del Estado

Pedro de Angelis

Excerto de um documento no qual Pedro de Angelis assina como “El Archivo General, y Administrador de la Imprenta del Estado”, 02/10/1842

Fonte: ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 25-02-03.

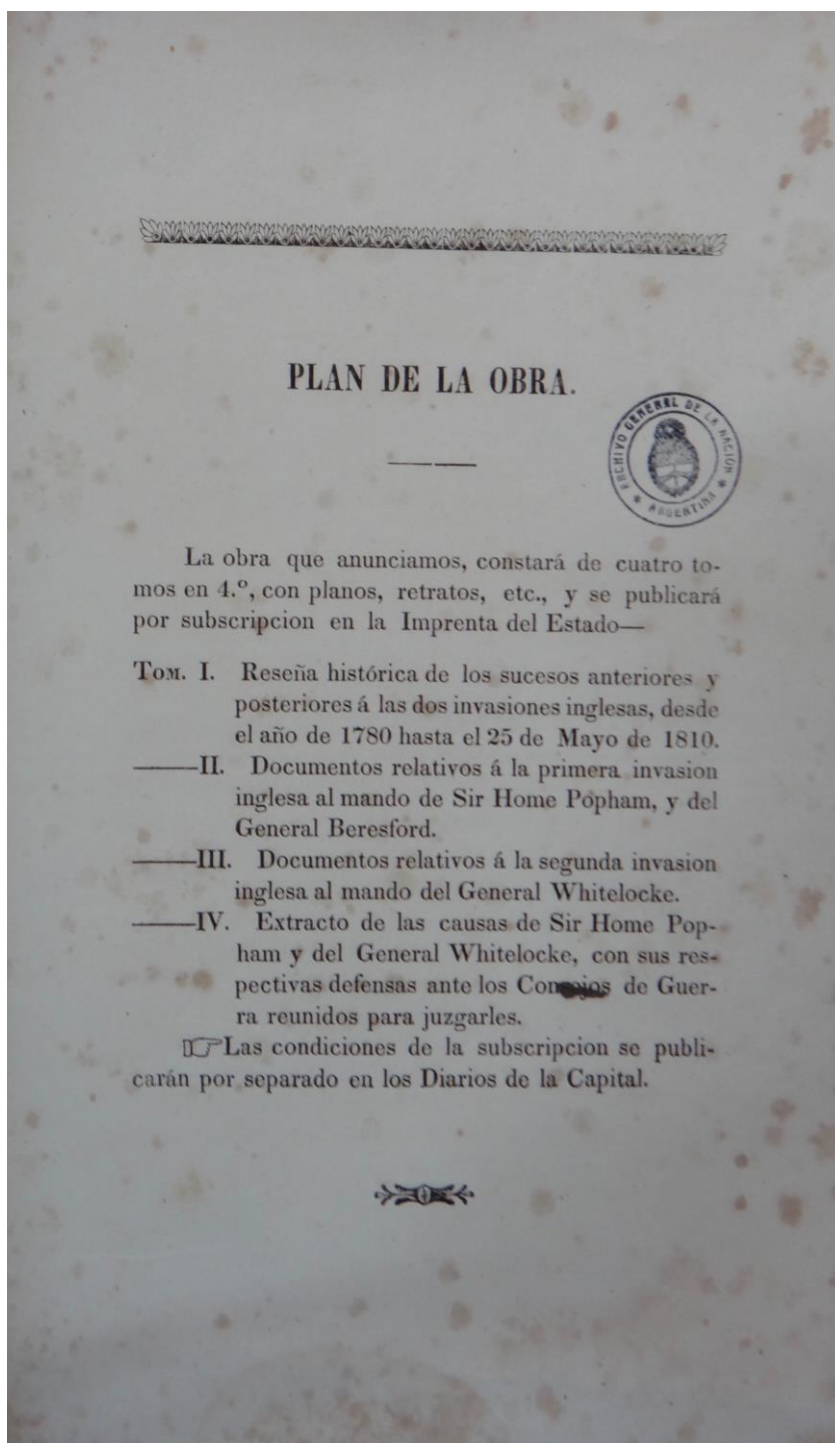
ANEXO 13



Prospecto das “Memorias históricas de las dos expediciones dirigidas contra los establecimientos del Río de la Plata en 1806 y 1807” de Pedro de Angelis, enviado pelo proponente ao Ministro de Relações Exteriores Felipe Arana

Fonte: ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 23-03-02 A.

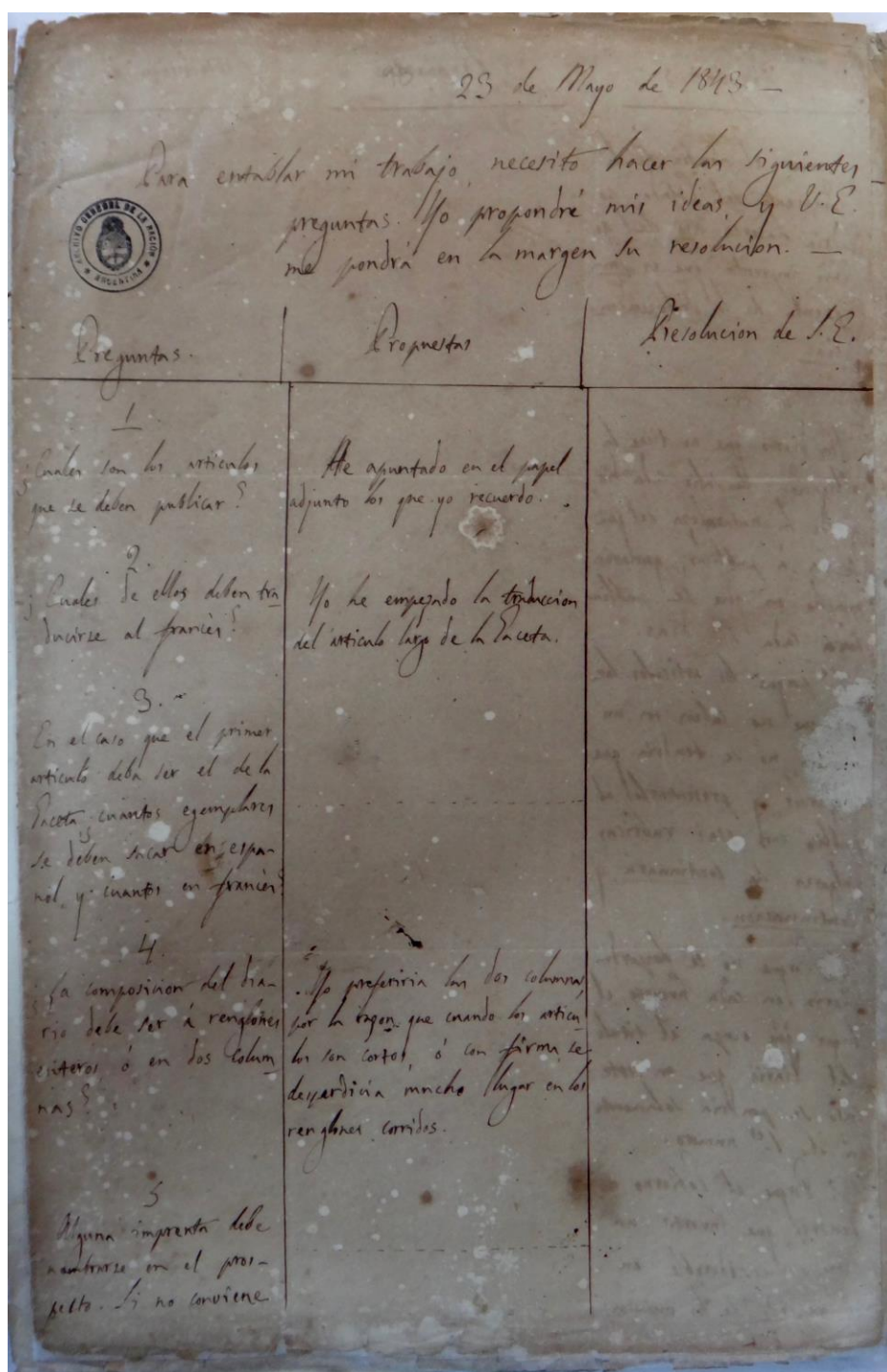
ANEXO 14



Organização dos quatro tomos planejados das “Memorias históricas de las dos expediciones dirigidas contra los establecimientos del Río de la Plata en 1806 y 1807” de Pedro de Angelis

Fonte: ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 23-03-02 A.

ANEXO 15



Primeira página do rascunho enviado por Pedro de Angelis para Juan Manuel de Rosas contendo as ideias, perguntas e propostas do que seria o *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*, 25/05/1843

Fonte: ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 23-03-02

ANEXO 16

A 16 de Julio 768
 457
 Exmo Señor -
 ¿Cuántos ejemplares manda V. E. que
 se saquen del num. 29 del
 Archivo que deberá publicarse
 en Agosto? -
 Julio 19 -
 Dos mil -
 21 de Julio -
 Quedo enterado -

**Das carpetas trocadas por Pedro de Angelis e Juan Manuel de Rosas, a confirmação da
 quantidade de exemplares do *Archivo Americano* número 29 que deveriam ser
 impressos, 16/07/1846**

Fonte: ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Archivo Juan A. Farini*.
 Sala VII. Legajo 195.

164 Agosto 31 de 1848.

Excmo Señor -


¿Cuántos ejemplares manda V. E. que se saquen del num. 10 del Archivo? Los de los números anteriores han sido 2108. -

Agosto 31 de 1848

Don mil ciento ocho -

Septiembre 1.º de 1848 -

Quedo enterado -




Das carpetas trocadas por Pedro de Angelis e Juan Manuel de Rosas: a confirmação da quantidade de exemplares do *Archivo Americano* número 10 (segunda série) que deveriam ser impressos, 31/08/1848

Fonte: ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Archivo Juan A. Farini. Sala VII. Legajo 195.

ANEXO 17

115

Individuos á quienes se podría mandar el Archivo
Americano, en Inglaterra.



Lord Stanley, Secretary of State - Colonial Depart.
 Earl of Haddington, First Lord of the Admiralty -
 Earl of Ripon, President of Board of Trade -
 Sir George Clerk - Chief Secretary of the Admiralty -
 Sir George Cockburn - Lord of the Admiralty -
 Duke of Bedford, Peer of England -
 Duke of Richmond, id.
 Duke of Somerset, id.
 Marquis of Lansdowne, id.
 Marquis of Hastings, id.
 Earl of Abingdon, id.
 Earl of Jersey, id.
 Earl of Lindsey, id.
 Earl of Radnor, id.
 Earl of Spencer - id.
 Earl of Stanhope - id.
 Earl of Talbot, id.

Lista de “individuos á quienes se podría mandar el Archivo Americano” na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos, produzida por Pedro de Angelis


Fonte: ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 23-03-02 A.

115

Viscount ~~of~~ Beresford, Peer of England.
 " ~~of~~ Canning, id.
 " ~~of~~ P. H. Gordon, id.
 " ~~of~~ J. H. Hutchinson, id.
 " ~~of~~ A. P. Fitzgerald, id.
 Baron Ashburton, id.
 " Beaumont, id.
 " Brougham, id.
 " Camden, id.
 " Stafford, id. —
 Capt. Hamilton, Member of the House of Commons —
 C. Dr. Morgan, id.
 Scott Murray, id.
 Lord Chas. Fitzroy, id.
 Capt. Fitzroy, id.
 Hon. J. C. Planta, id.
 H. B. Baring, id.
 Capt. Napier, id.
 Sir J. C. Hobhouse, id.
 Lord C. Russell, id.
 Lord Palmerston, id.

Lista de "indivíduos á quienes se podría mandar el Archivo Americano" na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos, produzida por Pedro de Angelis


Fonte: ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 23-03-02 A.

D. O'Connell, id.
 W. F. Mackenzie, id.
 W. Forbes, id.
 Captain Dalrymple, id. — 
 Editors of the Times —
 " " Morning-Herald —
 " " Morning-Post —
 " " Atlas —
 " " Courier —
 " " Globe and Traveller —
 " " Athenæum —
 " " Morning Chronicle —
 Traveller's Club —
 Royal Society of Geographie.

Lista de “individuos á quienes se podría mandar el Archivo Americano” na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos, produzida por Pedro de Angelis

Fonte: ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 23-03-02 A.

115
 1ª Lista de las personas á quienes podría enviarse el
 Archivo Americano -

Francia - 

Baron Lasquier, Président de la Chambre des Pairs -
 Duc Decazes, Grand Référendaire de la Chambre des Pairs.
 Baron de Barante, Pair de France -
 Comte Boissy-d'Anglas, Pair de France -
 Duc de Broglie, Pair de France -
 Mr. Cousin, Pair de France -
 Baron Charles Dupin, Pair de France -
 Comte Charles de la Trange, Pair de France -
 Comte Molé, Pair de France -
 Mr. Bossi, Pair de France -
 Mr. Viennet, Pair de France -
 Mr. Berryer, Membre de la Chambre des Députés -
 Mr. Dupin, id. -
 Mr. Georges Lafayette, id. -
 Mr. Jacques Lafitte - id.
 Marquis de Lagrange, id.
 Mr. de Lamartine, id.

Lista de “individuos á quienes se podría mandar el Archivo Americano” na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos, produzida por Pedro de Angelis

Fonte: ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Secretaria de Rosas.
 Sala X. Legajo 23-03-02 A.


Mr. Martin, Membre de la Chambre des Députés
 Mr. Mauguin, id.
 Mr. Odillon-Barrot, id.
 Comte Charles de Remusat, id.
 Mr. Boyer Collard, id.
 Mr. de Langet, id.
 Mr. Tiers, id.
 Mr. Alexis de Tocqueville, id.
 Comte de Destutt de Tracy, id.
 Mr. Vatout, id.

Amiral Baron Duperré
 Mr. Saint Marc Girardin
 Mr. Mignet, Conseiller d'Etat
 Mr. Michel Chevalier, id.
 Mr. Emile Desages, Chef de division au Ministère des
 Affaires Etrangères -
 Mr. Desangiers, id.
 Mr. le Vicomte d'Arango Ribeiro, Envoyé Extraordinaire,
 et Ministre Plénipotentiaire du Brésil.
 Mr. Rosales, Chargé d'Affaires du Chili -
 Marquis de Miraflores, Ambassadeur d'Espagne -

Lista de “individuos á quienes se podría mandar el Archivo Americano” na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos, produzida por Pedro de Angelis

Fonte: ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Secretaria de Rosas. Sala X. Legajo 23-03-02 A.

Le Général ~~Cass~~ Cass, Envoyé Extraordinaire, et Ministre Plé-
 nipotentiaire des Etats Unis du Nord.
 Mr. Parro, Chargé d'Affaires des Etats-Unis du Mexique -
 Vicomte de Carreira, Envoyé Extraordinaire, et Ministre
 Plénipotentiaire de Portugal -
 Baron Camille Fain, Secrétaire, ~~du~~ et chef du Cabinet
 du Roi -
 Vice-Amiral, Baron de Mackau, Pair de France -
 Vice-Amiral Mr. Dupotet.
 Mr. de Villemain, Ministre de l'Instruction Publique -
 Mr. Michelet
 Mr. le Baron Walckenaer.
 Mr. Droz, de l'Institut -
 Mr. Jéronne, Président de la Bibliothèque du Roi -
 deux Rédacteurs du Moniteur Universel -
 " du Journal du Commerce -
 " du Constitutionnel -
 " du Courrier Français -
 " de Pagnani's Messenger -
 " de la Presse -
 " du Siècle -



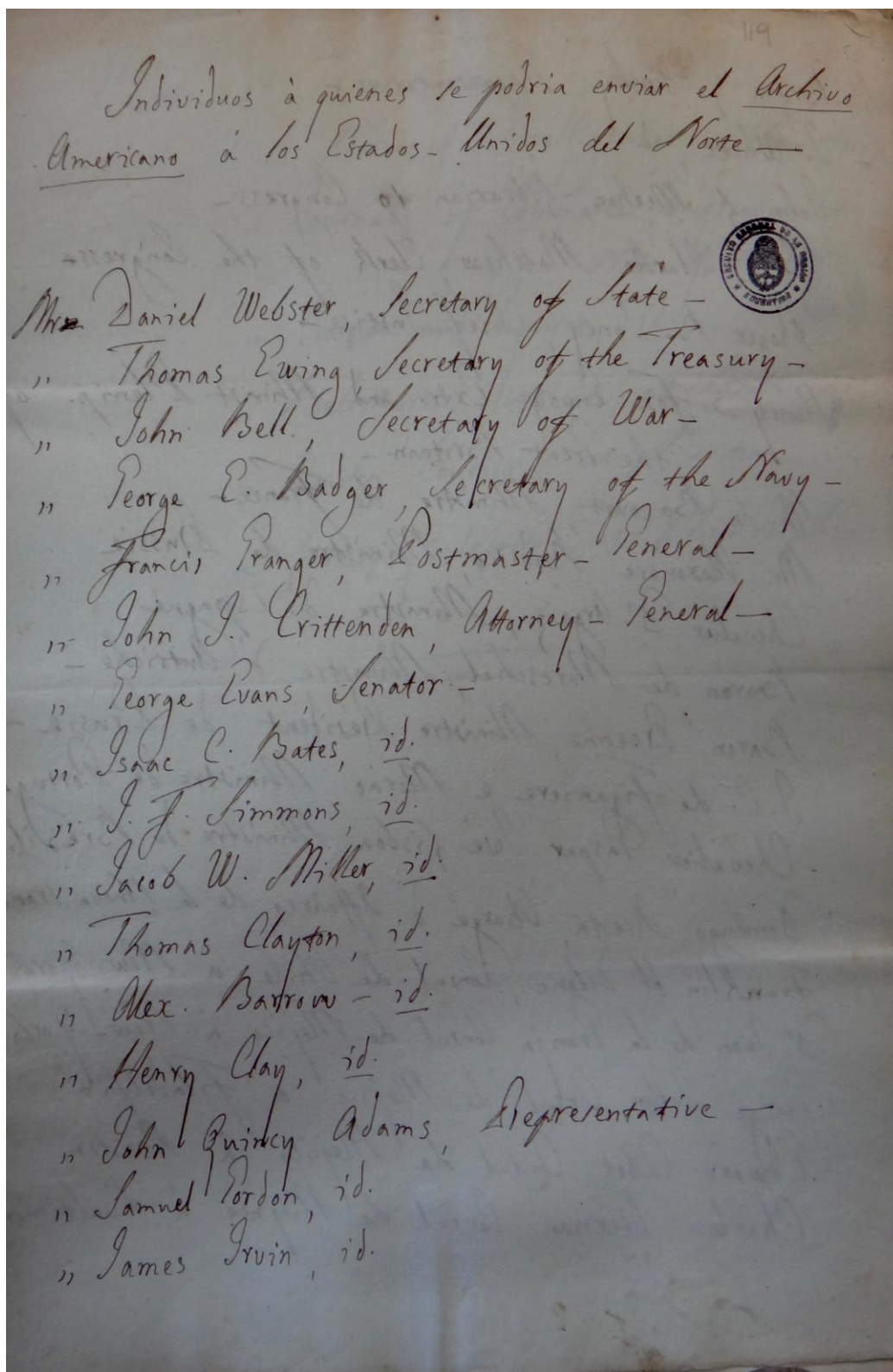
Lista de "individuos á quienes se podría mandar el Archivo Americano" na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos, produzida por Pedro de Angelis

Fonte: ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Secretaria de Rosas. Sala X. Legajo 23-03-02 A.

Aux Rédacteurs du Temps
 " du Messager des Chambres -
 " du Journal des Débats.
 " de la Revue des deux Mondes.
 Général Saint-Martin -
 Mr. Frank -
 Mr. Santa-Coloma, à Bordeaux -
 Mr. Badguerie, négociant, idem -
 Mr. Ferrera-Alvez, Consul du Brésil au Havre -
 Mr. Maneiro, Consul du Mexique au Havre -
 Mr. Eyrès, Membre de l'Institut, à Paris -
 Mr. Parmier, négociant à Paris -
 Mr. de Humboldt -
 Mr. d'Orbigni, naturaliste -
 Mr. Auguste de Saint-Hilaire, membre de l'Institut -

Lista de "individuos á quienes se podría mandar el Archivo Americano" na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos, produzida por Pedro de Angelis

Fonte: ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Secretaria de Rosas.
 Sala X. Legajo 23-03-02 A.



Lista de "individuos á quienes se podría mandar el Archivo Americano" na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos, produzida por Pedro de Angelis

Fonte: ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 23-03-02 A.

Mr. Bryan F. Parsley, Representative -
 " J. White, id.
 John F. Meehan, Librarian to Congress -
 St. C. Clarke Matthew, Clerk of the Congress -
 Roger B. Taney, Chief Justice -
 Henry S. Fox, Envoys Extr. and Minist. Plenip. of
 the Great Britain -
 Mr. de Bacourt, Ministre de France -
 Mr. Alexandre Bodico, Ministre de Russie
 Chevalier D'Argaiz, Ministre d'Espagne
 Baron de Mareschal, Ministre d'Autriche -
 Baron Roenne, Ministre Resident de Prusse -
 J. C. de Figanriere e Morao, Ministre de Portugal.
 Chevalier Caspar José Lisboa, Ministre du Brésil -
 Domingo Acosta, Charge d'Affaires de la Nueva Granada.
 Franklin H. Delano, Consul de Chile à New-York -
 D. Juan de la Granja, Consul de Mejico à New-York -
 George Follen, Consul de Mejico à Philadelphie -
 Edward Cabot, Consul de Mejico à Boston
 Charles Tiernan, Consul de Mejico à Baltimore

Lista de "individuos á quienes se podría mandar el Archivo Americano" na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos, produzida por Pedro de Angelis

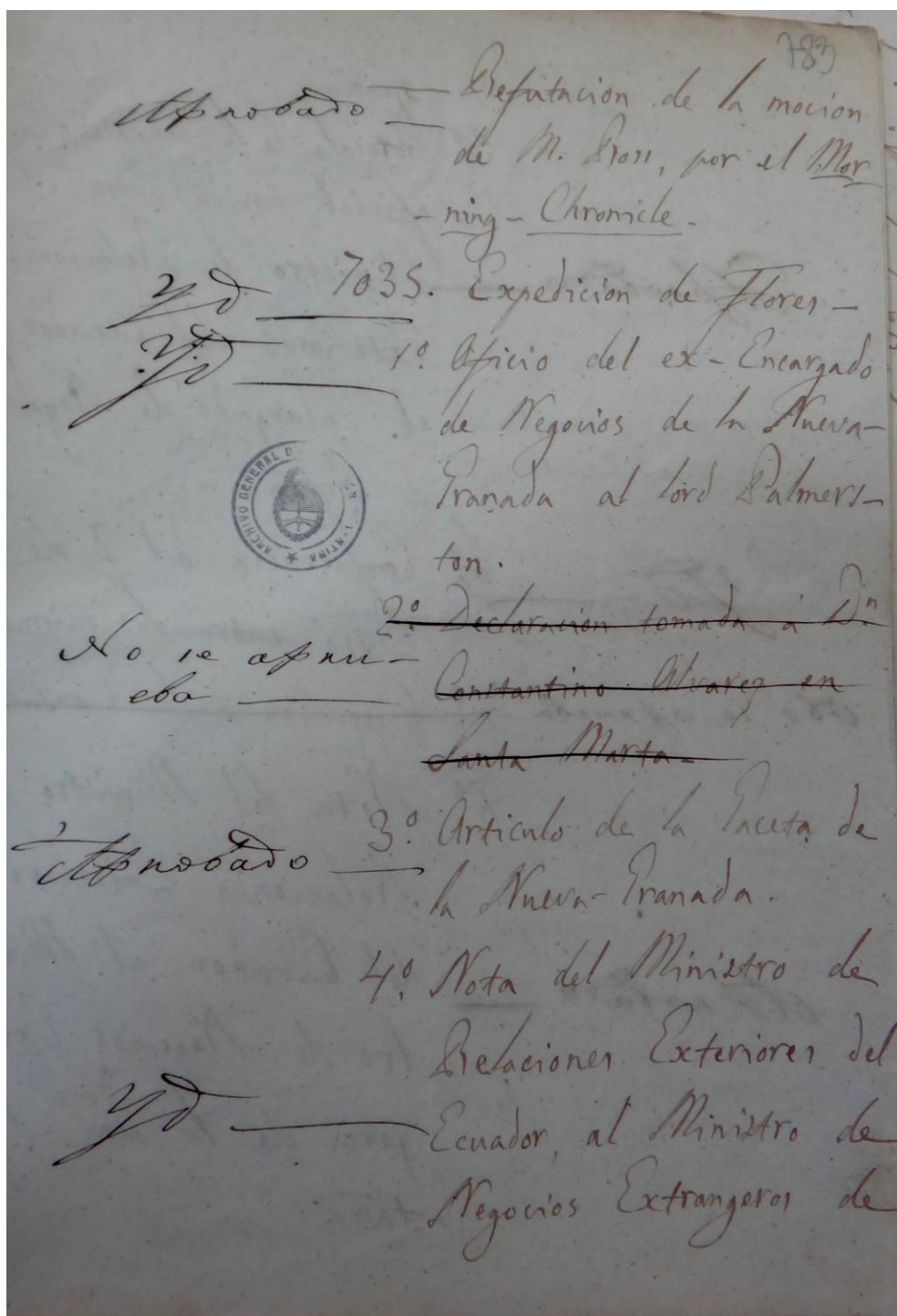
Fonte: ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Secretaria de Rosas. Sala X. Legajo 23-03-02 A.

Editors of Madisonian Journal - at Washington
 " " National Intelligencer, at New-York-
 " " Journal of Commerce American - at
 New-York-
 " " Courier and Inquirer, *idem*
 " " Baltimore American, at Baltimore-
 " " Boston Courier, at Boston -
 " " Literary Gazette, at Philadelphia.

Lista de "individuos á quienes se podría mandar el Archivo Americano" na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos, produzida por Pedro de Angelis

Fonte: ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). *Secretaria de Rosas*. Sala X. Legajo 23-03-02 A.

ANEXO 18




Das carpetas: trecho de um dos índices de materiais sugeridos para publicação no *Archivo Americano* enviados por Pedro de Angelis para Juan Manuel de Rosas todos os meses enquanto durou a publicação. Pode-se ver, ao lado desta lista produzida pelo erudito em maio de 1846, as anotações de aprovação e reprovação feitas pelo governador

ANEXO 19

A 114 31 de Mayo / Mes de America / 1848.

Exmo Señor -

Tengo el honor de elevar á V. E. el índice de los artículos mas importantes que han sido publicadas en este mes, y que me parece que deberían reproducirse en el Archivo en tres idiomas -



Mayo 31 / mes de America 1848 -

Vuelve aprobado -

3 de Junio de 1848 -

Quedo enterado -

Das carpetas: nas mensagens de 1848, a comunicação entre Pedro de Angelis e Juan Manuel de Rosas parece mais dinâmica e sintética. Aqui aparecem os usuais “Vuelve aprobado” do governador e “Quedo enterado” do italiano, 31/05/1848

Fonte: ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Archivo Juan A. Farini. Sala VII. Legajo 195.

ANEXO 20

YNDICE

DE LOS ARTICULOS CONTENIDOS EN ESTE NUMERO—

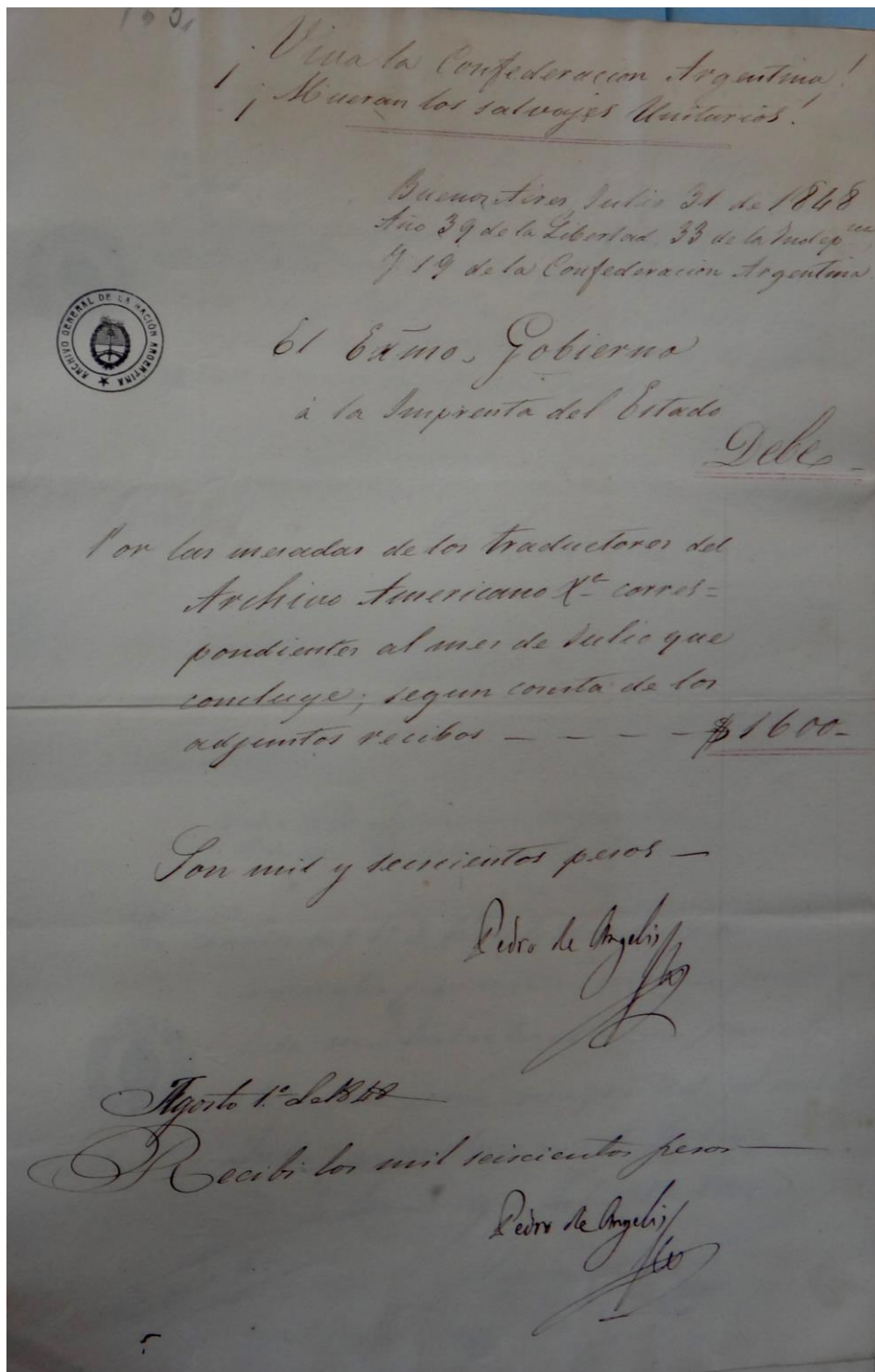
BRASIL—Relatorio del Sr. Paulino José Soarez de Souza, Ministro de Negocios Extranjeros, á la Asamblea General Legislativa.		desistimiento de la renuncia del mando, y á la traicion del loco salvaje unitario Urquiza.....	99
—Asunto del Baron de Yacuby—		—Alocucion del Presidente de la Honorable Sala, dirigida á S. E.....	100
—Nota del Ministro Argentino en el Janeiro al Ministro de Relaciones Exteriores de la Confederacion Argentina.....	1	—Contestacion de S. E.....	101
—Nota del Ministro de Relaciones Exteriores del Ymperio al Ministro Argentino en el Janeiro.....		Decreto del Gobierno de Santa Fé, para celebrar la resolucion del General Rosas de continuar al frente de los negocios nacionales.....	105
—Documento á que se refiere la nota anterior....	1	Proclama del Gobernador de Mendoza á sus Compatriotas.....	107
—Nota del Ministro de Relaciones Exteriores de la Confederacion al Ministro Argentino en el Janeiro.....	15	Yntrigas del Brasil en Bolivia—Artículo del <i>Diario de Avisos</i>	111
—Nota del Ministro de Relaciones Exteriores del Estado Oriental al de igual clase de la Confederacion.....	25	Alocucion del Dr. D. Adodato de Gondra, pronunciada en la casa de S. E. en la reunion que tuvo lugar el 8 de Septiembre.....	114
—Nota del Ministro Argentino en el Janeiro al de Relaciones Exteriores de la Confederacion..	26	Alocucion del Dr. D. Baldomero Garcia, pronunciada en el teatro Argentino, en la noche del 8 de Septiembre.....	117
—Nota de la Legacion Argentina en el Janeiro al Ministro de Relaciones Exteriores del Ymperio.....	28	Discurso del Dr. D. Baldomero Garcia, pronunciado en una reunion patriótica en San José de Flores.....	123
—Oficio del General D. Servando Gomez al Presidente del Estado Oriental.....	29	Contestacion del Ministro de Relaciones Exteriores á una nota del Gobierno de Mendoza, devolviéndole cerradas las comunicaciones que le habia dirigido el loco infame salvaje unitario Urquiza.....	129
—Nota del Ministro de Relaciones Exteriores de la Confederacion al Ministro Argentino en el Janeiro.....	30	NUEVOS DOCUMENTOS DE LA PROVINCIA DE SAN JUAN SOBRE LA YNFAME TRACION DEL LOCO SALVAJE UNITARIO URQUIZA—	
—Otra del mismo al de igual clase del Estado Oriental.....	31	—Nota del Ministro General al Plenipotenciario de la Provincia, D. Fermin de Yrigoyen.....	134
—Nota del Ministro Argentino en el Janeiro al de Relaciones Exteriores de la Confederacion..	32	—Nota del Gobierno de San Juan al Ministro de Relaciones Exteriores de la Confederacion.	135
—Contestacion del Ministro de Relaciones Exteriores.....	33	—Nota del Gobierno de la Provincia de San Juan á su Honorable Legislatura.....	138
Contestacion á las diatribas del salvaje unitario Sarmiento, con motivo de una carta de D. Mariano Fraguero. Por un <i>Argentino</i>	34	—Contestacion de la Honorable Legislatura.....	141
El pronunciamiento del loco traidor salvaje unitario Urquiza. Por el Dr. D. Lorenzo Torres..	54	—Ley de la misma.....	142
Sobre la mision regeneradora del loco traidor salvaje unitario Urquiza. Por el Dr. D. Eduardo Lahitte.....	71	—Proclama del Gobernador de San Juan, á sus Compatriotas.....	144
DOCUMENTOS DE LA PROVINCIA DE MENDOZA SOBRE LA DIMISION DEL GENERAL ROSAS DEL MANDO SUPREMO—		—Contestacion del Ministro de Relaciones Exteriores á la nota de 11 de Octubre del Sr. Gobernador de San Juan.....	149
—Nota del Poder Ejecutivo á la Honorable Representacion de aquella Provincia.....	87	Recuerdos del General San Martin.....	152
—Contestacion de la Honorable Representacion..	92	La Confederacion Argentina y el Brasil.....	195
Descripcion del recibimiento hecho en Palermo á la Comision de la Honorable Sala de Representantes, encargada de poner en manos de S. E. las resoluciones y decretos relativos á su		ARTÍCULO EDITORIAL.	
		La vida de un traidor— <i>Justo José Urquiza</i> —	
		Parte cuarta.....	222
		<i>Editor responsable—PEDRO DE ANGELIS.</i>	

IMPRESA DE LA YNDPENDENCIA, PLAZA MAYO, N.º 13.

Índice geral do *Archivo Americano* número 28, de 24 de dezembro de 1851. Como em todas as outras edições, aparecem Pedro de Angelis como “*Editor responsable*” e a sua *Imprensa de la Independencia* como o lugar de impressão do periódico

Fonte: *Archivo Americano* y *Espíritu de la Prensa del Mundo*, n. 28 [segunda serie], 24/12/1851.

ANEXO 21



Conta de uma das edições do *Archivo Americano* e recibo de pagamento do governo da Província de Buenos Aires à *Imprenta del Estado*, onde de fato o periódico era impresso, 31/06/1848

Fonte: ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Archivo Juan A. Farini. Sala VII. Legajo 195.

ANEXO 22

COLECCION
 DE
 DOCUMENTOS OFICIALES
 SOBRE LA MISION DE LOS MINISTROS
 DE S. M. BRITANICA,
 Y
 S. M. EL REY DE LOS FRANCESES
 CERCA DEL
 GOBIERNO DE BUENOS-AIRES,
 ENCARGADO DE LAS RELACIONES EXTERIORES
 DE LA
 CONFEDERACION ARGENTINA.



BUENOS-AIRES.

IMPRESA DE LA INDEPENDENCIA, PLAZA 25 DE MAYO N.º 13.

1845.

Capa da edição temática do *Archivo Americano* (número 22, de 05/11/1845) intitulada “*Colección de documentos oficiales sobre la Mision de los Ministros de S. M. Britanica, y S. M. el Rey de los Franceses cerca del Gobierno de Buenos Aires, encargado de las relaciones exteriores de la Confederación Argentina*”

Fonte: *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*, n. 22, 05/11/1845.

VIVA LA CONFEDERACION ARGENTINA!
; Mueran los salvajes Unitarios!

ARCHIVO AMERICANO

Y
ESPIRITU DE LA PRENSA DEL MUNDO.

No. 22.] BUENOS-AIRES, NOVIEMBRE 5 DE 1845. [Tom. II.

COLECCION DE DOCUMENTOS OFICIALES.

VIVA LA CONFEDERACION ARGENTINA!
; Mueran los salvajes Unitarios!

El Poder Ejecutivo

Buenos Aires, Agosto 16 de 1845.
Año 30 de la Libertad, 30 de la Independencia,
y 16 de la Confederacion Argentina.

A la Honorable Legislatura de la Provincia.

HONORABLES REPRESENTANTES—

El Gobierno de la Provincia, Encargado de las Relaciones Exteriores de la Confederacion Argentina, cumple con el deber de daros cuenta, y someter a vuestro ilustrado juicio un grave y delicado asunto de que pende la existencia y soberania de la Republica, y el bienestar de todos sus habitantes—Al dar este paso, valora las imperiosas exigencias que a toda costa debe satisfacer, las interesadas que pueden sobrevenir, y la magnanimidad del Pueblo Argentino en defensa de su libertad—A grandes pruebas se ha puesto su moderacion—En medio de haber agotado el Gobierno sus valerosos esfuerzos para arribar a un termino pacifico y honorable en la solucion de las cuestiones que se agitan en estas Republicas del Plata, no ha podido satisfacer sus votos desos por el restablecimiento de una paz sólida y duradera, cual reclama la dignidad y honor nacional, que está constituido en el deber de defender—

La correspondencia con el Ministro Plenipotenciario de S. M. R., Caballero D. Guillermo Gore Ouseley, y el Enviado Extraordinario y Ministro Plenipotenciario de S. M. el Rey de los Franceses, Baron Defaudis, que os presenta, afecta vivamente las primeras conveniencias y la paz de la Confederacion, garantidas por tratados solemnemente, que el Gobierno con perseverante fealdad ha cumplido—La doble repugnante posicion, bajo que aquellos se han presentado y sostenido, si contraria las esperanzas que habia formado sobre la rectitud e ilustracion de la politica de los Gobiernos de Inglaterra y Francia, no ha alterado el respeto y consideraciones que profesa a aquellos Soberanos—Su marcha ha sido arreglada a los principios reconocidos en todas las naciones civilizadas—Nada ha pretendido que pueda reprocharsele disconformidad a los principios de humanidad, ni a los de la justicia universal—

Al someteros el Gobierno dicha correspondencia, al pedir que os dignéis examinarla con atencion, y al solicitar vuestra honorable aprobacion, o reprobacion de sus actos administrativos sobre este importante asunto, bien alcanza toda la mortificacion que os debe causar su lectura—Penetra asimismo cuanto debe sufrir vuestros sabios sentimientos por el honor de la Republica, tan fuertemente y tan de distintos modos ofendida—Pero, por mas punzantes que os sean tales impresiones, por mas dolorosa que os sea tal examen, el Gobierno de la Provincia confia que su moderacion, en el sostenimiento incoercible de los derechos de la Confederacion, será considerada por los Honorables Representantes, que tantas y tan relevantes pruebas tan dadas de circunspeccion y acierto en los casos difíciles en que se ha visto la Republica—

Para que podais juzgar decididamente, indispensable es llamar vuestra atencion sobre las primeras circunstancias que precedieron a este desagradable asunto, y que os instruya de otras especiales que la han acompañado—El recuerdo de las primeras, y la manifestacion de algunos hechos, la presentan en la historia moderna de la diplomacia, como desea en su genero; sin que pueda explicarse la conveniencia de un tal proceder, ni sea posible ajustarlo a la magnanimidad y crédito de dos gobiernos poderosos de Europa en sus relaciones con un estado nuevo y reciente—

El Ministro Argentino en Londres, en 6 de Enero ultimo, considerando de su deber explicar con el Code Aberdeen, Ministro de Negocios Extranjeros en aquella corte, la manifestacion "hallarse con noticia de un proyecto de intervencion promovida por el Gobierno de Inglaterra y Francia; que esta intervencion se agita por el Visconde de Abancourt, quien habia estado en Londres, con aquel objeto, y se habia dirigido a Paris para hacer igual oferta al Ministerio de Negocios Extranjeros, y con tal motivo se ocupó de

COLECCION DE DOCUMENTS OFFICIELS.

VIVA LA CONFEDERACION ARGENTINA!
; Murt aux sauvages Unitaires!

Le Pouvoir Executif

Buenos-Ayres, le 16 Août 1845.
L'année 30 de la Liberté, 30 de l'Indep.,
et le 16 de la Confederacion Argentine.

A l'Honorable Legislature de la Province.

HONORABLES REPRESENTANTS—

Le Gouvernement de la Province, Chargé des Relations Exterieures de la Confederation Argentine, remplit le devoir de vous rendre compte, et de soumettre à votre jugement éclairé, une affaire aussi grave que délicate, de la quelle dépend l'existence et la souveraineté de la République, et le bien-être de tous ses habitants. En prenant cette résolution, il ne s'occupe pas d'oublier l'impérieuse nécessité d'empêcher à tout prix les conséquences qui pourraient en résulter, si la magnanimité du peuple Argentin pour la défense de sa liberté. Sa modération a été mise à des épreuves très-difficiles. Le Gouvernement, qui a fait les plus grands efforts pour donner une solution pacifique et honorable aux questions qui s'agitent dans les Républiques de la Plata, n'a pas pu satisfaire son désir d'y rétablir la paix d'une manière solide et durable, telle qu'il conviendrait à la dignité et à l'honneur national qu'il est chargé de défendre.

Sa correspondance avec M. Guillaume Gore Ouseley, Ministre Plenipotenciario de S. M. R., et M. le Baron Defaudis, Envoyé Extraordinaire et Ministre Plenipotenciario de S. M. le Roi des Français, affecte vivement les droits et la paix de la Confederation, garantis par des traités solennels, que le Gouvernement a remplis avec autant de loyauté que de persévérance. Si le caractère équivoque et repoussant sous lequel ces agens se sont présentés, et qu'ils ont soulevés, a frustré les espérances que lui avait fait concevoir la politique noble et éclairée des gouvernements d'Angleterre et de France, il n'a pas altéré, pour cela, la considération et le respect, que le Gouvernement professe à ces Souverains. Il n'a agi selon les principes reconnus par toutes les nations civilisées, et il n'a rien prétendu, qui puisse l'exposer au reproche de s'être écarté des principes de l'humanité, ni de ceux de la justice universelle.

En vous soumettant cette correspondance, en vous engageant à daigner l'examiner attentivement, et à solliciter votre honorable approbation, ou reprobation, de ces actes administratifs, dans une question si importante, le Gouvernement se dissimule pas qu'il est aussi l'effet qu'elle doit produire sur vos sentiments élevés pour l'honneur de la République, et si différemment offensés. Mais, quelques poignantes que soient ces impressions, quelque pénible que soit cet examen, le Gouvernement de la Province espère que la modération qu'il a gardée dans la défense des droits de la Confederation, sera prise en consideration par les Honorables Représentants, qui ont donné tant de preuves, et si éclatantes, de circumspection et de sagesse dans les circonstances difficiles dans lesquelles s'est trouvée la République.

Pour que vous puissiez vous procurer d'une manière assurée, il appellera votre attention sur les circonstances qui ont précédé cette négociation désagréable, et l'ont accompagné. Le souvenir des premiers, et le récit de quelques autres faits, la présentent dans l'histoire de la diplomatie moderne, comme unique en son genre; sans qu'il soit possible d'expliquer la convenance de se procurer dans un tel cas le crédit de deux gouvernements puissants de l'Europe dans leurs rapports avec un état nouveau et naissant.

Le 6 janvier dernier, le Ministre Argentino à Londres, se trouvant obligé d'entrer en explication avec le Comte d'Aberdeen, Ministre des Affaires Etrangères de cette ville, lui dit, qu'il avait entendu parler d'un projet d'intervention, proposé par le gouvernement du Brésil, lequel devait se réunir les gouvernements d'Angleterre et de France. Que cette intervention

COLECCION DE OFFICIAL DOCUMENTS.

VIVA LA CONFEDERACION ARGENTINA!
; Death to the rabelais Unitarians!

The Executive Power

Buenos Ayres, August the 16th 1845.
30 year of our Liberty, 30 of our Independ.,
and 16 of the Argentine Confederation.

To the Honourable Legislature of the Province.

HONOURABLE REPRESENTATIVES—

The Government of the Province Encharged with the Foreign Affairs of the Argentine Confederation fulfils the duty of giving you an account, and submitting to your enlightened judgement a serious and delicate affair, upon which depends the existence and sovereignty of the Republic, and the welfare of all its inhabitants. In taking this step, it duly values the imperious exigencies which it ought by every means to counter, the future results which may ensue, and the magnanimity of the Argentine People in defence of their liberty. Their moderation has been put to great proofs. Whilst the Government has exhausted its most valiant efforts for obtaining a peaceable and honorable result in the solution of the questions agitated in these Republics of the Plata, it has not been able to satisfy its lively desires for the re-establishment of a solid and durable peace as exacted by the national dignity and honour which it is under the obligation of defending.

The correspondence with the Minister Plenipotentiary of H. B. M., William Gore Ouseley, Esquire, and the Envoy Extraordinary and Minister Plenipotentiary of H. M. the King of the French, Baron Defaudis, which it presents to you, affect in a lively manner the most essential conveniences, and the tranquility which the Government has fulfilled with persevering loyalty. The double repugnant position in which those have been presented and sustained, though contrary to the hopes conceived respecting the rectitude and enlightenment of the policy of the Governments of England and France, it has not changed its respect and consideration towards those Sovereigns. Its march has been regulated by the principles acknowledged in all civilized nations. It has pretended nothing of which it can be reproached, in disconformity, neither with the principles of humanity nor those of universal justice.

The Government, on submitting to you the aforesaid correspondence, on requesting you should deign to examine it with attention, and on soliciting your honorable approbation or reprobation of its administrative acts respecting this important affair, is well aware how mortifying the lecture of it must be to you. It also perceives how much your noble sentiments must suffer for the honour of the Republic so strongly and various ways offended. But however pungent these impressions may be to you, the Government of the Province hopes that its moderation in preserving inviolate the rights of the Confederation, will be considered by the Honourable Representatives, who have given so many, and such relevant proofs of circumspection and wisdom in the difficult cases in which the Republic has been placed.

In order that you may be able to judge with accuracy, it is indispensable to call your attention towards the first circumstances which preceded this disagreeable affair, and inform you of other special ones which have accompanied it. The record of the former and the manifestation of some acts, present it in the modern history of diplomacy, as unique in its species; without the conveniency of such a proceeding being apparent, nor in conformity with the magnanimity and credit of two powerful Governments of Europe in their relations with a new and rising State.

The Argentine Minister in London, on the 6th of January last, considering it his duty to have an explanation from Count Aberdeen, Minister for Foreign Affairs of that Court, he manifested to him "that he had news of a project of intervention promoted by the Government of Brazil, in which the Governments of England and France were to be united; that this intervention was agitated by Viscount de Abancourt who had been in London on that account,

As páginas da edição temática (número 22, de 05/11/1845) seguiam a mesma diagramação dos outros números do *Archivo Americano*. A primeira página tinha, inclusive, o cabeçalho corrente do jornal

Fonte: *Archivo Americano* y *Espritu de la Prensa del Mundo*, n. 22, 05/11/1845.

ANEXO 24

72

MASSACHUSETTS HISTORICAL SOCIETY.

- ARCHIVES, American. — See UNITED STATES.
 — Pennsylvania. — See PENNSYLVANIA.
 — of Useful Knowledge. Vol. i., Nos. 1, 2, and 4. July–Oct., 1810; April, 1811. 8vo, Philadelphia, 1810–11.
 ARCHIVES Littéraires de l'Europe; ou, Mélanges de Littérature, d'Histoire, et de Philosophie. Tomes xi., xii., xiii. 3 vols. 8vo. Paris, 1806–7.
 — du Royaume à La Haye, Lettre sur les. — See SCHOTEL, G. D. J.
 ARCTIC Discoveries. — See FORCE, Peter.
 — Explorations, Prospectus of. — See CHILDS and PETERSON.
 — Regions. — See FORSTER, John Reinhold.
 — Voyaging. — See CHAMBERLAIN, Nathan H.
 ARCTIC, Steamer, Loss of the. — See WEISS, John.
 ARDENT SPIRIT. — See MUSSEY, Reuben D.
 ARDOUIN, B. Géographie de l'Île de Haïti. 4to. Port au Prince, 1832.
 ARE you a Christian or a Calvinist? — See WELLS, William.
 ARETAS, Bishop of Cæsarea. Aretæ Cæsareæ Cappadociæ Episcopi in D. Ioannis Apocalypsim Compendiaria Explanatio, ex beatiss. Andree, &c., Comment. concinnata Maximo Florent. interprete. 16mo. Basileæ [1552].
 ARGAL, Sir Samuel. — See BELKNAP, Jeremy (American Biography).
 ARGENTIS. — See BARCLAY, John.
 ARGENTINA (La) Poema Histórico, por D. Martin del Barco Centenera. — See ANGELIS, Pedro de (Doc., t. ii.).
 ARGENTINE CONFEDERATION. Coleccion de Documentos Oficiales sobre la Mision de los Ministros de S. M. Britanica, y S. M. el Rey de los Franceses. Folio. Buenos Aires, 1845.
 — Correspondencia con los Ministros de Inglaterra, y de Francia sobre los Asuntas de la Pacifécacion. Folio, pp. 91. Buenos Aires, 1846. [Spanish, French, and English.]
 — Documentos relativos a la Mision del Hon. Sr. D. Tomas Samuel Hood, &c. Folio, pp. 51. Buenos Aires, 1846.
 — See ANGELIS, Pedro de.
 ARGENTON, Philippe de Comines, Seigneur de. — See COMINES, Philippe de.
 ARGOS (El) de Buenos Aires. Tom. i., ii., Enero. 1822–Noviembre, 1823. 4to. Buenos Ayres, 1822–23. — See BUENOS AYRES.
 ARGUS, The Boston. 1792 to June 28, 1793. [Imperfect.] Folio. Boston, 1792–93.
 — Eastern. — See EASTERN ARGUS.
 ARGYLE, John, Duke of. — See CAMPBELL, John.
 ARGYLL, Agriculture of the County of. — See SMITH, John.
 ARIANISM Anatomized. — See CLAGGETT, John.
 ARIANS, Doctrine of the. — See DIVINITY of Christ. TRINITY. UNITARIANISM.
 ARIAS, Francisco Gavino. — See ANGELIS, Pedro de (Doc., t. vi.).
 ARIAS Montanus, Benedictus. — See INDEX Expurgatorius.
 ARISTOCLES, Letter from, to Authades. — See JOHNSON, Samuel. LETTER.
 ARISTOTLE. Aristotelis Stagiritæ Omnia quæ extant Opera: Averrois Cordubensis in ea Opera Omnes qui ad nos pervenere Commentarii. 7 vols. in 4, folio. Venetiis, 1550–52.
 — Aristotle's Poetics; or, Discourses concerning Tragic and Epic Imitation. Tr. from the Greek. 8vo. London, 1775.
 — See BRASSICANUS, Johan. Alexander. BREREWOOD, Edward.
 — De Anima. — See TOLETUS, Franciscus.
 — Ethics of. — See GOLIUS, Theophilus.

As edições temáticas do *Arquivo Americano* no catálogo de 1860 da biblioteca da *Massachusetts Historical Society*

Fonte: CATALOGUE OF THE LIBRARY OF THE MASSACHUSETTS HISTORICAL SOCIETY. Boston, vol I. A-L, 1860, p. 72.

ANEXO 25

DOCUMENTOS
RELATIVOS A LA MISION
DEL
HONORABLE
Sr. D. TOMAS SAMUEL HOOD,
AGENTE ESPECIAL DEL GOBIERNO DE S. M. B.
CERCA DEL
GOBIERNO DE BUENOS-AIRES,
ENCARGADO DE LAS RELACIONES EXTERIORES
DE LA
CONFEDERACION ARGENTINA.



BUENOS-AIRES.

IMPRESA DE LA INDEPENDENCIA, PLAZA 25 DE MAYO N.º 13.

1846.

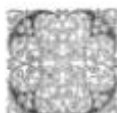
FA
979

Capa da edição temática do *Archivo Americano* (número 31, de 07/12/1846) intitulada “*Documentos Relativos a la Mision del Honorable Sr. D. Tomas Samuel Hood, agente especial del Gobierno de S.M.B cerca del Gobierno de Bienes Aires, encargado de las Relaciones Exteriores de la Confederación Argentina*”

Fonte: *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*, n. 31 [segunda serie], 07/12/1846.

ANEXO 26

SERIE
DE
DOCUMENTOS OFICIALES, Y ARTICULOS CORRELATIVOS A LA MISION
DE
LORD HOWDEN, Y DEL CONDE WALEWSKI,
MINISTROS PLENIPOTENCIARIOS
DE LOS
GOBIERNOS DE INGLATERRA Y DE FRANCIA
CERCA DEL
GOBIERNO DE BUENOS AIRES,
ENCARGADO DE LAS RELACIONES EXTERIORES
DE LA
CONFEDERACION ARGENTINA.



BUENOS AIRES.
—♦—
IMPRESA DE LA INDEPENDENCIA.
—
1847.

Capa da edição temática do *Archivo Americano* (número 5 da segunda série, de 17/02/1848) intitulada “*Serie de documentos oficiales y artículos correlativos a la mision de Lord Howden, y del Conde Walewski, ministros plenipotenciarios de los Gobiernos de Inglaterra y de Francia cerca del Gobierno de Buenos Aires, encargado de las relaciones exteriores de la Confederación Argentina*”

Fonte: *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa del Mundo*, n. 5 [segunda serie], 17/02/1848.

ANEXO 27

MISION CONFIADA

A LOS

S.^{RES} D.^N ROBERTO GORE, Y BARON GROS,

FOR LOS

GOBIERNOS DE YNGLATERRA Y DE FRANCIA,

PARA

ARREGLAR LA CUESTION

DEL

RIO DE LA PLATA.



BUENOS AIRES.

—◆◆—
YMPRENTA DE LA YNDEPENDENCIA.

1848.

Capa da edição temática do *Archivo Americano* (número 11 da segunda série, de 09/02/1849) intitulada “*Misión confiada a los Sres. Dn. Robert Gore, y Baron Gros por los Gobiernos de Inglaterra y Francia para arreglar la cuestión del Río de la Plata*”

Fonte: *Archivo Americano y Espíritu de la Prensa en el Mundo*, n. 11 [segunda serie], 09/02/1849.

ANEXO 28

APENDICE
 AL NUM. 26 DEL ARCHIVO AMERICANO—
 CONTIENE
 LA CORRESPONDENCIA
 ENTRE EL
 EXMO. SEÑOR GENERAL
D. JUAN MANUEL DE ROSAS,
 JEFE SUPREMO
 DE LA CONFEDERACION ARGENTINA,
 ENCARGADO
 DE SUS RELACIONES EXTERIORES,
 GENERAL EN JEFE
 DE
 SUS EJERCITOS,
 Y
 EL EXMO. SEÑOR MINISTRO
 PLENIPOTENCIARIO
 DE SU MAJESTAD BRITANICA
HONORABLE CABALLERO D. HENRIQUE SOUTHERN,
 CON MOTIVO
 DE LAS INAUDITAS AGRESIONES
 DEL
 GOBIERNO BRASILERO—



BUENOS AYRES—
 IMPRENTA DE LA INDEPENDENCIA—
 1851—

APPENDICE
 AU NUM. 26 DE L'ARCHIVO AMERICANO,
 CONTENANT
 LA CORRESPONDANCE
 ENTRE
 SON EXCELLENCE MR. LE GÉNÉRAL
D. JUAN MANUEL DE ROSAS,
 CHEF SUPRÊME
 DE LA CONFEDERATION ARGENTINE,
 CHARGÉ
 DES RELATIONS EXTERIEURES,
 GÉNÉRAL EN CHEF
 DE
 SES ARMÉES,
 ET
 SON EXCELLENCE MR. LE MINISTRE
 PLENIPOTENTIAIRE
 DE SA MAJESTE BRITANNIQUE,
L'HONORABLE CHEVALIER HENRI SOUTHERN,
 A L'OCCASION
 DES AGRESSIONS INOUÏES
 DU
 GOUVERNEMENT BRÉSILIEN—



BUENOS AYRES—
 IMPRIMERIE DE L'INDEPENDANCE—
 1851—

Capas em espanhol e em francês do “Apêndice al núm. 26 del Archivo Americano que contiene la correspondencia entre el Exmo. Señor General D. Juan Manuel de Rosas, Gefe Supremos de la Confederación Argentina Encargado de sus Relaciones Exteriores, General en Gefe de sus Ejércitos, y el Exmo. Señor Ministro Plenipotenciário de su Majestad Británica Honorable Caballero D. Henrique Southern con motivo de las inauditas agresiones del Gobierno Brasilerio”

Fonte: APÉNDICE AL NÚM. 26 DEL ARCHIVO AMERICANO, 20/09/1851.

APPENDIX
 TO N.º 26 OF THE ARCHIVO AMERICANO—
 CONTAINING
THE CORRESPONDENCE
 BETWEEN
 HIS EXCELLENCY, GENERAL
D. JUAN MANUEL DE ROSAS,
 SUPREME CHIEF
 OF THE ARGENTINE CONFEDERATION,
 ENCHARGED
 WITH ITS FOREIGN RELATIONS,
 GENERAL-IN-CHIEF
 OF
 ITS ARMIES,
 AND
 H. E. THE MINISTER
 PLENIPOTENTIARY
 OF HER BRITANNIC MAJESTY,
 THE HONOURABLE HENRY SOUTHERN,
 ON ACCOUNT
 OF THE UNPRECEDENTED AGGRESSIONS
 OF THE
 BRAZILIAN GOVERNMENT—



BUENOS AYRES—

INDEPENDENCE PRINTING-OFFICE—

1851—

APPENDICE
 AO N.º 26 DO ARCHIVO AMERICANO—
 CONTEM
 A CORRESPONDENCIA
 ENTRE
 O EXCMO. SENHOR GENERAL
D. JUAN MANUEL DE ROSAS,
 CHEFE SUPREMO
 DA CONFEDERAÇÃO ARGENTINA,
 ENCARREGADO
 DE SUAS RELAÇÕES EXTERIORES,
 GENERAL EN CHEFE
 DE
 SEUS EXERCITOS,
 E
 O EXCMO. SENHOR MINISTRO
 PLENIPOTENCIARIO
 DE SUA MAJESTADE BRITANICA,
 HONRADO CAVALHEIRO D. HENRIQUE SOUTHERN,
 COM MOTIVO
 DAS INAUDITAS AGRESSOES
 DO
 GOVERNO BRASILEIRO—



BUENOS AYRES—

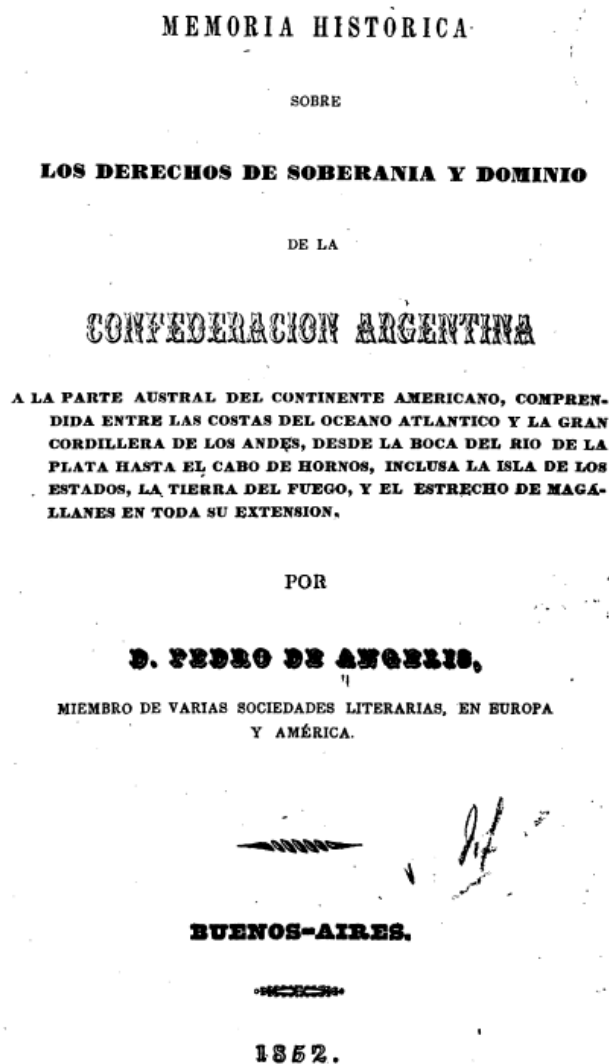
TIPOGRAPHIA DA INDEPENDENCIA—

1851—

Capas em inglês e em português do “Apêndice al núm. 26 del Archivo Americano que contiene la correspondencia entre el Exmo. Señor General D. Juan Manuel de Rosas, Geft Supremo de la Confederación Argentina Encargado de sus Relaciones Exteriores, General en Geft de sus Ejércitos, y el Exmo. Señor Ministro Plenipotenciario de su Majestad Británica Honorable Caballero D. Henrique Southern con motivo de las inauditas agresiones del Gobierno Brasileiro”

Fonte: APÉNDICE AL NÚM. 26 DEL ARCHIVO AMERICANO, 20/09/1851.

ANEXO 29



Capa da “*Memoria histórica sobre los derechos de soberanía y dominio de la Confederación Argentina a la parte austral del continente americano, comprendida entre las costas del océano Atlántico y la gran cordillera de los Andes, desde la boca del Río de la Plata hasta el Cabo de Hornos, incluso la isla de los Estados, la Tierra del Fuego, y el Estrecho de Magallanes en toda su extensión*”

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Memoria Histórica sobre los derechos de soberanía y dominio de la Confederación Argentina a la parte austral del Continente Americano, comprendida entre las costas del Océano de Hornos, incluida la Isla de los Estados, Tierra del Fuego, y el Estrecho de Magallanes en toda su extensión.* Buenos Aires: [s.n.], 1852.

ANEXO 30

NOTICIA

DE LOS TRABAJOS EMPRENDIDOS Y EJECUTADOS, BAJO LA DIRECCION Y
LOS AUSPICIOS

DEL GOBIERNO DE BUENOS AIRES,

EN LA REGION PATAGONICA, ESTRECHO DE MAGALLANES, TIERRA DEL
FUEGO Y DE LOS ESTADOS.

- 1619—Relacion de una Mision á Buena Esperanza, en el Estrecho de Magallanes.
- 1673—Informe de un celoso de Buenos Ayres (el P. Diego Francisco de Altamirano) á la Reina Gobernadora, sobre los Indios Pampas.
- 1683—Representacion del Gobernador de Buenos Aires, D. José de Herrera y Sotomayor, sobre los medios que pueden emplearse para emprender la reduccion de todas las naciones hácia el Estrecho de Magallanes.
- 1691—Relacion de una Mision de los Pampas que se intentó fundar en el Rio Cuarto, frontera de Córdoba, por el P. Lucas Caballero, de la Compañía de Jesus.
- 1742—Memorial del P. Juan José Rico, de la Compañía de Jesus, suplicando se conceda una escolta á los Misioneros para continuar la conversion de los Indios de Patagonia.
- 1744—Informe del Gobernador D. Domingo Ortiz de Rozas sobre el número, calidades y génio de los Indios Pampas.
- 1745—Carta de D. José Ruiz Arellano al Gobernador de Buenos Aires, sobre varios medios y arbitrios para contener las invasiones de los Indios Pampas.
- Instrucciones que deben observar inviolablemente el Capitan de la fragata nombrada San Antonio, D. Joaquin de Olivares, y el Oficial que va mandando el destacamento de infanteria y dragones, al descubrimiento de la costa, desde el Cabo de San Antonio hasta el Estrecho de Magallanes.
- Viage marítimo de D. Joaquin de Olivares desde el Rio de la Plata hasta el de Gallegos.

"Noticia de los trabajos emprendidos y ejecutados, bajo la dirección y los auspicios del Gobierno de Buenos Aires en la Región Patagónica, Estrecho de Magallanes, Tierra del Fuego y de los Estados", contida na Memoria História

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Memoria Histórica sobre los derechos de soberanía y dominio de la Confederación Argentina a la parte austral del Continente Americano, comprendida entre las costas del Oceano de Hornos, inclusa la Isla de los Estados, Tierra del Fuego, y el Estrecho de Magallanes en toda su extensión.* Buenos Aires: [s.n.], 1852, pp. XLVII-LI.

XLVIII

- 1745—Diario del mismo viage, por el Piloto Mayor de la expedicion, D. Diego Tomas de Andia y Varela.
 —Relacion del mismo viage formada sobre las observaciones y apuntes del P. Quiroga, por el P. Pedro Lozano.
- 1746—Mapa de la costa que corre entre el Rio de la Plata, y el Estrecho de Magallanes, enmendado desde el Cabo de Santa Elena hasta el Rio Gallegos, por D. Diego Tomas de Andia y Varela.
 —Plano de la Bahia sin Fondo, levantado por el P. Quiroga.
 —Plano del Puerto de Santa Elena, por el mismo.
 —Plano de la Bahia de Camarones, por el mismo.
 —Plano de la Bahia de San Gregorio, por el mismo.
 —Plano de Puerto Deseado, por el mismo.
 —Plano de la Bahia de San Julian, por el mismo.
 —Plano de la Ensenada de Santa Cruz, por el mismo.
 —Plano de la Barra del Rio Gallegos, por el mismo.
 —Carta del P. Cardiel sobre los descubrimientos de la Costa Patagónica.
 —Declaraciones tomadas á Juan Bautista Zamudio y Pedro José Espinosa, que se salvaron del poder de los Indios Aucaes y Serranos, sobre las tribus que pueblan los campos, adonde los habian llevado, y otras circunstancias de su cautiverio.
- 1748—Viage del P. Cardiel, desde Buenos Aires hasta la Sierra del Vulcan, y de este, siguiendo la Costa Patagónica, hasta el Arroyo de la Ascension, con un mapa.
- 1751—Petición dirigida al Gobernador de Buenos Aires, por el P. Manuel Arnal, Procurador de la Compañía de Jesus en la Provincia del Paraguay, á fin de que le conceda un destacamento de tropas, para la conservacion y defensa del Pueblo de Ntra. Sra. del Pilar de la Sierra.
- 1753—Proyecto de una expedicion de las Milicias de campaña para contener los insultos de los Indios bárbaros.
 —Diario de la navegacion y reconocimiento de las costas, desde el Rio de la Plata hasta el Puerto de San Julian, por Jorge Barnes, con un mapa.
- 1754—Diario y otros anexos de la campaña que hizo el Maestro de Campo D. Cristoval Cabral en las Pampas de Buenos Aires contra los Indios infieles.
- 1759—Diario del viage de la goleta Aguila, desde el Puerto de Buenos Aires hasta la Bahia de San Julian en la Costa Patagónica, por su comandante D. Manuel Joaquin de Zapiola, con un mapa.
 —Resumen histórico de todas las medidas tomadas hasta ahora para contener á los Indios que habitan las Pampas, por D. Francisco Perez de Saravia.
- 1760—Diario y planos del reconocimiento de la Costa de Patagonia, desde el Cabo de San Antonio hasta el Estrecho de Magallanes, por el Teniente de Navio de la Real Armada D. Domingo Perler.
- 1765—Relacion del naufragio del Registro la Concepcion de Curruchea en la Tierra del Fuego.
- 1768—Diario del viage á la Tierra del Fuego, del bergantin nombrado San Francisco de Paula, por el Teniente de Fragata D. Manuel Pando.
 —Descripcion de Puerto Deseado por el mismo, con un mapa.

Noticia de los trabajos emprendidos y ejecutados, bajo la dirección y los auspicios del Gobierno de Buenos Aires en la Región Patagónica, Estrecho de Magallanes, Tierra del Fuego y de los Estados”, contida na Memoria Histórica

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Memoria Histórica sobre los derechos de soberanía y dominio de la Confederación Argentina a la parte austral del Continente Americano, comprendida entre las costas del Oceano de Hornos, inclusa la Isla de los Estados, Tierra del Fuego, y el Estrecho de Magallanes en toda su extensión.* Buenos Aires: [s.n.], 1852, pp. XLVIII-LI.

- 1769—Plano de la Costa oriental de los Patagones, nuevamente levantado por los pilotos de la Real Armada.
- 1770—Diario de la expedición contra los Indios Tehuelches, de orden del Virrey Vertiz, al mando del Capitán D. Juan Antonio Hernandez.
- Reconocimiento del Puerto Deseado por el Piloto D. Juan Portu.
- Descripción del mismo puerto por el Capitán de Fragata D. Domingo Perler.
- Informe sobre el mismo, por D. Domingo de Nava.
- 1771—Relación individual de los parajes más á propósito para fortificar y poblar en la campaña de Buenos Aires.
- 1772—Calidades y rasgos más característicos de los Indios Pampas y Aucas.
- Noticia individual de los caciques Pehuenches y Pampas que residen al sud, cerca de las fronteras de la Punta del Sauce, Tercero, Saladillo, etc.
- Diario de D. Pedro Pablo Pavon, que contiene la indicación exacta de los rumbos, distancias, pastos, bañados y demás particularidades que notó en el reconocimiento que hizo del campo y sierra al sud de Buenos Aires.
- 1778—Diario de la expedición que marchó al campo del enemigo hasta Salinas, á las órdenes del Maestro de Campo D. Manuel Pinazo.
- Apuntes y advertencias para las instrucciones que se deben formar en Buenos Aires por el Virrey de aquellas Provincias, para establecer poblaciones y fuertes provisionales en la Bahía sin Fondo, la de San Julian y otros parajes de la Costa oriental llamada Patagónica, que corre desde el Rio de la Plata hasta el Estrecho de Magallanes.
- Acta de la Junta de los Maestros de Campo del Virreinato de Buenos Aires, para dar su dictamen sobre el proyecto de una expedición general contra los Indios bárbaros.
- Instrucciones para el reconocimiento de la Bahía sin Fondo, por el Brigadier D. Custodio Sá y Faria.
- Estado de la expedición para la Bahía sin Fondo al mando de D. Juan de la Piedra.
- 1779—Extracto de lo practicado en la expedición del descubrimiento de la Bahía sin Fondo en la Costa Patagónica, por el Brigadier D. Custodio Sá y Faria.
- Explicación del plano que comprende desde el Rio Sauce hasta el Puerto de San José en la Costa oriental de Patagonia, levantado por el Teniente de infantería, D. Pedro Garcia.
- Informe sobre los medios de resguardar la campaña de las Provincias del Rio de la Plata, de las irrupciones de los Indios, por D. José Baigorri.
- Noticia diaria de todo lo acaecido en la expedición efectuada contra los Indios bárbaros, al mando del Maestro de Campo D. José Francisco de Amigorena.
- Diario que manifiesta lo acaecido en la expedición que acaba de hacer á las tierras de los Indios bárbaros, el Comisario de Guerra D. Pedro José Nuñez de Guzman.
- Diario del reconocimiento de la frontera, y plan de fortificaciones, elevados al Virrey Vertiz por el Comandante D. Francisco Betbezé Ducos.

Noticia de los trabajos emprendidos y ejecutados, bajo la dirección y los auspicios del Gobierno de Buenos Aires en la Región Patagónica, Estrecho de Magallanes, Tierra del Fuego y de los Estados”, contida na Memoria História

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Memoria Histórica sobre los derechos de soberanía y dominio de la Confederación Argentina a la parte austral del Continente Americano, comprendida entre las costas del Oceano de Hornos, inclusa la Isla de los Estados, Tierra del Fuego, y el Estrecho de Magallanes en toda su extensión.* Buenos Aires: [s.n.], 1852, pp. XLVIII-LI.

L.

- Observaciones diarias practicadas en el reconocimiento de la frontera.
- Diario de la persecucion de los Indios, en la invasion que hicieron en la Provincia de Mendoza el dia 1.º de Abril de 1779, por el Maestre de Campo D. José Francisco de Amigorena.
- Diario de la descubierta del Rio Colorado por D. Basilio Villarino.
- Plan de defensa del Fuerte del Carmen en el Rio Negro, por su Comandante D. José Marti.
- Descripción geográfica de la Costa oriental Patagónica, comprendida entre los 40 y 43 grados de latitud S., con todos sus puertos y entradas, reconocidos por el Piloto de la Real Armada, D. Basilio Villarino, desde Enero hasta Julio de 1779.
- Diario del reconocimiento de una isla incógnita, situada en el Rio Negro y el Colorado, por D. Gerardo Bordas.
- Diario del mismo reconocimiento por D. José Michan.
- Informacion del Teniente D. José Salazar sobre el Puerto de San José.
- Informe de D. Francisco de Viedma sobre la expedicion del Teniente D. José Salazar al Puerto de San José.
- Plano y descripcion del Puerto y Bahía de San José nuevamente descubierto por los pilotos de la expedicion, al mando del Superintendente D. Juan de la Piedra.
- 1780— Informe sobre la Bahía y el Puerto de San José, por el Capitan de Navio D. Pedro de Cárdenas.
- Primer informe sobre el puerto de San José por el Brigadier D. Custodio Sá y Faria.
- Segundo informe sobre el mismo puerto.
- Reflexiones sobre el descubrimiento del Rio Negro ó Sauce, por el Brigadier D. Custodio Sá y Faria.
- Diario de lo acaecido en la expedicion contra los Indios Pehuenches, por el Maestre de Campo D. José Francisco de Amigorena.
- Diario de los reconocimientos del Rio Colorado, Bahía de Todos los Santos, é internacion del Rio Negro, por el Piloto de la Real Armada D. Basilio Villarino, con un mapa.
- Informe sobre las enfermedades observadas en el hospital de Puerto Deseado, por el Cirujano mayor D. Vicente Verduc.
- Relacion de la situacion y demas circunstancias de la Costa Patagónica por el Teniente D. Manuel Soler.
- Razon de los acaecimientos principales que han ocurrido en la expedicion, bajo el mando de D. Juan de la Piedra, para los establecimientos de la Bahía sin Fondo y San Julian, por D. Francisco de Viedma.
- Principales motivos, reales órdenes, oficios y sucesos acaecidos en los años de 1778, 79 y 80, para formar poblaciones en la Costa oriental llamada Patagónica, que corre desde el Rio de la Plata hasta el Estrecho de Magallanes, por su Superintendente D. Juan de la Piedra.
- Plano del Puerto de Santa Elena en la Costa Patagónica, nuevamente reconocido y enmendado por los pilotos de la expedicion del Superintendente D. Antonio de Viedma.
- Plano de la parte septentrional del Golfo de San Jorge, nuevamente reconocido y levantado por los mismos.
- Plano del Puerto de San Antonio, por los mismos.
- Plano del Puerto de San Gregorio, por los mismos.

Noticia de los trabajos emprendidos y ejecutados, bajo la dirección y los auspicios del Gobierno de Buenos Aires en la Región Patagónica, Estrecho de Magallanes, Tierra del Fuego y de los Estados”, contida na Memoria História

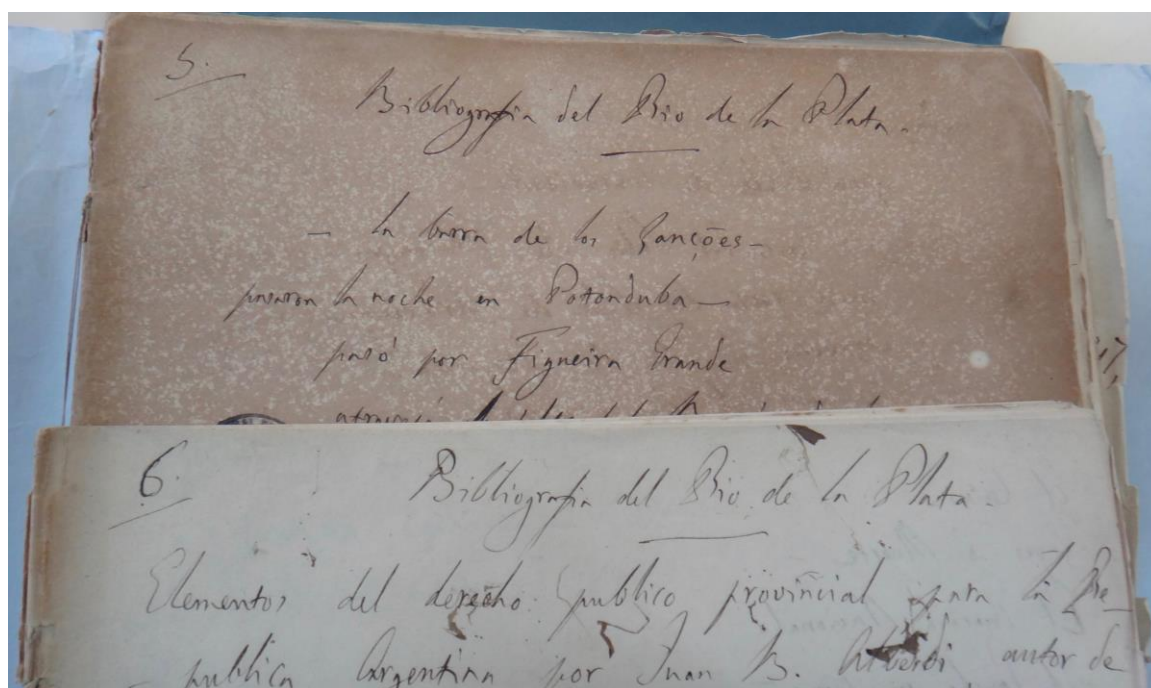
Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Memoria Histórica sobre los derechos de soberanía y dominio de la Confederación Argentina a la parte austral del Continente Americano, comprendida entre las costas del Oceano de Hornos, inclusa la Isla de los Estados, Tierra del Fuego, y el Estrecho de Magallanes en toda su extensión.* Buenos Aires: [s.n.], 1852, pp. XLVIII-LI.

- 1780—Plano de Puerto Deseado, por los mismos.
 —Plano del Puerto de San Julian, por los mismos.
 —Plano é informe del reconocimiento del puerto y Rio de Santa Cruz, egecutado por el Piloto de la Real Armada D. José de la Peña.
- 1781—Diario del reconocimiento del Puerto de San Antonio en la Bahía sin Fondo, por D. Basilio Villarino.
 —Vocabulario de los Indios que habitan las inmediaciones de la Bahía de San Julian, por D. Antonio de Viedma.
 —Diario de la navegacion del Piloto D. Basilio Villarino desde el Rio Negro, á reconocer la costa, la Bahía de Todos los Santos, Islas del Buen Suceso y demas adyacentes, buscar el desagüe del Rio Colorado, y penetrar en su entrada; con un mapa.
 —Continuacion del diario de los acaecimientos y operaciones del establecimiento del Rio Negro, desde el dia 6 de Abril hasta el 22 de Diciembre de 1781, por su Superintendente D. Juan de la Piedra.
- 1782—Dictamen del Capitan de Navio de la Real Armada D. Pedro de Cardenas, sobre los establecimientos de la Costa Patagónica.
 —Diario para inspeccionar y demarcar el camino desde la ciudad de Buenos Aires hasta el establecimiento del Rio Negro, y costas adyacentes, por el primer Piloto de la Real Armada D. Pablo Zizur.
 —Informe del Comisario Superintendente D. Francisco de Viedma sobre la naturaleza y circunstancias de los terrenos de la Costa Patagónica.
- 1783—Representacion del Virey Vertiz para que se abandonen los establecimientos de la Costa Patagónica.
 —Diario y relacion de todo lo acaecido en la expedicion que contra los Indios barbaros del Monte, ó Pampas, se ha hecho desde la ciudad de Mendoza, al mando del Maestre de Campo D. Francisco de Amigorena.
 —Informe del Comisario Superintendente D. Francisco de Viedma sobre el nuevo camino descubierto desde el Puerto de San José hasta el Rio Negro, y sobre las circunstancias de este último puerto.
 —Diario del reconocimiento del Rio Negro de Patagonia, por el Piloto D. Basilio Villarino; con un mapa.
 —Informe del Piloto Villarino sobre los puertos de la Costa Patagónica.
 —Diario de un viage á las costas de Patagonia, para reconocer los puntos en donde establecer poblaciones, con una descripcion de la naturaleza de los terrenos, de sus producciones y habitantes, desde el Puerto de Santa Elena hasta la boca del Estrecho de Magallanes, por D. Antonio de Viedma.
- 1784—Memoria sobre los obstáculos que ha encontrado, y las ventajas que prometen los establecimientos de la Costa Patagónica, por D. Francisco de Viedma.
 —Diario de la expedicion hecha desde Mendoza contra los Indios Pampas, al mando del Maestre de Campo D. José Francisco de Amigorena.
 —Instruccion reservada que deberá observar el Comandante de Rio

Noticia de los trabajos emprendidos y ejecutados, bajo la dirección y los auspicios del Gobierno de Buenos Aires en la Región Patagónica, Estrecho de Magallanes, Tierra del Fuego y de los Estados”, contida na Memoria História

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Memoria Histórica sobre los derechos de soberanía y dominio de la Confederación Argentina a la parte austral del Continente Americano, comprendida entre las costas del Oceano de Hornos, inclusa la Isla de los Estados, Tierra del Fuego, y el Estrecho de Magallanes en toda su extensión.* Buenos Aires: [s.n.], 1852, pp. XLVIII-LI.

ANEXO 31



Manuscritos da *Bibliografía del Río de la Plata* depositados no Fondo Pedro de Angelis do Archivo General de la Nación

Fonte: ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Fondo Pedro de Angelis. Sala VII. Legajo 97. Manuscritos da Bibliografía del Río de la Plata.

ANEXO 32

COLECCION
DE
OBRAS IMPRESAS Y MANUSCRITAS.
QUE TRATAN PRINCIPALMENTE
DEL RIO DE LA PLATA,
FORMADA
por Pedro de Angelis.

BUENOS-AIRES.

—
1852.

Capa da Colección de obras impresas y manuscritas que tratan principalmente del Río de la Plata, formada por Pedro de Angelis

Fonte: DE ANGELIS, Pedro. *Memoria Histórica sobre los derechos de soberanía y dominio de la Confederación Argentina a la parte austral del Continente Americano, comprendida entre las costas del Oceano de Hornos, inclusa la Isla de los Estados, Tierra del Fuego, y el Estrecho de Magallanes en toda su extensión.* Buenos Aires: [s.n.], 1852, pp. XLVIII-LI.

ANEXO 33

IMPRESOS		
Sección Primera		
	Tipo de ordenação	Número de entradas
<i>Historia y viajes</i>	Alfabética por autor	498
Sección Segunda		
	Tipo de ordenação	Número de entradas
<i>Obras sobre el Río de la Plata desde su descubrimiento hasta su independencia, por orden cronológica</i>	Cronológica	82
<i>Obras publicadas desde la independencia hasta el año de 1852</i>	Cronológica	464
<i>Obras sobre el Estado Oriental del Uruguay, después de su separación de las Provincias Argentinas</i>	Cronológica	63
<i>Obras periódicas publicadas en las Provincias Argentinas, y en el Estado Oriental del Uruguay</i>	Cronológica	195
<i>Legislación, derecho público y economía política</i>	Alfabética por autor	248
<i>Poligrafía, filosofía y bellas artes</i>	Alfabética por autor	157
		1.707

MANUSCRITOS		
Sección Primera		
	Tipo de ordenação	Número de entradas
<i>Documentos sobre las Provincias del Río de la Plata</i>	Cronológica	246
Sección Segunda		
	Tipo de ordenação	Número de entradas
<i>Misiones del Paraguay</i>	Cronológica	535
<i>Misiones de Moxos y Chiquitos</i>	Cronológica	74
<i>Annuaire de las Misiones</i>	Cronológica	125

<i>Sección Tercera</i>		
	Tipo de ordenação	Número de entradas
<i>Documentación sobre el Chaco</i>	Cronológica	112
<i>Costa de Patagonia</i>	Cronológica	112
<i>Estrecho de Magallanes</i>	Cronológica	10
<i>Islas Malvinas</i>	Cronológica	27
		1.241

<i>Sección Cuarta</i>		
	Tipo de ordenação	Número de entradas
<i>Planos y mapas</i>	Não há	51

<i>APÉNDICE</i>		
	Tipo de ordenação	Número de entradas
<i>Obras en lengua guaraní</i>	Cronológica	24
<i>Obras en lengua aimará</i>	Cronológica	6
<i>Obras en lengua quichuá</i>	Cronológica	4
<i>Obras en lengua quichuá y aimará</i>	Cronológica	2
<i>Obras en lengua chilena</i>	Cronológica	2
<i>Obras en lenguas del Chaco</i>	Cronológica	3
<i>Obras sobre la lengua del Brasil</i>	Cronológica	2
<i>Obras sobre la lengua mexicana</i>	Cronológica	1
<i>Obras correlativas</i>	Cronológica	3
		47

Total de entradas para <i>Impresos, Manuscritos, Planos y mapas</i> e Apéndice	3.046
--	-------

Tabela contendo o tipo de ordenação e o número de entradas de cada um dos capítulos, além do número total de entradas, do catálogo de Pedro de Angelis.

Fonte: Elaborada pela autora a partir de SABOR, op. cit., pp. 212-213; OBERMEIER, op. cit., pp. 7-8.

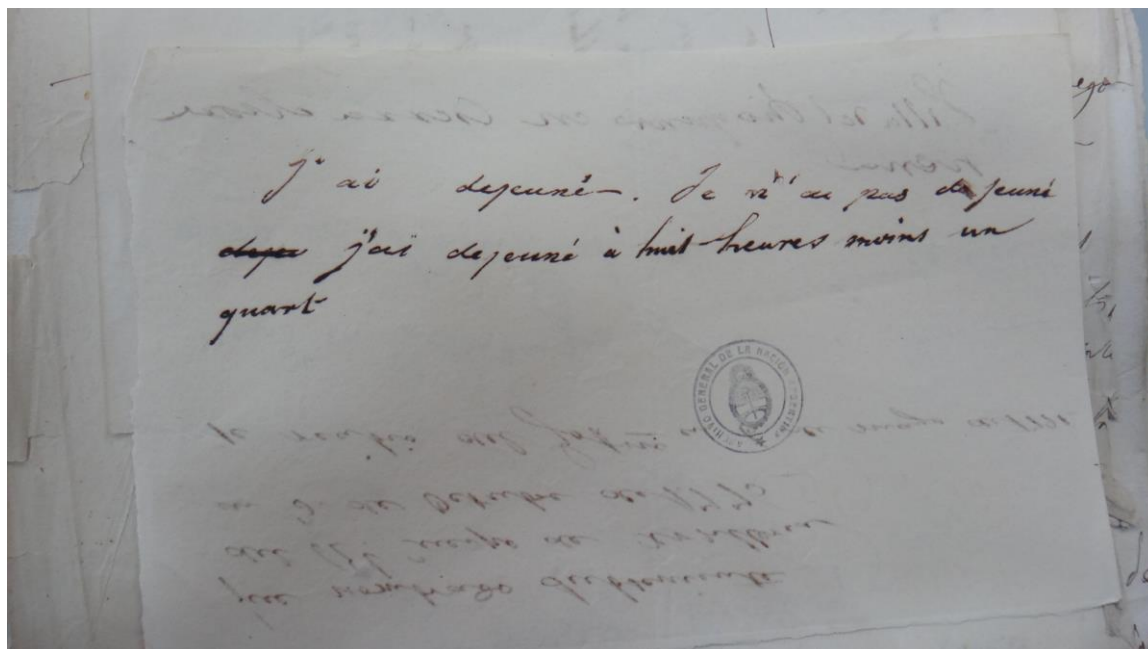
ANEXO 34

Algunos mots de la Lengua Guaraní, i' aprés Lestivo.
 yu - espina -
 tamoi - abuelo -
 yaro - acabar -
 y' calabua. corriente de río -
 y' tu .. salto, arceife -
 tada - aldea, o pueblo -
 obapo . alla lejos .
 guarinbe - pato -
 tagij - anta, y tambien mbotebi -
 itati, cal y calera -
 oca, calle - yeri, vueltas -
 ytapu, Campana y Campanario -
 tepati - estiercol -
 mami - extranjero -
 yacui - faisán -
 mbaracte frerte sur - ayu aturdir, hablar
 curnguaiz habas silvestres
 ñeé mbucu - hablar alto -
 amambaí - helecho, yerba conocida -
 mami - lejos - re camina

Um dos manuscritos de Pedro de Angelis com anotações de seus estudos de línguas indígenas guardada no Fondo Pedro de Angelis do Archivo General de la Nación

Fonte: ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Fondo Pedro de Angelis. Sala VII. Legajo 97. Anotações de Pedro de Angelis.

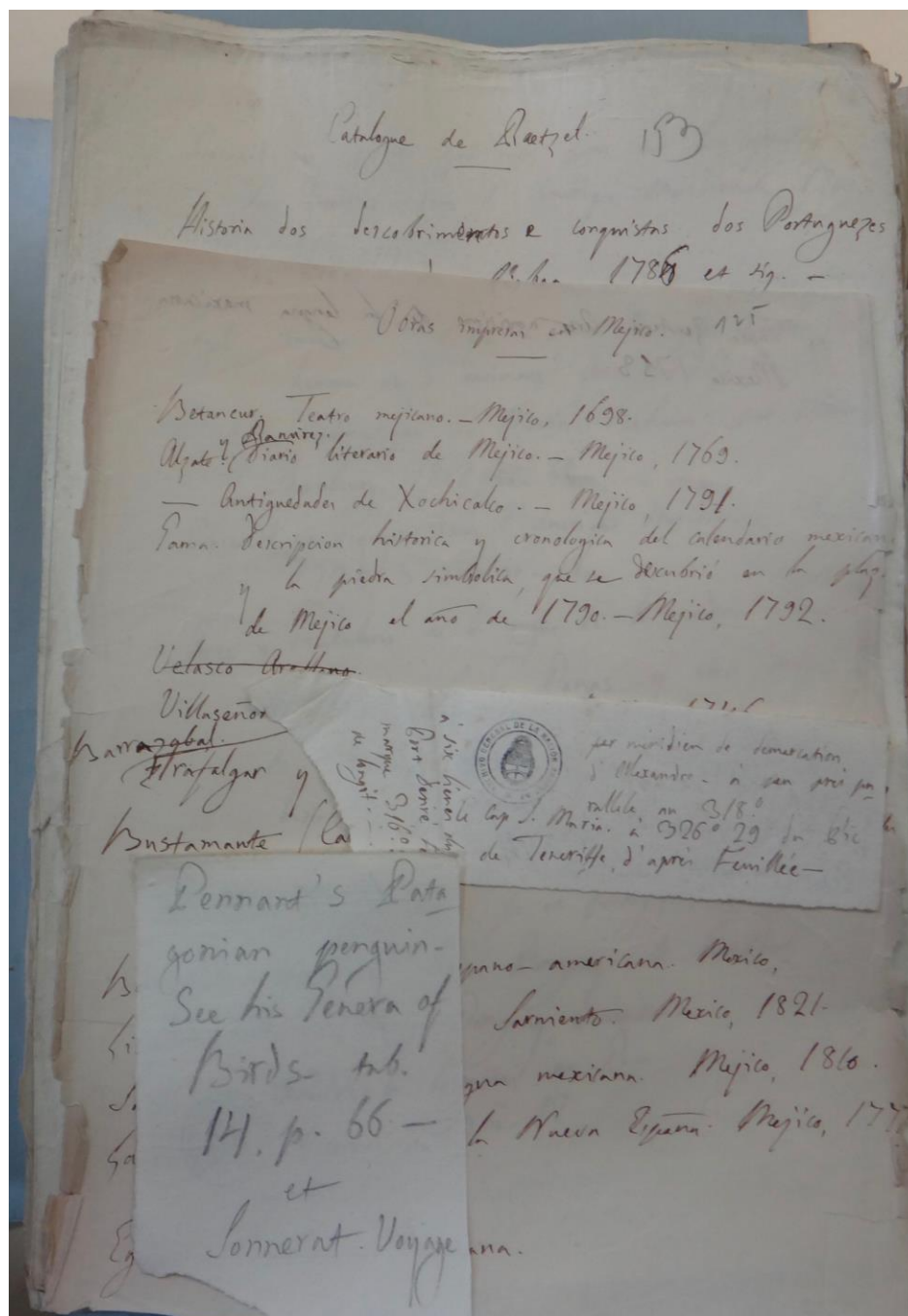
ANEXO 35



Anotação de Pedro de Angelis guardada no *Fondo Pedro de Angelis* do *Archivo General de la Nación* que diz: “*J’ai dejeuner. Je n’ai pas dejeuner. J’ai dejeuner à huit heures moins un quart*” (Tradução minha: “Eu almocei. Eu não almocei. Eu almocei às quinze para os oito”)

Fonte: ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Fondo Pedro de Angelis. Sala VII. Legajo 97. Anotações de Pedro de Angelis.

ANEXO 36



Anotações de Pedro de Angelis guardadas no Fondo Pedro de Angelis do Archivo General de la Nación

Fonte: ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN (Buenos Aires, Argentina). Fondo Pedro de Angelis. Sala VII. Legajo 97. Anotações de Pedro de Angelis.

